

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LETRAS – ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: TEORIA DA LITERATURA

NATASHA CENTENARO

**POR UMA CARTA AO [MEU] PAI:
TRAVESSIAS ENTRE VIDA, ESCRITA, LITERATURA, PSICANÁLISE E GENEALOGIA**

Porto Alegre
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LETRAS – ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: TEORIA DA LITERATURA

NATASHA CENTENARO

**POR UMA CARTA AO [MEU] PAI:
TRAVESSIAS ENTRE VIDA, ESCRITA, LITERATURA, PSICANÁLISE E
GENEALOGIA**

Porto Alegre
2019

NATASHA CENTENARO

**POR UMA CARTA AO [MEU] PAI:
TRAVESSIAS ENTRE VIDA, ESCRITA, LITERATURA, PSICANÁLISE E
GENEALOGIA**

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutora em Letras – Área de Concentração Teoria da Literatura – do Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Professora Dr^a. Maria Tereza Amodeo

**Coorientador: Professor Dr. José Leonardo Tonus
(Sorbonne Université)**

Porto Alegre
2019

Ficha Catalográfica

C397p Centenaro, Natasha

Por uma carta ao [meu] pai : Travessias entre vida, escrita, literatura, psicanálise e genealogia / Natasha Centenaro . – 2019.

326.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Tereza Amodeo.

Co-orientador: Prof. Dr. José Leonardo Tonus.

1. Pai. 2. Carta ao pai. 3. Analítica do poder. 4. Psicanálise. 5. Literatura brasileira contemporânea. I. Amodeo, Maria Tereza. II. Tonus, José Leonardo. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363

NATASHA CENTENARO

**POR UMA CARTA AO [MEU] PAI:
TRAVESSIAS ENTRE VIDA, ESCRITA, LITERATURA, PSICANÁLISE E
GENEALOGIA**

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutora em Letras – Área de Concentração Teoria da Literatura – do Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 29 de março de 2019

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Claudia Maria Perrone – UFSM

Prof.^a Dr.^a Claudia Luiza Caimi – UFRGS

Prof. Dr. Amadeu de Oliveira Weinmann – UFRGS

Prof. Dr. Norman Roland Madarasz – PUCRS

Prof. Dr. José Leonardo Tonus – Sorbonne Université

Prof.^a Dr.^a Maria Tereza Amodeo – PUCRS

Porto Alegre
2019

Agradecimentos

***À minha mãe, Martha Regina, que escolheu meu pai, Silvio
Ao meu pai, Silvio, por ser-estar o motivo inicial dessas cartas***

À minha família que me acompanha nessa jornada. Em especial, a essas fortes mulheres “da Rosa”: minha avó, Therezinha, que escolheu meu avô, Avelino (in memoriam); minha dinda, Hilda Rosana; minha tia, Nilza Maria. E demais tias, tios, primas e primos.

Ao meu primo Pedro, que me guiou e acompanhou na viagem até Barracão (PR).

À Fernanda Moreno, dramáticas e juntas, e pelo incentivo: “foca na tese”.

Ao Daniel Fraga, diretor, amigo, consultor, ouvinte: “fala, Lourinha”.

À Lívia Bertges, amiga toujours, de Paris a Cuiabá: “amiga, estou aqui”.

Às amigas que acompanharam esse processo de “não posso” e “fica para depois da tese”, Isabella Smith Sander, Fabiana Gomes, Raíssa Genro, Priscila Pasko.

Às minhas queridas e aos meus queridos teatros(as) do coração Anderson Moreira Sales, Áquila Mattos, Daniel Soares Duarte, Franciele Aguiar, Giselle Cecchini, Ismael Goulart, Joice Rossato, Patrícia Silveira, Plínio Mósca. Às minhas mulheres dramáticas, Márcia Schuler e Jacque Sabater. Ao pessoal do grupo ATritO de teatro. Ao pessoal da montagem “Como gostais”, de Shakespeare.

Às amigas e aos amigos do grupo “Resistência”, e da Famecos para vida, Bárbara Arena, Camila Cunha, Fernanda Nascimento, Laion Espíndula (in memoriam) e Tiago Vasques. E à Maria Helena Sponchiado, em SP e pelos skypes.

Às amigas e aos amigos que a Letras e a poesia garantiu, Manoela Wolff, Gustavo Matte, Vanessa Raminelli, Moema Vilela.

À professora Maria Tereza Amodeo, desde a iniciação científica, nessa longa jornada, nesse caminho de curvas e travessias, pela orientação, disponibilidade, generosidade, paciência e por topar e aceitar uma orientanda e um trabalho assim.

Ao professor José Leonardo Tonus, pela coorientação, pela colaboração imprescindível, pelo acolhimento em Paris e pelo diálogo teórico e literário.

À bolsa do CNPq pelo financiamento desses quatro anos de pesquisa de doutoramento. À bolsa da CAPES, bolsa de estágio-sanduíche PDSE, pelos quatro meses em Paris, pesquisando e estudando na Sorbonne Université – Faculté des Lettres.

Às colegas e aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Letras, de Teoria da Literatura e de Escrita Criativa.

Às professoras e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras pelo convívio e o aprendizado; Antônio Carlos Hohlfeldt, Paulo Ricardo Kralik Angelini, Regina Kolrausch, Maria Eunice Moreira, Norman Madarasz, Ricardo Timm.

À equipe do Programa de Pós-Graduação em Letras, em especial à secretária Alessandra Carvalho e à ex-secretária Tatiana Carré.

Às amigas e aos amigos conhecidos e revelados em Paris, ao Daniel Valente (da Lili, da Física e de Cuiabá), ao Ivan Ramirez, pela ajuda; a Karyn Mota, pela parceria e pelo diálogo; aos meninos da música clássica; ao Akel Farel Akel (pela Paris não-turística e pelo feijão). Ao Vinícius Carneiro (e Paris).

Às minhas queridas e aos meus queridos do grupo de Escrita Criativa (Escrita Didididiê): Carla Soares, Claudete Panzehagen, Édnei Pedroso, Letícia Dallegrave, Luís Fernando Oliveira, Marinice Cecin, Plínio Mósca, Priscila Pasko, Rose Schelesinger e Thiago Hackner.

Aos auxílios, aos diálogos teóricos e às trocas de ideias psicanalíticas com Camila Backes, Estevan Ketzer e Sander Machado. E o meu muito obrigada ao Antonio Quinet, pela generosidade da conversa, da tragédia de Óidipous, ao som de Madonna.

À psicanalista que há cinco anos estamos e seguimos, Clarissa Guedes.

Aos pais que são pais, sabem disso e me fizeram perceber outras paternidades possíveis, Thiago Hackner, Daniel Fraga, Édnei Pedroso, Jeferson Tenório, Rodrigo Vrech.

Às caixas de lenço Softy's, aos grafites 0.7, aos quatro cadernos de anotações. Ao website Lacan em pdf. Aos vídeos no YouTube de Christian Dunker.

À Sibylle Lacan. Ao Franz Kafka. Às filhas e aos filhos da vida e da ficção literária.

Ao Édnei, pelo mar, meu melhor sorriso, os olhos de mar, e esse tempo para respirar. Esse tempo de risos. Esse tempo de abraço. Esse tempo de aprender junto.

Ao teatro. Ao movimento feminista.

À literatura. À escrita. À poesia e ao drama.

À minha mãe que escolheu meu pai

Resumo

Pai? Onde está você? Pai? Quem é você? Pai? Entre relações de poder e relações de desejo, filhas e filhos buscam o pai. A partir de um formato epistolar e pela referência de *Carta ao pai* (1919), de Franz Kafka, escrevi uma série de quatro correspondências para refletir sobre o pai e a paternidade. E sobre o meu pai. Estas cartas estão pensadas pela minha perspectiva de filha-autora-pesquisadora em diálogo com outras filhas e outros filhos. Por uma genealogia do pai elaborada pelo filho(a). Além de Kafka, há o diálogo com Sibylle Lacan, a filha de Jacques Lacan. Com base na analítica do poder, de Michel Foucault, a primeira parte das correspondências está concentrada *entre relações de poder* – no binômio presenças-ausências. Para tanto, recorro a uma pesquisa acerca da história da paternidade ocidental e da história social e cultural da família no Brasil para delimitar *onde o pai (não) está* e qual a sua função social na família. Na segunda parte, questiono *quem é o pai?*, *entre relações de desejo*, para isso, recorro às teorias psicanalíticas de Sigmund Freud e Jacques Lacan. A investigação sobre o pai, desde o complexo de Édipo, o pai *Urvater*, de *Totem e Tabu* (1913), e o pai-guia de *Moisés e o monoteísmo* (1939), perpassa toda a obra freudiana, pois o parricídio original apresenta-se como fundamental na constituição da subjetividade. O retorno à psicanálise freudiana de Jacques Lacan transcende o complexo de Édipo, re-escreve a teoria e alcança uma pluralização dos Nomes-do-pai. Na terceira parte, estão situadas as cartas com a análise teórico-crítica de cinco romances da literatura brasileira contemporânea, *entre relações de poder e relações de desejo*. O diálogo dos narradores(a) autodiegéticos(a) filhos(a) de *Lavoura arcaica* (1975), de Raduan Nassar, *Reunião de família* (1982), de Lya Luft, e *Ribamar* (2010), de José Castello, acontece com o filho Kafka: *entre relações de poder*. O diálogo da narradora autodiegética de *Mar azul* (2012), de Paloma Vidal, acontece com Sibylle Lacan: *entre relações de desejo*. No espaço *entre relações de poder e relações de desejo*, entre presenças e ausências, estão outras subjetividades afetivas para outros pais e outras famílias, assim como no romance *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa. A última carta é a carta ao meu pai. Nesse espaço do *entre* também estão os *Bilhetes ao [meu] pai* e a reunião das cartas perdidas. Pai? Receba as minhas cartas. As cartas são para você, pai. Da sua filha.

Palavras-chave: Pai; *Carta ao pai*; analítica do poder; psicanálise; relações de poder e desejo; literatura brasileira contemporânea.

Abstract

Father? Where are you? Father? Who are you? Amongst power and desire relations, daughters and sons search for the father. Based on the epistolary form and using as reference Letter to his father (1919) by Franz Kafka, I wrote a series of four letters to think about the father and the fatherhood. And about my own father. These letters are written from my perspective as a daughter-author-researcher in dialogue with other daughters and other sons. For a genealogy of fatherhood elaborated by the children. Besides Kafka, there is a dialogue with Sibylle Lacan, Jacques Lacan's daughter. From Foucault's analytics of power comes the foundation for the first part of the letters, that is focused on the power relations - in the binomial presences-absences. Therefore I appeal to a research about the history of western fatherhood and the social and cultural history of family in Brazil, in order to delimitate where the father is (not) and what is his social function within the family. For the second part, I ask myself who is the father?, among desire relations, and for that I call on the psychoanalytical theories of Sigmund Freud and Jacques Lacan. The investigation on the father, since Oedipus complex, the father Urvater, from Totem and Taboo (1913), and the guide-father from Moses and monotheism (1939), passes through all of Freud's body of work, once the original parricide presents itself as fundamental in the constitution of subjectivity. The return to freudian psychoanalysis made by Jacques Lacan transcends the Oedipus complex, rewrites the theory and reaches a pluralization of Names-of-the-father. In the third part are the theoretic-critic analysis of six contemporary brazilian novels. The dialogue among the autodiegetic son(s) narrator(s) in Lavoura Arcaica (1975), by Raduan Nassar, Reunião de Família (1982), by Lya Luft, and Ribamar (2010), by José Castello, happens as in Kafka's sons: through power relations. The dialogue among the daughters, the autodiegetic narrators in Mar Azul (2012), by Paloma Vidal and Enquanto Deus não está olhando (2014), by Débora Ferraz, happens as for Sibylle Lacan: through desire relations. In the space between power and desire relations, between presences and absences, are other affective subjectivities for other fathers and other families, as seen in the novel Azul-corvo (2010), by Adriana Lisboa. The last letter is a letter to my father. In this space of between are also the Notes to [my] father and the gathering of my lost letters. Father? Receive my letters. The letters are for you, father. From your daughter.

Key-words: Father; *Letter to his father*; Analytics of power; Psychoanalysis; Desire and power relations; Contemporary Brazilian literature.

Résumé

Le Père? Où êtes-vous? Le Père? Qui êtes-vous? Le Père? Entre les relations de pouvoir et les relations de désir, les filles et d'enfants cherchent le père. Commençant d'un format épistolaire et pour la référence de *Lettre au père* (1919), de Franz Kafka, j'ai écrit une série de quatre correspondances pour réfléchir sur le père et la paternité. Et aussi sur mon père. Ces lettres sont pensées par ma perspective de fille-écrivain-chercheuse et en dialogue avec d'autres filles et d'autres enfants. A partir d'une généalogie de père élaboré par le fils (filles). En plus de Kafka, il y a le dialogue avec Sibylle Lacan, la fille de Jacques Lacan. Sur la base de l'analytique du pouvoir, concept de Michel Foucault, la première partie des correspondances sont concentré entre les relations de pouvoir – dans le binôme présence et absence. Pour cela, j'utilise une recherche concernant l'histoire de la paternité occidentale et de l'histoire sociale et culturelle de la famille au Brésil pour délimiter *où le père (pas) n'est* et que sa fonction sociale dans la famille. Dans le deuxième correspondance, j'interroge *qui est le père?*, entre des relations de désir, pour cela, j'utilise dans les théories psychanalytiques de Sigmund Freud et de Jacques Lacan. La recherche sur le père, du *complexe d'Oedipe*, le père *Urvater*, de *Totem et Tabou* (1913) et le père guide de *Moisés et le monothéisme* (1939), traverse l'œuvre freudienne entier, parce que l'original parricide vient comme fondamental dans la constitution de la subjectivité. Le retour à la psychanalyse freudienne de Jacques Lacan dépasse le complexe d'Oedipe et il réécrit la théorie et il atteint une pluralisation du Nom-du-père. Dans la troisième partie, les lettres sont situées avec l'analyse théorique-critique de cinq romans de la littérature brésilienne contemporaine, entre les relations de pouvoir et relations de désir. Le dialogue des narrateurs auto diégétiques fils de les romans *Lavoura arcaica* (1975), de Raduan Nassar, *Reunião de família* (1982), de Lya Luft, e *Ribamar* (2010), de José Castello, arrive avec le fil Kafka *entre relations de pouvoir*. Le dialogue de la narrateur auto diégétique fille de roman *Mar azul* (2012), de Paloma Vidal, arrive avec le fille Sibylle Lacan: *entre relations de désir*. Dans l'espace d'*entre les relations de pouvoir et les relations de désir*, entre les présences et les absences, d'autres subjectivités et affectivités, pour d'autres pères, pour d'autres familles, aussi bien que dans le roman *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa (2010). La dernière lettre est la lettre à mon père. Dans cet espace d'*entre* sont aussi les *Billets [au mon] père et la réunion des lettres perdues*. Père? Recevez-vous mes lettres. Les lettres sont pour vous, mon père. De sa fille.

Mots-clés: Père; *Lettre au père*; analytique du pouvoir; psychanalyse; les relations de pouvoir et relations de désir; littérature brésilienne contemporaine.

ÍNDICE DE CORRESPONDÊNCIAS

A primeira letra da correspondência de uma filha ao pai 14

Correspondência I: entre relações de poder

PRIMEIRA CARTA: Pai, onde está você? 41

SEGUNDA CARTA: Pai, onde está você na família? 77

[e

n

t

bilhete ao [me] pai

r

e]

Correspondência II: entre relações de desejo

PRIMEIRA CARTA: Pai, quem é você? 107

[e

n

t

bilhete ao [meu] pai

r

e]

Correspondência III: entre relações de poder e relações de desejo

PRIMEIRA CARTA: Pai, o seu poder está em casa 204

[Ecos da voz que teme o pai: diálogos com Franz Kafka]

SEGUNDA CARTA: Pai, eu me procuro no desejo por você 246

[Ecos da voz que busca o pai: diálogos com Sibylle Lacan]

[e
n
t
r
e]

bilhete ao [meu] pai

Correspondência IV: aqui estou

CARTA AO MEU PAI

Referências 292

Reunião de correspondências 304

[achadas, perdidas, reencontradas, queimadas]

Trzy słowa najdziwniejsze

*Kiedy wymawiam słowo Przyszłość,
pierwsza sylaba odchodzi już do przeszłości.*

*Kiedy wymawiam słowo Cisza,
niszczę ją.*

*Kiedy wymawiam słowo Nic,
stwarzam coś, co nie mieści się w żadnym niebycie.*

Wisława Szymborska

As três palavras mais estranhas¹

*Quando pronuncio a palavra Futuro,
a primeira sílaba já se perde no passado.*

*Quando pronuncio a palavra Silêncio,
suprimo-o.*

*Quando pronuncio a palavra Nada,
crio algo que não cabe em nenhum não ser.*

Wisława Szymborska

¹ Tradução de Regina Przybycien.

A primeira letra da correspondência de uma filha ao pai

Passo Fundo, verão de 2016 e verão de 2017

Paris, outono de 2017 e inverno de 2018

Porto Alegre, primavera – verão de 2018

Pai,

Revolto.

Revolto: adjetivo. De um mar intranquilo (tempestuoso; irado; raivoso) a uma palavra nascida e acontecida (escrita) em um sonho², no final do ano de 2016. Quando sonhei com “revolto”, como sendo a primeira palavra dessas páginas, não sabia o que aconteceria no mar e como seria o meu “navegar é preciso”. De adjetivo a verbo. Ao se conjugar o verbo voltar na primeira pessoa e acrescentar o prefixo “re”, do latim, tem-se três ideias principais, retorno, ênfase ou repetição, e, assim, pode acontecer algo como um duplo retorno, o duplo, uma volta de novo, um regresso duplicado, retornar duas vezes. O retorno por si e em si, e de novo. Junto com a repetição. Mas a palavra também pode estar associada ao substantivo revolta: a rebelião, a insurreição, o levante, a manifestação, a revolução, o alvoroço, a desordem, a desobediência, a agitação, a inquietação. Os movimentos são esses.

Aqui está o início.

Início dessa correspondência.

Ou recomeço de tantos começo(s).

Na solidão das páginas (jamais) em branco, de um sonho a uma palavra em ação-escrita, você, pai, está convidado a me acompanhar.

Afinal, pai, é para você que estou escrevendo.

² Primeiro sonho registrado em 27 de dezembro de 2016. O caderno está parcialmente anexado junto à **Reunião de correspondências** [achadas, perdidas, reencontradas, queimadas] – bilhetes achados, fotografias perdidas, cartas reencontradas, textos-fragmentos de tudo o que não será enviado. Começo e recomeço, tal qual Haroldo de Campos em *Galáxias*.

Pai, você sabe quem eu sou. Mas você não me conhece.

Meu nome é Natasha Centenaro, assim mesmo, sem segundo nome ou sobrenome do meio, apenas uma Natasha de sobrenome Centenaro. Um nome escolhido por um pai. Um sobrenome paterno. Estou concluindo um longo processo de doutorado em Teoria da literatura e por isso estas cartas existem. Existiram. Agora, consigo entender a minha trajetória de estudante e pesquisadora. Agora, consigo entender a minha vida de filha. E me reconhecer como filha de um pai. Considerava meu caminho, até estas correspondências, tumultuado e desordenado, nesse mar revolto, afinal, cada passo se deu em uma direção e, no todo, eles não pareciam se encaixar. Ao olhar deste presente, o passado me era estranho. Confuso.

Ingressei no curso de jornalismo para escrever. Ingressei no mestrado em Escrita criativa para escrever. Estou escrevendo. Escrevo. Quando elaborei um trabalho de conclusão de curso sobre a trajetória das emoções desde a retórica clássica à retórica do jornalismo sensacionalista comparando a tragédia grega de Eurípides, *Medéia*, à tragédia brasileira de Paulo Pontes e Chico Buarque, *Gota d'água*³, não me dei conta desse meu interesse latente nas relações de maternidade, paternidade e filiação. Relações de poder e desejo em família. *Medéia*, tanto a personagem como a peça, chamaram-me a atenção e me inspiraram sentimentos de incômoda aprovação. Além do reconhecimento da qualidade, da força, da potência e da intensidade em uma personagem mulher, cujo *pathos* se faz irremediável.

No mestrado⁴, resolvi pensar um trabalho que pudesse reunir as minhas paixões estéticas e políticas: o teatro e a literatura; então, escrevi um romance-peça. Não cabe, aqui, desenvolver comentários sobre essa dissertação, mas reforço o meu interesse por essas imbricadas e contestatórias relações familiares. Novamente, poder, desejo, resistência e busca. Uma de minhas personagens, Bhia, uma atriz e professora, não mantinha a guarda do filho, não o criava junto de si. Quem cuidava do garoto, era, assim, o pai, morando em outra cidade. No romance-peça, aliás, existia um caso de abandono e tentativa de uma possível reaproximação do pai biológico, enquanto a criança estava

³ Trabalho de conclusão de curso em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, intitulado *Trajétória das emoções desde a retórica ao sensacionalismo: estudo comparativo entre a tragédia grega Medéia e a tragédia brasileira Gota d'água*, com orientação do professor Antônio Carlos Hohlfeldt, na PUCRS, no ano de 2011.

⁴ Dissertação de mestrado em Escrita criativa, no Programa de Pós-graduação em Letras da Escola de Humanidades da PUCRS, intitulada *Histórias de silêncio para encenar - Romance-peça*, no ano de 2014. Trabalho orientado pelo professor Antônio Carlos Hohlfeldt, com financiamento da bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES.

sendo cuidada e criada por um pai afetivo (o marido da mãe, Olívia), Marcelo, ator. Também aconteciam conflitos entre pai e filho em virtude da homossexualidade de Jotapê, o filho, igualmente ator.

A ficção já me apontava os caminhos bibliográficos, metodológicos, documentais, que descobri no decorrer desses quatro anos de pesquisa. E da pesquisa, essas correspondências. O meu desejo de buscar a minha história em mim mesma e de escrevê-la. Mas essa história já não é minha. Essa história não é mais minha, há tempo(s). E sair da minha história para encontrar as outras histórias. Encontrar as histórias ficcionais da literatura brasileira contemporânea. Encontrar vozes de filhas e filhos. As filhas e os filhos que estão nos romances, as filhas e os filhos que escreveram literatura, as filhas e os filhos que existem em realidade(s), as filhas e os filhos de pai. Registrar essas vozes. Tentar entender como essas relações de pais-e-filhos(as) acontecem. Como vêm se construindo. Como se transformaram.

Parece óbvio dizer isto: todo mundo, no mundo, é filho ou filha de alguém igualmente filho ou filha, mas nem todo mundo é mãe. Nem todo mundo é pai. Pai? Pai?

***[aliás,
uma busca]***

A busca começou de uma intenção pessoal. Alcançou uma exterioridade e um coletivo dos quais não fazia ideia; nem como autora, nem como pesquisadora, nem como filha. Mas a cada participação em congressos e seminários, a cada apresentação de trabalho, ou no artigo publicado no jornal⁵, em um diálogo acadêmico, em outro evento de associação psicanalítica, durante o período da viagem de estudos na França, não importasse o local ou a circunstância, surgiu, surgiria, aparece uma voz para conversar e contar alguma história ou recomendar uma leitura, explicitar um ponto de vista, propor reflexão e, sobretudo, questionar-me. Por que falar sobre pai? Por que buscar uma genealogia do pai? Por que falar sobre pai na literatura brasileira? Por que escolher a perspectiva das filhas e dos filhos? Por quê?

⁵ Artigo intitulado “Uma carta ao pai: desejo, falta e representação da paternidade” publicado no Caderno de sábado no jornal *Correio do Povo*. Edição de 25 de agosto de 2018. Em anexo.

Nessas horas, pai, eu penso: você é importante.

E, imediatamente, penso: talvez, você não saiba.

Para, logo depois, retomar esse pensamento: talvez você saiba apenas de uma parte.

Talvez, pai, você possa perceber outras perspectivas. Talvez, isso seja necessário. E possa escutar outras vozes sobre você. E possa, então, observar-se. Enxergar-se. Compreender-se. Talvez.

Desde o primeiro projeto, assumi como parte constituinte dessas páginas o jogo entre ficção literária e verdade histórica (a produção de discursividades históricas). Não acredito nessas esferas totalmente separadas e afastadas⁶. Faz-se imprescindível reuni-las e expô-las em conjunto. Em correspondência. Em aproximação e em diálogo. Pois escolhi, para tanto, o formato das cartas (gênero epistolar: bilhetes, textos-fragmentos, memórias). Para serem cartas, no entanto, é preciso ter um destinatário ou uma ou vários(as). Quem é esse destinatário, **Pai**, de quem estas correspondências falam? Para quem estas correspondências falam? Buscam? Que interlocutor é você, pai? Um pai, o pai, qual pai? E esse pai existe?

Tal formato me foi possível pela inegável referência à *Carta ao pai*⁷. Franz Kafka escreveu *Carta ao pai* em 1919. É um texto paradigmático para se compreender quem foi o seu pai, na tentativa de uma autobusca por sua literatura, para desvendar a sua própria face na face do pai, essa tarefa inapreensível de encontrar o eu no outro, esse outro tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe, senão (ou permanentemente) inacessível. Kafka se tornou Kafka porque Hermann foi Hermann. Para Franz, o filho, o pai era tirano, autoritário, cruel. Pai. O seu pai. A voz desse filho servirá como fonte para a estrutura de correspondências e como um dos interlocutores nesse diálogo estabelecido na análise dos romances escolhidos no *corpus*.

O diálogo também vai acontecer com uma segunda interlocutora, uma filha: Sibylle Lacan. Sibylle Lacan, a filha “esquecida” de Jacques Lacan, escreveu em *Um pai: puzzle* um conjunto de narrativas curtas, fragmentadas e intensas – como flashes instantâneos de memória, sem qualquer ordem, hierarquia ou planejamento. A autora escreveu uma

⁶ Esta pesquisa é possível e realizável em um período cujo entrecruzamento de campos do conhecimento e a interdisciplinaridade se consolidam como vias de acesso à pesquisa e ao debate aprofundado e de qualidade. Na área das letras, em especial na teoria da literatura e na literatura comparada, a utilização e apropriação de aportes teóricos de outros campos e de outras disciplinas é uma prática recorrente para análises de corpus literário e aplicação de conceitos, como os da história, da filosofia, da antropologia ou das artes, por exemplo. As pesquisas com teorias de diversas áreas aplicadas, no entanto, podem facilmente escorregar para níveis de generalizações, banalizações ou superficialidades, ou mesmo renegar a especificidade da literatura em detrimento a conceituações externas. O trabalho também se aproxima da área da escrita criativa – área de concentração em que o Programa de Pós-graduação em Letras da Escola de Humanidades da PUCRS é pioneira, pois está pensado a partir da escrita ensaística e do gênero epistolar; assim como, lança mão da narrativa ficcional em cima da matéria real-biográfica-vivida (minha história, a relação com o meu pai, a autobusca, a autoexpressão).

⁷ KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

“Advertência”⁸ às leitoras e aos leitores na tentativa de alertá-los(as) de que o livro não seria um romance ou uma “(auto)biografia romanceada”, pois não existiria, naqueles textos, “nada de ficção”. O objetivo de Sibylle foi esmiuçar, pelo viés da memória, a sua relação com o pai, o que “se passou de importante, de forte – trágico ou cômico”, com uma ressalva informada: “falar do pai que Jacques Lacan foi para mim e não do homem em geral, muito menos do psicanalista”⁹.

São muitas as vozes das filhas e dos filhos em busca de pai. A busca vem de tempos imemoriáveis. De quando se descobriu o filho que também se origina do pai. A busca vai continuar. Quando se descobrir o pai que o filho busca. No tempo e espaço da relação pais-e-filhos(as), essa descoberta não parece se esgotar. Eu sou só mais uma filha (e autora) nessa busca. A minha voz não está sozinha. À procura de estabelecer uma relação, ou desvelar e construir outros tipos de relações, é que as vozes filiais se insurgem, se rebelam, reivindicam atenção, inquietam-se. Reclamam escuta. Desestabilizam. Permanecem buscando. São as vozes de resistência. Mas também são os ecos dos efeitos intrínsecos a essas relações de poder e de desejo engendradas, elas mesmas, no bojo da família. Constituídas, assim, constituem a família. Pois, pode acontecer família sem relações de poder e desejo? Mas pode acontecer pai e filhos(as) sem família. Um fato.

Os relacionamentos, e as buscas (lutas), de pais-e-filhos(as) aparecem tanto nas vozes biográficas, como no trânsito às vozes ficcionais, às figuras imagéticas, aos personagens icônicos, às representações imaginárias das artes e das literaturas. E percorrem diferentes caminhos, seja na exploração intensa no cinema, no teatro, na música ou nas artes visuais e na fotografia. Somente nesse cruzamento, de súbito, podemos pensar nas epopeias e tragédias gregas, de Telêmaco a Ulisses, de Orestes, Electra e Ifigênia a Agamemnon, de Édipo a Laio; nas representações das mitologias greco-romanas, de Cronos ou Saturno devorando o filho¹⁰, de Zeus (ou Júpiter) e seu panteão de filhas e filhos; nos livros sagrados das religiões monoteístas, nas narrativas bíblicas de Isaac a Abraão, de Jesus Cristo e José, ou a mais evidente relação da trindade cristã: pai-filho-espírito santo; nos inúmeros exemplos das literaturas canônicas ocidentais e orientais, de rápida, superficial e incompleta listagem: da Rússia (Dostoievski, Tolstoi, Tchekhov) ao Japão (de Kawabata a Ishiguro), da França

⁸ LACAN, Sibylle. *Um pai: Puzzle*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, p.9.

⁹ *Ibid.*, p.9.

¹⁰ Como no icônico quadro de Francisco de Goya, *Saturno devorando a un hijo*, de 1820-1823. Essa é uma das pinturas a óleo sobre reboco pertencente a série das “Pinturas negras” e fazia parte da decoração da casa do artista espanhol. Está exposta no Museu do Prado, em Madri. No quadro, vê-se o pai, Saturno (Cronos na mitologia grega), devorando um de seus filhos, e é possível, assim, compreender nessa alegoria, além da própria passagem do tempo, o temor desse pai em perder o seu poder ao ser destronado por um filho.

(Victor Hugo, Zola, Balzac a Marguerite Duras e Le Clézio) aos Estados Unidos (de Henry James a Philip Roth e Paul Auster), da Noruega (Karl Ove Knausgard) à África do Sul (J. M. Coetze), de Portugal (de Eça de Queirós a José Luís Peixoto), Angola (Gonçalo Tavares e Valter Hugo Mãe) à Colômbia (García Márquez), o Peru (Vargas Llosa) e o Chile (Isabel Allende) até o Brasil (de Machado de Assis a Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Cristovão Tezza).

E por tanta recorrência, será que não se exauriu o assunto? Será que buscar ou falar sobre o pai e relações pais-e-filhos(as) ainda é viável? Já não saiu de moda buscar o pai? Será outra repetição de teorias, conteúdos, interpretações revisitadas? Mesmo incorrendo nesse risco, os apontamentos dos quais tomo parte indicaram o inverso e me apontaram a necessidade de abordar o tema por essa perspectiva alinhada com a minha história pessoal e com meu desejo: através do olhar, da voz, das corporeidades, das escritas, das palavras e dos sentimentos das filhas e dos filhos. Deixo anotada, aqui, a trilha pela qual percorreremos, pai, e as vozes-guias das quais nos utilizaremos. E falo, assim, nesse plural, pensando e aludindo ao nós, como filhas e filhos, mas pensando, sobretudo, em nós, pai, e como gostaria que você estivesse, esteja, possa estar e está me acompanhando nestas cartas, nessas linhas-mortas, nessa minha escrita desejante de interlocução e diálogo. Uma escrita que se esgota no desejo, e, por mais que reverbere vontade, mostra, porém, a cada frase, essa mesma e única impossibilidade.

Há possibilidade de diálogo para o pai e o filho e para o pai e a filha? Penso, pai, estar justamente nessa investida em compreender a impossibilidade que se encontra a possibilidade efetiva. Penso, pai, nessa impossibilidade como uma condição, uma categoria arranjada para nós e não exatamente por nós. Vou tentar explicar: parece, pai, que estamos condicionados a certos discursos, a certas práticas e instâncias, a certos *modus operandi* de cultura, comportamentos, linguagens, estruturas psíquicas e macroestruturas sociais, isso tudo com um roteiro escrito tempo antes de nós e sem tempo para nós. Assim, vamos nos adaptando. Ou não. Há quem disse antes de nós. Bem antes.

Dizer o dito, ouvir o consagrado, aceitar o escrito como lei, todavia, parece simplista, um tanto óbvio, um tanto pronto e realizado sem que possamos questionar. Isso não nos serve, pai. Isso me impulsiona a procurar a palavra não-dita, a entender o que faz não escutá-la e por que eu deveria escrever na norma, quando minha corporeidade escrita já está fora¹¹, já está no

¹¹ Pode-se dizer, inicialmente, que a escrita de hoje se libertou do tema da expressão: ela se basta a si mesma, e, por consequência, não está obrigada à forma da interioridade: ela se identifica com sua própria exterioridade desdobrada. O que quer dizer que ela é um jogo de signos comandado menos por seu conteúdo significado do

entre e busca desbordar a cada borda. A cada performatividade textual. Ou eu não estaria escrevendo para você, pai, se eu apenas aceitasse. Como não aceito, demorei para perceber que o caminho era pelo desvio e pela complexidade. Demorei para abrir os olhos. Como demoro para seguir. E uso esse meu não-tempo para arranjar as palavras que vão se decompor depois destas cartas. Sabemos, pai, você e eu, a escrita só vai resistir, se resistir e a nós, porque essas cartas nasceram do que está sem vida nessa nossa vida de pai-e-filhos(as). Nessa nossa vida de pai-e-filha.

Eu não sei o que vai acontecer, e você poderia me ajudar a descobrir. Não sei se você pode me ajudar. Então, peço que me escute. E escute as vozes que eu chamo nessas páginas. Escutar é mais difícil do que falar. E ler? Em auxílio, vou construir, conforme se dá a minha escrita, algumas pistas de leitura para você ler como se estivesse me escutando e pudesse reconhecer o que está sendo dito. Assim como o tempo da escrita é outro tempo, o tempo em que levei para me deparar com as teorias de Freud, Lacan e Foucault foi suficiente para recomenciar algumas cansativas vezes. E desistir. Até agora.

Dessa última vez, pensei que, ao partir da minha história, colocar-me como autora, explicitar o meu desejo de filha em busca de pai, falar da minha escrita e do meu processo, poderia estar, assim, em direção de colisão inevitável com a explanação de Foucault sobre a ausência do “autor”¹². Pensar o autor como pensar o sujeito: sem unidade, sem “vida” em sua totalidade (universal), como transgressão de limites. Decerto, nem o autor e nem o sujeito se extinguiram, foram eliminados sumariamente ou deixaram de existir de um dia para o outro. Problematizam-se, com isso, a “morte”, a “ausência”, as diferenças históricas, as lacunas, os espaços inaugurados, as rupturas epistêmicas: desde uma implicação conceitual e prática de que o *status* do nome próprio, do nome do autor¹³, da noção de obra, da função de autor, da

que pela própria natureza do significante; e também que essa regularidade da escrita é sempre experimentada no sentido de seus limites; ela está sempre em vias de transgredir e de inverter a regularidade que ela aceita e com a qual se movimenta; a escrita se desenrola como um jogo que vai infalivelmente além de suas regras, e passa assim para fora. Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer. *O que é um autor?* In.: FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Ditos e Escritos volume III. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 268.

¹² A obra que tinha o dever de trazer a imortalidade recebeu agora o direito de matar, de ser assassina do seu autor. Vejam Flaubert, Proust, Kafka. Mas há outra coisa: essa relação da escrita com a morte também se manifesta no desaparecimento das características individuais do sujeito que escreve; através de todas as chicanas que ele estabelece entre ele e o que ele escreve, o sujeito que escreve despista todos os signos de sua individualidade particular; a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência; é preciso que ele faça o papel do morto no jogo da escrita. Tudo isso é conhecido; faz bastante tempo que a crítica e a filosofia constatarem esse desaparecimento ou morte do autor. *Ibid.*, 269.

¹³ Chegar-se-ia finalmente à ideia de que o nome do autor não passa, como o nome próprio, do interior de um discurso ao indivíduo real e exterior que o produziu, mas que ele corre, de qualquer maneira, aos limites dos

função da escrita, do anonimato e da produção de discursividade não pode ser compreendida tal qual no século XVII de Shakespeare, na Grécia antiga, na modernidade de Mallarmé ou no século XX de Kafka e Beckett. E não seria esse também um caminho para, então, pensar o pai?

Foucault vai falar sobre a análise do texto literário sem aludir à presença dos elementos biográficos de seu autor ou a uma interpretação psicologizante, concentrando-se na esfera (estrutura) do texto mesmo e na linguagem¹⁴. Como Roland Barthes chancela, busca-se no próprio texto. Pois foram os romances desse *corpus* que me levaram a pensar a paternidade entendida em três diferentes (não-excludentes) perspectivas: pelo olhar histórico, pela escuta psicanalítica e pela escrita literária. Ainda parece contraditório ao se pensar na exclusão da biografia e ausência desse autor com a minha proposta, fato, mas essa é a condição aqui entendida e assumida: a da contradição. Na trajetória, por vezes contestada, de Foucault como pesquisador¹⁵, é possível apreender uma multiplicidade de passos, como filósofo, tendo buscado no método da arqueologia, tendo refutado a nomenclatura de historiador, tendo se denominado “jornalista”, tendo encontrado na genealogia um caminho estratégico e afirmando fazer uma “ontologia do presente”, cujo interesse estava centrado no sujeito e não no poder¹⁶.

textos, que ele os recorta, segue suas arestas, manifesta o modo de ser ou, pelo menos, que ele o caracteriza. Ele manifesta a ocorrência de um certo conjunto de discurso, e refere-se ao status desse discurso no interior de uma sociedade e de uma cultura. O nome do autor não está localizado no estado civil dos homens, não está localizado na ficção da obra, mas na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e seu modo singular de ser. Consequentemente, poder-se-ia dizer que há, em uma civilização como a nossa, um certo número de discursos que são providos da função “autor”, enquanto outros são dela desprovidos. Uma carta particular pode ter um signatário, ela não tem autor; um contrato pode ter um fiador, ele não tem autor. Um texto anônimo que se lê na rua em uma parede terá um redator, não terá um autor. A função autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade. *Ibid.*, p. 274.

¹⁴ É dito, de fato (e é também uma tese bastante familiar), que o próprio da crítica não é destacar as relações da obra com o autor, nem querer reconstituir através dos textos um pensamento ou uma experiência; ela deve antes analisar a obra em sua estrutura, em sua arquitetura, em sua forma intrínseca e no jogo de suas relações internas. *Ibid.*, p. 269.

¹⁵ Conforme Madarasz, a sequência “saber-poder-ética” não serve como periodização para a obra de Foucault, pois é simplificadora e leva a falsificações. “Simplificadora o é ao sobrepor aos modelos historiográficos desenvolvidos por Foucault uma periodização filosófica que é cunhada conforme uma linearidade diacrônica; e falsa também o é por sugerir que as análises mais formais desenvolvidas entre *Les Mots e les choses*, de 1966, e *L’Archéologie du savoir*, de 1969, teriam sido abandonadas por Foucault quando de seu lançamento sobre a genealogia. Assim, falsa é ainda a frequente sugestão de que Foucault estaria pregando uma nova ética no último período de sua vida”. MADARASZ, Norman. *Arqueologia como método, genealogia como tática*. In: MADARASZ, Norman R.; JAQUET, Gabriela M.; FÁVERO, Daniela N.; CENTENARO, Natasha (Orgs.). *Foucault: Leituras acontecimentos*. Porto Alegre: Editora Fi, 2016, P. 22.

¹⁶ “Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos.” FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. “Posfácio”. In: DREYFUS, Hubert L. RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231.

É nessa multiplicidade, portanto, que tais cartas estão localizadas, pai. Em semelhanças e diferenças, em contradição e em complementaridades. No propósito da busca. Encontrei em Foucault uma alternativa, precisamente, na analítica das relações de poder, e a partir do antagonismo das estratégias¹⁷. Para descobrir os dispositivos e as práticas de sanidade, Foucault procurou na investigação da insanidade; para falar sobre a razão, apontou na desrazão (os pares louco/são – doente/sadio – normal/anormal – criminoso/ “bom moço”); para desvendar o sujeito em suas condições e modos de objetivação e de subjetivação foi preciso explicitar os mecanismos de saber e de poder envolvidos e como agem, situar o sujeito criticamente na história, considerar a produção de discursividades em um *a priori* histórico, entender o sujeito no presente, conforme as rupturas epistemológicas. Assim sendo, um caminho tático para se buscar compreender a paternidade está no filho e nas implicações relacionais na família. E nas formas de resistências, de lutas, de reciprocidades, de descontinuidade, de viver. Sobre-viver.

É preciso, antes de prosseguirmos, pai, explicar certos pontos. Como boa parte dos trabalhos em humanidades, o processo não é linear e simples. A complexidade própria de uma investigação que congrega diferentes teorias já é um desafio. E um perigo. No começo desse processo, minha ideia foi buscar romances desde o século XX até o século XXI (um por década), revelando, nas relações pais-e-filhos(as) e nas transformações das famílias, as mudanças sócio-históricas acontecidas. Essa periodização, porém, alterou-se durante os cinco meses de estágio (bolsa de doutorado-sanduíche¹⁸) na Faculté des Lettres, na Sorbonne Université em Paris, na França, sob orientação do professor Leonardo Tonus.

Em consequência, a pesquisa passou por uma radical transição, cujo enfoque está na contemporaneidade. Tendo em vista que a paternidade, e seus dispositivos, não está isolada, mas dentro de uma estrutura (movediça-fluida-flexível) envolvendo a maternidade, a filiação, a noção de família (uma microsociedade); e, assim, as noções-problematizadas de masculinidade, feminilidade, de gênero (e/ou sexo), de aspectos de raça e cor (pensando nas distinções feno e genotípicas), efetiva-se um diálogo com a genealogia do poder e outro diálogo com as relações de desejo. O pai não existe *per si* (E para si).

As dificuldades desses diálogos escancaram-se à medida em que se percebe como é difícil conversar com você, pai. E procurar essas formas de acesso. À medida em que esse é um tema já muito explorado, porém, ainda pouco explorado. À medida em que será preciso tomar a contradição, a descontinuidade, a ruptura (revolto) e o deslocamento como chaves de

¹⁷ *Ibid.*, p. 234.

¹⁸ Bolsa PDSE concedida pela CAPES.

leitura. Sobretudo, a ideia de resistência. Resistência, conforme as vozes de filhas e filhos resistindo (reexistindo – ex-sistindo na ex-sistência – e persistindo) às relações de poder, dominação e aos dispositivos de poder e desejo nas relações familiares.

Resistência, por outro lado, como a psicanálise concebe tal *práxis* (e conceito) na dinâmica de transferência e contratransferência, nessa relação de sujeito-desejo-falta-objeto e na experiência própria da análise, entre analista-paciente ou psicanalista-psicanalizando(a). Resistência, juntamente com a interpretação das transferências, são imprescindíveis na teoria freudiana, e de que modo o eu (ego) defende-se das representações dolorosas e impede o acesso ao recalçado pelo consciente. Porém, tal resistência, característica do progresso do tratamento, não está somente vinculada a essas defesas do eu, mas, também, a outras instâncias estruturais, como as do inconsciente ou do id e do supereu (superego)¹⁹.

Eu resisti, sobremaneira, a encarar e elaborar o meu desejo de escrever sobre a minha história. E a minha história com você, pai. Eu resisti a fazer esse projeto, essa pesquisa. Quando comecei, eu resisti a enveredar-me pelas e nas profundezas da psicanálise – medo que ainda guardo. Já tendo me arriscado, resisti às mudanças. Resisti, em pior escala, à escrita. Tardei a fazer o que gosto de fazer e me define como sujeito: escrever. Mas foi a resistência que me serviu de gatilho, o impulso para essas páginas, e como resistir à resistência me fez produzir outra resistência, a da busca e a do enfrentamento (a mim mesma e ao pai). Uma frase me acordou, despertou essa outra resistência em mim, e me fez, aos poucos, formular as resistências impeditivas e defensivas nesse transcurso (arrastado e fugaz) e produzir, como resultado, as de combate e as de re-conciliação (comigo mesma e com meu desejo). A frase proferida pelo professor Amadeu Weinmann, na ocasião da banca de qualificação, seguiu me incomodando provocativamente. Ao dizer que eu precisava levar a questão do pai com seriedade, ele me impulsionou em resistir (e não desistir). Na resistência.

Como levar com seriedade o pai? Como levar o pai a sério?

Nesse ponto último do processo, consigo entender que a minha raiva e a minha indignação na etapa inicial me deixaram com a visão prejudicada. Estava sem possibilidades de desembaçar o que se mantinha turvo, o que me causava desconforto nas retinas e não

¹⁹ No fim de *Inibição, sintoma e angústia* (*Hemmung, Sympton und Angst*, 1926), Freud distingue cinco formas de resistência; três estão ligadas ao ego: o recalque, a resistência de transferência e o benefício secundário da doença, “que se baseia na integração do sintoma ao ego”. Há ainda que contar com a resistência do inconsciente ou do id, e ainda com a do superego. A primeira torna tecnicamente necessária a perlaboração (*Durcharbeiten*): é “... à força da compulsão pela repetição, atração dos protótipos inconscientes sobre o processo funcional recalçado”. Por fim, a resistência do superego deriva da culpabilidade inconsciente e da necessidade de punição. LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da psicanálise* / Laplanche e Pontalis; Sob a direção de Daniel Lagache. São Paulos, Martins Fontes, 2001, p. 459.

permitiam as aberturas, os entre, as janelas, os espaços de confluência e de respiro. Não que o escuro seja o maior problema, pois pode ser aliado. Mas uma raiva cultivada pelos anos de uma fantasia bem-nutrida de rejeição, abandono, queixas, tristezas, não estava me ajudando.

Sobre a ausência. Eu só queria falar e abordar essa perspectiva: da ausência. A ausência como exclusivamente abandono. Do que não poderia ser modificado. Do que seria um luto da vida pela execução do afeto. O pai não existiria. O pai não existe. O pai não vai existir. Será? Eu continuava sentindo a falta desse pai. E continuava sentindo a falta da falta (e o reencontro com essa falta e objeto). E eu sabia que não alcançaria o que não é alcançável. O que é inapreensível. Inatingível. A psicanálise trabalha (com / sobre / a partir de) a falta, sobretudo, e obstinadamente. E todas as notícias de abandono paterno e as fontes históricas consultadas, os documentos, os arquivos, os depoimentos, as informações estatísticas, os sites, as histórias de ausência? E as narrativas ficcionais (o imaginário e simbólico) da literatura brasileira que me mostravam um mesmo caminho? Tudo corroborava para a falta como a única e exclusiva hipótese. Ou melhor, a resposta.

Se eu já conhecia a resposta, por que continuar a empreender a busca se o resultado é a falta?

De que falta? Qual?

É preciso entender a falta e qual o tipo de falta eu estava pensando antes. Há de se discernir a falta como ausência paterna, como abandono, essa que é uma falta em âmbito social, do papel e da função social e afetiva do pai na família. Qual é o lugar do pai na família? Qual é o papel do pai? E que família? Esse é um tipo de falta recorrente e sinalizada historicamente. A carência paterna de filhas e filhos sem convívio com o pai em casa e/ou na família ou em suas vidas. Ou mesmo a carência filial de pais sem papel ou representatividade de função, apesar de estarem situados no ínterim de uma família (qual?). Essa falta social, afetiva, participativa, porém não é a mesma falta que a psicanálise vai abordar em relação à ideia de pai. Não é a falta entendida pela psicanálise como insatisfação, como frustração, como castração, como interdição, e, muito menos, a falta descrita por Jacques Lacan como sendo a falta do pai – a falha do pai, o pecado que o filho herda. Ausência e falta sociais e ausência e falta em psicanálise. São noções, ideias, categorias distintas e que precisam ser especificadas, para evitar os equívocos já bastante comuns nessa temática.

Conforme a psicanálise de Sigmund Freud, o pai é o responsável pela inserção da criança na cultura e pela cisão da mãe-filho(a), a partir da ideia mítica do pai como interditor do incesto (pai castrador do complexo edípico e o pai primevo da horda) e de sua instância na

estrutura psíquica de todo ser humano. Já a função paterna, para Lacan, inicialmente, é estruturante, simbólica, de nomeação e da lei – a função da metáfora paterna. Na própria teoria lacaniana, tais atribuições também serão modificadas no decorrer de sua obra, mas, por enquanto, basta esse começo para nós. A grosso modo, o pai está internalizado pelo filho ou filha como a instância correspondente ao supereu²⁰, ou seja, instância de autoridade repressora e censora, sendo o supereu o herdeiro do complexo de Édipo.

Para Michel Foucault, a teoria psicanalítica de Freud nasceu no momento histórico próprio da proibição, do controle, da disciplinarização e da normalização. Tendo se solidificado, assim, como uma (ilusão) alternativa de libertação ao silenciamento e à repressão sexual. Foucault, no entanto, discorda dessa máxima e concebe essa alternativa como uma continuação da norma (lei), da manutenção de relações de poder e pela hierarquia entre psicanalista e paciente (vide o dispositivo da sexualidade ancorado na aliança e na moral cristã da confissão da carne, além do poder de controle da medicina, por exemplo).

Como, então, compreender essas relações de poder e de desejo? Por quais parâmetros? Em quais mudanças se assentou e provocou? E quais os efeitos dessas relações?

Quem é o pai?

Existe um novo pai? E qual foi o antigo? Pode acontecer uma nova subjetividade paterna? Do que estamos falando ao falarmos de pai?

E qual é o lugar do pai? E o seu papel? Função?

O que é [ser] pai? Ser-pai. Pai?

**[aliás,
um corpus]**

²⁰ Para estas Correspondências, optei em seguir a nomenclatura de acordo com a tradução das obras completas de Sigmund Freud diretamente do alemão e publicadas pela Companhia das Letras. A coordenação da publicação e a maior parte das traduções são de Paulo César de Souza. Nesse antigo debate em torno das traduções das obras de Freud, desde as “edições standard” do inglês publicadas pela Imago até as edições pontuais como as da L&PM e da Autentica, segue a discussão sobre a melhor grafia e utilização para os conceitos freudianos, se em português: Eu, Id, Supereu, ou em latim: Ego, Isso, Superego; bem como os termos pulsão X instinto; recalque X repressão, etc. Há um livro de Paulo César de Souza comentando as traduções e as escolhas feitas intitulado *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões* (Companhia das Letras, 2010). Apenas os dois volumes de *A interpretação dos sonhos* utilizados aqui são da L&PM, porém, igualmente, traduzidos diretamente do alemão por Renato Zwick.

Faz certo tempo que escrevi, pela primeira vez de modo pensado, desejado e arranjado literariamente, sobre a minha vivência familiar, as dúvidas e tristezas, os meus sentimentos de filha. A partir de um exercício proposto no grupo de estudos e prática de escrita, Leitura e Criação Literária²¹, sob coordenação e orientação do professor Paulo Ricardo Kralik Angelini, escrevi um conto baseado no modelo teórico-literário da autoficção²². O gatilho poético-narrativo tinha sido disparado. E se transformou, dois anos depois, em um projeto de doutorado para, enfim, ser-estar essa pesquisa cuja escritura se encontra permeada pelo registro biográfico (epistolar e memorialístico). Pois não poderia ser diferente. Eu não poderia escolher outro caminho além desse.

Fragmentos de textos, poemas, cenas de peças de teatro, ideias de contos, plotes, exercícios, exercícios, narrativas surgiram antes desse conto, porém, esse foi, para mim, o marco-zero onde o desejo emergiu, gritou e me fez escutá-lo com efeito. Apesar de esse conto estar carregado de uma linguagem particular de incredulidade, ceticismo e impossibilidade de diálogo, expressa o meu desejo de buscar o pai. Desse desejo narrativo para a elaboração de um projeto na área de concentração em Teoria da literatura foram passos dados em outra direção, com outra vontade: exteriorizar e descobrir as histórias de filhas e filhos.

O primeiro critério adotado foi a mediação do narrador, fosse autodiegético, homodiegético ou heterodiegético²³, correspondente ou aproximado à filha e ao filho. O projeto reunia um *corpus* que pretendia dar conta do século XX e XXI e das mudanças históricas, econômicas, sociais e culturais que aconteceram no mundo e no país nesse tempo. Pela extensão e sua inviabilidade, esse *corpus* foi transformado. Assim também aconteceu com a mediação do narrador e se optou por, exclusivamente, narradoras e narradores autodiegético(as). O período analisado passou, então, a estar conectado às bordas da contemporaneidade.

Por que a contemporaneidade e quais são os (des)limites desse contemporâneo? Você, pai, pode estar me perguntando sobre isso.

²¹ Grupo de pesquisa vinculado à área de concentração da Escrita criativa, que reúne discentes de mestrado e doutorado, também da Teoria da literatura, com objetivo de encontros quinzenais para leitura, discussão e produção textual dos próprios alunos e alunas. Participei durante os anos de 2012 e 2013; 2015 e 2016.

²² “Crônica da autoficção”, de 2013. O conto está anexado junto à **Reunião de correspondências** [achadas, perdidas, reencontradas, queimadas] – bilhetes achados, fotografias perdidas, cartas reencontradas, textos-fragmentos de tudo o que não será enviado.

²³ De acordo com o *Dicionário de Narratologia*. (Org. REIS, Carlos. LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina, 1994). Segundo o qual, narrador autodiegético equivale ao narrador-protagonista (em primeira pessoa); narrador heterodiegético equivale ao narrador onisciente (em terceira pessoa), aquele que está fora da diegese; e narrador homodiegético equivale ao narrador-testemunha (em primeira pessoa, mas não é o protagonista da diegese).

Respondo. Trabalhar com uma produção artística, seja literária ou de teatro e cinema; examinar certa produção de conhecimento, de discurso ou ideia; realizar estudo hermenêutico de uma temática vigente: todas são modalidades de pesquisar o que se está nas bordas desse tempo. Tempo no qual estamos implicados como sujeitos da ação, da recepção e da produção, simultaneamente. Acrescentaria: sujeitos da dúvida e da emergência de novas subjetividades. Estar neste tempo pode significar a supressão do exigido distanciamento crítico, ou a demanda do olhar externo.

Como se distanciar e olhar de fora para o que se está produzindo-vivenciando-questionando-compreendendo hoje? Estando, exatamente, no próprio tempo, na medida mesma, e situando-nos nessa coisa fundamental que é o campo da reflexão histórica “sobre nós mesmos”, segundo Michel Foucault²⁴. Tratando, assim, de mantermos “fixo o olhar” sobre esta época contemporânea para perceber nela não as luzes, mas a sua obscuridade, como faz o poeta, diz Giorgio Agamben²⁵.

Ambos os filósofos partiram do ponto de interrogação à contemporaneidade para tecer as suas teorias reflexivas: O que somos hoje? De quem e do que somos contemporâneos? Michel Foucault situa esse questionamento como característico da filosofia moderna, no final do século XVIII, apartando-se da “ontologia formal da verdade”²⁶, assim denominada por ele, por deixar de se concentrar, sobremaneira, nas grandes ideias, tais como o que é o homem, o que é a verdade, o que se faz do conhecimento e do mundo. Esse traço investigativo sobre o próprio tempo já estava presente em Kant, e seguiu-se de modo renovado em Ficht, Hegel, Nietzsche, Weber, Husserl, Heidegger e pela Escola de Frankfurt. Foucault, inscrito nessa tradição, empreendeu uma análise histórica das relações entre as reflexões e as práticas na sociedade ocidental, apontando para os momentos de rupturas epistêmicas e discontinuidades.

Para Agamben²⁷, adepto ao pensamento de Foucault, a contemporaneidade revela-se em uma relação singular com o próprio tempo, pois, ao passo que adere a este, dele toma distância, e, com isso, provoca uma espécie de dissociação anacrônica. Se, por um lado, o contemporâneo expressa-se no retorno que não se cansa de se repetir, necessita, por outro, de entrever-se no presente e não intenta, desse modo, fundar uma origem ou se apegar às

²⁴ “A tecnologia política dos indivíduos”. In.: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Ditos e escritos volume V. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 301.

²⁵ AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009, p. 62.

²⁶ “A tecnologia política dos indivíduos”. In.: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Ditos e escritos Volume V. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 301.

²⁷ AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

nostalgias. Por isso, a associação da contemporaneidade, descrita pelo filósofo italiano, é com a poesia e sua “fratura no tempo”, seu modo de “suspender o passo”, ou de impedir o tempo de “compor-se”:

Compreendam bem que o compromisso que está em questão na contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico: é no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma. E essa urgência é a intempetividade, o anacronismo que nos permite apreender o nosso tempo na forma de um “muito cedo” que é, também, um “muito tarde”, de um “já” que é, também, um “ainda não”. E, do mesmo modo, reconhecer nas trevas do presente a luz que, sem nunca poder nos alcançar está perenemente em viagem até nós²⁸.

É nesse sentido que assumir a contemporaneidade, seus des-limites e transbordamentos, suas fraturas e seus remendos, contribui ao desafio pelo qual essas correspondências são proponentes e sectárias. Olhar para a produção literária brasileira contemporânea tendo a mirada fixa no nosso tempo e quem somos, porém, sem deixar de voltar os olhos para o passado do qual descendemos como sociedade e ao qual retornamos como fonte de reflexão, faz parte do meu objetivo. A meta, assim, não é a de uma trajetória linear, senão pelo recurso do diálogo intertemporal e transdisciplinar. Proponho uma leitura sobre as relações de poder e as relações de desejo de pais-e-filhos(as) permeada de atravessamentos e deslocamentos que percorrerão desde a história da paternidade, a história social e cultural da família no Brasil, a antropologia estruturalista, a genealogia foucaultiana até a psicanálise e a filosofia das afinidades.

Foram os romances que me conduziram a essas duas linhas de hipóteses: 1) as relações de poder e 2) as relações de desejo. Conceber um relacionamento – a busca, a tentativa, o enfrentamento, a aproximação, o diálogo – de pai-filho ou pai-filha sem explicitar esses dois tipos de relações me parece infrutífero, pois, ao falar em pai-e-filho(a), a equação que se lança e o espaço do qual se faz parte é o binômio de presença e ausência. O jogo de forças de presença e ausência e o espaço do entre foram verificados nos romances, mas também fora deles, como as notícias e os dados estatísticos dão mostras. A escolha do *corpus* literário e do que, em consequência, excluiu-se, merece destaque. Integram essa análise²⁹:

²⁸ Ibid., p. 65-66.

²⁹ O projeto inicial também continha: *Quase memória: quase romance* (1995), de Carlos Heitor Cony e *O dia em que matei meu pai*, de Mario Sabino (2004). O livro de Cony, assim como o de João Silvério Trevisan, *Pai, Pai* (2017), acabaram desconsiderados em favor de *Ribamar*, pois este já se apresentava como uma narrativa cujo material biográfico está em primeiro plano e seu diálogo imediato com *Carta ao pai*, de Kafka, responde muitos de meus questionamentos. O romance de Castello foi um dos embriões dessas correspondências, em formato e em conteúdo. Outros dois que merecem nota são *O dribble* (2013), de Sérgio Rodrigues, e *A parede no escuro* (2008), de Altair Martins; este último, por uma questão de múltiplos narradores e diferentes pontos de vista, não

Lavoura arcaica (1975), de Raduan Nassar; *Reunião de família* (1982), de Lya Luft; *Ribamar* (2010), de José Castello; *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa; e *Mar azul* (2012), de Paloma Vidal.

Outra pergunta bem-vinda a respeito do *corpus* é a periodização da literatura brasileira contemporânea e como é possível considerar um livro da década de 1970, como *Lavoura arcaica*, integrando a mesma seara de livros pós-anos 2000. Em consonância à filosofia sobre a contemporaneidade de Giorgio Agamben, Karl Erik Schøllhammer reconhece a dificuldade em adequação e captação – impossível – do próprio tempo, mas enfatiza a característica da literatura que consegue registrar essa estranheza da realidade histórica, essa descontinuidade, percebe as suas zonas marginais e obscuras, apartando-se de uma lógica temporal, comprometendo-se com “um presente com o qual não é possível coincidir”.³⁰ O pesquisador aponta, através de um mapeamento, as correntes e tendências da literatura brasileira, com base em diferentes críticos e teóricos, como Beatriz Resende, Flora Süssekind e Silviano Santiago, por exemplo, a partir dos anos 1970: esta última, a década dos contistas urbanos; 1980, a literatura pós-moderna; 1990, a geração de “transgressores” (computador / internet); Geração “00”, sem um perfil claro, mas é indicada pela convivência dos estilos em multiplicidade e heterogeneidade³¹.

Certos traços, comuns a essas produções literárias, são perceptíveis no transcurso dessas gerações, como as questões estilísticas e a preocupação com a presença performativa do texto e a própria experiência do(a) autor(a). Uma produção que não renega os problemas sociais, o contexto histórico do país, contudo, não exclui a dimensão pessoal, íntima e subjetiva. E foi justamente nessa procura urgente pela inovação estética como alternativa e resposta à situação política do regime autoritário da ditadura civil-militar, bem como na tentativa de focar outros estilos e formas (como os contos curtos), para além do realismo histórico, que surgiram dois importantes marcos na década de 1970, “projetos solitários de grande sofisticação, voltados para um trabalho experimental de linguagem”: Raduan Nassar, com *Lavoura arcaica* (1975) e *Um copo de cólera* (1978), e Osman Lins, com *Avalovara* (1973)³².

se adequou aos critérios. Cabe ressaltar o bom número de romances contemporâneos em que essa temática está contemplada por autoras e autores de diferentes idades e perfis.

³⁰ SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009, p. 10.

³¹ *Ibid.*, p. 17.

³² *Ibid.*, p. 26.

Ao pensar em narrativas e memórias, uma dúvida pulsante me toma: onde estão as histórias de pais falando, narrando, dialogando com e sobre os seus filhos e as suas filhas na literatura brasileira contemporânea? Onde estão esses narradores e esses personagens que têm como assunto o filho? De imediato, recordo-me de *O filho eterno* (2007), de Cristóvão Tezza, e a associação aos fatos biográficos do autor – o filho com síndrome de down – e ao subgênero da autoficção. Lembro de outros exemplos, tais como *Barreira* (2013), de Amílcar Bettega, sobre um pai que procura a filha, e, sem dúvida, *Caderno de um ausente* (2014), da *Trilogia do adeus*, de João Anzanello Carrascoza. Decerto, outros exemplos figuram em uma listagem feita para isso, o que não é o nosso caso, aqui³³.

Talvez, um caleidoscópio fosse uma figura apropriada para pensar em memórias, poderes e desejos. Ainda assim, essa dúvida não me deixa sossegar: por que o pai se mantém objeto de desejo do filho, como esse objeto inacessível e inatingível? Os filhos e as filhas buscam nesse pai uma disponibilidade e reciprocidade ou que ele se transformasse (uma metamorfose como metáfora de identidade) de ser objeto do desejo do filho para ser sujeito do próprio desejo de pai pelo filho? Ao se pensar nas relações de poder, por exemplo, essa manifestação do desejo do filho pelo desejo do pai, poderia se configurar como uma estratégia de resistência e uma forma de, quiçá, romper a dicotomia dominação-submissão clássica (histórica) entre pais-e-filhos(as) e, com isso, investir uma prática de subjetivação ao pai (objetivado)? Ou seria a permanência dessas relações?

Nova inquietação, ainda nesse escopo: nos romances analisados, quando o personagem pai não está presente na narrativa, faz-se ausente fisicamente, ou deixa de estar, o filho ou a filha manifesta sentir com mais efeito a presença (falta) desse pai? Que espécie de relação acontece nessa presença-ausência? Quando o personagem pai está presente fisicamente, quando exerce certa superpresença, uma presença superposta, um excesso de presença pela autoridade paterna inquestionável e violenta, o filho ou a filha expressa sentimentos de temor, paralisia, fragilidade, e segue esperando ou buscando outra presença, desejando, inclusive, que essa superpresença possa diluir-se em alguma ausência – solicitada.

³³ Dessas diversas interrogações sobre as narrativas paternas, o livro que me fez pensar a ideia de um pai com desejo de filho pelo filho foi, sobretudo, *O filho de mil homens* (2012), do escritor angolano Valter Hugo Mãe. O sonho, o desejo, a busca do pescador Crisóstomo em ser pai, estar e integrar uma família com esse filho e com uma mulher, parecem caracterizar um simbólico entre nas produções em que personagens pais expressam-se sobre os filhos e as filhas. Crisóstomo vê-se, sente no corpo, mais do que se imagina, grávido e parindo; Crisóstomo fabrica um boneco para dar conta de seu desejo – ainda que inanimado, o boneco possuía uma fisicidade e presença corpórea. A família retratada no livro não vem de laços biológico-naturais e não está constituída por outra finalidade, senão, o afeto e o amor: um homem com desejo de ser pai, um órfão, Camilo, com desejo de ser cuidado, e uma mulher, Isaura, com desejo de amor pela liberdade de amar e ser amada.

Que relação de poder se estabelece nessas circunstâncias? Pode a ausência fazer-se mais presença do que a presença e a presença estar mais ausente do que a ausência mesma?

[aliás]

Pai, você pode me responder?

Pai, você está me escutando?

Onde você está, pai?

[aliás]

Ao ler *Carta ao pai*, de Franz Kafka, e ao ler *Um pai: puzzle*, de Sibylle Lacan, percebi como esses dois filhos se expressam de modo temeroso, às vezes tímido ou esquivo, diante da palavra a qual pudesse conter, informar e revelar esse sentimento de filho(a). Ou de modo agressivo e intempestivo, quase em uma autodefesa de suas condições de filho(a). Como resposta pela presença superposta, dominadora e despótica do pai, no caso de Kafka. Como inquietação e pergunta pela ausência e negligência, no caso de Sibylle.

As palavras poderiam ser cuidadosa e kafkianamente escolhidas, ou dispersamente (sem tratamento estético) jogadas nas páginas, como atesta Sibylle: elas sofrem igual. A palavra sofre. Nos dois. Para os dois. Porque não há palavra. Tampouco, gesto. Linguagem jamais é ou vai ser suficiente. Linguagem não há. Mas ambos, Kafka e Sibylle, empenharam-se nessa tentativa de expressão do pai pela palavra de filho. De expressão do sentimento de filho pela palavra do pai. De expressão de suas vidas como filhos.

É visível, aos nossos olhares-leitores, como estão arranjadas, nas escrituras desses filhos, as palavras de insegurança e de medo. Também estão arranjadas nas suas palavras a vontade e um desejo de que as coisas pudessem ser diferentes, de que essas relações acontecessem de outro modo, baseadas em outros sentimentos e atitudes, em gestualidades distintas das vivenciadas: “A impossibilidade do intercâmbio tranquilo teve outra consequência na verdade muito natural: desaprendi a falar. (...) logo cedo você me interditou a palavra, sua ameaça: ‘Nenhuma palavra de contestação!’ e a mão erguida no ato me acompanharam desde sempre”³⁴, fala o filho Kafka. O passado é um passado. Jacques Lacan já tinha falecido quando a filha escreveu e publicou seus fragmentos e desejos de filha. Hermann Kafka, ao que tudo indica, não chegou a receber a carta do filho. Uma carta que nunca foi enviada³⁵. Um texto que não pôde ser produzido enquanto o pai, Lacan, estava vivo.

³⁴ KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 22.

³⁵ Esta deveria ser enviada a Hermann Kafka ainda durante a estada do escritor em Schelesen: o objetivo manifesto era menos um desagravo do que uma tentativa de desanuviar o relacionamento com o pai. Evidentemente nada disso aconteceu, em primeiro lugar porque – dado o tamanho da carta – Kafka chegou ao fim da sua licença de saúde em Schelesen sem tê-la terminado (só acabou de escrevê-la em Praga) e em segundo

O primeiro parágrafo de cada um desses textos, abaixo relacionados, sinalizam esse “poder” de um pai e esse “desejo” de um filho. Um poder que é, sim, apreendido, sentido, conhecido, vivenciado no corpo, na fala, na presença e no íntimo desse filho. Como leitores e leitoras (quicá, influenciados por nossas posições de filhos – confesso a minha desde sempre), não temos acesso a uma resposta desses pais, ou a verificação (im)possível dessas informações, pois sabemos quem fala, mas não sabemos – com a certeza empírica dos fatos – se o que se fala condiz com a realidade. Isso pouco importa, essa pretensa veracidade ou checagem factual; nos interessa, todavia, como, aos olhares e palavras desses filhos, os pais concentram, detêm, dispõem e exercem (sobre eles, filhos-as) uma espécie de “poder”. E como eles, filhos, expressam um “desejo” em relação aos pais, a si mesmos como filhos(as) desses pais e nesse relacionamento pais-e-filhos(as) / filhos(as)-e-pais:

Querido Pai:

Você me perguntou recentemente por que eu afirmo ter medo de você. Como de costume, não soube responder, em parte justamente por causa do medo que tenho de você, em parte porque na motivação desse medo intervêm tantos pormenores, que mal poderia reuni-los numa fala. E se aqui tento responder por escrito, será sem dúvida de um modo muito incompleto, porque, também ao escrever, o medo e suas consequências me inibem diante de você e porque a magnitude do assunto ultrapassa de longe minha memória e meu entendimento³⁶.

Quando nasci meu pai já não estava mais lá. Eu até poderia afirmar que, quando fui concebida, ele já estava em outro lugar; já não vivia de fato com minha mãe. Um encontro no campo entre marido e mulher, quando tudo já estava acabado, está na origem de meu nascimento. Sou fruto do desespero, alguns dirão do desejo, mas nesses eu não acredito.

Por que, então, essa necessidade de falar de meu pai, uma vez que foi minha mãe que eu mais e continuo a amar após sua morte, após a morte deles?

Afirmação de minha filiação, esnobismo – eu sou a filha de Lacan – ou defesa do clã Blondin-Lacan diante do clã Bataille-Miller?

Seja lá o que for, nós éramos, minha irmã, que já não vive mais, meu irmão mais velho e eu, os únicos que possuíam o nome Lacan. E é bem disso que se trata³⁷.

Desse modo, também foi possível perceber como essas expressões de “poder” e de “desejo” estavam retratados na perspectiva e nas vozes das narradoras e dos narradores

porque ela nunca foi entregue ao pai. Foi só no fim de novembro de 1919 que bateu o texto a máquina (provavelmente na repartição onde trabalhava, em Praga), deixando, por algum motivo, a última página escrita a mão. Os comentadores acham que Kafka não entregou a carta seja porque Otlá e a mãe – que seguramente a leram – desaconselharam o seu envio ao pai, seja porque o próprio escritor pôs em dúvida o sentido do empreendimento (provavelmente diante da auto-imagem problemática que o texto constrói), desistindo do ato final. De qualquer modo, durante o ano de 1920, Kafka ainda pensava em remetê-la ao velho Hermann, conforme demonstra sua correspondência com Milena, que, ao que tudo indica, teve acesso à carta num dos encontros com o escritor na rota Viena-Praga. CARONE, Modesto. “Uma carta notável – Posfácio”. In. KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 81.

³⁶ Ibid., p. 7.

³⁷ LACAN, Sibylle. *Um pai*: Puzzle. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, p. 15.

autodiegético(as) dos romances selecionados. Em um primeiro momento, identifiquei nos livros em que o personagem pai está presente fisicamente (ou esteve, sobretudo, na infância), a tristeza, o sofrimento, a queixa dos narradores(as) filhos(as) acerca dessa superpresença ou de uma presença superposta, por meio de atitudes e sentimentos predominantemente de violência, autoritarismo e despotismo paternos. São esses pais “ensinaDOR”: os pais que aparecem em *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar; *Reunião de Família*, de Lya Luft (o Professor); e *Ribamar*, de José Castello. Para esses romances, proponho o diálogo com Franz Kafka.

Em *Mar azul*, de Paloma Vida, e *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa, há presenças ausentes e ausências presentes dos personagens pais, seja na forma do abandono paterno (*Mar azul*), seja na forma da busca por um pai desconhecido (*Azul-corvo*). Nesses romances, sobretudo, as personagens-filhas estão empreendendo uma busca interna, manifestando seus “desejos”, estão numa autobusca, numa busca de si mesmas, enquanto buscam os pais (nas memórias, na presença, na viagem, na arte, na escrita, nas novas relações). Para esses romances, proponho o diálogo com Sibylle Lacan.

Azul-corvo vai ser o exemplo de literatura entre – no espaço entre de presença e ausência – que proponho como indicador de uma nova e possível relação de família e de relacionamento pai-e-filho(a), a partir das ideias da filosofia das afinidades e das famílias tentaculares. É preciso ressaltar que esses diálogos não são estanques, fixos ou pré-condicionadores das análises dos romances, pelo contrário, são diálogos fluidos, transpassantes e atravessadores, tendo em vista que um mesmo livro (ou todos) estabelecem conversações entre si e com ambos os autores em seus textos de filhos(a), Franz Kafka e Sibylle Lacan.

As relações de poder e as relações de desejo nesses cinco livros, assim como na família e na sociedade, não estão cindidas ou são auto-excludentes, pelo contrário, acontecem de forma simultânea, estão imbricadas e implicadas nos indivíduos. Apenas efetivei uma espécie de “especificação”, o que não quer dizer separação, nessas nossas cartas, pai, para se compreender melhor os mecanismos de funcionamento e como estão arranjadas. Não há só poder ou só desejo. Há desejo no poder e há poder no desejo. Como já afirmei antes. Um fator que reúne e aparece como elemento em comum em todos os livros, bem como, aos diálogos de Kafka e Sibylle Lacan, é a palavra. O discurso. Seja a palavra na discussão, no enfrentamento, no embate geracional, na transgressão da lei paterna – a palavra disposta oralmente; seja a palavra trabalha na elaboração das relações – a palavra escrita. Enfim, pai, é

por meio da palavra que o relacionamento, o encontro, o desencontro, a luta, o conflito, o diálogo, a verdade, o poder, o desejo e a busca entre pais-e-filhos(as) acontece. É pela palavra, pai. Pela palavra. Palavra, pai.

***[aliás,
as correspondências]***

As nossas correspondências, pai, estão *in media res*. Uma escrita em movimentos de analepses e prolepses: tais como os da narrativa literária; tais como as temporalidades difusas da memória, os fragmentos de imagens, pensamentos, sonhos e desejos; tais como as cartas enviadas pelo correio, a demora, a chegada, o não-envio, a resposta que veio antes da pergunta, a pergunta que não foi formulada. Os percursos em diferentes temporalidades são fundamentais para dar conta dessas histórias: do presente – onde está você *agora* – até onde você *esteve* e *transitou* – para as ideias de um tempo que pode vir – ou que se deseja encontrar. É perceptível que você esteve e está de diferentes modos ao mesmo tempo. Aliás, onde você *não esteve* ou onde você *não está*? A minha voz não é a primeira a chamar você, tampouco é a única. Não será a última.

Na primeira série de correspondências, *Correspondência I: entre relações de poder*, procuro na analítica do poder de Michel Foucault o aporte teórico para se compreender de quais modos e estratégias, em uma microsociedade como a família, acontecem essas relações de poder – quais?. Entender como esse poder, que não é único e nem obedece à maneira dialética hegeliana, é exercido, recebido, questionado, rompido, desejado, buscado, atuado, resistido, liberto, manifesto em atos; como esse micro-poder exposto no nível do cotidiano das relações familiares é sentido e vivenciado nos corpos (esse lugar de dissociação do eu, essa superfície de inscrição dos acontecimentos e de pulverizações, segundo Foucault) dos membros dessa família. Para isso, proponho uma espécie de panorama-histórico (um quase mosaico) a partir dos itinerários onde o pai esteve, onde o pai passou, onde o pai transitou com parcimônia, onde o pai não se demorou, onde o pai não esteve, onde o pai não conseguiu

estar, onde o pai pode estar agora³⁸. Onde e como o pai estabeleceu suas redes de relações de poder na família.

A segunda correspondência acontece na tentativa de entender *quem é você*, pai: *Correspondência II: entre relações de desejo*. Para essa carta, todavia, não poderia me furtar de encontrar as teorias da psicanálise e me afundar nessas relações de desejo, de complexos, de interdições, de pulsões, de sonhos, de gozo e de metáforas. Nessa carta, vou buscar na base da psicanálise, como o pai-criador Sigmund Freud concebe a ideia de pai em conjunto com o desenvolvimento de uma “psicologia das profundezas”. E há psicanálise sem pai? E há psicanálise sem o seu pai, Freud? Ou esse pai também já foi eliminado, posto que está morto? É possível pensar a psicanálise sem pensar em complexo de Édipo, nas relações da neurose e da sexualidade infantil, no mito de *Totem e tabu* e o pai primordial, no parricídio como “fantasma teórico” freudiano (segundo Mezan)?

Pois vou me concentrar, especialmente, nessas três ideias-versões de pai para Freud, o pai em Édipo, o pai *Urvater* da horda primeva, e o pai-líder e onipotente de/em *Moisés e o monoteísmo*. Na sequência, busco na atualização (“retorno freudiano”) de Jacques Lacan às ideias de Freud no que concerne à função paterna como metáfora, no registro dos níveis Real, Simbólico e Imaginário (R.S.I.), no inconsciente estruturado como linguagem, na posterior transformação do Nome-do-Pai e sua pluralização em Nomes-do-Pai³⁹. Por último, acrescento o diálogo de Michel Foucault com a psicanálise, suas críticas e seus posicionamentos. Para Foucault, bem como para Lacan, e já em Melanie Klein, desejo e poder não estão apartados um do outro, como pensava e articulava Freud nos primórdios da psicanálise.

A *Correspondência III: entre relações de poder e relações de desejo* está constituída da análise literária do *corpus* selecionado, conforme comentado e detalhado acima. Já, a *Correspondência IV: aqui estou – CARTA AO MEU PAI*, a **Reunião de Correspondências** e os **Bilhete ao [meu]pai** estão repletos de minha memória, com os meus registros, as minhas escrituras, as minhas lembranças, os meus sentimentos em linguagem no papel e tudo o que eu sou até *aqui*. O que fui durante esse processo de pesquisa, escrita, feitura e elaboração dessas correspondências. Quem eu sou como filha e escritora.

³⁸ Para esse panorama são utilizadas informações de pesquisadores(as) da história, sociologia e antropologia, como Jacques Dupuis, Philippe Ariès, Elisabeth Badinter, Claude Lévi-Strauss, Elisabeth Roudinesco. Em âmbito de Brasil, Gilberto Freyre e Mary Del Priore, por exemplo. Além de informações de relatórios sobre a paternidade, matérias de imprensa, dados estatísticos e depoimentos biográficos.

³⁹ Procuo nos(as) comentadores(as) e pesquisadores(as) o apoio para poder desbravar esses mares (revolto) psicanalíticos, como Colette Soler, Alfredo Zenoni, Juan-David Nasio, Jacques-Alain Miller, Elisabeth Roudinesco, Philippe Julien; no Brasil, Renato Mezan, Antonio Quinet, Christian Dunker, Joel Birman e Maria Rita Kehl. Com isso, evito adentrar nas teorias de Melanie Klein, Winnicott ou Bion.

*[aliás,
Como sobrevivi, pai]*

***[aliás,
as dificuldades]***

O desafio dessas correspondências, pai, é imenso, e não tenho convicção de que alcançaremos com satisfação o que venho propondo. Como venho afirmando, porém, na resistência e na descontinuidade, na ruptura e na insegurança, vim, vou, venho e irei tentar. Tentar o diálogo com você, pai. Tentar o diálogo com as diferentes teorias referidas. Tentar o diálogo com e pela análise literária do *corpus*. Tentar o diálogo a partir das narrativas de filho(a) de Franz Kafka e Sibylle Lacan com as teorias e as análises. Tentar o diálogo de tudo isso com as minhas escrituras, minhas memórias e minha vivência de filha-autora.

Talvez os caminhos tenham chegado demasiadamente tarde. Talvez eu os tenha encontrado em atraso. Talvez não fosse melhor fazer assim. E de acordo com essas escolhas. Talvez. Também não sei e nem saberemos. O que está escrito é para desaparecer. O que eu falo pode não ser. Depois de quatro anos, a sensação é de incompletude e vazio pelo inacabamento, porém, plena de compreensão do que ainda pode vir, de alívio pelas tentativas e de alegria pela escritura ter acontecido, de alguma forma.

A psicanálise é uma área que congrega a *práxis* da clínica com o conceito teórico. Exige, assim, metodologia própria, tendo em vista que, em muitos casos, são as experiências “no divã”, em consultório ou em atendimento, as quais podem revelar a compreensão (e sua aplicabilidade) fundamental de um conceito ou um pressuposto. Assim como a psicanálise, a filosofia e a história, cada qual com sua especificidade, revelam complexidades únicas e demandam estudo e dedicação.

Em diferentes momentos desta pesquisa percebi a angústia em escrever uma palavra e essa palavra em si mesma descrever uma teoria, carregar uma bagagem conceitual, ou ser toda uma rede de pensamentos. Ademais, a mesma palavra tem diferentes acepções, usos e aplicações nas diferentes áreas. Esse é um grave problema de um trabalho transdisciplinar. Como pensar e escrever acontecimento, sonho, desejo, pulsão, desconstrução, poder, estrutura, libido, instinto, complexo, luta, classe, função, sistema, arquivo, genealogia,

representação, sem cair no poço-sem-fundo dos conceitos? Como não cair no poço-sem-fundo da problematização da palavra, da linguagem, da ideia? E de todas as redes que cada uma delas traz consigo?

O signo é arbitrário; a língua é violenta, a língua é fascista; eu sou linguagem; a linguagem é o que nos caracteriza e de que somos constituídos; o inconsciente é estruturado como linguagem; a linguagem é, em verdade, pura exterioridade, um vazio e uma abertura ao infinito, ao que está fora de si; a linguagem, a língua me atropela a cada palavra dessas, se discurso, se literatura, se o sujeito que fala não existe: Saussure, Benveniste, Barthes, Freud, Lacan e Foucault. Todos citados, porém nenhum citado.

Por onde eu vou e com quem eu vou?

Pois que se permitam abrir os envelopes dessas Correspondências. Abrir carta por carta. E abrir a prerrogativa da licença narrativa a essas cartas e que se possa compreender que nem tudo é um “cachimbo” de conceito. Isto não é um cachimbo, mesmo. Interpretação e literatura. Análise e associação. Relações e representações. Também não pode ser uma tese. Não sou eu quem falo. São as minhas palavras. E eu não sou minhas palavras? A linguagem me precede. Essa busca, idem. Utilizo da linguagem com o respeito ao que se separa de mim e o despojamento de que uma correspondência pode atingir alguém. Se vai chegar ao destinatário ou se apenas resquícios de palavras sem mim vão sobreviver? Não sei. Sou a autora das cartas. Mas já desapareci na minha intenção.

Como uma carta ao pai.

Pai?

Pai?

Pai?

Pai?

*Correspondência I:
entre relações de poder*

Papaoutai
Stromae

Dites-moi d'où il vient
Enfin je saurais où je vais
Maman dit que lorsqu'on cherche bien
On finit toujours par trouver
Elle dit qu'il n'est jamais très loin
Qu'il part très souvent travailler
Maman dit "travailler c'est bien"
Bien mieux qu'être mal accompagné, pas vrai?

Où est ton papa?
Dis-moi où est ton papa
Sans même devoir lui parler
Il sait ce qui ne va pas
Ah sacré papa
Dis-moi où es-tu caché?
Ça doit faire au moins mille fois que j'ai
Compté mes doigts

Où t'es, papa, où t'es?
Où t'es, papa, où t'es?
Où t'es, papa, où t'es?
Où t'es, où t'es, où papa, où t'es?

Quoi qu'on y croit ou pas
Y aura bien un jour où on y croira plus
Un jour ou l'autre on sera tous papa
Et d'un jour à l'autre on aura disparu
Serons-nous détestables?
Serons-nous admirables?
Des géniteurs ou des génies?
Dites-nous qui donnent naissance aux irresponsables?
Ah dites-nous qui tient
Tout le monde sait comment on fait les bébés
Mais personne sait comment on fait des papas
Monsieur jesaistout en aurait hérité, c'est ça
Faut l'sucer que son pouce ou quoi
Dites-nous où c'est caché, ça doit
Faire au moins mille fois qu'on a bouffé nos doigts

Où t'es, papa, où t'es?
Où t'es, papa, où t'es?
Où t'es, papa, où t'es?
Où t'es, où t'es, où papa, où t'es?

Où est ton papa?
Dis-moi où est ton papa
Sans même devoir lui parler
Il sait ce qui ne va pas
Ah sacré papa
Dis-moi où es-tu caché?
Ça doit faire au moins mille fois que j'ai
Compté mes doigts

Où t'es, papa, où t'es?
Où t'es, papa, où t'es?

Où t'es, papa, où t'es?
Où t'es, où t'es, où papa, où t'es?⁴⁰



⁴⁰ *Papai, onde está você?*

Diga-me de onde ele vem / Assim saberei para onde estou indo / Mamãe diz que quando você procura bem / Sempre acaba encontrando / Ela diz que ele nunca está muito longe / Que ele vai ao trabalho muitas vezes / Mamãe diz que trabalhar é bom / Bem melhor do que estar em má companhia, certo? / Onde está seu papai? / Diga-me onde está seu papai / Sem nem mesmo precisar falar com ele / Ele sabe que as coisas não vão bem / Oh, bendito papai / Diga-me, onde você está escondido? / Eu já devo ter contado meus dedos pelo menos / Umas mil vezes / Onde está você, papai, onde está você? / Onde está você, papai, onde está você? / Onde está você, papai, onde está você? / Onde está você, onde está você, onde está você, onde está você? / Quer você acredite ou não / Haverá um dia em que não acreditaremos mais / Um dia ou outro, vamos todos ser papais / E de um dia para o outro, desapareceremos / Seremos detestáveis? / Seremos admiráveis? / Apenas genitores ou gênios? / Diga-nos, quem dá à luz aos irresponsáveis? / Oh, só diga-nos quem / Todo mundo sabe como fazer bebês / Mas ninguém sabe como fazer papais / O senhor “sabe tudo”, deve ter herdado, é isso / Isso vem ao chuparmos o dedo ou o quê? / Diga-nos onde eles estão escondidos / Nós já devemos ter comido nossos dedos pelo menos umas mil vezes / Onde está você, papai, onde está você? / Onde está você, papai, onde está você? / Onde está você, papai, onde está você? / Onde está você, onde está você, onde está você, onde está você? / Onde está seu papai? / Diga-me onde está seu papai / Sem nem mesmo precisar falar com ele / Ele sabe que as coisas não vão bem / Oh, bendito papai / Diga-me onde você está escondido / Eu já devo ter contado meus dedos pelo menos / Umas mil vezes / Onde está você, papai, onde está você? / Onde está você, papai, onde está você? / Onde está você, papai, onde está você? / Onde está você, onde está você, onde está você, onde está você?

STROMAE. *Papaouteai*. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=oiKj0Z_Xnjc > Acesso em junho de 2017.

PRIMEIRA CARTA

Pai, onde está você?

Porto Alegre, outono de 2017

Porto Alegre, inverno de 2018

Pai,

Eu não sei se tenho mais medo real de você, ou se tenho mais medo do medo. Ou se o medo que eu sinto é porque você tem tanto medo quanto eu. Você, pai, você não fala sobre o medo. Você não parece sentir medo. No seu semblante, o medo não é visível como é no meu. Por isso, eu não vou esconder o medo que eu sinto de você e por você. Já está em mim e no meu corpo, esse medo. Talvez, você não saiba como pode provocar esse medo com tamanha eficiência. Talvez, você só conheça parte do poder que exerce sobre nós, as filhas e os filhos.

Arrisco dizer que você, pai, às vezes, tem uma visão parcial do poder. Às vezes, você sabe como ninguém a força, as redes e os jogos de força que precisa acionar para espalhar esse poder. Arrisco dizer, porém, que esse é um poder herdado e assimilado, cultural e socialmente, e chegou em você através de várias e várias gerações de pais que sentiam o mesmo medo, e, como você, não falavam ou exibiam esse medo. Não podiam. Silenciados, esses pais transmitiram, pela força, o poder do silenciamento. Um poder inquestionável. Para vocês, pais. Vocês que, um dia, enquanto filhos, questionaram o poder do pai. Pela força do discurso, da linguagem, do corpo, das estruturas psíquicas, pela força da metáfora, pela falta e pelo jogo de presença e ausência, o pai que sentia medo depositou o seu medo (e desejo, angústia, defesa, culpa e sintoma) no medo do filho. E assim se tornou pai. Sem deixar, com isso, de ser filho. E carregar o medo. Medo de pai e medo de filho.

Foi assim?

Vai ser assim?

É assim?

É possível condicionar a um só tempo essas questões?

[aliás]

Essa narrativa do medo de pai e do medo de filho me faz pensar em certas cenas. A primeira delas vem com o quadro de Goya, *Saturno devorando a un hijo*. Como mencionado na **Primeira letra** das correspondências, essa pintura a óleo, pertencente a série de “Pinturas negras” do artista espanhol, retrata o deus Saturno devorando um de seus filhos. Em uma das interpretações possíveis está o temor do pai soberano em perder o seu poder (domínio) e ser destronado pelo filho. Ao se comparar brevemente com o quadro do pintor flamengo Rubens, a partir da mesma cena, em período anterior ao de Goya e, portanto, influência deste, feito entre 1636 a 1638, a expressão de dor e sofrimento pela mordida, de pânico, da criança gritando não deixa dúvidas da relação de forças e do jogo de poder exercido: quem devora quem. Quem tem a força.

No caso da pintura de Goya, o filho já não tem cabeça, logo, sem expressão de sofrimento, é um corpo solto e apenas amparado porque está seguro, preso, entre as mãos de Saturno, este, sim, congrega em seu rosto a expressão de pânico e arrebatamento da cena – do ato – e junto, talvez, a culpa: uma culpa expressa nos olhos de pai. Não por acaso, foi essa a reprodução escolhida por Jacques-Allain Miller como capa da publicação do *Seminário de Jacques Lacan – livro 4: A relação de objeto*, de 1956 -1957. Em uma das leituras apontadas como justificativa estaria o fato de, nesse seminário, Lacan estabelecer um diálogo com o conceito de castração de Freud. Assim, a imagem das duas mãos segurando o corpo inerte representariam “uma dentadura”, como a “boca vazia” do deus, ou seja: a falta. E, através dela, a imagem da “dentadura do cavalo”, mencionada por Lacan como “representação da voracidade da mãe sobre o filho”⁴¹. Sobre essas questões da falta, do objeto e da castração, conceitos-chave da psicanálise, vou tratar na próxima correspondência; aqui, o que interessa é o ato representado pictoricamente do pai devorando o filho.

O pai devora o filho por medo de perder o seu domínio. O pai tem, diante de si, o corpo do filho e sua única ação é devorar o corpo desse filho. Para não ser devorado por ele. A mitologia e a repetição: Saturno (Cronos), com a ajuda da mãe, Terra (Gaia), feriu o pai, Caelus – Céu (Urano), e se apossou do poder. Devorava cada filho recém-nascido por receio de um oráculo que, obviamente, é proferido para ser cumprido. Saturno é destituído de seu poder por Júpiter (Zeus), o filho responsável pela transgressão, e é expulso do céu (Olimpo). No final, ele vai reinar na região do Lácio, na mitologia romana, enquanto Cronos vai

⁴¹ ARAÚJO, Maria Noemi de. *Qual a origem da imagem de Saturno na capa de O seminário, livro 4: a relação de objeto?* Opção Lacaniana online. Ano 1, número 3. Novembro, 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_3/de_onde_vem_figura_saturno.pdf> Aceso em julho de 2018.

governar os Campos Elíseos, na equivalente grega. Tal qual o sacrifício de Isaac por Abraão, o filho está “naturalmente”, seja pela prerrogativa e condição da lei divina ou pela lei dos homens – de direito –, pronto para o sacrifício. E só quem pode cometê-lo é o pai, esse que tem em suas mãos o poder da(r) vida e da(r) morte ao filho. Abraão, por medo, obediência e tenência a Deus – “o pai” –, sendo ele também um filho, assim, cometeria o filicídio.



Saturno devorando a su hijo
Francisco de Goya (1820 – 1823)
Reprodução *Museo del Prado*



Saturno devorando a su hijo
Peter Paul Rubens (1636 – 1638)
Reprodução *Museo del Prado*

A segunda e a terceira cenas, pai, estão mais próximas de nós e vêm da literatura brasileira contemporânea. Um pai, cujo poder tirânico e despótico, tal qual um deus olímpico, utiliza-se da força física para violentar o corpo de um filho: o personagem “professor” agride com um tapa o ouvido do filho, Renato, no livro *Reunião de família* (1982), de Lya Luft. Um pai, talvez pela impossibilidade, talvez pelo medo, não sabemos, deixa a filha na casa de sua amiga do colégio, junto a mãe desta, e muda-se de cidade, de país, não retorna, não volta para buscá-la, não diz o porquê. Apenas vai embora. Esse é o pai apresentado no livro de Paloma Vida, *Mar azul* (2010).

As duas cenas repercutem tipos diferentes de “devoração” dos filhos: pelo poder e o medo de e do pai. Localizadas no tempo, indicam determinado *modus operandi* do controle pelo pai dos corpos (corpo: esse dispositivo atravessado pelo poder e como superfície de inscrição dos acontecimentos⁴²) e das vidas das filhas e dos filhos. Se o pai não morde, mastiga e engole o filho como Saturno, exerce seu controle pela força física, pela estratégia do discurso ou pelo jogo de estar e não-estar. No contexto das relações familiares, essas características sobressaem-se repetida e efetivamente: os jogos de dominação e submissão, pelo medo e a obediência, pelo respeito e a autoridade, pelo mandato da presença e pela privação da ausência. Essa repetição não é uma prerrogativa do imaginário literário ou do simbolismo mitológico, mas vem de um processo repleto de constâncias e rupturas na história. E produz, assim, discursos, saberes, poderes e verdades.

Será que essas relações entre pais “devoradores” e filhos “devorados” é o modo de se pensar e compreender o exercício do poder nas famílias? Esse poder de cima para baixo, hierárquico e intransferível? Essa é a “verdade” produzida e apreendida? O que interessa nessa relação de poder é o pai devorando o filho por medo do filho devorá-lo posteriormente, em uma circularidade e jogo de forças? Nesse caso, pouco faria diferença quem está de qual lado, se o pai ou o filho, pois a posição pode se inverter. Então, o que, de fato, interessa é a ideia própria da “devoração” e como essa ideia-imagem está associada à paternidade. Ou como a paternidade é, ela mesma, símbolo e imaginário da devoração. Interessa como a devoração, no sentido da dominação e do controle, foi arranjada, a partir de uma série de produção de discursividades, um conjunto de dispositivos, uma reunião de estratégias, táticas e práticas; em suma, com base em saberes e poderes, e, assim, transformou-se em uma verdade “verdadeira” sobre a paternidade e as relações pais-e-filhos(as).

É verdade que o pai passou a existir historicamente, com data de nascimento (a descoberta científica situa no Neolítico), figurino, códigos e mise-en-scène próprias. A verdade, segundo Foucault⁴³, não existe fora do poder, ou sem o poder, é produzida no cerne do poder em face de múltiplas coerções, agindo e provocando efeitos regulamentados de poder. Esse poder que é, sobretudo, disciplinar e é múltiplo, não tem como função a

⁴² O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência está, portanto, no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado com a história e a história arruinando o corpo. *Nietzsche, a genealogia do poder*. In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001, p. 15.

⁴³ *Verdade e poder*. In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

proibição, a censura ou a exclusão, contudo, inversamente às decorrências negativas, produz efeitos positivos, desde a esfera do desejo e a esfera do saber⁴⁴. O poder, portanto, em sua microfísica, nada mais é do que uma “tempestade”, uma zona de instabilidade com variadas intensidades e graus de impacto, dividindo-se em macro-poder (aquele poder central, identificado com o aparelho estatal, apartado superior e geograficamente do tecido social) e micro-poder, este que está no nível do cotidiano, espalhado em redes (capilaridades) e por todas as direções da sociedade.

Tal como o poder, a verdade não é única e nem atemporal, pois cada sociedade tem seu regime de verdade: “os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro”⁴⁵. Para tanto, a verdade e o poder não estão compreendidos, apenas, em uma equação dialética hegeliana, e sim pela complexidade própria que engendram; são engendrados, produzem consequências e transformam o tecido social.

Faz-se necessário pormenorizar certos aspectos da genealogia do poder e da importância que Michel Foucault concedeu e concebeu aos micro-poderes e às instâncias que eram, antes, coadjuvantes em função de uma hermenêutica do poder, sobretudo, vinculada ao aparato estatal e à ideologia. Desse modo, o poder acontece em atos, o exercício do poder está nas ações de “uns” sobre os “outros”, pois não é um bem, uma coisa, um objeto do qual se detém e não pertence a alguém específico, ou a uma classe de indivíduos “dominantes” (o que pressupõe a classe de indivíduos “dominados”)⁴⁶. O poder, todavia, ocorre nas relações entre sujeitos, sejam esses individuais ou coletivos; a partir do entrecruzamento de práticas (tecnologias, instrumentos, dispositivos), saberes (discursos, enunciados), instituições e com finalidades de manutenção, acumulação, produção, reprodução, estimulação, etc.

O poder e o saber mantêm implicações e efeitos mútuos, pois o poder está na base da produção de um saber, este que se organiza a fim de garantir e reforçar os mecanismos para a

⁴⁴ *Poder-corpo*. In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

⁴⁵ *Verdade e poder*. In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001, p. 7.

⁴⁶ Para fazer uma análise não econômica do poder, de que, atualmente, dispomos? Acho que se pode dizer que dispomos realmente de muito pouca coisa. Dispomos, primeiro, da afirmação de que o poder não se dá, nem se troca, nem se retorna, mas que ele se exerce e só existe em ato. Dispomos igualmente desta outra afirmação, de que o poder não é primeiramente manutenção e recondução das relações econômicas, mas, em si mesma, primariamente, uma relação de força. FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 21.

consolidação desse poder, funcionando como uma engrenagem sua. Ressalta-se que, ao saber, o filósofo de Poitiers inclui os “saberes sujeitados”, aqueles anteriormente desqualificados, descontínuos, tratados como inferiores, o “saber das pessoas” (desde os doentes e os enfermeiros e médicos, em detrimento às instituições de saber científico), esse saber particular, as memórias locais, os saberes não legitimados, “não conceituais”, contrários à teorização hierárquica, à ordenação em nome de um “conhecimento verdadeiro” e de uma ciência que seria apenas domínio de poucos⁴⁷.

Nas pesquisas genealógicas, os saberes eruditos e os saberes locais, estes ressurgidos pela crítica por meio da própria erudição, numa “reviravolta de saberes”, estão em consonância, acoplados: um bloco de saberes históricos de lutas que concilia a “redescoberta exata das lutas” com a “memória bruta dos combates”⁴⁸. Conforme Deleuze, há diferença heterogênea de natureza entre o poder e o saber, com a primazia de um sobre o outro, porém, sem desconsiderar as reciprocidades. O saber aparece, assim, sob a maneira de substância, matéria formada, e condicionado a duas características vitais: ver e falar, luz e linguagem; já o poder, por sua vez, não está amparado em uma forma, mas em uma flexibilização de pontos singulares e forças:

Entre o poder e o saber, há diferença de natureza, heterogeneidade; mas há também pressuposição recíproca e capturas mútuas e há, enfim, primado de um sobre o outro. Primeiramente diferença de natureza, já que o poder não passa por formas, apenas por forças. O saber diz respeito a matérias formadas (substâncias) e a funções formalizadas, repartidas segmento a segmento sob as duas grandes condições formais, ver e falar, luz e linguagem: ele é, pois, estratificado, arquivado, dotado de uma segmentaridade relativamente rígida. O poder, ao contrário, é diagramático: mobiliza matérias e funções não estratificadas, e procede através de uma segmentaridade bastante flexível. Com efeito, ele não passa por formas, mas por pontos, pontos singulares que marcam, a cada vez, a aplicação de uma força, a ação ou reação de uma força em relação às outras, isto é, um afeto como “estado de poder sempre local e instável”⁴⁹.

Para que o poder se efetive, a condição fundamental é a liberdade. Não há ação de poder se a liberdade for renunciada, tendo em vista que não é da ordem do consentimento, não há transferência de direitos, poderes delegados, trocados ou devolvidos, não há, em sua constituição, uma declaração de consenso. Por outro lado, não há impeditivo para que a permissibilidade seja um requisito dessa relação⁵⁰. Tais condições, no entanto, não foram

⁴⁷ Ibid., p. 12-13.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005, p. 81.

⁵⁰ FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. “Posfácio”. In. DREYFUS, Hubert L. RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 243.

imediatamente descritas por Foucault desde o início das pesquisas. Diretrizes foram tomadas e compreendidas nessa analítica, desde o estudo do poder em âmbito político, das relações econômicas, do edifício jurídico do direito, do poder soberano, da produção de verdades, do poder como enfrentamento bélico até as noções de biopolítica e de governamentalidade. O poder, portanto, institucionaliza uma série de normas, regras e produz os efeitos de verdades de cada sistema e época: são verdades como normas, como, por exemplo, no poder dos discursos verdadeiros e nas regras (leis) do direito.

Na Idade Média, o poder estava atrelado ao quadro jurídico da soberania, ao poder tradicional dos reis absolutistas e da Igreja, sendo reconhecido pelos signos de fidelidade, das propriedades e dos bens; bem como, pelo poder pastoral e o mecanismo da confissão. Esse poder vai se transformar entre os séculos XVI e XVIII com o surgimento das “disciplinas”, organizando-se através das ideias de produção e de prestação, sob o signo do controle, integrando-se, em definitivo, aos corpos dos indivíduos, em seus gestos e em suas vidas: os poderes disciplinares. O poder passa, então, a ser assimilado pelo exercício dos biopoderes, da biopolítica⁵¹: a administração das populações pela higiene, pela sexualidade, pela saúde, pela escolarização, pela demografia, etc.

É na década de 1970 que Foucault vai concentrar a leitura e analítica do poder a partir da vigilância, sobremaneira com os estudos de *Vigiar e punir* e a constituição dos sistemas penais nos séculos XVIII e XIX no ocidente. O poder era convencionalmente entendido e tomado pela função do “não” e da “proibição”, conforme a psicanálise vai apontar (Freud, bem como Marcuse e Reich alinhando psicanálise e marxismo) na constituição do inconsciente baseado em relações de poder; no papel do pai; na elaboração do desejo; na interdição das práticas masturbatórias (uma epidemia do século XVIII nas famílias burguesas); nos conceitos freudianos de recalque, repressão e de censura; além dos “fenômenos de exclusão, de histericização, de obliteração, de segredos, de esquecimento”⁵².

As interpretações de Freud, segundo o filósofo, estão marcadas pela disciplina dominante, pelo viés do negativo; semelhante ao marxismo no nível da ideologia: como se o

⁵¹ O termo “Biopolítica” designa a maneira pela qual o poder tende a se transformar, entre o fim do século XVIII e o começo do século XIX, a fim de governar não somente os indivíduos por meio de um certo número de procedimentos disciplinares, mas o conjunto dos viventes constituídos em população: a biopolítica - por meio dos biopoderes locais - se ocupará, portanto, da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade etc., na medida em que elas se tornaram preocupações políticas. REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005, p. 26.

⁵² FOUCAULT, Michel. *Op. Cit. MOTTA, Manoel Barros. “Apresentação”. Ética, sexualidade, política. Ditos e escritos volume V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. XLI - XLII.*

sujeito fosse dotado de consciência a qual o poder dominaria⁵³. As técnicas de vigilância e as de punição, por sua vez, surgiram em consonância ao capitalismo, e o poder tem, então, na produção, intensificação e multiplicação o seu mecanismo principal.

O deslocamento dos pressupostos de exclusão e repressão se dá no entendimento de que é no interior das disciplinas a busca por regulamentação, normatividade e a integralidade ao exemplo de utilidade e funcionalidade – os corpos “dóceis e úteis”. Assim, estabelece-se a matriz do poder alicerçada ao belicismo, às lutas, aos confrontos e à guerra, situando o binômio entre dominação-repressão ou guerra-repressão (lutas e submissões), distanciando-se, assim, da conceituação liberal-marxista, cujo modelo estava no esquema jurídico do poder soberano contrato-opressão. Nesse ínterim de uma matriz bélica, as lutas se fazem constantes e estão localizadas desde as mínimas relações entre os corpos dos indivíduos, gerando, simultaneamente, a força e a resistência, o poder e o contra-poder.

Essa luta, porém, não é uma luta exclusiva de um sujeito individual ou classe contra grandes instituições, são disputas plurais e cotidianas de resistência aos modos de subjugação e subjetivação que se encontram desde as estruturas familiares, escolares, hospitalares, até nos condomínios e nas cidades. Assim como a liberdade é condição ao poder, a resistência é fundamental ao confronto, pois, diante da relação de forças há estratégias de luta, há encadeamentos indefinidos e inversões sucessivas. Nesse conflito de adversidades, abrem-se os espaços para os mecanismos de poder e as transformações que precisam ser entendidas na história das lutas e na história mesma desses mecanismos⁵⁴.

Para Foucault, a finalidade das lutas é, antes de tudo, enfrentar uma técnica, uma forma de poder, para, assim, chegar nas grandes esferas sociais. Ele identifica três tipos de lutas empreendidas, talvez com predominância de uma mais do que das outras, porém mescladas: luta contrária às formas de dominação, seja étnica, social e religiosa; luta contrária às formas de exploração que afastam os indivíduos de suas produções; e luta contrária ao que vincula esse indivíduo a si mesmo (identidade) e o submete aos outros – são as chamadas lutas contra a sujeição: as formas de subjetivação e de submissão.

Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que caracteriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. E uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados

⁵³ *Poder-corpo*. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

⁵⁴ FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. “Posfácio”. In: DREYFUS, Hubert L. RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 248.

para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso a sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a⁵⁵.

Compreender as relações de poder a partir do enfrentamento, da luta e da resistência, também seria uma maneira de assimilar um poder homogêneo, reduzi-lo às máximas de interdição e de transgressão, e não levar em consideração suas multiplicidades. A análise do poder, em termos de libido, conforme Foucault, manteve-se atrelada a essa noção estritamente jurídica, baseada na concepção das alianças, dos contratos sociais, da soberania. Disso resulta uma dupla “subjetivação”: de um lado continua-se erguendo a figura do “grande Sujeito absoluto”, aquele que exerce o poder, “soberania do pai, do monarca, da vontade geral”, seja esse sujeito real, imaginário ou simplesmente jurídico; enquanto, do outro lado, encontra-se quem está submetido a esse poder, assujeitado, coagido a dizer “sim” ou “não”. O direito, por sua vez, não deve ser encarado como “verdade” ou “álibi” do poder, mas como seu instrumento, e não como método de repressão. Tal qual o entendimento da sexualidade⁵⁶.

Na contemporaneidade, porém, as relações de poder tendem a assumir outras marcas, como a luta contra os modos de sujeição e de submissão da subjetividade, cada vez mais urgentes, apesar de as lutas contrárias às formas de dominação e exploração seguirem em pauta⁵⁷. A problemática em esferas política, ética, social e filosófica da atualidade estaria vinculada às tentativas de libertação tanto do Estado (e instituições do Estado), quanto, principalmente, do modo de individualização que acontece. Uma alternativa a favor de nova subjetividade: pela recusa dessa individualidade, ao mesmo tempo, coletivizante e totalizadora, própria às estruturas do poder moderno. Assim, propõe-se que se pense no objetivo como uma “recusa” ao que somos e não como uma descoberta do que somos⁵⁸.

Nesse sentido, apontam-se as mudanças ocorridas, por exemplo, no tratamento e investimento dos corpos pelo poder, levando-se em conta que, do século XVII até o início do XX, essa investida acontecia de maneira densa, rígida, constante e meticulosa, como indicam os regimes disciplinares ferozes de escolas e aparatos militares, dentre outros. Foi a partir dos anos 1960 que se constatou a necessidade de descontinuar toda essa rigidez, pois as

⁵⁵ Ibid., p. 235.

⁵⁶ *Poderes e estratégias*. In. FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e escritos volume IV. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 249.

⁵⁷ Podemos dizer que todos os tipos de sujeição são fenômenos derivados, que são meras consequências de outros processos econômicos e sociais: forças de produção, luta de classe e estruturas ideológicas que determinam a forma de subjetividade. Sem dúvida, os mecanismos de subjetivação não podem ser estudados fora de sua relação com os mecanismos de exploração e dominação. Ibid., p. 236.

⁵⁸ Ibid., p. 239.

sociedades industriais poderiam estabelecer um tipo de poder mais flexível e produtivo sobre os corpos dos indivíduos⁵⁹.

De mesmo modo, aconteceu com a autoridade paterna e dos pais na família, que, há quatro ou cinco séculos, exerciam pleno controle e dominação sobre os corpos e comportamentos (vidas) dos filhos e filhas, por meio da obediência (se esse mecanismo se quebrava, a sociedade sucumbia). Todavia, essa autoridade se alterou profundamente em face de indivíduos cada vez mais diferentes, diversos, independentes e não mais submetidos às disciplinas rigorosas. Apesar de as classes dirigentes ainda se manterem sobre o pilar da antiga técnica, é proeminente a ideia, no futuro, de uma sociedade sem disciplina⁶⁰.

É nesta última etapa de suas pesquisas que Foucault designa o poder a partir das relações de governo, de conduta e de ordenação, identificando-o com base na governamentalidade. Com isso, deixa-se de vincular estritamente às questões da violência, das lutas e da guerra, para situar o poder como um conjunto de ações sobre as ações possíveis dos outros, operando no campo onde estão inscritos os comportamentos dos sujeitos. Passa-se a considerar a ideia de “conduta” (por meio de mecanismos de coerção); bem como da ordem do “governo”, entendida conforme o século XVI (“Ele não se referia apenas às estruturas políticas e à gestão dos Estados”), os modos de conduzir os indivíduos e /ou grupos (“governo das crianças, das almas, das comunidades, das famílias, dos doentes”) e não propriamente pelo afrontamento de dois adversários e nem da conexão de um em relação ao outro: “O modo de relação próprio ao poder não deveria, portanto, ser buscado do lado da violência e da luta, nem do lado do contrato e da aliança voluntária (que não podem ser mais do que instrumentos); porém, do lado deste modo de ação singular – nem guerreiro nem jurídico – que é o governo”⁶¹.

[aliás]

Então, pai, tendo em perspectiva as considerações acima a respeito das relações de poder, e pensando, sobretudo, a ideia de Foucault sobre a “historicização do nosso próprio olhar” (consciência histórica) e *a partir do que nós não somos mais*⁶², sem, assim,

⁵⁹ *Poder-corpo*. In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

⁶⁰ *A sociedade disciplinar em crise*. In. FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e escritos volume IV. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 268.

⁶¹ FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. “Posfácio”. In. DREYFUS, Hubort L. RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 243-244.

⁶² O tema da história como interrogação sobre as transformações e sobre os acontecimentos está estreitamente ligado àquele da atualidade. Se a história não é memória, mas genealogia, então a análise histórica não é, na

aludir ao passado como método para resolver e solucionar as problemáticas do presente, proponho a incursão nesse panorama (mosaical) a respeito do pai e da paternidade em nível ocidental e no Brasil⁶³. A pluralidade de informações e as diferentes fontes, desde a(s) (H)história(s), notícias e matérias de imprensa, dados estatísticos até depoimentos biográficos, congrega diversas produções discursivas⁶⁴ e não-discursivas, como projetos de governo, dentre outros.

É nesse sentido que se pode compreender como os enunciados, as práticas, os dispositivos e as experiências, afinal, corroboram a engendrar, produzir e reproduzir (repercutir) certos enunciados-padrão em diferentes épocas: o pai presente e o pai ausente, assim como os programas criados pelo governo para incentivar a paternidade participativa e os “pais cuidadores” em detrimento à “cultura do abandono paterno”. Compreender como as formas de dominação (e as devorações) de pais e de resistência de filhos(as) marcadamente arranjadas nessas relações também sofreram alterações, pois o jogo de dominação e castigo, por um lado, e de luta e enfrentamento, por outro, vem sendo substituído por alternativas de subjetivação desses papéis-funções paterno-filiais: como denota a própria nomenclatura de pais nutridores. Foram necessários diferentes investimentos de poder e de estratégias nessas relações múltiplas, tanto do pai como do filho, além das outras instâncias familiares, para reorganizá-las e ressignificá-las, a ponto de se produzirem e nomearem novos significantes e novas identidades.

Me acompanha, pai?

Pai?

Pai?

[aliás]

verdade, senão a condição de possibilidade de uma ontologia crítica do presente. Essa posição deve, entretanto, evitar dois obstáculos - que correspondem, de fato, às duas grandes objeções que foram feitas a Foucault durante sua vida, concernentes à sua relação com a história -: a utilização de uma busca histórica não implica uma “ideologia do retorno” (Foucault não se ocupa da ética greco-romana a fim de dar um “modelo a seguir” que se trataria de atualizar), mas uma historicização de nosso próprio olhar *a partir do que nós não somos mais*; a história deve nos proteger de um “historicismo que invoca o passado para resolver os problemas do presente”. REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005, p. 60-61.

⁶³ Para fins metodológicos, as relações de poder do pai na família (e na família no Brasil) serão concentradas numa carta exclusiva, na sequência: **SEGUNDA CARTA: Pai, onde está você na família?**

⁶⁴ O discurso designa, em geral, para Foucault, um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns. Essas regras não são somente linguísticas ou formais, mas reproduzem um certo número de cisões historicamente determinada (por exemplo, a grande separação entre razão/ desrazão): a “ordem do discurso” própria a um período particular possui, portanto, uma função normativa e reguladora e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias e de práticas. *Ibid.*, 37.

**[aliás: Onde está você,
pai?]**

Em 2015 foi lançado o relatório “A situação da paternidade no Mundo” (*State of the World’s Fathers*), uma campanha global da *MenCare – A Global Fatherhood Campaign* sobre a paternidade e o cuidado, com base nos resultados da *International Men and Gender Equality Survey – IMAGES* (“Pesquisa Internacional sobre Homens e Equidade de Gênero”)⁶⁵. Conforme este relatório, cerca de 80% dos homens serão pais biológicos em algum momento de suas vidas. Mas ser pai biológico não implica necessariamente em participação e cuidados com a criança.

Os resultados da pesquisa apontam, por um lado, que os homens têm procurado se envolver nos cuidados, na criação e educação das filhas e dos filhos. Porém, em nenhum lugar do mundo, este cuidado se iguala ao das mulheres: elas continuam representando 40% da força de trabalho formal e ainda assim realizam de duas a dez vezes mais trabalhos domésticos e cuidados com as crianças do que os homens. Em 2017 foi divulgado o segundo relatório: “A situação da paternidade no mundo: Tempo de agir”: “Estima-se que, de acordo com os índices atuais do progresso global, a igualdade entre homens e mulheres levará 75

⁶⁵ Segundo informações do site, a campanha tem difundido mensagens midiáticas sobre o impacto positivo do cuidado com igualdade de gênero e não-violento e das mudanças nas normas sociais e atitudes sobre paternidade através da elaboração e adaptação de filmes, vinhetas, pôsteres e programas de rádio adaptadas a contextos distintos. Atualmente, *MenCare* está presente em mais de 25 países, em cinco continentes e alcançou cerca de 250.000 pessoas, sendo coordenada globalmente pelo Promundo e pela Sonke Gender Justice. (...) *MenCare* é uma iniciativa de código aberto (*open-source*) e está estruturada para que seus parceiros e condutores possam usar um ou vários dos seus componentes, adaptando elementos de comunicação da campanha, ações prioritárias para influenciar políticas, instrumentos, programas e atividades. No Brasil, a versão brasileira da campanha *MenCare*, “Você é meu Pai”, foi lançada em 2012, com uma exposição itinerante, composta por fotos e histórias de paternidades de artistas e homens comuns, que já esteve presente no Ministério da Saúde, em Brasília e em diversas unidades de saúde no Rio de Janeiro. (...) Uma nova metodologia para envolver homens, sensibilizar profissionais e mobilizar comunidades foi lançada em 2012, o “Programa P” (P de pai, em português e padre, em espanhol). O manual P traz uma série de referências para estimular o envolvimento de pais desde a gravidez até a primeira infância de seus filhos. Resultados qualitativos da implementação do “Programa P” já indicaram mudanças positivas nas vidas de homens e suas famílias no Sri Lanka e na Nicarágua. “O Programa P” está sendo adaptado ou em fase piloto na Índia, África do Sul, Ruanda, Indonésia, Brasil, entre outros países. (...) Em 2015, a iniciativa *MenCare* lançou o primeiro relatório, *State of the World’s Fathers* (“A situação da Paternidade no Mundo”), que busca definir objetivos e diretrizes específicos e globais que os parceiros *MenCare* podem adaptar e usar nos seus próprios contextos. O relatório pode ser acessado nos sites <http://promundo.org.br> ou <http://sowf.men-care.org>. SITUAÇÃO DA PATERNIDADE NO MUNDO. RESUMO E RECOMENDAÇÕES, p. 2-10. Disponível em <<https://promundo.org.br/programas/mencare/>> Acesso em junho de 2018.

anos para acontecer. É evidente que a transformação é lenta demais. O tempo de agir é agora”⁶⁶.

Estão, dentre as conclusões e recomendações informadas no relatório mundial de 2015: o crescente envolvimento dos pais e o interesse expresso por muitos deles de que gostariam de passar mais horas com as filhas e os filhos e menos horas trabalhando; a preocupação legal e política com a licença paternidade; a promoção do cuidado desses pais (paternidade não-violenta) alinhada à prevenção e interrupção dos ciclos de violência dentro e fora da família (pesquisas abordam que a violência doméstica é comumente transmitida de uma geração para outra); os benefícios econômicos da licença parental igualitária e remunerada, tanto no setor público como no privado (compartilhada por ambos os genitores), e da maior efetividade da participação feminina no mercado de trabalho possibilitaria aumentos e ganhos reais (consequência da equidade e paridade de trabalho formal e doméstico entre os genitores e das transformações sociais); reconhecimento e apoio à diversidade das formas de cuidado entre os homens ⁶⁷.

Na esteira dessas iniciativas, foi publicado no Brasil, em 2016, em uma ação conjunta de diferentes organismos e institutos⁶⁸, o relatório “Situação da paternidade no Brasil”. A publicação foi organizada por eixos temáticos como “Paternidade e saúde”, “Paternidade e mundo do trabalho”; “Paternidade e diversidade”, “Paternidade e primeira infância”, etc.

⁶⁶ O relatório pode ser acessado no site *Promundo*. SITUAÇÃO DA PATERNIDADE NO MUNDO: TEMPO DE AGIR SUMÁRIO EXECUTIVO, p. 8. Disponível em: <<https://promundo.org.br/recursos/situacao-da-paternidade-no-mundo-2017>>. Acesso em junho de 2018.

⁶⁷ Os dados da pesquisa internacional *Homens e Igualdade de Gênero (IMAGES)* mostram que a maioria dos pais (variando de 61% na Croácia a 77% no Chile) relata que trabalharia menos se pudesse passar mais tempo com seus filhos e filhas. Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos constatou que 46% dos pais disseram que não estavam passando tempo suficiente com seus filhos e filhas, em comparação com 23% das mães. (...) Estudos realizados em países de alta renda sugerem que 45 a 70% das crianças cujas mães sofrem violência também sofrem abuso físico. Pesquisas confirmam que algumas formas de violência – em particular a violência dos homens contra as mulheres – são frequentemente transmitidas de uma geração para a outra. Dados de oito países indicam que homens que testemunharam suas mães serem espancadas por um parceiro do sexo masculino quando eram crianças, são aproximadamente duas a duas vezes e meia mais propensos a usarem violência contra a parceira, quando adultos. (...) Crianças, mulheres e homens se beneficiam quando pais usufruíram da licença paternidade. Enquanto a licença maternidade é atualmente oferecida em praticamente todos os países, apenas 92 países oferecem o direito de licença paternidade; em metade desses países, a licença é inferior a três semanas. Estima-se que, se as mulheres participassem do mercado de trabalho na mesma proporção que os homens, o produto interno bruto (PIB) dos Estados Unidos poderia aumentar em 5%, do Japão em 9%, dos Emirados Árabes Unidos em 12 % e do Egito em 34%. (...) Programas e políticas devem ser concebidos de modo que reconheçam e respondam às necessidades das diversas configurações de família, incluindo pais solteiros, pais adotivos, pais gays, e pais adolescentes. SITUAÇÃO DA PATERNIDADE NO MUNDO. RESUMO E RECOMENDAÇÕES, p. 2-10. Disponível em <<https://promundo.org.br/programas/mencare/>> Acesso em junho de 2018.

⁶⁸ Dentre os quais destacam-se o Instituto Promundo, o Instituto Papai, o Comitê Vida, a Coordenação Nacional de Saúde dos Homens do Ministério da Saúde e o Grupo de Trabalho Homens pela Primeira Infância da Rede Nacional Primeira Infância. SITUAÇÃO DA PATERNIDADE NO BRASIL. 1.ª Edição. Rio de Janeiro: Instituto Promundo. Disponível em: <<https://promundo.org.br/recursos/situacao-da-paternidade-no-brasil/>>. Acesso em junho de 2018.

Alguns desses dados corroboram os do relatório em nível mundial como a questão da disparidade de gênero em função da distribuição de trabalho doméstico e a inserção das mulheres no mercado profissional. Conforme o *Global Gender Gap Report* (Relatório Global sobre Disparidade de Gênero), de 2014, a desigualdade de gênero no Brasil é uma das mais altas, tendo em vista que o país ocupa a posição 71 dentre 142 países analisados⁶⁹.

A realidade acadêmica também se modificou⁷⁰ e o número de trabalhos sobre a paternidade cresceu em proporção e em pluralidade. Segundo pesquisadores, a partir dos anos 2000⁷¹ se observou um crescimento, inclusive de vários estudos de revisão de publicações, principalmente nas ciências humanas e nas áreas da saúde. É perceptível uma maior quantidade de trabalhos nos campos do Direito (reconhecimento judicial de paternidade, Licença Paternidade) e da Psicologia (constituição de famílias, impactos da paternidade), mas também em Medicina e Enfermagem (saúde do homem e benefícios do acompanhamento paterno em pré-natal). De acordo com as autoras e os autores de “Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos”⁷², esses dados indicam o reflexo da maior participação do pai em ambiente familiar, em contraponto aos perfis de pais encontrados nas décadas anteriores:

Conforme Oliveira e Silva (2011), há um crescimento, a partir de 2004, no número de estudos que tratam do pai ou que, pelo menos, descrevem suas especificidades na literatura das ciências humanas e da saúde no Brasil. O estudo de revisão de publicações científicas sobre o tema paternidade entre os anos de 2000 a 2007 de Souza e Benetti (2009) destaca, além do crescimento do interesse pelo estudo da figura paterna, a pluralidade de contextos e situações associadas à temática. As autoras ressaltam que as pesquisas encontradas foram unânimes na compreensão da importância do envolvimento e participação masculina no cuidado dos filhos e

⁶⁹ SITUAÇÃO DA PATERNIDADE NO BRASIL. 1.ª Edição. Rio de Janeiro: Instituto Promundo, p. 27 Disponível em: <<https://promundo.org.br/recursos/situacao-da-paternidade-no-brasil/>>. Acesso em junho de 2018.

⁷⁰ Segundo o artigo citado no relatório de 2016, durante o período de 1985 até 1995 se registrou “um expressivo número de estudos acadêmicos sobre família, maternidade e relação mãe-filho(a), sendo que, à época, quase nenhum enfoque era dado à paternidade e ao envolvimento dos homens no cuidado das crianças. In. LYRA, J.; RIDENTI, S. *Mãe presente, pai ausente? Reflexões preliminares sobre as funções parentais nos anos noventa*. Minas Gerais, 1996. Idem. p, 29.

⁷¹ Para se ter uma ideia quantitativa das publicações, segundo o artigo “Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos”, de autoria de Mauro Luís Vieira, Carina Nunes Bossardi, Lauren Beltrão Gomes, Simone Dill Azeredo Bolze, Maria Aparecida Crepaldi e Cesar Augusto Piccinini, a partir de uma pesquisa realizada entre os anos 2000 até 2012, em revistas brasileiras indexadas nas bases IndexPsi, SciELO e PePSIC: Foram encontrados 1.447 trabalhos. O descritor “pai” apresentou o maior número de publicações (1.027), sendo 560 no SciELO, 255 no IndexPsi e 212 no PePSIC. Com o termo “paternidade” obtiveram-se 130 documentos no SciELO, 106 no IndexPsi e 58 no PePSIC. “Paterno” foi o descritor que proporcionou menos resultados: 65 no SciELO, 33 no IndexPsi e 28 no PePSIC.. Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., Piccinini, C. A “Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos”. Arquivos Brasileiros de Psicologia; Rio de Janeiro, 66 (2): 36-52. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v66n2/04.pdf>> . Acesso em junho de 2018.

⁷² Idem.

concluem que o tema paternidade se constitui em importante foco de interesse para a compreensão das relações familiares e das condições de desenvolvimento infantil⁷³.

Ainda no relatório de 2016 destacam-se duas medidas empreendidas pelo governo brasileiro para situar o pai – e o homem – na esfera das preocupações políticas, sociais e econômicas. Uma delas foi a criação, por parte do Ministério da Saúde, da Coordenação Nacional de Saúde do Homem, a qual atua diretamente dentro da Política Nacional de Saúde dos Homens (PNAISH), desenvolvendo, entre outras práticas e campanhas, ações em favor da paternidade e do cuidado. A iniciativa é valorizada mundialmente, tendo em vista os poucos países com propostas semelhantes. Um dos programas pioneiros é o “Pré-Natal do Parceiro”, alcançando esse homem que também está a se construir e se formar enquanto pai à espera da gestação de uma criança (co-participativo, envolvido)⁷⁴. A outra medida foi a garantia da ampliação da Licença Paternidade para 15 dias além dos cinco previstos na Constituição Federal. A lei, que foi sancionada pela presidenta Dilma Rousseff em março de 2016, regulamentou o Marco Legal da Primeira Infância, em consonância com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Essa lei entendeu como um direito das crianças pequenas a participação e os cuidados paternos desde os primeiros dias de vida⁷⁵.

Essa maior participação do pai em ambiente familiar indica como foi e está sendo fundamental falar (e escutar) sobre o pai na família e sobre o pai inserido em contexto, conjuntamente a outros fatores, seja nos estudos acadêmicos, seja de forma acessível no

⁷³ Idem, p. 38.

⁷⁴ SITUAÇÃO DA PATERNIDADE NO BRASIL. 1.ª Edição. Rio de Janeiro: Instituto Promundo, p. 37 Disponível em: <<https://promundo.org.br/recursos/situacao-da-paternidade-no-brasil/>>. Acesso em junho de 2018.

⁷⁵ No Brasil, a primeira iniciativa em prol da Licença Paternidade (LP) veio através da Assembleia Nacional Constituinte de 1987-1988, quando a primeira proposta de oito (08) dias foi derrotada pelos parlamentares de maioria conservadora na Câmara dos Deputados. (...) Ao longo dos últimos 25 anos, tramitaram na Câmara dos Deputados e no Senado pelo menos 21 Projetos de Lei que buscavam ampliar a licença ou pelo menos, discipliná-la. Em nível local, algumas Assembleias Legislativas Estaduais e Câmaras de Vereadores já haviam ampliado para até 30 dias a Licença Paternidade para servidores Pesquisa ainda não lançada do Instituto Papai apontou que 50,7% dos homens entrevistados não tiraram LP após o nascimento do(a) último(a) filho(a), sendo que destes: 31,4% afirmou que “não teve permissão do trabalho”; 24,8% “não estava empregado na época” e 27,6% “não conhecia esse direito”. A mesma pesquisa revelou que apenas 66% dos homens sabem da existência desse direito e que, dentre os que o conhecem, 78% acredita que a LP deveria ser superior a cinco (05) dias. (...) Dessa maneira, buscando atender diversas demandas no que tange a primeira infância, incluindo a de maior participação paterna, foi sancionada em 8 de Março de 2016, pela presidenta Dilma Rousseff a Lei 13.257, o Marco Legal da Primeira Infância que dispõe sobre as Políticas Públicas para a Primeira Infância em consonância com o Estatuto da Criança e do Adolescente⁴⁹ (Lei 8.069/1990). Dentre as medidas de maior participação dos homens, está a ampliação da Licença Paternidade para mais 15 (quinze) dias, além dos 5 (cinco) garantidos pela Constituição Federal⁵⁰. Essa ampliação é garantida a partir da alteração da Lei no 11.770/08, que criou o Programa Empresa Cidadã e, inclui, ao lado das disposições que já valem para as mulheres, a prorrogação da Licença. SITUAÇÃO DA PATERNIDADE NO BRASIL. 1.ª Edição. Rio de Janeiro: Instituto Promundo, p. 55-56 Disponível em: <<https://promundo.org.br/recursos/situacao-da-paternidade-no-brasil/>>. Acesso em junho de 2018.

cotidiano das pessoas (você é importante, pai). Para isso, foi decisivo compreender o pai contemporâneo como esse outro pai: do que antes se configurava como um modelo vinculado a uma instituição, desde a macroestrutura do patriarcado (da autoridade paternalista esmagadora), para reinseri-lo na microsociedade familiar. E, assim, individualizá-lo: transformá-lo em sujeito pai. Fragmentado: com suas vicissitudes, suas cicatrizes, fragilidades e dificuldades. Obviamente, inserido no sistema capitalista neoliberal ocidental que se perpetua, mas já modificado pela eclosão dos movimentos feministas, das transformações da revolução industrial e do declínio da imagem (e da representação identitária), tanto mais simbólica, de patriarca – aquele antigo domínio de *pater familias*. Um pai que, tudo indica, voltou (o retorno) a entrar e estar em casa.

[aliás]

O que você pensa sobre isso, pai?

Você está em casa?

Essa casa também é sua, pai.

Você consegue se sentir em casa, pai? E se sentir bem assim?

E você consegue se sentir pertencente a esse espaço, nesse ambiente doméstico?

É curioso, pai, pois parece que as mães e os filhos e as filhas se sentem à vontade em casa. Essa pode ser, inclusive, uma observação imediatista de minha parte. Posso estar incorrendo em uma primeira impressão simplista e redutora. Não estou perguntando para as mães como elas se sentem em casa e no trabalho e voltando para casa. Mas gostaria de saber como você se sente, pai? E se pudesse me ajudar a entender por que ainda guardo essa sensação de que, às vezes, você parece estar incomodado. Às vezes você parece não estar bem em casa. Às vezes você não parece estar em casa. Vamos voltar para a casa, pai?

[aliás]

O ingresso maciço das mulheres no mercado de trabalho, especialmente no pós-guerra, foi um dos elementos propulsores dessa mudança no binômio presença-ausência paterna nos lares. Para Elisabeth Badinter⁷⁶, os pais, antes em estado de “transição”, passaram a se ocupar das filhas e dos filhos efetivamente. Tal condição ficou visível nas pesquisas e nos estudos em países da Europa e nos Estados Unidos, a partir dos anos 1970, com expressividade até os anos 1990, com o deslocamento da problemática em que a preocupação deixava de ser a ausência para se concentrar nos efeitos da presença paterna. Como comprovam os dados: em

⁷⁶ BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 178.

1990, na França, 223.500 crianças viviam com o pai; nos Estados Unidos, o número de pais que educavam sozinhos as filhas e os filhos aumentou 100% entre 1971 e 1981⁷⁷.

Essa cultura do pai presente, a ideia de um pai participativo, envolvido no plano afetivo, cujo exercício da paternidade também está forjado na intimidade, na atenção e respeito pelas filhas e filhos é, sobretudo, recente. Começou a circular com expressivo reconhecimento nessa virada dos anos 1960-1970 no mundo ocidental⁷⁸. Nesse movimento, pesquisadores têm diferenciado o *pai provedor* – aquele ainda vinculado ao falido modelo de família nuclear burguesa, sem laços fortes e duradouros com a prole, associado ao papel sexual masculino hegemônico da atividade profissional e distante de residência familiar –, do *pai nutridor* – este que passou a assumir suas responsabilidades de cuidar das crianças em casa, para além do aspecto econômico, em virtude da divisão de sustentação financeira coparental dos lares. Este homem, individualizado, detentor de subjetividade, passou a se colocar (ser colocado) no papel de cuidador de filhas e filhos⁷⁹.

Para além do ingresso das mulheres no mercado de trabalho, a paternidade também foi radicalmente transformada pelas crises da masculinidade e o declínio do patriarcado em três momentos histórico-sociais de abrangências distintas, em contexto e solo ocidental: nos séculos XVII e XVIII nas classes dominantes da aristocracia e da burguesia urbana, ou seja, em caráter bem delimitado socialmente; entre meados e o final do século XIX com a industrialização⁸⁰, cujas mudanças no contexto familiar foram de brusca ruptura aos modelos antigos, com os homens saindo de casa para trabalhar, o contato com os filhos e as esposas sendo reduzido e a separação dos papéis sociais e sexuais se impondo em duas instâncias distintas e quase incomunicáveis – o mundo privado do lar, com a figura central passando a ser a mãe, mulher dona-de-casa, e o mundo público e profissional dos pais provedores e mantenedores, homens trabalhadores (que vai culminar nas duas grandes guerras do século XX)⁸¹; a partir dos anos 1960 com os movimentos feministas e a onda de progresso e revolução sexual.

⁷⁷ Ibid., p. 173.

⁷⁸ CORNEAU, Guy. *Pai ausente, filho carente*. Barueri: Manole, 2015, s/p. E-book.

⁷⁹ FARIA, Durval Luiz de. *O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea*. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2003.

⁸⁰ Elisabeth Badinter, citando Peter Filese, fala sobre esse período nos EUA, em que a paternidade “tornou-se uma instituição dominical”. No período da industrialização, o aumento nos divórcios passou de 7 mil em 1860 para 56 mil em 1900, por exemplo, e com o declínio da natalidade, vários artigos expressavam o fim da família. Ibid., p. 20.

⁸¹ A autora ressalta a transformação sem precedentes: enquanto, no século XVIII, marido e mulher trabalhavam juntos na terra, no comércio familiar, com auxílio dos filhos, 50 anos depois o mundo estará dividido entre o espaço privado do lar da mulher dona-de-casa e o público do homem provedor (“breadwinner”) – ou conforme Rousseau descreveu: a mulher como a lei moral e afetiva, o homem como a lei política e econômica. Ibid., p. 88.

Um aspecto é apontado como central: a questão da masculinidade e de gênero. Como a masculinidade foi associada, no decurso histórico, às representações identitárias e as construções imagético-culturais (signos) de virilidade, autoridade, violência, poder e dominação – do e pelo homem. Inúmeros exemplos na literatura e no cinema ocidentais dão prova disso: desde a mais comum associação aos poderes divinos e onipotentes do pai-todo-poderoso ao pai-de-família até as construções de personagens viris e super-viris tais como o cowboy, o exterminador, o caçador, o vingador, o policial, o justiceiro, o delegado, o detetive, o aventureiro, o andarilho (*flâneur*), o representante – o herói – da lei masculinista da força e da ordem patriarcal. E como, quando, essa imagem de masculinidade viril entra em derrocada, a figura do pai acompanha essa queda.

E como, por outro lado, os movimentos revolucionários feministas e de dissidências LGBTQ+⁸², assim como os estudos *queer* e as teorias feministas nas universidades, esforçaram-se para ampliar esses conceitos de masculinidade viril, desmistificar e desconstruir essas imagens heroico-viris. Movimentos que lutaram para estabelecer novos modelos e alternativas de práticas de igualdade e de equiparidade de gênero e das assimilações de paternidade e maternidade em graus complementares na sociedade. E seguem lutando para isso. Para Michel Foucault, o feminismo e as ações das organizações e dos grupos de estudantes foram exemplos de resistência às tecnologias do poder e mostraram os efeitos dessas rupturas⁸³.

Ao se pensar em uma sociedade integrante e submetida aos sistemas legais-criminais, às tecnologias de poder e às formas disciplinares, como em determinados países europeus (França, Alemanha, Itália), apesar das peculiaridades de cada um, a “organização que torna o poder eficaz é comum”⁸⁴. Essa disciplina, porém, foi perdendo parte de sua eficácia na contemporaneidade – está e vem em crise. Assim sendo, é possível associar tais movimentos de resistência com a crise da masculinidade, essa entendida enquanto relações de poder em uma esfera social coletivizante e socialmente maior (homens sobre mulheres); bem como, no exercício de micropoderes em contextos cotidianos (maridos sobre esposas) e a situação da paternidade (pais sobre os filhos e as filhas). São formas de resiliências empreendidas nas

⁸² A sigla para as identidades de gênero e orientação sexual LGBT vem aumentando nos últimos anos e, por isso, ganhou o sinal + para dar conta da pluralidade: Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer*. GOLD, Michael. *Sigla LGBTQ+ cresce para ecoar amplidão do espectro de gênero e sexo*. FOLHA DE SÃO PAULO. 27 de junho de 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/06/sigla-lgbtq-cresce-para-ecoar-amplidao-do-espectro-de-genero-e-sexo.shtml>> Acesso em junho de 2018.

⁸³ *A sociedade disciplinar em crise*. In. FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e escritos volume IV. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 268.

⁸⁴ *Ibid.*

lutas de gênero e nos confrontos geracionais, esses em que as filhas e os filhos buscam “novos / outros” pais ou pais constituídos e arranjados por e em outras formas de subjetividades.

O crepúsculo do velho pai e o (re)nascimento do pai contemporâneo⁸⁵. Apesar dos dados apontados em pesquisas e estudos, a realidade da paternidade contemporânea é diversa e multifacetada, sendo impossível estabelecer um único retrato. E, mesmo no desenho de um painel, esse acabaria repleto de bricolagens de retalhos e reminiscências antigas com tessituras tecnológicas das novas influências, diante da complexidade do tema. Se é que é possível apreender essa realidade plural; bem como, distinguir, nesse contemporâneo midiático-líquido, a imagem da representação e da identidade. E da representação identitária. Desses pais de velhos e novos traços, de antigos e atuais costumes. Desses pais de roupagem remodelada, mas de identidades em reconstrução e (re)elaboração. E o que resta para as representações dessas identidades em produtos e bens culturais, como a literatura, o cinema, o teatro e as artes? Ficariam apenas com as imagens? Imagens novas ou velhas? Como representar esses contrastes?

[aliás]

O pai se tornou uma nova temática. O pai passou, inclusive, a estar no boca-boca das pessoas, nos assuntos das famílias, contudo sem aquele peso de outrora evocado pelo tabu “impronunciável” do abandono e do não reconhecimento de paternidade: o “pai desconhecido” no registro de identidade de tantas crianças. É importante ressaltar esses movimentos de saída e entrada (retorno) do pai em casa – de presença superposta, superpresença autoritária do patriarcado como chefe-de-família onipotente; de pai de família engendrado no cerne de uma família moderna; do homem que se condiciona, em consequência da industrialização, à ausência do lar e se mantém como provedor econômico; ao homem reconfigurado (e traumatizado), pelas crises da masculinidade e imagem patriarcal, de volta (o retorno) a entrar em casa. Dessa vez, ele parece disposto a passar do limiar da porta (entre) e permanecer no lar – assumindo e se (auto) reconhecendo como parte integrante e ativa dessas novas constituições de família e de casa.

O espaço do entre, essa soleira da porta da casa, funciona como uma metáfora desse estado de presença e ausência do pai na família. Nesse lugar provisório, instável, inseguro e ameaçador: quem entra, quem fica, quem vai? E se vai, vai para sempre? Há chance de retorno? Há chance de reconciliação? Há chance de permanência? De que presença se está

⁸⁵ BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 171.

falando? Indicar uma presença – ou o retorno à casa pelo pai e suas transformações – não exclui, porém, a ausência. Os instantes de vigília, as horas de procura, os lugares (corpóreos e materiais) de dor e preocupação pela negligência do pai não serão obliterados por esses dados estatísticos “afirmativos”. São informações que necessitam estar lado a lado, como o meu movimento de escritura, semelhante a essas flutuações do pai: idas, vindas e retornos (elaborados ou não).

Algumas com mais

outros com menos dedicação.

Alguns com mais

outras com mais demora.

Pai?

Pai?

[aliás]

***[aliás: Onde você não está,
pai?]***

À (maior) presença do pai na contemporaneidade contrapõe-se, como a outra face no espelho, a ausência desse mesmo – duplo – pai. Parece um paradoxo afirmar que mudanças aconteceram e os pais têm procurado se envolver com a educação e criação das filhas e dos filhos nas últimas décadas, enquanto outros pais sequer reconheceram paternidades, seja legal, afetiva, moral, social ou culturalmente. Esse paradoxo é o paradoxo do binômio presença-ausência que caracteriza uma história da paternidade repleta de faltas, discontinuidades e do espaço do entre. Assim como a presença pode assumir e ser entendida pluralmente, as ausências podem ser sentidas e exteriorizadas de distintas maneiras: ausência física, ausência material, ausência emocional, ausência de autoridade, ausência de representatividade, ausência financeira, ausência de tempo, ausência de afeto, ausência de amor, ausência de ajuda, ausência de reconhecimento, ausência de identidade, ausência de semelhança, ausência de desejo, ausência de escuta, ausência de empatia, ausência de alteridade – ausências.

Nesse primeiro alcance, pai, vou me concentrar na ausência física, no abandono e na negligência. Sem dúvida, todas essas outras categorias (subjetividades) de ausência estão englobadas na ausência física e material. Entretanto, há de se ressaltarem as ausências dispostas (moradias) na presença: as ausências presentes (das presenças ausentes) quando o pai está, de algum modo, em casa. Podem ser mais sutis ou imperceptíveis, podem ser negadas ou recusadas, mas elas também existem em profusão. Exemplos inúmeros estão nos relatos de filhas e filhos, além de “mães solo” casadas ou em relacionamentos, que se queixam das ausências e responsabilidade paternas – masculinas⁸⁶.

[aliás]

Elisabeth Badinter recuperou, em *XY: sobre a identidade masculina*, uma pesquisa feita em 1985, na França, a respeito dos relacionamentos de crianças com os pais separados ou divorciados. O estudo apontava mais da metade das crianças sem o contato com o genitor que não se assegurava de sua guarda, ou, quando algum tipo de relação acontecia, era de modo esporádico, menos de uma vez por mês. Naquela época, de oito, em dez vezes, a criança morava com a mãe. Nesse contexto, o resultado mais ostensivo dava conta de que 27% dos pais separados nunca mais enxergavam filhas e filhos e quase o mesmo percentual também não contribuía com pensão alimentícia. Para a autora, esses indicativos apresentavam como possíveis causas a indiferença pela criança, a culpa do pai ou a raiva da mãe. Portanto, o término do relacionamento do casal poderia se fazer maior do que o amor pela filha ou filho: esse sentimento dependeria da continuidade ou intensidade da relação entre os adultos⁸⁷.

As estatísticas ao redor do mundo corroboraram esse fato da ausência física (literalmente) do pai nas casas. Guy Corneau⁸⁸ traz os dados de diferentes países. No Canadá, no recenseamento feito em 1986, uma em cada sete crianças vivia em uma família sem a

⁸⁶ Na próxima *Correspondência* será explicitada a noção de função paterna para a Psicanálise. Também se leva em consideração que a responsabilidade ou a presença de uma autoridade não está necessariamente relacionada ao masculino – ao homem, aqui, entendido como homem cis ou transgênero. Inclusive os próprios conceitos de masculino e feminino, bem como de masculinidade e feminilidade, gênero e / ou sexo, são questionados e problematizados por muitas autoras feministas, como Judith Butler e Donna Haraway, no mundo algo-saxão; e Hélène Cixous, Monique Wittig e Luce Irigaray, em contexto europeu, por exemplo. Segundo Butler, a distinção entre sexo e gênero, sendo o primeiro associado aos termos biológicos e o segundo a uma construção cultural e social, implica numa crença errônea de que existe uma relação mimética, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Não é graças à denominação de sexo binário a ideia de que “homens” esteja aplicada a corpos apenas masculinos ou de que “mulheres” compreenda corpos femininos, assim sendo, não há razão para assimilar que gênero também permaneça em número de dois. Butler questiona o caráter imutável do sexo, refletindo que, semelhante ao gênero, “sexo” seja tão construído culturalmente ou mesmo seja o próprio gênero, revelando de tal forma que essa distinção entre sexo e gênero seja nula. BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003..

⁸⁷ BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 174.

⁸⁸ CORNEAU, Guy. *Pai ausente, filho carente*. Barueri: Manole, 2015, s/p. E-book.

presença do pai; uma a cada cinco famílias era monoparental e, dessas, 79% eram dirigidas por mulheres. Já nos Estados Unidos, uma criança a cada cinco vivia em uma família sem pai, com 89% das famílias monoparentais lideradas por mulheres; na França, a Federação Sindical das Famílias Monoparentais estimava, em 1988, quase 2.000.000 crianças vivendo com apenas um dos genitores, dentre esses, 85% eram mulheres. Por fim, na Suíça, em 1980, 170.485 crianças viviam com o pai ausente.

A cultura do abandono paterno, no Brasil, manifesta-se como uma prática histórica. Desde o período da colônia é um triste lugar-comum de muitos lares. Conforme matéria intitulada “A cultura do abandono paterno”, veiculada no site do jornal *A Verdade*, a última pesquisa realizada pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), em 2013, com base no Censo Escolar de 2011, atestou que 5,5 milhões de crianças não tinham o nome do pai no registro de nascimento. A matéria de Tainá Roberta e Victória Magalhães ainda revela que é na região sudeste onde há mais casos: “Os primeiros lugares do ranking são ocupados pelas duas maiores metrópoles brasileiras: Rio de Janeiro, com 677.676 casos, seguido por São Paulo com 663.375 casos. Roraima é o estado com menos crianças sem o nome do pai no registro de nascimento. Existem 67 milhões de mães no país, dessas, 31% (20 milhões) são mães solo, segundo a Data Popular”⁸⁹.

Três fatores são abordados como causas: por ser um problema histórico no país, essa cultura do abandono acaba sendo tratada de forma naturalizada; o fato de a sociedade brasileira ter sido originada como produto da colonização portuguesa⁹⁰, cuja falta de identificação social teria acarretado também na falta de identificação afetiva, dessa herança cultural de filhos não mais “sem pátria” (a ausência do mito de origem), os filhos estariam – são e estão – sem pai; e, por último, a condição e o tratamento da mulher na sociedade. Fator esse que é um consenso, e já foi elencado anteriormente em ambos os relatórios acerca da paternidade, tanto mundial como no Brasil. No final, as jornalistas trazem exemplos de iniciativas que estimulam as mudanças, como o programa “Pai Presente” do Conselho Nacional de Justiça, que funciona desde 2012 na busca pelo reconhecimento legal de paternidade⁹¹.

⁸⁹ ROBERTA, Tainá. MAGALHÃES, Victória. “A cultura do abandono paterno”. *A Verdade*. 8 de junho de 2017. Disponível em: <<http://averdade.org.br/2017/06/cultura-abandono-paterno/>> Acesso em junho de 2017.

⁹⁰ Utilizando o termo cunhado por Darcy Ribeiro, “Zé ninguéns”, para as crianças consideradas nem brancas, nem negras, nem índias, nascidas do “estupro” do colonizador branco às mulheres dessas etnias. Idem. Disponível em: <<http://averdade.org.br/2017/06/cultura-abandono-paterno/>> Acesso em junho de 2017.

⁹¹ A iniciativa de solicitar ao Ministério da Educação (MEC) os dados do Censo Escolar teve o objetivo de mapear as crianças matriculadas na rede de ensino cuja certidão de nascimento não trazia o nome do pai e notificar aos juízes das comarcas responsáveis para indagar explicações dos responsáveis (a mãe, em sua

Como ferramenta para fomentar o debate sobre essas ausências surgiu o projeto “Cadê Você? As pessoas por trás do abandono paterno”, um livro de jornalismo literário pensado para apresentar perfis de personagens reais e as consequências sociais e psicológicas desse fato. O livro, lançado em 2017, foi realizado por um grupo de jornalistas como trabalho de conclusão de curso. Cheguei nesse projeto pela página mantida no *Facebook*, a qual contém depoimentos e perfis de mães e filhos(as), textos e matérias relacionados com esse tema.⁹². Esse exemplo de página no *Facebook* é um dos vários, entre sites, plataformas online⁹³, blogs, canais no *YouTube*, que utilizam fatos biográficos para transformar assuntos, antes considerados tabus, em material de discussão e reflexão.

No caso da *youtuber* Helen Ramos, criadora do canal *Hel Mother – Maternidade sem caô*⁹⁴, seus depoimentos tornaram-se fonte de referência para as “mães solo” – as mães que criam e educam seus filhos e suas filhas sem a participação do pai; muitas delas também sustentam a(s) criança(s). Para Helen, “mãe solteira”, além de carregar um sentido pejorativo e repleto de preconceitos, está diretamente relacionada com o estado civil da mulher, “e desde quando maternidade e estado civil são a mesma coisa? Mãe não se define pelo status de relacionamento”. Ela também menciona as “mães solo” casadas, em relacionamentos estáveis com parceiros(as) ou com guarda compartilhada, mas que continuam cuidando e educando os filhos e as filhas sozinhas ou praticamente sozinhas.⁹⁵.

maioria). No Paraná foram realizados 113.340 reconhecimentos de paternidade graças ao programa desde 2012, em Goiás atinge 70% das comarcas e em Roraima percorre as escolas da capital e do interior para orientar pais e professores. Outra iniciativa desse tipo é do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo com o “Paternidade responsável” desde 2007; já o programa “Reconhecer é Amar”, da Corregedoria-Geral do Tribunal de Justiça do Maranhão, que tem por base o programa do CNJ, e além da assessoria jurídica também conta com um laboratório para exames de DNA sem custos, com resultado saindo em 15 dia. No Espírito Santo existe o projeto “Meu Pai é Legal”, parceria entre a Coordenadoria da Infância e da Juventude do Poder Judiciário e o Ministério Público, Defensoria Pública e instituições de ensino superior, e já atendeu cerca de 75 mil crianças matriculadas na rede de ensino público. Programa semelhante acontece no Piauí, “Eu Tenho Pai”, parceria com o Ministério Público e a Defensoria do Estado, desde sua criação foram concluídos mais de 2.400 processos de reconhecimento de paternidade. Idem.

⁹² O livro conta com a autoria de Guilherme Andrade e Flávia Schott, além das duas jornalistas citadas anteriormente, Tainá Roberta e Victória Magalhães, em trabalho de conclusão de curso de Comunicação Social da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). É ilustrado por Miguel Daek. “Cadê você? As pessoas por trás do abandono paterno”. Página do Facebook: Cadê você? @ProjetoCadeVoce. A página tem mais de 13 mil curtidas e não publica apenas conteúdo de abandono paterno, apesar do livro, mas menciona outras formas de abandono, inclusive, materno.

Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/ProjetoCadeVoce/about/?ref=page_internal> Acesso em agosto de 2017.

⁹³ Plataforma *Cientista que virou mãe*. Disponível em: <<http://cientistaqueviroumae.com.br>> Acesso em junho de 2017.

⁹⁴ Helen é jornalista, cineasta, produtora e mãe do Caetano. *Hel Mother – Maternidade sem caô*. Canal no YouTube de Helen Ramos Disponível em: <<http://www.youtube.com/c/HelMother>> Acesso em junho de 2017.

⁹⁵ Helen busca, nos vídeos, “desromantizar” a maternidade, expondo as dificuldades, a possibilidade de vida social, de voltar ao mercado de trabalho (“Por que, em entrevista de emprego, perguntam se você é mãe?”) *Hell’s mother*. Revista Trip. Data 29/06/2016. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/hel-mother->

Os exemplos biográficos dão conta do que a exposição teórica tenta sintetizar e analisar metodologicamente. Conforme Corneau⁹⁶, além da ausência literal do genitor masculino, há uma espécie de “paternagem inadequada”, que acaba por frustrar sobremaneira as filhas e os filhos. Segundo o psicanalista, essa frustração pode estar resumida em cinco tópicos: a ausência prolongada do pai, independentemente do motivo, pode ser um abandono *stricto sensu* ou uma simples internação hospitalar, mas um fato que aponte uma longa separação da criança por seu pai; a falta de resposta paterna às necessidades de afeto e de relação – ligação – com a criança, aqueles pais que negligenciam as necessidades de atenção manifestas pelas crianças e as rejeitam; as ameaças de abandono pelo pai, mesmo como modo de punição ou para disciplinar a criança – ameaças de não ofertar mais o amor à família e à criança, ameaças de suicídio, ameaças de matar a criança ou de matar o genitor do sexo oposto; indução de culpa na criança – responsabilizar a filha ou o filho por doenças, morte ou algum fato vinculado aos genitores e à família; o pai que dá trabalho às filhas e aos filhos por diversos causas, como alcoolismo, envolvimento com drogas ou criminalidades, por exemplo, o que acarretará um amadurecimento precoce da criança, obrigando-a a agir como se fosse, nesses casos, o próprio pai⁹⁷.

Do outro lado, mas nem tão do outro lado assim, ao se considerar esse espelho de pais-filhos, está o jornalista Marcos Piangers, autor da série best-seller *O papai é pop*⁹⁸. O jornalista publicava seus textos e crônicas em blog na internet quando, em 2013, passou a publicá-los no jornal *Zero Hora*, relatando o cotidiano de sua família (“a família pop rock”) e de como é ser pai de duas filhas, Anita e Aurora. Marcos Piangers, que não conheceu o pai, defende a participação masculina na criação e educação das filhas e dos filhos por meio de uma paternidade ativa, responsável, de afeto, cuidado e dedicação. Utilizando a expressão de Helen Ramos, a mãe do jornalista foi, na sua época, uma “mãe solo”. Ele só descobriu o nome de seu progenitor quando adulto⁹⁹.

canal-no-youtube-fala-de-maes-solo-dificuldades-na-maternidade-e-julgamento-social> Acesso em junho de 2017.

⁹⁶ CORNEAU, Guy. *Pai ausente, filho carente*. Barueri: Manole, 2015, s/p. E-book.

⁹⁷ Idem.

⁹⁸ *O papai é pop 1, O papai é pop 2*, e a versão materna, de autoria da mulher, também jornalista, Ana Cardoso: *A mamãe é rock*. A série é publicada pela editora de Caxias do Sul (RS), Belas Letras. Lançado em agosto de 2015, o primeiro deles, alcançou mais de 100 mil exemplares vendidos, fenômeno editorial daquele ano, traduzido para o inglês e o espanhol.

⁹⁹ O jornalista Marcos Piangers contou que na infância fantasiava ser filho “do Eike Batista, na época o homem mais milionário do Brasil, ou do jogador de futebol Falcão”, porque sua mãe era amiga dele. Com criatividade, irreverência e bom humor, profere palestras pelo país expondo sua biografia: do que poderia ter sido uma consequência conturbada de um trauma, do abandono, da negligência e da rejeição paterna, para a transformação de um sentimento internalizado de ser-pai e uma atitude de reconhecimento de família. Palestra de Marcos Piangers no TED. Disponível em: <<http://piangers.com/papaipop/>> Acesso em junho de 2017.

Como último caso, trago o site *PaiLegal*, cujo slogan é “Aqui a paternidade é assunto sério”. Iniciativa de Paulo Habl, o site não funciona como associação e sim como um grupo privado de trabalho. Desde 2002 em atividade, tornou-se referência e respaldo jurídico em assuntos relacionados aos pais separados ou divorciados. Conforme Paulo, a falta de informação disponível sobre paternidade e os “novos pais”, aqueles que querem praticá-la em detrimento aos pais alienados do seu valor e da sua “beleza”, impede o pleno direito de realizá-la. Mas são, eles também, parte de um processo histórico equivocados. Diferentemente da mulher, a qual abriu seu espaço no mercado de trabalho, com a modernidade e o avanço tecnológico, o homem ainda não conquistou seu espaço em casa e junto com os(as) filhos(as)¹⁰⁰. Para isso, é preciso agir diretamente sobre os pais e, com isso, trazê-los “à bordo deste trem pela valorização de seu papel, ao invés de julgá-los”¹⁰¹.

As experiências acima apresentadas, baseadas em fatos, e os depoimentos biográficos, evidenciam os argumentos teóricos a respeito dessas discontinuidades e rupturas históricas e sobre as consequências sociais durante esses períodos de transição, de deslocamento, de atravessamentos – de entre – nos diferentes estágios de famílias e de paternidades. O período compreendido entre o final do século XX e o começo do século XXI também se situa nessa fase de passagem ao que se pode denominar como uma paternidade contemporânea: emergente, renascida, em re-construção, ressignificada, “positiva”, “afirmativa”.

Nessa etapa, justamente, surgem questionamentos originados pelo olhar retrospectivo e reflexivo às épocas precedentes. Os pais de agora manifestam interesse, vontade, envolvimento, participação, presença na criação de filhas e filhos, de maneira antagônica aos seus pais. Os pais de agora procuram se desvincular da imagem dos pais de outrora, e de

¹⁰⁰ *PaiLegal*: Aqui a paternidade é assunto sério. “Quem somos”. Disponível em: <<http://www.pailegal.net>> Acesso em junho de 2017.

¹⁰¹ “Como sempre fiz, defendi com unhas e dentes os pais participativos. Deixei de lado a maioria, argumentei sempre, sinceramente, sobre o que eu acreditava: que a gente aprende através do exemplo e que tínhamos de enaltecer aqueles homens que corajosamente estavam saindo de seus arquétipos herdados e se posicionavam inovadora e coerentemente com a realidade que lhes era apresentada. O *PaiLegal* estará sempre lutando, incansavelmente, enquanto houver um pai participativo sendo injustiçado e participando indefinidamente na promoção da paternidade, enquanto houver um pai ausente. (...) O site tem tido o pai separado como público alvo. Um grande número de mulheres nos acessa não só pela possibilidade de expressão dos seus problemas ou com os dos seus “ex” como também para pedir ajuda. Atualmente estamos movendo para um público que envolve não só os homens casados como também os homossexuais no que tange a criação de filhos. O nosso público feminino estará ainda presente com seus 35%, uma vez que tratamos o assunto com neutralidade, o que favorece a sua participação. Após recente reestruturação de nossos objetivos, resolvemos nos concentrar na divulgação da paternidade e atuar na luta pelo direito à Guarda Compartilhada, em parceria com a APASE (Associação de Pais Separados), deixando para ela ser o nosso braço político. Dessa maneira, poderíamos concentrar nossos esforços onde somos melhores, ou seja, na divulgação e defesa da paternidade de excelência”. *PaiLegal*: Aqui a paternidade é assunto sério. Site. “Quem somos”. Entrevista de Paulo Habl a José Venâncio - Revista Almanaque, em 11/07/2003. Disponível em: <<http://www.pailegal.net>> Acesso em junho de 2017.

como seus próprios pais (não) se entendiam, (não) se reconheciam, (não) se identificavam e (não) agiam como pais – ou ausentes. Nas mais variadas formas de ausência.

Segundo Elisabeth Badinter¹⁰², foram duas as imagens características da paternidade que predominaram nos Estados Unidos e em menor grau na Europa, entre o final do século XIX e o começo do XX, a primeira delas é constituída pelo pai distante e inacessível, e a outra pelo pai desvirilizado e desprezado. Quando a força física e a honra, ainda em vigor no século XVIII, foram substituídas pelo sucesso, o dinheiro e o trabalho, houve uma drástica redefinição da masculinidade tradicional. Com esse distanciamento do pai nos lares e o impedimento do exercício da paternidade ou de sua total indiferença, o caminho levou a mutação da imagem paterna:

Na burguesia de vanguarda, a imagem do pai amoroso tende a ser substituída pela do pai açoitador. Muitos homens ficam impedidos de exercer a paternidade, e muitos outros não se importam com isso. De fato, desde o final do século XIX, a literatura anglo-saxã é um longo queixume dirigido contra o pai. A recente sondagem de Shere Hite confirma que quase não existem homens (entre os 7 mil entrevistados) que digam ter estado ou sido próximos do pai. Pouquíssimos se recordam de ter estado em seus braços ou de ter sido acariciados por ele, embora lembrem-se muito bem de suas palmadas ou punições¹⁰³.

[aliás]

É nesse escopo e espaço indefinível de ausências que se faz possível elencar diferentes gestos de paternidades ausentes, e não apenas na inexistência dos nomes dos pais nos registros de nascimento de mais de 5 milhões de crianças no Brasil. Esse é um dado sintomático e visível da realidade de carência dos recursos mínimos e dignos de cidadania em parcelas significativas da sociedade brasileira. Uma ausência, porém, também pode estar manifesta na superposição de força e violência e autoritarismo como maneiras de compensação às outras tantas ausências em casa. Uma palmatória-compensatória ao tempo para o diálogo, a influência, o aprendizado, o afeto e a troca em uma efetiva relação pai-filho e pai-filha.

Será que a crise dos poderes disciplinares e da masculinidade, junto às emergências das novas paternidades, nesse final do século XX e começo do XXI, vão continuar operando transformações e insurgências ou há sinalizações de um retorno às relações de poder hegemônicas e tradicionais, depois de efetivas conquistas de direitos humanos e

¹⁰² BADINTER, Elisabeth. XY: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 89.

¹⁰³ Ibid., p. 90.

equiparidade de gênero? Será que o poeta Cazuzza nos avisou, pai, naquela sua letra de 1988, que o tempo não para e muitas ideias não correspondem aos fatos?

*[“Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para
Não para não, não para”]¹⁰⁴*

Eu, tampouco, sei responder. Esse espelho de relações de família, esse espelho de pais-e-filhos(as) é um espelho jamais inteiro, senão re-mendado, re-juntado, re-colado, por discursos e enunciados históricos, em práticas e experiências pessoais ou memorialísticas. Às vezes uma busca que parte mais de um lado do que pelo outro. Às vezes, até mesmo, pode ser uma viagem conjunta. Mas essa viagem, pai, como eu disse, tem um começo, e é partindo para olhar esse começo que nós vamos nos movimentar. O seu começo de pai enquanto pai – enquanto ideia e conceito histórico de paternidade. Enquanto data de nascimento. Pois, diferentemente da maternidade, a paternidade não é um fato, não pertence a uma categoria ontológica, contudo é uma “ideia”¹⁰⁵. Assim, não surge do princípio natural – imanente – intrínseco (corporal) e material. Paternidade, pai, está na ordem da transcendência, segundo Kant.

E você, pai, o que você pensa sobre isso? Pai?

Pai?

Pai?

Pai?

[aliás]

[aliás,

era uma vez um pai]

¹⁰⁴ CAZUZA. *O tempo não para*. Disco “O Tempo Não Para - Ao Vivo”, 1988, Polygram.

¹⁰⁵ “O historiador Thomas Laqueur escreveu um trabalho intitulado “Os fatos da paternidade” (LAQUEUR, 1992) e assinala que o título deriva de um artigo escrito por Phyllis Chesler dedicado às mães, o qual sugere que a maternidade é um “fato”, uma categoria ontológica diferente da paternidade, que é uma “ideia”. Laqueur lamenta que não haja uma história da paternidade e postula que foi silenciado o conhecimento do que significa ser um homem e ser um pai. Em seu desenvolvimento, leva em conta o “trabalho emocional” da paternidade.” In.: ALKOLOMBRE, Patricia. *O pai ausente*. Reflexões sobre a paternidade e o desejo de filho no homem. SIG – revista de Psicanálise. Sigmund Freud Associação Psicanalítica. – Vol. 4, n. 6 (Jan-Jun, 2015) Porto Alegre: Sigmund Freud Associação Psicanalítica, 2015, p. 35.

Pai, você não foi conhecido, compreendido ou nominado como pai desde “sempre”. “Sempre”, sequer pode ser uma categoria temporal válida para as nossas correspondências. Sempre, e, seu oposto, nunca, sugerem definições irreversíveis para os meus objetivos. A verdade é, para você, pai, foi necessário um ato inaugural e que esse ato se tornasse consciente. Explicitado. Transformado em e pela linguagem. Assim, em contraste ao que o senso comum pudesse assimilar, em especial ao se comparar (antipodamente) à maternidade e à gestação de uma criança, a paternidade foi e está longe de ser uma condição inata. Sem resquício direto no e ao corpo do humano masculino (invisível), mas com consequências à humanidade, da metafísica ao materialismo histórico, a paternidade foi, é, continua sendo uma descoberta. Uma narrativa que se inicia em estilo de fábula (clássica): era uma vez.

[aliás]

Com a intenção de romper essa idealização natural da paternidade, Jacques Dupuis estabeleceu um quadro cronológico e expôs os rumos dessa revolução patrilinear, que acarretou transformações fundamentais e subverteu as estruturas da família, modificou a vida sexual, as religiões e suas mitologias¹⁰⁶. Aliando às pesquisas canônicas sobre os povos da bacia mediterrânea, considerando esses como testemunhos-base para entender a civilização ocidental (gregos, judeus e romanos), aos dados sobre a história dos países asiáticos, elaborou as “origens” da paternidade: uma data de nascimento para o pai. A partir do entendimento da relação direta entre o ato sexual e a procriação, foi durante o Neolítico: no quinto milênio entre os egípcios e os indo-europeus.

Os testemunhos históricos, mitológicos e linguísticos dão conta, inicialmente, da total ignorância e não-existência da representação masculina, desde a *Teogonia*, de Hesíodo, o *Livro das Odes* (um dos textos mais antigos entre os chineses), as iconografias, aos registros de determinadas línguas, é creditada tão e somente à mulher e mãe a criação – a do mundo, a dos filhos(as), a da humanidade: as deusas virgens ou as deusas grandes mães são quem tem o poder. A Mãe-Natureza. As origens etimológicas de filiação e descendência em grego, em latim, em árabe, indicam uma matriz matrilinear, por exemplo: irmão e irmã, em grego, *adelphos* e *adelphé*, tem sentido de co-uterino; *frater*, do latim, vem da ideia primitiva de

¹⁰⁶ DUPUIS, Jacques. *Em nome do Pai: Uma história da Paternidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

fraternidade relacionada à mãe; pelo árabe, família e linhagem surgem do termo *batm*, que significa ventre¹⁰⁷.

Antes de prosseguirmos pelo aspecto histórico da paternidade, faz-se necessário recuperar brevemente algumas noções antropológicas estruturalistas sobre a família e o parentesco, a partir de Claude Lévi-Strauss, inscrito nas bases do estruturalismo francês, para, depois, apresentar, as críticas de Jacques Dupuis a esse método. De acordo com Lévi-Strauss¹⁰⁸, a estrutura familiar nuclear não é recente, como acreditavam pensadores e pesquisadores modernos, e nem consequência de uma prolongada e lenta evolução, mas um fenômeno universal que está presente em quase todos os tipos de sociedades.

Apesar da manifestação de hábitos, sejam sexuais, morais, de relações afetivas ou hostis, de convívio ou costumes sociais diferentes das sociedades ocidentais modernas, a família se apresenta segundo o modelo de uma união mais ou menos duradoura e a partir das alianças sociais estabelecidas entre um homem e uma mulher – o casamento –, de um lado, e a filiação que resulta dessa união, do outro. É nesse sentido que a família está calcada sobre os dois princípios fundamentais: o da natureza, referendada nas leis da reprodução biológica (diferença entre os sexos); e o da cultura, as alianças sociais de união e dos laços matrimoniais entre grupos distintos socialmente¹⁰⁹. Isto é, a família só existe e persiste em sociedade e pelas alianças de parentesco – ou seja, de caráter universal. E a sociedade, logo, mantém-se com base nessa estrutura, nessa célula orgânica, nessa instituição “sólida”¹¹⁰.

Para que aconteça esse paralelismo entre a sociedade e a família e a família em sociedade, em suas mútuas intervenções, há de se registrar a necessidade da exteriorização da união entre um homem e uma mulher: a passagem da natureza para a cultura. A qual só se efetivou com a lei da exogamia e a instauração da proibição do incesto. Conforme Roudinesco, “Construção mítica, a proibição está ligada a uma função simbólica. Ela é um fato de cultura e de linguagem que proíbe em graus diversos os atos incestuosos justamente

¹⁰⁷ Somente em período posterior é que começam a aparecer iconografias representando pênis, e, na sequência, casais divinos que geram filhos tal como os casais humanos (mitologia como reflexo da sociedade humana). Dupuis relata o exemplo de representações pictográficas do segundo milênio na China, em que o traço distintivo da mulher é os seios e o do homem está associado a um quadrado (como porção de terra). Ou seja, à mulher era compreendido o ato da procriação, mas, ao homem, não consta menção ao falo ou de ligação à prole, sendo indicada a sua relação com o trabalho – o ato de trabalhar. Id. Ibid. p.6-7.

¹⁰⁸ LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

¹⁰⁹ Idem.

¹¹⁰ Conforme Elisabeth Roudinesco, embora todas as mudanças ocorridas, as ameaças, as dessacralizações, as evoluções e rupturas de modelos, seja monoparental, homoparental, reconstruída ou gerada artificialmente, a família segue sendo, “paradoxalmente, a instituição humana mais sólida da sociedade”. ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, s/p. E-book.

por existirem na realidade”¹¹¹. Lévi-Strauss ressaltou que as estruturas do parentesco são estruturas elementares porque são, assim, estruturadas como linguagem (a partir de Saussure e desenvolvido posteriormente por Lacan como o inconsciente estruturado por linguagem) e é pela nomeação (desses fenômenos linguísticos), embora com possibilidades distintas nas diversas culturas, que se engendram as relações antagônicas entre pais e mães, filhas e filhos, irmãos e irmãs; bem como as dos parentes mais próximos, tios, tias e sobrinhos(as)¹¹².

Jacques Dupuis, por sua vez, critica tanto a explicação de Sigmund Freud para o tabu da proibição do incesto, como a de Claude Lévi-Strauss. Primeiro, em oposição a Freud e ao pressuposto do *Totem e tabu*¹¹³, Dupuis o chama de “romance histórico” e “teoria romântica”, resultado de uma época em que se conhecia mal a História¹¹⁴. A exogamia, segundo ele, data de um período anterior ao sistema patriarcal, levando-se em conta que as migrações interclânicas de rapazes aconteceram desde as sociedades matrilineares. À teoria antropológica estruturalista de Lévi-Strauss, e que foi retomada por Jacques Lacan na atualização da teoria freudiana, o historiador afirma que a origem desse tabu antecede a própria ideia da paternidade. Sendo uma proibição de aspecto universal (igualmente reconhecida e evidenciada por Freud e Lévi-Strauss), e apresentada como indício na maior parte das sociedades, desde as americanas pré-colombianas às da Austrália, por exemplo, entende-se que o tabu precede às práticas das migrações, antes do fim da glaciação de Würm, antes do décimo milênio¹¹⁵.

A justificativa para a prática da exogamia, porém, seguia encoberta, cientificamente. Com base nas explicitações dos etnólogos R. e L. Makarius, numa obra de inspiração evolucionista, a motivação recaía sobre a mulher e à menstruação. A mulher é uma ameaça que perpassa milênios e persiste como o risco iminente à normalidade das sociedades, porque é dela a conexão mais íntima com o ciclo da vida e da morte. Eis o princípio do tabu na menstruação: “o sangue como tabu fundamental da sociedade caçadora”:

(...) a exogamia teria por origem a angústia suscitada nos primitivos pelo escoamento do sangue, sangue menstrual ou sangue das feridas, sangue da defloração ou dos partos. A mulher, em particular, por suas hemorragias periódicas, aparece como um ser perigoso. Daí o tabu que pesará sobre ela. Mas por que o tabu pesará especialmente sobre a mulher que pertence ao mesmo grupo consanguíneo? Precisamente em razão do princípio de consanguinidade: para os primitivos, que

¹¹¹ Idem.

¹¹² LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

¹¹³ Na próxima *Correspondência*, o *Totem e tabu* e a proibição do incesto para Freud serão retomados e explicitados em relevância.

¹¹⁴ DUPUIS, Jacques. *Em nome do Pai: Uma história da Paternidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p.35.

¹¹⁵ Na escala cronológica da Pré-História, a exogamia é uma herança das sociedades dos caçadores, sendo essencial para a sobrevivência dos grupos, pois os remanescentes isolados vinham a desaparecer.

consideram o grupo consanguíneo como um único ser, a perda de sangue por um dentre eles é um perigo para o conjunto. É esse perigo que os leva a afastar as mulheres consanguíneas de suas relações sexuais e a inventar a exogamia¹¹⁶.

Com o período Neolítico e o aumento da população, a sociedade de caça se transforma em sociedade da agricultura, uma invenção feminina (cultura do solo, plantio e cultivo). Essa mudança de base econômica, da predação para a produção, reflete-se diretamente na organização da sociedade, pois os homens deixam de caçar para regressarem às aldeias e o cultivo da terra passa a ser uma atividade coletiva. Entretanto, a apropriação individual e a ideia de família ainda não existem, uma vez que, no sistema classificatório de parentesco – a partir de uma categoria e não de uma pessoa em particular –, as crianças são criadas em grupo, não há uma mãe e um pai, bem como, os adultos não tem herdeiros pessoais. É só com o surgimento da sociedade de classes e do sistema descritivo de parentesco que a apropriação do solo e a transmissão de heranças podem acontecer. Sistema esse designado de modo pessoal, delimitando a personalidade e individualidade do sujeito, em que há o reconhecimento sem a confusão da coletividade: “mãe”, “pai”, “tio”, “prima”, “irmão”¹¹⁷.

A tomada de consciência da paternidade, em si, foi apenas parte do processo para que a revolução patrilinear, de fato, se instaurasse, conforme Dupuis, de modo bastante lento e gradual (milênios), em oposição ao argumento de Lévi-Strauss. Foram pelas guerras que os homens se transformaram em senhores da sociedade, em chefes de famílias, em reis, em imperadores, em conquistadores, e alcançaram a condição mítica de deuses. O sistema patrilinear, assim, fixou-se numa forma de organização social, entre o terceiro e o segundo milênio, fruto das monarquias guerreiras e das transmissões de autoridade e herança, visto que o soberano preferiria transferir o seu poder ao filho e assim garantir a sua formação e educação para perpetuar sua dinastia. Essa sociedade se torna incompatível com o coletivismo matrilinear. O parentesco descritivo consolidou-se e as crenças religiosas sacralizaram o casamento, a união a estabilidade do casal monogâmico em detrimento à pluralidade da vida sexual anterior, como as uniões poliândricas, as poligâmias e trocas de parceiros(as).

¹¹⁶ Id. *Ibid.*, p.36

¹¹⁷ Ainda durante essa transformação, das proto-famílias em famílias, a matrifocalidade era desenvolvida e as mães tinham exclusiva responsabilidade sobre os(as) filhos(as), enquanto os pais não tinham nenhum senso de dever e direito para com a prole, tendo em vista que eles não “possuíam” os filhos(as). As mulheres eram inamovíveis em sua linhagem, porque eram os homens que efetuavam as migrações interclânicas – vide os casos dos “maridos visitantes”. Além da mãe, quem mais tinha e exercia o poder era o irmão mais velho, sua autoridade atingia as irmãs classificatórias e também o (as)s filhos(as) desta. Assim, o tio materno tinha certas prerrogativas que, mais tarde, passaram a ser assumidas pelo pai, como autorizar e entregar a irmã ou sobrinha para o casamento, por exemplo. É dessa forma que surge o parentesco descritivo, ao se pessoalizar e personalizar a figura da mãe, que se diferenciava da coletividade das mães para assumir a sua própria linhagem. *Idem.*

Para Lévi-Strauss, a filiação paterna somente pode acontecer com a nomeação da criança – do filho ou filha – pelo pai, diferentemente da mãe, que é e se faz mãe desde a gestação e no nascimento se tem plena certeza de sua função geradora e maternal. O pai, assim sendo, só é e se faz pai ao registrar seu filho (domínio da linguagem) e dar o seu nome a ele, transmitindo, com isso, sua herança genética e cultural¹¹⁸. Roudinesco, em consonância, enfatiza a condição da transmissibilidade e do lugar atribuído à linguagem, à fala, ao verbo na construção da paternidade¹¹⁹.

O pai dos tempos arcaicos estava associado à encarnação de Deus, de seu poder espiritual, como um pai onipotente, heroico, guerreiro, o “senhor todo-poderoso”, e a ele estava atribuída a função de reconhecimento desse filho ou filha, independentemente da origem biológica, de ser ou não o genitor da criança. Conforme o direito romano, a distinção da nomenclatura “pater” é feita pela adoção, pelo reconhecimento, tendo em vista também que, para o cristianismo, a paternidade biológica diz respeito a uma função simbólica, pois o que prevalece, assim, é a vontade soberana de Deus, da qual o pai é seu representante, a sua imagem.

Por conseguinte, o pai é aquele que toma posse do filho, primeiro porque seu sêmen marca o corpo deste, depois porque lhe dá seu nome. Transmite portanto ao filho um duplo patrimônio: o do *sangue*, que imprime uma semelhança, e o do *nome* – prenome e patronímico –, que confere uma identidade, na ausência de qualquer prova biológica e de qualquer conhecimento do papel respectivo dos ovários e dos espermatozoides no processo da concepção. Naturalmente, o pai é reputado pai na medida em que se supõe que a mãe lhe é absolutamente fiel. Por outro lado, a eventual infidelidade do marido não teme efeito na descendência, uma vez que seus “bastardos” são concebidos fora do casamento e portanto fora da família. Em contrapartida, a infidelidade da mulher é literalmente impensável, uma vez que atingiria o próprio princípio da filiação pela introdução secreta, na descendência dos esposos, de um sêmen estranho ao seu – e portanto ao “sangue” da família¹²⁰.

Desse modo, imprimiu-se na cultura antiga a teoria bipartidária, a relação dualística que vai se perpetuar por muitos períodos, sendo admitida, refutada, rerepresentada, criticada, em diferentes campos, desde a história, a filosofia até a psicanálise: ao pai, então, está o domínio da cultura, do *logos* (o cogito cartesiano), da palavra, da civilização (Freud); à mãe vem o domínio da natureza, dos instintos, da fluidez, do obscurantismo (mistério indecifrável – e temos uma Esfinge). Essa é a fonte da representação da família judaico-cristã, na qual

¹¹⁸ LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

¹¹⁹ ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, s/p. E-book.

¹²⁰ Idem.

figura-se o pai como o responsável pela separação, pela liberdade, da criança ao corpo da mãe¹²¹:

O pai não é portanto um pai procriador senão na medida em que é um pai pela fala. E esse lugar atribuído ao verbo tem como efeito ao mesmo tempo reunir e cindir as duas funções da paternidade (*pater e genitor*), a da nomeação e a da transmissão do sangue ou da raça. De um lado o engendramento biológico designa o genitor; de outro a vocação discursiva delega ao pai um ideal de dominação que lhe permite afastar sua progenitura da besta, da animalidade, do adultério e do mundo dos instintos, encarnado pela mãe. A palavra do pai, ao delinear a lei abstrata do *logos* e da verdade, não prolonga a alimentação materna senão ao preço de separar o filho do laço carnal que o une, desde seu nascimento, ao corpo da mãe¹²².

De acordo com Foucault, há um princípio geral para designar as relações entre o poder e o campo do direito – esse poder é o poder real, tendo em vista que, desde a Idade Média, nas sociedades ocidentais, a elaboração do poder se ergueu em torno dessa acepção. Relembrando a retomada e reativação do direito romano no século XII pelos juristas como uma digna ressurreição (depois da queda do império romano), fez-se possível torná-lo um instrumento técnico e constitutivo do “poder monárquico autoritário, administrativo e finalmente absolutista”. Portanto, seja para instaurar e legitimar o poder do rei (sendo o monarca o “corpo-vivo” desse poder absolutista) ou seja para legislar e limitar o mesmo poder, a questão toda girava em torno da soberania¹²³.

A partir de suas pesquisas, passou-se a entender as relações de dominação não mais a partir dessa estrita soberania do rei como centro e de seus súditos obedientes, mas com base nas suas implicações recíprocas, “das múltiplas sujeições que existem e funcionam no interior do corpo social”¹²⁴. Dessa expansão do poder entendido em formas plurais, não do centro para a periferia ou de cima para baixo, é que se pode questionar, nas nossas correspondências, inclusive, as mudanças no entendimento das relações de poder entre pais e filhos igualmente assimiladas e postas como espelho das relações entre soberano-e-súditos. O pai, conforme descrito acima, encarado como representante de Deus, de seu poder onipotente, em uma antiguidade, ou estando lado-a-lado desse monarca absolutista na Idade Média.

O domínio patriarcal permaneceu até o final do século XIX¹²⁵, em consonância com os argumentos apontados anteriormente por Elisabeth Badinter, a partir da derrocada do

¹²¹ Idem.

¹²² Idem.

¹²³ *Soberania e disciplina*. In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

¹²⁴ Ibid., p. 102.

¹²⁵ A partir dos trabalhos de Henry Lewis Morgan, o patriarcado passou a ser definido pelo discurso antropológico marcado pelo evolucionismo como um sistema jurídico-político no qual a autoridade e os direitos

patriarcado e a crise da masculinidade. A despeito de elucidar as diferenças entre os dois sistemas e explicitar que nenhum dos dois, tanto um patriarcado como um matriarcado, poderiam ter existido em estado puro, a autora ressalta que, assim como em uma sociedade patrilinear, em uma de direito matrilinear, o poder e a autoridade continuavam representados pelo sexo masculino: a autoridade paterna prevalecia no primeiro, já, no segundo, a autoridade paterna estaria no tio materno.

Ressalva-se ao fato de que subsistiram diferentes formas de patriarcado no mundo. De um modelo absoluto que durou três ou quatro milênios antes de começar a declinar em uma parte da Terra, até os modos mais singelos que concedem prerrogativas às mulheres e estabelecem alguma mínima simetria entre os sexos. Uma das características desse modo de sociedade patriarcal absoluta é o controle da sexualidade feminina e como as mulheres se transformaram em bens – mercadorias de troca – utilizadas em alianças econômicas e de manutenção de posições sociais¹²⁶.

Essas estruturas foram se reagrupando conforme a adaptação dos valores beneficiava o poderio masculino e despótico do pai. Para instaurar a diferenciação e exclusão dos sexos hierarquicamente na esfera ocidental como lei – de lógica incontestável – a democracia ateniense no século V a.C. criou instrumentos eficientes. Mecanismos ideológicos de poder que só foram começar a terminar – lenta e gradativamente – com a democracia ampliada para todas e todos no berço da Revolução Francesa, em 1789. O “enterro”, porém, demorou e a agonia do patriarcado ainda se manteve por dois séculos¹²⁷.

[aliás]

Várias questões despontam sobre a imposição do sistema patrilinear ao sistema matrilinear e como foi ocorrendo gradativamente em razão de um ainda maior enaltecimento das “qualidades heroicas” do homem, relacionadas com a força, a virilidade, a potência de conquista, advindos das guerras. Muitas dessas características permaneceram como aspectos sociais e públicos, para a comunidade, para a ágora grega

sobre os bens e as pessoas obedeciam a uma regra de filiação patrilinear. A esse sistema opunha-se o matriarcado, segundo o qual a regra de filiação matrilinear decidia sobre essa mesma autoridade tomando como referência vínculos genealógicos que passavam pelas mulheres. Embora esses dois sistemas jamais tenham existido em estado puro, e embora fosse impossível confundir uma ordem jurídica com uma modalidade de exercício do poder (paterno ou materno, masculino ou feminino), o imaginário ligado a essa bipolaridade sempre teve, em todos os tempos, força de lei. A ponto inclusive de se esquecer às vezes que a dominação do princípio masculino sobre o princípio feminino havia sido, em todos os tempos, e na quase totalidade das sociedades humanas, a única regra a partir da qual era possível construir relações entre os sexos. ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, s/p. E-book.

¹²⁶ BADINTER, Elisabeth. *Um é o outro*; relação entre homes e mulheres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 93.

¹²⁷ Ibid., p.94.

(a *oikia* aristotélica), ao se pensar que apenas os homens podiam ocupar tais posições públicas, por eles mesmos, nomeadas e engendradas. Ou seja, no âmbito particular do núcleo familiar, na intimidade, a mulher seguiu realizando e se ocupando de similares tarefas e responsabilidades de outrora – até o século XIX.

O homem passou de caçador, “marido visitante”, de guerreiro, para o genitor, para o chefe-de-família, nomeado e constituído pela lei: o patriarca. Com a industrialização, a crise da masculinidade, a urgência das formas liberais e capitalistas de produção e bens de consumo, com as transformações nas famílias e com as resistências e as lutas dos movimentos feministas e de liberdade sexual, nos séculos XIX e XX, o patriarca saiu de casa. E voltou para casa. Nesse retorno à casa, o patriarca cedeu (perdeu) seu lugar e progressivamente um (outro) pai começou a ser chamado, convidado a entrar, ficar, estar e permanecer. A partir de esforços, investimentos, estratégias e práticas das instâncias envolvidas nessas relações de poder em reciprocidades de efeitos (embora, ainda não se possa estar em equilíbrio ou em equiparidade de forças): da mulher ao homem, da mãe ao pai, da mãe ao filho, do filho ao pai, do pai ao filho... e assim vai... E dos governos, da academia, da imprensa, das instituições.

Esses enunciados históricos, essa produção de discursividades (saberes), as estratégias aqui mencionadas, os relatórios, as pesquisas acadêmicas, os depoimentos e as histórias biográficas, todas essas fontes dizem verdades sobre as verdades (verdadeiras ou falsas) da paternidade e das relações de poder entre pais-e-filhos, no espaço verdadeiro desse jogo de presença e ausência e no espaço do entre, a onde é possível construir uma nova forma de subjetividade, sem que a dominação e a submissão seja a regra, sem que a autoridade paternalista seja a lei, sem que a resistência da filha ou do filho seja a transgressão. Sem que a paternidade esteja estritamente associada, relacionada e identificada (em imagem, em representação, em identidade) com a devoração e seus meios de destruição, tanto do pai, como do filho.

Esse espaço do entre não está somente na presença (e a superpresença ou uma presença superposta) e nem na ausência (a ausência presente ou a presença ausente), todavia em uma possibilidade de convivência, de diálogo, de cuidado, de atenção e de respeito. Não é à toa que as pesquisas recentes indicam a maior participação do pai em casa (retorno) e na vida(as) dos filhos(as) e a nomenclatura tenha substituído o “pai provedor” ao “pai nutridor”. O pai cuidador. Ainda que seja frágil situar essas novas

paternidades em uma nova forma de subjetividade ou como alternativa ao patriarcado e à transição de uma sociedade que caminha (a passos vagarosíssimos) para a dissolução dos poderes disciplinares.

Ainda se busca um ethos da paternidade.

Talvez, pai, você possa me dizer que esse ethos não existe.

Dizem muitas coisas sobre você, pai.

Eu falei apenas parte dessas tantas coisas.

Talvez, pai, seja necessário continuarmos a navegar.

Talvez, pai, possamos navegar juntos.

Mesmo que não estejamos no mesmo barco.

Pai?

Pai?

Pai?

[aliás]

SEGUNDA CARTA

Pai, onde está você na família?

Porto Alegre, outono - inverno de 2017

Porto Alegre, inverno de 2018

Pai,

Você está na família.

Mas você não é a família.

Independente de aceitação, recusa, negação ou conformismo. Ou de uma fuga. Você está inserido e faz parte da família.

Você pode me perguntar, qual família? De que família nós, eu estou falando?

Esse caminho para a família não é um caminho simples. E nem o seu entendimento.

Eu diria, inclusive, como seria produtivo para o nosso encontro na palavra que esse pudesse se realizar no contexto da estrutura – também sintática, também semântica, também narrativa – de uma frase-toda como a família. Buscamos na frase nos organizarmos enquanto palavras isoladas. Pai, você não está sozinho. Eu também, pai, não quero estar ou continuar sozinha. Sendo filha. E como sujeito do desejo e do desejo em desejar outra família para nós e nossos recomeços. Ao meu recomeço enquanto filha. E ao seu, pai, como pai.

Nossos caminhos narrativos, às vezes, parecem distantes para conseguirmos nos reunir sob o mesmo parágrafo-teto, em compensação, sigo esforçando-me para que as minhas palavras possam atingi-lo, alcançá-lo. Possam penetrar nas suas palavras silenciosas e nos seus não-ditos (outro entre entre entre lacunas), nas suas fugas de linguagem e de corporeidades. No seu lar longínquo de solilóquio.

Nosso lar pode ser o mesmo. Nossa palavra também.

Eu imagino, pai, você também possa querer falar. Falar para mim, talvez?

Você tem algo a me dizer, pai?

Continuo o percurso pela linguagem da busca (e a busca pela linguagem e a linguagem em comum) e com a esperança de, em breve, poder ouvi-lo. Antes, preciso descobrir onde você está. E qual o seu lugar na família.? Que entre você está.? Que espaço você falta.? Onde você habita, pai? Pai?

Entre.

Entre possibilidades.

Entremos.

Pai?

[aliás]

Ao substantivo masculino “pai”, podem-se associar (e representar) os seguintes sinônimos: progenitor, procriador, chefe, protetor, padrinho, autor, inventor, guia, líder, provedor, defensor, benfeitor, organizador, fundador; além de mencionar os relacionados à espiritualidade, religiosidade e à figura de Deus, como senhor, todo-poderoso, onipotente, eterno, entre outros. No universo lexical, esse vocábulo é acompanhado de: família; estirpe, linhagem, filiação, genealogia, geração, origem, raça, procedência; até alcançar: descendente, filho, fruto, rebento, natural, cria, herdeiro, etc.

Com isso, é possível perceber uma bacia semântica com implicações históricas, sociais, ideológicas, culturais, e psicanalíticas, pois, e apenas dessa listagem preliminar, encontram-se deduções lógicas, tais como, o pai só é pai enquanto o(a) filho(a) é o seu filho(a); para ser filho(a), há de se ter um pai; a “origem” (genealogia) de todo o ser humano são os seus pais (pai e mãe), que formam uma família, e a família acontece quando se tem essa constituição por laços biológicos, naturais, afetivos, econômicos, íntimos.

Pai, filho(a) e família, entretanto, não podem ser considerados como se pensava na Idade Média, no período renascentista europeu, ou mesmo o típico conceito nuclear burguês de família (em contexto ocidental). De uma questão encarada como “biológico-natural” para o matrimônio como aliança econômica e a prole como resultado da transmissão de bens, propriedade e nome. Dessa situação para as relações monoparentais ou a reestruturação da família em casais homossexuais, filhos adotivos, múltiplos casamentos, filiação sócio-afetiva. Condições que se manifestaram, em relevância, no final do século XX e nesse começo de século XXI. Sobre a ampliação desse conceito de família no Brasil e as mudanças ocorridas,

Maria Berenice Dias, vice-Presidente Nacional do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFam), em artigo intitulado “*Quem é o pai?*”¹²⁸, afirma:

A Constituição Federal alargou o conceito de entidade familiar, emprestando especial proteção não só à família constituída pelo casamento, mas também à união estável formada por um homem e uma mulher e à família monoparental, assim chamada a convivência de um dos genitores com sua prole. Consagrou a nova ordem jurídica como direito fundamental o direito à convivência familiar, adotando a doutrina da proteção integral. Transformou a criança em sujeito de direito, afastando-se do sistema anterior que privilegiava o interesse do adulto. Deu prioridade à dignidade da pessoa humana, abandonando a feição patrimonialista da família para fins de identificação do indivíduo. O § 6º do art. 227 da Carta Constitucional proibiu qualquer designação ou discriminação relativa à filiação, assegurando os mesmos direitos e qualificações aos filhos nascidos ou não da relação de casamento e aos filhos havidos por adoção. A legislação ordinária não define a família, limitando-se o Estatuto da Criança e do Adolescente a identificar família natural como sendo a comunidade formada pelos pais, ou qualquer um deles, e seus descendentes.

A tais mudanças inclusivas, plurais e afirmativas no conceito de família no país, surgiu, porém, o atravessamento de um movimento de caráter conservador, cujo ideal é a defesa e o amparo legal da “família tradicional brasileira”, considerada somente como a união entre homem e mulher, o modelo nuclear de família burguesa: o Estatuto da Família¹²⁹. É importante ressaltar o âmbito legal da questão, pois não é só à conceituação que se limita, diz respeito a direito de heranças, de pensão, de dependentes de INSS, licença maternidade (LM) e licença paternidade (LP), entre outros fatores.

Em paralelo a essa proposta, e em oposição ao retrocesso e à exclusão de direitos – por si já inconstitucionais –, surgiu o projeto Estatuto das Famílias¹³⁰, com a palavra “famílias” no plural, em curso para avaliação do Senado, a partir da elaboração de juristas que integram o IBDFam. O retrocesso do primeiro projeto, inclusive, coloca-se contrário à decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que, em maio de 2011, assegurou a “união homoafetiva como entidade familiar protegida pela Constituição Federal, devendo ser aplicadas, por analogia, todas as regras previstas para a união estável heteroafetiva”¹³¹.

¹²⁸ DIAS, Maria Berenice. “*Quem é o pai?*”, s/data, p. 3. Disponível em: <<http://mariaberenice.com.br/pt/home-artigos-filiacao-e-paternidade-filiacao-e-parentalidade.dept>> Acesso em setembro de 2015.

¹²⁹ O Estatuto da Família (PL 6.583/2013), de autoria do deputado Diego Garcia (PHS/PR), foi aprovado pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados no final de 2015, mas ainda necessita de análise no Senado.

¹³⁰ Estatuto das Famílias (PLS 470/2013) proposta da senadora Lídice da Mata (PSB/BA). Disponível em: <http://ibdfam.org.br/assets/img/upload/files/Estatuto%20das%20Familias_2014_para%20divulgacao.pdf> Acesso em junho de 2017.

¹³¹ TARTUCE, Flávio. “Estatuto da Família x Estatuto das Famílias. Singular x plural. Exclusão x inclusão”. Informativo Migalhas. Outubro de 2015. Disponível em: <<http://www.migalhas.com.br/FamiliaeSucessoes/104,MI229110,41046-Estatuto+da+Familia+x+Estatuto+das+Familias+Singular+x+plural>> Acesso em junho de 2017.

Como resposta à aprovação do Estatuto da Família na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, em final de 2015, o Dicionário Houaiss elaborou o projeto #TODASASFAMILIAS, em que consultava a população brasileira sobre a definição do vocábulo “Família”. Depois de inúmeras sugestões enviadas por escrito e em vídeos, a nova definição de “Família” foi atualizada no site do projeto¹³²:

Em resposta ao Estatuto da Família, perguntamos aos brasileiros o que significava família para eles. Recebemos milhares de sugestões. E, baseados nelas, criamos a nova definição que irá aparecer no Dicionário Houaiss. Uma definição mais inclusiva. Mais contemporânea. Livre de preconceito. *Família: núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantém entre si uma relação solidária.*

[aliás]

Nesse cenário nacional de mudança, avanços, retrocessos e contínuas lutas por implementações, manutenções e ampliações de direitos, observa-se a emergência de famílias em rede, grupos familiares, famílias tentaculares, comunidades familiares, famílias afetivas. Algumas dessas são compostas por laços consanguíneos ou de parentesco, outras, contudo, estão formadas por laços sócio-afetivos. Todas elas, no entanto, também dão mostras de como a típica família nuclear burguesa (e reivindicada como “família tradicional brasileira”) não se solidificou como única instância no nosso país. Historicamente.

Esse “modelo familiar” não foi o único representativo, desde o período colonial e não segue na contemporaneidade. Antes de nos voltarmos para a família brasileira, todavia, pai, farei um breve movimento para compreender essa ideia conceitual e histórica de família no ocidente e suas implicações. Assim como transcorreu antes, com a história da paternidade, continuo investigando como o jogo de forças do poder foi se construindo e estruturando essas relações familiares. De mesmo modo, como a ideia de controle, de dominação, de hierarquização e de devoração, também estão nos discursos e nas práticas *in loco* de pais, mães e filhos e filhas. Tendo em vista, pai, que desde a nossa primeira carta já conversamos sobre algumas dessas transformações, tentarei não me repetir.

Vamos, pai? Pai?

[aliás]

¹³² Projeto #TODASASFAMILIAS. Dicionário Houaiss. Disponível em: <<http://todasasfamilias.com.br/>> Acesso em setembro de 2016.

[aliás: Qual o seu lugar na família ocidental, pai?]

Não seria possível falar em família, pai, sem pensar em três categorias de relações primárias que existiram desde a antiguidade clássica, constituídas pelo princípio da relação de forças e da hierarquização: a ligação entre o senhor e o escravo, a associação – aliança matrimonial – entre o marido e a esposa, e a relação – aliança de hereditariedade – entre o pai e os filhos e filhas¹³³. No entanto, a concepção de família como “nuclear” ou “restrita”, o modelo familiar moderno ocidental passou por uma demorada transformação para se consolidar, desde o século XVI até o XVIII.

O núcleo começou, então, a se distinguir do que se denominava, precedentemente, de “família”, ou seja, o grupo todo, aquele coletivo formado por parentes, associados, pessoas próximas, amigos, criados, serviçais e escravos. Em consenso a outros etnólogos e antropólogos, como o próprio Lévi-Strauss, Elisabeth Roudinesco salienta que essa formação não aparece como exclusiva característica na modernidade: “Contudo, essa estrutura nuclear de base parece ter existido na Europa da Idade Média, bem antes de tornar-se o modelo dominante da época moderna”¹³⁴.

Destacam-se três períodos nessa transformação da família. Numa primeira etapa, existiu uma família “tradicional”: “Nessa ótica, a célula familiar repousa em uma ordem do mundo imutável e inteiramente submetida a uma autoridade patriarcal, verdadeira transposição da monarquia de direito divino”¹³⁵. Na segunda, a família moderna começou a vigorar (final do século XVIII até meados do XX) a partir de uma lógica afetiva e fundada no amor romântico, na reciprocidade dos sentimentos e das reações, nos desejos sexuais atendidos no casamento e na valorização de uma divisão de trabalhos entre os cônjuges. A educação dos filhos e filhas foi implementada de modo efetivo e como atribuição de autoridade pelo Estado.

O último período, a família “contemporânea”, ou “pós-moderna”, teve seu início a partir da segunda metade do século XX, precisamente, a partir dos anos 1960¹³⁶, e tem como aspectos as relações com tempo de duração contingencial e os desejos individuais. A transmissão de autoridade passou a ser considerada uma questão complexa em função do

¹³³ ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, s/p. E-book.

¹³⁴ Idem.

¹³⁵ Idem.

¹³⁶ Idem.

aumento dos divórcios, das separações, das recomposições entre os casais, das uniões homossexuais, e pelas reconfigurações desses mesmos modelos familiares nucleares, agora, postos em xeque. É nesse ínterim que a figura paterna é, sobretudo, questionada, de uma morte anunciada pelo declínio da imagem despótica para o renascimento em outras e diferenciadas subjetividades.

A partir de uma distinção entre as famílias das sociedades tradicionais – a família do antigo regime francês – e as famílias das sociedades industriais, Philippe Ariès¹³⁷ se baseou em fatores como a educação e a espacialidade das casas para estabelecer uma história da criança e da família¹³⁸. A criança passou a ter lugar e existir enquanto criança apenas na modernidade. A família tradicional tinha como encargo e função a preservação dos bens, a prática de um ofício e sua transmissão, a ajuda mútua numa época em que homem ou mulher isolados não conseguiriam sobreviver, além da proteção da honra e das vidas. Não tinha, sobremaneira, função afetiva: “(...) o sentimento entre os cônjuges, entre os pais e os filhos, não era necessário à existência nem ao equilíbrio da família: se ele existisse, tanto melhor”¹³⁹.

É a partir da escolarização e com o movimento de moralização empreendido pelos reformadores católicos ou protestantes, amparados pela Igreja, pelas leis e pelo Estado, que esse panorama começou a se transformar e o sistema de aprendizagem se tornou um sistema de educação e ensino. Em contribuição a essas mudanças, emergiu a separação do público e do privado, com o recolhimento das famílias em suas casas, em fins do século XVII e começo do XVIII, e o afastamento da “sociabilidade” intensa das ruas, das praças e da vida coletiva.

Uma casa começando a ser preparada para abrigar a intimidade da família¹⁴⁰. Isso pôde ser observado na especialização funcional e na organização dos cômodos, agora independentes, comunicando-se por meio de um corredor, sem estarem abertos um para o outro, diretamente para a rua ou para o comércio da família; e arranjados de acordo com suas

¹³⁷ ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

¹³⁸ Cabe ressaltar que está concentrado e localizado em modelos de história familiar ocidentais, precisamente, europeus – famílias francesas e italianas, sobretudo. Em suas pesquisas sobre a história da paternidade, Jacques Dupuis recupera fontes de história asiática, como China e Índia, e lança mão de exemplos pontuais na América pré-colombiana e na Oceania, por exemplo, chegando ao nível de contextualizar as diferenças da América Latina (pré-colonial e durante a colonização) para as concepções do velho mundo. Historiadoras como Mary del Priore e Ana Silvia Volpi Scott reconhecem as contribuições fundantes de Ariès aos estudos brasileiros, mas endossam a ressalva: o Brasil e as micro-histórias de suas famílias e crianças merecem a atenção e o olhar de historiadores e historiadoras nacionais.

¹³⁹ *Ibid.*, p.11.

¹⁴⁰ Famílias essas que, segundo o autor, não eram extensas, e, sim, compostas somente do casal e de seus filhos e filhas, sem a presença de diferentes gerações ou de grupos colaterais convivendo, com exceção em épocas de insegurança e crises ou em regiões específicas cujo direito de benefício exclusivo a um dos filhos pudesse favorecer coabitações. Esse argumento, o pesquisador utiliza-se em oposição a certas teses de moralistas do século XV e sociólogos franceses tradicionalistas do século XIX, os quais asseguravam as famílias numerosas como predomínio.

especificidades: sala de jantar, quarto de dormir, etc. A educação e a preocupação com a higiene foram os fatores determinantes para a família se compreender enquanto família e com responsabilidade pelas crianças.

No século XVIII, a família começou a manter a sociedade à distância, a confiná-la a um espaço limitado, aquém de uma zona cada vez mais extensa de vida particular. A organização da casa passou a corresponder a essa nova preocupação de defesa contra o mundo. Era já a casa moderna, que assegurava a independência dos cômodos fazendo-os abrir para um corredor de acesso. Mesmo quando os cômodos se comunicavam, não se era mais forçado a atravessá-los para passar de um ao outro. Já se disse que o conforto data dessa época: ele nasceu ao mesmo tempo que a intimidade, a discricção e o isolamento, e foi uma das manifestações desses fenômenos. (...) Essa especialização dos cômodos da habitação, surgida inicialmente entre a burguesia e a nobreza, foi certamente uma das maiores mudanças da vida quotidiana¹⁴¹.

Sobre a importância dessa transformação da espacialização em ambientes fechados, privativos, controlados, bem como, da disciplina revolucionada pelos cuidados da higiene e do exame com a medicina, Michel Foucault situa, tal qual Ariès, esse acontecimento em consonância à preocupação com os problemas de demografia (o crescimento da população), os hábitos de saúde e as novas formas de urbanismo e arquitetura¹⁴². Com a eclosão da biopolítica e os instrumentos de vigilância e controle sobre as vidas e os corpos dos cidadãos, a espacialização se tornou um dos aspectos fundamentais dessa nova condição social. Anteriormente, a arquitetura estava centrada na representação do poder, da soberania, na suntuosidade e na expressão da força e da divindade, a exemplo dos palácios, das igrejas e das fortalezas¹⁴³.

A partir da “noso-política” do século XVIII, a preocupação com o estado de saúde da população como objetivo geral de encargo coletivo¹⁴⁴, vão surgir os investimentos decisivos da medicina no cuidado dos corpos e, conseqüentemente, seus domínios e as subjugações. Nesse ínterim, a saúde da criança e a medicalização da família ganham destaque, para além dos cuidados médicos a fim de se evitar as altas taxas de mortalidade infantil, começam-se a

¹⁴¹ Ibid., p.265.

¹⁴² No final do século XVIII outros fatores entraram em cena, como a emergência dos interesses econômicos capitalistas e os objetivos político-sociais com a industrialização. Foucault vai se deter, em diferentes momentos de suas pesquisas, acerca dessas relações dos poderes disciplinares e da organização espacial em locais como os hospitais, as casas das famílias burguesas e operárias e, principalmente, as prisões. A partir, por exemplo, da descrição do “ovo de Colombo” da descoberta do inglês Jeremy Bentham, o Panopticon, e como serviu a uma estruturação própria para o ato da vigilância e do controle dos corpos, dos comportamentos e das vidas encarceradas, em face de ser considerada, à época, “humanista”.

¹⁴³ *O olho do poder*. In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001, p. 116.

¹⁴⁴ *A política da saúde no século XVII*. In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001, p. 108.

pensar e operacionalizar as estratégias para “gerir” a fase do desenvolvimento da criança até se tornar adulta e se garantir, com isso, sua sobrevivência e aptidão ao sistema – sua utilidade. As crianças e as mulheres estão dentre os corpos, condicionalmente, dóceis e úteis para a produtividade da vida longa, ainda mais produtiva e necessária.

São codificadas, então, segundo novas regras – e bem precisas – as relações entre pais e filhos. São certamente mantidas, e com poucas alterações, as relações de submissão e o sistema de signos que elas exigem, mas elas devem estar regidas, doravante, por todo um conjunto de obrigações que se impõe tanto aos pais quanto aos filhos: obrigações de ordem física (cuidados, contatos, higiene, limpeza, proximidade atenta); amamentação das crianças pelas mães; preocupação com um vestuário sadio; exercícios físicos para assegurar o bom desenvolvimento do organismo: corpo a corpo permanente e coercitivo entre os adultos e as crianças. (...) A nova “conjugalidade” é, sobretudo, aquela que congrega pais e filhos. A família aparelho estrito e localizado de formação – se solidifica no interior da grande e tradicional família–aliança. E, ao mesmo tempo, a saúde – em primeiro plano a saúde das crianças – se torna um dos objetivos mais obrigatórios da família. O retângulo pais–filhos deve se tornar uma espécie de homeostase da saúde. Em todo o caso, desde o fim do século XVIII, o corpo sadio, limpo, válido, o espaço purificado, límpido, arejado, a distribuição medicamente perfeita dos indivíduos, dos lugares, dos leitos, dos utensílios, o jogo do “cuidadoso” e do “cuidado”, constituem algumas das leis morais essenciais da família. E, desde esta época, a família se tornou o agente mais constante da medicalização¹⁴⁵.

A constituição da família moderna, essa pequena célula familiar afetiva, sólida, substancial e modelo da sociedade atual, esteve associada a um fator determinante: a investida do controle sobre o corpo e a sexualidade da criança – motivo e efeito dessa nova organização da família, em conjunto com a espacialização e a medicalização. Foucault relata a campanha pela “antimasturbação” das crianças e jovens acontecida no bojo das famílias burguesas durante o século XVIII como o episódio paradigmático para se entender essa reestruturação de um “novo corpo familiar”. Essa “cruzada” às práticas masturbatórias infantis adquiriu e propagou um discurso próprio, diferentemente aos discursos incriminatórios de moralização do corpo em função dos pecados da carne, distante da pura e simples culpabilização das crianças pelos próprios atos e para além do discurso científico das psicopatologias sexuais¹⁴⁶.

Esse discurso se caracterizou por apresentar a masturbação como uma “ficção da doença total”¹⁴⁷, ou seja, pela patologização e pela sintomatização, como origem, causa e consequência de diferentes problemas de saúde, desde a apatia e o esgotamento infantis até as futuras anomalias de uma vida adulta (os “anormais”); concentrando, assim, a atenção para o corpo – esse corpo doente. A partir do autoerotismo da criança, descobriu-se a sexualidade

¹⁴⁵ Ibid., p. 110.

¹⁴⁶ FOUCAULT, Michel. *Os anormais*: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

¹⁴⁷ Ibid., p.301.

infantil como premissa e se fez urgente a produção de discursividades, de estratégias, de poderes e de implementação de saberes para dar conta dessa epidemia. A campanha envolvia a conscientização dos pais como principais agentes controladores, repressores e terapêuticos das crianças, pois estavam, agora, convocados a participar do cotidiano de filhas e filhos, antes relegados aos cuidados da criadagem doméstica, de preceptores, de parentes. Esses elementos externos eram os “verdadeiros” culpados por seduzir, aliciar e incitar essa sexualidade às crianças, inocentes por natureza, através de exemplos negativos.

Nesse circuito, foram produzidos desde os tradicionais manuais para os pais de família com orientações e cuidados (*Memento du père de famille*, de 1860); publicações voltadas para as crianças, como a “Pequena autobiografia do masturbador”, e livros ilustrados; até instrumentos, figurinos e roupas especiais como coletes, corpetes, cintos, camisolões; além de dispositivos diretamente aplicados nos órgãos sexuais, químicos ou físicos. Todo esse arsenal de guerra para evitar que as minúsculas mãos tocassem onde não deveriam. A responsabilidade dos pais em casa, porém, não ficou apenas em vigiar “de fora”, foram, efetivamente, chamados ao corpo-a-corpo com filhas e filhos, e, se necessário fosse, dormiriam na mesma cama e investiriam o próprio corpo aos corpos das crianças. Como uma “família-canguru”, o corpo da criança, autoerotizado e sexualizado, revelava-se o elemento nuclear do corpo da família: entre tabus, condutas incestuosas, olhares bolinadores, gestos controladores e a atenção desmedida a esse corpo-físico-sexual (e doente)¹⁴⁸.

Em paralelo a essas recomendações domésticas, instaura-se, então, o poder da medicalização e o domínio da medicina agindo diretamente sobre a sexualidade infantil e sobre as relações de família. Pois é fundamental que o pequeno masturbador e a pequena masturbadora confessem seus delitos, a fim de se resguardar o corpo saudável e o bem-estar. Para isso, chama-se o médico especialista (e não o médico da família) que age quase como o diretor de consciência, o confessor herdeiro das técnicas cristãs, cujo poder convida a

¹⁴⁸Foi valorizando a sexualidade da criança, mais exatamente a atividade masturbatória da criança, foi valorizando o corpo da criança em perigo sexual que se deu aos pais a diretriz imperativa de reduzir o grande espaço polimorfo e perigoso da gente da casa e constituir com seus filhos, sua prole, uma espécie de corpo único, ligado pela preocupação com a sexualidade infantil, pela preocupação com o auto-erotismo infantil e com a masturbação: pais, cuidem de suas filhas excitadas e das ereções de seus filhos, e é assim que vocês se tornarão verdadeira e plenamente pais! (...) Em torno da cama quentinha e duvidosa do adolescente, a família se solidifica. O que poderíamos chamar de a grande, ou se vocês preferirem, a pequena involução cultural da família, em torno da relação pais-filhos, teve como instrumento, elemento, vetor de constituição, o destaque dado ao corpo sexualizado da criança, ao corpo auto-erotizado da criança. A sexualidade não-relacional, o auto-erotismo da criança como ponto de junção, como ponto de ancoragem para os deveres, a culpa, o poder, a preocupação, a presença física dos pais, foi isso um dos fatores dessa constituição de uma família sólida e solidária, de uma família corporal e afetiva, de uma pequena família que se desenvolve no meio, e claro, mas também à custa da família-rede, e que constitui a família-célula, com seu corpo, sua substância físico-afetiva, sua substância físico-sexual. *Ibid.*, p.315.

enunciação dentro da relação médico-doente e ao silêncio fora dela. As relações pais-e-filhos, assim, solidificam-se numa unidade sexual-corporal e subordinadas ao saber científico da intervenção médica e higiênica. A sexualidade, naturalmente, só poderia ser falada – e confessada – dentro desse domínio de normalização social que é a instituição médica, um meio de controle ético, corporal e patológico, e fora da discursividade familiar.

Enquanto o controle sobre o corpo e a sexualidade da criança estavam no âmbito do autoerotismo, o discurso vigente do século XVIII convocava e impelia os pais a uma aproximação constante e vigilante, a uma reaproximação ao contato de filhas e filhos. Mas essa conexão ao autoerotismo estava limitada e restritiva. É nesse ensejo que se institui e se facilita o entendimento e a admissão da teoria psicanalítica, já no final do século XIX, no contexto das famílias burguesas e nobres, em virtude de certa justificativa, um modo de “desculpar” os pais. Durante muito tempo, esses pais foram incitados a uma série de “condutas de indiscrição incestuosa”, em atos e curiosidades, que, ali, revelavam-se impróprias diante de corpos desejantes de crianças e suas sexualidades não mais cerradas em si mesmas – e em suas mãos –, como outro viés da cruzada antimasturbação¹⁴⁹.

A criança, tornava-se, com isso, um corpo desejante, sujeito de desejo, e os pais eram, de modo natural, os objetos desse desejo. Nessa prerrogativa, sendo objetos, os pais não precisavam se auto atribuir culpa, porque o desejo partia de filhas e filhos – do corpo da criança – e era direcionado a eles. Os pais, além da posse material e substancial do corpo de filhas e filhos, também estavam na posição de “senhores” desse desejo, pois sabiam, de antemão, através de um saber médico e autenticado, essa descoberta (reapropriação da sexualidade), figurando-se como sujeitos do saber, e, simultaneamente, objetos desse “desejo louco”: “Por conseguinte, no mesmo momento em que se satura etiologicamente a relação incestuosa filhos-pais, desculpa-se moralmente os pais pela indiscrição, pelo procedimento, pela aproximação incestuosa a que haviam sido obrigados por mais de um século. Logo, primeiro benefício moral, que torna aceitável a teoria psicanalítica do incesto”¹⁵⁰.

¹⁴⁹ Enfim, a terceira razão pela qual essa teoria do incesto pôde, apesar de certo número de dificuldades, acabar sendo aceita, e que, colocando uma infração tão terrível no próprio cerne das relações pais-filhos, fazendo do incesto – crime absoluto – o ponto de origem de todas as pequenas anomalias, reforçava-se a urgência de uma intervenção exterior, de uma espécie de elemento mediador, ao mesmo tempo para analisar, controlar e corrigir. Em suma, reforçava-se a possibilidade de uma influência da tecnologia médica sobre o feixe das relações intrafamiliares; garantia-se, melhor ainda, a ligação da família ao poder médico. (...) Compreende-se como, nessas condições – desde a psicanálise, desde o início do século XX –, os pais puderam se tornar (e de muito bom grado!) agentes zelosos, febris e satisfeitos de uma nova vaga de normalização médica da família. Creio, portanto, que é necessário situar o funcionamento do tema incestuoso na prática secular da cruzada contra a masturbação. No limite, isso é episódio dela, em todo caso um desdobramento. *Ibid.*, p. 340-341.

¹⁵⁰ *Ibid.*, p.339.

Esse entendimento do incesto pela teoria psicanalítica e a campanha antimasturbação, segundo Foucault, concentraram-se na família burguesa, tendo em vista que, para as famílias de origem popular e camadas baixas da sociedade, o discurso se apresentava diferentemente. Entre 1820 e 1840 houve uma forte campanha contra os concubinatos, as relações extra e para-familiares, as uniões livres, através da gerência de instâncias eclesiásticas, jurídicas e sociais. A propaganda coletiva e as publicações de livros visavam à estabilidade da classe operária por razões econômicas, de vigilância, policiamento e controle político. É dessa época a política habitacional das cidades operárias e das casas individuais, com os famosos três cômodos, espaços individualizados, para evitar as relações de promiscuidade¹⁵¹.

Para essas camadas da população, a campanha não é a de vigilância corpo-a-corpo de filhas e filhos e nem contrária à criadagem doméstica. O medo advindo da possibilidade do incesto, tampouco, insurge-se da sexualidade da criança e da necessidade de uma família afetiva e celular. O medo, contudo, vem do adulto e de sua sexualidade perigosa. Exige-se, portanto, dessa família operária em vias de consolidação, a repartição e a individualização. No primeiro caso, solicita-se a intervenção autoritária da medicalização, do saber médico; no segundo, por sua vez, a intervenção vai acontecer pelo poder judiciário, desde o policial ao juiz, e pelas esferas de assistência social, das entidades de socorro e administração da população. É notável observar que ambas as esferas iniciam-se em simultaneidade, fins do século XIX: a psicanálise, reinserindo o desejo na família e se constituindo como a intervenção fundamental à sexualidade infantil; e as instituições de policiamento e assistência social, a fim de proteger e, quando preciso fosse, retirar das famílias, as crianças sob risco e ameaça de adultos, sejam pais, parentes, irmãos mais velhos¹⁵².

Desse relato de Foucault e das leituras da história da família, chama a atenção, pai, que duas condições foram decisivas para a consolidação do modelo familiar moderno e as transformações ocorridas na paternidade: a emergência de classe e de gênero. As mudanças de espacialização, por exemplo, estiveram limitadas durante muito tempo aos nobres e aos burgueses; progressivamente, alcançaram os artesãos, os camponeses, e, por fim, trabalhadores do campo e trabalhadores urbanos – resguardadas as especificidades geográficas¹⁵³. Esse espaço privado, nas camadas proletárias e desassistidas, manteve-se

¹⁵¹ Ibid., p.343-344.

¹⁵² Ibid., p.345-346.

¹⁵³ O que Philippe Ariès destacou corrobora (com ressalvas de aplicabilidades, métodos, bases teóricas, etc.), às afirmações de Jacques Dupuis, de Elisabeth Badinter e de Elisabeth Roudinesco, por conseguinte, sobre as condições fundamentais de classe e de gênero. Ao se pensar em condição de gênero: o acesso à educação e aos colégios foi predominantemente masculino, porque às meninas ainda era reservada uma educação e formação em casa – para futuras (boas) esposas e mães de família. Ainda hoje, segunda década do século XXI, há diferença de

constantemente em disputa (ou diálogo) com o público, num entre-lugar reconhecido e indissociável, resquício dos grupos familiares, de parentesco, de vizinhos, e as redes de solidariedade (e também da “sociabilidade”). Essa é uma das características que igualmente vai se sobressair na história da família no Brasil: o espírito de comunidade.

Durante as descontinuidades na história da família, alguns acontecimentos foram relevantes no mundo ocidental, como as datas circuladas no calendário francês podem servir de referência. O fim do absolutismo e da associação da imagem paterna a de Deus iniciou outra disposição do poder patriarcal, depois da execução de Luís XVI na guilhotina em 1793, no auge da Revolução Francesa e com a queda do antigo regime. A Igreja perdeu, assim, a sua influência sobre o Estado e o pai se viu desfigurado de forças, desterritorializado em âmbito público, confinado ao ambiente privado da casa e de sua autoridade à família. O direito ao divórcio, conquistado um ano antes, foi revogado na época da restauração, sendo, finalmente, instituído como lei no ano de 1884¹⁵⁴.

Em 1889, na França, aconteceram as supressões das leis que garantiam o poder patriarcal sobre os filhos com a proibição dos castigos injustos. A correção paterna legal e institucionalizada foi definitivamente extinta pela lei de 1935. A Lei francesa de 4 de junho de 1970 retirou a expressão “chefe de família” e eliminou a concepção de “poder paterno”, estabelecendo, com isso, a divisão de autoridades sobre a criança entre a mãe e o pai: a família coparental. Em 1975, a Lei do aborto concedeu às mulheres o pleno direito e controle ao próprio corpo e à procriação¹⁵⁵.

A Lei do divórcio, no Brasil, foi aprovada em 1977. Alguns dispositivos legais brasileiros também buscaram alterações de linguagem, adaptando e retirando termos que pudessem, enfim, garantir certa isonomia de poderes a ambos os genitores, em especial, como pode ser visto nas atualizações feitas ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)¹⁵⁶. O

quantidade de mulheres no ensino superior e há diferença salarial no mercado de trabalho entre mulheres e homens. Vide os relatórios sobre a paternidade mostrados na **Primeira carta** e pesquisas como “Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça”, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), com base em dados coletados de 1995 a 2015 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), em parceria com a ONU Mulheres. As mulheres trabalham cerca de 7,5 horas a mais por semana do que os homens (em 2015, a jornada total média das mulheres era de 53,6 horas, enquanto a dos homens era de 46,1 horas), considerando que 90% das mulheres afirmaram realizar atividades domésticas em detrimento a 50% dos homens (índice que se manteve quase inalterado no decorrer desses vinte anos). Estatística que colabora à dupla jornada assumida pelas mulheres, dentro e fora de casa. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/retrato/>> Acesso em abril de 2017

¹⁵⁴ ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, s/p. E-book.

¹⁵⁵ Idem.

¹⁵⁶ IANDOLI, Rafael. PIMENTEL, Matheus. *Estatuto da criança e do adolescente: um avanço legal a ser descoberto*. NEXO. 2 de abril de 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2018/04/02/Estatuto-da-Crian%C3%A7a-e-do-Adolescente-um-avan%C3%A7o-legal-a-ser-descoberto>> . Acesso em junho de 2018.

ECA é apontado como referência mundial em legislação específica para proteção de direitos e estabelecimento dos deveres da população menor de 18 anos. A promulgação do Estatuto seguiu as linhas gerais do texto-base da Convenção sobre os Direitos da Criança, realizada pela Assembleia Geral da ONU em 1989¹⁵⁷.

[aliás]

É por tudo isso, pai, que se torna inviável pensar na paternidade, na maternidade, na filiação, nas relações de poder de pais-e-filhos(as), maridos e mulheres, mães e filhos(as), de forma isolada ou sem levar em conta esse contexto e sua história de descontinuidades, rupturas e transformações; além da urgência em se considerarem as diferentes funções de parentalidade nas famílias homossexuais ou sócio-afetivas. De mesmo modo, não é possível assimilar exclusivamente as relações de poder pelo único viés da dominação de pais (a devoração) e da submissão de filhas e filhos (como sendo a resistência e/ou transgressão). Apesar de o discurso institucional e os enunciados-discursivos e os não-discursivos produzidos, e suas características coercitivas, darem conta de que, historicamente, as mulheres estiveram habituadas a obedecer, tal qual as crianças.

Em concordância com Foucault e seus argumentos sobre as relações de poder múltiplas e de suas implicações recíprocas, há um intercâmbio de poderes, com graus e intensidades diversos, entre os agentes – atores – dessa microsociedade familiar. É certo, pois, não é somente um exercício de poder de mão única, centralizado ou estritamente (exclusivo) hierarquizado em nome (e em função) do pai, por mais que se tenha conhecimento dos modelos patriarcais e da subjugação das mulheres, elas também tinham papel fundamental dentro de casa sobre as filhas e os filhos. E não é possível ignorar as influências e os modos de agir das crianças e seus efeitos nos adultos, na família e na sociedade, como o próprio episódio da epidemia da masturbação infantil no século XVIII, por exemplo. E, com isso, a necessidade de, para além de controlá-lo, produzir-se mecanismos, instrumentos, dispositivos e saberes de vigilância corpóreas, comportamentais e de sexualidade em escala coletiva.

Parece contraditório, não é mesmo, pai?

Ao mesmo tempo que se assegura historicamente um poder patriarcal – autoritário e centralizador, também se reconhece um compartilhamento de poderes entre-paredes da casa e na família. É mais ou menos esse o caminho: são relações complexas, imbricadas,

¹⁵⁷ Idem.

múltiplas e plurais. Não se pode apontar apenas uma porta de entrada e saída, ainda que as janelas possam estar cerradas na casa, um dia, uma noite, elas se abrem. E não é só a luz do sol ou a luz dos postes incandescentes das ruas que, então, vão alcançar esse ambiente. Um ambiente desses. De escuridão e sombras. De luzes e reflexos. De aparências. Presenças. Ausências.

Pai, você está aí?

Pai?

Pai?

[aliás]

[aliás tropicalista:

era uma vez um pai na família brasileira]

Pai, pai, pai, pai, olha!

[Eis aqui nossa Terra Brasilis]

Aportamos.

Chegamos à história da família no Brasil – a nossa última parada nessa correspondência extensa. Um mar de palavras salgadas desponta no horizonte entre os trópicos e abaixo do Equador. A história da ex-colônia portuguesa marcada por relações de poder autoritárias e despóticas não pode atravessar despercebida aos nossos olhares de filhos e pai temerosos. Com ou sem medo, vamos navegar e singrar mais esse mar-todo.

Vamos, pai?

Pai, você respirou um pouco?

Tomou fôlego?

Vamos continuar, então?

Me acompanha, pai?

Pai?

Pai?

[aliás]

Em que se conteste a família extensa do patriarcado (núcleo mais os parentes, mais os agregados, mais os criados, mais os escravos – todos sobre o domínio do senhor), definida por

Gilberto Freyre em *Casa grande e senzala*¹⁵⁸, não há dúvida de que a família brasileira não era composta exclusivamente do núcleo central. Historiadoras e historiadores relatam o modelo de família monoparental desde o período colonial, em que a mulher precisava garantir o sustento dos(as) filhos(as) em trabalhos fora de casa, como lavadeira, doceira, costureira, criada, etc. As relações consensuais, os concubinatos, as múltiplas relações, prevaleciam como os mais frequentes modelos de relacionamentos, em especial, nas camadas proletárias da população, para além das justas e abençoadas núpcias.

No caso dessa obra, canônica, referencial e contestada¹⁵⁹, o estudo da família e as suas vinculações com o Estado e o sistema econômico vigente, objetivaram a compreensão da formação do Brasil enquanto nação. Para Ana Silvia Volpi Scott¹⁶⁰, bem como, igualmente ressaltado por Mary Del Priore¹⁶¹, Freyre situou a família como base da estruturação da sociedade colonial, a qual conservou como traços singulares de regime político-econômico o patriarcalismo e o escravismo, além da monocultura latifundiária. Nem o indivíduo, tampouco

¹⁵⁸ Definido por Gilberto Freyre, no “Prefácio à primeira edição”, como um “ensaio de sociologia genética e de história social”, cuja pretensão é “fixar e às vezes interpretar alguns dos aspectos mais significativos da formação da família brasileira”. Desde o subtítulo, já se compreendem os principais temas abordados: “Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal”, possibilitando a orientação de leitura. É o primeiro volume publicado do projeto “Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil”, que incluiu Sobrados e mucambos (1936) e Ordem e progresso (1957), considerando o quarto e último volume, Jazigos e covas rasas, não foi editado.

¹⁵⁹ Dentre os pontos de questionamento e contestação estão os procedimentos metodológicos aplicados por Freyre – do ecletismo de métodos à falta de conceituações e definições esclarecedoras –, as confusões causadas, por exemplo, no uso de termos como raça (quando poderia ser cultura), família (quando poderia ser tanto os moradores da casa como o grupo de parentes ou a unidade doméstica) e patriarcalismo (às vezes como sinônimo de regime econômico, às vezes como regime feudal, às vezes patrimonialismo familístico, às vezes a autoridade de pais e maridos, etc.) Fernando Henrique Cardoso, na apresentação à 48.^a edição, afirma que uma das críticas atribuída é justamente a de Freyre ser uma espécie de “anti-Rui Barbosa”, citada por José Guilherme Merquior, pela ausência desses eventos político-sociais de maior interesse público em oposição aos “pequenos” e particulares acontecimentos dentro da arquitetura e das relações fornecidas pela casa-grande. O sociólogo enumera como vulneráveis o “quase embuste do mito da democracia racial”, a ausência de conflito entre as classes, a “ideologia da cultura brasileira”, pensada a partir da “plasticidade” e do “hibridismo” portugueses. E cita a reconhecida crítica de Darcy Ribeiro à representação do índio como “tosco”, quando os indígenas brasileiros tinham práticas de cultivo de plantas superiores aos de tribos africanas, não sendo, assim, meros coletores, como apontados no texto. CARDOSO, Fernando Henrique. “Apresentação: Um livro perene”. In. FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2003, p. 26. Da mesma maneira, vale ressaltar a afirmação de Bart J. Barickman e entender esse projeto de Freyre como produto do seu tempo, em conformidade com as pesquisas, os métodos e as ideias (e posicionamentos e opiniões do autor) da primeira metade do século XX, ainda que valham as tentativas revisionistas e todas as críticas, devem estar alinhadas com essa perspectiva temporal.

¹⁶⁰ Ana Silvia Volpi Scott recupera as diferentes abordagens da temática família dentro das pesquisas historiográficas nacionais. Ela elenca, portanto, a questão da família patriarcal como um tópico central nos debates e situa certa polarização entre a “historiografia tradicional”, representada especialmente pelos estudos e as obras de Gilberto Freyre, Antônio Cândido e Sérgio Buarque de Holanda, em oposição aos estudos mais recentes que criticam e apontam a obsolescência desse modelo, como os historiadores Ronaldo Vainfas e Bart J. Barickman, por exemplo. “‘Descobrimo’ as Famílias no passado brasileiro”. In. SCOTT, Ana Silvia Volpi, *et al* (Org.). *História da Família no Brasil Meridional: temas e perspectivas*. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2014.

¹⁶¹ DEL PRIORE, Mary. *Histórias da gente brasileira: Volume 1 – Colônia*. São Paulo: Leya, 2016.

o Estado, pode ser considerado como o fator colonizador do Brasil, senão a família que exercia desde o poder político ao poder de justiça, produzia e controlava as riquezas da terra, demarcava e avançava territórios, construía as suas casas-grandes, instalava fazendas, comprava escravos, fazia girar a economia da colônia e, além disso, ditava o ritmo da vida religiosa e comportamental.

Há uma confusão entre os termos “família patriarcal” e “família numerosa”, tanto para Ronaldo Vainfas como para Barickman, tendo em vista que, de acordo com este último, Freyre não conceituou com precisão nem a definição de patriarcalismo utilizada e nem a noção de família: se essa representava uma rede de parentesco – a parentela (como também descreveu Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*) ou se família estava associada ao grupo doméstico censitário – o domicílio nuclear como unidade doméstica. Barickman¹⁶² esclarece que a ideia de patriarcalismo não tem necessariamente a ver com a relação de quantidade de pessoas – parentes – moradores na casa, independe da presença de filhos casados, genros, noras, sobrinhos. O conceito se associa à ideia do “pátrio poder”, a autoridade exercida pelos pais e maridos (patriarcas) sobre as esposas e os filhos e as filhas¹⁶³.

A sociedade brasileira se formou com a miscigenação dessas três etnias: o branco colonizador português, o indígena nativo e o negro escravizado. Assim se deu com a família: o colonizador e a índia, o colonizador e a mulher branca vinda de Portugal, o colonizador e a escrava negra ou mulata. A miscigenação também ocorreu entre indígenas e negros (as), e, mais raramente, entre a mulher branca e homens negros ou indígenas. E, dessas uniões, as filhas e os filhos: brasileiros miscigenados, mestiços, mamelucos, pardos, mulatos, legítimos quando são de justas núpcias ou considerados da família (reconhecidos); ilegítimos, bastardos ou espúrias. Além da grande quantidade de violência, estupros e abusos.

¹⁶² BARICKMAN, Bart J. “E se a casa-grande não fosse tão grande? Uma freguesia açucareira do recôncavo baiano em 1835”. *Afro-Ásia*, 29/30, 2003, p. 119-122. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/download/21055/13652>> Acesso em abril de 2017.

¹⁶³ “Além disso, é mais do que legítimo supor que, mesmo identificando a “família” com a “casa”, Freyre não tinha em mente os fogos analisados aqui e em boa parte da literatura revisionista sobre a família no Brasil colonial e oitocentista. Freyre tem uma reputação bem merecida de ter citado e usado de modo, na época, inovador fontes dos mais diversos tipos. Mas entre essas fontes não constam os censos nominativos, o que não deve surpreender. Por um lado, como já se assinalou, no Nordeste, são extremamente raros os censos desse tipo. De fato, ainda não se localizou nenhuma lista nominativa de um distrito açucareiro da Zona da Mata de Pernambuco entre a documentação do período colonial e do século XIX guardada nos arquivos pernambucanos. Por outro, até fins da década de 1930, os historiadores aparentemente desconheciam a existência de um grande acervo de listas nominativas nos arquivos de São Paulo e Minas. Foi só em 1948 que Lucila Hermann publicou sua tese sobre Guaratinguetá, a primeira pesquisa de fôlego baseada nas listas paulistas. O estudo de Hermann saiu, assim, mais de uma década depois que Freyre publicou as primeiras edições de *Casa-grande & senzala* (1933) e de *Sobrados e mucambos* (1936). Portanto, é mais do que compreensível que, nos dois livros, Freyre não utilizasse como fonte os censos nominativos, nem se referiu à casa-grande como “fogo”; ou seja, como unidade doméstica censitária”. *Ibid.*, p. 123-124.

As casas-grandes de engenho da zona açucareira não eram reproduções das casas portuguesas, tampouco equiparavam-se às das colônias asiáticas e africanas, tendo, portanto, arquitetura e expressão diferenciadas, próprias do patriarcalismo rural e escravocrata luso-brasileiro. E essas mudanças diferenciavam-se, sobremaneira, da colonização da América do Norte e da América hispânica com seus “criollos ricos” e “bacharéis letrados”, em que boa parte das civilizações nativas foram exterminadas (maias, astecas e incas, por exemplo) e a miscigenação não foi uma prática frequente. As casas luso-brasileiras guardavam aspectos específicos de sua arquitetura: horizontalidade, cozinhas amplas, grandes salas de jantar, numerosos quartos para os filhos e hóspedes, capela, acomodações para filhas e filhos casados, “camarinhas no centro para a reclusão das filhas solteiras (expressão autêntica desse tipo de casa no Brasil)”, gineceu, copiar e senzala¹⁶⁴.

É “característico de todo o brasileiro (sujeito homem) nascido ou criado em casa-grande de engenho” as expressões de autoritarismo, de domínio, de força e agressividade, de mando violento, de exposição do poder social e político, como certa predileção e “gosto” pelo gesto de mandar. São associações baseadas em dominação e submissão: conquistador e conquistado(a), senhor e escravo(a), homem e mulher. Freyre situa não apenas a mulher escrava sob esse julgo, todavia, as mulheres brancas da família, da esposa, filhas, irmãs às sobrinhas, todas as mulheres dependentes econômica e socialmente desse homem – senhor, patriarca, dominador. Eis a formação da sociedade patriarcal: mulheres existindo à sombra de pai e marido, “reprimidas sexual e socialmente”¹⁶⁵.

Durante três séculos de escravidão, três milhões e 500 mil escravas e escravos foram trazidos para o Brasil, porém, não se sabe ao certo quantas crianças vieram da África¹⁶⁶. Dos registros que se têm notícias das crianças nascidas já em solo nacional, o consenso é a incerteza e a falta de conhecimento das paternidades (“crianças sem pai”). De 1870 até 1875, em Salvador, em 85 batismos de crianças escravas, todas são consideradas ilegítimas, por exemplo. Dado esse que coincide com a taxa de ilegitimidade da população livre no mesmo

¹⁶⁴ Freyre, credita como consequência da aproximação a miscigenação e o hibridismo de etnias e culturas (“cor” e “raça” nos termos gilbertiano) entre as casas-grandes e as senzalas, entre os senhores sádicos e dominadores e as mulheres escravas “passivas” (utilizado pelo autor) e submissas (de modo semelhante como ocorreu às indígenas). Para ele, esse seria um traço, inclusive, de certa “democracia racial” (um “mito”), atribuída, em especial, à mística da sensualidade, do “ethos dionisíaco”, das paixões lascivas, da maleabilidade plástica dos portugueses e sua moral permissiva na colônia, provocados pela abundância de desejos e ofertas das negras e mulatas – assunto debatido por pesquisadores e pesquisadoras, a se pensar que, na maioria das vezes, esses encontros seriam forçados ou por obrigação servil. Ibid, p. 43.

¹⁶⁵ Ibid, p. 113-114.

¹⁶⁶ Conforme Mary Del Priore, em *Histórias da gente brasileira: Volume 1 – Colônia*, tem-se a informação de que desembarcaram no mercado do Valongo, no Rio de Janeiro, no início do século XIX, 4% de escravos(as) crianças, segundo estudos de Manolo Florentino. DEL PRIORE, Mary. *Histórias da gente brasileira: Volume 1 – Colônia*. São Paulo: Leya, 2016, p. 377.

período, 62%. De acordo com Kátia de Queirós Mattoso, todas as mulheres escravas dessa amostra são mães solteiras. São crianças sem nenhuma, ou quase nenhuma, referência paterna¹⁶⁷, e cuja materna também, muitas vezes, lhes são privadas. Como consequência, a comunidade de escravos e escravas terminava por assumir tais funções: todos os homens podiam simbolizar o papel de pai, enquanto todas as mulheres o da mãe¹⁶⁸. Beira um retorno concentrado ao sistema classificatório de parentesco: as crianças são criadas em grupo.

Antes da Lei do Ventre Livre, de 1871, a possibilidade de liberdade existia quando a criança, filho ou filha da escrava com seu senhor ou outro homem livre, fosse reconhecida pelo pai na hora de sua morte. Os laços de compadrio e solidariedade também eram importantes, tendo em vista que o padrinho e a madrinha se responsabilizavam pela mãe da criança e essa era uma oportunidade de promoção social, como para a população livre ou liberta. Esses laços ajudavam na sobrevivência ou mesmo podiam representar alguma chance de alforria. A Lei concedia a liberdade às filhas e aos filhos das escravas, mediante a regra da incumbência e autoridade dos senhores-proprietários das mães de sustentar e criar as crianças até a idade da razão (8 anos); depois, o senhor poderia requerer os seus serviços, utilizando-os até os 21 anos completos, ou então, receber do governo imperial uma indenização, e assim “compensar” seus investimentos.

Antônio Cândido¹⁶⁹ explicita como uma das características predominantes da época os concubinatos, cujos filhos e as filhas das escravas – e concubinas – dos senhores das casas-grandes acabavam por conviver com as filhas e os filhos legítimos do casal, considerando que as crianças brancas poderiam vir a se tornar senhores e senhoras dos próprios meios-irmãos(ãs). São evidenciadas as bases sociais e econômicas da formação da família brasileira de modo semelhante ao de Gilberto Freyre, porém, nesse artigo, especificamente, delinea-se

¹⁶⁷ Na contramão desses dados, registra-se o caso da união consensual interétnica da escrava alforriada Francisca da Silva de Oliveira, a Chica da Silva, e João Fernandes de Oliveira, um rico negociante do ramo dos diamantes, no Arraial do Tijuco, na segunda metade do século XVIII nas Minas Gerais, durante quinze anos resultou em treze filhos(as). Dessa relação, destaca-se que todos os filhos e filhas foram registrados(as) pelo pai, reconhecidos e nomeados (apesar da aparente redundância na informação), sendo que os filhos homens acompanharam o negociante quando este retornou a Portugal, tendo eles recebido formação e educação superior. As filhas, as quais ficaram no Brasil, também foram educadas conforme a época permitia e garantia às mulheres: para serem boas esposas e mães ou religiosas. Muito diferente da realidade da maior parte das mulheres e dos homens negros. Sendo libertos(as), alforriados(as) ou mesmo descendentes de mães escravas e pais brancos. Esse caso não foi o único, certamente, contudo guarda bastante notoriedade histórica. Para referência sobre a biografia e o relacionamento de Chica da Silva e João Fernandes de Oliveira, menciona-se o livro de Júnia Ferreira Furtado: *Chica da Silva e o Contratador dos Diamantes - O outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹⁶⁸ MATTOSO, Kátia de Queirós. “O filho da escrava”, In. DEL PRIORE, Mary, *et al* (Org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991, p. 33-41.

¹⁶⁹ CÂNDIDO, Antônio. “*The Brazilian Family*”. In.: SMITH, T. L. MARCHANT, A. (eds). *Brazil, portrait of a continent*. New York: The Dryden Press, 1951.

certa divisão entre o núcleo doméstico (nesse ponto, diferente de Freyre), composto pelo casal e seus filhos(as) legítimos(as), e uma espécie de “periferia” à família, com agregados, escravos, criados e todas as crianças frutos dessas uniões¹⁷⁰:

Frequently the solution was found in the patriarchal organization of the family itself, which presented a double structure: a central nucleus, legalized, composed of the white couple and their legitimate children; and a periphery not always well delineated, made up of the slaves and *agregados*, Indians, Negroes, or mixed bloods, in which were included the concubines of the chief and his illegitimate children¹⁷¹.

A realidade das mulheres no período colonial era a de muito trabalho num cenário de miséria, nos próprios lares cuidavam dos filhos e das filhas, e, fora deles, responsabilizavam-se pelo seu sustento. Parte dos homens abandonavam as mulheres e suas famílias ou não paravam em casa (desde os motivos de trabalho até as múltiplas relações), ocasionando, assim, pequenos lares chefiados por mulheres. Também acontecia uma espécie de rotatividade infantil, pois as mães se viam obrigadas a distribuir as crianças aos parentes, aos vizinhos, às comadres, para serem criados. As crianças eram recebidas em outros lares por uma rede de solidariedade (“amor da criação”) ou porque serviam como mão-de-obra doméstica¹⁷².

Conforme atestam os relatos de três processos judiciais de abandono de mulheres por homens. O primeiro deles, de 1787 no litoral paulista, cuja condição de miséria obrigava a mãe, sem o cônjuge, a colocar o filho menor a esmolar nos domingos de missa e dias santos; em outro, a mulher se queixava do marido, o qual a deixou em total desamparo. No terceiro, datado de 1765, também na capitania paulista, o marido maltratava tanto a esposa e sua prole, privando-os, inclusive, de alimentos, ou saindo de casa sem fornecer nenhum provimento à

¹⁷⁰ Sobre esse artigo de Cândido, o historiador Bart. J. Barickman afirma que deve se tratar de uma tradução de um texto escrito originalmente em português, porém, como nunca foi publicado no Brasil, alguns termos em inglês adquirem diferentes sentidos, como no caso da palavra “*household*”, vinculada à periferia da família patriarcal, por exemplo. Ainda assim, o autor faz a ressalva de, citando Ronaldo Vainfas no livro *Trópico*, essa periferia ou grupo doméstico manter a ideia da parentela, da rede de poder e da dependência ao senhor da casa-grande.

¹⁷¹ “Frequentemente a solução foi encontrada na organização patriarcal da própria família que apresentou uma dupla estrutura: um núcleo central, legalizado, composto do casal branco e as crianças legítimas dele; e uma periferia nem sempre bem delimitada, composta dos escravos e agregados, índios, africanos ou de sangue misturados, na qual estavam incluídas as concubinas do senhor e as crianças ilegítimas dele.” CÂNDIDO, Antônio. “*The Brazilian Family*”. In.: SMITH, T. L. MARCHANT, A. (eds). *Brazil, portrait of a continent*. New York: The Dryden Press, 1951.

¹⁷² No primeiro volume de *Histórias da gente brasileira*: Colônia, Mary Del Priore recupera uma passagem de Gilberto Freyre a fim de expor o papel sexual exercido pelas mulheres negras e mulatas, fossem elas escravas, livres ou forras, a partir de um conhecido ditado popular: “Branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar”. Logo após o tempo em que as índias serviram – em massa – de objeto sexual aos colonizadores brancos, seguiu-se a exploração e o degredo das mulheres negras, mulatas, africanas, caboclas, ladinas, todas igualmente reduzidas e inferiorizadas por sua condição racial e de gênero. DEL PRIORE, Mary. *Histórias da gente brasileira: Volume 1 – Colônia*. São Paulo: Leya, 2016, p. 407.

família, que, em virtude da situação calamitosa, foram acolhidos pelos vizinhos¹⁷³. O índice de crianças bastardas era 30% a 60% entre a população livre e de 50% a 100% entre a população escrava. Os censos do século XIX indicavam de cada três mães brancas, uma teria tido filho ou filha fora do casamento¹⁷⁴. É possível perceber, portanto, como a figura da mãe solteira ou da mãe concubina era aceita socialmente nas cidades e vilas do período colonial, especialmente no século XVIII.

A revolução industrial e a modernidade ocuparam o espaço do patriarcado rural, mas permaneceram acentuando esses laços de subordinação de uma “raça à outra”, tal qual a acomodação de uma classe à outra e o antagonismo da casa – a maior em relação à menor – e ambas em direção ao exterior, à rua, a praça, e, até mesmo, ao mar. Se, antes, tinha-se a casa-grande como o símbolo da acomodação da escrava e do escravo ao senhor, da preta e do preto ao branco, da filha e do filho ao pai e da mulher ao marido; no sobrado, esses padrões de aculturações se modificaram em virtude do urbanismo e de suas adaptações ao meio físico, todavia, ainda prevaleceram sobre o mucambo e seus(as) moradores(as)¹⁷⁵. Por outro lado, existiram certas zonas de confraternização entre esses extremos, como nas procissões, nas festas religiosas, nos entrudos e nos carnavais¹⁷⁶.

É possível perceber como as relações entre a família e os modos de produção, bem como, a esfera política, o espaço físico e social, foram se transformando durante os períodos da colonização, do império e da república. A família foi se adaptando às circunstâncias de uma sociedade com traços ainda feudais e de poderes tutelares, a qual precisava desempenhar e assumir papéis diferenciados como o da igreja, o da cooperativa, o do sindicato, o da escola, e se via obrigada a descentralizar a sua autoridade e influência. Como modelo de família patriarcal estaria quase extinta no Brasil do começo do século XX, mas manteria certa “vida longa” e uma perenidade em seu caráter intrínseco de relações hierárquicas e no modo de fazer política. O patriarcalismo, assim, ampliou-se e se solidificou no paternalismo e no “culto sentimental ou místico da figura do pai”, identificado e reconhecido como homem protetor, providencial e imprescindível para o bom andamento da vida social¹⁷⁷.

¹⁷³ Ibid.

¹⁷⁴ VENÂNCIO, Renato Pinto. “Maternidade negada”, In. DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 167.

¹⁷⁵ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: Dependência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global, 2013.

¹⁷⁶ Ibid., p. 18-19.

¹⁷⁷ Ibid., p. 48.

É nesse sentido que o maternalismo¹⁷⁸ funcionou como espécie de compensação moral e psíquica aos excessos do paternalismo, porém, não se pode confundir com o matriarcado. Apesar de terem existido inúmeras matriarcas, chefes de família, “matronas”, que, por ausência de pais e maridos ou até mesmo diante da ineficiência dos mesmos, atuaram como mandatárias e responsáveis por seus lares e suas famílias. Ainda assim, não se pode falar em matriarcado como sistema ou modo de produção. As matriarcas existiram dentro do sistema patriarcal e como tal agiram, equiparando-se aos patriarcas¹⁷⁹.

O enfraquecimento do patriarcado se estabelece nacionalmente com a ascensão dos colégios de padre e a ampliação da educação aos filhos dos senhores da casa-grande e das suas mudanças para as cidades e os sobrados. A educação das filhas se faz em outros termos, continuando em casa e com objetivo de ser para a família¹⁸⁰: belas, recatadas e do lar. Ainda assim, foi também pelas mulheres o segundo elemento de ruptura dessa autoridade suprema do patriarca. Ou seja, “enfraquecia-se o ‘*pater familias*’ em duas de suas raízes mais fortes: como senhor pai e como senhor marido”¹⁸¹.

Os filhos, que, antes tinham sofrido com os desmandos e abusos dos senhores pais, mostravam-se munidos do espírito jovem (rebelde *per si*) da cidade (muitos deles com formação e educação na Europa), em oposição a essa representação do patriarcalismo rural, da estagnação econômica das casas-grandes, da autoridade envelhecida e arcaica de seus pais e

¹⁷⁸ A questão da tutelaridade estaria vinculada à família pela imagem da mãe e no seu culto igualmente manifesto na instituição da Igreja e na adoração de Maria – a mãe de Deus e senhora dos homens. No Brasil, inclusive, foi abrangente e de fácil acolhimento a adoração, dentro de um cristianismo popular, de Nossa Senhora – vide Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do país – até mais do que o culto ao Deus Pai, por exemplo. A mãe também estaria relacionada à proteção, como madrinha, com prestígio na vida política e administrativa, intervindo junto aos seus filhos, afilhados, genros, assim, o maternalismo, ou maternismo, estaria paralelamente ao paternalismo. E essa demonstração de afeto e de dedicação representaram modos de fuga à tirania e ao despotismo do patriarca, do pai, do velho senhor, sádico e dominador, sobre os entes da família – em especial, de filhos e filhas. Como se a mãe fosse, ao mesmo tempo, abrigo, guarida, subterfúgio e amparo de meninos(as) e adolescentes. Ibid., p. 48-49.

¹⁷⁹ Gilberto Freyre menciona as matriarcas como equivalentes de patriarcas, “aquelas matronas que, por ausência ou fraqueza do pai ou do marido, e dando expansão a predisposições ou caraterísticos masculinoides de personalidade, foram às vezes os ‘homens de suas casas’”. Ibid., p. 50-51. Freyre relata as formas de matriarcado – aqui, também, como expressão de maternalismo –, de modo semelhante ao de Jacques Dupuis. Ambos os autores referem-se às funções assumidas pelas mulheres como chefes de família – e mães – dentro de casa, no máximo, exercendo uma influência que garantisse a sobrevivência econômica e social de suas famílias, porém, sempre, engendradas em um sistema maior, representado pelo poder político e pela autoridade masculina – o homem como governante e mandatário e arranjador da sociedade.

¹⁸⁰ Cabe ressaltar a menção que Freyre faz as “casas de caridade” da Ordem do Padre Ibiapina, que abrigavam moças, sendo órfãs ou não, garantindo e providenciando formação e educação – “casas de ofícios e artes”. Para o autor, essa iniciativa do missionário Ibiapina no sertão brasileiro (1858) poderia ter funcionado como espécie de “passagem mais tranquila do patriarcado rural para o industrialismo urbano e capitalista e do familismo ao individualismo”. As casas eram regidas e comandadas por mulheres, as “mães sinhás”, e não tinham escravos, sendo, portanto, trabalhadoras e trabalhadores livres, além de salientar a valorização social da mulher. Ibid., p. 51-55.

¹⁸¹ Ibid., p. 112.

avôs – brancos, preconceituosos, autoritários. Jovens mamelucos, caboclos, mestiços, filhos bastardos, alguns órfãos, contudo, bem educados nos colégios dos padres, dispostos a colocar em prática o fervilhar de novas ideias e de novos sistemas. Desse modo é que o reinado de Dom Pedro II se caracterizou como o modelo de promoção dessa juventude precoce, livre e libertadora de tiranias.

Um sistema em que o *mestiço*, por sua posição, tornava-se *branco* para todos os efeitos sociais, inclusive os políticos. Em que o afilhado, ou o sobrinho, igualmente, tornava-se filho, para os mesmos efeitos: tanto que os indivíduos biologicamente filhos de padres nada sofriam nas suas oportunidades sociais sob a designação, apenas de etiqueta, de afilhados ou sobrinhos. Em que o genro superava às vezes o filho biológico nos privilégios sociais de descendente do chefe da casa ou da família. Em que a mulher tornava-se sociologicamente o homem da casa, o chefe da família, o senhor do engenho ou da fazenda, sem que tal substituição importasse em matriarcalismo senão adjetivo – nunca substantivo – ou em valorização do sexo considerado frágil. (...) Foi, ainda, um sistema em que o nome de família ilustre, prestigioso ou importante, frequentemente superou o de família obscura mesmo quando aquele era o da mulher ou do tio ou avô ou padrinho e este, o do homem ou do pai. Outra simulação de matriarcalismo ou avuncularismo dentro do patriarcalismo. Na verdade, o que se verificava em tais casos era a vitória do elemento sociológico sobre o biológico. (...) Tais casos foram numerosos na história da nossa sociedade patriarcal, ou tutelar, caracterizada pelo complexo de proteção¹⁸².

Os próprios fatores apontados como fundamentais para a consolidação da família moderna ocidental, como a separação da privacidade da casa com a rua e a sociabilidade, também foram vivenciados diversamente no Brasil. Enquanto a intimidade e o conforto de uma casa atingiu logo de início as classes favorecidas, famílias proletárias ainda mantinham (mantêm) fortes laços de comunidade (compartilhar o pátio ou quintal com os vizinhos e estender os laços de parentesco e afetividade), inclusive, como meio de sobrevivência e resistência. Assim também ocorreu com a escolarização e o tratamento dado às mulheres.

Para Cláudia Fonseca¹⁸³, tem-se a necessidade de distinguir como o processo dos grupos populares se moldou, com características próprias de organização social e de manutenção: menos heteróclita em virtude das aglomerações urbanas e a partir de uma “cultura popular” das camadas pobres das classes trabalhadoras. Aspectos os quais confluem para certas inclinações desde a revolução industrial, como os casamentos precoces, o aumento das uniões consensuais, a instabilidade dessas relações, as altas taxas de bastardia e de crianças em circulação. Elementos que poderiam ser vistos como “desordem”,

¹⁸² Ibid., p. 156.

¹⁸³ “Ser mulher, mãe e pobre”. In. DEL PRIORE, Mary. *Et al* (Org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

“desorganização”, “irresponsabilidade”; mas que, em realidade, integram uma “cultura popular vigorosa” em detrimento aos valores e às normas da sociedade dominante¹⁸⁴.

Os aspectos observados na Europa pré-moderna são semelhantes aos vistos no Brasil colônia. Eis, então, uma questão tratada pela autora, que é particularmente cara a estas páginas das nossas cartas, a hipótese evolucionista cuja ideia afirma estar a história brasileira uma fase atrasada à história europeia – como se aqui acontecesse o mesmo em tempo posterior. Essa comparação e aproximação serve, no entanto, para, primeiramente, desmitificar o pensamento da família conjugal moderna, como sendo uma construção histórica e não uma unidade natural e universal (a família nuclear universal como preconizavam certos etnólogos, como o próprio Lévi-Strauss, além de antropólogos e etnopsicanalistas); relativizar teorias e conceitos utilizados antes, como os que julgam dinâmicas familiares por valorização; e, por fim, pensar e sugerir formas familiares específicas às camadas populares urbanas¹⁸⁵.

Mas o que se modificou do século XIX para o século XX, no Brasil, ao se pensar nas famílias das camadas desassistidas, nas classes trabalhadoras e nas redes de apoio de vizinhos, por exemplo? Certas condições articuladas durante a década de 1990 mostraram o processo de mudanças do começo para o final do século XX, tais como: melhorias estruturais e urbanas que atingiram os bairros populares; acesso e ampliação de transporte público; sistemas de energia elétrica e água encanada (apesar de saneamento básico ainda se configurar um problema no país); instauração da legislação trabalhista; democratização do ensino; legalização do divórcio; implantação do Sistema Nacional de Saúde – SUS. Entretanto, muitas das práticas familiares permaneceram, sim, semelhantes:

Lendo os arquivos de 1920 e a partir da minha experiência etnográfica na década de 90, encontrei diversos pontos de convergência entre práticas familiares de ontem e hoje. A frequência de uniões consensuais; a circulação de crianças; valores que colocam laços consanguíneos como iguais ou acima dos laços conjugais; noções particulares de pureza feminina, amor materno, infância enfim. Vemos que há mais do que pressões econômicas levando a mulher a procurar um companheiro, e que o recasamento não conduz necessariamente à preservação do núcleo mãe-filhos. Trata-se de pistas não para análises explicativas que reduzem as práticas sociais a uma série de causas e consequências, mas, sim, para a compreensão de significados específicos a um universo simbólico¹⁸⁶.

[aliás]

¹⁸⁴ Ibid., p. 436.

¹⁸⁵ Ibid., p. 437.

¹⁸⁶ Ibid., p. 454.

Essa trajetória traçada pelas veredas e os mares (de palavras e espaços) da história da família brasileira, a busca por onde está o pai e qual o seu lugar nesse contexto (narrativo, geográfico, factual) nos levou, pai, a estender vários limites comparatistas com os estudos e as pesquisas em nível ocidental, com suas semelhanças e diferenças. Por isso, logo no início da nossa correspondência, pensei em como seria fundamental compreender as dinâmicas e os movimentos de presença e ausência, de entre-s (possibilidades), e dos jogos de força exercidos e atingidos por esse pai – esses pais – nas relações familiares. De mesmo modo, fez-se imprescindível assimilar a genealogia do poder de Michel Foucault e refleti-las em âmbito nacional. É preciso ter em mente, sobretudo, as especificidades do nosso percurso como uma nação colonizada e que se manteve, apesar de um processo de independência, vinculada a sistemas políticos tradicionais e paternalistas. E como a concentração de renda e as desigualdades resultaram em cicatrizes indeléveis.

É preciso, também, perceber o lugar construído simbolicamente (o Pai) e o lugar imposto autoritariamente, em face de uma colonização, de um regime escravocrata e de um sistema econômico e de produção de base feudal. E entender o lugar reconfigurado espacial e temporalmente da imagem e da representação identitária do pai na cultura brasileira. O pai como aquela personagem que se está buscando, que se convoca, solicita-se sua presença, aceitação e proteção, como na bênção. O senhor da casa-grande como a encarnação e reprodução da imagem onipotente de Deus (“Deus é brasileiro” e feliz) em consonância à cordialidade resultante da miscigenação atribuída democraticamente ao país. A verdade discursiva da democracia racial e étnica em jogos de poder na família inter-racial e inter-classe é uma verdade não-verdadeira, ou parcialmente verdadeira. Pois a prática da servilidade, seja doméstica ou no mercado de trabalho, permanece.

O senhor da casa-grande, o chefe-de-família, o pai do sobrado, ele é perverso, violento e utiliza-se de suas graças superiores e suas artimanhas de arbítrio para manter o domínio dos seus: econômica e culturalmente cativos. Será que esse pai devorador e a paternidade em traços de devoração, dominação, submissão, resistência e transgressão, seguiram na contemporaneidade? Ainda se busca a autorização do “padrinho”, a presença do “patriarca” na política e nas esferas sociais (o “pai dos pobres”), o sinal benevolente do “pai-deus-brasileiro”? Historicamente, de um lado, há a busca pela presença do pai, seja espiritual e consagrada, seja material e física; do outro, diante de sua presença, há o amedrontamento, a aversão e a ojeriza pela autoridade sádica do

mesmo – outro – pai. O pêndulo temporal das relações pai-filhos(as) em *terra brasilis* oscilou entre-limites de temor e carência: filhos desprovidos e filhas inseguras, filhos com medo e filhas dependentes.

Entre esses dois paradigmas: da ausência paterna nas casas – informação corroborada pelas campanhas recentes a favor do reconhecimento legal da paternidade e os investimentos em pais cuidadores e responsáveis, para se combater a chaga da “cultura do abandono paterno” (os mais de 5 milhões de registros sem “Nome do pai”) – e o da autoridade e perversidade desse pai-paternalista, identificado ao patriarca soberano e associado ao temor de filhas e filhos, existiram transformações, rupturas e descontinuidades. Desde a própria pesquisa de Freyre, aonde aparecem focos de resistência a essas forças de poder devorador, com filhos rebeldes, filhas insubmissas, esposas ingovernáveis, “matronas” mandatárias.

Contudo, não é somente a transgressão ao poder, visualizam-se agentes produtores, arregimentados nas próprias movimentações de jogos de forças, em exercícios e atos, em efeitos multiplicadores, replicadores e acumuladores de positivities. Efeitos tais como o acontecimento da administração de Dom Pedro II e suas inovações advindas da juventude, embora se estivessem constituído e representado o poder régio e a macroestrutura da política nacional, as revoluções discursivas do novo sobre o velho tiveram caráter de rompimento e de inauguração em diferentes esferas sociais. As práticas religiosas de culto e devoção às santas (Virgens, Nossas senhoras), cujas incorporações de cultura de matrizes africanas também ocorreram de modo intenso, além do maternalismo, são provas dessa outra produção de poder.

Na contemporaneidade estão visíveis essas transformações e, ao mesmo tempo, as manutenções de poder. A crise da masculinidade e a derrocada do patriarcado ocidentais não foram suficientes para suplantam – e exterminar – a imagem simbólica desse pai brasileiro (fantasma), ainda arraigado nas relações de força de dominação e submissão e no jogo de presença-ausência, em favor de subjetividades alternativas. As identidades paternas (e suas representações identitárias), sem dúvida, já se alteraram daquelas da casa-grande e dos sobrados, porém, o simbolismo da autoridade e o imaginário da onisciência se mantêm na “última palavra é a do pai”, em gestos de educação e criação masculinistas e paternalistas dentro das casas e dos apartamentos.

Segundo os resultados do relatório sobre a paternidade mostraram, o país guarda resquícios colonizados e colonizadores, e promove relações desiguais. Assim, produz,

fornece e alimenta uma cadeia de discursividades, enunciados, estratégias e dispositivos de poder de ordem machista, misógina, racial e de ódio de classes, sobretudo, em atividades políticas e no mercado de trabalho. Frente às conquistas recentes, como a Constituição Federal de 1988 e uma nascente consciência acerca da importância dos direitos humanos, da pluralidade, da aceitação e do convívio de alteridades e diferenças, não é possível esquecer as consequências da ditadura civil-militar. E de como esse poder autoritário se fez representado e executado. Segue na atmosfera do país o conservadorismo político-social, em plena segunda década do século XXI, em nome da “família tradicional brasileira”.

Que família? A pergunta não se esgota em si mesma. E as práticas de poder nela efetivadas e dela engendradas precisam de ações frequentes de memorização e de elaboração. Pois as ressonâncias de exercícios de micro-poderes, como no sistema de educação, nos condomínios e nas cidades, por exemplo, e nas relações de macro-poder estatal e de governo, estão, simultaneamente, investindo, respondendo e recebendo das relações familiares: em reciprocidades e múltiplos efeitos. Como diz a psicanalista Maria Rita Kehl, o Brasil não elaborou os traumas da última ditadura, em razão de uma anistia ampla e irrestrita à época, e, assim, segue-se andando e vivendo sem memória, sem elaboração e sem consciência político-social. E segue-se marchando de verde-e-amarelo a favor da família e pedindo o retorno do iretornável. Qual família brasileira? Que pai se deseja? Qual pai brasileiro se quer em casa e que pai se quer esquecer?

Desde Isaac, Jesus, Édipo, Hamlet, os irmãos Karamazov até a saga do menino Josué, do filme *Central do Brasil*, as histórias de filhos e seus pais configuram-se em um novo motivo para narrar um velho motivo. Ou uma velha e comum história ocidental. Portanto, antes de terminar essa nossa primeira correspondência, pai, gostaria de relembrar, por um breve instante, essa busca do personagem Josué, como quem busca o pai e busca, assim, um país. Em *Central do Brasil*¹⁸⁷, de 1998, essa procura leva os dois protagonistas, a escrevedora de cartas Dora e o menino, a viajarem do centro do país, Rio de Janeiro, para o sertão nordestino (interiorizando-se – entranhando-se – enraizando-se). A tentativa que Dora também se vê impelida a realizar, pois ela não fora reconhecida pelo pai, “um bêbado”, e não teve a oportunidade de se reconhecer

¹⁸⁷ *Central do Brasil*: dirigido por Walter Salles, com roteiro de João Emanuel Carneiro e Marcos Bernstein, uma coprodução entre o Brasil e a França. CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles. Brasil / França, 1998. DVD.

enquanto filha. Mas, como “mãe substituta” de Josué, pode entregar o filho ao seu pai – legítimo e nomeado.

A busca de Josué Fontenelle de Paiva (“Fontenelle por parte de mãe e Paiva por parte de pai”, a resposta dada pelo menino ao ser perguntado por seu “nome”: sua origem está posta, e nomeada) é a busca de Dora – Isadora Teixeira –, é a busca de um país: onde está o pai? Que pai? É, igualmente, a pergunta cantada na música *Papaoutai*, do artista belga Paul Van Haver, o Stromae, evocada na epígrafe dessa *Correspondência I*. É a busca particular (que se torna coletiva) de filhas e filhos, desde Franz Kafka, desde Sibylle Lacan; desde Marcos Piangers às “mães solo” como Helen Ramos. Na esfera pública, por sua vez, uma procura dessas move diversas engrenagens e origina projetos como “Cadê Você? As pessoas por trás do abandono paterno”, além dos programas de auxílio para o reconhecimento legal de paternidades. Um esforço que extrapola os limites geográficos do país, do continente. Navegar é preciso. Buscar também.

Nesse filme, em especial, revela-se uma rede de linguagens e nomeações, no espaço do entre, em presenças e ausências: por um lado, as cartas que Dora escreve e a filiação que Josué estabelece ao falar nome e sobrenome; por outro, de silenciamentos, abandonos e ausências, de pessoas analfabetas que relatam suas histórias, de procuras por nomes, por letra, por linguagem e comunicação. Essas cartas que, no começo do filme, não são nem enviadas, depois, já no sertão sob uma nova perspectiva ética, têm outro destino. Como a própria carta ao pai ausente do menino Josué.

Talvez, a busca seja exatamente essa: uma busca.

O pai está na família. Esteve muito presente na família de antigamente.

E agora?

Agora ele também se busca como pai.

Mas que pai?

Talvez esse pai contemporâneo esteja buscando seu espaço.

Talvez esteja nesse espaço do entre.

Como filha, ainda não sei.

Você me ouve, pai?

pai?

pai?

pai?

[e
n
t
r
e]

bilhete ao (meu) pai

Ausência. Silêncio. Luceira.
Ausência te define. Silêncio
foi o que tu me causou. Luceira
é o que me transformou. O que
pedi? Pra ti, presença. De
ti? Amor. Mas acho que
tu não pudesse ser capaz de
me amar, disse eu echo, e te-
nho certeza, tu era, sim, capaz
de fazer. Mas teu amor foi
tão silencioso e tão pra lá
que ficou só em ti e pra mim,
do pouco que chegou, foi o mui-
to que eu quis e pedi, de ti
esse amor, esse presença, esse
gosto, essa carinho, esse boa
noite que eu não tive. Tu pedi
até pra professora da escola
por que tu não vinha, por que

tu não ficava comigo, fala
menos mais um pouquinho. Do
pouco pouco que eu já tinha.
O echo que nunca tive. De son-
dade, nunca tive, do que po-
dia ter tido. Tu era teu
dever. Tua responsabilidade. Tua
função. Tu nunca me pediu
desculpas por não estar, por
não ser, por ter deixado
silêncio. Tu continue chorando
levar é o que eu melhor sei
fazer. Isso tu me ensina tão
bem, chorar e sentir falta. A
tua falta. Mas agora eu não
me envergonho de chorar. Sei
que agora eu também não sei
mais quem é o que tu representa
na minha vida. Bom, de dor

resolvi fazer matéria para in-
tros e reflexão. Sei que não
posso mais te chamar. Pelo
teu nome. Nem teu nome.
Nem teu nome, pelo que te
define. Esse nome que te
chamam. Socialmente te chamam.
Injustamente te chamam. E
eu deveria te chamar também.
Tu que só sabe o teu
sobrenome. Tu que tenha
esse nome que pra ti foi
escolhido. Tu que sou
tua filha. Tua filha.
Mas eu não posso. Não
posso mais te chamar de
PAI. De MEU PAI.

Natasha Fontenau
08 de junho de 2016

*Correspondência II:
entre relações de desejo*

Pai
Fábio Jr.

Pai
Pode ser que daqui algum tempo
Haja tempo pra gente ser mais
Muito mais que dois grandes amigos
Pai e filho talvez

Pai
Pode ser que daí você sinta
Qualquer coisa entre esses vinte ou trinta
Longos anos em busca de paz

Pai
Pode crer eu tô bem, eu vou indo
Tô tentando vivendo e pedindo
Com loucura pra você renascer

Pai
Eu não faço questão de ser tudo
Eu só não quero e não vou ficar mudo
Pra falar de amor pra você

Pai
Senta aqui que o jantar tá mesa
Fala um pouco tua voz tá tão presa
Nos ensina esse jogo da vida
Onde vida só paga pra ver

Pai
Me perdoa essa insegurança
É que eu não sou mais aquela criança
Que um dia morrendo de medo
Nos teus braços você fez segredo
Nos teus passos você foi mais eu

Pai
Eu cresci e não houve outro jeito
Quero só recostar no teu peito
Pra pedir pra você ir lá em casa
E brincar de vovô com meu filho
No tapete da sala de estar

Pai
Você foi meu herói, meu bandido
Hoje é mais muito mais que um amigo
Nem você nem ninguém tá sozinho
Você faz parte desse caminho
Que hoje eu sigo em paz

Pai
Paz¹⁸⁸

¹⁸⁸ FERREIRA, Mauro. *Fábio Jr. é pai há 40 anos da canção que mais bem traduz as emoções e os anseios dos filhos em relação aos pais*. Blog Mauro Ferreira G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2018/08/12/fabio-jr-e-pai-ha-40-anos-da-cancao-que-mais-bem-traduz-as-emocoes-e-os-anseios-dos-filhos-em-relacao-aos-pais.ghtml>> Acesso em setembro de 2018.

PRIMEIRA CARTA

Pai, quem é você?

Paris, outono de 2017 e inverno de 2018

Porto Alegre, outono de 2017 e primavera de 2018

Pai,

Essa coisa de desejo é difícil de entender, de assimilar. É difícil de externalizar. Essa coisa de desejo é difícil de sentir. Mas nós sentimos, assim mesmo. Essa coisa de desejo é muito difícil de reconhecer. Talvez, pai, seja necessário falar sobre essa coisa do desejo e de sentir o desejo e poder compreender o desejo que se sente. Ou não se sente.

Desejo.

O meu desejo, com essas correspondências, era tentar entender, de certo modo, o seu desejo. Ou a falta de seu desejo. E assimilar essa trajetória toda de ausências e presenças, sejam físico-corpóreas, sejam movimentos de (não)desejo. Mas quem está, aqui, supondo uma ausência de desejo sou eu e interpelando uma vontade alheia e inacessível que é o seu caminhar-navegar de pai enquanto pai. Na verdade, você não me revelou o seu desejo. Você não manifestou, a mim, o mínimo sinal ou se você sente essa vontade e esse desejo de ser-pai. Você sente? Sentia? Um estar-pai?

Você não me disse nada.

Você não me diz.

Você apenas mandou fabricar a sua canoa, “escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos”¹⁸⁹. Quiçá, uma vida toda. Gerações inteiras. Você pegou o seu chapéu, ou o seu paletó e gravata, ou os seus sapatos recém engraxados, ou a sua camisa de time de futebol, ou nada disso, pois nenhum desses signos visuais é, de fato, seu, apesar de insistirem nessa composição, e você apenas foi. Você foi em direção à sua canoa e entrou no rio. Sem dizer nada. Ou uma palavra. Você, pai, você

¹⁸⁹ ROSA, João Guimarães. “A terceira margem do rio”. In.: *Ficção completa: volume II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

foi e é a terceira margem do rio, sem aviso, sem adeus, sem explicação, sem justificativa. Às vezes, sem canoa.

Às vezes, sem desejo.

Às vezes com um desejo que não se diz.

O que eu sei, e sinto: o seu desejo de pai não é o meu desejo de filha. O meu desejo, esse sim, meu desejo de filha, esse eu sei, é inatingível. É um desejo, porém, bastante comum na expressão da palavra de um filho e como tal se presentifica na linguagem dessa carta. Em uma palavra eu só queria dizer que sinto, e sinto falta. Talvez eu devesse e pudesse dizer saudade, aliás, fosse essa a palavra certa, saudade, a palavra possível para começar a se falar em desejo.

Saudade, tenho receio, possa ser pouco ou insuficiente. Parece que como filha, minha função de filiação, meu desejo, minha vida de filha, seja chamar você, buscar você, entender, e assim como tantos filhos e outras filhas fazem, fizeram, há séculos. Entender que saudade é diferente de nostalgia, tampouco está encravada no desamparo e certamente não diz respeito a um clamor por autoridade ou uma revalidação de um pai todo-poderoso e soberano. Mas que saudade é essa?

Que saudade é essa se eu mal conheço você?

E pode sentir saudade de quem não se conhece?

Mas quem se busca obsessivamente conhecer como se soubesse de antemão um saber-transcender qualquer domínio de uma relação ambivalente e difícil, porém desejante. Sentir saudade de quem não se conhece. Todavia, há decepção, frustração, medo, raiva e ódio nesse saber-transcender e continua-se a buscar conhecer. E, mesmo assim, há ternura e afeto e amor nessa saudade. Saudade de quem não se conhece. Porque eu não conheço você, pai.

Talvez, nem mesmo em sonho, eu conheça você.

E há o desejo.

O desejo de querer conhecer.

Há o desejo do desejo em buscar e saber qual é o seu desejo.

***[Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa. Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia.]*¹⁹⁰**

¹⁹⁰ Ibid., p.409.

***[aliás, é o pai
no começo, no meio, no fim, e depois
o pai]***

Estar em Paris é estar no lugar dos acontecimentos históricos e dos grandes eventos que aconteceram e me precederam, antes, contudo, de estabelecer o meu desejo de estar aqui. Um lugar-comum: aqui onde tudo aconteceu. Essa não é Paris do meu desejo. Essa é a cidade que vim conhecer para tentar descobrir e reconhecer esse desejo de pensar uma caminhada, um navegar, uma trajetória múltipla, não-linear, de retornos, de desconstruções dessas noções-conceitos, ideias de pai e de paternidade para a psicanálise – como método de investigação, como teoria, como prática terapêutica.

Desde o início dessa viagem, em Porto Alegre, ou, precisamente, desde uma prova de seleção para o doutorado, considerava a tarefa de embrenhar-me nessa trilha arriscada e dificultosa, porém, mais do que necessária, como o ponto de virada de um trabalho de uma vida – e da vida. Que venha a psicanálise. Estejamos prontos, pai, para caminhar e sermos completamente – ainda que na incompletude – atravessados por teorias, artigos, seminários, aulas, textos, e por algum medo. Que esse medo impulsione a resistência de resiliência, apesar da resistência me manter, sobretudo, diversas ocasiões, impedida de mínimas transferências, atos, escutas. Análises. Escrita. Escrever, às vezes, parece-me impossível.

O que eu sei do medo é que esse é o mesmo medo seu, pai. E o medo, talvez, esse, sim, seja nosso *estar em comum* de pai-e-filha.

Como distinguir o medo do impulso?

Caminhar.

Já que *flanar* é estar em Paris por certeza.

A primeira vez em que estive na Rue de Lille foi sem objetivo de encontrá-la, não saí de casa para percorrer o 7.^o arrondissement e obstinadamente chegar ao número 5 e de cara deparar-me com aquela placa – ali estava ela e isso não posso me furtar de escrever a você, pai. Mas esse crédito não posso tributar ao acaso. Paris é uma cidade de placas e as placas dizem sobre a cidade e os moradores e as moradoras que fizeram de Paris essa cidade de placas: Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre parecem brincar de pular de placa em placa e do 14^{ème} estão no Boulevard Saint Germain e mais um pouco

no 6ème novamente. Essa carta, todavia, não é sobre as placas da cidade e nem mesmo sobre a cidade – inesgotável em correspondências e cartões-postais e fotografias. Apenas faço essa pausa para tentar dimensionar como foi a minha reação diante da placa afixada ao lado da porta, 5 Rue de Lille: **Jacques Lacan (1901-1981) Pratique ici la psychanalyse de 1941 à as mort.**

Parecia, naquele local, diante daquela porta e daquela placa, ingenuamente, assim, ter me encontrado com a psicanálise. De alguma forma como não sei explicar, parecia em matéria um encontro que deixava as teorias e os consultórios (com ou sem divã) para se fazer concreto nas pontas dos meus dedos e nas solas de meus pés.

Não, pai, a psicanálise não é Jacques Lacan, tampouco está nos seus ensinamentos a condução dessa carta. Mas foi pelo ato do encontro geográfico, pelo simbolismo daquelas palavras grafadas e pela minha imaginação do que estava atrás e durante as paredes daquele endereço (apesar de as fotos desvelarem o conteúdo de minha imaginação, ainda prefiro imaginar) que comecei a entender e traçar esse percurso.

De novo, um percurso de filha em busca de pai.

E em busca do desejo do pai pelo filho.

E como não pensar na filha de Lacan, Sibylle?

E como não pensar no filho primogênito que se tornou o pai dessa revolução, Freud?

[aliás]

Para Philippe Julien, a psicanálise não revela de modo decisivo respostas sobre a problemática atemporal “*o que é ser um pai?*”, porém, substitui essa questão – que seria e é a principal – por outra, situando no polo da filiação uma demanda: “o que é, pois, para um filho, para uma filha, ter um pai? O que é que faz com que um sujeito possa dizer, posteriormente, que teve um pai?”¹⁹¹

Entre pais e filhos e filhas, vou seguir esse percurso. Ora de um lado, ora de outro, pai. E na relação com a mãe – a maternidade – entre, sobre, diante de nós dois – e nós todas-as. Dessa tríade – e de outras – não será possível escapar. Desse entre: Entre.

Do pai sedutor da teoria neurótica da histeria freudiana para a pluralização dos nomes do pai lacaniana, o pai – a ideia de pai – vem se transformando e sendo, assim, transformado pelo entendimento psicanalítico. Algumas considerações são fundamentais de antemão. O pai

¹⁹¹ JULIEN, Philippe. *O manto de Noé: Ensaio sobre a paternidade*. Tradução: Francisco de Farias. Rio de Janeiro: Revinter, 1997, p. 51.

e a paternidade ocasionam diferentes equívocos conceituais e confusões de delimitação, não só dentro da psicanálise, mas de uma forma ampla: a começar pela máxima – no princípio foi o pai – quem é o pai? O pai seria o genitor? E como ficam as questões de paternidade assistida? De inseminação artificial? A chamada “paternidade biológica”, que não tem, em si, nada de “natural”, designa o genitor ou quem fornece o espermatozoide, seja anônimo e voluntário, seja o “marido” da mãe – esse é o genitor? Assim, se é filho ou filha do espermatozoide? O exame de DNA prova exatamente o quê? De quem se é filho ou filha?

Por outro lado, existe a função social da paternidade e o papel afetivo – o lugar – do pai na família. Também em conformidade às construções sociais e ideológicas das relações entre os sexos ao longo dos tempos, onde está e onde não está o pai na família, suas tarefas e atribuições são distintas, como pensei alguns desses aspectos na nossa primeira e longa correspondência. O pai, assim, não seria quem cria o filho ou filha? Aquele cuidador, educador, protetor? Em determinadas culturas o pai, aqui entendido como o homem que copula com a mãe, não é sequer cogitado a assumir ou apresentar qualquer função social e/ou afetiva, sendo essas determinadas por tios maternos ou paternos, avôs, outras mulheres e representantes – o marido que não necessariamente teve relações sexuais com a mulher¹⁹².

O pai pode ser tudo isso. E é, sobremaneira, um nada disso.

Qual pai?

Quem é você, pai?

A grosso modo, é possível dizer que, para a psicanálise, o pai está no registro do simbólico e apresenta a função de interdição da lei – essa lei do incesto –, operacionalizando a cisão entre a mãe e a criança. O pai começa mítico (Freud), o pai se torna estrutural (Lacan). Mas não é apenas isso. Embora todos esses questionamentos acima levantados e pensados no começo dessas correspondências, como as mudanças sociais e históricas acontecidas em torno da imagem e da figura sócio-afetiva do pai e do pai na família, estejam, em alguma medida, imbuídos nesses conceitos, não podem ser confundidos com as noções de pai para a psicanálise. Ou seja, o declínio da figura paterna na família e a derrocada do patriarcado estão

¹⁹² Retomando o problema, o etnólogo E. Leach cita essa passagem de Frazer: “Para um indígena da Austrália Central, a paternidade significa que seu filho foi dado à luz pela mulher com quem ele tem o direito de coabitar, tenha ou não relações sexuais com ela. No espírito de um europeu, o vínculo existente entre um pai e um filho é um vínculo fisiológico; para o indígena da Austrália Central, trata-se de um vínculo social”. (...) Essa evitação engenhosa da relação pai/filho, aliás, não é apanágio exclusivo dos trobriandeses. Os gurmantchês (população do Alto Volta) fazem o mesmo. As relações pais/filhos são regidas de uma enorme frieza; o tio paterno (irmão do pai) é quem cuida da educação da criança, é ele quem lhe dispensa as manifestações exteriores de afeição – aliás recíprocas. PARSEVAL, Geneviève Delaisi de. *A parte do pai*. Tradução de Theresa Cristina Stummer. Porto Alegre, L&PM, 1986, p. 23.

no cerne contextual da teoria freudiana, porém não dizem respeito, analogamente, às instâncias da paternidade eleitas pela psicanálise e na terapia psicanalítica.

Freud buscou uma revalorização do pai através do campo científico. O pai sempre esteve no centro das suas investigações, conforme descreve Lacan. Para esse autodenominado “comentador” dos textos freudianos, inscrito nessa linhagem, a interrogação do vienense se deu a partir de “*o que é ser um pai?*”, desde sua doutrina, sua experiência como sujeito, seus hábitos, seus sonhos, sua biografia, suas atitudes em família. Sendo esse um problema englobando neuróticos e não-neuróticos na infância, explicita Lacan: “Essa pergunta é uma maneira de abordar o problema do significante do pai, mas não nos esqueçamos de que também está em jogo que os sujeitos, ao fim de contas, se tornam pais. Formular a questão *o que é um pai?* é algo diverso de ser-se um pai, aceder à posição paterna”¹⁹³.

Levando-se em consideração a dialética edipiana de pai-filho, para se alcançar a posição paterna, tem-se a suposição de que algum homem, em algum lugar, possa, verdadeiramente, alcançar essa posição e esse estatuto. Sem os quais, a própria dialética não funcionaria. No entanto, questiona Lacan, será que isso resolve a posição singular, intersubjetiva, de quem, aos olhos e pela vivência da criança, pode preencher esse papel? “Se é fato que, para cada homem o acesso à posição paterna é uma busca, não é impensável dizer que, finalmente, ninguém jamais o foi por completo”¹⁹⁴.

O caráter, inicialmente, e, sobretudo, mítico do pai engendrado por Freud é compreendido pela pretensão universal de estabelecer o mito de Édipo como basilar da teoria e da clínica psicanalítica. O pai edípico deixa, assim, de estar restrito ao contexto social e histórico da Europa do fim século XIX para o século XX, precisamente daquela Viena do império austro-húngaro, para se erigir como o sustentáculo da cultura humana: o mito da origem do sujeito e da integração à civilização e à família. É desse modo que Christian Dunker, em consonância com a maioria de psicanalistas, teóricos(as) e pesquisadores(as), aponta para o fato de a problemática do pai estar presente nos grandes casos clínicos¹⁹⁵ estudados e referenciados por Freud. Junto ao ponto de questionar “o que é ser um pai?” surge a indagação “o que é preciso fazer para me constituir como sujeito a partir da condição de filho?”: “A fidelidade ao pai em Elizabete Von R, o pai impotente em Dora, o pai endividado

¹⁹³ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: a relação de objeto (1956-1957)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 209.

¹⁹⁴ Ibid.

¹⁹⁵ Casos clássicos da clínica freudiana, dentre esses, os “cinco” mais estudados, a saber, estão: o caso Dora (Ida Bauer); o pequeno Hans (Herbert Graf); o Homem dos ratos (Ernst Lanzer); o Homem dos Lobos (Sergei Pankejeff) e o caso Schreber (presidente Daniel Paul Schreber).

no Homem dos Ratos, o pai deus-sedutor em Schreber, o pai reprovador da jovem homossexual, enfim não há nenhum caso clássico na clínica freudiana em que o pai não constitua o epicentro de um mito.”¹⁹⁶

[aliás]

Como falar em pai e psicanálise sem falar em e de Freud e sem pensar em uma constelação de conceitos (pai-psicanálise-pai-Freud-pai-Lacan) e nessas relações amalgamadas?

Pois foi justamente esse o questionamento de uma professora feito a mim, enquanto apresentava um desdobramento dessa minha pesquisa, durante um evento de literatura comparada na cidade do Rio de Janeiro, em 2016¹⁹⁷. Ainda é necessário voltar a Freud na psicanálise, como voltar a Aristóteles na teoria da literatura? Já não foi tudo dito e revisto e investigado e lembrado? Insistência crítica ou dependência teórica? Não sei dizer. Talvez, uma falta ou excesso de criatividade sublime objetos neuróticos por meio de cartas.

No que concerne a minha pesquisa, o retorno é inadiável – como revolto –, volto-me e concentro-me outra vez ao pai-criador da psicanálise. É claro, se meu objeto contemplasse somente teorias lacanianas ou de Melanie Klein, Bion ou Winnicott, talvez, assim, Freud estivesse repousando em mais sossego. O que não vai acontecer nessas páginas.

Nossa correspondência, pai, vai estar centralizada na teoria freudiana, para, em seguida, buscarmos a atualização, uma re-leitura transcendente, proposta por Lacan a essa teoria e clínica, no que concerne aos aspectos sobre o pai. Ou seja, não nos interessa aqui esmiuçar a extensa e complexa obra do psicanalista francês e sua revolução à revolução psicanálise. Ao final de nossa carta, nos encontraremos em diálogo e debate com as críticas de Michel Foucault à psicanálise.

Pai?

Pai?

Pai?

[aliás]

¹⁹⁶ DUNKER, Christian. I. L. *Autoridade e Alteridade*. Interações. Universidade São Marcos, v.I, 1998, p. 1.

¹⁹⁷ XV Encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada - ABRALIC, realizado no período de 19 a 23 de setembro de 2016, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Comunicação intitulada: “Por uma carta ao (meu) pai: a representação paterna em *Ribamar*, o diálogo com Kafka e a enunciação da (minha) voz autoral”.

**[aliás,
de primogênito a pai-criador:
Freud entre veredas neuróticas e míticas]**

No verbete “Psycho-analysis”, escrito para a 13.^a edição da *Encyclopaedia Britannica*, em 1926, Freud sentenciou: “O futuro provavelmente dirá que a importância da psicanálise como ciência do inconsciente ultrapassa em muito a sua importância terapêutica”¹⁹⁸. Para o médico neurologista, interessado de início nos fenômenos da histeria, a psicanálise constituía-se em dois pressupostos-atividades, dois “significados”: o primeiro, como um método especial para o tratamento de doenças neuróticas; o segundo, como ciência dos processos psíquicos inconscientes, também denominada de “*psicologia profunda*”. Nesse ínterim, o campo de aplicações do novo método científico-terapêutico estava delimitado ao tratamento de neuroses leves, como histerias, fobias, estados obsessivos, deformações de caráter, inibições sexuais e anormalidades, também podendo ser utilizada em casos de depressões severas, mas com restrições “duvidosas” perante a *dementia praecox* e a paranoia¹⁹⁹.

Freud insistia em apresentar a psicanálise em seu duplo caráter de método de investigação e de clínica terapêutica. Aos seus olhos, não devia ser encarada como uma “cômoda panaceia para os males psíquicos”²⁰⁰, mas visava melhorias às doenças neuróticas e possíveis curas. Levando em conta, para isso, as dificuldades do longo período de tratamento às e aos pacientes, o requisito da formação específica do profissional, naquela época, médico(a), e os limites de uma prática que se moldava entre críticas, autocríticas e revisões constantes. Conforme Mezan, a psicanálise repousa sobre três domínios: a psicopatologia, o estudo das formações culturais e a autoanálise de Freud²⁰¹.

A psicanálise se originou a partir das primeiras pesquisas de hipnose e do método catártico de Josef Breuer, da publicação de *Estudos sobre a histeria* (1895), em uma parceria desse com Freud, além das influências de Jean Martin Charcot e de seu discípulo Pierre Janet. Breuer teria encontrado na teoria da catarse uma nova forma de explicar e tratar a histeria, considerando que esse fenômeno resultaria da energia de um processo psíquico impedido de

¹⁹⁸ FREUD, Sigmund. “Psicanálise (1926)”. In.: *Obras completas volume 17: Inibição, sintoma e angústia; O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2014, p. 255.

¹⁹⁹ Ibid., p. 254.

²⁰⁰ Ibid., p. 254.

²⁰¹ MEZAN, Renato. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo; Brasília: Brasiliense; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 1985, p. 262.

ser elaborado de modo consciente e acabaria se dirigindo, por conversão, para uma inervação somática.

Assim, o sintoma seria um substituto de um ato psíquico não acontecido e de sua reminiscência ocasional, e a cura precisaria surgir da liberação desse afeto e de sua descarga para um caminho normal (ab-reação). O método catártico, a “purificação” desse afeto sufocado, reanimado durante a hipnose, foi o precursor do método psicanalítico. Os apontamentos de Charcot, de que as experiências traumáticas poderiam, de maneira geral, estar no núcleo dos sintomas histéricos, e de Janet, cujo estudo estabeleceu a ligação da histeria com “*idées fixes*” (ideias fixas), ou seja, pensamentos inconscientes, também contribuíram²⁰².

Depois da ruptura de Freud e Breuer, o vienense seguiu as pesquisas sobre as doenças psíquicas, substituiu, porém, a hipnose pelo método da associação livre, a fim de que os e as pacientes “se entregassem ao curso de seus pensamentos espontâneos ou involuntários (“a tatear a superfície de sua consciência”)” e, portanto, “deviam comunicar ao médico tais pensamentos, ainda quando tivessem objeções a eles; como, por exemplo, de que o pensamento era muito desagradável, absurdo ou impertinente”. Com tal método, Freud buscava na escuta dessas falas libertas de consciência as pistas do que se poderia ter esquecido ou negligenciado, explicitando, desse modo, que “os pensamentos eram determinados pelo material inconsciente”. Apesar de não se recuperar tudo o que tivesse sido obliterado, essa fala conteria alusões importantes e ajudaria ao trabalho de “adivinhar (reconstruir)”, por meio de complementações e interpretações, do psicanalista: “Associação livre e arte interpretativa realizavam o mesmo que a hipnotização anteriormente”²⁰³.

Integram a gênese da psicanálise os estudos de *A interpretação dos sonhos (Traumdeutung)*, publicado em 1900, e a Teoria das neuroses. Considera-se que o sonho é uma realização onírica, logo, disfarçada, de um desejo reprimido (recalcado) e cujo processo transforma, durante esse trabalho do sonho, o desejo onírico latente em conteúdo onírico manifesto. Pois, no sono, a repressão consciente é atenuada e se torna alvo da censura onírica²⁰⁴. Esse é um dos textos continuamente evocados, ao longo de sua obra, pelo próprio Freud, como um de seus principais achados, senão, o mais célebre.

²⁰² FREUD, Sigmund. “Resumo da Psicanálise (1924)”. In.: *Obras completas volume 16: O eu e o Id; “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2011, p. 204- 205.

²⁰³ Ibid., p. 206 - 207.

²⁰⁴ Ibid., p. 212.

A Teoria das neuroses, por sua vez, está constituída por três pilares: I) Teoria da repressão: concebida a partir da resistência constante e intensa manifesta pela personalidade consciente (do Eu) que invocaria motivos éticos e estéticos para não tornar conscientes impulsos considerados “maus”, sentimentos de egoísmo e crueldade, sobretudo, desejos sexuais, transformando-os em sintomas patológicos, substitutos para as satisfações proibidas; II) a importância dos instintos sexuais: o imenso papel que os desejos sexuais exercem na vida psíquica, bem como a sexualidade infantil para o desenvolvimento do indivíduo, deixando marcas indeléveis aos adultos; desse modo, o complexo de Édipo é descrito como o núcleo das neuroses e se encontra nessa conflituosa relação das crianças com seus pais; e III) a transferência: os fenômenos de transferência emocional podem ser percebidos na conduta do(a) analisando(a) frente às e aos psicanalistas²⁰⁵.

Para entender as neuroses e os processos oníricos é preciso, antes, compreender como a psicanálise elabora os três níveis da vida psíquica, pensados assim por Freud: o dinâmico, o econômico e o topológico. No primeiro deles, dinâmico, estão constituídos todos os processos psíquicos, com exceção dos estímulos externos, em um jogo de forças em que umas inibem as outras, sobrepõem-se, estão juntas ou em colisão: “Originalmente estas forças são todas da natureza de instintos [*Triebe*], ou seja, de origem orgânica, caracterizadas por enorme capacidade somática (compulsão à repetição), e acham representação psíquica em ideias investidas de afeto”²⁰⁶.

Desse modo, são apresentados dois grupos de instintos: “os instintos do Eu, cuja meta é a autoafirmação, e os instintos objetais, que consistem na relação com o objeto. Os instintos sociais não são vistos como elementares e irreduzíveis”²⁰⁷. Existem, ainda, segundo Freud, dois instintos ainda “maiores”, que estão por trás dos instintos do Eu e dos objetais: “o instinto que busca a união sempre maior, Eros, e o que conduz à dissolução do que é vivo, o instinto de destruição”²⁰⁸. Em síntese, a expressão e manifestação dessa energia de Eros é chamada libido: essa força (variável e mensurável) dos instintos sexuais, que pode ser “libido objetal”, dirigida ao objeto; e “libido do Eu ou narcísica”, direcionada, conforme o nome, ao

²⁰⁵ FREUD, Sigmund. “Psicanálise (1926)”. In.: *Obras completas volume 17: Inibição, sintoma e angústia; O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2014.

²⁰⁶ *Ibid.*, 255.

²⁰⁷ *Ibid.*, 255.

²⁰⁸ *Ibid.*, 255.

próprio Eu. É a interação dessas duas forças libidinais que caracteriza os processos psíquicos, sejam eles normais ou patológicos²⁰⁹.

No nível econômico, as representações dos instintos sofrem investimentos de energias (*cathexis*) e o aparelho psíquico trabalha para evitar um represamento dessas e tende, com isso, a manter mais baixa a soma de excitações. Esse curso dos processos é regulado de modo automático pelo princípio de prazer e desprazer, sendo o princípio de prazer relacionado ao decréscimo de excitação e o desprazer, ao contrário, ao crescimento. O princípio de prazer, de acordo com Freud, se modifica tendo em vista o mundo exterior, o princípio da realidade, postergando sensações de prazer e tolerando as de desprazer, por certo tempo²¹⁰.

Já no nível topológico está a repartição do aparelho psíquico em Id – que é o portador dos impulsos instintuais – e em Eu, “que constitui a parte mais superficial do Id, modificada por influência do mundo exterior, e um Supereu, que, oriundo do Id, domina o Eu e representa as inibições instintuais características do ser humano”. Desse modo, os processos apresentados pelo Id são completamente inconscientes, pois a consciência está na camada mais externa do Eu, “destinada à percepção do mundo exterior”²¹¹.

Há um consenso entre pesquisadores(as): Freud foi um homem de seu tempo e o nascimento da psicanálise representa esse momento da virada do século XIX para o XX. Nesse sentido, não é possível dissociar os conceitos de repressão (recalque), libido, instintos sexuais (pulsão) e a importância das regras sociais e do convívio “civilizatório” à moral vitoriana. Tal fato pode ser visto com o estabelecimento das neuroses e o assujeitamento do indivíduo às normalizações e às regras institucionais: os limites impostos pelo convívio e, com isso, a influência nociva sobre a vida sexual das pessoas. As neuroses, o padecimento neurótico e as patologias psíquicas foram descritas associadas a essa vida em sociedade.

De modo semelhante, não é possível dispensar os fatos biográficos e a vivência do primogênito Sigmund no seio de uma família judia, da preferência de sua mãe, Amalie, e de sua relação ambígua (ambivalente) com o pai, Jacob: ora admirado como homem, ora contrariado pela autoridade, ora desprezado pela “fraqueza” (no episódio do gorro jogado ao chão por um cristão diante do pai, judeu, que não respondeu ao ato, por exemplo), ora temido como patriarca, ora amado como pai. Tais aspectos correspondem ao contexto familiar

²⁰⁹ FREUD, Sigmund. “Resumo da Psicanálise (1924)”. In.: *Obras completas volume 16: O eu e o Id; “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2011, p. 217.

²¹⁰ FREUD, Sigmund. “Psicanálise (1926)”. In.: *Obras completas volume 17: Inibição, sintoma e angústia; O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2014, p. 256.

²¹¹ Ibid.

burguês em modificação: a autoridade paterna soberana, a submissão feminina irrestrita, a dependência silenciosa de filhos e filhas. Os arranjos parentais estavam se distinguindo daqueles em que seus próprios pais tinham sido criados e assim transmitiram, lembrando de seu pai, inclusive, no terceiro casamento, cuja idade poderia ser de um avô. A emancipação feminina, sobretudo, aparecia como fator determinante para aquela sociedade em rearticulação: sendo um de seus sintomas. E problema.

Os *Estudos sobre a histeria* (1895) revelam o começo da aparição do pai na doutrina freudiana. Na extensão de sua obra percebe-se a intenção em recuperar e revalorizar a imagem do pai simbolicamente através da lei e de seu poder autoritário e patriarcal, ainda que, para isso, fosse preciso questionar, duvidar, opor-se e se rebelar contra o pai. Por fim, matá-lo. Ou terminar de matá-lo. O pai já morto.

Tende-se a selecionar certos momentos-chaves em que o pai é epicentro ou, de algum modo, fundamental à teoria, como as cartas a Fliess datadas de 21 de setembro de 1897, a *Carta 69*, sobre a mudança do pai perverso factual, e a de 15 de outubro de 1897, a *Carta 71*, em que Freud refere-se ao mito de Édipo; em *Interpretação dos sonhos* (1900); *O romance familiar dos neuróticos* (1909); *Totem e tabu* (1913); *Psicologia das massas e análise do eu* (1921); *O eu e o id* (1923); *A dissolução do complexo de Édipo* (1924); *O futuro de uma Ilusão* (1927); *Dostoiévski e o parricídio* (1928); *Mal-estar na civilização* (1930); e, por último, em *Moisés e o monoteísmo* (1939). Isso tudo, no entanto, sem mencionar os casos clínicos notórios, como dito anteriormente, em que o pai se faz presente.

[aliás]

Para essa nossa *Correspondência II: entre relações de desejo*, pai, busco, sobremaneira, concentrar e situar a ideia de pai e suas implicações teóricas na obra freudiana a partir de quatro momentos: o primeiro deles é o momento da descoberta mítica e neurótica, junto com esse começo da psicanálise, as relações de histeria e as mudanças no conceito do pai sedutor, bem como a correspondência com Fliess – a onde nós estamos agora, nessa parte da carta; o segundo é o pai do complexo de Édipo; o terceiro, por sua vez, é o pai da horda primitiva (o *Urvater*); o último, então, é o pai identificado com o líder das massas e o todo-poderoso de *Moisés e o monoteísmo* (1939). Desse modo, não pretendo, aqui, dar conta dos casos clínicos e de outras questões concernentes ao pai e à paternidade em Freud, tendo em vista ser um tema inesgotável e um assunto que propicia diversas leituras – entre freudianos e não-freudianos, entre

apoiadores e não-apoiadores... e assim seguimos nessa ambivalência tão tipicamente psicanalítico-freudística.

Está me acompanhando, pai?

Eu sei, pai, parece que as repetições são alguns desses tantos fios tramados nessa costura de narrativas, enquanto caminhamos em veredas descobertas muito antes de nós, ainda que, por nós, não exploradas. Navegamos mares já singrados e navegáveis, mas a nossa canoa segue margeando costas e zonas habitáveis. Por terra e mar, ou rios e matas, seguimos. Compartilhar a escuta, talvez, continue sendo o nosso meio-comum. E o medo.

Voltemos ao Freud e suas cartas.

É mais importante do que o medo.

Pai?

Pai?

[aliás]

O pai, a histeria, os traumas e as relações consciente-inconsciente são fatores atrelados desde o começo da psicanálise. As primeiras escritas teóricas de Freud e suas descobertas mesclam-se aos seus registros de narrador e narratário, durante a sua correspondência com o médico otorrinolaringologista berlinense Wilhelm Fliess, de 1887 até 1904. Estão, nessas mais de 250 cartas²¹², relatados os passos primitivos da nova ciência, os procedimentos investigativos, as dificuldades de recepção, as críticas e as reprovações do meio científico, os sentimentos de isolamento e negligência da comunidade médica, as carências financeiras, a falta de trabalho, assim como os momentos em família, as interpretações de vários sonhos, a

²¹² A correspondência entre Freud e Fliess durou dezessete anos, mas só restaram 284 cartas do vienense, já que as de Fliess foram destruídas (queimadas) por Freud quando se deu o rompimento entre os amigos. As cartas foram vendidas pela viúva de Fliess, Ida, a um colecionador e compradas por Marie Bonaparte, amiga e discípula de Freud. As cartas, que sobreviveram à invasão nazista e percorreram longo caminho, desde Berlim e Paris, chegaram em Londres às mãos do próprio Freud e foram entregues, no final da década de 1940, a Anna Freud, sua filha, logo após a morte do pai. As cartas serviram à biografia de Freud feita por Ernest Jones e foram, em 1980, finalmente, doadas à Biblioteca do Congresso, sem aceso público. A primeira publicação, parcial, das cartas aconteceu em 1950 na Alemanha, organizada por Marie Bonaparte, Anna Freud e Ernst Kris, com o título: *Sigmund Freud, Aus den Anfängen der Psychoanalyse. Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902*. “É provável que as cartas de Sigmund Freud a seu amigo mais íntimo, Wilhelm Fliess, constituam, isoladamente, o grupo de documentos mais importantes da história da psicanálise. Sem que jamais se pretendesse publicá-las, as cartas vão de 1887 a 1904, período este que cobre o nascimento e desenvolvimento da psicanálise. Durante os dezessete anos da correspondência, Freud escreveu alguns de seus trabalhos mais revolucionários: *Estudos sobre a Histeria*, *A Interpretação dos Sonhos*, “A Etiologia da Histeria” e o famoso caso clínico de Dora. Em nenhuma época o criador de um campo totalmente novo do conhecimento humano revelou tão abertamente e com tantos detalhes os processos de raciocínio que conduziram a suas descobertas. Nenhum dos textos posteriores tem o imediatismo e o impacto dessas primeiras cartas, nem tampouco revela tão dramaticamente os pensamentos mais íntimos de Freud no decorrer do próprio ato de criação”. MASSON, Jeffrey Moussaief. “Introdução”. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 1.

autoanálise, as divagações e interrogações, anotações sobre casos e pacientes e as intimidades de Sigmund, enquanto psicanalista Freud e enquanto amigo confidente, “seu, Sigm.” (conforme sua assinatura).

Entre os anos de 1895 e 1897, a “neurótica” (Teoria das neuroses) ganhava dimensão e relevância, junto a ela, a teoria da sedução se apresentava como principal causa: a neurose seria resultado de uma cena de sedução e/ou abuso sexual cometida por um adulto a uma criança. Assim, dessas cenas supostamente amparadas na realidade e a partir dos depoimentos verdadeiros das pacientes histéricas, surge o pai sedutor e perverso na etiologia da neurose. Freud relata esse caminho nas cartas a Fliess, expondo suas preocupações e questionando-se, a si mesmo e ao destinatário, sobre o andamento das pesquisas e os resultados.

É na carta de 21 de setembro de 1897 que o vienense revela estar desapontado com as conclusões alcançadas acerca da teoria da sedução e de como o pai perverso poderia ser assim entendido. A menos que “todos” os pais fossem acusados de perversos, sem exceção, como o próprio pai de Freud, as falas das pacientes não pareciam estar de acordo com a incidência das ocorrências de perversão e a sua generalização na infância, pois estas deveriam ser em número bem maior frente aos casos de histeria, o que não seria, de fato, muito provável. Com isso, o médico estava disposto, inclusive a abandonar e desistir da resolução completa das neuroses e de seu conhecimento seguro sobre a sua etiologia na infância. Dentre os motivos apontados para a desistência aparece, inclusive, a frustração por não ter conseguido levar uma análise em sua conclusão definitiva. A Fliess, ele confia os demais motivos:

(SIC) E agora quero confiar-lhe, de imediato, o grande segredo que foi despontando lentamente em mim nestes últimos meses. Não acredito mais em minha neurótica [teoria das neurose]]. (...) Depois, a surpresa de que, na totalidade dos casos, o pai, sem excluir o meu, tinha que ser acusado de pervertido — a percepção da inesperada frequência da histeria, com predomínio precisamente das mesmas condições em cada caso, muito embora, certamente, essas perversões tão generalizadas contra as crianças não sejam muito prováveis. A [[incidência] da perversão teria que ser incomensuravelmente mais frequente do que a histeria [dela resultante], porque, afinal, a doença só ocorre quando há um acúmulo de acontecimentos e um fator contributivo que enfraqueça a defesa. Depois, em terceiro lugar, o conhecimento seguro de que não há indicações de realidade no inconsciente, de modo que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção que foram catexizadas pelo afeto. (Por conseguinte, restaria a solução de que a fantasia sexual se prende invariavelmente ao tema dos pais.) Quarto, a consideração de que, na psicose mais profunda, a lembrança inconsciente não vem à tona, de modo que o segredo das experiências da infância não é revelado nem mesmo no mais confuso delírio. Se virmos, portanto, que o inconsciente jamais supera a resistência da consciência, a expectativa de que o inverso venha a acontecer no tratamento, a ponto de o inconsciente ser completamente domado pela consciência, também diminuirá²¹³.

²¹³ FREUD, Sigmund. In.: MASSON, Jeffrey Moussaief. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 265-266.

Faz-se evidente como, na teoria da sedução, o pai abordado por Freud ainda estava sob o registro do real-factual – era a esse pai da realidade, de corpo e materialidade, que estava sendo implicada a sedução e o trauma da neurose. Com o abandono dessa teoria, modifica-se o entendimento do papel do pai e da realidade psíquica, e passa-se, com isso, a considerar a importância da sexualidade infantil e da incorporação da imaginação, da capacidade de fantasia. Ou seja, o pai deixa de ser o pai da realidade para ser compreendido como o pai da fantasia, do desejo, o pai presente na sexualidade infantil, aquele pai que está no nível do inconsciente.

E o inconsciente, então, transforma-se no principal componente para a compreensão e o estabelecimento dessa “psicologia profunda”, admitindo-se essa realidade psíquica como a única possível – a real – e não mais relacionada aos fatos, à concretude material, ao externo. Não se confundiria mais, portanto, a realidade factual com a realidade psíquica. Para isso, o domínio do simbólico é que faria – e faz – a diferença nessa equação toda. Será mais adiante, porém, com as formulações de Lacan, que as instâncias de real, imaginário e simbólico, efetivamente, ganharão forma, contorno, conceituação e função na psicanálise.

No decorrer desse conflito produtivo de abandono de uma teoria, ressignificação do papel do pai, autoanálise, afirmação do inconsciente e da realidade psíquica, da sexualidade infantil e das fantasias, é que Freud vai relatar para Fliess como o sentimento ambivalente pelo pai e uma primeira e original paixão pela mãe podem estar associados de modo universal à infância mais remota do ser humano: o exemplo vem com o personagem Édipo (“*Oedipus Rex*”). Na carta de 15 de outubro de 1897, a de número 71, o vienense descreve como a sensação de “estar amarrado por dentro”, durante três dias, algo constantemente mencionado pelos(as) pacientes, fez interrompê-lo a própria análise e, junto a isso, uma resistência a “algo surpreendentemente novo”²¹⁴.

Depois da interpretação de um sonho, os fatos relacionados à babá e de tê-los perguntado à sua mãe, o psicanalista se debruça acerca da “lenda grega”, e sua possibilidade de capturar uma “compulsão que todos reconhecem” em suas existências e de como cada pessoa da plateia desse “teatro da fatalidade” poderia ter sido, algum dia, um Édipo em potencial na fantasia. Cada espectador, assim, teria se sentido horrorizado e teria, então, recuado frente à realização desse sonho, possível e real no palco (contudo, fadado ao fracasso no final), cuja carga de recalçamento do estágio infantil estava apartada do estado atual de

²¹⁴ Ibid., p. 272.

adulto: “Descobri, também em meu próprio caso, [o fenômeno de] me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância, mesmo que não [ocorra] tão cedo quanto nas crianças, que se tornam histéricas”²¹⁵.

Na sequência da carta, Freud vai mencionar o personagem de Shakespeare, Hamlet, e de como a sua impossibilidade de matar o tio, Cláudio, sob as ordens do fantasma de seu pai, como vingança, justificar-se-ia pela “tortura” sofrida ao vislumbrar sua obscura lembrança e se deparar com o seu próprio sentimento e a vontade de praticar a mesma ação – assassinar o pai – pela paixão à mãe. Desse modo, tal qual em *Édipo rei*, em *Hamlet*, estaria a base do episódio universal do recalçamento dos desejos dessa primeira infância.

Sobre o príncipe dinamarquês recaem os mesmos sintomas visualizados em pacientes histéricos(as): “Sua consciência [moral] é seu sentimento inconsciente de culpa. E não será sua alienação sexual, no diálogo com Ofélia, tipicamente histérica? E sua rejeição do instinto que visa a gerar filhos?” Da culpa alimentada, logo, surge a necessidade de autopunição, conforme a interpretação freudiana: “E, por fim, sua transferência da ação de seu próprio pai para o pai de Ofélia? E não pune ele a si próprio, no final, do mesmo modo maravilhoso que fazem meus pacientes histéricos, sofrendo destino idêntico ao do pai, ao ser envenenado pelo mesmo rival?”²¹⁶.

Estão no capítulo V, de *A interpretação dos sonhos (Traumdeutung)* (1900), “O Material e as fontes dos sonhos”, especificamente em “Os sonhos com a morte de pessoas queridas”, a descrição e a discussão dos sonhos considerados “típicos”, aqueles em que se sonham com a morte de parentes queridos, como pais, irmãos e filhos, por exemplo. Esses sonhos são divididos entre os que o luto não afeta quem sonha e os que o luto provoca uma dor profunda, uma tristeza, um lamento. Mas, nesse caso, os do primeiro grupo, para Freud, não devem ser considerados “típicos”. Como manifestação de desejos, os sonhos nem sempre realizam uma vontade imediata, pelo contrário, também podem ser expressão de desejos passados, “recobertos por outros e recalçados”. Portanto, o sonho com o familiar morto pode indicar um desejo sentido na infância e reavivado numa posteridade. “O sonhar é uma parcela de vida psíquica infantil superada”²¹⁷.

Os sonhos com a morte dos pais representam, nessa interpretação, a predominância de os meninos desejarem a eliminação do genitor do mesmo sexo, o pai, seu rival ao amor e à dedicação do genitor de sexo oposto, a mãe. E, para as meninas, o inverso, desejam a morte

²¹⁵ Ibid., p. 273.

²¹⁶ Ibid., p. 273.

²¹⁷ FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*, volume 2. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2012, p. 595.

da mãe em face ao amor e às vantagens de acesso ao pai. Ao recorrer aos exemplos de mitologias e das lendas de épocas primitivas da sociedade, como Cronos devorando seus filhos, Freud evoca, desse modo, a tirania, a soberania e a crueldade desse pai dominador: “Quanto mais irrestrito o domínio do pai na família antiga, tanto mais o filho, destinado a sucedê-lo, deve ter assumido a posição de um inimigo, tanto maior deve ter se tornado a sua impaciência de chegar ao poder por meio da morte do pai”²¹⁸.

E mesmo na família burguesa esse pai continua a favorecer o desenvolvimento do “germe natural de hostilidade” na sua relação com o filho homem, apegando-se ao que sobra desse poder ultrapassado de “*potestas patris familias*”²¹⁹. Essa dor diante do pai morto, sentida pelo filho, entretanto, não é capaz de excluir ou reprimir a satisfação com a liberdade alcançada. No caso da menina, o conflito com a genitora decorre de seu crescimento e a barreira imposta pela mãe no que concerne às suas aspirações de liberdade sexual – esta que assume o papel de uma guardiã da filha. A partir dessas observações é que Freud conclui que os pais, então, representam o “papel principal na vida psíquica infantil”, tanto dos que mais tarde se tornarão psiconeuróticos quanto dos que “permanecem normais”, sem distinção: desejos de paixão e hostilidade para com os genitores integram o material das moções psíquicas formadas nessa época²²⁰.

[aliás]

Para o melhor entendimento dessa nossa carta e da importância desse conceito como coração da psicanálise, penso, por isso, pai, mergulharmos no “complexo do qual nenhuma criança escapa”. Conforme a sentença de J.-D. Nasio: “Nenhuma criança escapa ao Édipo! Por quê? Porque nenhuma criança de quatro anos, menina ou menino, escapa à torrente das pulsões eróticas que lhe afluem e porque nenhum adulto de seu círculo imediato pode evitar ser o alvo de suas pulsões ou tentar bloqueá-las”²²¹.

Então, naveguemos ao Édipo! Esse arquipélago! Para, em terra firme, desejarmos voltar ao mar. E do mar à terra.

Podemos seguir, pai?

Você está seguro na sua canoa?

Preparado, pai?

Você quer uma carona no meu barco, pai?

²¹⁸ Ibid., p. 279.

²¹⁹ Ibid., p. 279.

²²⁰ Ibid., p. 283.

²²¹ NASIO, Juan-David. *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, s/p.

Pai?

Pai? Entre

Pai?

[aliás]

***[aliás, o Édipo,
entre o filho e o pai:
pulsão, morte e castração]***

A complementaridade dos sonhos típicos (manter relações sexuais com a mãe e o parricídio), como expressão e realização desses desejos primitivos infantis, é exposta na tragédia sofocliana a partir de uma sequência de reações de pavor e de autopunição do herói Édipo, pelos atos cometidos: o autocegamento e o exílio²²². Nesse caso, a oposição, o jogo de forças entre a vontade divina prepotente e o reconhecimento da impotência e inutilidade dos homens em resistirem aos seus desígnios provoca um efeito trágico de recepção inigualável, desde a Grécia antiga até o homem moderno. E ao contemporâneo.

Todavia, não está sobre esse duelo, propriamente, a fonte de tamanho abalo e surpresa, pois “deve haver uma voz em nosso íntimo que está pronta a reconhecer a força compulsória do destino em *Édipo rei*”²²³. Aconteceria, assim, a identificação do público com o herói

²²² A tragédia de Sófocles está dividida em prólogo, quatro episódios (diálogos), párodos (entrada do coro), quatro estásimos (comentários cantados pelo coro), êxodo e epílogo. Relembrando o enredo: Os reis de Tebas, Laio e Jocasta, tiveram um filho. Advertidos pelo oráculo de Delfos que ele seria o assassino de seu pai, ordenaram ao pastor abandonar a criança na colina de Citéron para que assim morresse. Mas a criança foi salva e entregue a outro pastor, tendo sido nomeada de Édipo (pé inchado), cresceu em outro reino, Corinto, como príncipe legítimo. Adulto, Édipo se dirige ao oráculo para interrogá-lo sobre a sua verdadeira origem. O oráculo, assim, alerta-o de que está em seu destino matar o próprio pai e contrair núpcias com sua mãe, logo deveria evitar o lugar de seu nascimento. No caminho, Édipo, transtornado pela notícia, encontra-se com o comboio de Laio e seus guardas, em uma encruzilhada. Depois de uma luta, acaba por vencê-lo e matá-lo. Na sequência do percurso, Édipo depara-se, na entrada de Tebas, com a Esfinge, que o incita a decifrar seus enigmas ou será morto. Bem-sucedido, Édipo derrota o monstro e como recompensa por livrar a cidade desse infortúnio, é coroado rei de Tebas, desposando Jocasta, a viúva de Laio. O casal tem quatro filhos, Etéocles, Polinice, Antígona e Ismênia, e vivem em harmonia por certo tempo. A peste, então, assola Tebas e o oráculo informa que a desgraça só vai cessar quando o assassino de Laio for descoberto e banido da cidade. Édipo convoca o adivinho Tíresias que revela a sua verdadeira origem, porém não é escutado e nem acreditado. Ao final, depois das revelações dos mensageiros e pastores, Édipo descobre que é ele próprio o assassino de Laio, o filho do rei morto com Jocasta, sua mãe e esposa. O oráculo se cumpriu. Jocasta suicida-se e, diante de todo esse pavor, Édipo cega a si mesmo com o broche das vestes da rainha, abandona Tebas e se exila longe do reino.

²²³ FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*, volume 1. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2012, p. 285.

trágico e com o ator que o interpretasse, como uma satisfação trágica, como a realização dos desejos criminosos, para além do apiedamento e do horror tradicionais da catarse da tragédia grega: “seu destino apenas nos comove porque também poderia ter sido o nosso, porque antes do nosso nascimento o oráculo lançou sobre nós a mesma maldição que lançou sobre ele”²²⁴.

Freud vai retomar e buscar na tragédia de Sófocles o encontro desses desejos reprimidos, entretanto não se concentra no mito em si, conforme observa Antonio Quinet. O personagem Édipo se transforma, a partir da psicanálise, no símbolo do sujeito do desejo e, ao mesmo tempo, ignorante: “Édipo tornou-se, portanto, como figura do não-saber, a própria representação do Inconsciente – enquanto saber não-sabido, isto é, saber inconsciente do qual o sujeito não quer conscientemente saber. Édipo é o inconsciente”²²⁵. A resposta do oráculo à dúvida de Édipo sobre sua origem foi assimilada por Freud como o paradigma psicanalítico. Porém, não se recuperou na lenda que deu origem à tragédia e ao complexo freudiano, a falta trágica (*hamartia*) provocada pelo pai, Laio, e a consequente culpa transgeracional herdada pelo clã dos Labdácidas (família de Labdaco – o pai de Laio e avô de Édipo).

Nesse intuito, Quinet propõe uma leitura, à luz de Lacan, que situa o herói não apenas nessa posição de sujeito do desejo, e, sim, entre as esferas de sujeito e objeto, nessa tensão de forças. Entendê-lo como sujeito do desejo de matar o pai, esse representante da lei da interdição do incesto, e de ter relações sexuais com a mãe, objeto das primeiras pulsões sexuais infantis, faz parte da interpretação clássica. Existiria, então, outra maldição (“recalcada no Inconsciente, como discurso do Outro”), que, na tragédia, está sob os desígnios e a nomeação dos deuses (destino), e integra a herança simbólica de todo ser humano²²⁶.

O que estaria recalcado no inconsciente, como originário, seria, assim, o crime do pai e sua desmedida (*hybris*): “O rei Laio, nos dizeres de Édipo durante a peça, não é uma figura de pai odiado. Pelo contrário, é um personagem paterno por quem ele tem admiração e amor. O pai do ódio criminoso, que lhe inoculou a maldição, está oculto, porém em ação”²²⁷. No mito, Laio (“o torto”) teria, quando jovem, cometido o crime contra a lei da hospitalidade do rei Pélops, da Frígia, que o acolheu em seu reino, ao ter raptado Crísipo, o filho legítimo e herdeiro do trono, por ter se apaixonado pelo garoto. Pélops amaldiçoou-o com o oráculo endossado pelos deuses do Olimpo. Laio teria transmitido a herança simbólica ao filho, que não deveria nem ter nascido. Édipo seria, portanto, objeto do filicídio do pai Laio e da mãe

²²⁴ Ibid., p. 285.

²²⁵ QUINET, Antonio. *Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p. 15.

²²⁶ Ibid., p. 11.

²²⁷ Ibid., p. 11.

Jocasta e herdeiro desse oráculo originado antes dele – a culpa do pai: “A partir daí saliento a responsabilidade do sujeito ético imprensado entre a determinação simbólica (Inconsciente) e a parte que lhe cabe de decisão própria e singular; entre a paixão da ignorância e o desejo de saber”²²⁸.

Ao longo do percurso, faz-se possível perceber como este retorno trágico serviu de material para as elaborações freudianas: o complexo da castração, a dissimetria do processo edipiano entre homens e mulheres, as diferenças sexuais, a angústia, o enigma da Esfinge como correspondente ao questionamento “de onde vêm os bebês?”, o autocegamento do herói como equivalente à castração e a ignorância de Édipo relacionada ao saber inconsciente, por exemplo²²⁹. A conceituação desse complexo está, sobretudo, vinculada à interdição do incesto, e o pai aparece, assim, como aquele que vai executar a castração como punição, seja pela relação sexual com a mãe e o “ato criminoso”, tal qual a peça; seja pelo ato masturbatório na infância e pelo “desejo criminoso”, no complexo. Já a angústia de castração, como na lei de Talião, esse “olho por olho” representa o “paradigma da punição feroz da lei e a castração é o resgate do pai morto”²³⁰.

Ainda nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), em uma seção do texto acrescentada em 1915, Freud estabelece as etapas da organização da vida sexual. Durante a fase pré-genital as zonas genitais não assumem papel preponderante (como função reprodutiva) a constar das etapas 1) oral (“canibal”) – relacionada à ingestão de alimentos, cuja meta sexual se dá pela incorporação do objeto externo, e 2) sádico-anal – relacionada aos antagonismos da vida sexual, descritos não como feminino e masculino, todavia como passivo e ativo, e com o instinto de apoderamento (sendo a mucosa intestinal como meta sexual passiva). A pulsão sexual infantil é autoerótica e ocorre pelos diferentes instintos e estímulos às zonas erógenas em busca de certo prazer como meta sexual: “As duas tendências têm objetos, mas eles não coincidem. Além disso, outros instintos parciais atuam de modo autoerótico. Nessa fase, então, a polaridade sexual e o objeto externo já podem ser constatados. Ainda faltam a organização e a subordinação à função reprodutiva”²³¹.

Desse modo, a escolha do objeto se dá em dois tempos, na idade entre os 2 e os 5 anos, cujo período de latência vai interromper ou recalcar essa fase, culminando, então, na

²²⁸ Ibid., p. 11.

²²⁹ Ibid., p. 15.

²³⁰ Ibid., p. 17.

²³¹ FREUD, Sigmund. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In. *Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 110.

puberdade e na configuração definitiva da vida sexual. Na terceira etapa, acrescentada em uma nota de rodapé por Freud em 1924, encontra-se a fase da organização *fálica*, depois das duas fases pré-genitais e antes da puberdade. Nesse estágio, acontece o conhecimento do objeto sexual e a convergência das correntes sexuais para ele, tanto no menino como na menina. Em ambos os casos, no entanto, apenas se conhece o genital masculino como objeto, diferenciando-se, sobremaneira, da organização da maturidade sexual. Somente na puberdade é que vai haver uma polaridade sexual, assim, o masculino vai reunir o sujeito, a atividade e a posse do pênis, e o feminino, então, assume como sendo o objeto e a passividade²³².

No Édipo do menino, há, no primeiro estágio, o enamoramento pela mãe e a hostilidade e rivalidade com o pai, antes admirado. Mas não é só isso que acontece, pois existe a relação ambivalente com esse pai, então, o menino passa a se identificar com o pai, manifestar ternura e amor por ele e sentir raiva, ciúme e agressividade para com a mãe. E, assim, reintroduz-se a bissexualidade ideal da constituição do sujeito sexuado, visto a partir de *O eu e o id* (“*O eu e o isso*”), de 1923. Essas são as duas posições do Édipo, positivo e negativo, Édipo normal (amor pela mãe e ódio pelo pai) e Édipo invertido (amor pelo pai e ódio pela mãe) – complementares: Édipo completo.

O sujeito está localizado entre a heterossexualidade e a homossexualidade, com seu complexo de Édipo completo. Ele está mais ou menos aproximado da bissexualidade ideal, ou seja, elementos, marcas e traços podem desaparecer e restarem somente vestígios, ou podem se enfatizar, seja no corpo ou na personalidade; bem como, transformarem-se em sintoma: “Os vestígios da feminilidade em homens, ou da masculinidade em mulheres são traços advindos de sua tendência homossexual derivada do complexo de Édipo”²³³.

Em paralelo às relações ambivalentes parentais, Freud, desde *A organização genital infantil* (1923), consagra a primazia do falo em detrimento à primazia dos órgãos genitais como característica da organização sexual infantil. É o pressuposto da “universalidade do falo” e a crença infantil de que todos os seres o possuem. É o genital masculino que prevalece como objeto que domina e falta: para os meninos é o objeto ameaçado de perda pela castração – o temor narcísico (como uma castração da própria pessoa) – e para as meninas é o objeto de inveja (observado no menino que tem) – o que se deseja ter – a ferida narcísica. Diante das ideias de relações sexuais satisfatórias, seja ativa ou passiva (colocar-se no lugar do pai e

²³² FREUD, Sigmund. “A organização genital infantil – Um acréscimo à Teoria da sexualidade”. In. *Obras completas, volume 16: O eu e o id; “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 155.

²³³ QUINET, Antonio. *Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p. 23.

amar a mãe ou substituir a mãe e se fazer amar pelo pai) para o menino, o pênis tem participação. Existe, então, uma espécie de conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo – falo – e o investimento libidinal voltado para os objetos parentais. Mas em ambos os sexos o falo está inscrito na subjetividade como “faltante”²³⁴.

Partindo da teoria infantil de que o pênis é uma posseção comum dos dois sexos, ele instaura a fase fálica em sua teoria do desenvolvimento sexual: trata-se do momento em que a criança, menino ou menina, atribui o órgão masculino a todos os seres vivos e até aos objetos e, sobretudo, à mãe. O falo é o objeto imaginado pela criança – objeto imaginário que tem no pênis seu correspondente anatômico. Desse modo, esse “pênis” universal não é o órgão peniano e sim uma imagem dele atribuída a todos os seres, que Lacan denominará falo imaginário. O que vem se contrapor a essa universalidade do falo é uma “visão acidental dos órgãos genitais de uma irmãzinha ou companheira de brinquedo”. Essa visão provoca, primeiro, a negação da falta do pênis e, em seguida, a conclusão de que ele estava lá sim, mas foi arrancado. (...) No entanto, mesmo após o reconhecimento da falta do pênis na menina, o menino acredita que sua mãe o conserva, que “ela deve ter retirado seu pênis”. O complexo de castração se estabelece para o menino quando descobre que apenas as mulheres podem dar nascimento aos bebês e que a mãe não tem pênis²³⁵.

No caso dos meninos, o pai é acionado como o agente da castração, geralmente, pelas palavras de uma mulher em decorrência às ameaças de castigo pela masturbação. As duas figuras de autoridade convocadas são o pai e o médico (castradores). A ameaça, porém, só vai ter algum efeito quando o garoto observar a falta do falo na mãe, como algo inexistente. Nesse momento, em meio ao conflito que se estabelece entre o próprio interesse narcísico (Eu) e o investimento ao desejo libidinal parental, a criança acaba por abandonar tal investimento objetal e tende a se afastar do complexo. É quando a figura autoritária desse pai (ou pais, segundo Freud) passa a ser introjetada no Eu e formar o âmago do Supereu, garantindo a identificação paterna e a severidade da proibição do incesto, cujas tendências libidinais são dessexualizadas e, em parte, sublimadas, inibidas nas metas sexuais e transformadas em impulsos de ternura.

Desse processo resulta a salvação e a manutenção do órgão sexual, longe da ameaça e angústia da castração. Para, em seguida, começar o período da latência, pausando o desenvolvimento sexual infantil por certo período. Embora as repressões, as quais surgirão notadamente depois, estarão originadas e elencadas graças a participação do Supereu, que, nesse estágio ainda está sendo formado, é possível, então, conforme o pai-criador da psicanálise, conferir o nome de “repressão” ao deslocamento da instância do Eu do complexo

²³⁴ Ibid., p. 17-18.

²³⁵ Ibid., p. 18.

de Édipo. Quando essa dissolução acontece de maneira ideal o complexo é destruído, e sendo sucedido pelo supereu.

O Supereu é esse herdeiro trágico do complexo e paradoxal em si mesmo, como uma espécie de “consciência moral”, contraditório em suas ordens, impõe o mandato e o cumprimento da lei, todavia, simultaneamente, determina a sua transgressão. Para Freud, o complexo deve ser arruinado em sua totalidade: “Cabe supor que deparamos, aqui, com a linha divisória entre o normal e o patológico, que jamais é inteiramente nítida. Se o Eu realmente não alcançou muito mais que uma repressão do complexo, este persiste de modo inconsciente no Id e manifestará depois a sua ação patogênica”²³⁶.

Ao contrário dos homens, nas mulheres, o complexo de Édipo não é recalçado desse modo, não se desintegra por completo, aliás, não chega a terminar. Por isso, os homens teriam um Supereu resistente e sólido, e, por sua vez, nas mulheres, essa instância seria inexistente ou mínima. No caso do complexo de Édipo feminino, Freud mostrou-o repleto de pontos de lacuna, de um “material incompreensivelmente mais obscuro e insuficiente”. A partir das diferenças morfológicas dos sexos (contrariando a “exigência feminista de igualdade de direito entre os sexos”) também encontradas em suas diferentes manifestações psíquicas, a mulher também está sob uma organização fálica e sujeita ao complexo de castração²³⁷. Residem nesses argumentos da equiparação do clitóris ao “comportamento” do pênis, da inveja ao falo, da desvantagem de ser castrada como razão para inferioridade e da ideia de se “consolar” por já ser castrada diante da possibilidade pelo desejo de ter – receber um filho de seu pai, algumas das críticas assíduas e combativas do movimento feminista à psicanálise freudiana²³⁸.

Por enquanto, aqui, nos interessa, explicitar os passos e as diferenças do processo do Édipo na menina: “Bem mais do que no menino, essas mudanças parecem consequência da educação, da intimidação externa, que ameaça com a ausência do amor”²³⁹, em relação ao

²³⁶ FREUD, Sigmund. “A dissolução do complexo de Édipo”. In. *Obras completas, volume 16: O eu e o id; “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 187.

²³⁷ *Ibid.*, p. 187-188.

²³⁸[aliás] *[Pensar as críticas e os pontos de vista de segmentos de um amplo, plural e diversificado movimento feminista, inclusive, pode contribuir para pensarmos nessas relações de paternidade-maternidade-filiação, e não somente como contraponto à psicanálise. Com a ressalva, pai, e acredito que você vai me entender, de que essas nossas correspondências, por enquanto, nesse nosso primeiro diálogo depois de tantos e longos anos de silenciamentos, não têm como objetivo a perspectiva feminista sobre a paternidade. Ainda não. Espero que esse dia-hora-mês-instante, quiçá, chegue. E que possamos alcançá-lo tão em breve quanto eu espero a sua resposta e a possibilidade de escutar você, pai. Pai. Em nome desse nosso diálogo que recém recomeçou e voltou, pai.] [aliás]*

²³⁹ *Ibid.*, p. 188-189.

complexo de castração aceito como consumado, a insuficiência do medo como visto no menino e, por consequência, a ausência de um Supereu consistente e forte, sem a necessidade da destruição total da organização genital infantil. Desse modo, o complexo na menina “raramente vai além da substituição da mãe e da postura feminina diante do pai”, tendo em vista que a renúncia ao pênis é tolerada com a compensação pelo desejo mantido de gerar – receber – conceber, do próprio pai, um filho como “presente”. Ou seja, nessa equação simbólica, a menina passa “do pênis ao bebê”²⁴⁰.

Existem, para essa questão do complexo de Édipo da menina, três resoluções pensadas pela doutrina freudiana: a renúncia, a masculinidade e a feminilidade. No primeiro caso, com a renúncia, aconteceria algum tipo de neurose ou a inibição sexual, pois a menina, insatisfeita com seu clitóris “inferior”, tenderia a rejeitar toda a forma de satisfação e prazer sexual e, assim, desistiria de qualquer ato masturbatório: “Podemos entrever nessa insatisfação fálica a mesma relação que a histérica mantém com o desejo; ela quer que se lhe recusem o que ela deseja, para manter seu desejo de falo insatisfeito”²⁴¹.

Para as duas outras opções, o que fica evidente é a não renúncia a essa atividade clitoridiana masturbatória. Com a masculinidade, há uma identificação da menina com a mãe fálica ou com o pai, pois, para ela, não parece chocante a visão da castração, essa que incomodaria as mulheres em geral. Os traços de masculinidade podem estar exagerados, bem como, em uma mostra de “rebeldia” e desafio, ela estaria apenas aferrada à atividade clitoridiana.

Na terceira ocasião, acontece a “situação feminina propriamente dita”, ou seja, há a mudança da “atividade” para a “passividade”, e o desejo do falo é substituído, como mencionado acima, pelo desejo de ter um bebê do pai. Nesse último caso, a maturidade feminina estaria, assim, atrelada a escolha de objeto de ideal narcísico em que a menina gostaria de ser – tornar-se a ser: a mãe. É a identificação com a mãe, ao contrário do menino, com o pai, o principal resultado: “Freud faz, portanto, equivaler a posição feminina à posição de mãe. E conclui que o desejo do pênis seria, *‘por excellence*, um desejo feminino’. Assim, Freud deixa a saída do complexo de Édipo num impasse, em que *ser mulher e ser mãe se confundem*”²⁴².

²⁴⁰ Ibid., p. 188-189.

²⁴¹ QUINET, Antonio. *Édipo ao pé da letra*: fragmentos de tragédia e psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p. 21.

²⁴² Quinet refere-se ao texto de Freud: “Algumas consequências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos”, de 1931. Ibid., p. 21.

O complexo de Édipo, então, não é apenas vivenciado como sendo exclusivamente próprio da infância, e seus desdobramentos e consequências atingem a puberdade e a fase adulta, com o aparecimento das neuroses, por exemplo. De acordo com J.-D. Nasio, o Édipo responde, assim, a duas importantes questões do sujeito: “como se forma a identidade sexual de um homem e de uma mulher e como uma pessoa torna-se neurótica”²⁴³. Tendo em vista que a sexualidade e as neuroses estão conectadas, é desse modo que as patologias neuróticas podem se originarem de uma sexualidade infantil “perturbada, interrompida em sua maturidade, hipertrofiada ou, ao contrário, inibida”: “No fundo, o Édipo nos serve para compreender como um prazer erótico apodera-se de uma criança de quatro anos para se transformar em um sofrimento neurótico que atormenta o homem ou a mulher de quarenta anos que ela se tornou”²⁴⁴.

Para que se alcance essa identidade sexual adulta de homem ou de mulher é fundamental a pessoa ter enfrentado as duas principais etapas do Édipo: o começo da crise com a sexualização dos pais e o fim, declínio ou término, com a dessexualização dos pais. Nesse sentido, o psicanalista argentino aponta os três operadores das etapas desse processo, que correspondem, respectivamente, ao nascimento, ao apogeu e ao declínio do complexo: os desejos incestuosos, as fantasias e a identificação. A crise edipiana em seu período infantil configura-se, assim, como uma forma de aprendizado e controle dos impulsos, a canalização dos desejos e a adaptação à vida social e cultural da civilização: “o Édipo é a dolorosa e iniciática passagem de um desejo selvagem para um desejo socializado, e a aceitação igualmente dolorosa de que nossos desejos jamais serão capazes de se satisfazer totalmente”²⁴⁵.

A respeito dos desejos sexuais e da crise edipiana, Nasio defende que o Édipo não é uma história de amor e ódio entre pais e filhos, senão, uma “história de sexo”. E essa visão de drama amoroso, encarado como um clichê batido e ingênuo da psicanálise, nada mais seria do que a compreensão tradicional a partir de uma perspectiva “estática” do complexo freudiano: “Não, Édipo nada tem a ver com sentimento e ternura, mas com corpo, desejo, fantasia e prazer. Provavelmente, pais e filhos amam-se ternamente e podem se odiar, mas, no coração do amor e do ódio familiar, medra o desejo sexual”²⁴⁶. A crise se apresenta, portanto, como um insuportável conflito entre prazer erótico e medo advindo de uma consciência se

²⁴³ NASIO, Juan-David. *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 67.

²⁴⁴ Ibid., p. 67-68.

²⁴⁵ Ibid., p. 12.

²⁴⁶ Ibid., p. 9-10.

formando, entre o desejo sexual e a angústia pelos limites sociais, pela imposição de uma lei implacável que ordena à criança alegre e desejanse que pare imediatamente de transformar os pais em objetos sexuais.

As interligações entre a sexualidade infantil e as neuroses perpassam a instância do Supereu, a ambivalência dos sentimentos filiais e a coexistência de amor-ódio nessa relação, a noção de pai tirano e autoritário e o pai da lei do interdito do incesto como paradigma psicanalítico e universal. Considerando-se, sobretudo, o complexo de Édipo como o núcleo de todas as neuroses, fez-se necessário compreender como esse complexo estava na base da constituição de fenômenos fundamentais da sociedade, para além das relações familiares. Mas como se construiu esse paradigma? E como se atingiu conceitualmente a explicação para o interdito do incesto como uma prática cultural? A partir de que momento a exogamia foi instituída? E quais são as vinculações históricas e antropológicas da exogamia e o que ela produz de implicações à psicanálise?

Conforme Quinet, o mito do totem e tabu é muito mais adequado para explicar e para se compreender o complexo de Édipo do que o mito de Édipo em si, já que, segundo o psicanalista brasileiro, o herói da tragédia de Sófocles não sofreu do complexo. Por sua vez, os filhos do pai da horda primitiva descritos em *Totem e tabu*, esses, sim, estão submetidos à interdição de matar o animal totêmico, esse que representa o pai, e proibidos diante do tabu de manter relações incestuosas com a mãe. Também para eles há a ambivalência afetiva de amor e ódio manifestadas pela associação do totem ao pai da horda – esse pai “gozador e tirano”, o chefe da tribo, e o pai morto, assassinado e transformado em totem, assumindo, então, uma função de pai simbólico que sustenta a lei²⁴⁷.

[aliás]

Totem e tabu situa, na doutrina freudiana, um importante intermezzo entre o Édipo que inicia-se com a *Interpretação dos sonhos* (1900) e o que vai figurar em *A dissolução do complexo de Édipo* (1924), por exemplo; bem como as figuras paterno-autoritárias de liderança exemplificadas em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), *O futuro de uma Ilusão* (1927) e *Mal-estar na civilização* (1930) e a última instância do pai-deus-onipotente em *Moisés e o monoteísmo* (1939). Ou seja, as esferas da cultura, da moralidade, da religião e da arte (*Dostoievski e o parricídio* – 1928).

²⁴⁷ QUINET, Antonio. *Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p. 25.

Assim, pai, partimos daqui, por agora, para singrar esses mares que começam nas ondas de uma horda primitiva e terminam nas areias – e retornam ao pó – de uma religião monoteísta. Como ao pó nós vamos também estar-voltar-regressar – revoltado – e ao vento nossas palavras devem se lançar já destituídas de performatividade e corpo (página, grafia, forma, linha e envelope-tela-dispositivo-papel).

Quando eu não sei.

Quando eu não sei.

Eu sei que o nosso quando é (n)essa leitura-escuta e (n)essa minha tentativa de diálogo com você, pai.

Pai?

Você está cansado?

Pai?

Pai? Entre

Pai?

[aliás]

***[aliás, o pai da horda:
entre os filhos, o assassinato
e a lei da civilização]***

Em 1912, Freud buscou no totemismo, nas pesquisas etnográficas, no estabelecimento dos tabus tribais, na influência evolucionista de Darwin, no imperativo categórico kantiano, na tese da hereditariedade dos caracteres adquiridos de Lamarck e nas aproximações entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos, razões científicas para justificar a interdição do incesto como lei. Em 1913 foram publicados, nos dois primeiros volumes da revista *Imago* (editada por Freud), os quatro ensaios que originaram *Totem e tabu: Algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos*.

A ideia da universalidade do complexo de Édipo, cujo epicentro encontra-se no tabu do incesto, levou Freud à condução das pesquisas sobre esse “mito originário da civilização” e ao pressuposto de que a história individual não é mais do que a repetição da história da humanidade – ontogênese repete, assim, a filogênese. Ou seja, o sujeito individual está

atrelado ao sujeito social, não se distinguindo deste. Os quatro ensaios que compõem esse extensivo trabalho sobre o totem e o tabu são: 1) O horror ao incesto; 2) O tabu e a ambivalência dos sentimentos; 3) Animismo, magia e onipotência dos pensamentos e 4) O retorno do totemismo na infância.

Freud estabeleceu paralelos e aproximações entre a etnografia e a psicanálise e como esta poderia responder a diversas questões acerca da psicologia dos povos da natureza. E, através dessa cooperação, como as pesquisas antropológicas e etnopsicológicas poderiam contribuir à psicologia dos neuróticos. A partir de investigações em tribos primitivas da Oceania, da África e das Américas, desde os anos 1700, apareceram indícios e resultados das conexões entre a exogamia e a interdição do incesto, que, posteriormente, foram assimilados nos ensaios freudianos. A pesquisa de John Fergusson McLennan data de 1791, por exemplo, e foi apontada como a origem da teoria do totemismo, cuja palavra “totem” foi retirada da língua algonquiana, de tribos localizadas nos grandes lagos norte-americanos. Já a palavra “tabu” (*taboo* ou *Tabu*) nasceu na Polinésia e foi incorporada à língua inglesa pelo capitão Cook em 1777²⁴⁸.

Enquanto o totemismo visava à relação entre uma espécie natural, o totem – notadamente um animal, fosse comestível, inofensivo ou perigoso e temido, mais raramente, uma planta totêmica ou ainda forças da natureza (chuva, água, etc.) – e as práticas comportamentais de um clã que instituíam para si a exogamia; o tabu pode ser compreendido a partir de dois significados, sendo o primeiro específico da cultura do Pacífico Sul de onde surgiu, como, inclusive, noção de consagrado, já, o segundo, amplificando a expressão de proibição ou restrição para uso generalizado. O tabu, assim, ainda mantém-se subsistindo, de modo a ser considerado negativamente e, de acordo com sua natureza psicológica, nada mais é do que o “imperativo categórico kantiano”, o qual tem por tendência “agir coercitivamente e rejeitar qualquer motivação consciente”. O totemismo, por sua vez, como instituição social-religiosa foi abandonado e substituído por outras formas, além de ter deixado traços mínimos nas práticas religiosas, nos costumes e nos usos dos povos civilizados: “O avanço técnico e social da história humana afetou muito menos o tabu do que o totem”²⁴⁹.

²⁴⁸ ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 756-760.

²⁴⁹ FREUD, Sigmund. “*Totem e tabu: Algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos*” (1912-1913). In.: *Obras completas volume 11: Totem e tabu; Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Coordenação e tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2012, p. 9.

A instituição da exogamia está estritamente ligada ao totem, esse que representa um ancestral em comum do clã, cujos membros devem prestar homenagens sagradas, obrigações, sacrifícios e sofrem punições, não podendo, assim, matar o totem e devendo se abster de comer sua carne. Em quase todas as partes em que se vigora o totemismo há uma lei de que membros do mesmo clã não podem ter relações sexuais e casarem entre si, o que indicaria o horror ao incesto. O horror ao incesto também foi observado na vida psíquica dos neuróticos e como um traço particularmente infantil, tendo em vista que a primeira escolha sexual da criança é incestuosa: “Em sua vida psíquica inconsciente, as fixações infantis incestuosas da libido têm ainda – ou novamente – um papel determinante. Por isso chegamos a ver a relação com os pais, dominada por anseios incestuosos, como o complexo nuclear da neurose”²⁵⁰.

O tabu, por sua vez, diferencia-se das proibições morais ou de qualquer fundamentação religiosa, cuja origem é desconhecida. Definido por Wilhelm Wundt como o mais antigo código de leis escritas da humanidade, antecedendo, inclusive, aos deuses e às épocas anteriores às religiões. Freud, então, aproxima as proibições e restrições do tabu aos doentes neuróticos obsessivos, em sua forma externa, a partir de “coincidências” nos atos proibitivos igualmente desprovidos de motivação e enigmáticos desde o princípio. Para os obsessivos, não é necessária a ameaça de castigo ou punição externa, pois há uma consciência interna de que a transgressão poderá resultar em algum tipo de desgraça, um medo invencível. Desse modo, os sintomas da neurose obsessiva e o tabu são correlatos: ausência de motivos, reafirmação por uma necessidade interior, o caráter deslocável e em conformidade ao perigo de contágio pelo proibido, ambos originam ações ritualísticas e cerimoniais, além de surgirem das proibições²⁵¹.

É possível, portanto, reconstruir o tabu a partir do modelo das proibições de neuróticos obsessivos, como parte das organizações do patrimônio psíquico herdado de uma geração de primitivos para outra. Devido à tradição, autoridades paternas ou às normas coercitivas da sociedade, a gênese das motivações do tabu também faz parte de um “motivo inconsciente”. E o desejo original de fazer o proibido permanece nos povos em que o tabu é vigente e são nessas situações em que se manifestam as atitudes ambivalentes: o desejo de transgredir e o receio de fazer – o temor acaba sendo mais forte do que o desejo inconsciente. Destacam-se, dentre as mais antigas e importantes proibições do tabu, justamente, as duas leis fundamentais

²⁵⁰ Ibid., p. 25.

²⁵¹ Ibid., p. 34-38.

do totemismo: não destruir o animal totêmico e evitar relações sexuais com os indivíduos do mesmo totem, ou seja, “os mais antigos e poderosos apetites humanos”²⁵².

No último ensaio, “O retorno do totemismo na infância”, Freud volta a discutir as origens da exogamia e suas interligações com o totemismo e as proibições do tabu²⁵³. Além disso, explicita a sua tese acerca do pai da horda primitiva, o parricídio e a lei de interdição do incesto, a partir da explicação evolucionista de Charles Darwin sobre os hábitos dos macacos superiores que andavam em pequenas hordas e o estado primevo da sociedade humana, associando-a à concepção psicanalítica do totem e à teoria sobre o banquete totêmico. Como influências nessa rede de conexões estão o caso do “Pequeno Hans” – *Análise da fobia de um garoto de cinco anos* (1909), cujo deslocamento dos sentimentos ambivalentes em relação ao pai estão depositados na fobia por cavalos – e o caso do “Pequeno Arpád”, relatado por Sandor Ferenczi, cuja associação está nos pressupostos narcísicos e na relação ambivalente – amor e ódio – e de identificação com o animal totêmico eleito, nesse caso, a galinha. Em ambos os casos, o animal totêmico é o substituto do pai.

Segundo a concepção freudiana, houve um – o pai da horda primitiva, o *Urvater* –, que detinha todo o controle sobre as mulheres, era tirano, autoritário, cruel, egoísta, violento e impedia que os filhos tivessem acesso a elas, expulsando-os da tribo à medida que cresciam. Em um dado momento, os irmãos se reuniram, assassinaram – abateram – e devoraram o pai, terminando, assim, com a horda primitiva. Coletivamente eles fizeram o que nenhum deles individualmente poderia fazer. No ato do banquete totêmico – na refeição – a ingestão da carne teria propiciado a identificação com esse pai, antes temido e invejado, e a apropriação de parte de sua força e superioridade. Essa, talvez, pudesse ter sido a primeira grande festa da humanidade. Foi a partir do crime do parricídio que se iniciaram as organizações sociais, as restrições de moralidade e a religião²⁵⁴.

A comemoração, porém, não tardou para se transformar em “consciência de culpa do filho” e dar mostras da ambivalência afetiva (essa que acomete primitivos, crianças e neuróticos) sentida pelos irmãos da horda. Odiavam o pai por ser obstáculo aos seus impulsos,

²⁵² Ibid., p. 39.

²⁵³ A exogamia ainda guardava em si enigmas e muitas são as teorias explicativas, como as nominalistas (para o clã se distinguir de outros pelo nome – nome de um ancestral, nome do animal e o parentesco com esse), as sociológicas (Totem como representante da religião social; Durkheim vai falar sobre a relação do totemismo com o tabu do sangue, a proibição da mulher do mesmo totem, interdição pelo sangue, seja de defloração ou de menstruação; McLennan atribui às práticas de rapto de mulheres em tribos estrangeiras o vínculo ao totemismo), as psicológicas (Frazer relaciona à crença da “arma externa”, necessidade de lugar de refúgio à alma). Alguns pesquisadores como Frazer não atribuem ligação direta entre a exogamia e o totemismo, porém, a maioria aponta essa conexão com as proibições do tabu e a prevenção – o horror ao incesto. Ibid., p.111-120.

²⁵⁴ Ibid., p. 141-142.

todavia, por outro lado, o amavam e o admiravam. Com o crime, puderam satisfazer o ódio e concretizar o desejo de identificação, mas os impulsos afetivos tomaram-nos de arrependimento e, assim, o morto tornou-se mais forte do que havia sido enquanto vivo. Como resolução, instituiu-se a proibição do assassinato ao substituto do pai – o totem – e a renúncia ao contato com as mulheres, então, liberadas. Ou seja, o que eles ansiavam fazer, pela via da transgressão, enquanto o pai estava vivo, impuseram-se a si mesmos, privando-se do gozo, logo que cometeram o parricídio. Desse modo, estão descritos os dois tabus fundamentais do totemismo e a correlação aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo²⁵⁵.

Foi a partir do sentimento de culpa e do arrependimento dos filhos transformado em uma tentativa de reconciliação com o pai morto que a proteção do animal totêmico se apresentou como o “primeiro ensaio de uma religião”. Nesse sentido, a comunidade de irmãos assumia o compromisso de apaziguar a sensação do pai ofendido, estabelecendo um contrato, mediante uma obediência *a posteriori* não se repetiria o ato que liquidou com o pai real. Para se fortalecerem, então, mantiveram a renúncia aos desejos sexuais pelas mulheres do mesmo clã e salvaguardaram o totem. Do outro lado, o pai concedia e alimentava as melhores fantasias do que uma criança poderia esperar de um pai: proteção, cuidado e indulgência. Estão assim formadas as características da natureza de uma religião totêmica: “A religião do totem não apenas compreende as manifestações de arrependimento e as tentativas de conciliação, mas serve também à lembrança do triunfo sobre o pai”²⁵⁶.

A relação de deus como sendo o animal totêmico se torna, portanto, facilitada e, ao se pensar, que o totem era o sucedâneo do pai, deus poderia ser, então, o seguinte sucedâneo, após ter readquirido uma forma humana. A antiga refeição totêmica, o banquete, estava associada ao sacrifício e ao sentimento de culpa compartilhado por todos os filhos do pai, irmãos que não poderiam suceder esse pai, pois nenhum, em particular, poderia ser capaz de atingir a força e a superioridade paterna. Com isso, aumentou-se a “ânsia pelo pai” e o domínio de sentimentos afetuosos em detrimento aos hostis, como irritação, raiva e ciúme, anteriormente manifestos. “Com a introdução das divindades paternas, a sociedade sem pai converteu-se gradualmente naquela organizada de forma patriarcal. A família era uma restauração da antiga horda primeva, e devolvia aos pais uma boa parcela dos seus direitos de antes”²⁵⁷. Mas como ou de onde surgiu a ideia de deus?

²⁵⁵ Ibid., p. 141-142.

²⁵⁶ Ibid., p. 143.

²⁵⁷ Ibid., p. 147.

A resposta poderia ser que, entretanto — não se sabe de onde —, apareceu a ideia de deus, sujeitando a si toda a vida religiosa, e a refeição totêmica, como tudo o mais que quisesse subsistir, teve que se integrar ao novo sistema. Mas o exame psicanalítico do indivíduo mostra, com toda a ênfase, que para cada pessoa o deus é modelado no pai, que a relação pessoal com Deus depende de sua relação com o pai carnal, que oscila e se transforma com ela, e que Deus, no fundo, nada mais é que um pai elevado. Nisso, como no caso do totemismo, a psicanálise recomenda darmos crédito aos crentes, que chamam Deus de pai, assim como chamavam o totem de ancestral. Se a psicanálise merece alguma atenção, o componente paterno na ideia de Deus deve ser muito importante, sem prejuízo de todas as demais origens e significações de Deus, sobre as quais a psicanálise não pode lançar nenhuma luz. Então o pai seria representado duas vezes na situação do sacrifício primitivo, como deus e depois como animal totêmico, e, mesmo admitindo a pouca variedade das soluções psicanalíticas, devemos perguntar se isto é possível e que significado pode ter²⁵⁸.

Nesse ínterim é que a religião cristã se modela, a partir da expiação desse crime comum da humanidade. Cristo, portanto, é o símbolo da expiação desse crime e por ter assumido toda a culpa, sacrificou a própria vida e livrou os irmãos do pecado original – um pecado contra “Deus-Pai”: “No mesmo ato com que oferece ao pai a maior expiação possível, o filho também alcança o objetivo de seus desejos contrários ao pai. Torna-se ele próprio Deus, ao lado — mais precisamente, no lugar — do pai. A religião do filho substitui a religião do pai”²⁵⁹. E com o ato da eucaristia – a comunhão partilhada – reaviva-se a refeição totêmica, dessa vez, contudo, prova-se o sangue e a carne do filho, não mais a do pai, identificando-se o filho ao pai.

Os quatro ensaios reunidos em *Totem e tabu* (1912-1913) concentram o trabalho mais específico da antropologia freudiana, porém, desde a sua publicação, são alvo de diferentes e numerosas objeções e questionamentos. Dentre as críticas ao texto de Freud, basta nos recordarmos, pai, de nossa primeira *Correspondência I: entre relações de poder*, e a afirmação do historiador Jacques Dupuis, de que se tratava de um “romance histórico”, a partir de uma “teoria romântica”, pois a exogamia seria datada (e comprovada cientificamente) em um período anterior ao sistema patriarcal, com as migrações interclânicas de rapazes desde as sociedades matrilineares.

Desse modo, tendo em vista que a teoria histórica do parricídio originário freudiano não é passível de comprovação empírica, tampouco de refutação, atenta-se ao fato de se efetivar uma leitura via psicanálise, com base em outra ordem discursiva, e não como uma leitura histórico-antropológica. Nesse sentido, como lembra Evandro de Quadros Cherer, Lacan, em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*, já havia proposto essa

²⁵⁸ Ibid., p. 145.

²⁵⁹ Ibid., p. 151.

compreensão como parte de um “mito moderno” e não como narrativa histórica, como uma legítima “ficção freudiana”. Conforme Cherer, é importante pensar que, nesse texto, Freud aciona o pai como operador conceitual para se refletir sobre os laços sociais. Assim, o pesquisador denomina como “clínica do ideal” a análise freudiana dessas organizações, a partir de uma idealização do pai morto que os filhos culpados se alienam à lei e em nome desses ideais é que as organizações sociais, as instituições e os grupos se estabeleceram²⁶⁰.

A partir disso, podemos considerar que a invenção de Freud é o assassinato do pai na origem. Há uma violência no laço social demarcado pelo parricídio inaugural. Ao se considerar o parricídio e, particularmente, a idealização religiosa, podemos reconhecer que a originalidade da formulação freudiana está em propor que sempre há, de certo modo, um complexo paterno e uma organização religiosa no cerne das formações sociais. Ora, o complexo paterno (*Vaterkomplex*) traz em pauta exatamente a ambivalência infantil concernente ao pai. Esse, a quem nada falta e interdita os demais, é odiado por seus filhos, é assassinado, idealizado e, por conseguinte, amado. É em torno dessa figura divina, todo-poderosa, que não necessariamente precisa ser encarnada em uma pessoa, que se organiza o pacto social. É a partir do pai morto que a horda primeva sai do status de pura natureza e adentra para a cultura, fixando uma organização legisladora na qual se deve permanecer vacante o lugar paterno²⁶¹.

[aliás]

Pai, às vezes me pergunto qual é o modelo que você inspira? Qual é o ideal que você me faz acreditar? Em que modelo-pai eu me identifico a você? Como acontece essa ideia de pai para uma filha que tem saudade, ao mesmo tempo, não sabe quem é esse sujeito pelo qual sente falta?

Quem é o pai que as filhas e os filhos buscam como modelo?

O pai amado e admirado é o mesmo pai odiado e assassinado.

O pai temido e castrador é o mesmo pai abatido e vencido pelos filhos.

E depois de abatido, assassinado, devorado e morto, por que, ainda assim, os filhos anseiam pelo pai?

Por que, ainda assim, os filhos necessitam de um modelo a seguir, confiar, devotar e acreditar como único possível?

Por que, ainda assim, os filhos resgataram o pai morto com mais força e potência do que quando estava vivo e era odiado?

Que nostalgia é essa, pai?

²⁶⁰ CHERER, Evandro de Quadros. *A noção do pai em Psicanálise: do declínio ao pai morto*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura). Universidade de Brasília. Brasília, agosto de 2018.

²⁶¹ Ibid., p. 38.

Uma sociedade baseada no crime original compensa e expurga esse ato honrando o pai morto como único, o todo-poderoso. – O inominável nome(homem) de tudo. É quando o medo, o ódio e a ira rebelde andam juntos com o amor, a ternura e a obediência filial. Ou seria, subserviência?

Caminhamos, então, pai, para nossa última parada nesse entendimento da teoria freudiana sobre o pai. Depois dos oceanos, dos mares, de rios, do barco e da canoa, trilhamos a pé, sobre o arquipélago edípico e pelas veredas primitivas um complexo ambivalente e bifurcado, para, em solo firme e bem amparado por milênios de terra-sobre-terra chegarmos nesse interior das relações sociais, religiosas e morais cujo modelo é o pai.

Vem, pai?

Você não pode estar cansado, pai, justamente nessa hora em que você vai gostar tanto da nossa carta.

Você já deixou a canoa, pai. Você consegue. Não precisamos mais de barcos. Estamos em terra firme.

É seguro. Você vai gostar.

Eu prometo, pai.

Prometo!

Prometo!

Você, pai, herói. Herói.

Prometo a você, pai. Vamos?

Pai?

Pai?

Entre

Pai?

[aliás]

[aliás, o pai-deus:

entre a multidão, o líder

e o modelo de Moisés]

Olhai para o alto. É no alto que ele está e vem dos céus aquele cujo modelo deve ser seguido, honrado e amado. A criança olha para o alto e no céu não vê o deus (*imago*), mas sabe que lá ele está. A criança olha para cima e vê o pai, grande e poderoso. Esse é o pai-deus. Para a criança. Esse exemplo parece didático e ingênuo, porém presta com exato sentido à ideia de obediência e magnificência com que as massas encaram o seu guia ou líder. E como as religiões monoteístas alicerçaram os seus dogmas e as suas leis em um único modelo-deus.

Freud publicou em 1921 *Psicologia das massas e análise do eu*, em que buscou traçar um caminho sobre o fenômeno das massas e a psicanálise. A trajetória percorre desde a conceituação de alma coletiva segundo Gustave Le Bon, em *La Psychologie des foules*; perpassa as contribuições de William McDougall, em *The Group Mind*; lança mão dos exemplos de duas massas artificiais, a saber, a Igreja e o Exército; descreve as características dos processos de identificação, de enamoramento e de hipnose; apresenta como se estabelece o instinto gregário, as relações com a libido e os instintos sexuais e, enfim, explicita as conexões da massa com a horda primeva. Tanto na tradução feita por Paulo César de Souza (Companhia das Letras) como na maioria das pesquisas envolvendo esse trabalho, ressalta-se para o fato de Freud ter optado pela palavra massa (*masse*), em detrimento à multidão, como utilizado por Le Bon (*foules*), e grupo (*group*), por McDougall.

O ser individual é, de acordo com Freud, um ser social e está em relação com outros indivíduos, pois sua vida psíquica acontece nessa relação com o “Outro”, esse outro seja como modelo, como objeto, como auxiliador ou adversário. Nesse ínterim, as relações com outros indivíduos se efetivam como parte dos fenômenos sociais e se diferenciam, sobretudo, dos processos denominados “narcísicos”, em que a busca por satisfação dos instintos não está ligada a outras pessoas ou a elas há algum tipo de renúncia. Desse modo, a psicologia social ou de massas vai analisar como o indivíduo está ligado a um determinado grupo e sofre as influências desse grande número de pessoas que podem, inclusive, ser estranhas a ele sob vários aspectos. E como pensar, inclusive, esses fenômenos associados, nessas condições especiais, com a manifestação do instinto social “*herd instinct, group mind* [instinto de rebanho, mente do grupo]”²⁶², irreduzível, que não acontece de outra maneira ou em outras situações.

A partir das explicações e conceituações de Le Bon, Freud vai caracterizar a massa como parte de um todo, cujo particular desaparece, as aquisições individuais e heterogêneas

²⁶² FREUD, Sigmund. “*Psicologia das massas e análise do eu*”. In.: *Obras completas volume 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 11.

sucumbem frente ao homogêneo, e enfatizar o caráter mediano de seus indivíduos. Neles, a superestrutura psíquica, diversa em cada ser, está desabilitada diante de um fundamento inconsciente comum – inconsciente coletivo – operante e “posto a nu”. O indivíduo considera-se invencível e adquire um poder que, sozinho, jamais alcançaria. Por outro lado, não se vê impelido ou obrigado a controlar os seus instintos e, de um modo irresponsável, cede com facilidade às manifestações impulsivas: “Basta-nos dizer que na massa o indivíduo está sujeito a condições que lhe permitem se livrar das repressões dos seus impulsos instintivos inconscientes”. Sobre esses instintos, completa: “Não é difícil compreendermos o esvaecer da consciência ou do sentimento de responsabilidade nestas circunstâncias. Há muito afirmamos que o cerne da chamada consciência moral consiste no ‘medo social’”²⁶³.

A massa, portanto, tem em sua constituição os efeitos de contágio, de sugestão e de influência sobre os membros, sendo acrítica, cujos sentimentos são simples e exaltados, desconhecendo incertezas e dúvidas, ou seja, não importa se é verdade ou não, acredita-se a qualquer custo. Basta, para isso, o modo como se excita e se sugestiona-a: sem medir logicamente os argumentos, evocando as imagens mais fortes e em associação (como em um estado de livre devaneio sem coincidência com a realidade razoável), exagerando a medida e sempre repetindo a mesma coisa.

Para ser dominada, ser conduzida e sofrer a razão da sugestionabilidade, é necessária a presença de um líder, um senhor, um guia para o rebanho, um chefe para essa espécie de manada de indivíduos dóceis e crentes. Esse líder precisa corresponder aos anseios de dominação e às necessidades da massa a partir de suas características pessoais. O líder, dotado de prestígio (para Le Bon), adquire importância pela própria ideia da qual é fanático, e é equiparado, então, à figura do hipnotizador. Ressalva-se para o fato de que o líder não necessariamente precisa ser uma pessoa concreta, mas o próprio ideal ou valor em si tem papel de união, coesão e liderança, como nas religiões ou seitas. E podem, também, existirem diferentes posições de líderes, hierarquias de comando, líderes secundários e mediadores.

Diferentemente de Le Bon e McDougall, Freud não vai buscar nas motivações sociológicas, no tocante à intimidação social, imitação, tradição ou no prestígio (ou fracasso, inversamente) do líder para a sugestão e influência da massa, por outro lado, vai propor um argumento psicanalítico ao fenômeno: calcando-o no conceito de *libido*, esse que foi aplicado às psiconeuroses. Desse modo, a massa se organiza suscetivelmente e se mantém unida pelo

²⁶³ Ibid., p. 15.

poder de Eros, que permite aos indivíduos estarem sugestionados em nome do amor e de acordo com esse amor, ou seja, não estão em oposição, mas como uma força coesa.

Como exemplos de massas artificiais estão a Igreja e as forças armadas, cada qual com suas peculiaridades, ambas são massas altamente organizadas e que procuram se proteger de dissoluções com grande poder de coação. Tanto na Igreja quanto no Exército, há a simulação, ilusão (a religião é a grande ilusão do homem), acerca dessa figura central – o chefe supremo – e nas duas situações, Cristo, para os fiéis, o general, para os seus comandados e oficiais, amam igualmente todos os indivíduos da massa; do contrário, haveria possibilidades de se desintegrarem. Na Igreja, porém, há uma diferença com relação às hierarquias e há um traço de democracia, pois os fiéis equiparam-se, sobretudo, a uma família; enquanto, nas forças armadas, há postos de comando específicos, sendo o general entendido como pai, e cada capitão como um tipo de pai para o seu batalhão, conforme as suboficialidades. Desse modo, os indivíduos estão ligados libidinalmente a esse líder, por um lado e, por outro, aos próprios “irmãos”, aos(às) companheiros(as) da massa.

Na Igreja há um fenômeno típico de manifestação exacerbada de amor entre os crentes, e, simultaneamente, de intolerância e ódio aos não-seguidores, a quem está fora dessa comunidade. Apesar de Freud ter observado certo recrudescimento das ligações libidinais desse tipo e enfraquecimento dos sentimentos religiosos nas primeiras décadas, ao passo que a Igreja Católica vem perdendo a sua força, não se pode dizer o mesmo, nesse fim de século XX e começo do XXI. Há um crescente movimento de fé e da emergência de tendências protestantes neopentecostais no ocidente e do radicalismo islâmico, com o crescimento do Estado Islâmico do Iraque e do Levante, ou Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS ou ISIL), uma organização jihadista do Oriente Médio, por exemplo²⁶⁴.

Para que se efetive essa ligação libidinal entre os indivíduos da massa e o líder é necessário um processo de identificação. Conforme Freud, a identificação, para a psicanálise, é a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva de uma pessoa por outra, desde a pré-história do complexo de Édipo. Assim, existem três categorias de identificação. A primeira delas, nessa relação primordial entre o menino e o pai, este último é tomado pela criança

²⁶⁴ Não pretendo, aqui, discutir as implicações, as diferenças, as motivações de tais movimentos religiosos e suas transformações ascendentes; bem como, não é possível descrevê-los como se estivessem na mesma ordem, equipará-los e sob o mesmo contexto histórico-social e cultural, o que não é o caso. Também não se pretende fomentar preconceitos religiosos ou de crença e fé, nem de extremismos ou intolerâncias, pelo contrário, entende-se a importância de discutir cada movimento conforme as suas especificidades e de acordo com as conjunturas. É notável os equívocos que o assunto pode gerar, por isso, estou limitando-o a esse comentário pontual a partir da afirmação de Freud no referido trabalho, sem mais abertura às discussões ou perspectivas teórico-críticas.

como seu ideal. Situando-o nessa fase, o garoto deseja ser como o pai, crescer e tomar o seu lugar, interessando-se, com isso, pela mãe como objeto sexual. Porém, como mencionado no complexo parental, há a ambivalência do Édipo normal e do Édipo invertido: desde o início, a identificação é ambivalente, tanto como expressão de ternura, como desejo de eliminação. Tal processo de identificação segue o modelo canibalesco da primeira fase da organização da libido, *oral*, na qual se busca incorporar o objeto, comendo-o, ao mesmo tempo, destruindo-o: “É sabido que o canibal permanece nesse ponto; tem uma afeição devoradora por seus inimigos, e não devora aqueles de quem não pode gostar de algum modo”²⁶⁵.

Na segunda categoria, por sua vez, a identificação acontece por uma via regressiva, e a ligação ocorre no lugar da escolha objetal, assim, vai estar localizada no sujeito ou no objeto do eu. Como nesse caso do pai e do menino, na primeira fase, o menino gostaria de *ser* o pai, seu modelo e ideal, na segunda, no entanto, ele gostaria de *ter* o pai, ou seja, configura-se o eu à semelhança de quem foi tomado como modelo. Como exemplo, Freud citou o caso de Dora (*Fragmento de análise de um caso de histeria*), identificando-a a um traço do objeto, cujo sintoma era imitar a tosse de seu pai: a identificação tomou o lugar da escolha de objeto, e a escolha de objeto, portanto, regrediu à identificação²⁶⁶.

Já a terceira modalidade desconsidera a relação objetal com a pessoa copiada, situando-se, assim, na mesma situação que algum objeto não investido sexualmente, querendo ou podendo colocar-se nessa situação. Como na ocorrência de uma amiga que se apropria do sintoma de outra, estando ambas em um pensionato, a partir de um fator pontual como uma carta de amor recebida por uma delas e a sua reação histérica de ciúmes.

Com base na distinção entre a identificação do eu com o objeto e a substituição do ideal do eu pelo objeto é que se encontra uma das definições, ou desdobramentos, da noção de pai em psicanálise: o pai colocado no lugar do ideal do eu na massa, ou seja, nesse lugar de ideal do eu em que é alçado um líder, uma ideia ou abstração. Assim, segundo Cherer, esse líder (*Führer*) identificado como guia do eu ideal infantil perdido corresponde ao mito freudiano do pai da horda primeva, portanto, não é qualquer pai, mas aquele pai mítico. O pai primevo é, então, o ideal da massa, aquele que domina o eu no lugar do ideal do eu, esse, que, mais tarde, na teoria freudiana, será descrito como Supereu (*O eu e o id*, de 1923). É com essa idealização do pai morto que a massa se une, pelo anseio ao pai e por amor a um ideal²⁶⁷.

²⁶⁵ Ibid., p. 47.

²⁶⁶ Ibid., p. 48.

²⁶⁷ CHERER, Evandro de Quadros. *A noção do pai em Psicanálise: do declínio ao pai morto*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura). Universidade de Brasília. Brasília, agosto de 2018, p. 42.

A massa está unida e coesa com seus irmanados(as), mas não tolera aqueles que não possuem o mesmo pai, para estes(as), inclusive, destinam-se os seus atos criminosos, a sua fúria e ódio. A tolerância somente está disposta ao semelhante com quem há identificação, do contrário, o diferente, o que possui outro ideal, alteridade, aquele que cultua outro pai, será hostilizado e perseguido. Fato evidente na própria utilização da palavra *Führer* identificada a Adolf Hitler, durante o Terceiro Reich, e como em regimes nazista e fascista, também nas ditaduras civis-militares, o ódio de uma massa ao diferente transforma-se em extermínio, genocídio de minorias, holocausto:

É em nome do pai morto que discursos de ódio se sustentam, assim como as perseguições e massacres. Não são poucos os possíveis exemplos que podem ser evocados acerca disso, como as mórbidas perseguições decorrentes de motivos religiosos, como as das cruzadas e as do autoproclamado Estado Islâmico. É em nome do pai que os inimigos são situados externamente e, aparentemente, são uma ameaça à massa. No entanto, é exatamente esse movimento de hostilização que propicia a consolidação da massa, na medida em que o inimigo é situado na diferença e na alteridade que possui um outro pai. É por meio dessa lógica que se pode também ponderar sobre a culpabilização de certos grupos pelas mazelas e dificuldades da sociedade. Assim foi para com os judeus, bem como com tantos outros a quem se foi imputado a responsabilização por grandes problemas. Trata-se, em verdade, da montagem de um outro que nomeie e tome para si a culpa, situando o desconforto inominável da existência, assim como localizando todos os problemas passíveis de serem enumerados. Com isso, a extinção dessa alteridade implicaria na própria eliminação do problema. Tudo se passa como se, ao retirar o outro, a massa que possui o mesmo pai poderia enfim gozar plenamente²⁶⁸.

A massa, portanto, nada mais é, do que uma revivescência da horda primeva. E o seu líder, identificado ao pai da horda, depois de sua divinização e imortalização, desperta esse amor desmedido que refreia os instintos narcísicos dos indivíduos. Esse pai, que tinha poucos laços libidinais e só amava a si mesmo ou quem pudesse servir a seu gozo, não constituía uma relação objetal em seu eu. Por ter proibido os filhos de gozarem seus impulsos sexuais diretos e ao impor a eles a abstinência, o resultado da meta sexual inibida foi a criação de laços afetivos entre os irmãos e com o próprio pai, ou seja, do ciúmes e da intolerância do pai para com os filhos é que se ocasionou a psicologia das massas: “Ainda hoje os indivíduos da massa carecem da ilusão de serem amados igualmente e justamente pelo líder, mas este não precisa amar ninguém mais, é-lhe facultado ser de natureza senhorial, absolutamente narcisista, mas seguro de si e independente”²⁶⁹.

²⁶⁸ Ibid., 44.

²⁶⁹ FREUD, Sigmund. “*Psicologia das massas e análise do eu*”. In.: *Obras completas volume 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2011, p. 67.

Ao retomar o mito do pai da horda, Freud vai explicitar a passagem dessa “nova família”, acabando-se com o privilégio dos governos das mulheres durante o período sem pai. Foi no tempo da privação nostálgica que um desses machos, desligado do grupo, assumiu o novo posto e papel de pai. Na doutrina freudiana, quem realizou esse feito foi o primeiro “poeta épico”, em sua fantasia, tendo inventado, portanto, o mito heroico: “O poeta ‘transmentiu’ a realidade no sentido de seu anseio. (...) Herói era aquele que sozinho havia matado o pai, que no mito ainda aparecia como monstro totêmico. Assim como o pai fora o primeiro ideal do garoto, agora o poeta criava o primeiro ideal do Eu no herói que substituiria o pai”²⁷⁰.

Portanto, o mito é o passo com que o indivíduo emerge da psicologia da massa. O primeiro mito foi certamente o psicológico, o mito do herói; o mito explicador da natureza deve ter surgido bem depois. O poeta que deu este passo, e com isso libertou-se do grupo na imaginação, sabe, conforme outra observação de Rank, achar o caminho de volta para ele na realidade. Pois ele vai e conta a esse grupo os feitos de seu herói, por ele inventados. No fundo esse herói não é outro senão ele próprio. Assim ele desce até à realidade e eleva seus ouvintes até à imaginação. Mas os ouvintes entendem o poeta, eles são capazes de identificar-se com o herói a partir da mesma relação nostálgica com o pai primevo. A mentira do mito heroico culmina na divinização do herói. Talvez o herói divinizado tenha sido anterior ao deus-pai, o precursor da volta do pai primordial como divindade. A série de deuses seria, então, cronologicamente: deusa-mãe – herói – deus-pai. Mas apenas com a elevação do pai primordial, que nunca fora esquecido, a divindade adquiriu os traços que ainda hoje vemos nela²⁷¹.

[aliás]

Como preencher esse espaço vazio, essa posição vacante deixada pelo pai morto? O pai odiado que os filhos da horda desejaram morto. Mas também o pai admirado que foi, depois, divinizado e honrado. Por esse anseio de pai – a exceção – e pela necessidade de ocupar o seu posto – inocupável por qualquer indivíduo –, nessa busca por alguém ou algo para substituí-lo, criou-se todo um panteão divino, uma mitologia paterna, uma sociologia do pai. Uma cultura do pai morto. Somos uma civilização construída a partir dessa cultura.

Assim, ao longo dos séculos, vários “notáveis” – homens (mas não só eles) – foram sendo alçados ao posto, desde imperadores, reis, papas, presidentes, sacerdotes, figuras midiáticas, líderes políticos, generais, figuras da cultura ou das artes, símbolos de um local – papel – consagrado e mítico desde as origens. O século XX, especialmente, foi palco para diferentes líderes ocuparem e comandarem as massas conforme o seu gozo

²⁷⁰ Ibid., p. 79.

²⁷¹ Ibid., p. 80.

narcísico, o seu prazer destruidor, o seu comando castrador e as suas ordens de interdições.

Do *führer* Hitler e do *duce* Mussolini aos ditadores da América Latina às figuras messiânicas que vão de salvadores da pátria aos terroristas anti-imperialismo e de uma pós-colonização. Ainda hoje, o fenômeno da atribuição de características míticas e heroicas acontece em relevo, como foi possível acompanhar durante o último pleito eleitoral no Brasil, por exemplo, e a manipulação de massas eleitoreiras na construção de um “mito” presidenciável. O que não é uma novidade no país, porém, dessa vez, viu-se revestido de um profundo alcance midiático e um ataque às minorias identitárias, étnicas e dissidências de gênero de um modo escancarado e incomparável.

Me parece, pai, que a análise de Freud à psicologia das massas segue operante e jogando luz às questões contemporâneas, mesmo quase um século depois e apesar de contestada e criticada. O que é bastante assustador. Revelador. Contudo, apavorante. E cíclico. Morto?

[*aliás*]

Freud, n’*O romance familiar dos neuróticos*, entende que o progresso da sociedade está assentado nessa oposição entre as gerações, pois o ato de se desprender da autoridade paterna é uma das realizações mais necessárias e dolorosas ao indivíduo em crescimento e para a sua formação como sujeito. Fato esse que não acontece aos neuróticos. A autoridade dos pais começa a ser questionada pela criança conforme se dá o seu progressivo desenvolvimento intelectual e à medida que conhece outros pais e passa, então, a compará-los com os seus. Para além da fantasia infantil de ser preterido(a) pelos pais, talvez, em virtude de um irmão ou irmã que vai nascer, um estágio posterior nesse afastamento em relação aos pais acontece durante o denominado “romance familiar dos neuróticos”.

A partir de jogos infantis e na fase da pré-puberdade, podendo continuar após, há uma atividade imaginativa da criança, espécie de “devaneios”, fantasias, desejos, os quais estão a serviço da realização de objetivos eróticos e de ambição – também vinculada ao erotismo. Dentre esses devaneios, existe um que é se livrar dos pais e substituí-los por outros, geralmente de classe social superior ou posição mais elevada. Assim, quando a criança descobre as funções sexuais e de procriação do pai e da mãe, deixa de colocar em dúvida a sua origem por parte da mãe, essa que não pode ser alterada, tendo em vista que “*pater semper incertus est*” e mãe é “*certissima*”. Desse modo, só o pai passa a ser substituído.

Nesse estágio sexual do “romance”, a criança passa a imaginar e fantasiar e mãe em relações eróticas de infidelidade e casos amorosos. Também estão presentes nas fantasias os motivos de vingança ou retaliação aos pais que castigaram ou repreenderam um mau comportamento sexual infantil. Ocorre, igualmente, de a criança eliminar as relações de parentesco com um irmão ou irmã que o atrai sexualmente. No caso da substituição dos pais, ou apenas do pai, não existe em si uma hostilidade ou sentimento mau, pois nos pais substitutos estão as lembranças e os traços de personalidade dos genitores verdadeiros, esses “inferiores” na imaginação. Ou seja, o pai não é rebaixado ou eliminado, mas elevado nessa posição: “Todo o empenho em substituir o pai verdadeiro por um mais nobre é apenas expressão da nostalgia da criança pelo tempo feliz perdido, em que o pai lhe parecia o homem mais forte e mais nobre, e a mãe, a mulher mais bela e adorável”²⁷².

Em *Dostoiévski e o parricídio* (1928), Freud cita as três obras-primas da literatura de todos os tempos: *Édipo Rei*, de Sófocles, *Hamlet*, de Shakespeare, e *Os Irmãos Karamázov*, de Dostoiévski. Em comum, as três tratam sobre o mesmo tema, o parricídio. O parricídio, assim, também figura como característica fundamental ao mito bíblico de Moisés, ou, precisamente, ao herói Moisés, o homem e líder, guia – o pai – da religião monoteísta, do judaísmo. O parricídio, portanto, como foi possível observar até agora perpassa toda a obra freudiana e não seria diferente nesse trabalho.

Moisés e o monoteísmo é um conjunto de três ensaios publicados em 1939, sendo uma das últimas obras de Freud, falecido em setembro daquele mesmo ano, depois de longo tempo tratando e suportando as consequências de um câncer na garganta. Os ensaios, contudo, não foram escritos no mesmo local e ao mesmo tempo, pois, para esse fato, é necessária a observação acerca dos acontecimentos e a influência na vida de Freud. Judeu, o psicanalista precisou se exilar em Londres, em 1938, em decorrência à ascensão de Adolf Hitler e o nazismo do Terceiro Reich.

Como a história lamentavelmente vai registrar nesse período a perseguição e o holocausto de judeus, além de outras minorias étnicas, homossexuais, partidários comunistas, etc. Em solo londrino é que ele escreveu a segunda parte dos ensaios, a primeira sendo de 1934, ainda em Viena. Os dois primeiros ensaios foram publicados na revista *Imago*, em 1937. Sobre a mudança de cidade, na “Nota Preliminar II”, já em terra britânica, Freud relata que, depois da invasão alemã, a proteção da Igreja Católica pouco fez diferença à sua vida: “Tendo a certeza de que então era perseguido não apenas por meu modo de pensar, mas

²⁷² Ibid., p. 298-299.

também por minha ‘raça’, abandonei, com muitos amigos, a cidade que havia sido minha pátria desde a infância, por 78 anos”²⁷³. Os três ensaios estão assim intitulados: “Moisés, um egípcio”; “Se Moisés era um egípcio” e “Moisés, seu povo e o monoteísmo”.

Desde o começo dos ensaios, Freud vai buscar na origem do povo judeu e na possibilidade da existência real de Moisés as relações e as implicações históricas, não enquanto um mito sagrado, senão como um “grande homem”, um líder semita e como se deu a organização da religião monoteísta em decorrência de sua predileção, por ser “o escolhido” a libertar o seu povo e conduzi-los ao êxodo do Egito. A primeira consideração feita foi a partir do nome Moisés, “*Mosche*”, do hebraico, e seu significado, pois a interpretação bíblica de que esse seria “o retirado das águas”, parecia insatisfatória e de etimologia popular.

O nome, segundo a forma ativa do hebraico, então, poderia significar: “aquele que retira”. Quanto ao fato de ter sido uma escolha da princesa egípcia que salvou o bebê abandonado, o vienense discorda com veemência, pois não teria sido no rio Nilo, além da suspeita de autores e pesquisadores com relação à origem verdadeira do nome: do egípcio “*mose*”, que significa “filho”. “O nome ‘filho’ logo se tornou um substituto prático para o extenso nome completo, e não é raro encontrar a forma ‘*Mose*’ em monumentos egípcios”²⁷⁴.

Nesse sentido, se o nome teria uma origem egípcia, então, poderia se admitir que o portador de tal nome, assim, também fosse dessa nacionalidade, e não hebreu. Freud conjectura por que nenhum historiador teria cogitado essa hipótese antes e levanta o argumento sobre o respeito à tradição bíblica, insuperável. Durante esse primeiro ensaio, o psicanalista vai se dedicar a comprovar a origem egípcia de Moisés. A partir do trabalho de Otto Rank, *O mito do nascimento do herói* (1909), chega-se ao pressuposto de que “O herói é filho de pais *bastante nobres*, geralmente o filho de um rei”²⁷⁵, e, em virtude de dificuldades na concepção (proibições, empecilhos externos, longa infertilidade, etc.) e durante esse processo da gravidez, ou antes ainda, há o anúncio de um oráculo ou sonho avisando de que a criança é um perigo para o seu pai.

O recém-nascido, logo, vai ser destinado à morte ou ao abandono. Mas ele acaba sendo salvo por pessoas humildes (pastores) ou por animais, e sobrevive sendo amamentado por uma fêmea ou uma mulher pobre. Ao crescer, após peripécias, ele reencontrará os pais nobres, há uma vingança contra o pai, será reconhecido e conquistará fama e grandeza.

²⁷³ FREUD, Sigmund. “Moisés e o monoteísmo”. In.: *Obras completas volume 19: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos (1937-1939)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2018, s/p. E-book.

²⁷⁴ Ibid., s/p. E-book.

²⁷⁵ Ibid., s/p. E-book.

Moisés, junto com outros, Ciro, Rômulo, e personagens da literatura e das lendas (Édipo, Karna, Páris, Perseu, Hércules, Gilgamesh, Anfião, Zeto, etc.), pertenceria a essa linhagem heroica. “Herói é quem se rebelou corajosamente contra o pai e, por fim, triunfou sobre ele. Nosso mito faz remontar essa luta até os primórdios do indivíduo, pois o bebê nasce contra a vontade do pai e é salvo à revelia dele, de sua má intenção”²⁷⁶. A prerrogativa poética das duas famílias, nobre e humilde, vai ser entendida pela interpretação psicanalítica, na ideia de “romance familiar” da criança, como reflexo de sua própria família, em diferentes épocas.

A lenda do nascimento e abandono de Moisés, porém, contradiz esse aspecto da origem nobre da primeira família. Em Édipo também se apresentaria uma exceção acerca das posições sociais das duas famílias, tendo em vista que ambas são aristocráticas. No caso de Moisés, ele seria filho de judeus levitas humildes, teria sido salvo e criado no seio da família real egípcia, adotado pela princesa como seu próprio filho. Para Freud, a lenda foi criada dentro do povo judeu, não fazendo sentido para os egípcios glorificarem Moisés, ainda assim, não serviria aos propósitos judaicos o herói ser um estrangeiro: “Se Moisés não é de estirpe real, a lenda não pode denominá-lo herói; se ele permanece filho de judeus, ela nada faz para elevá-lo”²⁷⁷.

Moisés foi responsável pela libertação, pelas leis e a educação do povo judeu. Essa religião, no entanto, não era própria dos hebreus, e sim a sua de origem, egípcia, cujo modelo não era exatamente uma novidade. Existiam, porém, diferenças profundas e contrastantes entre o monoteísmo rigoroso e a religião vigente, politeísta, desde a utilização de magias e de ornamentações e imagens divinas pelos egípcios, condenadas pelos hebreus; bem como, nas questões acerca do tratamento à morte, em que a religião mosaica abandona a imortalidade. Ou seja, precisava-se buscar o ponto em comum entre as duas: “É possível que a religião dada por Moisés ao seu povo judeu fosse a sua própria, *uma* religião egípcia, embora não *a* religião egípcia”²⁷⁸.

Freud, então, baseia-se em um acontecimento notável na história dessa religião ao resgatar o reinado do jovem faraó Amenófis IV, aproximadamente em 1375 a.C., e o seu culto ao deus do sol, Aton ou Atum, em contrariedade ao politeísmo. O faraó tentou impor aos egípcios uma nova crença religiosa, um monoteísmo rigoroso, segundo consta, a primeira tentativa assim na história da humanidade, opondo-se a toda uma tradição milenar e aos hábitos de vida, até aquela época, cultivados. A resistência foi grande e a partir desse modelo

²⁷⁶ Ibid., s/p. E-book.

²⁷⁷ Ibid., s/p. E-book.

²⁷⁸ Ibid., s/p. E-book.

de fé nasceu junto a intolerância religiosa, jamais vista na Antiguidade. O reinado durou apenas dezessete anos e após a morte do faraó, a nova religião foi abolida. A perseguição religiosa incluiu mudanças de nome do rei (Akhenaton) e de locais que cultuavam outras divindades. A religião não se tornou popular, tendo ficado restrita, provavelmente, a um pequeno círculo em torno do rei.

Estabelece, portanto, um comparativo entre a religião judaica e a de Aton, a fim de comprovar que, sendo egípcio, Moisés teria transmitido aos judeus a religião de Akhenaton: “Nos dois hinos a Aton, conservados nas inscrições dos túmulos de pedra e provavelmente compostos por ele mesmo, louva o Sol como criador e conservador de tudo o que vive no Egito, com um fervor que apenas muitos séculos depois reaparece, nos salmos para o deus hebraico Jeová”²⁷⁹. Paralelo a isso, vai ressaltar a introdução de um novo costume dado aos judeus por Moisés: a circuncisão. Costume esse que também teria vindo do Egito, conforme informações de Heródoto, o “pai” da História, já que nenhum outro povo do Mediterrâneo oriental possuía esse costume. Apesar de contradições e enigmas não-resolvidos, a hipótese freudiana segue na linha de que Moisés deu aos hebreus uma nova religião e o preceito da circuncisão, ao situá-lo no tempo de Akhenaton e relacioná-lo aos costumes daquela época.

Desse modo, Moisés escolheu certas tribos semitas estabelecidas em alguma província da fronteira e colocou-se como seu guia para uma emigração. Diferentemente da narrativa bíblica, o êxodo teria acontecido de modo pacífico e sem perseguição, entre os anos de 1358 e 1350, pós-morte de Akhenaton. O destino era, então, a terra de Canaã. A circuncisão também servia como um sinal que isolava os hebreus, “o povo santo”, e impedia-os que se misturassem aos estrangeiros, ainda que os aproximassem dos egípcios. Para Freud, essa hipótese está relacionada, sobretudo, ao caráter de liderança de Moisés e à sua personalidade enérgica, ambiciosa, colérica, descrita em diferentes lendas e literaturas extrabíblicas judaicas. Traços de caráter, inclusive, que são remetidos à concepção do Deus hebreu – ciumento, severo, implacável – e que podem ter sido tomados da lembrança de seu líder.

Em outro momento, Freud vai relatar como uma tribo que não teria aceitado a nova religião mosaica, ao se juntar com outras tribos entre essa região e a de Canaã – de onde surgiu o povo de Israel – teria acatado a influência do culto a Jeová, um deus vulcânico midianita, e assim, invadido Canaã e se rebelado contra Moisés, assassinando-o. Entre a derrocada de Moisés e a nova religião instituída em Cades, na península do Sinai, teriam se passado duas gerações. Dentre outras hipóteses e conjecturas levantadas por Freud ao longo

²⁷⁹ Ibid., s/p. E-book.

do texto, é nesse ponto que o vienense situa a morte e a eliminação de Moisés em alusão às considerações e contribuições descritas em *Totem e tabu*. Assunto que vai se ocupar no terceiro ensaio.

Ainda que tivessem rejeitado o deus mosaico e tivessem eliminado o seu líder, esse patrimônio religioso e cultural do deus-único e onipotente, assemelhado ao pai primordial, permaneceu e foi se transformando entre os hebreus. Tendo assim se mesclado e se aproximado o deus mosaico ao culto de Jeová, esse que já não tinha mais associação com o antigo deus vulcânico dos midianitas. O deus judaico, então, se tornou igual ao antigo deus mosaico em três aspectos, sendo o principal deles o reconhecimento como deus universal, eles desprezavam cerimônias e sacrifícios, cujos profetas não cansavam de proclamar e exigir apenas que acreditassem nesse deus e “levassem a vida na verdade e na justiça”²⁸⁰.

Freud entendia que era possível assimilar os preceitos religiosos e a história das religiões monoteístas de acordo com as interpretações psicanalíticas a partir das psiconeuroses – das associações e analogias entre os processos e sintomas neuróticos e os acontecimentos e dogmas religiosos. Desse modo, Moisés faz parte dessa construção da sociedade que anseia por um pai e seria ele mesmo a personificação do grande homem, aludindo, portanto, ao pai da horda primeva, pai temido e admirado, tal qual o pai disposto no complexo paterno.

O assassinato de Moisés por seu povo judeu, notado por Sellin em pistas deixadas na tradição – e, curiosamente, também aceito pelo jovem Goethe sem nenhuma prova – torna-se, assim, parte indispensável da nossa construção, um importante elo entre o evento esquecido do tempo primitivo e sua posterior emergência na forma das religiões monoteístas. Uma conjectura atraente é a de que o arrependimento pelo assassinato de Moisés forneceu o estímulo para a fantasia do Messias que iria retornar e trazer a seu povo a redenção e o prometido império sobre o mundo. Se Moisés foi esse primeiro Messias, então Cristo se tornou seu substituto e sucessor, e Paulo pôde bradar aos povos, com certo fundamento histórico: “Vede, o Messias veio de fato, ele foi assassinado perante os vossos olhos”. Então, há também um quê de verdade histórica na ressurreição de Cristo, pois ele era [o Moisés ressuscitado e, por trás dele,] o pai primevo da horda primitiva retornado, transfigurado e, como filho, porto no lugar do pai²⁸¹.

Conforme Cherer, a valorização do pai e, logo, o modelo patriarcal, estavam em questão nesse trabalho freudiano, tendo em vista que, mesmo discutindo-se pela perspectiva do pai morto, a figura paterna de Moisés e de seu deus, o patriarcado acabou diretamente abordado em referência à espiritualidade judaica. Foi com a ascensão do pai em substituição à mãe que aconteceu a vitória da espiritualidade contra a sensualidade e houve, portanto, um progresso cultural. O pai, assim, volta a ser o chefe da família, e recupera o seu posto de

²⁸⁰ Ibid., s/p. E-book.

²⁸¹ Ibid., s/p. E-book.

liderança. Ainda que, de longe, o pai não possuísse mais os poderes ilimitados do pai da horda primeva, ele retorna duplamente: primeiro, ao seio da instituição familiar (social, econômica, jurídica) e, segundo, como mais alto representante – único – da espiritualidade – uma religião inteira voltada ao pai todo-poderoso²⁸².

Essa obra vai ao encontro do que fora desenvolvido desde os primórdios da psicanálise. No mito de Édipo, nas religiões, nas massas e também no povo judeu, foi desvelado o pai morto. A rivalidade e idealização paterna, aspectos centrais do complexo paterno, se encontram presentes. A questão da superação paterna, como a que Freud nutria em relação ao seu próprio pai, também pode ser observada no mito do herói empregado. Ademais, o assassinato do grande homem também está na origem ao se transpor o parricídio inaugural da humanidade para a criação de um povo. O assassinato de Moisés, nesse sentido, recria o parricídio originário. Desse estado de coisas, é possível se apreender as três principais versões freudianas do pai: Édipo, *Urvater* e Moisés. A morte do pai está presente em todas. Não implica forçosamente em um assassinato que possui amparo na realidade. Apesar disso, o parricídio se repete e insiste em suas implicações e, exatamente por isso, possui efeito de verdade. É assim que pode ser situado o assassinato do pai. Trata-se sempre de um pai morto, o qual, apesar disso, é operante mais do que se vivo estivesse. Disso é admissível compreender que o estudo da noção de pai em psicanálise impõe voltar a *Totem e Tabu* por diversas vezes, o que não implica forçosamente retornar sempre ao mesmo²⁸³.

Renato Mezan, em sua investigação sobre a obra e a vida de Freud, enfatiza que assim como *Totem e tabu* não é um livro de etnologia, *Moisés e o monoteísmo*, por sua vez, não pode ser considerado um trabalho de história ou de crítica bíblica: ambos são textos psicanalíticos. Este último, um “testamento espiritual” de Freud. Desse modo, como Moisés foi um grande promotor da “vitória da espiritualidade”, Freud vai se tornar o promotor da linguagem como veículo da terapia²⁸⁴. É nesse registro que acontece a distinção entre a verdade histórica e a verdade material e na mais óbvia analogia entre o indivíduo e a espécie como traço da transmissão filogenética do crime de parricídio como o “fantasma teórico”. O fantasma que perpassa toda a trajetória freudiana. Esse “fantasma teórico” é uma expressão condensada, como um “fantasma inconsciente que se atualiza, entre outras, sob a forma de uma proposição teórica”, que aparece em diferentes obras para se dirigir ao parricídio original que, enquanto acontecimento histórico, é recusado em sua pesquisa de doutorado²⁸⁵.

Durante seu percurso de pesquisas, Mezan conseguiu uma apropriação da psicanálise enquanto disciplina e se desvinculou dos fantasmas teóricos do indivíduo Freud, concernentes

²⁸² CHERER, Evandro de Quadros. *A noção do pai em Psicanálise: do declínio ao pai morto*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura). Universidade de Brasília. Brasília, agosto de 2018, p. 54.

²⁸³ Ibid., p. 55-56.

²⁸⁴ MEZAN, Renato. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo; Brasília: Brasiliense; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 1985, p.620; p.624; 632.

²⁸⁵ Ibid., p. 639.

à figura paterna – ao próprio pai. Mas Freud não é sempre identificado e associado a essa – justamente – figura e posição paterna? É tão óbvio nessa temática do pai quanto um “gesto defensivo”, segundo Mezan. “Freud é pai ou mãe?” Pergunta-se, entre indagações e divagações: “Na qualidade de suporte de uma transferência, é inegavelmente pai. Mas e a psicanálise? Posto no feminino, objeto de um *catalogo dele belle*, ela pode aludir ao fundo sombrio do materno, tanto mais que a sedução que dela emana nada tem de viril”²⁸⁶.

O assassinato de Moisés é resultado de uma construção operada segundo os critérios psicanalíticos, ainda que Freud reconheça explicitamente que ela é frágil. Mas seu primeiro efeito é inserir Freud numa genealogia imaginária, pois no limite podemos dizer que ele teria sido engendrado não por Jakob e Amália, “judeus não-indômitos”, e sim pela “primeira experiência da raça”. Paralelamente, a psicanálise se torna propriamente insituável, pelo jogo das metáforas em que ela surge sucessivamente como esposa, filha e mãe de seu fundador. (...) Ora, como Freud concebe a psicanálise à moda de uma atividade cirúrgica ou escultural, em que se trata sempre de levantar os véus que recobrem a verdade – nisto se distinguindo, como vimos, do artista que mascara a mesma verdade – penso que aqui nos movemos numa zona extremamente rica em representações, que constantemente remetem uma à outra: a vitória da espiritualidade, a recusa da sensualidade, a audácia, o assassinato do pai, o ser judeu e o ser psicanalista, a relação com o feminino e com a atividade científica, para só enumerarmos algumas de um “catálogo” certamente mais extenso²⁸⁷.

[aliás]

Pai, como você está?

É, eu sei, nós fomos bem longe durante essa travessia pelos mares navegados desse e nesse começo da psicanálise, um oceano todo. E fomos ainda mais longe na travessia por terra para desvendar as ideias de pai para Freud. Foi um arquipélago de Édipo, foram veredas de terra sobre terra de uma horda primeva, foram ondas de um mar que se abriu para o seu líder passar e conduzir o povo escolhido. Andamos de canoa, sem canoa, na margem, sem margem, buscamos barcos, naufragamos navios, trilhamos mata-dentro, encerramos caminhadas e trajetórias. Pouco faz ou diferença nenhuma qual a metáfora aqui utilizada, qual a analogia empregada, se por água, se por terra, quiçá nos transportássemos pelo céu, o importante, pai, foi trilhar, caminhar, viajar e flunar. Percorrer. Nos mover. Deslocar. E, com isso, movimentar também o olhar e num meneio de pescoço, transformamos uma perspectiva já bem conhecida. Acima de tudo, ou antes de qualquer coisa, compreender. Entender onde estivemos, onde passamos, a onde gostaríamos de chegar e onde, de fato, alcançamos. Com pés, pernas, mãos e cabeça. E o que ficou de nossas cabeças e corpos pelo caminho. Pois é do que restam dos nossos

²⁸⁶Ibid., p. 639.

²⁸⁷Ibid., p. 634.

pedaços que nos reconstruímos. Um pouco mais. E a cada dia. E de novo. Quase inteiros. Meio cansados. Prontos. Não sei. Não temos respostas. Prontas. Não sei. Mas acredito que foi importante essa parte da nossa correspondência, pai. Apesar de extensa, um pouco repetitiva, às vezes monótona, eu sei, às vezes agitada e com muitas narrativas para se contar. E escutar. Espero que você tenha conseguido ler-escutar. Principalmente, pai, que você tenha ouvido minha voz – essa voz que lê e conta e escreve e lê de novo e reconta as mesmas histórias. Escutar. Escutar um diálogo que recomeçou faz pouco tempo. Espero, escuto, escrevo, torço para que continue. E permaneça.

Você entendeu? Pai?

Porque eu, pai, eu precisei escrever toda essa primeira parte da carta para entender – penso – o começo e as bases conceituais da psicanálise, e quem é o pai para Freud. Não foi fácil. Não sei se expliquei como deveria, ou como eu gostaria, ou como eu entendi. Eu queria que fosse como a professora da terceira série me dizia: agora, explique com as suas palavras. Espero que tenha sido assim para você também. Ou perto disso. É verdade, eu sinto que às vezes esse diálogo parece didático, ou ingênuo, ou mesmo bobo. Explicativo. Chato. Às vezes penso que estou falando sozinha. Quando muito, penso que você deve pensar que acho você um despreparado ou sem instrução. Não é nada disso, pai. É que para mim mesma esse caminho tem sido difícil. E às vezes uma linguagem mais acessível possa nos ajudar a continuar em diálogo. Você me entende, pai? Você pode me dizer? Concorda comigo, pai? O que você acha? Pai?

É, eu sei, pai, eu sonho bastante.

Sonho e desejo.

Nessa última ideia de pai para Freud e no entendimento do parricídio como “fantasma teórico”, segundo Mezan, penso, esteve condensada e explicitada a obra e a doutrina desse pai-criador que terminou de assassinar o pai morto. E assim o elevou a categoria de lei. E o transformou em sua valoração. É imprescindível entendermos, pai, que o pai, desde Freud está no nível do Supereu, e vai transitar nesse registro do simbólico, porém, sem desfazer as suas conexões com a realidade e a instância imaginária.

Ainda que Freud não tenha estabelecido desse modo os três níveis real, simbólico e imaginário (R.S.I.), e não tenha promulgado o inconsciente estruturado em linguagem, está na sua obra a base para a revolução proposta na e para a psicanálise, então, lacanianana. Já está em Freud o pressuposto de que o pai é invocado na palavra e se ocupa

de operar a cisão da mãe com a criança. Porém, não existe, em Freud, a ideia – e palavra – da função paterna e nem da metáfora paterna ou do Nome-do-Pai. Tais contribuições surgiram com Lacan. Assim como a obra e trajetória de Freud, a obra e biografia de Lacan é um mar-todo-inteiro-cheio de complexidades e ondas e vai-e-vem e retornos e repetições e revoluções.

Confesso a você, pai, que me interessei em demasia em descobrir esse mar lacaniano, na mesma medida em que confesso a você, pai, que talvez ainda não estivesse tão a vontade assim para fazê-lo. Ao percorrer Paris, então, entendi como me faltava ainda os pés firmes para poder *glisser la métaphore*. Consultei na Bibliothèque nationale de France – a BnF, consultei na bibliothèque interuniversitaire Sorbonne – a bis, tive a oportunidade de visitar a École lacanienne de psychanalyse e o Institut Lacan durante esse período de revelações e encontros. Porém. Ainda não se fez a hora, para mim. Ainda não senti o tempo desse olhar se firmar e se fixar. O medo. A insegurança. Não sei. Uma demora prolongada nas veredas e ondas freudianas, talvez, tenham me tirado o fôlego para essa outra parte da jornada. A escrita. Apesar das leituras e das consultas e das investigações, escrever sobre a obra lacaniana me deixou mais-ainda dias paralisada. São escolhas. E o que delas a gente deixa para trás ou nem alcança. O que se perde. Sem a descoberta dessa base-rua-estrada-porto em Freud, sobretudo, não teria sido possível perseguir e persistir no trajeto – por água e por terra. Ou apenas em páginas. Nessa minha tentativa de acontecer.

Preparado, pai?

Podemos continuar? Pai?

Você está me escutando bem?

A nossa leitura está acontecendo, pai?

Vamos conversar?

Vem junto. Vamos juntos.

Pai?

Pai?

Pai?

Pai?

Entre-em-en-ter-mos

[aliás]

[aliás, o discípulo transcende o

mestre-criador:

Lacan re-torna (a) e re-lê Freud]

E, então, o óbvio repetido: Jacques Lacan foi, tal qual Sigmund Freud, um homem de seu tempo, e, simultaneamente, um visionário, transmitindo um legado, re-estabelecendo um desenvolvimento científico para uma prática que reunia a clínica terapêutica e um método de pesquisa. Em suma, provocou e transformou uma grande onda na revolução psicanalítica cometida pelo vienense. Ainda assim, considerou a si mesmo um “fracassado” (em seu ensino e na escola fundada, *École Freudienne de Paris*, EFP, dissolvida em 1980), “traumatizado” e promotor de “mal-entendidos” na tentativa, justamente, de desfazê-los ao longo de seus ensinamentos.

Considerado um “clínico apaixonado pela paranoia”, a ponto de cogitar um ataque de loucura com mais valor do que uma triste neurose; apontado como um “decifrador de enigmas”, tendo, assim, relido o texto de Freud e observado que “tudo” ali já estava, se assim fosse bem lido e compreendido; identificado como um “homem da palavra” e um “mágico do verbo”, correndo o risco de assimilar a análise como uma “série de *gags*”; encarado como um pesquisador “rigorosos e preciso”, para quem a psicanálise ou seria uma ciência ou seria nada; por fim, um pedagogo com disposição para ensinar os jovens, oportunizando suas manifestações, e, com isso, questionando aos antigos, sendo desacreditado e penalizado²⁸⁸. Lacan não passou incólume e à psicanálise relegou suas contribuições e tudo o mais de coisas possíveis, nesse conjunto de sua obra, desde 1932, o ano da publicação de sua tese de doutorado, até o fim de sua vida, em 1981.

O conjunto da obra de Lacan, entre seminários, *escritos*, textos, conferências, não é, comumente, entendido como parte de uma unidade, em uma cronologia linear e progressiva, pelo contrário, passa a ser compreendido a partir de uma periodização distinta, a fim de não se apontar contradições. Nesse sentido, Julien aponta o retorno a Freud *de* Lacan e não *por* Lacan, pois, para a psicanálise existe a necessidade intrínseca da relação do dizer com o que se é dito, ou seja, não há psicanálise sem psicanalista, assim, não há retorno sem a “palavra de ordem” lacanianiana, efetivada durante a sua “presença” em vida: “sem sua palavra continuada

²⁸⁸ JULIEN, Philippe. *O retorno a Freud de Jacques Lacan: A aplicação ao espelho*. Tradução: Ângela Jesuino e Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993, p. ix.

para sustentar, retomar, ratificar, confirmar, desenvolver o sentido deste retorno a Freud”²⁸⁹. Para que os ensinamentos lacanianos não acabassem no esquecimento, fez-se imprescindível continuar a transmissão de suas palavras, mesmo com a ausência de quem as disse, com a publicação da totalidade das obras²⁹⁰.

São muitas as vozes que replicaram e seguem replicando, que divulgam e transmitem as palavras de Lacan depois de sua morte. Fato que gera discussão, debate e polêmicas em diferentes níveis. Para Colette Soler, a periodização e o não entendimento de uma unidade de sua obra estão relacionadas às dificuldades de compreensão e de leitura, bem como cedem a uma justificativa de um “não-didatismo” de seus textos. Conforme a psicanalista francesa e pesquisadora de Lacan, no entanto, assim como Freud não seguiu progressivamente em suas descobertas, os paradoxos lacanianos fizeram parte do “despertar de seu mundo”, anestesiado pela psicanálise pós-freudiana²⁹¹:

No fundo, o próprio Freud não avançou por etapas sucessivas, recusando em 1916 sua primeira teoria da angústia na relação com o sintoma, renovando sua definição do inconsciente com o acento colocado na repetição e na pulsão de morte em 1920, remanejando sua doutrina do aparelho psíquico? Isso não produziu a ideia de um Freud primeiro, segundo, talvez até terceiro, e não se duvida da unidade de sua enunciação como é o caso para Lacan. Será porque as dificuldades de leitura de Freud são não menores, mas mais mascaradas por um estilo sempre sistematicamente didático? Em Lacan, ao contrário, elas estão na superfície, ao passo que a lógica de seus sucessivos passos permanece implícita. É um fato, Lacan procedeu por asserções mais que por explicitação, multiplicando ao longo dos anos as fórmulas surpreendentes e os ostensivos paradoxos. Outros viram nisso o sinal de um caráter brincalhão que busca impressionar. Vejo mais nisso outra forma de didatismo: Lacan buscava despertar seu mundo. Algumas razões o levavam a achá-lo adormecido, ele que havia experimentado, às próprias custas, a entropia do pensamento analítico pós-freudiano²⁹².

Lacan pretendia fazer de seu “retorno a Freud” uma “bandeira”, uma “palavra de ordem” e uma “derrubada” do que se chamava “freudismo”, com objetivo de se reconciliar com o texto de Freud²⁹³. O freudismo estruturava-se em um esquecimento e apagamento das bases da psicanálise, com a promoção de um eu forte e a partir da estratégia de desmoroamento das defesas do analisante, uma corrente que se firmou em solo norte-

²⁸⁹ Ibid., p. x.

²⁹⁰ A coleção da Fundação do Campo Freudiano é mantida e organizada por Jacques-Alain Miller e Judith Miller, filha de Lacan, quando ainda estava viva. Jacques-Alain Miller é o fundador da Escola do Campo Freudiano (*École du Champ Freudien*), em 1981, genro, herdeiro moral, detentor dos direitos e divulgador dos ensinamentos lacanianos, ex-presidente da *Association Mondiale de Psychanalyse* (AMP), que concentra o Instituto do Campo Freudiano, as Escolas do Campo Freudiano e a Escola da Causa Freudiana.

²⁹¹ SOLER, Colette. *Lacan, o inconsciente reinventado*. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012, p. 11-12.

²⁹² Ibid., p. 11-12.

²⁹³ JULIEN, Philippe. *O retorno a Freud de Jacques Lacan: A aplicação ao espelho*. Tradução: Ângela Jesuino e Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993, p. xii.

americano, denominada *Ego-psychology*, e que virava as costas à Europa, mesmo enquanto seus psicanalistas eram membros da I.P.A (*International Psychoanalytic Association*), fundada por Freud. Diferentes autores(as) apontam para o dogmatismo e as aspirações religiosas que transformaram a psicanálise pós-freudiana da época em uma doutrina de cunho religioso-mítico-espiritualístico e levaram para longe a pretensa cientificidade buscada pelo vienense. “Esta é a intenção de Lacan com um retomo a Freud: uma *Auf-hebung*, conforme o sentido do prefixo *dé* – nos verbos franceses; diremos então: des-montar a estátua e o estatuto do Eu do analista pós-freudiano”²⁹⁴.

Para alguns autores e autoras, o retorno a Freud lacaniano começa a partir de 1953, quando a função simbólica passa a ser priorizada como cerne da constituição subjetiva. É com a publicação de *O mito individual do neurótico* (1953) que se verifica tal mudança (o “segundo” Lacan), pois nesse texto já aparece a ideia do Nome do pai. Lacan desenvolve e apresenta esse conceito, posteriormente, no discurso de Roma, *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953), com a inserção do ternário paterno, baseado nos três registros: Real, Imaginário e Simbólico (R.S.I.), e renovando, pela primeira vez, o vocabulário freudiano. Dando prosseguimento, assim, em *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (1953-1954).

De acordo com Julien, porém, desde 1951 é possível admitir tal retorno, a partir das características de um procedimento em si mesmo freudiano (e não-lacaniano): 1) Tomar o texto de Freud em seu conjunto, com o cuidado das exigências científicas, para além de sua morte, entendido como um “*dizerde Freud*”, dirigido a todos, analistas e não-analistas; 2) Tomar o texto freudiano como “*dizer-verdadeiro*” é uma recepção por via da interrogação, através das palavras que interpelam e pedem respostas, pelo que está indicado no vazio e na lacuna, assim como a descoberta de Freud foi o inconsciente, não se esgotando no relato clínico ou metapsicológico; 3) Tomar tal texto é um modo de obrigá-lo a responder às perguntas pela via da “*exégese (ex-ègesis)*”, extraindo deste texto um outro texto, a partir da dimensão da transferência: “Dito de outra forma: deve-se ler o texto freudiano não somente como um texto analítico, mas analiticamente, segundo os procedimentos e regras de inscrição do inconsciente”; 4) Ler o texto dando-lhe uma sequência de transformações e insistir na “*distância*” entre o ato de Freud e o campo que Lacan abre e limita, por meio de uma nova escrita, nesse caso, o retorno está indicado pela distinção dos dois nomes próprios: “De fato,

²⁹⁴ Ibid., p. xii.

esta nova escrita se elabora e se mantém pela presença física de um analista, falando e escrevendo em seu nome de Lacan”²⁹⁵.

[aliás]

Em que pese o debate à periodização ou pela unidade de sua obra, para fins explicativos, penso que a apresentação dessas três etapas pode nos ajudar a entender a trajetória lacaniana, mesmo brevemente. E mesmo que, com isso, tentemos evitar uma descontinuidade, ou uma cronologia com etapas cerradas em si mesmas, mas evidenciar o “*work in progress*”, o “trilhamento” lacaniano, como afirma Colette Soler²⁹⁶. Lembro, com isso, a dificuldade que é lidar com esse *dizer* sem pulverizá-lo, fragmentá-lo, pluralizá-lo e mesmo tendo a certeza de que vou deixar escapar muita coisa importante. Porém, como atestado desde o início dessas nossas correspondências, pai, não tenho como objetivo, por limitação de tempo, também, concentrar-me na psicanálise lacaniana. Mas, sim, recuperar a re-leitura e a atualização (superação) de Freud nos ensinamentos de Lacan. Mergulhar nesse mar-Lacan exigiria de mim o tempo fundamental para o conhecimento aprofundado, que, lamentavelmente, ficará para os próximos diálogos e, quiçá, novas correspondências e ideias. Apesar de o medo da superficialidade banalizada na pesquisa me provocar cefaleia aguda, vou seguir escrevendo. Uma escrita *indoor*.

Espero que esteja me acompanhando, pai.

Está sendo possível esse caminho para você, pai?

²⁹⁵ Ibid., p. xii-xiii.

²⁹⁶ A questão não é marcar uma periodização para expor um primeiro, segundo e terceiro Lacan. A cronologia sozinha é inerte e apresenta um inconveniente, não totalmente inocente: com efeito, ela elide o Um que conjuga todas as variantes textuais. Esse Um não está no nível das teses e sim no nível daquilo que chamo a opção que fundamenta um dizer único para além das variantes dos ditos. Com a cronologia sequenciada, sub-repticiamente, sabendo-o ou não, fracionamos o Um-dizer em sucessivas textualidades, e, em nome de uma leitura metódica, eis que ele se torna tão múltiplo quanto finalmente absorvido. No fundo, é esse Um que Michel Foucault teve o mérito de ressaltar, em 1969, em sua conferência “O que é um autor?”, à qual Lacan estava presente, sublinhando o quanto essa dimensão do Um do autor era ineliminável. Digo que era um mérito, pois o momento estava para um certo estruturalismo que anunciava o fim do autor e sua absorção nas leis supostas da textualidade. Hoje, evidentemente, essa noção não tem mais valor, e estaríamos mais numa época em que há mais autores que verdadeiros textos. O problema com a cronologia é que a enunciação expulsa pela porta volta pela janela, como se diz. E em nada menos que no argumento de autoridade. O “Lacan disse que”, invocado por toda parte, a golpes de citações esparsas, embaralha então os tempos primeiramente distinguidos e traz de volta a indistinção mais confusional. Assim se opera a clivagem do nome e do dizer que o trazia. Em consequência, esse ensino se transforma numa vasta despesa onde cada um pega como bem entende. O resultado é que quanto mais se multiplicam os leitores mais se evapora a coerência daquilo que animava a marcha. Lacan, de resto, não era nem um pouco adepto da cronologia, mas tampouco o contrário. Para caracterizar o que fazia, ele gostava de utilizar a noção de trilhamento. Trilhamento que abre uma via ao forçar obstáculos num domínio resistente ao pensamento ou à marcha. O trilhamento pode avançar na descontinuidade, ter seus momentos fecundos e seus tempos de estase, de assimilação, mas a noção conota a continuidade de um esforço que constitui um todo orientado, criando sulcos no campo em questão. SOLER, Colette. *Lacan, o inconsciente reinventado*. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012, p. 17-18.

Pai?

Vamos juntos?

Seguimos-os-nós.

Vem, pai.

[aliás]

Em um primeiro momento lacaniano, então, houve a associação da subjetividade com o declínio da *imago* social paterna, nessa relativização da fixidez da estrutura psíquica proposta por Freud e na inserção do meio social, sob influência da sociologia de Émile Durkheim e a dialética da família conjugal. Assim, nesse final da década de 30 surge a corrente “evolucionista” da psicanálise contemporânea, cujos sintomas estavam sendo reavaliados em conformidade às recentes patologias e aos diferentes casos clínicos, esses, tributários às mudanças ocorridas na sociedade, nas transformações na família, na posição ocupada e pela “nova” personalidade desse pai junto a família. Esse é o lado das pesquisas vinculado ao social e político que toma Lacan durante tal época e persiste ao longo da década de 1940 até 1950. Um lado curiosamente esquecido, ou mesmo negligenciado pela crítica, a ponto de ser considerado parte de uma fase “jovem” ou de pouca relevância.

Durante esse período, Lacan vai buscar na segunda tópica de Freud os conceitos de eu, id e supereu, deixando, assim, de se ocupar com as primeiras obras do vienense, cuja descoberta das formações do inconsciente está atrelada aos sonhos, aos sintomas, aos chistes e aos atos falhos, para traçar caminhos de abordagem à crise de identidade do século XX, para entender a “crise psicológica” e as “neuroses contemporâneas” e encontrar na desagregação da família patriarcal as origens da psicanálise freudiana. Paralelamente a esse âmbito, contudo, as suas investigações não ficaram restritas ao contexto sociológico e à família, levando em consideração, sobretudo, o começo de seu interesse como médico, a paranoia, e de seu primeiro enfrentamento à teoria freudiana. À paranoia, que terá sua relação com as psicoses, estudada por Lacan, é possível pensar na histeria, como motivo inicial de Freud para elaborar a sua teoria das neuroses.

Em 1932, Lacan publica sua tese de doutorado, *De la Psychose paranoïque dans ses rapports la personnalité*, sobre o caso Aimée, em uma aproximação com a psicanálise, pela editora Le François²⁹⁷. Em 1933, dedica-se ao caso das irmãs Papin, compreendendo a paranoia de modo psiquiátrico e relacionando-a ao narcisismo e a um de seus avatares: “Ele dá este passo, interpretando o eu do texto freudiano como fundamento do narcisismo e não

²⁹⁷ A tese foi reeditada pela Seuil, em Paris, em 1975.

como princípio de conhecimento objetivo, ‘sistema percepção-consciência’, ou seja ‘a soma dos aparelhos através dos quais o organismo é adaptado ao princípio de realidade’²⁹⁸.

Pouco antes do reconhecido e polêmico texto sobre a família, em 1936 vai apresentar o primeiro “Estádio do espelho”, no congresso de Marienbad²⁹⁹, em que estabelece a ligação do eu com a imago (conceito junguiano). Assim, o eu teria sua origem durante esse estágio, para todo indivíduo, como constituição da imagem do próprio corpo. Antes da mudança de orientação de suas pesquisas, a partir de 1950, Lacan decide rever a sua tese de doutorado, em 1946, e passa, então, a separar a paranoia da psicose, vinculando o eu ao “conhecimento paranoico” e definindo, com base na leitura freudiana, a constituição do eu como tendo uma estrutura paranoica³⁰⁰.

Dessa fase, o texto elaborado como verbete para o tomo VIII da Enciclopédia Francesa (*Encyclopédie française*), de 1938, merece uma apreciação mais detalhada em nossas páginas³⁰¹. Segmentado em duas partes, na primeira estão descritos os complexos que engendram a psicologia familiar, são eles: o complexo do desmame, o complexo da intrusão e o complexo de Édipo. Na segunda parte, por sua vez, estão destacadas as patologias e suas relações com a família: “as psicoses de tema familiar” e “as neuroses familiares”. Certos indícios já aparecem, aqui, embrionados na teoria lacaniana, ainda que, depois, possam ser descontinuados, em decorrência de outros passos científicos. Podemos observar a constituição do eu pelo narcisismo e distinto do sujeito, também entendido como esse sujeito que será, depois, sujeito da ciência; bem como, do modo de escritura e da linguagem adotadas ao longo de suas obras – apontados como “obscuros” e de difícil compreensão.

Para Lacan, a grande neurose contemporânea teria motivação no declínio da imago paterna, tendo em vista que a personalidade do pai estaria, assim, sempre carente de algum modo, além de ausente, estaria humilhada, dividida ou seria postiça. A carência da imagem paterna provocava não apenas o desvanecimento do impulso instintual como também prejudicaria a dialética das sublimações. Desse modo, a evolução das neuroses identificadas por Freud teria alcançado uma generalização em âmbito social, a ponto de se estabelecer,

²⁹⁸ JULIEN, Philippe. O retorno a Freud de Jacques Lacan: A aplicação ao espelho. Tradução: Ângela Jesuino e Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993, p. 2-3.

²⁹⁹ O estágio do espelho será revisto posteriormente em 1949 e apresentado em comunicação durante o XVI Congresso Internacional de Psicanálise em Zurique, intitulado: *O Estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*, e publicado na edição de *Écrits – Escritos*. LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

³⁰⁰ JULIEN, Philippe. O retorno a Freud de Jacques Lacan: A aplicação ao espelho. Tradução: Ângela Jesuino e Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993, p.3.

³⁰¹ Segundo a nota de abertura de Jacques-Alain Miller, dentro da coleção Campo Freudiano no Brasil, ao texto, quando de sua publicação isoladamente na França, foi restituído o título original dado por Lacan: *Les complexes familiaux dans la formation de l'individu*.

portanto, uma verdadeira “crise psicológica”. E é como consequência dessa crise que a psicanálise se instaurou na Áustria vitoriana, plenamente vinculada à desestruturação da família patriarcal e não apenas em decorrência da “genialidade” de Freud, “um filho do patriarcado judeu”³⁰²:

Qualquer que seja seu futuro, esse declínio constitui uma crise psicológica. Talvez seja a essa crise que se deve relacionar o aparecimento da própria psicanálise. Apenas o sublime acaso do gênio talvez não explique que tenha sido em Viena – então centro de um Estado que era o *meltingpot* das formas familiares mas diversas, das mais arcaicas às mais evoluídas, dos últimos agrupamentos agnáticos dos camponeses eslavos às formas mais reduzidas do lar pequeno-burguês e às formas mais decadentes do casal instável, passando pelos paternalismos feudais e mercantis – que um filho do patriarcado judeu tenha imaginado o complexo de Édipo. Seja como for, são as formas de neuroses dominantes no final do último século que revelaram que elas estavam intimamente dependentes das condições da família³⁰³.

Lacan utiliza-se, então, da expressão “complexo”, definida a partir de fatores culturais: em seu conteúdo, representativo do objeto; em sua forma, relacionada a uma etapa da objetivação – ou seja, sua manifestação de carência objetiva diz respeito a uma situação atual, “sob seu triplo aspecto de relação de conhecimento, de forma de organização afetiva e de prova ao chocar-se com o real, o complexo se compreende por sua referência ao objeto”³⁰⁴. Ao lançar mão da conceituação de Freud, o francês assinala a essência inconsciente do complexo, como causa de efeitos psíquicos não dirigidos pela consciência, como nos atos falhos, nos sonhos e nos sintomas, por exemplo. Como elemento fundamental no complexo está a *imago*, conceito elaborado por Carl Gustav Jung, em 1912, que se refere à representação inconsciente da imagem dos pais³⁰⁵.

No primeiro deles, do desmame, o mais primitivo do desenvolvimento psíquico, está fixada a relação da alimentação, especificamente, a lactação, e representa a forma primordial da imago materna. Acontece durante os seis primeiros meses de vida e cujo traumatismo psíquico pode acarretar efeitos, tais como, anorexias mentais, toxicomanias de via oral e neuroses gástricas. Há a ambivalência da relação da criança com a mãe – a criança absorve e é absorvida no abraço materno –, porém, não se evidencia o auto-erotismo freudiano (o eu ainda não constituído, sem narcisismo e imagem do eu), nem erotismo oral, pois a nostalgia do seio materno é dependente do complexo de Édipo.

³⁰² LACAN, Jacques. *Os complexos familiares na formação do indivíduo*: ensaio da análise de uma função em psicologia. Tradução Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Júnior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 60-61.

³⁰³ *Ibid.*, p. 60.

³⁰⁴ *Ibid.*, p. 20.

³⁰⁵ ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 371-372.

Há, assim, “canibalismo fusional”, ativo e passivo, sobrevivente em jogos e palavras simbólicas. Prevaecem na forma sublimada imagens desse habitat pré-natal como nos símbolos primitivos de caverna e cabana e as imagens das nostalgias humanas como metafísica da harmonia universal, do abismo da fusão afetiva, da utopia social, bem como todas as saídas da “obsessão do paraíso perdido de antes do nascimento e da mais obscura aspiração à morte”³⁰⁶.

Já no complexo da intrusão, a criança, entre os seis meses e os dois anos, se vê conforme a experiência de ver a imago do outro, seja irmão ou irmã, um semelhante, em confronto com seus “pares”. E apresenta, portanto, reações, como o ciúme infantil, uma adaptação na medida em que reconhece o rival, esse “outro” como objeto e nesse estágio, como definido no estágio do espelho, assim se identifica: “se funda num sentimento do outro que só pode ser mal conhecido sem uma concepção correta de seu valor inteiramente *imaginário*”³⁰⁷. Desse modo, a imago do outro está vinculada à estrutura do próprio corpo, em especial, de suas funções de relação, em virtude de uma similitude objetiva. Ao ver o irmão ainda não desmamado, existe uma agressividade especial na criança, pois repete a situação materna e, com ela, o desejo de morte, como um fenômeno secundário ao processo de identificação afetiva.

Nesse estágio em que, constituído afetiva e mentalmente sobre a base de uma “proprioceptividade”, o corpo se encontra “despedaçado”, se, por um lado, há as tendências, de um recolamento dessas partes, por outro, há a realidade, cujo caos despedaçado atinge variados espaços e reflete nas formas do corpo que fornecem, de algum modo, o modelo de todos os objetos. Trata-se, aí, das fantasias de desmembramento, como nas de castração e na imago do duplo, por exemplo. A unidade perdida de si mesmo é restaurada na consciência através das funções visuais: “Se a procura de sua unidade afetiva promove no sujeito as formas em que ele representa sua identidade, a forma mais intuitiva é dada, nessa fase, pela imagem especular”³⁰⁸.

Lacan vai denominar de intrusão narcísica a contribuição para a formação do eu, porém, antes que o eu afirme sua identidade, confunde-se com essa imagem temporária estrangeira que o forma e o aliena. O eu não encontra, antes da idade dos três anos, sua constituição fundamental. É nessa identificação da fase narcísica que podem ser engendradas e fixadas formas atípicas, como homossexualidades, fetichismos sexuais ou um eu paranoico

³⁰⁶ Ibid., p. 30.

³⁰⁷ Ibid., p. 32.

³⁰⁸ Ibid., p. 37.

(de tipo perseguidor externo ou íntimo), tendo em vista que, é no grupo familiar reduzido entre mãe e filhos(as), tornado incompleto, ou seja, sem a presença paterna, aonde as psicoses eclodem e os casos de “delírio a dois” são favorecidos³⁰⁹.

Na descrição do complexo de Édipo, Lacan vai retomar a explicitação psicanalítica freudiana sobre as pulsões genitais sentidas e manifestadas pelas crianças durante o seu apogeu, aos quatro anos. Após um resumo dessas características e das etapas do complexo, surge a crítica lacaniana acerca da universalidade do complexo de Édipo, contrariando o princípio de Freud, justificado pelo mito do *Totem e tabu* e do parricídio primordial como tabu para a interdição do incesto e pela lei da exogamia. A análise psicológica do Édipo, assim, indicou que deve ser compreendido em função de seus antecedentes narcísicos e não está fundado fora da relatividade sociológica, ou seja, é resultado de uma determinação social, a saber, a família paternalista, cuja força decisiva de seus efeitos psíquicos se deve a imago do pai que concentra a função de repressão e a de sublimação.

Apesar de ressaltar as contribuições da experiência analítica para o estudo das formas mentais, em especial, às crises afetivas, Lacan aponta, contudo, a negligência da doutrina freudiana sobre as estruturas em detrimento ao dinamismo das relações psíquicas como principal “defeito” da psicanálise³¹⁰. Ele evidenciou no Édipo freudiano a superpresença da criança de sexo masculino como sujeito do complexo, mas acabou por ratificar que “esse desejo se caracterize melhor no homem”³¹¹, ao se pensar na mãe como objeto primeiro das tendências provenientes do complexo do desmame e, principalmente, como objeto do desejo edipiano. O complexo, então, é vital para a constituição da realidade, sendo uma de suas marcas a masturbação, cujo sentido provoca ambiguidades no sujeito, esse que se encontra entre a proibição e a renúncia. Considerando-se, para isso, ao mesmo tempo que marca o ápice da sexualidade infantil, o complexo é o móvel da repressão.

O problema, então, residiria no fundamento da identificação. Segundo Lacan, a fantasia de castração seria precedida por uma série de fantasias de despedaçamento do corpo (estádio do espelho), em uma interpretação de sentido, simultaneamente, destrutivo e investigador. Tais fantasias, porém, não estão relacionadas a nenhum corpo real, e sim a um “manequim heteróclito, uma boneca barroca, um troféu de membros”, ou seja, ao objeto narcísico³¹². Nesse sentido, a fantasia de castração nascida antes de qualquer referência ao

³⁰⁹ Ibid., p. 41.

³¹⁰ Ibid., p. 49.

³¹¹ Ibid., p. 47.

³¹² Ibid., p. 50.

próprio corpo, antes de qualquer distinção de ameaça de algum adulto, independe do sexo do sujeito. Representa, em suma, a defesa do eu narcísico, identificado ao seu duplo especular.

Dessas observações de Lacan é possível notar que seu texto está impregnado das noções sociológicas, em função do meio e das críticas ao modelo de família ocidental cujo declínio da imago paterna conduziu a uma condensação e a uma restrição ao conjunto mãe e filhos(as). A ausência paterna, a nostalgia pela autoridade paterna, a insuficiência da imago paterna, teriam, assim, provocado toda uma rede de obstáculos (psicopatologias) e problemas (sintomas) na constituição subjetiva dos indivíduos, o que teria propiciado o surgimento da psicanálise freudiana. Conforme Roudinesco³¹³, faz-se patente o valor conservador, moralizante e em defesa da família tradicional patriarcal presentes nesse texto lacaniano.

É possível, igualmente, assimilar como o ideal de pai e o ideal de família – como a família ideal e como o pai ideal – figuram na tentativa de compreensão da “crise psicológica contemporânea”. Pois, desse modo, apreende-se uma ideia de que, anteriormente, existiu um pai ideal, pronto e suficientemente capaz, a fim de estabelecer a cisão da mãe com a criança e evitar esse princípio instintual de morte comum a todo indivíduo. Mas esse pai, atualmente, não estaria mais ou seria habilitado a tal “função”. Essa carência paterna ou a ausência de características fortes em sua personalidade e a incapacidade autoritária do pai foram associadas a possível etiologia das psicoses e aos casos de neurose daquele período. Essa problemática do pai não estaria apenas restrita à constituição subjetiva individual, pois também configuraria efeitos sociais e culturais, em âmbito macro. Para Cherer, Lacan se posiciona contrariamente a Freud em diferentes aspectos, dentre eles, ao ressaltar a nostalgia da mãe e valorizar a imago materna. Na perspectiva freudiana, o desamparo do ser humano deveria encontrar no pai esse conforto, ou seja, na nostalgia paterna, mesmo que seja uma figura feminina a ocupar tal posto, assim nomeado como paterno³¹⁴.

[aliás]

Desse primeiro encontro de Lacan com a obra freudiana e do que podemos observar de seus movimentos nessa direção, já entendemos como essa leitura não se efetiva sem a percepção e recepção crítico-reflexiva. Uma re-leitura.

Esse encontro não acontece sem provocar efeitos ambíguos, de oposição teórica, de enfrentamento, ao mesmo tempo, de valorização e de reconhecimento pelas

³¹³ ROUDINESCO, Elisabeth. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. Edição de bolso. Tradução Paulo Neves. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008.

³¹⁴ CHERER, Evandro de Quadros. *A noção do pai em Psicanálise: do declínio ao pai morto*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura). Universidade de Brasília. Brasília, agosto de 2018.

descobertas e a grandeza da revolução psicanalítica freudiana. Encontro empreendido pelo então psiquiatra e psicanalista francês.

Lacan já gozava de prestígio no meio acadêmico e científico da época. Lacan já edificava seu nome com originalidade e potência.

A partir da década de 1950, Lacan vai transformar a orientação de suas pesquisas, de sua clínica e construir um novo método de ensino psicanalítico. Um método de psicanálise. Uma revolução na revolução.

Então, pai, está me acompanhando nessa trilha pelos caminhos labirínticos de Lacan?

Pai, você está entendendo como essa re-leitura lacaniana acontece em relação à doutrina freudiana?

Você sabe que me preocupo com o entendimento dessas nossas cartas, pai. Não vamos conseguir dialogar, ou tentar efetivar uma conversa se você não compreender.

Não quero, com isso, dizer que você precisa entender como eu quero ou gostaria. Apenas, você pode me dizer o melhor jeito. Como e se está entendendo tudo isso. Pode ser, pai?

É, eu sei, pai, é muita informação, e pode ficar cansativo também para você.

É, eu sei pai, são informações necessárias.

É, eu se, pai, posso estar sendo insistente nas perguntas.

[Mas] vamos seguir, pai?

Nessa nossa última estação lacaniana e quase chegando ao final de nossa jornada pelo oceano da psicanálise. Ao final dessa correspondência.

Pode se preparar, pai, é quase o ponto final. Dessa carta.

Pai?

Pai?

Pai?

[aliás]

***[aliás, entre o Nome-do-Pai,
o ternário paterno e a última tópica:
Lacan re-escreve a psicanálise]***

O interesse de Lacan pelas psicoses, pelos delírios paranoicos, pelas instâncias da loucura o levou a investigar cada vez mais profundamente a constituição das estruturas psíquicas e das relações afetivas. Durante a década de 1950, ele vai se dedicar a pensar nessas estruturas e relações a partir do plano do simbólico em detrimento ao plano sociológico e às influências do meio na subjetividade do indivíduo. Assim, ele se desvincula da sociologia durkheimiana para se aproximar e beber na fonte da antropologia e da linguística estruturalista de Claude Lévi-Strauss e da linguística de Ferdinand de Saussure.

Entre o Édipo freudiano e o Édipo que está na teoria lacaniana há uma importante transição, em especial, na distinção entre as neuroses e as psicoses. Como foi observado por várias e vários pesquisadores(as), aconteceu uma espécie de “vulgarização” ou simplificação da obra lacaniana, e fixou-se a problemática do pai em um aspecto principal do Nome-do-pai: na metáfora paterna, na função de nomeação e significante da lei. Esse é, de fato, um nível do pai na teoria lacaniana. Tende-se a enfatizar uma “transcrição” do complexo de Édipo freudiano, entendendo-se a noção da metáfora paterna como operante em substituição ao desejo materno, por essa dimensão da lei, garantindo, assim, “uma nova significação no mundo simbólico do sujeito”³¹⁵.

Essa ideia, contudo, já aparece em Freud, identificando o pai com a espiritualidade avançada e à lei da civilização, enquanto a mãe permanece associada à sensualidade e à natureza. A mãe, desse modo, efetiva-se na perspectiva de uma naturalidade, da presença e da visualidade, de corporeidade; o pai, por sua vez, está no âmbito do que não se vê, da ausência. É preciso, então, para esse pai, a palavra. E a crença nessa palavra. Para Freud, o pai está morto, terminou-se de assassiná-lo, a fim de salvá-lo, resgatá-lo na cultura patriarcal (e na sua potência) e elevá-lo na religião (onisciência); para Lacan, não é só isso, o pai será compreendido em diferentes estágios, funções, atribuições e condições.

O pai, então, figurou, no começo do pensamento lacaniano, como visto anteriormente em *Os complexos familiares* (1938), a partir de sua imagem em declínio, tendo sua personalidade posta em dúvida e sua ineficiência no laço social atestada. Com o desenvolvimento do plano simbólico, no campo da linguagem, o pai ainda estava assimilado como estando morto, no entanto, já não mais pertencente às relações concretas, da realidade social. Esses desdobramentos sobre o pai vão perpassar trinta anos de pesquisas e clínica. O deslocamento posterior, do pai simbólico ao pai real, é um ponto central de seus trabalhos e

³¹⁵ ZENONI, Alfredo. “Versões do Pai na psicanálise lacaniana: o percurso do ensinamento de Lacan sobre a questão do pai”. *Psicologia em Revista*. Tradução Nina de Melo Franco. Belo Horizonte, v.13, n.1, p.15-26, jun.2007, p. 16.

de muitas discussões, em virtude, inclusive, de certos “rótulos” atribuídos ao francês: Lacan estruturalista, Lacan linguista, Lacan topológico, Lacan matemático, etc.

Alfredo Zenoni vai argumentar que o pai, em Lacan, está vivo e não necessita de “salvação”, pois será entendido, justamente, em sua falta, na sua imperfeição, o fora da lei na lei e em conformidade com os progressivos deslocamentos durante essa jornada: “do simbólico para o real e o gozo”³¹⁶. Assim, “do pai inicial, fundamento do laço social reduzido a um símbolo, portanto na condição de morto, passamos agora a um pai vivo; da unicidade a uma multiplicidade de “exceções” à lei; da universalidade à particularidade do objeto (a) que um homem extrai do corpo de uma mulher”³¹⁷. Então, antes dessa multiplicidade de versões e pluralização de nomes, é preciso compreender as instâncias da palavra e da linguagem, e como a psicanálise – novamente – as incorporou.

Desde, principalmente, o *Seminário, Livro 3: As psicoses*, o *Seminário, Livro 4: A relação de objeto* e o *Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente*, e de “escritos” dessa época, Lacan vai desenvolver sua abordagem psicanalítica inserida no campo da linguagem e vinculada ao simbólico. Ele vai postular, assim, as leis do inconsciente como sendo as mesmas leis da linguagem, ainda que essas leis não estejam no campo estrito da linguística: “Meu dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da linguística. (...) – é uma porta aberta para esta frase que, no ano passado, por várias vezes, escrevi no quadro (...) – *Que se diga fica esquecido detrás do que se diz no que se ouve*”³¹⁸. Dito isso, Lacan foi buscar, tempo antes, nas relações entre o significado e o significante, na ideia do discurso como gênese, na fala e na linguagem, nas relações do discurso analítico com a manifestação da “hiância” do sujeito – naquilo que causa o seu desejo – uma dimensão “linguajeira” como epicentro da experiência analítica.

Está, originalmente, em Saussure o pressuposto de que o signo linguístico é constituído da união entre um conceito (o significado) e uma imagem acústica (o significante). O signo está estabelecido, assim, de forma arbitrária e numa oposição cuja fórmula Significado/significante (S/s) garante essa separação de tal modo que não existe uma relação efetiva entre o significado da palavra e os seus fonemas (sequência de sons), como nos clássicos exemplos: árvore (conceito – significado) e Á-R-V-O-R-E (imagem acústica – significante); mar (conceito – significado) e M-A-R (imagem acústica – significante)³¹⁹. Foi,

³¹⁶ Ibid., p. 20-21.

³¹⁷ Ibid., p. 24.

³¹⁸ LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 20: mais, ainda* (1972-1973), Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 25-26.

³¹⁹ A teoria de Saussure foi publicada em uma obra póstuma, intitulada *Curso de linguística geral*. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São

contudo, a partir de Lévi-Strauss e a sua inversão na fórmula de Saussure, que Lacan empreendeu a função do significante e a importância do discurso para o inconsciente, esse, não sendo, portanto, considerado obscuro, sem lógica constitutiva ou impassível de expressão.

Lévi-Strauss vai observar que o significante precede o significado (Significante/significado) e que os indivíduos possuem um “léxico próprio”, mas só faz sentido quando disposto como discurso, inserido em um conjunto de leis estruturais – fenômenos de linguagem atemporais. Ou seja, há uma lógica anterior que transcende o vocabulário individual, mesmo estando as pessoas e os fatos incorporados (e compreendidos) no contexto social e histórico. De mesmo modo acontece com os mitos, os quais se apropriam de diferentes conteúdos, individuais ou sociais, para se formarem, porém, sua estrutura é a mesma. É a partir dessa estrutura comum que se realiza a função simbólica.

A respeito do predomínio do significante e sobre a ideia de que a palavra não pode fundar o significante, isto é, vir antes dele, Lacan, na década de 1970, explicita³²⁰:

O que é o significante? O significante – tal como o promovem os ritos de uma tradição linguística que não é especificamente saussureana, mas remonta até os estóicos de onde ela se reflete em Santo Agostinho – deve ser estruturado em termos topológicos. Com efeito, o significante é primeiro aquilo que tem efeito de significado, e importa não elidir que, entre os dois, há algo de barrado a atravessar. Esta maneira de topologizar o que é da linguagem é ilustrada da maneira mais admirável pela fonologia, no que ela encarna o significante no fonema. Mas o significante não pode limitar-se de modo algum a esse suporte fonemático. De novo – o que é um significante? Já é preciso que eu pare e coloque a questão desta forma. *Um*, posto antes do termo e com uso de artigo indeterminado. Ele já supõe que o significante pode ser coletivizado, que se pode fazer uma coleção, falar dele como algo que se totaliza. Ora, o linguista seguramente teria muita dificuldade, parece-me, em fundamentar essa coleção, em fundá-la sobre um *o*, porque não há predicado que o permita. Como Jakobson fez notar, nominalmente ontem, não é a palavra que pode fundar o significante. A palavra não tem outro ponto onde fazer-se coleção senão o dicionário, onde ela pode ser alistada.

Na esteira da influência de Lévi-Strauss, sem deixar, entretanto, de evocar as descobertas de Freud e potencializando as suas próprias hipóteses, Lacan, nos idos de 1950, pensa o inconsciente através de duas figuras de linguagem: a metáfora e a metonímia. Sobre essas características, estão descritas desde *A instância da letra no inconsciente ou a razão*

Paulo: Editora Cultrix, 2006. É importante ressaltar as contribuições de Jakobson e da Escola de Praga à linguística, ao estabelecer, dentre outros fundamentos, a distinção entre o som material – “fone”, objeto de estudo da Fonética – e a imagem acústica – chamada de fonema, conceito determinado e utilizado pela Fonologia. Como Lacan vai enfatizar em sua homenagem no *Seminário, Livro 20: mais ainda*: “Parece-me difícil não falar bestamente da linguagem. No entanto, Jakobson, está aí você, é o que você consegue fazer. Mais uma vez, nas entrevistas que Jakobson nos deu estes últimos dias no Colégio de França, pude admirá-lo o bastante para lhe fazer agora homenagem”. LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Tradução M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p.24.

³²⁰ LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Tradução M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 29.

desde Freud (1957), como correlatas aos postulados freudianos, ao se pensar em *A Interpretação dos sonhos* (1900) (*Traumdeutung*) e em duas leis fundamentais do inconsciente: a condensação e o deslocamento. Considerando que a condensação tende a agrupar vários elementos do material onírico, combiná-los em um terceiro, a fim de, com isso, reduzi-los, pode-se, então, equipará-la à metáfora (conexão). Já o deslocamento não visa condensar esse material em uma representação única, mas tende a deslocar um elemento importante para outro de menor relevância, tal qual a metonímia (substituição). Segundo Freud, ambos os processos são modos de censura do conteúdo onírico, para evitar que esse material latente seja reconhecido, pois nele está um desejo inconsciente.

Tendo em vista o campo simbólico e a ideia de que o significante está relacionado com a morte da coisa, Lacan vai fazer alusão à morte do pai pelo filho – o desejo de assassinato do pai – como uma operação em si mesma já simbólica e, com isso, apreender a função paterna de acordo com a linguagem, em sua “função simbólica”. Desse modo, evoca-se, antes e sobretudo, a máxima do assassinato do pai primevo pela horda, no mito de *Totem e tabu* (1913), ao filho que matou o pai em *Édipo rei*, de Sófocles. Considerando-se, para isso, que o pai primevo, depois de morto, transforma-se em instância da lei, ou seja, opera como um significante, tendo sido substituído por um nome: o nome do animal totêmico aclamado pelos filhos. Lacan, portanto, vai pensar, em *Seminário, Livro 3: As psicoses (1955-1956)*, com base no caso clássico de delírios paranoicos de Schreber, o elemento que poderia estar ausente (rejeitado, “foracluso”) na psicose e não seria do domínio da imagem paterna, mas, sim, da ordem do significante: a função simbólica do pai dada pelo significante “Nome-do-Pai”. Pois é nesse momento simbólico, no assassinato do pai, que se estabelece a ligação (dívida) do sujeito com a vida e a lei. Esse pai simbólico equipara-se ao pai morto, o cumpridor da lei. O significante Nome-do-Pai apenas pode ser entendido, assim, desde o ternário paterno: o pai real, o pai simbólico e o pai imaginário.

Para Quinet, a metáfora paterna reordenou o campo das estruturas clínicas (às terapias das psicoses, sobremaneira) e a metonímia do desejo reordenou a teoria da técnica analítica. Cabe ressaltar que esse pai não é o genitor, como “pai simbólico” ele se distingue do pai real (o pai da realidade), assim denominado por Lacan naquela época. O “pai simbólico” é, em suma, um pai “mais-além”, pois não está representado em parte alguma. Já o pai imaginário é assimilado como o personagem fantasiado, autoritário e temido pelas crianças. “Utilizando a equivocação da língua francesa, Lacan revela a função da interdição do Nome-do-Pai fazendo simultaneamente a distinção e a equivalência entre o Nome (*Nom*) e o

Não (*Non*) do Pai, tornando esse significante (*Nom/Non*) o significante da lei (simbólica) no lugar do Outro, o Inconsciente”³²¹

Em o *Seminário, Livro 4: A relação de objeto (1956-1957)*, estão relatadas as três instâncias do pai e suas relações-operações, ao se efetivar a análise do caso de fobia do pequeno Hans e as observações sobre as estruturas míticas, bem como as descrições do complexo de Édipo e o complexo de castração, por exemplo. Retomando a tríade do complexo edípico, Lacan vai enfatizar a centralidade da função paterna, o Nome-do-pai, e da relação sujeito-objeto em correspondência ao desejo do Outro materno, nesse caso, o falo – o quarto elemento. Às três operações do Édipo, castração, frustração e privação, está associada a falta de objeto. Na primeira, remete-se à falta que é simbólica de um objeto imaginário cujo agente é o pai real; na segunda, por sua vez, há uma falta imaginária de um objeto real, considerando-se, para isso, a mãe simbólica como agente da frustração; na última, a falta se apresenta como real de um objeto simbólico perpetuada pelo pai imaginário.

Nesse sentido, o pai simbólico é uma necessidade da construção simbólica, nesse mais-além transcendente, e só é alcançado por uma construção mítica. Já o pai imaginário, é aquele com quem se lida o tempo inteiro: “É a ele que se refere, mais comumente, toda a dialética, a da agressividade, a de identificação, a da idealização, pela qual o sujeito tem acesso à identificação ao pai”³²². Também pode ser assimilado por: “o pai assustador que conhecemos no fundo de tantas experiências neuróticas, e que não tem de forma alguma, obrigatoriamente, relação com o pai real da criança”³²³. O pai real, assim, é algo completamente diferente, “do qual a criança só teve uma apreensão muito difícil, devido à interposição de fantasias e à necessidade da relação simbólica”³²⁴, levando-se em conta a dificuldade que é apreender, também na experiência analítica, aquilo que há de mais real em torno de nós, indivíduos. “Toda a dificuldade, tanto do desenvolvimento psíquico quanto, simplesmente, da vida quotidiana, é de saber com o que realmente estamos lidando”³²⁵. Assim, no complexo de castração, a função de destaque é dada ao pai real.

Lacan, então, vai dimensionar a questão para a dinâmica fálica, isto quer dizer, referenciando-se ao falo como objeto de desejo materno e não propriamente ao órgão masculino, o pênis. Apesar de, em algumas situações, também relembrando a perspectiva

³²¹ QUINET, Antonio. *Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p. 37.

³²² LACAN, Jacques. *Seminário, Livro 4: A relação de objeto (1956-1957)*. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 225.

³²³ *Ibid.*, p. 225.

³²⁴ *Ibid.*, p. 225.

³²⁵ *Ibid.*, p. 225.

freudiana, acabar, sim, sendo ao órgão peniano que se diz respeito – como na masturbação infantil e a ameaça de castração, porém não efetivada. A privação (inveja) do falo seria, portanto, uma característica constitutiva da mulher. Quem vai realizar essa castração simbólica do objeto imaginário no sujeito – criança – é o pai real, no domínio do simbólico. Ou seja, para evitar os equívocos das leituras mal compreendidas, não se procura a presença concreta do pai no complexo edípico, pois não se pretende um ideal de paternidade socialmente, o pai está no registro do simbólico e deve ser entendido como uma metáfora acionada pelo desejo materno.

A metáfora paterna, como operação simbólica no nível dos significantes, introduz o bebê (sujeito) no campo da linguagem e a incorporação do Nome-do-Pai, em que um termo sempre vai ser omitido. Nessa equação, o desejo da mãe está acrescido em consonância ao desejo do bebê como sujeito, pois ele não só deseja a mãe como é desejado por ela – ele, em fato, questiona-se sobre esse desejo, em um primeiro momento. Desse modo, “desejo da mãe” resume o desejo do bebê pela mãe e, inversamente, o desejo da mãe pelo bebê, dentro da lógica lacaniana em considerar o desejo do sujeito como sendo o desejo do Outro. Em um segundo momento, o discurso da mãe invoca o Nome-do-Pai, e seu desejo se metaforiza por algo distinto, como o pai (ou outra coisa, trabalho, outra relação afetiva³²⁶), por exemplo, e essa incógnita do “desejo da mãe” vai receber uma significação, ou seja, uma valoração fálica.

O resultado é a instalação do Nome-do-Pai no lugar do Outro (A), e assim o falo é significado ao sujeito, o qual é, por isso, introduzido na lei simbólica e na sexualidade, propriamente falando, que marcará a significação de tudo para ele. O Falo entra em jogo, nessa interpretação lacaniana do Édipo, como significante (ϕ) produto da operação da metáfora paterna, e se distingue do falo imaginário, que é sempre negativedo (- ϕ) por evocar nos homens a castração, e nas mulheres, a inveja do pênis (*Penisneid*)³²⁷.

No *Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)*, Lacan vai pormenorizar os três tempos lógicos do Édipo e efetivar a divisão em três estruturas, psicoses, perversões e neuroses. No primeiro tempo, etapa fálica primitiva, a criança está identificada ao objeto da mãe – sendo o falo materno; desses três elementos (criança, mãe e falo), a criança e o falo coincidem, e a mãe é, para a criança, um Outro absoluto, portadora da lei simbólica. No segundo tempo, então, há a introdução da simbolização (linguagem), e é marcado pelo jogo do “*fort-da*”, assim como na descrição freudiana do jogo do carretel em *Além do princípio do prazer* (1920), a mãe está posicionada no espaço da presença-ausência,

³²⁶ QUINET, Antonio. *Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p. 39.

³²⁷ Ibid. p. 40.

indo e vindo, aparecendo e desaparecendo para essa criança, conforme as suas necessidades e os seus caprichos: “A enunciação de um par de fonemas ‘ooo – aaa’, isto é, *fort* (longe) – *da* (aqui), marca a entrada da criança na linguagem, no mundo simbólico. Ela entra no binarismo significante ($S_1 - S_2$) fundamento da cadeia significante, por onde se desloca o sujeito”³²⁸. A mãe, assim, passa de objeto primordial para o posto de signo e a relação mãe-bebê recebe a mediação da linguagem.

Para que ocorra essa simbolização da mãe é necessária a intervenção de um terceiro termo para interditar o desejo de reintegração da criança pela mãe, um “não” como lei, para evitar que a criança volte a ser objeto da mãe. Nesse ponto é introduzida a instância paterna, pelo discurso materno, o significante Nome-do-Pai é acionado e mostra a criança que o desejo da mãe está em outro lugar – no pai, por exemplo – e que a mãe também está sob determinação de uma lei. Esse significante funciona, assim, como elemento de simbolização e serve para barrar o Outro materno absoluto (devorador) e onipotente da mãe. Nessa castração simbólica efetivada no Outro, a identificação da criança com o falo da mãe se dissolve, ou é, minimante, recalcada. O falo, objeto imaginário do desejo da mãe, transita para o nível significante do desejo do Outro, como Inconsciente barrado ao sujeito. Esse é o momento do recalque originário, aonde a criança situa-se diante de um Outro barrado pela inscrição da castração do Outro. “Mas o preço de tornar-se significante é o próprio desaparecimento do falo. O efeito da castração simbólica aparece no imaginário como falta: (- ϕ)”³²⁹.

No terceiro tempo lógico, há, enfim, a saída do complexo edípico, em que o pai pode dar à mãe o que ela deseja, porque, assim, o possui – a potência no sentido genital da palavra – como um pai potente. Segundo Lacan, a relação da mãe com o pai se efetiva num plano real, e a criança pode, então, se identificar ao pai como aquele que tem o falo. O pai, portanto, afirma-se na sua presença privadora, como aquele que é o suporte da lei, ainda que mediado pela mãe, “que é quem o instaura como aquele que lhe faz a lei”³³⁰.

Essa saída é favorável na medida em que a identificação com o pai é feita nesse terceiro tempo, no qual ele intervém como aquele que tem o falo. Essa identificação chama-se *Ideal do eu*. Ela vem inscrever-se no triângulo simbólico no polo em que está o filho, na medida em que é no polo materno que começa a se constituir tudo o que depois será realidade, ao passo que é no nível do pai que começa a se constituir tudo o que depois será o supereu. No terceiro tempo, portanto, o pai intervém como real e potente. Esse tempo se sucede à privação ou à castração que incide sobre a mãe, a mãe imaginada, no nível do sujeito, em sua própria posição imaginária, a dela, de dependência. É por intervir como aquele que tem o falo que o pai é

³²⁸ Ibid. p. 39.

³²⁹ Ibid. p. 39.

³³⁰ LACAN, Jacques. *Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 200.

internalizado no sujeito como Ideal do eu, e que, a partir daí, não nos esqueçamos, o complexo de Édipo declina³³¹.

O ponto-nodal que necessita de atenção na releitura de Freud e do complexo de Édipo efetivada nos primeiros seminários lacanianos, recai, sobremaneira, acerca da instância simbólica do Nome-do-Pai. Essa, origina-se do pai real e de como ele se expressa em seu relacionamento com a mãe, enquanto mulher. Conforme Zenoni está nesse ponto a abordagem propriamente lacaniana em um “retorno freudiano”³³². Nesse sentido, Lacan enfatiza menos o aspecto do pai interditor e privador do desejo do filho, e de seu desejo em relação à mãe (Freud e a lei da interdição do incesto), como instaura a noção de um pai que permite e dá, em um nível favorável.

Assim, o essencial da intervenção paterna não se encontra na proibição das manifestações instintuais sexuais primárias na criança, contudo, em como a presença desse pai provoca efeito e impacto sobre o desejo da mulher. Diferenciando-se, portanto, o pai que porta a lei, o pai que intervém de modo simbólico, ou seja, o pai de direito, e, de fato, o pai real: “A intervenção do pai real como aquele que tem o falo, ao passo que a mãe é privada aos olhos do sujeito, o pai é aquele que o dá ao invés de, por assim dizer, guardá-lo para si. Isto será decisivo para a saída normatizante do ‘complexo de Édipo’, ou seja, para a identificação do sujeito criança à sua posição sexuada”³³³.

Passa a ser, então, a partir dessa abordagem do pai sob a perspectiva real de sua presença, uma possibilidade de compreender como a relação com esse significante pai pode se tornar “carente”, ou mesmo, em seu aspecto de rejeição, acabar foracluído, como nas psicoses. É nesse intuito que se busca desvincular a ideia de um pai interditor do desejo e operando apenas em sua função de “puro significante”, no nível da “perfeição simbólica” (o pai perfeito), ou como a imagem nas fantasias dos neuróticos de Pai ideal, e, portanto, um pai só possível porque morto. Com essa separação é possível dar conta de uma noção de pai cuja esfera da lei não está em oposição ao desejo, porém em complementaridade a ele, como um nó que liga (une) as instâncias normalmente separadas. Dessa intersecção, configura-se um pai marcado pela imperfeição, pela falta – no sentido da falha, do “pecado”, logo, do “gozo” paterno (inacessível e escondido ao filho) –, pelo lado “sem a lei” na própria lei.

³³¹ Ibid. p. 200-201.

³³² ZENONI, Alfredo. “Versões do Pai na psicanálise lacaniana: o percurso do ensinamento de Lacan sobre a questão do pai”. *Psicologia em Revista*. Tradução Nina de Melo Franco. Belo Horizonte, v.13, n.1, p.15-26, jun.2007, p. 17.

³³³ Ibid., p. 17.

O pai, assim, pode estar assimilado sob dois prismas: o primeiro, a partir do universal da lei, como absoluto; já, o segundo, em correspondência ao desejo do sujeito, ou seja, à sua singularidade – isto é, “a ‘verdadeira função do pai’ será então exercida entre os dois lados opostos de sua possível clínica”³³⁴. No caso da “carência”, é preciso entender que não está associada a uma falha do simbólico ou a um enfraquecimento da lei, enquanto dissolução da autoridade paterna perante a criança, por outro lado, está relacionada a uma suspensão do pai real frente ao desejo da mãe enquanto mulher. Uma mãe que não precisa se dividir entre o homem e o filho, em decorrência de não estar privada de seu objeto de desejo, já o possuindo, sem a necessidade de se dirigir ao homem para consegui-lo.

Como exemplo da situação acima relatada está o pai do pequeno Hans. A criança, para tanto, está sujeita a ficar presa como “sendo” esse objeto do desejo materno, ao invés de se identificar com aquele que “tem” o falo, na condição de Ideal do eu. Por outro lado, no fracasso da “verdadeira função do pai” está a identificação do genitor ao Nome-do-Pai como universal da lei paterna, como sendo um absoluto e representante do abstrato da ordem simbólica. Ele passa, com isso, a estar identificado a um ideal, e a credibilidade em sua palavra, bem como o reconhecimento da noção de lei, ficam prejudicados, provocando efeitos de desconfiança e ideias de traição relacionadas ao Outro.

No *Seminário, Livro 10: A angústia (1962-1963)* Lacan vai introduzir um novo conceito, o objeto *a*, como causa do desejo³³⁵. Desse modo, o objeto pequeno *a* está posicionado como um elemento da instância do real, portanto, não podendo ser apreendido pela instância do imaginário e tampouco sendo passível de simbolização. O objeto *a*, ao dissolver o lugar de garantia do Outro, surge como um questionamento à universalidade e a unicidade do Nome-do-Pai (múltiplos). A partir da constituição do nó borromeano, esse objeto será o elo de articulação às três instâncias: real, simbólico e imaginário. O objeto *a*, assim, é elaborado como um produto da incidência da linguagem nos indivíduos, ou seja, um *resto*, esse resto no sentido lógico-matemático, algébrico – o que sobra de uma operação algébrica. Com esse conceito, foram repensadas as ideias mantidas em relação ao sujeito, ao objeto e ao desejo para a psicanálise. Pois, existia a convicção de que o desejo seria anterior

³³⁴ Ibid., p. 20.

³³⁵ Assim, é preciso distinguir o objeto *a* como pura causa de desejo e o objeto *a* “integrado ao espaço do Outro”, de acordo com a fórmula bem falante de *A angústia*, quando seu *quantum* de investimento é transferido para objetos historizados, vestidos com as imagens e os significantes do discurso. A fantasia nada mais é que o produto dessa transfusão de *a* para o campo do Outro. (SOLER, Colette. *Lacan, o inconsciente reinventado*. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012, p.166)

ao objeto, em virtude de como o objeto satisfizesse a demanda do desejo expresso no e pelo sujeito.

Para Lacan, porém, existem elementos anteriores ao sujeito e ao objeto, anteriores, inclusive, ao Outro (pré-existência). É no conflito com esse Outro, o grande A, que o sujeito vai poder se constituir. O objeto *a*, portanto, pode ser extraído em um período anterior à constituição do sujeito, em decorrência da instituição da linguagem. É desse modo que o sujeito tende a se agarrar ao objeto *a*, a fim de recuperar uma posição inicial, enquanto busca um tempo anterior e um gozo primordial, de outrora, perdido no imaginário. Não podendo recuperar esse gozo primeiro, o objeto *a* pode, enfim, garantir alguma parcela de gozo e instituir, com isso, a fantasia de que é o Outro que tem a posse do objeto. O desejo, por sua vez, encontra na inscrição do significante que produz o sujeito barrado tanto uma marca de fundação, como uma marca de anulação, provocando uma incessante procura por outro significante para o seu lugar.

Lacan caracteriza o desejo como uma falta estrutural no Outro, como elemento secundário a esta operação, visto que todo o desejo surge da extração do objeto *a*. A partir dessa comprovação da linguagem e sua operacionalidade em cada ser, existe a garantia da alteridade do Outro, em decorrência de seu caráter exterior ao sujeito, e, simultaneamente, como sendo aquilo que o sujeito tem de mais íntimo. Em articulação ao objeto *a* existem outros objetos que também são restos desprendidos do sujeito, como o seio, as fezes e o falo, associados à demanda do Outro; junto a esses três, estão a voz e o olhar, relacionados ao desejo do Outro. Sobre o objeto voz, Lacan vincula-o à falta primordial, sem função de significação, mas como alteridade do Outro. Esse Outro que carrega a falta como marca do seu gozo, ou seja, impossível de simbolização.

Ao relacionar esse elemento do objeto *a* com o mito de *Totem e tabu* e com a cultura judaica, Lacan passa a articular o Nome-do-Pai com o de Deus-Pai e aos seus desejos – aos caprichos desse Deus – por fim, ao seu gozo desmedido³³⁶. Ao pensar que o objeto *a* tende a

³³⁶ Sobre as questões do Nome-do-Pai, a religião judaica e o crime de Abraão, bem como sobre a abordagem desse conceito não mais no singular, mas, no plural, e a retificação da função paterna, Lacan faria um seminário, “Nomes-do-pai”, na sequência desse, *A angústia*, de 1962-1963, em novembro de 1963. Porém, em 20 de novembro daquele ano, ao começar o que seria o seminário, Lacan logo expõe a sua impossibilidade de conclusão, em virtude de sua expulsão da Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP) como analista-didata. Apesar de ter retomado os seminários e seus ensinamentos na *École Normale Supérieure*, Lacan não deu prosseguimento a esse seminário, nem no curso seguinte, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, além de ter impedido a publicação da aula única durante a sua vida. Essa aula única vai ser publicada apenas no ano de 2005 por Jacques-Alain Miller com o título de “Introdução aos Nomes-do-Pai” (In.: LACAN, Jacques. *Nomes-do-Pai*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2005). A expulsão de Lacan da SFP aconteceu por uma exigência da Associação Internacional de Psicanálise (IPA), organização freudiana, através de uma Comissão de inquérito que avaliou o seu método de ensino, cuja presença de psicanalisandos em seus seminários

estar identificado muito mais com o gozo do que com o desejo, e que esse desejo é análogo à falta, e somente os indivíduos castrados possuem essa falta, é através da voz do Outro que se pode conter a própria castração (efetivada pela linguagem), a falta (falha), bem como o resto de seu gozo.

Lacan vai evocar, portanto, a tentativa de filicídio de Abraão contra Isaac como uma marca desse gozo desmedido do pai. Por amor e tenência ao Deus caprichoso que pede a morte do filho, o patriarca judeu vai ser capaz de cometê-lo, sem questionar a vontade divina imposta como obrigação. Pois é dessa falta, desse pecado de ter desejado matar o filho, que a herança paterna se constitui. Assim também aconteceu com Édipo, herdeiro do pecado de Laio, e objeto do desejo de filicídio. Então, é preferível viver sob o manto (de Noé) da paixão da ignorância e não descobrir os pecados do pai, bem como não conhecer seus crimes, suas transgressões, suas faltas, seus excessos e nem a sua sexualidade – como Chan que viu a nudez do pai e foi amaldiçoado³³⁷.

Para a pluralização dos nomes do pai acontecer, Lacan vai apontar que não é o pai quem efetiva a operação da castração, mas ela acontece, de fato, pela linguagem. Pois é a operação da linguagem que vai interditar o gozo ao introduzir o significante e marcar, assim, o indivíduo. Desse processo todo, decorrem o sujeito e o seu desejo. Diferentemente de Freud, essa castração não diz respeito ao complexo de castração e nem ao agente paterno, pois não se direciona ao órgão fálico, e sim à interdição do gozo primordial, ou, como denominada por Lacan, a interdição da Coisa.

É desse modo que, ao pensar o Nome-do-Pai através do objeto *a*, Lacan vai propor uma multiplicidade de nomes, uma pluralização de versões, pois não existe *Um* pai de nome universal, *O* pai único, senão vários nomes, como as localizações do *a* particular fazem existir esse vários nomes em vários locais – singularizando-os. “Resta, no entanto, que o que o transfere e lhe dá consistência é um modo de gozar particular”³³⁸. Assim, a partir de um jogo

era bastante criticada, assim como a sua prática clínica, cuja duração das sessões também era questionada. A comissão declarou Lacan uma ameaça à psicanálise e promoveu seu desligamento. Para Lacan o que aconteceu foi uma espécie de excomunhão, criticando, com isso, a organização e a equiparando a uma instituição religiosa. Acerca desse fato, inclusive, recai os motivos da censura ao seminário sobre os Nomes-do-pai no plural como uma tentativa de Lacan em questionar e abordar as tradições judaicas e o cerne da doutrina freudiana sobre o pai e os seus mitos – algo quase como uma “heresia” psicanalítica. (PORGE, Erik. *Os nomes do pai em Jacques Lacan: pontuações e problemáticas*. Tradução Celso Pereira de Almeida. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998).

³³⁷ QUINET, Antonio. *Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p. 49.

³³⁸ ZENONI, Alfredo. “Versões do Pai na psicanálise lacaniana: o percurso do ensinamento de Lacan sobre a questão do pai”. *Psicologia em Revista*. Tradução Nina de Melo Franco. Belo Horizonte, v.13, n.1, p.15-26, jun.2007, p. 23.

de palavras e utilizando-se de um equívoco da “*lalíngua*” ou “*alíngua*” (*lalangue*)³³⁹, Lacan vai se dirigir aos diferentes modos de se evocar o pai como “*père-version – perversion*”: “pai-versão – perversão” na relação desse filho que se priva do gozo por amor e obediência ao pai, cuja manifestação de sadismo do pai e de masoquismo do filho se faz evidente.

Zenoni, então, vai retomar a ideia freudiana da interpretação de Deus como ser antropomórfico, mítico, o “Pai primordial”, aquele que proíbe o gozo, sem, contudo, buscar uma equivalência entre esse gozo e o pai morto, mas mantendo a lei como desejável em nome da ordem e da civilização. Essa retomada é para aludir ao que Lacan transcendeu o mito freudiano ao dizer que esse pai interditor do gozo filial não passa de uma ficção: “Ela leva a crer na possibilidade do gozo do Outro, uma vez que o proíbe, quando, na verdade, está cobrindo uma impossibilidade. Ela é o véu jogado sobre uma lacuna interna, aquela que a inexistência da relação sexual cava no próprio gozo”³⁴⁰.

Por contraste com a noção do pai, do momento inicial de seu ensino, a noção de pai que Lacan acaba enfatizando, notadamente nos últimos seminários, é completamente disjunta da noção de sustentação da ordem simbólica e do portador da interdição. Há um deslocamento duplo, de algum modo. Por um lado, o Nome-do-Pai multiplica-se em tantos nomes quantos forem os suportes à sua função, tornando-se ao mesmo tempo, por causa de sua própria multiplicidade, um artifício, algo que ninguém pode usar sem tomá-lo por aquilo que ele não é, sem tomá-lo por um elemento de coesão da ordem simbólica que não existe. Por outro lado, no prolongamento do que foi exposto no seminário *As formações do inconsciente*, a respeito do pai real, a noção de pai será, a partir de então, e definitivamente, abordada não sob o ângulo do parentesco, mas sob o da aliança homem-mulher, sob o ângulo, portanto, do efeito “colateral” da posição de desejo do pai sobre a constituição subjetiva da criança. Não se enfatiza a dissimetria ou a hierarquia entre os papéis dos pais, mas sim a diferença sexual, homem-mulher, no casal de pais³⁴¹.

O desejo do pai, portanto, seu gozo “perverso” (*père-version*), vai ser verificado não na relação com a lei, com o pátrio poder (*patria potestas*), o poder autoritário, contudo, no seu

³³⁹ *Lalangue* recebe as duas “versões” (transcrições, talvez fosse mais apropriado) de tradução para o português: “alíngua” (conforme se pode ler nas traduções dos Seminários de Lacan pela editora Zahar) e “lalíngua” (utilizada por Antonio Quinet, por exemplo). O neologismo “lalangue” surge de uma onomatopeia, da união do artigo definido “la” com o vocábulo “langue” (a + língua), e tem a sua associação com o período da lalação do bebê, a partir da mediação da figura materna que pode, assim, introduzi-lo nessa lalangue. Para Lacan, a linguagem é uma elucubração de saber acerca dessa lalangue, já o inconsciente, por sua vez, é um “saber-fazer” sobre lalangue: “Alíngua serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação. É o que a experiência do inconsciente mostrou, no que ele é feito de alíngua, essa alíngua que vocês sabem que eu a escrevo numa só palavra, para designar o que é a ocupação de cada um de nós, alíngua dita materna, e não por nada dita assim”. E, mais adiante, Lacan completa: “Se eu disse que a linguagem é aquilo como o que o inconsciente é estruturado, é mesmo porque, a linguagem, de começo, ela não existe. A linguagem é o que se tenta saber concernentemente à função da alíngua” (LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 20*: mais, ainda (1972-1973). Tradução M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p.188-189).

³⁴⁰ ZENONI, Alfredo. “Versões do Pai na psicanálise lacaniana: o percurso do ensinamento de Lacan sobre a questão do pai”. *Psicologia em Revista*. Tradução Nina de Melo Franco. Belo Horizonte, v.13, n.1, p.15-26, jun.2007, p. 23.

³⁴¹ *Ibid.*, p. 23-24.

desejo por uma mulher, a verdadeira causa. Ou seja, não se trata mais do universal da lei, mas da particularização de cada indivíduo “pai”, da exceção pela qual cada um pode fazer para que essa se torne um modelo. Deixando-se, com isso, de se tomar a função paterna pela universalidade do significante. É nesse sentido que Colette Soler propõe na leitura do *Seminário, Livro 22: R.S.I (1975)*, sobre o Real, o Simbólico e o Imaginário, como Lacan convoca não apenas o desejo do pai por uma mulher, porém, ainda mais do que esse desejo, o *sinthoma* paterno em buscar na mulher uma mãe que lhe dê filhos: “É um sintoma que faz duplamente laço social, entre os sexos e entre as gerações, como desenvolvi, suprindo assim a forclusão da relação sexual na linguagem”³⁴².

Ainda em *A angústia*, Lacan se refere ao pai como alguém que soubesse a que objeto seu desejo fazia menção, em todo caso, para Colette Soler, nenhum sujeito “pode saber” de onde deseja, entretanto, pode “semidizer”, ou seja, “deixar ouvir sua verdade aos ouvidos interpretativos de sua descendência”³⁴³. O dizer, portanto, não é uma função significante, mas uma função da existência (*ex-sistência*), e se a função Nome-do-Pai acontece por uma existência singular, o plural acaba se justificando para designar os suportes da função.

Um pai só traz a função porque tem o sintoma pai, uma versão da perversão generalizada. É um caso de libido masculina, um caso entre outros, pois também há os hêteros não-pais e aquilo que Lacan nomeia os celibatários, designando por aí aqueles que não se ligam ao Outro sexo. Um pai primeiro se especifica por um desejo heterossexual que “faz de uma mulher a causa de seu desejo”; além disso, um desejo que conjuga o parceiro mulher ao parceiro mãe e ao parceiro filho, logo, de certo modo, um triplo parceiro. Seu sintoma é borromeano, ele enoda o ICSR à verdade da fantasia. Ele pode ter outros sintomas, mas é por esse que ele traz a função. Daí a questão de seu laço com a família conjugal³⁴⁴.

Para, então, efetivar-se o enlaçamento ou enodamento das três dimensões é necessário passar-se pelo dizer da nomeação, ou seja, deve acontecer o deslizamento do Nome-do-Pai para o Pai do nome ou o Pai-que-nomeia (segundo Quinet). Desde antes desse seminário, Lacan já havia marcado esse laço do pai com a nomeação, assim como em *A Angústia* o pai é convocado no laço com o seu objeto a fim de superar a angústia. Tendo em vista que o objeto *a* é anônimo e, por isso mesmo, provoca a angústia, por não ter nome e ser desconhecido, pode-se recorrer ao pai como princípio da superação dessa angústia por seu objeto, não apenas finito, porém, igualmente, objeto nominado. Com a nomeação não se pretende salvar o pai,

³⁴² SOLER, Colette. *Lacan, o inconsciente reinventado*. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012, p. 167.

³⁴³ *Ibid.*, p. 168.

³⁴⁴ *Ibid.*, p. 168.

apesar de manter a função Nome-do-Pai, busca-se desconectá-la da família tradicional ocidental, ou seja, da tríade edípica.

Desse modo, ao dizer que o pai nomeia já se está dizendo que a sua função não é de metáfora, tampouco é uma função da letra, pois não vincula um elemento do Simbólico ao gozo, este real. Também não é, assim, uma função propriamente significativa, ainda que esteja relacionada ao “*falasser*”. A nomeação, portanto, estabelece-se como uma função de dizer, ou seja, “um acontecimento”, nem verdadeiro nem falso, ele nem é ou não é, é, assim como o ato. “Acontecimento, isso implica a contingência, um ‘o que cessa de não se dizer’. Diferentemente dos significantes que estão no Outro, ‘disponíveis’, o *naming* do pai é um fato de ex-sistência”³⁴⁵. Com isso, configura-se a noção de que o significante Pai – e, por consequência, o seu dizer – constitui-se como semblante(s). A eficácia do pai, para tanto, é justamente esse enlaçamento – através do nó borromeano – de prender o “Real impensável do sintoma aos semblantes, entre Imaginário e Simbólico”³⁴⁶.

Nesse ínterim, os nomes são provenientes do furo no inconsciente³⁴⁷, pois tudo o que é nomeado não passa para o significante, o objeto, o Real. Assim, o Real que acaba sendo furado pelo significante, por outro lado, é enlaçado pelo nome. Para Colette Soler, uma das consequências da função Nome-do-Pai é não passar pela família, distinguindo-se radicalmente de uma posição lacaniana evocada em 1969, como sendo a família conjugal o último resíduo da fragmentação dos laços sociais, aponta-se, contemporaneamente, para o indivíduo como resíduo derradeiro. Conforme o próprio Lacan, depois, percebeu. Questionando-se o Édipo freudiano, já, de modo irremediável, “fora de cartaz”, e buscando-se uma redefinição constante da função paterna como, em último estágio, a de nomeação, compreende-se que não está na família tal condição. É pelo nome, portanto, que o pai dá a seus objetos-sintoma – mulher, mãe e filho – “*no(ue)mination*”, e, inclusive, como no pronome da 1ª pessoa do

³⁴⁵ Ibid., p. 171.

³⁴⁶ Ibid., p. 172.

³⁴⁷ A função do nome próprio responde ao que do ser é impensável, ao que ele tem de impredicável. O impredicável é um problema com o qual cada psicanálise nos confronta diariamente, pois o sujeito que fala, por ser representado por sua fala ou por seus significantes, nem por isso deixa de ser um impredicável. Dito em termos mais familiares, na fala - na conversa mole, como diz Lacan -, só o recalque originário responde à questão do sujeito, ao *Che vuoi?*. Outra maneira de dizê-lo: o “Simbólico faz furo”, furo irredutível. Esse furo tem um nome fora da psicanálise, é Deus, o Deus do “sou o que sou”, asserção sobre o perfeito impredicável. Na psicanálise, o nome do furo é a coisa mesma. Qual é o recurso contra esse furo? ... Fora de análise, é a identificação, que por certo cobre o furo do sujeito, mas sem reduzi-lo. e basta uma psicanálise para que esse furo seja descoberto, no duplo sentido da palavra “descobrir”. O nome próprio é precisamente o que tenta suprir a impotência da identificação. Como consegue isso é outra questão. Ibid., 172.

plural: “nós”. Porém, não tem a ver com a família, essa que não garante em nada barrar à forclusão das psicoses, por exemplo³⁴⁸.

Quando se fala, então, do desejo do pai ou do dizer paterno, não se fala apenas de um significante, contudo, de uma presença libidinal. Assim, evocar a presença paterna como sendo o “pai do café da manhã” (em referência a Winnicott), nada mais é do que uma metonímia que remete ao momento precedente: o pai do leito conjugal, do qual a criança está excluída. Metonímia essa que pode causar o mesmo efeito da metáfora paterna, a qual recebeu inúmeras leituras equivocadas, pois prescindia da presença do significante paterno convocada pelo desejo da mãe.

Por fim, depois de transitar, inicialmente, do domínio do Simbólico, no campo da linguagem, para a instância do Real e de efetivar um outro tipo de mediação daquilo que, na estrutura, não é conduzida pela linguagem, mas, a saber, pela substância gozosa do corpo³⁴⁹, Lacan explicita que a exceção paterna pode, sim, ser encontrada em alguém. Esse alguém, porém, não deve ser um qualquer, antes necessita preencher dois requisitos: possuir o desejo por uma mulher – a mulher do pai; e dispensar um “*cuidado*” paterno para com os filhos que essa mulher lhe faz.

Como atesta Colette Soler, certamente, esse cuidado não é um cuidado equivalente ao materno, mas um cuidado de nomeação, a fim de distinguir os objetos – no caso, os filhos – como produto desse casal, retirando-os do anonimato genérico da reprodução dos corpos³⁵⁰. “Para o filho, ele promete, torna possível aquilo que Lacan em certa época chamava a humanização do desejo. (...) É a associação dos significantes que permite fazer laço, e é o que

³⁴⁸A despeito dos questionamentos da presença do pai e da função do dizer existencial do pai como integrante à família, essa que se pretende resgatar e salvar nos dias atuais, tendo passada a onda do ódio à família tradicional, bem como a ideia de estabilidade conjugal e de heterossexualidade, Colette Soler responde como sendo correlatos ao conceito de Lacan acerca do pai do desejo. Ou seja, Lacan, desde aquela época, mencionava como o significante Nome-do-Pai associava-se à ausência do pai, desse “boneco-pai, o que desjuntava a função não só do genitor, mas também dos avatares da família conjugal, até poder identificar esse significante a uma abstração”. Ibid., p. 175.

³⁴⁹ Um inconsciente “saber sem sujeito”, como seria o do sujeito se não pela mediação daquilo que, na estrutura, não é linguagem - a saber, a substância gozosa do corpo, do corpo que ele tem, o sujeito, e que é necessário para gozar? Esse inconsciente pode ser dito do sujeito, pois seus significantes são aqueles que são extraídos de seu sintoma por decifração. Se, antes de serem decifrados, eles não o representam, pelo menos afetam seu gozo como acontecimento de corpo. Ibid., p. 35.

³⁵⁰ O pai não ser o genitor, embora o genitor possa ser também pai, é uma tese com origem em Lacan e que, hoje, a ciência faz passar ao ato. A nomeação-Nome-do-Pai generaliza essa disjunção ao a ela acrescentar a disjunção com a copulação dos corpos. As consequências do *naming*, diz Lacan, vão até o gozar; mas, se todos os nomes do Nome-do-Pai se refere ao gozo, nem todos se referem ao sexo, como vemos bem, por exemplo, com “o homem mascarado”, de sexo duvidoso, do qual Lacan faz um dos Nomes-do-Pai e, mais ainda, com “O artista”, *sinthoma* a-sexuado que dá seu nome a Joyce, o sem-corpo. Ibid., p. 178

o pai nomeante fornece, ou o nomeante que é Pai: os significantes do laço de origem que produziu o filho”³⁵¹.

A única presença exigível do pai - a única que obsta à psicose, pois a questão não é a dos prazeres do cotidiano conforme o pai estiver ali ou não -, a única presença exigível é a do dizer que nomeia. Evocando um cuidado paterno específico, Lacan não se coloca na onda da paridade, é seguro, mas tampouco, creio, na onda machista do patriarcado, que, aliás, “já era” em nossas paragens. Resta a questão: dizê-lo Pai não requer que o pai de família esteja ali no café da manhã? É seguro que não. O dizer, acontecimento fundador, implica contingência e pode, portanto, estar disjunto das conjunturas da geração, da manutenção dos corpos e da boa ordem do cotidiano. Já ressaltai isso, quando Lacan introduz essa função de nomeação, o Pai do nome se lê nos dois sentidos: o Pai, um pai-Pai nomeia, mas, da mesma forma, o que nomeia é Pai. Sem essa contingência, não se pode pensar a complexidade da época atual. Vale dizer que não é a família que faz o pai-Nome-do-Pai. É, ao contrário, o dizer que nomeia, quando está ali, que faz os corpos ficarem juntos, sem necessariamente passar pelo cartório, o anel no dedo e a convivência dos diversos objetos que a família pretendia juntar sob o mesmo teto³⁵².

[aliás]

Pai?

Você já tomou o café da manhã hoje?

Infelizmente, pai, eu não sei o que você gosta de comer no café da manhã e se você prefere café com leite ou expresso. Se é com açúcar, adoçante ou puro.

Você também não sabe como eu prefiro o café, pai. Eu prefiro evitar o leite por causa da lactose em excesso.

E, tudo bem.

Você não precisa saber que eu como uma banana de manhã todos os dias. Ou quase sempre.

E, tudo bem.

Eu não preciso saber dos seus hábitos alimentares ou dos pormenores de suas preferências cotidianas.

Estou pensando que esse nosso início de diálogo e a vontade de conversar já está muito bem para mim. É um bom começo.

Podemos seguir assim, pai?

O que você acha?

E, quem sabe, logo, a gente pode até pensar em um café da manhã juntos, que tal?

Sim, eu sonho muito, é verdade.

³⁵¹ Ibid., p. 177.

³⁵² Ibid., p. 177-178.

Mas, tudo bem.

Pai, vamos continuar conversando?

Chegamos, então, nessa nossa última estação de viagens por mares e terras. Oceano, onda, maré. Veredas, chão e pé por pé. Sim, pai, é mesmo o final dessa nossa correspondência.

Estivemos com Freud por um longo tempo, depois descobrimos em Lacan uma outra possibilidade de caminhar, agora, pai, voltamos a pensar, sem sair de Paris, como atravessar a rua da psicanálise na contramão. Não exatamente em direção oposta, mas como, pelo diálogo com Michel Foucault, a psicanálise é atravessada por opiniões diversas. Boa parte delas, contrárias e críticas, é verdade, outras, no entanto, favoráveis e compreensivas. Não pretendo buscar à exaustão dos comentários e dos textos foucaultianos, tendo em vista que, em nossa primeira correspondência, já perpassamos por algumas dessas opiniões.

Não temos, porém, como não pensar nesse diálogo entre Foucault e Lacan, por exemplo. Ou sobre a crítica de Foucault à psicanálise freudiana. É impossível nos furtarmos a dar esse passo. E flanarmos por esse caminho em Paris até o Collège de France, ao sairmos da Rue de Lille. E depois de já termos passado pela Place Sorbonne. Pai, como você sabe, não buscamos nos dedicar com toda a intensidade às relações entre o pensamento foucaultiano e o pensamento lacaniano ou mesmo freudiano, apenas estamos, aqui, buscando dialogar e efetivar pontos de conexão e debate entre Freud, Lacan e Foucault.

Nossa largada foi dada antes ainda, quando, ao escrever sobre as diferenças da teoria lacaniana e os deslocamentos da noção de pai, trouxe as contribuições de Colette Soler para a nossa conversa. O “*work in progress*” lacaniano a partir do campo da linguagem e no domínio do simbólico como metáfora paterna, transitou pela instância do real enquanto Nome-do-Pai, e, finalmente, alcançou o entendimento do gozo e do corpo em versões do pai (perverso) e na pluralização de seus nomes. Finalmente, não no sentido evolutivo, mas porque diz respeito a última “fase” do seu pensamento e de seus ensinamentos.

Para Colette Soler, a nomeação, como uma função de dizer, operacionaliza-se como “um acontecimento”, nem verdadeiro nem falso, tal qual o ato. Assim, a nomeação pelo pai é um fato de existência – ex-sistência, um acontecimento que implica “um ‘o que cessa de não se dizer’”. Pois a ideia de acontecimento vai nos levar ao diálogo com

Michel Foucault e o que ele tem a nos dizer, pai, sobre a psicanálise. A psicanálise como produção (a vontade) de saber e de discurso, como dispositivo de sexualidade, como poder e verdade. Como lei do desejo.

E aonde estão o poder e o desejo no saber e no discurso psicanalíticos?

Qual é a verdade no desejo em desejar e falar sobre o desejo?

É preciso mesmo falar sobre sexo?

Sexualidade reprimida ou libertada?

Vamos, pai?

Aposto que você também está curioso para ler-ouvir o final dessa nossa história de travessias.

Pai?

Viver é um pouco preciso.

Navegar é muito preciso.

Escrever é fundamental.

Como sobreviver.

E brincar.

Brincar de navegar.

E, quando possível, a gente brincar de viver.

Pai?

Pai?

Pai?

Precisamos navegar, pai.

Seguimos.

Pai?

[aliás]

[aliás, de contraciência a scientia sexualis:

Foucault debate a psicanálise,

entre poder, saber, desejo e verdade]

A partir de uma acontecimentalização da psicanálise, Michel Foucault propicia diversos debates sobre o método, a teoria e a clínica, ao longo de sua obra. Opiniões, por vezes, ambíguas, marcam os períodos de investigação e de produção de suas pesquisas-críticas, tanto em relação à psicologia quanto à psicanálise. Especialmente, entre dois momentos: o primeiro, em sua “fase” de arqueologia, nos anos 1960, e a publicação de *As palavras e as coisas* (1966), em que vai contemplar uma perspectiva favorável e de lugar privilegiado à área, entendida como “*contraciência*”; já, o segundo, em sua “fase” de genealogia, nos anos 1970, e a publicação de *A História da sexualidade I – A vontade do saber* (1976), em uma posição crítica contundente e reflexões mais severas, a psicanálise é vista como um dispositivo de sexualidade associada à prática da confissão e à manutenção das alianças e do vínculo entre poder e saber, desejo e verdade.

A psicanálise, desse modo, vai estar entre as principais críticas de Foucault durante esse período derradeiro de seus pensamentos, junto ao positivismo, ao humanismo-fenomenológico, ao estruturalismo e ao marxismo. Antes, porém, houve uma aproximação afirmativa e uma espécie de flerte consentido com a área. É perceptível como a psicanálise, ao longo de suas reflexões, vai estar relacionada com a psiquiatria e a medicina, além da própria psicologia, bem como, à literatura e às ciências humanas.

A respeito da psiquiatria e da medicina, a psicanálise tende a estar compreendida ou de modo a colocar-se em confrontação e como uma alternativa às internações asilares, aos tratamentos psiquiátricos e à medicalização, ou, por outro lado, de modo a corroborar e seguir em uma linhagem de garantias e ampliações dos poderes médicos. É vista, sobretudo, como produtora de uma “despsiquiatrização” relativa, concedendo certa liberdade ao discurso da loucura e o separando de sua institucionalização. Em todas essas relações acima mencionadas, porém, mantém-se um interesse comum, caro e, de certo modo, obsessivo em sua trajetória intelectual, os limites e deslimites da loucura.

Em *As palavras e as coisas* (1966), Foucault vai efetivar uma arqueologia das ciências humanas, do saber clássico aos limiares que o separam até a modernidade, questionando, assim, o conceito de sujeito, “esta estranha figura do saber que se chama homem”³⁵³, – negando-o – em face de um sistema de linguagem pura, “o ser da linguagem”. Desse modo, com a forma binária estável, a linguagem deixou de existir como escrita material das coisas e encontrou seu espaço no regime geral dos signos representativos. A partir do século XVII, ao questionamento de como um signo poderia estar ligado àquilo que não significa, a idade

³⁵³ FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. XXII.

clássica vai responder pela análise de uma representação, enquanto, na modernidade, passou-se a responder pela análise do sentido e da significação.

A linguagem, portanto, apresenta-se como um caso particular de representação para os clássicos e de significação para “nós” (modernos). É nessa reorganização da cultura, cuja idade clássica foi a primeira etapa e a responsável pelo sistema do qual ainda “estamos presos”, “posto ser ela que nos separa de uma cultura onde a significação dos signos não existia, por ser absorvida na soberania do Semelhante”³⁵⁴. É assim que as palavras vão se separar das coisas, a interdependência da linguagem com o mundo vai se romper, o primado da escrita se suspender, e o olho passa a somente ver, o ouvido a apenas escutar, e “o discurso terá realmente por tarefa dizer o que é, mas não será nada mais que o que ele diz”³⁵⁵.

É nesse ínterim que Foucault vai denominar os *saberes*, ou seja, os conjuntos de enunciados próprios de uma dada época, independentemente da necessidade de legitimação científica anterior, e a *episteme* (*epistémè*), em aspectos de profundidade e de globalização, que produz uma lógica ou estrutura para todo esse conjunto de saberes, ordenando-os de um modo arqueológico. Nesse contexto da arqueologia, e levando em conta o estruturalismo francês da época, é que a psicanálise, juntamente com a linguística e a etnologia vão integrar o que Foucault denominou de as “contraciências humanas”. Diferentemente das outras ciências humanas erigidas em torno de um saber positivista gasto e que objetivavam um projeto cientificista, a psicanálise fundava-se em uma função mais crítica em relação ao homem e às outras ciências: “Dando-se por tarefa fazer falar através da consciência o discurso do inconsciente, a psicanálise avança na direção desta região fundamental onde se travam as relações entre a representação e a finitude”³⁵⁶.

Nesse sentido, para Foucault, a psicanálise avançava no espaço onde as outras ciências humanas não conseguiriam, no campo da representação. Pois, para ele, a psicanálise efetivava uma transposição do espaço do representável, extravasando-a do lado da finitude, articulando a função da linguagem e da significação no cerne das práticas discursivas, entendendo, assim, “na abertura desnudada do Desejo, as significações e os sistemas, numa linguagem que é ao mesmo tempo Lei”³⁵⁷. A psicanálise, então, não se desenvolveria como puro conhecimento especulativo ou teoria geral do homem, tendo em vista que não visava apenas o conhecimento sobre esse homem, mas o próprio homem – “o homem com essa Morte que age no seu

³⁵⁴ Ibid., p. 59.

³⁵⁵ Ibid., p. 59.

³⁵⁶ Ibid., p. 518.

³⁵⁷ Ibid., p. 519.

sofrimento, esse Desejo que perdeu o seu objeto e essa linguagem pela qual se articula silenciosamente a sua Lei”³⁵⁸.

Sabe-se como psicólogos e filósofos denominaram tudo isso: mitologia freudiana. Era realmente necessário que este empenho de Freud assim lhes parecesse; para um saber que se aloja no representável, aquilo que margeia e define, em direção ao exterior, a possibilidade mesma da representação não pode ser senão mitologia. (...) É bem verdade que nem esta Morte, nem este Desejo, nem esta Lei podem jamais encontrar-se no interior do saber que percorre em sua positividade o domínio empírico do homem; mas a razão disto é que designam as condições de possibilidade e todo o saber sobre o homem³⁵⁹.

Curiosamente, um ano antes da publicação de *As palavras e as coisas*, em 27 de fevereiro de 1965, Michel Foucault concede uma entrevista ao filósofo Alain Badiou, para uma emissão da radiotelevisão escolar francesa. Nessa ocasião, Foucault afirmou que a reorganização e o recorte das ciências humanas aconteceram em torno da elucidação do inconsciente, especificamente, a partir de Freud. E como a definição positiva, herdada do século XVIII, da psicologia como ciência da consciência e do indivíduo, deixavam, com isso, de ter valor.

Desse modo, com a descoberta do inconsciente, articulavam-se vários campos e problemáticas, não como adição de domínios ou extensão da psicologia, pelo contrário, como integrados a ela, como a fisiologia e a questão do corpo, a sociologia e o meio em que o indivíduo estava inserido, a cultura, a oposição entre alma e corpo, indivíduo e substância, corpo e consciência. Depois de Freud, portanto, todas as ciências humanas passam a ser ciências da *psychê*, e o corpo, então, faz parte da experiência psíquica, ao mesmo tempo consciente e inconsciente.

Dito isso, Foucault menciona a descoberta do inconsciente por Freud “como uma coisa; ele o percebeu como um certo número de mecanismos que existiam ao mesmo tempo no homem em geral e em tal homem em particular”³⁶⁰, referindo-se, inclusive, às leis do inconsciente e a estruturação em linguagem (próximas as definições de Lacan, sobretudo). Nessa entrevista, ele vai chamar Freud de “exegeta”, de “intérprete”, e não de semiólogo ou gramático, um “hermeneuta”, o qual pretende decifrar uma grafia que precisa ser descoberta em sua própria materialidade, reconhecendo-a como significante, descobrindo, em seguida, o que ela quer dizer, e sob quais leis esses signos estão arrançados no que querem dizer.

³⁵⁸ Ibid., p. 521.

³⁵⁹ Ibid., p. 519.

³⁶⁰ “Filosofia e Psicologia (Entrevista com A. Badiou)”. In.: FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Ditos e escritos volume I. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 224.

Foucault, então, vai situar a psicanálise como ao lado da psicologia no campo da interpretação, da hermenêutica, buscando uma linguagem interpretativa, assim como a literatura e a loucura na semiologia e na exegese: “não apenas todas as ciências humanas são psicologizadas, como também a crítica literária e a literatura são psicologizadas”³⁶¹. Pouco mais adiante, Foucault vai responder que Lacan e Lévi-Strauss não fazem uma filosofia da psicanálise e da antropologia, respectivamente, mas produzem uma “certa relação reflexiva da ciência sobre ela mesma”³⁶², ou seja, depois de Freud veio Lacan e depois de Durkheim apareceu Lévi-Strauss, possibilitando, portanto, o estabelecimento de um pensamento crítico nas próprias ciências humanas.

A ideia da psicanálise vinculada à hermenêutica e de Freud como “intérprete” é recorrente, inclusive, em *Nietzsche, Freud e Marx (1964)*. Foucault questiona se os três, ao efetivarem interpretações que se voltam para si mesma, não estariam constituindo espelhos que refletem às pessoas imagens cujas feridas insolúveis provocam o narcisismo moderno. Pois, conforme, Freud as três grandes feridas narcisistas da cultura ocidental estavam em, inicialmente, Copérnico, depois, Darwin (homem descendente do macaco) e, por último, nele mesmo, Freud, ao descobrir o inconsciente.

Nesse sentido, o caráter sempre inacabado e fragmentado da interpretação analítica, tal qual o desenvolvimento regressivo de Freud, indicam que quanto mais se avança na interpretação, quanto mais se aproxima de uma região importante, é onde não apenas a interpretação vai encontrar o seu ponto de retrocesso, como vai desaparecer nela mesma. Ou seja, a existência desse ponto absoluto pode também significar a existência do ponto de ruptura, bem como o desaparecimento do próprio intérprete. A interpretação, portanto, seria circular.

Em Freud, sabe-se suficientemente como se realizou a progressiva descoberta deste caráter estruturalmente aberto e descoberto da interpretação. Fez-se em princípio de uma maneira muito alusiva, volta para si mesma no *Traumdeutung*, quando Freud analisa os seus próprios sonhos e quando alude a razões de pudor ou de não divulgação como desculpa para interromper a sua tarefa. Na análise feita a Dora, vemos como se descobre esta ideia de que a interpretação deve estacar-se, como não pode chegar ao fim um fenômeno que anos depois receberia o nome de transferência. E depois através do estudo da transferência, vemos como se afirma a impossibilidade de análise pelo caráter infinito e infinitamente problemático que tem a relação entre o analisado e o analista, relação que é evidentemente fundamental para a psicanálise, e que abre espaço em que não deixa de deslocar-se sem chegar a acabar nunca³⁶³.

³⁶¹ Ibid., p. 224.

³⁶² Ibid., p. 224.

³⁶³ FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud e Marx. Theatrum philosophicum*. Tradução Jorge Lima Barreto. São Paulo: Princípio, 1997, p. 21.

Para o filósofo francês, Freud não interpreta símbolos, entretanto, interpreta interpretações, tendo em vista que são feitas em cima de sintomas. O psicanalista não descobriu “traumas”, senão *fantasmas*, com sua própria carga de angústia e interpretação. Como exemplo, Foucault recorre à anorexia, cujo sintoma a interpretar não remete ao complexo do desmame em si, assim como o significante ao significado, remete, porém, aos fantasmas do mau seio materno, “o que é em si mesmo, uma interpretação, que é já em si mesmo um objeto que diz algo”³⁶⁴.

Freud, portanto, interpreta a linguagem desses pacientes, a partir de uma interpretação do que estes oferecem como sintoma, interpretando-os pela interpretação. Foucault retoma a clássica narrativa de que Freud concebeu o supereu (superego) no dia em que um paciente lhe disse “eu sinto um cão em cima de mim”³⁶⁵. A interpretação não parte de quem realmente propôs ou propõe a interpretação, parte, porém, e justamente, de quem a interpreta: “o princípio de interpretação não é mais do que o intérprete”³⁶⁶.

A respeito das relações entre a linguagem, a loucura, a poesia e a psicanálise, Foucault vai descrever o caso do poeta alemão Hölderlin *Jahrbuch* e como as psicoses estão associadas à ausência do pai como imagem do pai. No artigo crítico intitulado “O ‘não’ do pai”, publicado em março de 1962, a partir da análise elaborada por Jean Laplanche no livro *Hölderlin et la question du père* (1961), o filósofo questiona sobre aquele velho problema: “onde termina a obra, onde começa a loucura?”³⁶⁷ Com base no percurso de Laplanche, há uma investigação sobre as possibilidades da linguagem manter sobre o poema e sobre a loucura “um único e mesmo discurso”, “que sintaxe pode passar a um só tempo pelo sentido que se pronuncia e pela significação que se interpreta?”³⁶⁸

A Europa cristã, quando resolveu nomear os seus artistas, atribuiu a eles a forma anônima de heróis, “não há nascimento, mas sim aparição do gênio, sem intermediário nem duração, no dilaceramento da história; tal qual o herói, o artista rompe o tempo para reatá-lo com suas mãos”³⁶⁹. Desse modo, o artista só saiu do anonimato de séculos, quando a dimensão heroica passou àquele que o representa, “no momento em que a cultura ocidental

³⁶⁴ Ibid., p.23.

³⁶⁵ Ibid., p.23.

³⁶⁶ Ibid., p.26.

³⁶⁷ “O ‘não’ do Pai”. In.: FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Ditos e escritos volume I. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 188.

³⁶⁸ Ibid., p. 188.

³⁶⁹ Ibid., p. 189.

tornou-se ela própria um mundo de representações”. Nessa cultura, a dimensão do psicológico é o negativo das percepções épicas. A linguagem, para tanto, é utilizada a fim de garantir a retomada dessa unidade entre a obra e o “outro que não a obra”. E o que se pode dizer sobre um poeta e a esquizofrenia?

Para Foucault, nessa época, a psicanálise poderia alcançar o mais profundo questionamento do negativo do homem, como acontece nesse caso do poeta alemão. Utilizando-se dos exemplos de prefixos e sufixos da língua alemã para melhor explicitar nas psicoses essas formas de ausência, lacuna e afastamento atribuídas ao pai, Foucault relata como o “não” do Pai em Hölderlin não se trata de uma orfandade real, mítica ou do caráter de apagamento do genitor. A despeito da morte do pai biológico na infância e do padrasto, pouco tempo depois, o lugar do pai é ocupado em sua memória por uma figura positiva, ou seja, a ausência não deve ser tomada no nível do jogo das presenças e desaparecimentos. O pai, então, é pensado a partir de Melanie Klein e Lacan, como não sendo aquele rival odiado e ameaçador do complexo edípico freudiano, mas cuja presença limita a relação ilimitada da mãe com a criança, “à qual o fantasma da devoração dá a primeira forma angustiada”³⁷⁰.

É esse pai que separa mãe-filho, “que protege quando pronunciada a Lei, enlaça em uma experiência maior o espaço, a regra e a linguagem”, ele “foracluso”. Ou seja, nas psicoses, essa ausência paterna não incide sobre o registro das percepções ou das imagens, todavia, sobre o dos significantes. Esse “não” do qual se abre uma hiância não indica, contudo, que o nome do pai permaneceu sem titular real, e sim que não houve uma nomeação e esse lugar do significante do pai, da Lei, permaneceu vazio.

Desse modo, no abismo de seu sentido, sob as formas do delírio ou do fantasma, a psicose engendra-se na ausência devastadora do pai. O poeta Hölderlin, então, encontra-se nessa ausência do Pai: sua linguagem na hiância do significante, seu lirismo em direção ao delírio e sua obra em direção à ausência da obra. Assim, a linguagem se torna o lugar da falha em sua poesia: “A abertura do lirismo último é a abertura mesma da loucura”³⁷¹. O delírio paranoico, portanto, está relacionado ao sujeito e à própria experiência da loucura, sendo restrito a cada sujeito que o vivencia, ou seja, não está sob o princípio do sintoma da lei universal que vem do pai: “(...) é algo que do sujeito se descola da sua própria subjetividade enquanto produto de saber, algo que a significação e a representação não conseguem capturar

³⁷⁰ Ibid., p. 197.

³⁷¹ Ibid., p. 199.

como sentido, como sujeito do conhecimento. O delírio enquanto saber do delirante não serve, portanto, ao universal”³⁷².

A crítica de Foucault à psicanálise, em especial, a Freud, acontece, principalmente, a partir dos anos 1970, em sua “fase” genealogista. A publicação de *A História da sexualidade I – A vontade do saber* (1976) pode ser considerada uma genealogia da psicanálise, e segue nos outros dois volumes, II – *O uso dos prazeres* e III – *O cuidado de si*, ambos de 1984³⁷³. No volume I, *A vontade de saber*, Foucault empreende uma pesquisa histórica para investigar a hipótese da repressão ao sexo, sobretudo, entre os séculos XVII e XIX, e contestá-la. Quanto mais se pretendia reprimir o sexo, mais estava se produzindo o “jogo da verdade e do sexo”: “O importante é que o sexo não tenha sido somente objeto de sensação e de prazer, de lei ou de interdição; mas também de verdade e falsidade, que a verdade do sexo tenha se tornado coisa essencial, útil ou perigosa, preciosa ou temida; em suma, que o sexo tenha sido constituído em objeto de verdade”³⁷⁴. Segmentando em três épocas: a moral antiga – clássica, greco-romana; a moral cristã; e, por último, a moral burguesa, capitalista ou industrial; divide-se em duas grandes categorias de procedimentos para se produzir a verdade do sexo.

A primeira categoria é da “*scientia sexualis*”, na cultura ocidental, em que as sociedades dominam um discurso (pseudo)científico ou teórico a respeito do sexo, buscam a “verdade” do sexo através de dispositivos de sexualidade e de discursividades, formas de poder-saber, não visam a intensificação do prazer, o uso privado e os ensinamentos. Por outro lado, na segunda categoria estão as “*ars erótica*”, nas sociedades clássicas e em nações como Índia, China, Japão, países árabes-muçulmanos, os quais não tem por objetivo institucionalizar nenhuma ciência sobre o sexo, todavia, visam o discurso do prazer como “arte”, de modo a torná-lo intenso e duradouro: “Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer; encarado como prática e recolhido como experiência; (...) ele deve ser

³⁷² CAMARGO, Luís Francisco Espíndola. AGUIAR, Fernando. “Foucault e Lacan: o sujeito, o saber e a verdade”. In. *Rev. Filos.*, Aurora, Curitiba, v. 21, n. 29, p. 531-544, jul./dez. 2009, p. 539.

³⁷³ *A História da sexualidade* estava prevista por Foucault em um projeto de seis volumes. Projeto que, Foucault entendia como uma proposta de jogo, acabou modificando-se ao longo dos anos, tanto em relação às temáticas abordadas como à cronologia, aos títulos e às ideias iniciais. Apenas o segundo e o terceiro volumes foram publicados em 1984, no mesmo ano do falecimento de Foucault. Em uma entrevista, intitulada *Le jeu de M. Foucault*, a Jacques-Alain Miller, Alain Grosrichard, Gérard Wajeman, Guy Le Gaufey, Gérard Miller, Catherine Millot, Jocelyne Livi e Judith Miller, para a *Revista Ornica?*, Foucault falou sobre o projeto, a recepção do livro e também disse não estar certo do que publicaria nos próximos volumes. A tradução brasileira da entrevista foi publicada com o título “Sobre a história da sexualidade”, no livro *Microfísica do Poder* (In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001).

³⁷⁴ FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I – A vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 56.

conhecido como prazer, e portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma”³⁷⁵

Através dos procedimentos da confissão e da discursividade científica, erigiu-se uma legítima ciência-confissão que estabeleceu métodos para a extorsão das confissões sexuais: através de uma codificação clínica do “fazer falar”, combinando confissão com o exame clínico, a narração de si mesmo à sintomatologia própria, por meio de hipnose e associações livres; por uma causalidade geral e difusa, “o dever de dizer tudo e o poder de interrogar sobre tudo encontrarão sua justificação no princípio de que o sexo é dotado de um poder causal inesgotável e polimorfo”³⁷⁶; pelo princípio de um latência intrínseco à sexualidade, articula-se a extorsão de uma confissão difícil, porém, científica, “porque o funcionamento do sexo é obscuro”³⁷⁷; através do método da interpretação, pois quem escuta não é somente o seu juiz ou quem concede o perdão, mas sua função é, sobretudo, hermenêutica; por meio da medicalização dos efeitos, já que o sexo, então, está no regime do normal e do patológico, apresentando uma morbidez exclusiva e necessitando de formas terapêuticas.

Para Foucault, existiram quatro conjuntos estratégicos, a partir do século XVIII, que desenvolveram dispositivos específicos de saber-poder sobre o sexo, mas que tiveram autonomia entre si: a histerização do corpo da mulher, analisado, qualificado, desqualificado e saturado de sexualidade, cuja mãe, com sua imagem em negativo de “mulher nervosa”, assumiu a forma mais visível; a pedagogização do sexo da criança, como visto na pandemia da masturbação; a socialização das condutas de procriação, em respeito à fecundidade dos casais, com práticas de controle, fiscais ou sociais; a psiquiatrização do prazer perverso, com análise clínica de todas as formas possíveis de anomalias sexuais.

A psicanálise, assim, é compreendida como um método atrelado ao dispositivo de sexualidade da sociedade burguesa como uma continuação ao dispositivo da moral cristã da confissão da carne e dos processos de direção da consciência, a fim de manter o dispositivo da aliança. O dispositivo da sexualidade age no entrelaçamento do biopoder com o poder disciplinar. Ou seja, para Foucault, a psicanálise não seria a grande responsável pela libertação da repressão no final do século XIX e como ruptura ao cristianismo, à sexologia e à psiquiatria, como se costumava esboçar e aludir como parte da “revolução psicanalítica” originada com e por Freud. Esses dispositivos estão associados à concepção de poder

³⁷⁵ Ibid., p. 57.

³⁷⁶ Ibid., p. 64.

³⁷⁷ Ibid., p. 65.

enquanto modelo jurídico da soberania e da lei, pela proibição e pela regra, associados, assim, ao desejo – a lei do desejo.

Da direção espiritual à psicanálise, os dispositivos de aliança e de sexualidade, girando um em torno do outro de acordo com um lento processo que tem hoje mais de três séculos, inverteram as suas posições; na pastoral cristã, a lei da aliança codificava essa carne que se estava começando a descobrir e impunha-lhe, antes de mais nada, uma armação ainda jurídica; com a psicanálise é a sexualidade que dá corpo e vida às regras da aliança, saturando-as de desejo³⁷⁸.

A psicanálise, portanto, assim como a etnologia, ainda estava fundamentada nesses dispositivos, pela “aliança”, pelo “matrimônio”, a união pelo sangue e pelos laços de parentesco, pela transmissão dos bens e do nome. Como o próprio exemplo do complexo de Édipo pode dar conta dessa tríade pai-mãe-filho e do amor filial – como pulsão e desejo sexual – pelos pais. Mas o incesto permanece como a lei universal a ser interdita. Em sua prática clínica, a psicanálise assumia a tarefa de eliminar esses efeitos do recalque que a interdição dos complexos suscitaria, possibilitando, assim, que os e as pacientes articulassem em discurso – pela linguagem – os desejos inconscientes e os impulsos incestuosos. Porém, era uma prática acessível apenas para quem tinha recursos naquela época. No outro lado da questão, como visto na *Correspondência I: entre relações de poder*, está, justamente, a “caça” às práticas incestuosas em famílias pobres das cidades e, principalmente, no campo.

Em outro momento, Foucault vai valorizar a psicanálise, como uma espécie de “honra política”³⁷⁹, pela oposição teórica e pelo afastamento prático da medicina eugenista e com a ruptura à neuropsiquiatria da degenerescência, contrariamente ao nazismo e toda prerrogativa de racismo e movimentos fascistas. Como uma posição precisa daquela conjuntura histórica, conforme o filósofo, em boa parte devido ao fato da biografia de Freud e as questões da judeidade.

Foucault argumenta que o dispositivo de sexualidade deve ser pensado em consonância às técnicas de poder que lhe são contemporâneas, ou seja, pensar a psicanálise como método e prática a partir da ordem do sexual em relação à instância da lei, à morte, aos laços de sangue e ao Pai-soberano, a despeito de toda uma “subversão” que, à primeira vista, pareceu chocar a sociedade da época, é também pensar uma “retroversão” histórica. É assim que Freud está situado ao lado dos diretores de consciência clássicos ao ter reposicionado o sexo junto às estratégias de poder e de saber, a fim de “conhecer o sexo e colocá-lo em

³⁷⁸ Ibid., p. 107.

³⁷⁹ Ibid., p. 140.

discurso”³⁸⁰, mas não foi o primeiro a operar um dispositivo geral de sexualidade. Muito menos, subverteu a forma ou restituiu o direito reprimido e negado ao sexo.

A despeito das críticas de Foucault à teoria freudiana, ao complexo de Édipo como instaurador de subjetividades e ao começo da psicanálise ancorada na lei do pai soberano; bem como, aos pós-freudianos, esses que centraram tudo em torno de uma psicologia do Eu, em relação a Lacan, seu contemporâneo, e os seus ensinamentos, o diálogo aconteceu de modo mais recíproco e menos recriminatório, sobremaneira. Para Foucault, Jacques Lacan, enquanto teórico, estava imbricado na sua prática clínica e seus ensinamentos e textos não refletiam, assim, apenas um primeiro contato com suas ideias ou uma “tomada de consciência”, mas demandavam dos leitores e das leitoras uma, semelhante, implicação, um desvelamento. Com relação ao conhecido hermetismo lacaniano e as dificuldades de compreensão, Foucault, em uma entrevista de 1981, respondeu: “Ele queria que o leitor se descobrisse, ele próprio, como sujeito de desejo, através dessa leitura. Lacan queria que a obscuridade de seus *Escritos* fosse a própria complexidade do sujeito, e que o trabalho necessário para compreendê-lo fosse um trabalho a ser realizado sobre si mesmo”³⁸¹.

Foucault e Lacan são contemporâneos e buscaram, cada um com seu método e suas práticas de investigação, as relações entre o sujeito e a produção de saber e do sujeito com a verdade. Em resumo, dedicaram-se a investigar, questionar e esmiuçar – e estraçalhar – o sujeito. Vale ressaltar a importância das influências de Lévi-Strauss para os dois: para Lacan, no começo de sua jornada enquanto associado ao estruturalismo e a releitura de Freud nos anos 1950, já, para Foucault, no final de sua obra. Nesse sentido, para Foucault, o mito foi um modo de Freud esboçar o que mais tarde Lacan conseguiu fazer com precisão: explicitar a estruturação do inconsciente através de leis próprias da linguagem e como um local inacessível de apreciação teórica para os indivíduos³⁸².

Acerca dessa relação entre o sujeito e a verdade e o saber, Foucault observa como Lacan reorganiza esse saber para a psicanálise de modo a romper e subverter as leis e as normatizações universais do Édipo freudiano e da compreensão da subjetividade ao singularizar e particularizar, historicizando, assim, o sujeito. Cada sujeito é um sujeito, cada caso é um caso. De mesmo modo acontece para o saber na psicanálise, pois se cada sujeito é

³⁸⁰ Ibid., p. 149.

³⁸¹ “Lacan, o Liberatore da Psicanálise”. In.: FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Ditos e escritos volume I. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 330-331.

³⁸² Conforme CAMARGO, Luís Francisco Espíndola. AGUIAR, Fernando. “Foucault e Lacan: o sujeito, o saber e a verdade”. In. *Rev. Filos.*, Aurora, Curitiba, v. 21, n. 29, p. 531-544, jul./dez. 2009.

um sujeito, o saber psicanalítico também precisa ser particularizado, e não comum a todos. Esses postulados de Lacan estão descritos ao longo de seus seminários sobre o objeto *a*, o verdadeiro objeto da psicanálise, a causa de desejo, e não como advindo de uma lei universal e soberana. É a partir dessas considerações lacanianas do final dos anos 1960 que vão surgir os operadores significantes do real, do gozo e do *fallasse*. “Se para Sócrates é possível conhecer a si mesmo, para a psicanálise, na sua orientação, há um impossível do sujeito de ser reduzido a qualquer conhecimento”³⁸³. A esse respeito, em *A Hermenêutica do sujeito*, sendo esse o seu último curso ministrado no *Collège de France*, em 1982, Foucault explicita:

E parece-me que todo interesse e a força das análises de Lacan estão precisamente nisto: creio que Lacan foi o único depois de Freud a querer recentralizar a questão da psicanálise precisamente nesta questão das relações entre sujeito e verdade. Isto significa que, em termos inteiramente estranhos à tradição histórica desta espiritualidade, seja a de Sócrates, seja a de Gregório de Nissa e de todos os intermediários entre eles, em termos do próprio saber analítico, ele tentou colocar a questão que, historicamente, é propriamente espiritual: a questão do preço que o sujeito tem a pagar para dizer o verdadeiro e a questão do efeito que tem sobre o sujeito o fato de que ele disse, de que pode dizer e disse, a verdade sobre si próprio³⁸⁴.

É possível elencar outros pontos de intersecção, como, por exemplo, nos métodos de ensino de Lacan e Foucault. Lacan assistiu Foucault em diferentes ocasiões, como na conferência *O que é um autor?*, apresentando, inclusive, intervenções. Foucault tentou se aproximar de um método mais empírico e menos sistemático, que oportunizasse maior envolvimento do público. Especialmente, nesse último curso, dialogou, sobremaneira, com esse método de participação dos seminários lacanianos, o único dispositivo de ensino desenvolvido e praticado pelo psicanalista em trinta anos³⁸⁵. Também pode se refletir sobre as últimas investigações de ambos ao que concerne o corpo, os poderes, a verdade, o sujeito, o gozo, a substância e o prazer. Tanto em Foucault como em Lacan, percebe-se uma orientação para se pensar e observar as relações passando pelo corpo e com o corpo: desde os conceitos foucaultianos de corpos dóceis, corpos disciplinados, corpos implicados nos cuidados de si à substância gozosa do corpo laciana.

Jacques Lacan vai falecer em 1981 e Michel Foucault em 1984. Ambos estabeleceram um retorno a Freud, de modos distintos, e investigaram nas bases da psicanálise freudiana os caminhos para, então, superá-la, transformá-la. Transcendê-la.

³⁸³CAMARGO, Luís Francisco Espíndola. AGUIAR, Fernando. “Foucault e Lacan: o sujeito, o saber e a verdade”. In. *Rev. Filos., Aurora*, Curitiba, v. 21, n. 29, p. 531-544, jul./dez. 2009, p. 540.

³⁸⁴FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 40.

³⁸⁵CAMARGO, Luís Francisco Espíndola. AGUIAR, Fernando. “Foucault e Lacan: o sujeito, o saber e a verdade”. In. *Rev. Filos., Aurora*, Curitiba, v. 21, n. 29, p. 531-544, jul./dez. 2009, p. 534.

[aliás]

Pai?

Que jornada essa. A nossa.

Pai?

Você pode me ouvir por mais um pouco de tempo?

Precisamos de um tempo para respirar e recuperar o fôlego.

Você concorda comigo, pai?

Enquanto isso, pai, vou contar a você uma história. Uma breve história.

Outra história.

6 de dezembro de 2017

Estava no metrô (*METROPOLITAN*) rumo ao Théâtre La Villette quando li, na tela do celular, a notícia da morte de Judith Miller, aos 76 anos, ou Judith Lacan, ainda Judith Sophie Bataille. Judith foi a filha de Lacan com a atriz Sylvia Bataille. Ela nasceu poucos meses depois de Sibylle Lacan, a terceira filha de Marie-Louise Blondin, a primeira esposa de Jacques Lacan. Judith, ao nascer, recebeu o sobrenome de Georges Bataille, com quem Sylvia ainda era legalmente casada, apesar de não manter mais um relacionamento com o escritor e de já estar com o psicanalista. Naquela época, a lei francesa não permitia que uma criança fosse registrada – e reconhecida – fora das justas núpcias. Judith, então, não pôde receber o nome do pai-genitor, Jacques, e portou o sobrenome legal do marido da mãe. Jacques não pôde transmitir à Judith o seu sobrenome de pai.

Quem nomeou Judith?

Judith, anos mais tarde, e com a mudança na legislação, em 1964, finalmente, conseguiu passar a ter – pela lei – o sobrenome Lacan. Ao se casar com Jacques-Allain Miller, Judith, filósofa, psicanalista, intelectual, adotou o sobrenome do marido. O casal foi responsável por manter “viva” a obra de Lacan, ainda que sem a sua presença corpórea e a sua palavra. O genro se tornou o seu herdeiro e detentor de seus direitos. Mas essa parte da história, eu sei, já comentei em nossa carta.

Sobre a história de Sibylle, bem, essa parte vai ficar para um pouco mais adiante, na nossa próxima correspondência, precisamente, na segunda carta. É uma história mais longa e necessita cuidado para contá-la.

Independente das “intrigas” de família, ou deixando o plano das fofocas sobre a biografia e a vida em família(s) de Jacques Lacan, é impressionante, para mim, perceber

esses níveis de coincidências (se é que se pode chamar assim e se acreditar em acaso como parte do destino) nas muitas histórias em diferentes planos.

É como se eu traçasse linhas narrativas paralelas e incluísse elementos de ficção e “nós de peripécias” com diferentes pontos de clímax nesse painel vida/arte/escrita/psicanálise. Mas não é isso.

De fato, pensei ser “coincidência” a morte de Judith, a filha “adorada” de Lacan, acontecer quando eu estava residindo em Paris. Talvez, Judith tenha sido a filha que ele nomeou e reconheceu como sua filha – particularizando-a e singularizando-a enquanto sua filha. É impossível não pensar que eu possa ter transitado pelos mesmos lugares e ter frequentado as mesmas *rues*, utilizado o mesmo plano de Metropolitan (atualizado), ter estado-vivido a mesma cidade que essa família Lacan. Ou essas famílias.

E ter caminhado pela Rue de Lille, ter flanado pelo 7ème e, assim como várias pessoas antes de mim e vários outros sujeitos depois de mim, ter parado no número 5 para registrar.

Quando Jacques Lacan saía dessa porta, quem passava por ali?

Desconhecidos.

A filha, Judith?

Um amigo?

Talvez nada disso. A crônica é súdita da memória. Eu já disse essa frase antes. Mas a memória não pode narrar tudo o que a crônica pode. Ou será o contrário? Bom, as imagens acabam por servir (servir de e nos servir) às duas: tanto à memória quanto à crônica – essa crônica de viagem(ns).

É impressionante como a teoria de Lacan reverbera certos ecos por sobre ou sob ou pelas margens das esquinas de sua vida e pelos desvios de seu ser-sujeito. Uma trajetória em deslizamentos. É claro, não estou me assegurando ao biografismo vulgar, tampouco afincando estacas justificatórias de “episódios reais” às suas obras. Apenas estabelecendo conexões e pensando, aqui, em voz alta. E escrevendo esses meus pensamentos em voz alta. Para contar outra história a você, pai.

Lacan como psiquiatra interessou-se desde cedo pelos meandros da loucura. Lacan sendo psicanalista transcendeu a releitura da obra de Freud, o pai-criador da psicanálise. Escreveu e reescreveu a psicanálise, então, lacaniana. Revisitou os próprios conceitos, retificou algumas abordagens, retornou aos próprios escritos, voltou a

repensar as conexões, modificando-as conforme as descobertas o inquietavam e o despertavam para escritas outras e para mais e o mais-além do finito.



5 Rue de Lille

Apesar das dificuldades, sim, foram muitas ao longo dessa trajetória-caminhada, dessa navegação por um mar revolto ao qual eu revolto. Apesar das dificuldades, acredito, pai, ter efetivado esse entendimento por parte da obra e da psicanálise lacaniana. Nunca foi minha pretensão ler a obra toda ou o todo da obra, até porque considero algo improvável nesse dito afirmativo de convicção. São leituras de descoberta e desvelamento a cada parágrafo. Não se alcança o todo, mas, fato, pode-se atingir ótimos níveis de compreensão e perícia no decurso de seus ensinamentos. Há as e os especialistas e pesquisadores (as) de Lacan. Porém, também, há confusão, desentendimento, polêmicas e equívocos. Pelo caminho, deixei vários nomes-próprios de autores(as) que acabaram mais me confundindo do que auxiliando nesse desvelamento.

Penso, ao final, ter escolhido quem me ajudou.

E penso, assim, poder me ajudar a entender você, pai, a compreender isso tudo que é “ser-pai”.

Na verdade, é isso que eu venho fazendo.

Quem é você, pai?

Não busco resposta.

As repostas não vão vir de canoa nem vão voltar de uma terceira margem do rio, tampouco vêm em barco ou seguem trilhas a pé.

Mas busco me encontrar ao encontrar você, pai.

Busco me entender ao entender um pouco de você.

E isso, acredito, venho fazendo com muita vontade.

Espero ter ajudado a você também, pai.

Estou me compreendendo enquanto filha cada vez mais e essa compreensão, a despeito de qualquer eco de uma pretensão orgulhosa, parece me fortalecer para continuar conversando com você, pai.

E continuar a pensar nesse nosso diálogo recém iniciado. Ou retomado.

Você ainda está ouvindo a minha voz nessas palavras escritas e reescritas, pai?

Espero que sim.

Aqui está uma filha.

A filha de um pai.

E essa filha vai continuar.

Eu vou

[e
n
t
r
e]

bilhete ao (meu) pai

Pai, PARIS, 23 DÉCEMBRE 2017
Estou no meu lugar favorito de
Paris, depois de Montmartre, bem em frente
a Shakespeare and Co, com o Sena e a
Notre Dame em ângulos favoráveis. Aqui
está muito bom, daquelas coisas de sul e
sem friedões. Mas desta do café não é bom.
Acho que estar aqui faz parte de um
sonho e um desejo muito antigos e que
acabam se sendo possíveis, não só, por
uma razão. Indistintamente, mas de uma
maneira bem direta. Não, pai, não
me trouxe a Paris, mas se estou em Paris
porque não, porque não, não, não, não
bre o pai - e não também, não e
por ser pai. Não estaria aqui hoje, não
tempo de meus, se não fosse por esse
motivo. E eu penso a dizer isso a você.
Mesmo sabendo que talvez esse bilhete
não seja lido. E sem se saber.
Bom, apesar do frio e, principalmente
dos brócolis que se acham

parisienses, estou muito animada com a
perseguição. Apesar de ansiedade, pois mu-
do de vontade e não ter que recalcular
muito nada. Acho que isso já está na
do bom. Tenho um pouco de medo.
Mas também há o medo, de tanto medo
que me trouxe até aqui. O medo de
me encontrar consigo mesmo enquanto
filha e enquanto filha de um pai pai.
Já estou de brabo de quando pensou
de ir, assim como a tua. Ainda luto
muito mais do que ainda. Ainda luto
e deixo - os não consigo mais e
lorenti. Ainda não consigo mais e
muito mais do que consigo, mas acho
que estou conseguindo. E todo o tempo
é um estranho e melado. Ainda
não pensei no mesmo e sei como e
"monnaie" é importante. Mas tenho como
de que cheguei lá. Com ansiedade
e dificuldade, mas também não acho
que estaria aqui, né?
- VAI SEGUIR

*Correspondência III:
entre relações de poder e relações de desejo*

**ele deveria ser
o primeiro homem que amou na vida
você ainda procura por ele
em todo lugar**

- pai

**uma filha não
deveria ter que
implorar ao pai
por um relacionamento**

rupi kaur

PRIMEIRA CARTA:

Pai, o seu poder está em casa

[Ecos da voz que teme o pai: diálogos com Franz Kafka]

Paris, outono de 2017 e inverno de 2018

Porto Alegre, outono de 2017 e primavera de 2018

Pai,

Medo e insegurança. Esses sentimentos retornam com força dentro de casa. Essa casa compartilhada entre filhos e pais. Entre filhas e pais. Pais, aqui, pai e mãe. Irmãos. Irmãs. Às vezes, tios, tias, avós. Às vezes muita ou pouca gente.

Uma casa de família.

Mas eu não sei, pai, se você está ou não está em casa.

Eu não sei, pai, se quando você está em casa, você realmente está e se sente estando em casa.

Mas eu sei, pai, que em muitos momentos você se sente com muita autoridade em casa. E parece, assim, pai, que você, em casa, e especificamente, em casa, você precisa expressar e manifestar essa autoridade.

Por quê?

Acho que já pensamos vários caminhos de possibilidade para uma talvez ou incipiente compreensão a algumas dessas dúvidas, durante as nossas primeiras correspondências. Pois, agora, pai, eu quero convocar as vozes e as perspectivas das filhas e dos filhos dos romances de literatura brasileira contemporânea que me ajudaram a falar em voz alta – a pensar em voz alta – e a escrever essas correspondências.

As vozes de narradoras e narradores autodiegéticos(as) que me ajudaram a pensar (n)o pai e o pai-e-filho(a) nessas relações de poder e desejo.

A melhor ajuda que eu poderia ter para me pensar como filha.

Talvez por eu ser uma filha da literatura e uma filha da escrita.

[aliás]

**[aliás, de uma carta ao pai ao pai ensina-DOR:
Franz entre André, Alice e José:
uma conversa de filhos(a) entre relações de poder]**

Na abertura de *Lettre au père*, na tradução de Marthe Robert para o francês do clássico texto de Franz Kafka, o autor, nesse caso, autor-filho ou filho-autor, é descrito como “*solitaire, introverti*”³⁸⁶. Além de não ter sido capaz de efetivar um matrimônio ao longo de sua vida – e como as “*lettres*” testemunham – apesar das tentativas de noivado vivenciadas, primeiro com Felice Bauer, entre maio e julho de 1914, e entre julho e dezembro de 1917; depois com Julie Wohryzek, em 1919. Sem mencionar os outros envolvimento, por exemplo, com Dora Diamant e Milena Jesenská, com quem manteve afetiva correspondência até a época de seu falecimento, em 1924, aos 41 anos, em decorrência das complicações da tuberculose.

Conforme Modesto Carone, um dos motivos principais da escritura da extensa carta ao pai (“carta-gigante” – *riesenbrief* – nas palavras de Kafka a Milena³⁸⁷) foi justamente o estremecimento das relações de Kafka com Hermann, em virtude da não-aprovação deste ao noivado com Julie. Hermann teria, então, desqualificado a moça em decorrência de sua condição social inferior, ela era filha de um zelador de sinagoga, Eduard Wohryzek, num subúrbio de Praga. A carta foi escrita em novembro de 1919, quando Kafka estava com 36 anos de idade e estava realizando tratamento de saúde em Schelesen, onde havia conhecido Julie. A carta, porém, só terminou de ser escrita em Praga, quando se deu o retorno de sua licença de saúde e, assim, foi datilografada ao final daquele mês, “deixando, por algum motivo, a última página escrita a mão”³⁸⁸.

O episódio da comunicação aos pais do noivado com Julie é descrito por Franz como uma situação ímpar de humilhação e desprezo vindos do pai: “Difícilmente você me humilhou mais fundo com palavras do que dessa vez, nunca o seu desprezo se mostrou mais nítido para mim”³⁸⁹. Seguido da conclusão de que não significava nada a sua escolha pela moça, pois o pai considerava o filho incapaz de tomar boas decisões, o escritor vai mencionar o conselho

³⁸⁶ KAFKA, Franz. *Lettre au père*. Traduction Marthe Robert. Paris: Gallimard, 2016.

³⁸⁷ CARONE, Modesto. “Uma carta notável – Posfácio”. In. KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 80

³⁸⁸ Ibid., p. 81.

³⁸⁹ KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 64.

“abominável, grosseiro e ridículo”³⁹⁰ recebido em função da “vergonha” ao nome da família se o casamento com “uma qualquer” acontecesse. A ideia do matrimônio está exposta na carta entre o paralelo da “autolibertação e independência” em conseguir “ter” uma família, “o máximo” que se poderia alcançar, e, por outro lado, “algo excessivo”, pois “não se pode conseguir tanta coisa assim”³⁹¹.

Pelo matrimônio efetivado, Franz seria igual ao pai, Hermann: “também o máximo que você alcançou; eu seria igual a você”³⁹². É nessa perspectiva dualista sobre o matrimônio posto em paralelo à situação com seu próprio pai que o filho não consegue conceber se, fugir ou transformar a prisão em um castelo de prazeres, é de fato uma possibilidade para si mesmo. Assim como todo o exemplo positivo do casamento dos pais tinha, para Franz, um status de alto conceito, às beiras do inatingível, esse mesmo exemplo, porém, não acontecia na relação do pai com os filhos, “o que na verdade é o tema de toda esta carta”³⁹³. O pai, portanto, estava sempre a repetir um “vá embora!”³⁹⁴ com sinceridade ao filho, mas, em virtude da força de seu temperamento, acontecia o contrário, e o filho sentia-se retido em seu domínio e subjugado por seu poder.

Se eu quiser me tornar independente, na relação especial de infelicidade em que me encontro com você, preciso fazer alguma coisa que não tenha a menor ligação possível com a sua pessoa; o casamento é sem dúvida o que há de maior, e confere a autonomia mais honrosa; mas também está, ao mesmo tempo, na mais estreita vinculação com você. Por esse motivo, querer sair daí tem algo de delirante, e qualquer tentativa é quase punida com a loucura. É justamente essa relação estreita que me atrai para o casamento. A igualdade que então surgiria entre nós, e que você poderia compreender como nenhuma outra, eu a imagino tão bela porque então seria um filho livre, grato, sem culpa, sincero, e você um pai sem angústia, não despótico, compreensivo, satisfeito. Mas ara chegar a esse objetivo, tudo o que aconteceu teria de ser apagados. Assim como somos, porém, o casamento me está vedado pelo fato que ele é precisamente o seu domínio mais próprio³⁹⁵.

A carta de Kafka está ancorada nessa ambiguidade bastante apropriada e própria das discursividades (entre saberes e verdades) de pais-e-filhos: entre culpar o pai e se auto-culpar pelo mau-relacionamento de ambos; entre apontar a agressividade e o despotismo do pai, por um lado, e, por outro, se auto-acusar de ser o próprio agressor, enquanto o pai, assim, estaria apenas em um modo de autodefesa, pois, com franqueza, teria a vontade de ser “supersensato”

³⁹⁰ Ibid., p. 64.

³⁹¹ Ibid., p. 67.

³⁹² Ibid., p. 67.

³⁹³ Ibid., p. 68.

³⁹⁴ Ibid., p. 65.

³⁹⁵ Ibid., p. 67-68.

e “superafetuoso”³⁹⁶ para com o filho. Mas essa ambiguidade também revela um traço estilístico da escrita irreverente, metafórica, alegórica e irônica de Franz ao explicar sobre Hermann. Ele chega, inclusive, a compará-lo a um “soldado profissional”, no sentido de um inseto parasita que, além de picar, suga todo o sangue para conservar sua vida.

Kafka empreende uma autoanálise na análise elaborada ao pai, especialmente, ao atribuir a Hermann argumentos que corroborariam à oposição sentida e manifesta no filho pelo pai, alegando e presumindo, com isso, o que o progenitor viria a justificar e falar sobre as suas atitudes. Em suma, Franz prevê, em seu discurso, como seria a posição do pai no sentido de nada mais estar fazendo além de ajudando-o, pois, como no episódio do casamento, ele não queria mesmo se casar e a objeção do pai seria, em verdade, um estímulo para o filho transgredi-la.

O escritor, então, revela, ao final, que a desconfiança do pai a respeito das outras pessoas não vem do progenitor, mas dele mesmo, de sua autodesconfiança, em conformidade à educação paterna recebida. Do mesmo modo como essa objeção toda sentida pelo pai originava-se do próprio Franz. É claro que esses sentimentos e essa linguagem elaborada para falar por esses sentimentos não pode ser compreendida como num “jogo de paciência”³⁹⁷, não pode, assim, ser pensada estritamente pela via do literal e do é isso ou aquilo, sobretudo. Reside, aí, justamente, linguagem e produção de discursividade.

Os indícios da autoridade exacerbada do pai Hermann, como uma presença superposta, uma superpresença, uma presença em demasia marcada no corpo e na subjetividade do filho Franz estão por toda a carta: em sinais de humilhação, de desprezo, em cenas de espezinhamento, de subjugação, de menosprezo. Como uma necessidade de autoafirmação da voz paterna enquanto patriarca, enquanto *patria potestas*, no seio de uma família pequeno-burguesa da Europa entre o final do século XIX e o começo do século XX, nessa transição.

Tais registros são plenamente observáveis na obra ficcional do escritor Franz Kafka: as figuras burocráticas, do poder e da lei são associadas à tirania e à autoridade paternalistas – na total falta de liberdade, autonomia e objetividade que culminam na desumanização absurdística do mundo moderno e alienante. “Mas é por intermédio da extraordinário imagem

³⁹⁶ Ibid., p. 72.

³⁹⁷ Ibid., p. 74.

do pai estendido sobre o mapa-múndi que Kafka consegue figurar na *Carta* tanto a falta de espaço do filho oprimido quanto a violência sem fronteira da dominação”³⁹⁸.

Não se pode esquecer, porém, o valor das projeções do filho em relação ao pai e como e quanto pode haver de contribuição de sentimentos, imagens e construções psíquicas – fantasias – sádicas em um e masoquistas em outro para que esse relacionamento pudesse acontecer na forma de dominação-subjugação. Em que bases isso poderia acontecer? Será que era somente nesse jogo de forças que o poder se exercia, apenas de cima para baixo, de uma vontade suprema e soberana do pai ao aniquilar o filho submisso, cuja autoimagem e autoestima eram deficitárias e carentes? Não cabe, aqui, buscarmos respostas ou caminhos propícios de interpretação, pois não estamos depositando a nossa atenção somente em Kafka. Os questionamentos servem como pistas para o diálogo com as personagens e os personagens narradores autodiegéticos dos romances brasileiros contemporâneos.

“Transformado pelo pai em filho deste século [XX], Kafka deu o passo adiante, próprio do artista, e se tornou um poeta (crítico) da alienação. Não é pouco para quem se considerava um fracasso”³⁹⁹. É nesse sentido que os ecos de Kafka, um filho de um pai despótico, e da *Carta ao pai*, podem ressoar nas relações de poder observadas nas narrativas de André, em *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar (1975); Alice, de *Reunião de família* (1982), de Lya Luft; e, em especial, do narrador de *Ribamar* (2010), identificado ao próprio autor – José Castello.

[aliás]

Em que pese aqui, nessas nossas correspondências, pai, o jogo fortuito e produtivo entre a ficção literária e a “realidade-factual” como uma via de mão-dupla, de influências recíprocas e de efeitos passíveis de aproximação e correlação. Pois não estamos investigando o que é “próprio” ou “intrínseco” de cada modalidade e sua especificidade, estamos, em ato e palavra – e cartas – propondo esse diálogo e esse jogo.

Personagens e filhos(a) e autores que compartilham sensações e sentimentos em comum: temem o pai, sentem-se oprimidos pelo pai, manifestam a insegurança diante de sua autoridade devoradora, acusam o pai de ensinar-lhes a dor e o sofrimento, manifestam e enxergam-se como filhos e filha “irrelevantes” perante à força e presença desse pai, “fracassados” na vida, diminuídos enquanto filhos(a) e enquanto sujeitos frente ao poder do pai. Desse pai. Devorador. Desse modelo de pai.

³⁹⁸ CARONE, Modesto. “Uma carta notável – Posfácio”. In. KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 79.

³⁹⁹ Ibid., p. 80

O pai ensina-DOR.

[aliás]

Em uma passagem da *Carta ao pai*, Franz vai falar sobre a ausência de violência física, mas como a simples presença paterna já o intimidava: “É fato também que você nunca me bateu de verdade. Mas os gritos, o enrubescimento de seu rosto, o gesto de tirar a cinta e deixá-la pronta no espaldar da cadeira para mim eram quase piores”⁴⁰⁰. Diante do corpo viril do pai, o seu sentimento é de inferioridade: “Já estava esmagado pela simples materialidade do seu corpo. Lembro-me por exemplo de que muitas vezes nos despíamos juntos numa cabine. Eu magro, fraco, franzino, você forte, grande, largo”⁴⁰¹. Em certo momento, ele vai falar sobre a relação com a mãe: “É certo que minha mãe era de uma bondade ilimitada comigo, mas para mim tudo isso estava relacionado com você, ou seja, numa relação nada boa. Inconscientemente ela exercia o papel de isca na caça”⁴⁰².

Por outro lado, o filho reconhece os bons momentos junto ao pai e as qualidades no pai, apesar de “raros”: “Felizmente havia também exceções a isso, sobretudo quando você sofria em silêncio e o amor e a bondade superavam com a sua força qualquer oposição e comoviam de forma imediata. Embora raro, era maravilhoso”⁴⁰³. Vale mencionar a sensação de Franz a respeito da educação recebida pelo pai: “O resultado exterior imediato de toda essa educação foi que fugi de tudo o que, mesmo à distância, lembrasse você. Primeiro foi a loja”⁴⁰⁴. E como essa superpresença paterna o afastava dos ambientes em comum e de certa afetividade entre pai-e-filho: “Mas quando aos poucos você foi me aterrorizando por todos os lados e a loja e a sua pessoa se tornaram para mim uma coisa só, então também ela já não era mais acolhedora”⁴⁰⁵.

Pois é de fuga e retorno que também vamos falar. A trama de *Lavoura arcaica* (1975) inicia-se com a fuga de André da casa da família – a primeira parte do romance intitulada “A partida”. É a partir dessas ideias associadas de fuga de casa, de fuga da família, da educação imposta pelo pai, da casa como sendo a casa da família e a família do pai, da relação ambígua com o pai – de ódio e idolatração, da relação desejosa de filho e mãe e da relação incestuosa de irmãos: dessas genealogias de desejos e dessas relações de poder que podemos pensar em como a *Carta ao pai*, de Franz Kafka, demanda certos ecos à tragédia de André. Uma fazenda

⁴⁰⁰ KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 30.

⁴⁰¹ Ibid., p. 14.

⁴⁰² Ibid., p. 29.

⁴⁰³ Ibid., p. 27.

⁴⁰⁴ Ibid., p. 32.

⁴⁰⁵ Ibid., p. 32.

como cenário da fábula do filho pródigo que retorna à casa do pai. Uma narrativa com elementos de tragicidade, em que a forma se equivale à matéria, com uma linguagem exaltada e uma “estética do extremo”⁴⁰⁶, correspondente à estilística singular de Raduan Nassar.

A fábula do filho pródigo, Caim, é utilizada a fim de evocar a fuga de André da casa da família, e a sua volta para a fazenda localizada próxima a uma estrada em um ambiente essencialmente rural em uma região de imigração árabe. Mas André não é o primogênito, é o quinto filho, entre sete irmãos: Pedro, Rosa, Zuleika, Huda, Ana e Lula. Rosa é a mais velha entre as irmãs e Lula é o caçula. Não conhecemos o nome da mãe e apenas vamos descobrir o nome do pai no penúltimo capítulo da segunda parte: Iohána.

Conforme os elementos que o texto fornece, trata-se de uma família de origem libanesa, porém, de orientação religiosa cristã. Nesse intercuro entre o multiculturalismo e o ecumenismo⁴⁰⁷, aparecem elementos da tradição cultural árabe-libanesa, da devoção católica e de costumes brasileiros, como nas duas cenas espelhadas em que se dança “dabke”, uma dança de roda nacional no Líbano; na leitura dos sermões bíblicos feita pela pai; na alusão à festa do retorno de André como sendo uma Páscoa – o momento de ressurreição; no terreno da fazenda com uma capela; nas palavras misturadas, “maktub” – tudo está escrito; nas passagens citadas do *Alcorão*: “Vos são interdidas: vossas mães, vossas filhas, vossas irmãs (Surata IV, 23)”⁴⁰⁸.

Lavoura arcaica (1975) é, sem dúvida, um livro de grande repercussão da crítica literária brasileira, reconhecido por diferentes premiações⁴⁰⁹ e com fortuito repertório de pesquisas acadêmicas. Por isso, aqui, a atenção está destinada especificamente no âmbito das relações de poder nessa microsociedade familiar endogâmica e cerrada em si mesma e no relacionamento de filho e pai, sem deixarmos, contudo, de mencionar aspectos fundamentais, tais como a estrutura narrativa, o enredo e características que o transformaram num livro fundamental na história da literatura brasileira contemporânea: um projeto de grande

⁴⁰⁶ SANSEVERINO, Antônio Marcos V. “Uma estética do extremo”. In.: *Nau literária*. PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre – Vol. 01 N. 01 – jul/dez 2005.

⁴⁰⁷ Esse multiculturalismo e ecumenismo entre imigração árabe, cristianismo e tradições brasileiras também pode ser observado como característica presente na obra do escritor amazonense contemporâneo Milton Hatoun, por exemplo.

⁴⁰⁸ NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. In.: *Obra completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 147.

⁴⁰⁹ Dentre as premiações estão: o prêmio “Coelho Neto” para romance, da Academia Brasileira de Letras, cuja comissão julgadora tinha como relator o crítico e ensaísta Alceu Amoroso Lima, conhecido como Tristão de Athayde; o prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro (na categoria de Autor Revelação) e Menção Honrosa e também Autor Revelação da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Em 2016, Raduan Nassar ganhou o prêmio Camões. O livro tem traduções na Espanha, França, Alemanha e outros países. E em 2001, houve a adaptação cinematográfica com direção e roteiro de Luiz Fernando Carvalho. O filme *Lavoura arcaica* recebeu mais de 50 prêmios e entrou para a lista dos 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos, eleitos pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine), em 2015.

sofisticação e de apurado trabalho de linguagem experimental, segundo Karl Erik Schøllhammer, evocado no começo dessas correspondências.

A narrativa, portanto, está estruturada em duas partes: dos capítulos 1 até 21, “A Partida”, e dos capítulos 22 até 30, “O Retorno”. Conforme atesta Antônio Marcos Sanseverino⁴¹⁰, André pode ser entendido, de certo modo, cindido, entre André narrador e André personagem, cuja narrativa ele começa a contar depois do fim, ou seja, depois que a tragédia já se sucedeu, depois que a morte veio se abater sobre o seio da família com o objetivo de restaurar a ordem patriarcal rompida pela *hybris*. Depois que o próprio André apreende em si o aprendizado exposto no sermão do pai à mesa (no capítulo 9), incorpora e expressa a palavra do pai como seu ensinamento, o pai já morto (“Em memória de meu pai, transcrevo as suas palavras”⁴¹¹), repetindo-as em ritmo de parábola bíblica, na intenção de compreender o tempo, esse tempo como destino inquestionável, que “habilmente emprega em suas transformações, não questionando jamais sobre seus desígnios insondáveis, sinuosos, como não se questionam nos puros planos das planícies as trilhas tortuosas, debaixo dos cascos, traçadas nos pastos pelos rebanhos: que o gado sempre vai ao poço”⁴¹².

Assim como o gado sempre vai ao poço, a família vai ao pai (“e que para manter a casa erguida era preciso fortalecer o sentimento do dever, venerando os nossos laços de sangue, não nos afastando da nossa porta, respondendo ao pai quando ele perguntasse”⁴¹³), o filho retorna à casa (“estamos indo sempre para casa”⁴¹⁴), o tempo é o verdadeiro senhor (“O tempo é o maior tesouro de que um homem pode dispor”⁴¹⁵), e não há outra forma de amor senão o amor da e na família: “que o amor na família é a suprema forma de paciência; o pai e a mãe, os pais e os filhos, o irmão e a irmã: na união da família está o acabamento dos nossos princípios”⁴¹⁶.

E é no tom da linguagem extremada, exaltada, exasperada, frenética, profética; no tom da oralidade cantada da liturgia, do ritual místico, da cerimônia espiritualística, da parábola bíblica; no tom da linguagem do delírio de um “epilético”, “um convulso”, “um possesso”, aquele que “traz o demônio no corpo”⁴¹⁷ (“eu sou um epilético”) fui explodindo,

⁴¹⁰ SANSEVERINO, Antônio Marcos V. “Uma estética do extremo”. In.: *Nau literária*. PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre – Vol. 01 N. 01 – jul/dez 2005.

⁴¹¹ NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. In.: *Obra completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 197.

⁴¹² *Ibid.*, p. 198.

⁴¹³ *Ibid.* p. 25.

⁴¹⁴ *Ibid.*, p. 38.

⁴¹⁵ *Ibid.*, p. 55.

⁴¹⁶ *Ibid.*, p. 63.

⁴¹⁷ *Ibid.*, p. 44.

convulsionando mais do que nunca pelo fluxo violento que me corria o sangue”⁴¹⁸), que a forma narrativa apresenta lirismo e dramaticidade; obscurantismo, esoterismo e transcendência; circularidade e repetição míticas. Canto e palavra. Palavra e rito. Linguagem repleta de retórica e com pontuação própria dos deslimites e das desbordadas, pois é na ausência de pontos finais e no excesso de vírgulas e ponto-e-vírgula que o encadeamento de palavras e frases e ideias e imagens e significados e mais imagens e figuras de linguagem e de efeito, acontece sem parar, incessantemente, em ritmo vertiginoso. Capítulos compostos de um parágrafo só e uma ordem sintática que, à primeira vista, parece desalinhada ou pronta a confundir leitoras e leitores – ouvintes desse canto-relato-ritual mítico-lírico-trágico. Partícipes dessa comunhão da palavra, testemunhas e agentes de significação: essa é uma narrativa que exige participação ativa. É pela hibridização dos discursos que se pode identificar uma junção, confluência, “irmanização”, essa tentativa desesperada e agônica da fusão (irreduzível) do eu no outro e do semelhante no igual: da *alteridade intransponível*⁴¹⁹. Da síntese impossível. Alcançada, em algum grau, no sonho, no delírio, na loucura e na arte. Sobretudo, na morte.

“A partida” começa *in media res* situando o narrador autodiegético e personagem André já longe da fazenda, em pleno momento de gozo orgástico, deitado no chão de um quarto de pensão barata, quando o ato da masturbação é interrompido pela chegada – entrada – de seu irmão, Pedro, para resgatá-lo e levá-lo de volta à casa da família. Pedro não é apenas o enviado do pai e da família, mas é o irmão mais velho, é o representante dessa ordem paternalista, é o sucessor do pai, é, em outra medida, o pai mesmo. Essa primeira parte da narrativa é conduzida pelo diálogo entre os dois irmãos, marcado graficamente no texto por aspas, e, sobretudo, pelos monólogos do narrador endereçados ao irmão, esse ouvinte atento (e temeroso) de suas “confissões”, de suas narrativas de desejo. Nos monólogos, André faz alusão aos rastros de memória, às cenas e aos episódios acontecidos na casa da família, em movimentos de analepses, e cuja linguagem delirante, às vezes sonâmbula, às vezes insone, entre sono-e-vigília, acima de tudo, violenta, extremada e convulsiva, dá conta de um *continuum* (e circular) contar, narrar, confessar, fazer testemunhar pela palavra.

⁴¹⁸ Ibid., p. 43.

⁴¹⁹ De fato, a partir da identificação com o *absolutamente* outro, a linguagem reproduz antinomias irreduzíveis, nas quais os signos de súbito absorvem o seu contrário e seu opõem a si. No entanto, a presença desse falso absoluto – enquanto alteridade intransponível –, longe de transcender as contradições histórico-sociais, possui viés localizado e relativo. (...) a virtualidade metafísica – enquanto referência ao espectro mágico-religioso – é inerente à matéria elaborada pelo autor, caracterizada por oscilações e dualidades extremadas, que embaralham a ordem do *mesmo* e do *outro*. SANTOS, Maurício Reimberg dos. *A exasperação da forma: Estudo sobre Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013, p. 14.

Pedro é descrito pelo narrador como integrante da “linhagem” paterna, descendendo dessa parte da ordem civilizatória e do trabalho. De acordo com a disposição da família na mesa, fosse para as refeições ou fosse na hora dos sermões, André, assim, especificava os irmãos: estando o pai à cabeceira, à sua direita, por ordem de idade, Pedro, Rosa, Zuleika e Huda; à esquerda, seguindo a “linhagem” materna, ele mesmo, Ana e Lula. A mãe era, então, entendida como essa representante da afetividade, da sensualidade, da desordem do mundo e da ruptura da família: “O galho da direita era um desenvolvimento espontâneo do tronco, desde às raízes; já o da esquerda trazia o estigma de uma cicatriz, como se a mãe, que era por onde começava o segundo galho, fosse uma anomalia, uma protuberância mórbida, um enxerto junto ao tronco talvez funesto, pela carga de afeto”⁴²⁰. A ascendência de Pedro, porém, constituía-se antes ainda do pai, senão a partir do avô, o grande patriarca, “esse velho esguio talhado com a madeira dos móveis da família”⁴²¹, “o veio ancestral”⁴²², enquanto vivo ocupava o outro lado da mesa, a outra cabeceira e, mesmo depois da sua morte, “seria exagero dizer que sua cadeira ficou vazia”⁴²³.

A família, portanto, estava marcada pela dualidade arcaica razão-emoção, pela ambivalência corpo-alma, pela oposição cultura-natureza, explícita na linhagem que vai transgredir a ordem: o próprio André, Ana e Lula. A divisão das ocupações e das tarefas, do trabalho e do sustento, estava, igualmente, arregimentada sobre os pilares da tradição patriarcal, enquanto os homens cuidavam da terra (a lavoura), as mulheres cuidavam da casa e, por consequência, dos homens que cuidavam e sustentavam a casa e a elas, protegendo-as, mantendo-as sob os limites físicos da família, preservando aquele “clã”, aquela microsociedade, de um modo, sobretudo, endogâmico. Quando André retorna ao templo sagrado da família, por exemplo, vai ser recebido pelas irmãs com tamanho zelo e idolatração, com exceção de Ana, a quem ele não vai ver naquela noite: “(...), me sentando logo no caixote, e, enquanto Rosa, atrás de mim dobrada sobre meu dorso, atravessava os braços por cima dos meus ombros pra me abrir a camisa, Zuleika e Huda, de joelhos, dobradas sobre meus pés, se ocupavam de tirar os meus sapatos e minha meias”⁴²⁴.

A partida de André de casa, sua angústia de sujeito, sua violência impulsiva de jovem, seu estilhaçamento enquanto homem, sua fuga da família, começam nesse amor exacerbado,

⁴²⁰ NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. In.: *Obra completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 158-159.

⁴²¹ *Ibid.*, p. 48.

⁴²² *Ibid.*, p. 48.

⁴²³ *Ibid.*, p. 159.

⁴²⁴ *Ibid.*, p. 155.

impossível, imenso e desmedido, sentido e nutrido no interior mesmo daquela “catedral”, primeiramente, pela mãe (“eu e a senhora começamos a demolir a casa”⁴²⁵), e depois, pela irmã, Ana (“impaciente, impetuosa, o corpo de campônia, a flor vermelha feito um coalho de sangue prendendo de lado os cabelos negros e soltos, essa minha irmã que, como eu, mais que qualquer outro em casa, trazia a peste no corpo”⁴²⁶).

Mas André, em verdade, não tinha por desejo romper e transgredir o arranjo familiar, simplesmente, apesar do enfrentamento ao pai como o sujeito da lei soberana, o *patria potestas*, a autoridade da palavra, ou seja, da verdade, e desse poder-saber do tempo, o seu desejo era, inversa e ambivalentemente, ter um lugar na família, ocupar um lugar naquela casa e na mesa, do qual ele sentia-se exilado, externo, excluído, alheio, fora, no não-lugar dos filhos cuja marca na testa indica a prole perdida, extraviada, fracassada, a “ovelha tresmalhada”. Ao mesmo tempo que desejava sair da casa do pai e não ouvir mais seus sermões, não precisar mais esperar o tempo pacientemente, não precisar mais trabalhar na lavoura, honrar o pão na mesa, André queria isso tudo. Essa é a característica eminente do romance de Raduan Nassar: a ambivalência dos desejos e a dualidade das forças. Característica igualmente expressa na forma (forma-matéria) e na estrutura narrativa.

Ana, a irmã, é o *leitmotiv* do enredo. Ana, a irmã, é a figura da desonra. Ana, a irmã, é a mulher demoníaca e sedutora. Ana, a irmã, é a expiação do crime do pai – uma Ifigênia imolada. Ana, a irmã, é a vítima da punição pela desordem – o animal sacrificado – a divindade feminina expurgada pelo patriarcado. Ana, a irmã, também pode ser um Cristo tombado em nome do deus-pai. Ana é o corpo do incesto. Ana é o elemento erótico e o elemento tanático. Ana é a manifestação da libido e da pulsão não-recalcada. Ana é, acima de tudo, o desejo louco do amor. Ana significa “eu” em árabe e, desse nome, a crítica literária aponta para duas linhas de associações⁴²⁷: a primeira delas, com André, Ana sendo o seu duplo, seu reflexo no espelho, seu oposto – o seu “eu” no outro; a segunda, com o “nome do pai” Iohánna – Ana estaria no pai? Ou o pai estaria em Ana? Qual a ligação entre eles? O assassinato violento e brutal de Ana é o resultado do crime do pai perverso, a fim de impedir a

⁴²⁵Ibid., p. 70.

⁴²⁶Ibid., p. 32-33.

⁴²⁷Cabe-nos levantar algumas hipóteses de leitura. Em primeiro lugar, a crítica (PERRONE-MOISÉS, 1996; SEDLMAYER, 1999) identifica o nome de Ana (eu em árabe) como uma pista do vínculo dela com André, como um desdobramento do personagem masculino. Em segundo lugar, Ana não fala em nenhum momento. Ela aparece na dança, na relação sexual com André, na igreja rezando. Seus gestos são registrados, mas ou ela não diz palavra ou a ela não é concedida palavra. Em terceiro lugar, a dança de Ana (sensual e sedutora) representa o princípio e o fim do romance, no momento de embriaguez da festa e da sedução, a manifestação da sexualidade leva o pai a matá-la. SANSEVERINO, Antônio Marcos V. “Uma estética do extremo”. In.: *Nau literária*. PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre – Vol. 01 N. 01 – jul/dez 2005, p. 6.

manifestação da sensualidade, da embriaguez e do “mundo das paixões” na família. Para restaurar a ordem transgredida.

A personagem tem a característica compositiva de não falar durante o romance todo. Conhecemos a sua “psicologia” plana e tipificada, sua exterioridade, sobremaneira, pela perspectiva do narrador apaixonado. Em seu total mutismo⁴²⁸, Ana é ambivalente, cedendo ao incesto na antiga casa da família e, imediatamente após, na capela rezando, recusa a devoção do amor e a “transformação” da qual o irmão se dizia disposto a realizar para, então, merecer a sua concordância e complacência. Uma ovelha desgarrada que gostaria de voltar ao rebanho e obedecer ao pastor, assim André se colocava frente a irmã. Seu apelo desesperado, sua revolta virulenta, porém, não causam efeito em Ana, que foge da capela e segue sem dizer absolutamente nada. Ao irmão, Pedro, o narrador confessa o motivo de sua partida e o grande motivo de sua perdição: “‘Era Ana, era Ana, Pedro, era Ana a minha fome’ (...) ‘era Ana a minha enfermidade, ela a minha loucura, ela o meu respiro, a minha lâmina, meu arripio, meu sopro, o assédio impertinente dos meus testículos’⁴²⁹”. Antes de Ana, contudo, foi a mãe, esse objeto do desejo de André.

A mãe que também é sujeito do desejo pelo filho, e do amor ao filho não se separa: “(...) continuei calado, e com a memória molhada só lembrei dela me arrancando da cama ‘vem coração, vem comigo’ e me arrastando com ela pra cozinha (...), era entre as pontas dos dedos grossos que ela apanhava o bocado de comida pra me levar à boca ‘é assim que se alimenta um cordeiro’⁴³⁰”. Em uma relação edípica facilitada pelo enclausuramento das mulheres da e na família, é na irmã que o filho-irmão projeta, reconhece, transfere o amor original da e pela mãe. Essas mulheres não estão apenas a um só tempo condicionadas aos desejos e caprichos daqueles homens, elas estão privadas do exterior como impelidas às relações internas e delas dependem, porque nenhum pai ou irmão desejaria “ceder”, pela prática do “dom” (aspecto da exogamia), a mãe e as irmãs para outros homens, estes que vêm de fora. Elas, por sua vez, mantêm firme esse laço de sangue e de amor ne e da família.

É pelo aspecto do milagroso, do mágico, do transcendental, que André vai insistir com Ana na confirmação do incesto como a união da família e a expressão da palavra do pai sobre

⁴²⁸ O mutismo de Ana, registrado a parti do olhar de André, não aponta apenas para o evidente confinamento da mulher sob essa estrutura social. Do nível temático para as questões de forma, vimos com José Antonio Pasta Jr., como esse silenciamento é uma pré-condição desse contrato de leitura, por meio do qual se antevê uma esterilidade anterior à individuação. SANTOS, Maurício Reimberg dos. *A exasperação da forma: Estudo sobre Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013, p. 47.

⁴²⁹NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. In.: *Obra completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 111.

⁴³⁰Ibid., p. 40.

o amor apenas possível de realização dentro da própria casa. André tenta convencer a irmã de que não fizeram nada de errado e apenas seguiram a ordem natural da infância:

(...)“foi um milagre o que aconteceu entre nós, querida irmã, o mesmo tronco, o mesmo teto, nenhuma traição, nenhuma deslealdade, e a certeza supérflua e tão fundamental de um contar sempre com o outro no instante de alegria e nas horas de adversidade; foi um milagre querida irmã, descobrirmos que somos tão conformes em nossos corpos, e que vamos com nossa união continuar a infância comum, sem mágoa para nossos brinquedos, sem corte em nossas memórias, sem trauma para a nossa história; foi um milagre descobrirmos acima de tudo que nos bastamos dentro dos limites de nossa própria casa, confirmando a palavra do pai de que a felicidade só pode ser encontrada no seio da família; foi um milagre, querida irmã, e eu não vou permitir que esse arranjo de destino se desencante, pois eu quero ser feliz, eu, o filho torto, a ovelha negra que ninguém confessa, o vagabundo irremediável da família, mas que ama a nossa casa, e ama esta terra, e ama também o trabalho, ao contrário do que se pensa (...)”⁴³¹.

Na segunda parte da narrativa, “O Retorno”, predominam algumas cenas com mais ação – no presente – entre os personagens e certos diálogos marcados graficamente por travessões indicam agilidade no discurso. Esse discurso, antes, concentrado e mais restrito ao domínio do narrador autodiegético e seus delírios e suas fantasias, suas confissões ao irmão Pedro e seus pensamentos mais íntimos, de quem e do que se origina e descende e germina e brota do “resto”, da escatologia, “cheirando a estrume”: “Onde eu tinha a cabeça? (...) Não era de feno, era numa cama bem curtida de composto, era de estrume meu travesseiro, ali onde germina a planta mais improvável, certo cogumelo, certa flor venenosa, que brota com virulência rompendo o musgo dos textos dos mais velhos”⁴³².

A palavra do pai. A palavra do patriarca engendra na família essas relações de desejo incestuosas e essas relações de poder hierárquico e da lei soberana. Na manutenção do poder da lei paterna. É pela palavra do pai que a lavoura da família cresce e garante o seu alimento. Assim como o bom trigo, a erva-daninha cresce junto (“A terra, o trigo, o pão, a mesa, a família (a terra); existe nesse ciclo, dizia o pai nos seus sermões, amor, trabalho, tempo”⁴³³). O pai configura-se pela e na palavra, testemunhada pelo filho, e como sendo o grande portador da palavra, seja a palavra bíblica dos sermões na leitura feita na mesa (o seu púlpito), seja a palavra da parábola do homem faminto (seu ensinamento) (capítulo 13), seja a palavra proferida para o filho rebelde que retorna. O embate, pela palavra, entre o pai e o filho acontece no capítulo 25. Segundo observa Sanseverino, o valor e o peso da palavra de pai e da palavra de filho, nessa sequência arranjada como um debate em tempo dramático, é o mesmo,

⁴³¹Ibid., p. 122.

⁴³²Ibid., p. 52-54.

⁴³³Ibid., p. 185.

ou seja, não há o predomínio de um sobre o outro ou de maior força em virtude de posições hierárquicas ou funções sociais⁴³⁴. O argumento está na fala.

Do lado do pai, há a defesa da tradição, da obediência, das regras e normatizações, da paciência como maior virtude do homem, do equilíbrio, da ordem, da palavra certa colocada na hora certa. Do lado do filho, André, há a ruptura, o rompimento da ordem patriarcal, a impaciência juvenil, a desobediência filial, o desequilíbrio de um sujeito fragmentado, o desvio daquele inadaptado ao sistema fechado em si mesmo, da palavra explosiva, obscura, polissêmica, dúbia, escorregadia. O impasse se dá no choque de perspectivas de mundo encontradas em cada um, pois, para o pai, é necessário que haja renúncia ao “mundo das paixões”, é preciso o sacrifício aos desejos e caprichos, é preciso o trabalho dignificante, é preciso valorizar a família.

Para o pai, é preciso a dor: “Meu pai sempre dizia que o sofrimento melhora o homem, desenvolvendo seu espírito e aprimorando sua sensibilidade; ele dava a entender que quanto maior fosse a dor tanto ainda o sofrimento cumpria sua função mais nobre”⁴³⁵. Por outro lado, o filho não se arrepende de ter rompido com a ordem e ter saído do seio familiar para explorar o mundo e conhecer os prazeres e os desprazeres. Ainda assim, por um desejo e uma força interna ambivalentes, o filho volta para casa e busca ali o seu lugar: “André quer um espaço para se realizar fora dos padrões familiares, mas ao mesmo tempo não consegue se separar da família, assim, ao retornar, o conflito insolúvel é inevitável”⁴³⁶.

– Você sempre teve aqui um teto, uma cama arrumada, roupa limpa e passada, a mesa e o alimento, proteção e muito afeto. Nada te faltava. Por tudo isso, ponha de lado essas histórias de famintos, que nenhuma delas agora vem a propósito, tornando muito estranho tudo o que você fala. Faça um esforço, meu filho, seja mais claro, não dissimule, não esconda nada do teu pai, meu coração está apertado também de ver tanta confusão na tua cabeça. Para que as pessoas se entendam, é preciso que ponham ordem em suas ideias. Palavra com palavra, meu filho.

– Toda ordem traz uma semente da desordem, a clareza, uma semente da obscuridade, não é por outro motivo que falo como falo. Eu poderia ser claro e dizer, por exemplo, que nunca, até o instante em que decidi o contrário, eu tinha pensado e deixar a casa; eu poderia ser claro e dizer ainda que nunca, nem antes e nem depois de ter partido, eu pensei que pudesse encontrar fora o que não me davam aqui dentro.

– E o que é que não te davam aqui dentro?

– Queria o meu lugar na mesa da família.⁴³⁷

⁴³⁴ SANSEVERINO, Antônio Marcos V. “Uma estética do extremo”. In.: *Nau literária*. PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre – Vol. 01 N. 01 – jul/dez 2005, p. 5.

⁴³⁵ NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. In.: *Obra completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 175.

⁴³⁶ SANSEVERINO, Antônio Marcos V. “Uma estética do extremo”. In.: *Nau literária*. PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre – Vol. 01 N. 01 – jul/dez 2005, p. 5.

⁴³⁷ NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. In.: *Obra completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 162.

Pai e filho, desse modo, comungam na palavra as contradições de gerações e os afetos ambivalentes de amor e ódio, de aprovação e desaprovação, de desejo e poder, na mesma hóstia consagrada de trigo e no mesmo cálice santo do vinho: do apolíneo ao dionisíaco. Provocando e ecoando efeitos recíprocos. Pois vai ser justamente quando a palavra faltar a esse pai que o gesto violento, a ira desmedida, a fúria descontrolada, vão tomá-lo em surto e esse pai vai matar a filha Ana, que dançava voluptuosamente na festa de comemoração ao retorno do filho pródigo, na páscoa de André. Ana tinha encontrado nos pertences do irmão as lembranças das prostitutas com quem andara (“a gargantilha de veludo roxo apertando-lhe o pescoço”⁴³⁸) e, vestida assim, em uma repetição da cena da dança de roda, ao som da flauta encantatória e no transe delirante, ela vai ser golpeada pelo próprio pai. Em uma repetição trágica a partir de um fechamento narrativo circular, a morte chega na família pelas mãos do pai. André, que assistia tudo de longe, como espectador, gozando o seu mais íntimo prazer de despir os pés e roçá-los nos húmus da terra, passa, então, a narrar o desfecho da tragédia:

(...) o alfanje estava ao alcance de sua mão, e, fendendo o grupo com a rajada de sua ira, meu pai atingiu com um só golpe a dançarina oriental (que vermelho mais pressuposto, que silêncio mais cavo, que frieza mais torpe nos meus olhos!), não teria a mesma gravidade se uma ovelha se inflamasse, ou se outro membro qualquer do rebanho caísse exasperado, mas era o próprio patriarca, ferido nos seus preceitos, que fora possuído de cólera divina (pobre pai!), era o guia, era a tábua solene, era a lei que se incendiava – essa matéria fibrosa, palpável, tão concreta, não era descarnada como eu pensava, tinha substância, corria nela um vinho tinto, era sanguínea, resinosa, reinava drasticamente as nossas dores (pobre família nossa, prisioneira de fantasmas tão consistentes!) e do silêncio fúnebre que desabara atrás daquele gesto, surgiu primeiro, como de um parto, um vagido primitivo

Pai!⁴³⁹

Lavoura arcaica (1975) recebeu diferentes interpretações relacionando o autoritarismo da lei paterna soberana e do enfrentamento e resistência dessa lei pelo lado da linhagem materna estigmatizada (André, Ana e Lula), pelos filhos que rompem a *hybris* e causam a desordem, em correspondência ao contexto social e histórico brasileiro da época: pós-golpe de 1964 e a instauração da ditadura civil-militar⁴⁴⁰. Certamente, são hipóteses válidas e vários

⁴³⁸Ibid., p. 191.

⁴³⁹NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. In.: *Obra completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 194-195.

⁴⁴⁰ O romance de Raduan Nassar, publicado em 1975, parece se assentar não apenas no chão histórico da ditadura militar mas num espectro maior da história brasileira. (...) Na entrevista, Raduan deixa claro que seu caminho para construir uma obra literária era autônomo, ficando à margem das teorias ou dos princípios dominantes. Contra a prepotência que se instalara em muitas áreas, Raduan vai defender a ruptura com sistemas normativos, seja o desequilíbrio que leva a destruir o bom senso, seja a iconoclastia para destruir a sacração de princípios, de obras ou de autores. Ele não fala diretamente contra a ditadura militar, mas no campo da literatura nega-se a aceitar a afirmação da “teoria que tem cumulativamente o caráter pragmático com o claro objetivo de arremeter seguidores” (CADERNOS, 1996, p. 32-33). (...) O tipo de engajamento é mais profundo, ele toca

argumentos corroboram tais opiniões, como a associação dos poderes jurídicos e militares como “ordem” personificadas nos patriarcas, o avô, o pai e o irmão, Pedro; os elementos da hibridização das culturas e tradições árabes e brasileiras como reforço ao dispositivo da aliança foucaultiano e a manutenção do patriarcado advindo da colonização e da “casa-grande” (em nome do sangue do nome e dos bens); a condição das mulheres submissas enclausuradas numa microsociedade (microcosmo) endogâmico; o clamor social por um retorno à “família brasileira” e por uma autoridade patriarcal como guia, líder.

Por outro lado, essas formas de poder e as discursividades totalitárias-universalistas são questionadas no livro. O filho interpela o pai utilizando a própria arma paterna – a palavra e a lei da palavra, com seu poder-saber sobre o tempo. Como pode ser visto ao final, quando o filho tem a palavra do pai, sem precisar mais mediá-la, além da própria cena do debate de argumentos entre os dois. Lula, o filho mais novo, segue a corrente do irmão e pretende fugir de casa, mas com a certeza de não voltar e não errar no que o irmão não foi capaz. Lula, diferentemente de André, não se identifica ao pai e à família, não tem receio da transgressão, não demonstra estar no espaço do entre (ambivalente), e, sim, guiar-se pela força da ruptura sem retorno (“André, vou sair de casa para abraçar o mundo, vou partir para nunca mais voltar, não vou ceder a nenhum apelo, tenho coragem, André, não vou falhar como você...”⁴⁴¹).

O narrador vê em Lula os “olhos de Ana” (“nos seus olhos, ousadia e dissimulação se misturavam, ora avançando, ora recuando, como nuns certos olhos antigos seus olhos eram, sem a menor sombra de dúvida, os primitivos olhos de Ana”⁴⁴²), ou seja, os resquícios desse contra-poder ou desse outro tipo de poder, resistente e produtor, que emana do excluído, do que está fora, à margem, do não-lugar, originados na mãe e passados de filho por filho do galho “torto”. É possível, igualmente, estabelecer o paralelo da manifestação breve e rápida de uma espécie de paixão e atração homossexual de André por Lula, como o primeiro amor sentido pelo pai. O narrador apresenta características tipicamente apontadas e identificadas

numa questão nodal da realidade brasileira, a busca da liberdade individual. Assim, se considerarmos o conjunto da entrevista concedida ao Cadernos de Literatura Brasileira, vamos encontrar a afirmação forte da evasão, do delírio, da angústia exasperada, como formas de se rebelar contra uma ordem opressora. (...) Não se trata de focar nesse momento a família de imigrantes, mas de considerar a estrutura patriarcal, cuja ordem e poder se afirma na voz do pai e cujo fechamento traz dentro de si a semente da destruição. O chão autoritário brasileiro, diz Raduan, se estende para além da ditadura militar. Talvez pudéssemos dizer que se trata de uma história de longa duração. A busca pela autonomia repete-se em cada indivíduo que luta para não ser apenas parte submissa da família patriarcal ou de outras formas de poder, para não precisar seguir a voz autoritária, para não se sentir seguro apenas obedecendo ordens. SANSEVERINO, Antônio Marcos V. “Uma estética do extremo”. In.: *Nau literária*. PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre – Vol. 01 N. 01 – jul/dez 2005, p. 1-2.

⁴⁴¹NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. In.: *Obra completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 182.

⁴⁴²Ibid., p. 183.

como femininas: a confusão mental, o delírio esquizofrênico, a lassidão do corpo, a volúpia da carne, o desejo exacerbado, a sensualidade, a histeria, a violência, a desrazão, a emoção, o erotismo, a dualidade, e os rompantes de temperamento. A manifestação do *pathos* trágico das personagens mulheres. Curiosamente, entretanto, é esse narrador com características femininas que busca a palavra e pela palavra e sua forma – pela linguagem – expressa o que historicamente foi e segue negado às mulheres: a palavra. O discurso. Como a própria personagem Ana demonstra.

É desse modo que se pode pensar, inclusive, como André tende a representar a fusão, nos deslimites do possível, entre o feminino e o masculino. E, como esse narrador autodiegético pode ocupar um posto do filho que, aparentemente, não pertencendo a horda, excluído, narrou de forma mítica e lírica (delirante) ao invés do parricídio, o seu equivalente, o filicídio – o crime do pai perverso. O filho pródigo voltou para casa para terminar de destruir a ordem interna e a lei do pai. E re-instaurá-la. Para André voltar, no entanto, e cumprir o seu destino de filho – de retomar a palavra do pai – era preciso que Ana morresse, a flor nascida do esterco, da erva-daninha e da semente da perdição. Com o assassinato da filha do pai pelo pai perverso – a mulher punida pelo incesto e pela ruptura trágica – expiou-se o crime (o crime do pai e o crime do filho) e foi possível restaurar, pela morte, a ciclicidade do tempo e suas regras naturais, pois o filho pode, então, se transformar em pai – pela palavra – e re-contar a tragédia. Fazer testemunhar pela palavra. Confessar. Elaborar. Pela palavra.

[aliás]

São muitas as coincidências.

São muitas as similitudes.

São muitas as parecenças.

As recorrências da repetição.

A repetição que nunca vai ser a mesma.

Tampouco, literal.

E que paradoxo!

Porque a água do rio que passa embaixo da ponte jamais é ou vai ser a mesma.

Porque um raio nunca cai duas vezes no mesmo lugar (apesar de a ciência ter demonstrado que essa máxima do raio não é tão bem assim, aqui, nesta carta, para nós, pai, vale acreditar).

A psicanálise encontrou no mito trágico o signo da repetição (simbólica, imaginária), enquanto a tragédia, como gênero, forma e estilo, e o mito revelam a circularidade da vida-e-morte no lirismo da vida-para-a-morte.

A literatura, a arte, a palavra arranjada literariamente, tentam com todas as suas forças e todos os seus poderes, porque munidas de desejo, romper essa ordem da substância desse gozo da vida-para-a-morte.

Trazer a morte, assim, é uma das missões-vocações da literatura. Das artes. E torná-la viva na palavra. Ou na imagem. Ou no suporte da performatividade de corpos ou objetos. Ou pelo que for necessário.

Para além do meu devaneio de quem escreve palavras, pai, o que quero dizer é que tanto as palavras de Franz como as palavras de André, sem, no entanto, equiparar as instâncias narrativas entre um autor e um narrador-personagem, apenas pensando nas intenções literárias, essas palavras seguem ecoando e respondendo anseios e angústias e sentimentos ambivalentes de filhos diante de pai. Do pai. Como se entende ou como se quiser pensar esse pai.

Pistas nos são dadas nas palavras dos filhos.

Essa palavra vai ressoar uma experiência trágica e, igualmente, ambivalente de uma filha colocada em um lugar de reunião de família.

Se Franz falou sobre a autoridade do pai, seus ensinamentos, sua educação de pai para filho, se André falou sobre a autoridade do pai, seus ensinamentos, sua educação de pai para filho, Alice vai falar sobre a autoridade do pai, seus ensinamentos, sua educação de pai para filho – para filha. Para filho e filha.

É nesse signo da repetição e nessa ideia de circularidade estagnada, porém, móvel, nesse ambiente de contradições e aparências que se localiza mais uma narrativa filial. Porém, uma narrativa de filha.

O elemento da repetição da autoridade paterna, da ruptura da ordem e do confronto entre poderes, está presente no livro de Lya Luft, em decorrência de características semelhantes aos de *Lavoura arcaica*: por estar ancorado nessa experiência do trágico, nessa ambivalência da tragicidade própria do indivíduo fragmentado e atravessado pelo mito. O mito paterno. O poder patriarcal. O sujeito engendrado na família do pai.

Se na fazenda da família de origem libanesa a ordem e a palavra do pai estava assentada em torno da mesa e das refeições, em uma cidade do interior do Rio Grande

do Sul, em uma família de provável origem alemã, vai ser em torno da mesa, na sala-de-jantar, que o espelho vai se partir, pela palavra, ao revelar as aparências de uma família já estilizada. Nesta mesa também vai ter uma ordem hierárquica e os lugares são pré-determinados em funções e condições. Nesta casa também vão ter figuras responsáveis pela ruptura da ordem. A ordem do pai. Nesta casa, a dor, sobretudo, a dor, também vai ser o ensinamento do pai. Nesta casa, a morte também vai ser o elemento disparador, a ligação entre ordem e desordem, entre manutenção e transgressão, entre poder e desejo, entre lei e verdade, entre discurso e ato. Entre palavras. Entre corpos.

A morte como a morte.

E se não é a morte, seria o quê?

A vida?

Essa vida que é para a morte e todo esse retorno nos levam para a ficção de Lya Luft. E as diferenças contundentes ao estilo narrativo de Raduan Nassar e as semelhanças óbvias (porque escolhidas) com as palavras desses dois filhos Franz e André. Em diálogos.

Seguimos, pai, seguimos, pai!

Avante!

O espelho de Alice e o espelho jamais inteiro na sala de uma família nos aguardam.

Para neles refletirmos.

Pai! Cuidado com os cacos de vidro.

Pai! Cuidado com os restos de espelho pelo caminho.

Pai?

[aliás]

Reunião de família (1982) é o terceiro romance de Lya Luft, seguido de *As parceiras* (1980) e *A asa esquerda do anjo* (1981), formando, assim, uma espécie de “trilogia da família”, conforme apontado pela crítica literária. Segundo observa, em sua pesquisa, Iara Barroca: “A família, na obra de Lya Luft, na maioria das vezes, é-nos mostrada como instituição falida, e fonte geradora de muitos conflitos e sucessivas repressões. A família e a instituição do casamento passam a ser, então, nessa perspectiva luftiana, um espaço *tragicamente* irrecuperável, o *beco sem saída*”⁴⁴³. Diferentemente, porém, dos romances anteriores, em que as famílias estavam constituídas predominantemente por mulheres e,

⁴⁴³ BARROCA, Iara Christina Silva. *Figurações e Ambiguidades do Trágico: experiências constituintes do estilo na obra de Lya Luft*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014, p. 24.

sobretudo, as relações entre elas estava em pauta, nesse romance de 1982, a autoridade patriarcal, para além de estar no jogo social, faz-se presente em um personagem “concreto” e de “materialidade” literária, de corpo no papel: o pai Professor.

No primeiro livro, já se questionava a dominação masculina e a violência corporal sofrida pelas mulheres, como na história de Catarina von Sassen, ao se casar aos 14 anos, e revelada pela neta, Anelise, a narradora. Ambas personagens rompem com essa dominação e não aceitam as imposições sociais, entregando-se, assim, ao caminho da loucura como transgressão. No segundo, por sua vez, a narradora Gisela, aparece sob o domínio de um falso matriarcado, tendo em vista que Frau Ursula Wolf, a avó, concentrava em si toda a rigidez da ordem patriarcal e pregava a conservação das tradições familiares. Em Gisela (*Guísela* – na pronúncia em alemão) já é possível encontrarmos vários traços em comum com Alice, como a crise identitária (no caso da primeira, em relação ao conflito entre tradições alemã e brasileira), a paralisia e o estupor, a resignação ao sistema social patriarcal, a anulação como mulher, o fechamento em si mesma e no espaço doméstico: “Fecho-me nesta casa e cumpro minhas obrigações. Não encontrarão nada desarrumado. Servirei chá com uma torta de camadas, que faço com perfeição”⁴⁴⁴.

Em *Reunião de família*, essas estruturas familiares e o âmbito individual das personagens estão marcados por acontecimentos limítrofes e trágicos, que acabam por suscitar conflitos e colocar abaixo máscaras e aparências (condicionantes e paralisantes) que, à primeira vista, sustentavam e mantinham uma certa ordem familiar. Para Iara Barroca, a família da infância de Alice, além de estar ancorada na tirania paterna, é “o espaço do desamor e da repressão”: “A reunião de família, ao refletir a imagem de tantos *eus* fragmentados, desencadeia uma desunião ou desordem naquela família, uma vez que o espelho confere visibilidade aos conflitos pessoais e familiares”⁴⁴⁵. É desse modo que as personagens Alice, Gisela e Anelise estão imersas em ambientes em que a única escolha possível parece apenas ser a de aceitar o papel imposto ao seu gênero – ser-estar mulher – e perpetuarem, então, as regras das práticas familiares. Regras essas constituídas em padrões pré-determinados, arranjados muito antes delas e esquematizados numa ordem ou padrão tão

⁴⁴⁴ LUFT, Lya. *A asa esquerda do anjo*, 2003, p. 98. Apud BARROCA, Iara Christina Silva. *Figurações e Ambiguidades do Trágico: experiências constituintes do estilo na obra de Lya Luft*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014, p. 28.

⁴⁴⁵ *Ibid.*, p. 29.

tradicional, quanto, quase natural. Sobretudo, normal. De fato, normatizado e normalizado desse jeito para elas⁴⁴⁶.

Diferentemente do estilo de Raduan Nassar, em que a forma e a matéria correspondem-se em um paralelismo, cuja linguagem engendra, envolve e garante à leitora e ao leitor participação ininterrupta no jorro vertiginoso dos monólogos delirantes do narrador-personagem André e nos diálogos dramáticos, cheios de lirismo, imagens, polissemia e canto, aqui, no romance de Lya Luft, a estrutura é enxuta e econômica. *Reunião de família* está composto de 14 capítulos, com parágrafos e frases curtas e objetivas. Orações cuja ordem sintática é direta, em uma linguagem seca e precisa. Intercalam-se os momentos de narração de Alice, com movimentos de analepse para contar o passado da família e a infância, e as cenas que acontecem no tempo presente, com ação entre os personagens marcadas por diálogos em estilo direto livre e introduzidos por travessão. Em um estilo tradicional de escrita objetiva, porém eficiente.

As partes que tendem a destoar dessa objetividade e evidenciam a ruptura com certo enquadramento da forma narrativa e da linguagem-padrão são os trechos destacados com fonte em itálico e localizados entre parênteses. São pensamentos, são questionamentos, são dúvidas, são, sobretudo, as inquietações da narradora autodiegética. Podem estar contidos nesse diálogo com a Alice do espelho. Podem, inclusive, partirem dessa outra Alice (senão enquanto ela mesma). Podem fazer parte dos seus “pesadelos inquietantes”, talvez, em voz alta; talvez, apenas ditos dentro de sua própria cabeça; talvez, em modo sonâmbulo; talvez, em modo de vigília insone; talvez, como trechos de diários íntimos; talvez como marcas de sua interioridade nem tão organizada como a vida doméstica; talvez, sejam as possibilidades de respiro, de permissibilidade, de certa liberdade, também, para a forma narrativa e às palavras, em uma linguagem com notas de retórica e de lirismo, com mais espaço para as metáforas, as imagens e as figuras de linguagem: “(Não estarei andando à beira do abismo, as úmidas asas movendo-se no casulo... O que aconteceria se eu aceitasse incondicionalmente os convites de Alice e me enfiasse com ela por seu caminho de lampejo?)”⁴⁴⁷.

Em outro momento, a narradora expõe uma autocrítica, recriminando-se pelos desejos de querer ser outra Alice, “Eu brincava assim na meninice: de não ser eu. Não a coitada, filha

⁴⁴⁶ Como se pode ver, o *destino de mulher*, apesar de insatisfatório, é um referencial seguro, uma vez que estabelece e determina as relações de gênero, bem como os papéis a serem desempenhados. (...) É interessante notarmos como as protagonistas dessa trilogia romanesca – Anelise, Gisela e Alice – conferem visibilidade à condição da mulher *enquadrada* no espaço doméstico, sob o domínio das tarefas cotidianas. *Reunião de família* também foi um livro que motivou muitas críticas. Sobre a habilidade de Lya Luft em desvelar esse pungente sentimento de submissão a uma realidade inatingível, em nível de realização pessoal. *Ibid.*, p. 29-30.

⁴⁴⁷ LUFT, Lya. *Reunião de família*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 11.

daquele Professor a quem ninguém apreciava: mas outra Alice – poderosa, inconquistável”⁴⁴⁸. Então, frente a esse desejo, entendido apenas como fantasia de criança, revela como a rotina transformou-a com a segurança de que necessitava para não precisar se inquietar mais: “(Tudo fantasia. Mais tarde habituei-me à minha vida doméstica e segura; fora dela, fico desamparada. Como um bicho que, despido da casca, expõe um corpo viscoso e mole, onde qualquer caco de vidro no chão pode penetrar, liquidando essa vida rastejante)”⁴⁴⁹.

Alice, “de vida exclusivamente doméstica”, com quase cinquenta anos, mãe de dois filhos “quase homens e que nunca deram preocupação”⁴⁵⁰, sofre de insônia e desses “pesadelos inquietantes”. Pensava, porém, que as “dúvidas, as inquietações” da infância e da juventude, a princípio, tinham passado, porque foram encobertas pelas “águas paradas da rotina”: “Sou uma mulher comum: dessas que lidam na cozinha, tiram poeira dos móveis, andam na rua com uma sacola de verduras, sofrem de varizes e às vezes de insônia”⁴⁵¹. Alice gostaria de colocar um espelho grande na sala de casa e ao consultar o marido (“Logo ia dormir a sesta, apenas esperava que eu saísse”⁴⁵²), diante de sua indiferença e negação, pensou que ele deveria estar admirado, “acho que nunca me vira ter ideias extravagantes, devia considerar aquilo uma extravagância”⁴⁵³.

Alice, contudo, tinha um motivo para desejar um espelho maior: “Olhando no espelho do meu quarto, esta manhã, pensei que era pequeno demais. Então, debruçando-me para ver melhor, porque ia viajar à tarde e queria estar bem, recordei aquele antigo jogo, de que geralmente nem me lembrava”⁴⁵⁴. De qual jogo fala Alice? “O jogo: do tempo em que eu não era uma pacata dona-de-casa com filhos criados, mas uma menina sem mãe; que inventava o jogo do espelho para ser menos infeliz (...) Seu nome também era: Alice”⁴⁵⁵. Alice e a menina Alice, a do outro lado do espelho, mas também a Alice *de Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá*, de Lewis Carroll: ao se deparar com os universos de sombras, pesadelos, medo e terror, esses universos povoados por criaturas estranhas e aprisionadas em paradoxos lógicos e argumentos circulares. E não é à toa que o pai de Alice lecionava matemática. A matemática dos jogos e dos enigmas que podem destruir ou salvar vidas. O Professor de matemática. O pai de Alice.

⁴⁴⁸ Ibid., p. 15.

⁴⁴⁹ Ibid., p. 15.

⁴⁵⁰ Ibid., p. 11.

⁴⁵¹ Ibid., p. 13.

⁴⁵² Ibid., p. 9.

⁴⁵³ Ibid., p. 9.

⁴⁵⁴ Ibid., p. 10.

⁴⁵⁵ Ibid., p. 10.

O motivo que está inquietando a narradora naquele sábado é logo revelado: pelo telefonema de Aretusa, a cunhada, Alice sente-se impelida a fazer uma viagem, curta, de aproximadamente uma hora, até a sua cidade natal, próxima de onde ela mora com o marido e filhos. A cunhada a chamava para uma reunião de família que duraria o final de semana. Alice mostra-se contrariada em vários aspectos: “Não gosto de sair de casa; detesto viajar sozinha, e meu marido recusou-se a vir: afinal, disse, não era problema dele. Se eu quisesse, poderia ir. Então resolvi aceitar, mas como não estou habituada a tomar decisões, fiquei inquieta”⁴⁵⁶. Ao sair da rotina, a mulher se sente nervosa, “o estômago parecendo um vácuo, as mãos geladas e úmidas”⁴⁵⁷. E, novamente, durante o percurso da viagem, já no táxi que a leva para a casa da infância, reclama das circunstâncias: “Tive de deixar pronto o almoço de amanhã, porque meu marido só gosta da comida que eu preparo. Seria tão melhor estar em casa agora: sozinha na sala, lendo, porque é tarde de sábado; meu marido iria dormir a sesta e eu não terá muito que fazer”⁴⁵⁸.

O motivo da reunião está na situação “doente” da irmã mais nova, Evelyn, que, diante da morte de Cristiano, seu único filho, não aceita, negando o fato a ponto de estar vivenciando uma realidade paralela e permanecer agindo como se o menino ainda estivesse vivo – ela carrega em mãos e no colo o boneco preferido do filho, um palhaço, como se fosse a criança. Evelyn é a irmã mais nova que Alice deixou sob a tirania do pai quando se casou aos dezoito anos, com o primeiro namorado (“Um rapaz quieto e bondoso, muito menos severo e exigente do que meu pai”⁴⁵⁹) e desistindo dos planos de estudar. Nas palavras da narradora, a irmã era uma menina sossegada, incapaz de emoções intensas, uma dona-de-casa eficiente e que controlava tudo e exigia perfeição. Por isso, a situação, aos seus olhos, parecia grave: “Aretusa me contou e deixou-me assustada. Logo Evelyn, tão equilibrada... um pouco fria até. Com meu pai cada vez mais alheio, Bruno desnordeado pelo sofrimento da mulher e pela perda do filho querido, Aretusa achou melhor fazermos uma reunião”⁴⁶⁰.

Além de Evelyn, Alice tem outro irmão, Renato, casado com Aretusa, a “Aretusa-Medusa”, sua amiga de infância e seu “oposto”: “Estar com Aretusa também é um jogo dos contrastes. Eu cheiro a cozinha; ela, a cigarro e jasmim. Somos amigas de infância, mas pouco temos em comum”⁴⁶¹. Aretusa é a personagem da ruptura, o elemento da transgressão, e,

⁴⁵⁶Ibid., p. 11.

⁴⁵⁷ Ibid., p. 12.

⁴⁵⁸ Ibid., p. 14.

⁴⁵⁹ Ibid., p. 35

⁴⁶⁰ Ibid., p. 14.

⁴⁶¹ Ibid., p. 17.

portanto, o contraponto à tradicionalidade, ao enquadramento ao sistema e à auto-anulação da narradora. Aretusa, desde garota, chocava pela ousadia e pela rebeldia de comportamento numa cidade interiorana, de cabelos vermelhos, buscava a individualidade e a liberdade: “Aretusa-medusa, a adolescente que se deixava agarrar pelos rapazes da escola e dormiu com o namorado quando eu mal sonhava ser beijada”⁴⁶². Aretusa tinha sido criada só pela mãe “de cabelo oxigenado e cigarro na boca”, que tinha sido abandonada pelo marido e era alvo da maledicência da sociedade “diziam, andava com muitos homens”⁴⁶³.

Está em Aretusa, sobretudo, a reunião dos desejos ambivalentes e das forças em oposição, bem como a contrariedade e a resistência ao poder patriarcal dominante. Aretusa não tem medo do Professor. Sustenta a casa e mantém uma relação difícil e dual com o marido: “Certamente de noite vai me procurar para falar de Renato, a quem ama e atormenta; que é apaixonado por ela e a odeia; uma confusão de emoções que nem eles devem entender”⁴⁶⁴. Aretusa joga com as sexualidades, fez despertar em Alice, na juventude, os desejos homossexuais, talvez completamente negligenciados em virtude da ausência de qualquer representatividade feminina desde a morte da mãe, quando ainda era muito pequena. Talvez, uma transferência do amor primitivo que não poderia dispensar, por exemplo, para Berta, a velha empregada. Aretusa, porém, mantinha uma culpa de muitos anos que, para a narradora, era a causa do sofrimento dela mesma, do marido e de todos em volta, atingidos por sua cólera: “Corália: a adolescente que se apaixonou pela professora. Aretusa alimentou o amor da aluna, sem saber que alimentava a sua morte. Depois afastou-se brutalmente da menina, achando que assim evitaria prejudica-la – e a destruiu. Pobre Aretusa”⁴⁶⁵.

É na casa da infância, nesse retorno não-desejado, nessa volta física ao espaço onde foi tão infeliz, que Alice se depara com os rastros de memória, presentificando-os. Resgata os traumas, presentificando-os. Garante o espaço para os fantasmas voltarem materializados. E para, inclusive, questionar o que não há lembrança. “Não conheci minha mãe; pelo menos não me lembro dela. (...) Meu pai não quis guardar nem uma recordação dela, nem roupa, nem cacho de cabelo nem anel. (...) Nem sepultura de mãe eu tenho para cuidar”⁴⁶⁶. Alice, portanto, não se lembra da mãe, como se tivesse acontecido um obscurecimento em sua memória: “Talvez eu pudesse lembrar ao menos o enterro, mas não estive lá: fomos levados

⁴⁶² Ibid., p. 25.

⁴⁶³ Ibid., p. 25.

⁴⁶⁴ Ibid., p. 26.

⁴⁶⁵ Ibid., p. 27.

⁴⁶⁶ Ibid., p. 19.

para a casa de uns vizinhos, até tudo acabar”⁴⁶⁷. Entre os pesadelos constantes está um com uma boneca de cara estranha, cara de velha, uma múmia deitada num caixão, que Alice tentava pegar no colo e chama de mãe.

Desde o início da trama, chama atenção a falta de identificação (identidade) – de nome – do pai, sendo mencionado como “Professor”, de acordo com sua ocupação / profissão de professor de matemática. Professor como indicativo de lei, ordem, hierarquia, moral, rigidez e autoridade. É possível perceber a presença superposta, uma superpresença obrigatória, desse pai na vida das filhas e do filho: pelo completo afastamento afetivo e emocional, pela rigidez, pela disciplina, pela imposição de medo e terror, pela violência e pelo dever de obediência. O Professor não mantinha convivência com os próprios parentes ou com os da falecida esposa. Ele não tinha amigos. As pessoas não gostavam do Professor. Ninguém visitava a família. O professor era, efetivamente, um ensina-DOR. E um pai devorador: “Nossos castigos eram frequentes e cruéis: tapas, surras, horas sentados quietos sem licença de levantar nem para beber água”⁴⁶⁸.

O Professor não era um pai de verdade; desses que chegam em casa no fim do dia e agente se alegra com sua presença; desses que pegam os filhos no colo; ou os levam a passear. Só beijávamos nosso pai no dia de seu aniversário. Por sorte, casei-me com um homem menos exigente, que não é severo; apenas um pouco distante. Fico feliz quando noto que está contente comigo. Todos chamavam meu pai de Professor. Às vezes também o tratávamos assim, e ele nunca reclamou. Nossa casa era a continuação da escola: deveres e castigos; medo de errar. Eu detestava a escola⁴⁶⁹.

No capítulo VII, Alice conta a única vez em que a família recebeu em casa a visita de uma tia, Luci, irmã do pai: “Sabíamos vagamente que havia uma família, nada mais. Nosso pai não se entusiasmou. Mas eu quase delirei de alegria, a imaginação fervilhando: enfim uma presença feminina mais doce do que Berta”⁴⁷⁰. A tia Luci, porém, não se revelou muito amistosa, agradável, maternal e afável, como esperava e buscava Alice, pelo contrário, parecia igualmente não gostar de crianças – como o irmão – e exigia das sobrinhas e do sobrinho um comportamento de adultos. Apesar disso, a visita se mostrou importante para esclarecer um pouco sobre o passado do pai e dar pistas de como ele havia se tornado esse homem amargo, cruel, impiedoso e brutal. Segunda a tia comentou, a família era numerosa e viviam com poucos recursos, sendo o pai (avô de Alice) violento e alcóolatra, quando estava bêbado, agredia a esposa e precisavam pedir ajuda aos vizinhos. Então, numa dessas brigas, o filho

⁴⁶⁷ Ibid., p. 19-20.

⁴⁶⁸ Ibid., p. 35.

⁴⁶⁹ Ibid, p. 20.

⁴⁷⁰ Ibid., p. 58.

mais velho – o Professor – foi expulso de casa e não voltou mais a procurá-los. “O Professor não era mau, apenas infeliz. Procuo na memória quem disse isso, e é a tia Luci quem aparece”⁴⁷¹.

Um pai que não teve pai e não conseguiu se transformar em pai (estar-pai e, muito menos, ser-pai): autoconhecer-se, identificar-se, se auto-reconhecer, descobrir-se pai, criar uma identidade paterna e expressá-la. Porque, talvez, o que ele pudesse fazer diante de seu passado era exercer para com suas filhas e filho o mesmo mando de função paterna – aquela que estava (re)conhecida e internalizada também em seu corpo: a da violência, a da disciplina, a da moralização. A única que ele poderia dominar. E são vários os relatos de cenas de violência e abuso de autoridade paterna: como o episódio em que Renato urinou fora do vaso sanitário e o pai fez o menino se ajoelhar e limpar o chão lambendo a própria urina ou quando o menino reclamava de dores de ouvido, chorando, tendo recebido uma bofetada como solução; outra situação foi quando o porquinho-da-índia de Alice foi esmagado pelo pé do Professor, em frente à menina, porque o animal tinha escapado da gaiola. A violência paterna do Professor acaba se refletindo no modo como os(as) irmãos(as) agem entre si, quando ainda são crianças:

Éramos destreinados na ternura: nosso único exercício eram os ásperos carinhos de Berta, braços fortes mais eficientes do que o coração. Nossa preocupação maior nem era amar: era fugir dos castigos. Para isso usávamos de hipocrisia e traição. Com facilidade jogávamos uns nos outros a culpa por qualquer falta. Cada um de nós traía seu irmão, sentindo-se a um tempo culpado e justificado: a impotência nos desculpava. Proteger o outro trazia humilhação. Logo, não podíamos ser leais⁴⁷².

Tais sentimentos e atitudes de hipocrisia, deslealdade, desafeto, descuidado e impotência vão se conectando e numa escala crescente de tensão ao longo do final de semana, explodem nas típicas cenas de reunião de família: nos momentos das refeições. Quando a roupa manchada e encardida de um passado é lavada nos pratos e travessas da mesa de jantar, regada ao rubro vinho e aos corações em partículas (dos pedaços) de desespero, desamparo, carência afetiva, abraços, ternura. Renato, o que mais sofreu nas mãos do Professor, precisa encará-lo, exigir a compensação de anos de humilhações e maus-tratos, por meio das palavras pontiagudas e das lembranças daquela matéria impossível de ser esquecida.

O Professor, porém, já não está mais tão lúcido, um “velho Rasputin”, alternando instantes de lucidez implacável com a senilidade de um homem atormentado por “insetos daninhos que fizeram ninho em seus ouvidos” e que quando se mexem provocam zumbidos e

⁴⁷¹ Ibid., p. 58.

⁴⁷² Ibid, p. 42.

muita dor. Ouvidos, por sinal: o sinal do gesto que retorna e revolta, antes no filho como machucado e agressão, agora no pai, como sintoma, angústia e tormento. Alice e Aretusa também precisam acertar as suas pendências, e Evelyn cobra da irmã mais velha a ausência e a participação na família. Tudo isso acontece diante da mirada de Berta, a empregada igualmente espezinhada e desprezada pelo patrão que, agora, tem o direito e a prerrogativa de assistir a sua “vingança”.

Formamos uma estranha cena à mesa do jantar. Por que não trocam as lâmpadas da casa por outras mais fortes? Nessa meia-luz, parecemos fantasmas. Uma segunda família janta no espelho, que vai do aparador até o teto. Uma feia rachadura sobre do canto esquerdo até o meio e divide meu rosto obliquamente em duas partes. Meu pai está na cabeceira, vejo-o de perfil no espelho: velho pássaro solitário, pescoço fino esticado. Conversa direito, parece consciente. Depois vai mergulhar no nevoeiro, com seus bichos embolados. Aretusa, à minha direita, é uma máscara no espelho: cabelo tão preto, pele tão branca, sobancelhas riscando um traço reto. Move as mãos com anéis, fala alto. Evelyn à minha frente, ao lado do marido. Não preciso do espelho para vê-la bem. Trouxe o boneco; sentou-o no colo. Uma menina com o brinquedo favorito. Ninguém comenta nada, fingimos não notar. Ela praticamente só come o que Bruno lhe põe na boca; mastiga devagar, ausente. Ele a trata com paciência ilimitada; ajeita o casaco em seus ombros magros; fala baixinho com a mulher⁴⁷³.

Em uma sequência de cenas, o clímax vai acontecendo enquanto o espelho (jamais inteiro) progressivamente racha. No almoço de domingo, Renato dispara: “– Um pai como o senhor acaba com a vida de qualquer um”⁴⁷⁴. O pai revida: “– O que quer dizer com isso, seu fracassado?”⁴⁷⁵ E o filho segue: “– Acho que o senhor nos odeia (...) – O senhor nunca foi pai: foi carrasco. (...) – A única pessoa de quem o senhor gostou um pouco na vida foi Cristiano. Pior para o senhor que ele morreu!”⁴⁷⁶ Entre as divagações da narradora e as lembranças, como a de uma cena em que o irmão tinha construído uma arma de brinquedo para matar o pai, a mesa vai ficando cada vez mais suja e sinistra: “– Nem da nossa mãe o senhor gostava, ela morreu de tristeza, essa é a verdade. Era quase uma menina, e o senhor nunca lhe deu amor nem atenção. Ela preferiu morrer”⁴⁷⁷. Num rompante, Renato finaliza o golpe da palavra violenta contra o pai despótico, assassinando-o em seu sentimento de filho: “– Contaram-me que o senhor anda escutando ruídos. Bichos alojados nos seus ouvidos. Então os vermes estão comendo o senhor, antes da morte? (...) O senhor ainda nem morreu e já está cheio de bichos? Quero que apodreça, ouviu? Que apodreça!”⁴⁷⁸

⁴⁷³ Ibid, p. 55.

⁴⁷⁴ Ibid., p.81.

⁴⁷⁵ Ibid., p. 82.

⁴⁷⁶ Ibid., p. 82.

⁴⁷⁷ Ibid., p. 83.

⁴⁷⁸ Ibid., p. 85.

Na discussão de Alice com Evelyn, a máscara de dona-de-casa de moral irreparável da narradora desaba (o espelho partido – as duas Alices em confronto) e a irmã revela a história de Matias, um suposto amante. Evelyn corrobora, assim, aos argumentos de Aretusa de que Alice não era uma “santa”, mas uma hipócrita por ter se afastado da família e dos problemas da família, como se não fosse da família. Como se não pertencesse àquele mundo. Como se não fosse a filha do Professor, órfã de mãe, a irmã de Renato e Evelyn, a cunhada de Aretusa e Bruno. O amante, dizia Evelyn, tinha sido uma mentira inventada por Alice para consolá-la pela perda do filho, pois nem uma história de paixão de verdade Alice seria capaz de vivenciar:

Não chore, Alice, digo àquela que contempla no espelho. Quem terá feito a rachadura oblíqua? Talvez a força do ódio de Berta; o desespero de Evelyn; a amargura do nosso pai; a dor de Bruno, que arrisca sua sanidade para entrar no jogo da mulher amada. Ou foi Cristiano? Ele não fazia dessas artes quando vivo. Mas nunca se sabe do que um menino morto é capaz. * Você teve mesmo um amante? pergunto à do espelho. Endireito o corpo, estava tão rígido que agora, descontraindo-se um pouco, dói. Teve um amante? insisto. Ou foi só invenção?⁴⁷⁹

É segunda de manhã e, logo mais, Alice estará fazendo o caminho de volta para a sua casa, para o seu marido e seus dois filhos: a sua família. Deixando os fantasmas para trás. Com alguma insônia. Quiçá, com os mesmos pesadelos e inquietações. Mas tudo voltará ao normal: “Bruno vigiará o jardim onde Evelyn preserva o filho vivo”; “Talvez antes de dormir Renato rasteje para a cama da mulher: quer ser minha mãe, quer?”; “Meu pai irá sendo povoado por seus bichos, os companheiros que enfim conseguiu ter”; “Berta aguarda o desfecho, recortando símbolos de algum amor tenebroso”⁴⁸⁰. E na repetição da autodefinição fornecida no início da narrativa, Alice vai voltar a levar a sua vida comum: “dona-de-casa, mulher que vive para a família (...) coisa perfeitamente normal”⁴⁸¹.

Assim como *Lavoura arcaica* (1975), de Raduan Nassar, o romance de Lya Luft está situado no contexto histórico do regime autoritário da ditadura civil-militar no Brasil. No caso de *Reunião de família* (1982), nessa época já se articulava a reabertura política e a retomada da democracia, lenta e progressivamente, culminando com as eleições presidenciais de 1985 e a Constituição Federal de 1988. De mesmo modo, inclusive, é possível relacionar aos dois livros as influências e colaborações das tradições e das culturas de imigração: árabe libanesa, no caso do primeiro, e alemã, no segundo. Apesar de, nessa narrativa luftiana, especificamente, não estar explícita essa questão, como nos romances anteriores, tendo em

⁴⁷⁹ Ibid., p. 122.

⁴⁸⁰ Ibid., p. 124.

⁴⁸¹ Ibid., p. 124.

vista que, em momento algum, o nome da cidade ou região é mencionado, ou mesmo sobrenomes. Os indícios, contudo, apontam para essa continuação de abordagem da autora: os conflitos trágicos em uma suposta família de origem alemã, encerrando, portanto, a sua “trilogia da família”. O nome da empregada, Berta, tipicamente encontrado nessa cultura alemã, pode corroborar a esta hipótese.

As marcas de autoritarismo e tirania paternas, sobretudo, e as relações de poder entre pais-e-filhos e pais-e-filhas, bem como, a condição das mulheres, caracterizam, em ambas as narrativas, microsociedades cerradas em si mesmas e com leis próprias de respeito e obediência ao pai. Porém, em total confluência (reflexo) ao contexto histórico da época e à dominação paternalista-patriarcal ainda fortemente em vigência na sociedade do período. Os livros apresentam semelhanças nítidas como o isolamento dos membros da família (um clã endogâmico na fazenda e uma família do interior que não recebia visitas); a separação entre as funções e ocupações conforme o gênero (homens cuidam da terra e mulheres da casa; na cidade, homens trabalham e mulheres seguem donas-de-casa); as posições determinadas nas mesas de refeições em hierarquias e valores morais (moralistas-tradicionais).

O espaço da casa como espaço único e privilegiado da família. Novamente, a casa como reflexo dessas relações de poder e desejo nas famílias: o espelho rachando (jamais inteiro) e a falta de lembranças em móveis e objetos como recordações da mãe falecida – memórias e pessoas apagadas em móveis ausentes na cidade; a mobília que expressa os estados e as constituições das pessoas como o “avô talhado na madeira dos móveis” e o relógio da paciência na lavoura. A palavra vai ser a arma de combate entre os membros das duas famílias, pois o conflito, o embate, o clímax, o enfrentamento entre eles(as) se dá pela palavra. É pela e na palavra que se estabelecem os jogos e as forças de poder, assim como as dominações, as resistências e as produções desses poderes em efeitos mútuos (para além de causa e consequência), ora em maior ou menor intensidade, porém, recíprocos. É o discurso da verdade. A verdade dos pais que não é a verdade para os filhos e para as filhas. A verdade para os homens não é a verdade para as mulheres. O óbvio repetido. Mas nem sempre é possível perceber o óbvio. Tampouco a repetição do óbvio enquanto obviedades mantidas.

Talvez, o elemento de maior contraste entre as duas narrativas, no que concerne essas relações de poder e desejo, esteja nas atitudes dos narradores autodiegéticos. Enquanto André representa a dualidade e a ambiguidade, não apenas em si mesmo, mas para o exterior – à família – sendo o elemento de transgressão, de ruptura e questionamento à ordem paterna, à lei soberana e ao fechamento sistêmico da família, ainda que possa, em seu íntimo, desejar

tudo isso; Alice, por outro lado, condiciona e mantém a sua ambivalência presa ao espelho, restrita a ela mesma e à Alice desejada como outra – a insubmissa e poderosa. Apesar desse desejo e de ter manifestado rompantes explosivos e de violência durante as discussões, a personagem aceita o seu imobilismo, seu estagnamento, sua inércia, no e pelo contentamento da rotina normativa, ao contrário do filho pródigo que retorna ao lar. Talvez seja porque Alice, como narradora mulher, ainda não possa representar essa ruptura total. Ruptura que aparece em Aretusa, por exemplo, e em Ana. Mas Aretusa não pode ser feliz, porque tem o fantasma da culpa pela aluna Corália a persegui-la. Ana precisou ser assassinada pelo pai.

Como e quando será que essas filhas de pais poderão representar a transgressão sem serem punidas? Punidas por serem filhas?

A hora do filho chegou: segundo as pesquisas, foi o século XX o século do filho. Será que o século XXI vai ser, é, e está sendo o século da filha?

Será que esse filho do século XX colaborou para engendrar novas e diferentes paternidades e subjetividades ao pai?

[aliás]

Era uma vez um pai.

Era uma vez todas as vezes.

Essas superpresenças como presenças obrigatórias e impostas do pai como um pai de família na família acabam não apenas ressoando os ecos de Hermann como o pai de Franz Kafka, mas, parecem, inclusive, que em todas essas vezes é sempre o mesmo pai.

Era uma vez todas as vezes.

E o modelo de pai se repete como o mesmo – aquele pai. O pai Hermann.

Bom, pai, para José Castelo, ainda mais, é exatamente isso que acontece. Aconteceu.

Ribamar (2010) foi o primeiro romance escolhido para essa investigação.

Para essa busca.

Ribamar, [aliás], pai, foi o meu primeiro contato e o meu primeiro estímulo literário à ideia do pai. E de pai.

Ou o que me fez efeito. Pai.

Questionar. Buscar. Conhecer. Tentar entender. Desvendar. Buscar. Tentar observar. Buscar. Provocar um diálogo. Convidar à palavra. Escutar. Buscar.

Isso tudo me possibilitou pela abertura de *Ribamar*.

Abertura física do livro entre minhas mãos.

Abertura simbólica à minha caixa-de-Saturno. Ou caixa-de-Cronos.

Abertura real para os meus fantasmas.

Abertura às minhas fantasias de abandono paterno da infância.

Abertura ao meu imaginário de filha em movimento de revolta.

Abertura. Entrada. Ingresso. Começo. Re-começo. De tantos começos.

Pois foi, então, pai, com, por e a partir de *Ribamar* que tudo começou.

Ou voltou a começar.

E existir.

A releitura da *Carta ao pai* já soava com outras palavras para mim, depois de *Ribamar*.

A mirada sobre a *Carta ao pai* já estava com outros olhos, esses já transformados e sedentos de busca, depois de *Ribamar*.

Então, pai, Ribamar.

Ribamar, pai.

[aliás]

Ribamar (2010), de José Castello, talvez seja, para estas cartas, o ponto de confluência de tudo aqui pensado, intentado, e, sobretudo, escrito. Em *Ribamar* há esses muitos e diferentes diálogos no espaço do entre: entre ficção e realidade; entre a escrita literária e a escrita de si; entre a busca pelo pai e a busca por si mesmo; entre o gênero epistolar e o romance; entre a *Carta ao pai*, de Kafka, e a intenção de produzir uma nova e outra carta ao pai, esta, para o seu próprio pai; entre a palavra pronunciada, dita, falada e a palavra escrita, talhada no texto; entre o amor e a admiração ao pai e o ódio e a raiva pelo pai; entre o sentimento de falta, ausência e abandono em uma infância de dor e o sentimento necessário para se compreender essa falta e essas dores e dessa compreensão poder, enfim, libertar-se. Libertar-se pela escrita. E para a escrita. Pela memória. Por refazer e reconstruir os percursos do próprio pai para entendê-lo e para se entender como filho. Filho daquele pai. Não outro pai, mas aquele.

Coincidência?

Em *Ribamar* também há dualidades e ambivalências. Também há relações de poder e dominação, entre pai devorador e filho com medo, especialmente, durante as memórias narrativas de uma infância marcada por traumas de reprovações, de angústia, de dor, de falta de afeto. Também há relações de desejo e como o filho gostaria de um abraço terno, de um

olhar cálido, de uma palavra de compreensão e incentivo. Vindos do pai. Também há fuga e viagem, o retorno à casa de família, mas essa família é a do pai. Também há um encontro com o seu mundo interno e suas divagações e suas inseguranças de filho que busca o pai. Também há morte. E transformações.

Se, nos dois romances anteriores expostos aqui, a palavra estava, sobretudo, na boca dos narradores(a) autodiegéticos(a) como demonstração de discurso falado, reprodução de diálogos entre personagens, como instância mediadora entre o mundo digético e seu equivalente contexto social; a partir de *Ribamar*, essa palavra que sai da boca de narradores-personagens vai passar a estar filtrada pela marca textual: como sendo um texto escrito. O que o narrador está “dizendo” ele está escrevendo. E escrevendo com destinatário: o seu pai.

Desde *Ribamar*, e pelos próximos livros em diálogo, a ideia da palavra escrita começa a se transformar e a tomar sentido e forma nesse processo de colaboração para o entendimento do pai e das relações entre pais-e-filhos(as). Assim acontecerá com *Mar azul* (2012), em que a narradora passa a reescrever junto às escrituras e aos registros do pai, nos cadernos dele. Assim acontecerá com Vanja (Evangelina), a narradora de *Azul-corvo* (2010) e o exercício da escrita. É nesse sentido que saímos de um universo da palavra no estritamente diegético para o universo da palavra na metalinguagem e na metaescritura. Pelo exercício da palavra escrita, agora, é que também se busca o pai.

É a partir do re-encontro, justamente, do exemplar de *Carta ao pai*, de Franz Kafka, que, em um primeiro instante, revela-se a narrativa: o exemplar teria sido um presente de “dia dos pais” ao seu pai, José Ribamar Martins Castello Branco, ofertado pelo filho, José Castello. Estamos, então, em um terreno da biografia, do factual, da verdade. Será? Seria pouco utilizar essas categorias para um livro que rompe, desde o projeto estético à concepção estrutural, com os limiares da criação literária e impulsiona des-limites e desbordas a cada capítulo – a interiorização para o sertão mais íntimo do indivíduo e para a relação mais primária com o outro, esse relacionamento de filho-com-pai.

A elaboração estético-visual e a forma planejada sistemática e matematicamente, bem como, as questões sobre autobiografia, autoficção, metaficção biográfica, metaliteratura, ensaio, ou seja, a “definição” de gênero literário a enquadrar o texto, encontram-se entre as principais linhas de pesquisas acadêmicas e de crítica a respeito de *Ribamar*. A maior parte delas, categoriza-o como autoficção, em virtude da correspondência direta entre autor-narrador-personagem. O autor José Castello, contudo, não compreende o livro como integrante dessa seara da autoficção, das escritas do eu ou a partir do registro confessional,

pois há, segundo ele, invenções, há mentiras, há matéria explorada ficcionalmente, para além do trabalho de linguagem⁴⁸².

Conforme Luciana Hidalgo, apesar de Castello não situar o romance como autoficção, o próprio texto aponta indícios favoráveis a tal hipótese: o nome dado ao personagem é o nome do autor; está baseado em fatos estritamente reais e desenvolvidos a partir da ficção; o cuidado pela forma literária e a originalidade em uma estrutura híbrida; a necessidade da verbalização imediata do acontecido e vivenciado; a reconfiguração linear do tempo narrativo e a opção por utilizar o tempo presente em detrimento ao passado, de tal modo como acontece nas autobiografias tradicionais; a intenção e o desejo do autor em se revelar e buscar uma – a sua – verdade; o emprego dos autocomentários como recurso, além do metadiscorso⁴⁸³. Para Glauciane Teixeira, transitar por zonas limítrofes, distantes dos padrões e dos cânones, é uma preferência sempre defendida pelo autor em suas entrevistas, pois “acredita que é nesses espaços nebulosos que se guarda a matéria-prima mais cara de um ficcionista: a liberdade”⁴⁸⁴.

Ribamar é, sobretudo, um romance sobre o processo da escrita de um romance. Ou, melhor, um romance-carta. *Ribamar* é, sobretudo, um registro de como, pela palavra, um filho buscou o pai, e como, por essa palavra, esse filho se transformou nesse relacionamento fracassado da infância em que o pai lhe negava a palavra, o gesto, o afeto, a intimidade. Assim pensava a criança José. José, adulto, não está escrevendo sobre o pai, mas *através* do pai, *atravessando* e *atravessado* pela busca ao pai e à reconstrução das memórias e dos passos desse pai, e, obviamente, de si mesmo e desse encontro: “Preparo-me para escrever não um livro sobre *meu* pai, mas um livro *através* de meu pai. Uma viagem através de você”⁴⁸⁵.

É nessa busca que o autor encontrou a própria palavra na procura e no encontro da palavra do pai⁴⁸⁶. Ou seja, como ele se transformou em escritor. É um romance-carta, pois, não esqueçamos, é uma carta que está sendo escrita ao pai. Porém, diferentemente da *Carta* de Kafka, a carta de Castello é um romance-carta para um pai morto. Um pai que não vai

⁴⁸² TEIXEIRA, Glauciane Reis. *Poéticas do silêncio: reflexões sobre romances brasileiros do século XXI*. Tese de doutorado. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

⁴⁸³ HIDALGO, Luciana. “Autoficção brasileira: influências francesas, indefinições teóricas”. In: *ALEA*. Rio de Janeiro, v. 15, nº1, p.218-231, jan/jun 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alea/v15n1/a14v15n1.pdf>>. Acesso em outubro de 2018.

⁴⁸⁴ TEIXEIRA, Glauciane Reis. *Poéticas do silêncio: reflexões sobre romances brasileiros do século XXI*. Tese de doutorado. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016, p. 157.

⁴⁸⁵ CASTELLO, José. *Ribamar: romance*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 136.

⁴⁸⁶ *Ribamar* é um livro de travessia, sobre o processo de escrita de um romance. Não obstante, é também uma narrativa de luta de um “escritor-minhoca” (CASTELLO, 2010, p.53) com as palavras e com seu passado. *Ibid.*, p. 162.

receber e, muito menos, ler essa carta. Enquanto, para Franz, essa possibilidade da entrega da carta e da leitura por Hermann, pudesse incentivá-lo a responder à pergunta do pai “Por que você tem medo de mim?”, e efetivasse, com isso, uma espécie de diálogo entre os dois, José tem a certeza de que a sua carta não será lida pelo pai. Mas por que, então, escrevê-la?

Por que escrevo esta carta? Você está morto, nunca a lerá. Não passa, portanto, de um falso destinatário. Para quem escrevo, é mesmo para você? Talvez eu repita, um pouco, o projeto de Kafka, que escreveu uma carta para o pai, Hermann, mas a entregou à mãe. Justamente para que nunca fosse lida. Quando lhe dei a *Carta ao pai*, também eu já sabia que você não a leria. Livros não o interessavam. É verdade: a frase marcada em vermelho desmente isso. Mas como saber se foi você mesmo quem a sublinhou? Ribamar, o livro que planejo escrever, parte da maldita frase. Mesmo que apócrifa, eu a tomarei como as suas últimas palavras. Falsas ou verdadeiras, o livro que escreverei coloca essas palavras no lugar da verdade. É tudo que me resta: inventar uma verdade. Fico então com as palavras marcadas. Sem elas, eu não poderia escrever⁴⁸⁷.

José tinha presenteado o pai com um exemplar de *Carta ao pai*. Esse exemplar voltou às suas mãos, quase 40 anos depois, quando um amigo o encontrou num sebo: “A., um amigo distante, me telefonou do Rio de Janeiro para me fazer uma pergunta. A. é escritor e conhece a gravidade das palavras: “Você lembra se, no Dia dos Pais de 1973, você deu a seu pai a *Carta ao pai*, de Kafka?”⁴⁸⁸ Mesmo sem esperar a sua resposta, o amigo leu a dedicatória no livro: “Para o papai com um beijo e o amor do filho José”⁴⁸⁹. O narrador, então, lembra-se do episódio e confirma esse presente: “É uma das lembranças nítidas, porque fracassadas”⁴⁹⁰. Desse modo, o tal amigo A. comprou o exemplar no sebo e o despachou pelo correio ao escritor da dedicatória, o filho José: “O livro não me foi entregue, mas devolvido – com em um gesto de desfeita, ou má educação. Eu estava trêmulo, quando, 33 anos depois, reencontrei a carta ao pai que, um dia, você folheou. Porque ao menos isso você deve ter feito. Ou nem isso?”⁴⁹¹. Não retornava para a sua vida apenas o livro com a dedicatória, mas retornava a sua história de filho. Retornava o gesto do pai. Retornava o pai.

Folheio a *Carta ao pai* em busca de algum sinal de que você a tenha lido. Nada encontro. Nenhuma anotação, comentário, nada. Até que, para meu horror, no alto da página 50, em grossas linhas vermelhas, deparo com a prova. Está sublinhado: “Comigo não existia praticamente luta; minha derrota era quase imediata; apenas subsistiam evasão, amargura, tristeza, conflito interior.” Não sei se você chegou a ler o livro que lhe dei. Sei que, na página 50, você encontrou (e assinalou) o que talvez tenha tomado como a essência da nossa relação. Uma essência que – grande paradoxo – é uma desistência. Primeiro, o modo (covarde) como eu (um Franz de

⁴⁸⁷ Ibid., p. 23.

⁴⁸⁸ Ibid., p. 23.

⁴⁸⁹ Ibid., p. 23.

⁴⁹⁰ Ibid., p. 23.

⁴⁹¹ Ibid., p. 24.

segunda classe) me esquivei de enfrenta-lo. Como fugi da luta e preferi me punir com o combate interior⁴⁹².

O filho parte, então, em busca do pai, e em busca de escrever o livro *através* do pai. O narrador autodiegético faz a viagem ao sertão do Piauí para descobrir as origens e entender o passado de seu pai: “Chego, enfim, a Parnaíba, a cidade que você cresceu. Trago o projeto insano de recuperar seu passado. Uma loucura, uma estupidez – um livro”⁴⁹³. Durante a viagem de ônibus de Fortaleza a Parnaíba, o processo da escritura do livro, as notas tomadas, as ideias esparsas, as dificuldades de achar a palavra e o que fazer com aquilo tudo é pensado. Em paralelo a isso, vem junto esse desejo por recuperar um passado paterno, enquanto ele mesmo transborda em memórias tristes, dolorosas e infelizes da infância subjugada pelo pai autoritário. “Preciso acreditar, ainda hoje, que você me lê. Só assim poderei acreditar no livro que, um dia, escreverei. Por enquanto – enfim! – limito-me a lutar. Não com você, porque isso já não é possível. Com as palavras”⁴⁹⁴. Na rodoviária, o narrador é recebido pelo Tio Antônio, que o questiona sobre o teor do tal livro. Diante dessa pergunta, a resposta só poderia ser uma: “Só me resta mentir: “Escrevo a biografia de papai”⁴⁹⁵.

De acordo com Paulo Ricardo Kralik Angelini⁴⁹⁶, esse narrador autodiegético enfrenta e empreende um movimento de reconstrução, tanto da figura do pai como a de si mesmo. Nesse transcurso de retorno, ele vai transitar em três atos. Ato 1: “O Voltar-se”. Esse voltar-se é um retorno ao passado cronológico, ao passado da infância, ao José criança, e a busca por uma afetividade perdida, interrompida, por um carinho inexistente, por um olhar paterno de compreensão, por um vínculo e um relacionamento com o pai que ficou pelo caminho. Ato 2: “O fazer-se” pela escrita. É pelo processo de transformação na escrita desse pai e desse relacionamento, que há o redimensionamento dessa figura paterna autoritária e opressora e dessa infância infeliz com o objetivo de expurgar as recordações, libertar-se, enxergar-se e redefinir-se outro. Ato 3: “O saber-se”. Esse conhecimento só é possível de acontecer depois da morte do pai, pois, quando Ribamar ainda estava vivo, porém, já doente, velho e moribundo, mantinha o afastamento para com o filho e a indiferença. Apesar de já não conseguir mais preservar a severidade e a autoridade, preferia a distância e o contato físico com o filho. Desse modo, esse contato, esse gesto, essa aproximação dos dois corpos,

⁴⁹² Ibid., p. 43.

⁴⁹³ Ibid., p. 47.

⁴⁹⁴ Ibid., p. 66.

⁴⁹⁵ Ibid., p. 67.

⁴⁹⁶ ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik. “A arqueologia do afeto em Ribamar, de José Castello”. In: BARBERENA, Ricardo; CARNEIRO, Vinícius (Orgs.). *Das luzes às soleiras: perspectivas críticas na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Luminara Editorial, 2014, p., 339.

semelhante e oposto, perto e longe, efetiva-se tão somente pela morte e o abraço ao corpo frio e descarnado: “O texto acolhe, recolhe, agasalha o corpo morto do pai, e faz renascer o filho”⁴⁹⁷.

Numa linguagem que mescla a objetividade das frases curtas em parágrafos enxutos, poucos passam das três linhas, com doses de lirismo e figuras de estilo pontuais, em prolepses e analepses, em capítulos estruturados conforme uma tabela de número de caracteres exatos em conformidade com as notas musicais, a estrutura do livro se destaca pelo rigor técnico e o estilismo apurado. A espinha dorsal do livro, o esqueleto que o mantém firme e o impede de desabar é a cantiga de ninar que o pai cantava para o filho (repetida há gerações, desde o avô Lívio ao pai Ribamar e pelo bisavô Manuel Thomaz ao avô Lívio): “Ô seu Zuza seu Cazuzá/ que chorar tanto’assim não se usa/ frio lio li frio lio li frio lio lé é/ cala boca mimoso José é”⁴⁹⁸. Desse modo, o livro está segmentado em 98 capítulos, conforme a harmonia dessa cantiga de ninar intitulada pelo narrador de “*Cala a boca*”, que aparece reproduzida na capa (com o título *Ribamar* em alto relevo e textura diferenciada) e na primeira página do livro, com letra e música.

Conforme Glauciane, a cantiga é repetida duas vezes ao longo do romance: “sendo que cada sílaba corresponde a uma das sete notas da escala musical, retornando conforme o compasso da melodia”⁴⁹⁹. Portanto, cada nota da cantiga refere-se a um determinado tema com o qual está mencionada no alto da página, ou seja, nas duas notas “Dó”, a temática é o “Nada”; nas oito notas “Ré”, é a “Família”; nas dezesseis notas “Mi”, aparecem as reflexões sobre “Kafka”; nas treze notas “Fá”, estão as lembranças da “Infância”; nas quarenta notas “Sol”, está a viagem à “Parnaíba”; nas seis notas “Lá”, os sentimentos de “Angústia”; nas duas notas “Si”, estão os “Bichos” que o narrador-personagem encontra durante viagem. “Há, ainda, dez pausas que têm como título “Aves”, nas quais o narrador disserta sobre sentimentos variados e busca o significado da palavra “kafka”⁵⁰⁰.

A tabela de caracteres de Castello estava assim composta: cada mínima de aproximadamente 6.000 caracteres, cada semínima 3.000 e cada colcheia, em torno de 1.500 caracteres⁵⁰¹. Além dessa estrutura rígida, aos moldes do OULIPO francês e do concretismo brasileiro, com aspectos de visualidades e os jogos matemáticos das *contraintes oulipiennes* –

⁴⁹⁷Ibid., p., 339.

⁴⁹⁸ CASTELLO, José. *Ribamar*: romance. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 8.

⁴⁹⁹ TEIXEIRA, Glauciane Reis. *Poéticas do silêncio*: reflexões sobre romances brasileiros do século XXI. Tese de doutorado. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016, p. 161.

⁵⁰⁰ Ibid., p. 161

⁵⁰¹ Ibid., p. 162

restrições, o texto está repleto de autorreflexão, utiliza o recurso das citações e das referências, dos comentários críticos e traça diferentes paralelos intertextuais entre autores e obras, tais como Max Brod, o biógrafo de Franz Kafka, Sêneca, Sören Kierkegaard, Franz Bretano, Daniel Defoe, Virginia Woolf, Robert Stevenson, Horácio, Charles Baudelaire, Castro Alves, Manuel Bandeira e Jorge de Lima. Aparecem também passagens bíblicas e composições musicais de Leoš Janáček⁵⁰². Ou seja, um catálogo de referencialidades e eruditismo por parte do autor e de seu narrador autodiegético. Porém, também figura no romance o lado da ficção, com citações de textos produzidos pelas personagens da família de José, como o Dicionário poético, elaborado por seu bisavô, Manoel Thomaz Ferreira.

Engana-se quem pudesse pensar que a cantiga de ninar servisse de acalento e ternura para embalar o sono e os sonhos da criança, com doçura e amabilidade do pai para com seu filho, muito pelo contrário, a cantiga o atordoava: “(...)Nada se assemelha ao desenho inquieto da partitura da *Cala a boca*. Essa música infernal que ressoa dentro de mim”⁵⁰³. Uma superpresença autoritária, uma presença superposta, obrigatória de pai da obrigação da família, despótica, ainda mais, ameaçadora e silenciadora.

Um pai que comparava o filho a estranhos bichos, recriminando-o por sua postura: “Meus ombros se encolhiam, minhas costas cediam e minha cabeça rolava em direção à barriga. “Abre esses ombros”! Meu esforço era inútil” (...) “Você parece um papagaio”⁵⁰⁴. Ao vestir-se apenas de pardo, cinza e preto, o filho recebia do pai o seguinte comentário: “Meu filho, você parece uma barata”⁵⁰⁵. Um pai considerando a tristeza do filho por pensar demais em decorrência de sua paixão pelos livros e por ser muito apegado às palavras: “Você pensa demais, meu filho, e isso o adoce”⁵⁰⁶.

O filho, por sua vez, enxergava-se como um “cachorro vira-lata” implorando carinho e atenção paternos. Munido pelos sentimentos da rejeição, da nulidade enquanto sujeito e enquanto filho, da negação enquanto homem, da fragmentação do afeto partido, da invisibilidade, do medo e da angústia, José, inevitavelmente, se aproximaria de Franz Kafka. E só desse modo poderia se sentir identificado, correspondido, compreendido, espelhado, como se Kafka já tivesse dito tudo o que José sentia, pensava, conjecturava e queria dizer ao pai. Mas o silêncio imposto era muito maior. Impedia-o. Assim como impediu Franz de entregar a carta ao pai. “Eu ainda não conhecia Franz Kafka. Anos depois, quando li *A*

⁵⁰² Ibid., p. 162

⁵⁰³ CASTELLO, José. *Ribamar*: romance. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 198.

⁵⁰⁴ Ibid., p. 181-182.

⁵⁰⁵ Ibid., p. 183.

⁵⁰⁶ Ibid., p. 182.

metamorfose, suas palavras se tornaram um vaticínio. Meu pai, um adivinho? Não é difícil prever o medo em um filho que, sem nenhum pudor, exhibe sua casca”⁵⁰⁷.

Kafka e sua obra foram, ao mesmo tempo, um instrumento de “leitura” de auto-compreensão ao narrador e de compreensão de seu pai. O retorno do exemplar dedicado ao pai, retornando às suas mãos, tinha como missão do pai, enfim, incitá-lo a redescobrir-se enquanto filho daquele pai inacessível, tal qual Hermann foi para Franz. Entender esse movimento do pai para poder se movimentar sem o pai. Sem aquela sombra daquele pai da infância.

Assim leio a *Carta ao pai*: como um instrumento – um par de óculos, um binóculo, uma lupa – que me ajuda a ler. Desde que o maldito livro me voltou, não paro de pensar em Franz. Tudo me remete aos seus escritos, e, em movimento inverso, suas palavras deságuam sobre mim. Se a Carta ao pai não me voltasse, essas notas não existiriam. Vem-me, então, a ideia de que, mesmo morto, e a contragosto, foi você quem me remeteu o livro de Kafka. (...) A lembrança (implacável, incômoda) prova que sou não só o destinatário, mas o remetente. O livro veio “de mim” a “mim” – se é que isso faz sentido. O livro “se me veio”, como um bumerangue, retorna às mãos (ou ao peito) do lançador. (...) Às cegas, sem pensar no que fazia, eu vendi o livro. Sim, eu fiz isso! Se foi isso o que aconteceu, pai, eu não escrevo essa carta para você, mas para mim mesmo. (...) Disse-me, um dia, o professor Jobi: “Toda pergunta sobre o pai é, sempre, uma pergunta sobre si”. (...) Como consolo, me resta repetir o que Franz, cansado de tantas palavras e já próximo da morte, disse a Hermann: “Querido pai, sempre vos amei”⁵⁰⁸.

A comunicação falha, sobretudo, entre pai e filho. Mas também entre filho e pai. Filho espera afeto, amor, compreensão e palavra do. Pai espera um filho com presença, com postura, com grandeza e colorido diante da vida, e não um filho taciturno e melancólico. Nessa falta de palavras e da ligação entre essas palavras, a indiferença e a invisibilidade acabam se tornando provocações, insultos, jogos de máscaras, violências sutis e progressivas, lutas diárias, embates cotidianos e contínuos para ver quem vence quem, quem destrói primeiro quem, quem faz o outro sofrer mais.

Não dá para se negar a influência e os efeitos que o filho tem sobre o pai, porém, a figura paterna autoritária acaba erigindo-se com tamanha força frente à fragilidade desse filho que um simples ato de posar para fotografias transforma-se em um campo de batalha. O pai que gostava de fotografar como um vício e o filho que detestava ser fotografado como uma fuga: “Volta a protestar: “Por que você não fica parado?” Não faço isso para contrariá-lo, não é um desafio ou um deboche. Não consigo me aquietar porque, diante de sua figura de

⁵⁰⁷ Ibid., p. 183.

⁵⁰⁸ Ibid., p. 157-158.

domador, algo em mim vacila”⁵⁰⁹. Um pai domador em *Ribamar*, uma pai ensina-DOR como o de *Lavoura arcaica*, um pai “professor” como o “Professor” de *Reunião de família*: um pai devorador.

Tal qual Hermann questionou o filho sobre o seu medo diante dele, Ribamar questiona José sobre o que os afasta. Segundo o filho: “Não há uma resposta e é isso que nos afasta. Houvesse uma resposta, qualquer uma, a mais odiosa delas, e a distância não existiria”⁵¹⁰. Um episódio é marcante para o filho. No dia em que, de férias, o pai resolveu ensiná-lo a nadar. “Um filho deve se sentir seguro ao lado do pai que o ampara; seu amor próprio deve crescer; a autoconfiança nasce desse contato”⁵¹¹. Nessa ocasião, aos olhos dessa criança, o pai está sereno e não dissimula o prazer em ajudá-lo: “Em me dar um colo”⁵¹².

O problema é que o filho não consegue relaxar, não consegue se sentir confiante aos braços do pai, não consegue se sentir confortável e seguro diante dessa ajuda paterna. “O peso de suas mãos, em vez de me proteger, me gela. Tenho calafrios. Talvez você queira me afogar, se livrar de mim”⁵¹³. O pai insiste para que o filho tente – tente nadar ou tente entender e responder o que os afasta? “Em um gesto final de aconchego, e para me proteger de mim, você me abraça. “Não me sufoque!”, eu grito. “Deixe-me respirar, preciso de ar”. Ainda me debato quando você deita em uma espreguiçadeira”⁵¹⁴. Para o filho, há um impasse da língua: “Não é o corpo que entra em pane, mas a palavra”⁵¹⁵. Falta a palavra de pai ao filho. Falta a palavra de filho ao pai. Falta a palavra em comum. Falta a palavra. Falta.

Desde o começo, o narrador, José, sinaliza para a semelhança física entre ele e seu pai, para a filiação como obra e como sentença: “Também eu não suportei as coisas que nos ligavam. A semelhança como uma condenação. (...) Quem roubou a cara de quem? No espelho paterno, até mesmo as vitórias se tornam daninhas”⁵¹⁶. Para José, o pai recolheu-se ao silêncio não como uma desistência de ser pai, mas como uma derrota por não conseguir fazer com que o filho aceitasse esse fato. Com o retorno ao passado do pai, o filho foi buscar o homem que habitava e se escondia dentro desse pai. Porque ser pai é um papel, um jogo de máscaras: “Não posso negar que eu o feri. Ninguém se torna pai sem alguma dor. Só o fato de existirem dois (e não um) já produz um rasgão. Falar do pai é falar da ferida que nos conectou

⁵⁰⁹ Ibid., p. 168.

⁵¹⁰ Ibid., p. 95.

⁵¹¹ Ibid., p. 95-96.

⁵¹² Ibid., p. 96.

⁵¹³ Ibid., p. 96.

⁵¹⁴ Ibid., p. 65.

⁵¹⁵ Ibid., p. 97.

⁵¹⁶ Ibid., p. 134.

e que, ao mesmo tempo, nos separou, Como um oceano, que liga, mas afasta dois continentes”⁵¹⁷. Seu desejo era conhecer esse homem – esse ator – esse intérprete que o representava como sendo seu pai. José queria despir o uniforme de pai do homem Ribamar, desatar as linhas que sustentavam essa “roupa”, esse figurino, esse “uniforme” que transformava todos os pais em pais iguais aos seus pais e aos pais de seus pais.

Gregor Samsa só vê o uniforme do pai. Não vai além da farda, não consegue enxergar o homem. Também seu pai não pode tirar o uniforme. Vestindo-o, ele se encaixa em uma série – a série dos pais – e tem, enfim, o sentimento, de existir. É mais um, e isso, para um pai é quase tudo. Todo pai é uma repetição dos pais que o antecederam. Você não escapou desse destino. Ribamar, repetição de Lívio; Lívio, repetição de Manuel Thomaz. Homens que se desdobram, cedendo seus distintivos e uniformes ao sucessor. Foi a série que quebrei, meu pai. Por favor, me perdoe. A verdade é que eu faria de novo. Não depende de mim. A transmissão da potência, da autoridade, e, sobretudo, de uma casca: a isso os pais chamam de sangue. O uniforme não passa de uma simulação. Um sinal, como os colocados à margem das rodovias⁵¹⁸.

Para José a ideia de matar o pai, o “parricídio”, talvez, pudesse funcionar como uma ajuda para despir a fantasia de pai, a máscara de pai, para que ele pudesse ser um sujeito qualquer. Um homem qualquer. Para libertá-lo do nome e da condição imposta aos pais: homens solitários, como o pai de olhos plácidos, a íris derramada sobre os bigodes, as sobrancelhas irregulares, tudo isso interrogando-se sobre o papel que precisava sustentar e que a biologia insistia por manter: “Uma coisa é gerar um filho, outra bem diferente é ser pai. Você sempre esteve atordado com o papel (a máscara) que lhe destinaram”⁵¹⁹.

Conforme a doença do pai progride, o filho se percebe na posição de observador da queda do pai, uma quase inversão de máscaras, e de papéis. O filho atenta-se para a fragilidade daquele corpo que antes o amedrontava. Diante de uma crise do pai no leito do hospital, presenciando a agonia desse homem, em uma noite, o filho se depara com aquele sujeito derrotado: “Levanto suas calças, ajeito os cabelos e o abraço. (...) Eu, o filho fraco, choro. No entanto, você só pode contar comigo – a velhice o leva a falhar consigo mesmo”⁵²⁰. Diante do corpo do pai morto, o filho, no necrotério vai vesti-lo, com as mãos trêmulas e a angústia da despedida, mas o corpo não facilita: “Até no ato de morrer, você não aceita o papel de morto. Teimoso, se recusa a morrer”⁵²¹. Depois de, finalmente, conseguir abotoar a camisa e aprontar o pai, o filho senta-se ao seu lado, joga o rosto em seu peito e chora: “Não

⁵¹⁷ Ibid., p. 136.

⁵¹⁸ Ibid., p. 253.

⁵¹⁹ Ibid., p. 201.

⁵²⁰ Ibid., p. 202.

⁵²¹ Ibid., p. 258.

me saem lágrimas. As lágrimas inexistentes, porém, me esvaziam. Tento conversar com você, dizer alguma coisa. As palavras falham. Elas não servem para a morte. A ela só corresponde o silêncio”⁵²². Nem diante da doença do pai, nem diante da morte do pai a palavra pode se fazer entre os dois – pai-filho e filho-pai. Fez-se silêncio. O infinito silêncio da morte.

É pelo “voar para dentro”⁵²³, é pelo interiorizar-se, pelo desvelar-se enquanto desvelava o pai que o filho chegou o mais perto dessa palavra: “Talvez encontre dentro de mim o que o mundo me negou”⁵²⁴. A viagem termina, o filho faz as malas e vai voltar para casa. A sua própria casa, e há muito tempo não mais ou nunca foi a casa do pai. “Enrolar as frases, dobrar as esperanças, deixar para trás as ilusões. Não se procura aquilo que se carrega”⁵²⁵. O filho termina despachando, via correio, a carta ao pai, Ribamar, e diante da pergunta da atendente sobre a falta de endereço do destinatário, o filho responde: “Ponha aí um destino qualquer”⁵²⁶. Destino pouco importa, pois o filho não vai nunca terminar de responder as perguntas que o pai fez. Resposta não há. Há processo. Há letra. Há busca pela palavra. E mesmo diante do silêncio de uma comunicação fracassada, há desejo.

Desejo de palavra.

[aliás]

É, pai, é isso.

É pela palavra.

É pela palavra, pai.

E pela repetição da palavra.

Kafka se tornou Kafka porque Hermann foi Hermann. Para Franz, tirano, autoritário, cruel. Pai. O seu pai. Franz utilizou-se da escrita literária ficcional como caminho para expressar essa busca pelo pai. E na busca pelo pai, a busca por si mesmo.

Para André o pai foi pai-ensina-DOR.

Para Alice, o pai foi pai-professor

Para José, Ribamar foi pai-domador.

Pai-devorador ensinado a ser pai-devorador muito antes de que os filhos nascessem.

... e fossem devorados

Filhos aprendendo que pouco importa o destino, importa o caminho.

Importa a busca.

⁵²² Ibid., p. 258.

⁵²³ Ibid., p. 275.

⁵²⁴ Ibid., p. 275.

⁵²⁵ Ibid., p. 278.

⁵²⁶ Ibid., p. 278.

A busca pela palavra-própria.
A palavra de filho independe da palavra de pai.
... e de pai-devorador
Porque ela vai acontecer.
Seja na presença ou na ausência.
Seja na falta ou no excesso de autoridade.
Pode tardar. Pode ter pressa.
Pode ser mais breve do que se poderia ser.
Pode chegar no final.
Mas a palavra de filho acontece.
E o que tem nessa palavra?
Um desejo.
Uma palavra de pai em comum à palavra de filho.
É um desejo.
Em diálogo.
[aliás]

SEGUNDA CARTA:

Pai, eu me procuro no desejo por você

[Ecos da voz que busca o pai: diálogos com Sibylle Lacan]

Paris, outono de 2017 e inverno de 2018

Porto Alegre, primavera de 2018, verão de 2018 e 2019

Pai,

Você se lembra da história que contei sobre o falecimento de Judith Miller ou Judith Lacan?

Lá naquela breve história eu comecei essa história daqui.

Lá eu falei muita coisa de que vou falar aqui.

Mas agora é outra história.

Pai? Você está me ouvindo?

Vou contar a você a história da outra filha de Lacan, a Sibylle.

Pai?

E vou contar a você por que o diálogo com Sibylle é fundamental para estas cartas.

Talvez o meu encontro com o texto da Sibylle tenha acontecido um pouco tarde nessa minha vida.

Talvez eu esteja me sentindo como o narrador autodiegético de José Castello quando se deparou com o escritor de A metamorfose, à primeira vista e à primeira leitura, ao pensar que Franz Kafka tinha lhe roubado a palavra, pois tinha dito – e escrito – tudo o que ele queria dizer. E como ele se sentia.

Talvez o espelho de Franz Kafka e o espelho de José estivessem em igual posição paralela.

Certamente.

Não é o que acontece com o espelho de Sibylle.

Ou o meu espelho em relação ao espelho dela.

Consigo pensar numa figura multirefratária como um caleidoscópio para ilustrar melhor esse jogo de espelhos de Sibylle e entre Sibylle e o meu próprio espelho.

É fato que a sensação imediata ao ler – de um só fôlego – Um père: puzzle foi essa: ela disse muita coisa que eu queria dizer.

Dizer ao meu pai?

Sim.

Também.

Dizer ao pai, sobretudo.

Contudo.

Esse dizer é um dizer-se e um dizer-me.

A Sibylle disse muita coisa que eu queria dizer a mim mesma, pai.

Ao falar do seu não-relacionamento com o pai eu ouvia sobre o meu não-relacionamento com o meu pai.

Ao falar de suas inseguranças, tristezas, dores, questões psicológicas, frustrações, dúvidas, de seus medos, de sua raiva, eu ouvia tudo isso em meus ouvidos como se estivessem as palavras saindo de minha boca. Ouvir de sua indignação. Ouvir de sua mágoa.

Ouvir.

Porque eu li em voz alta.

Eu li em voz alta as palavras de Sibylle.

E me ouvi.

E li de novo.

A Sibylle.

E a mim mesma.

O impacto assusta porque desloca a perspectiva.

A voz move a percepção de lugar.

Bem mais do que os olhos, posso assegurar.

Posso estar sendo repetitiva. Eu sei. Com certeza, estou.

Mas não é disso que estamos o tempo todo, aqui, pai, falando?

Das repetições.

Essas repetições.

Consigo dimensionar a reação de José ao ler Carta ao pai pela primeira vez.

Deve ter sido parecida com a minha ao ler Un père: puzzle pela primeira vez.

*E em voz alta.
Foi um encontro.
Foi um diálogo,
Foi um falar-se para dentro e um falar-me de mim.
Foi um responder-me sem resposta.
Foi um cair para dentro de mim mesma.
Foi uma descoberta encoberta.
Foi um desvelamento.
Não do que foi.
Mas do que pode ser.
Ser uma filha de pai ausente.
Ou estar filha de pai ausente?
Quando se descobre não o pai ausente
Porque esse é sabido
e já se sabe e conhece repetidas mil-vezes
Quando se descobre
como ser FILHA*

Com o passar dos anos e com a ajuda da análise, meus sentimentos para com meu pai foram-se clareando e abrandando. Eu o reconheço plenamente como meu pai. Mas, principalmente – o que é bem mais importante – hoje eu tenho fé em mim e pouco importa quem é meu pai. Pensando bem, aliás, não somos todos sempre a filha (ou o filho) de nossos pais?

Sibylle Lacan

[aliás]

Na “Advertência”, Sibylle se posiciona e estabelece a perspectiva da leitura que propõe em seus textos: não é sua intenção debater ou fazer críticas à psicanálise de Lacan, seu método, sua prática, seu trabalho; a voz é, portanto, a da autora e também filha. Lugar esse conquistado com sofrimento, dor, dificuldade e muito silenciamento por atitudes de negligência, abandono, ausência e esquecimento do “um pai” – aquele artigo indefinido que

questiona e incomoda pela imprecisão e impessoalidade proposital – qualquer – quem – de que pai se fala?

As peças que compõem esse *puzzle* – quebra-cabeça de lembranças reatualizadas pela linguagem e pelo ato da escrita foram produzidas “às cegas”, sem esboço e sem o conhecimento prévio de como seriam quando estivessem reunidos os pedaços todos: “Trata-se de uma obra puramente subjetiva, fundada tanto nas minhas lembranças daquela época quanto na visão que hoje tenho das coisas”⁵²⁷. Conforme a autora, e também filha, a primeira página, “a mais perfeita” foi escrita de uma só vez em uma noite de outubro de 1991, “de maneira espontânea, impulsiva, sem correções ulteriores”⁵²⁸, porém, como reconhece na sequência, a espontaneidade funciona para textos “extremamente curtos”, para os demais, sendo necessário o trabalho de edição (a segunda, visto que a memória age como primeira grande editora) com correções, depurações da narração e a procura da palavra certa. O texto inteiro foi escrito nessa noite de 1991.

Antes, porém, desde a dedicatória, o texto já chama a atenção para o tom de “desabafo doloroso”⁵²⁹: “*a todos que acreditaram em mim*”⁵³⁰. Essa frase faz menção, inclusive, às polêmicas envolvidas em torno dessa célebre figura pública e intelectual de prestígio, psicanalista conceituado no meio francês. Não é o objetivo aqui, explicitar a biografia de Jacques Lacan ou optar pelos caminhos do biografismo e dessas polêmicas. Pelo contrário, o nosso objetivo é o texto de Sibylle. As suas palavras, o seu discurso, a sua verdade de filha pela palavra. Apenas para fins de contextualização: Sibylle, a terceira filha do psicanalista francês com Marie-Louise Blondin, nasceu oito meses antes de Judith: “Quando nasci meu pai já não estava mais lá. Eu até poderia afirmar que, quando fui concebida, ele já estava em outro lugar; já não vivia de fato com minha mãe. (...) Sou fruto do desespero, alguns dirão do desejo, mas nesses eu não acredito”⁵³¹

Diante do questionamento sobre a intenção e a motivação de falar sobre o pai, a autora-filha interpela aspectos como “afirmação de minha filiação, esnobismo – eu sou a filha de Lacan?”⁵³² ou pela defesa do clã de sua família em detrimento ao clã da segunda relação do pai. Ela não sabe responder ou afirmar, mas insiste em que ela e os irmãos são quem

⁵²⁷ LACAN, Sibylle. Um pai: puzzle. tradução de Maria Amália Ramos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, p. 9-10.

⁵²⁸ Ibid. p. 10.

⁵²⁹ Conforme a quarta capa do livro. Ibid. s/p.

⁵³⁰ Ibid. s/p.

⁵³¹ Ibid., p. 15.

⁵³² Ibid., p.15.

realmente possuem (possuíam) o nome Lacan. Nomeações e singularidades. Particularizações do sujeito.

Segundo as minhas lembranças só conheci meu pai depois da guerra (nasci no final de 1940). Não sei o que aconteceu, na realidade, e nunca interroguei mamãe sobre isso. Provavelmente, ele "passou". Em minha realidade, existia mamãe, e ponto final. Aliás, eu não sentia nenhuma falta dele, já que nunca havia sido de outro jeito. Sabíamos que tínhamos um pai, mas, aparentemente, os pais não estavam lá. Para nós, mamãe era tudo: o amor, a segurança, a autoridade. Uma imagem dessa época fixou-se em minha memória, como uma fotografia que eu tivesse tirado e conservado: a silhueta de meu pai, diante da moldura da porta da entrada, numa quinta-feira em que veio nos visitar: imenso, envolto num vasto sobretudo, ali parado e já abatido por não sei que cansaço. Um hábito se tinha instaurado: ele vinha almoçar na *rue Jadin*, uma vez por semana⁵³³.

O afastamento de Jacques Lacan dos filhos do primeiro casamento revelava, por outro lado, a sobrecarga de funções, papéis, afetividade e responsabilidade sobre a mãe das crianças, Malou, e como o pai, já divorciado, visitava os filhos para cumprir formalidades, em ocasiões públicas e sociais e sem envolvimento na vida e rotina das crianças: “Nos aniversários, papai dava-nos presentes maravilhosos (acho que compreendi, bem mais tarde, que não era ele quem os escolhia)”⁵³⁴. O peso da palavra divórcio aludia ao preconceito diretamente sobre a mulher, pois era a mãe que “iria para o inferno”, como culpada dessa situação, e às crianças como vítimas de uma sociedade tradicional e conservadora. “Quando eu nasci, mamãe quase não cuidou de mim; ela não me desejara e estava em outro lugar, no fundo de seu abismo pessoal. Posso guardar-lhe rancor por isso? No entanto, acredito que toda a minha vida foi marcada por essa vinda ao mundo em solidão afetiva”⁵³⁵.

Quando Sibylle se encontrava com o pai, em jantares em grandes restaurantes, com grandes pratos de luxo, ela sentia-se “uma pessoa, inteira”⁵³⁶, não pela ocasião e o local em si, mas, principalmente, por estar com o pai, na presença do pai. Apesar de ele não falar nada a respeito de sua vida particular, e a filha também não perguntar ao pai, ela sentia-se radiante e encanada por ele apenas “estra ali”, na sua frente. A solidão, porém, a rejeição, a falta de afeto, a negligência que sentia por parte desse pai, não poderiam ser compensadas em jantares e presentes e em uma conversa formal. Desde os vinte e um anos, Sibylle relata episódios sistemáticos e progressivos do que parece vir a ser a manifestação de depressão crônica. A primeira vez em que ela falaria ao pai sobre essa situação, a partir de uma ideia da mãe, e tendo em vista que os sintomas de fadiga, falta de energia, cansaço, apatia se prolongavam e

⁵³³ Ibid., p. 17.

⁵³⁴ Ibid., p.21.

⁵³⁵ Ibid., p.34.

⁵³⁶ Ibid., p.29.

não eram em decorrência de gripe, Jacques Lacan não apareceu ao encontro, deixando a filha esperar: “De onde estava, vi, de repente, uma mulher saindo de lá, com passos rápidos. Alguns segundos depois, saiu um homem. Estupefata, reconheci meu pai. Como pudera ele me impingir esse suplício, a fim de satisfazer, primeiro, o seu desejo? (...) Completamente indignada, me afastei da janela”⁵³⁷.

Mesmo após os dois anos de sua estadia na União Soviética, de 1962 a 1964, Sibylle, tendo retornado a Paris, continuava a sentir-se mal de saúde. Depois de algumas tentativas de tratamento, finalmente, o pai sugeriu de a filha fazer análise. A análise com a Madame P. prosseguiu por um bom tempo com efeitos positivos, mas Sibylle descobriu que a analista era uma das amantes de seu pai. “Mais ou menos dois anos após a manifestação de minha ‘doença’, interroguei meu pai sobre o assunto (“Mas o que eu tenho?”). Ele me respondeu: se estivéssemos no século dezenove, diriam que você é neurastênica”⁵³⁸. Sibylle revela que outra pessoa, cujo nome ela prefere não citar no texto, falou em “melancolia” e afirmou não ter cura. O psicanalista atual dela discordava desse fato.

Sibylle conta sobre o episódio em que Lacan, publicamente, reconhecia apenas ter uma filha, Judith:

Eu tinha uns trinta anos. Era uma época em que não estava trabalhando, por me sentir incapaz de fazê-lo; uma época de vazio e de dor. A época de Montparnasse, a errância. Um dia em que eu estava no Café Select, um velho conhecido – um rapaz que se tornara psicanalista – veio em minha direção, logo que me viu. Tinha uma notícia interessante para me dar. Você sabe, disse ele, que no *Who's Who* seu pai só tem uma filha, Judith? Tudo escureceu em minha cabeça. A cólera só veio mais tarde. (Alguns dias depois, senti a necessidade de ir eu mesma conferir, na editora: o amigo-que-me-queria-bem estava certo.)⁵³⁹

Sobre Judith, a autora relata que ficou sabendo da existência da irmã, de parte paterna, apenas em idade adulta e que criou uma grande expectativa para conhecê-la. Diante da irmã, Sibylle sentiu-se inferiorizada, menosprezada, oprimida, e tal sentimento perdurou por algum tempo. Enquanto Judith fazia Filosofia, a irmã cursava apenas Línguas, enquanto Judith era amada e reverenciada socialmente, a irmã sentia-se deprimida e triste. Nos corredores da Sorbonne, conta Sibylle, Judith passava por ela e fingia não reconhecê-la. “Ela era tão amável, tão perfeita, e eu, tão desajeitada, tão inábil. Ela era a socialidade, a descontração, eu,

⁵³⁷ Ibid., p.43.

⁵³⁸ Ibid., p.51.

⁵³⁹ Ibid., p.55.

a camponesa do Danúbio”⁵⁴⁰. Para Sibylle, Judith a fez perceber a sua mediocridade enquanto indivíduo e mulher. Judith era a filha adorada publicamente e intimamente por Lacan e esse fato magoava profundamente Sibylle: “Uma lembrança alucinada é a visão de meu pai e Judith dançando, como dois namorados, em um baile popular em Ramatuelle. Mas em que mundo eu tinha caído? Um pai não é um pai?”⁵⁴¹ No consultório de Lacan, conforme a recordação de Sibylle, havia uma foto de Judith, grande, em preto e branco, mas não havia dos outros filhos(as): “Meu pai parecia dizer a seus pacientes, a nós, a mim durante mais de vinte anos: Eis aqui minha filha, eis aqui minha filha única, eis aqui minha filha amada”⁵⁴².

Sibylle, ao longo das narrativas, dos fragmentos e das lembranças, expressa os seus sentimentos e desejos ambíguos em relação ao pai. Ao mesmo tempo em que manifesta o ódio do pai durante muito tempo, por tudo o que Lacan fez a família sofrer, principalmente no começo de suas infâncias, no abandono dos filhos e de casa, ela também mostra-se compreensiva com a situação e como sabia que “ele nos amava, do jeito dele. Era um pai intermitente, em pontilhado. Sei também que tinha consciência dessa falta conosco”⁵⁴³. Segundo a escritora, a fúria, o ressentimento e a revolta contra o pai demoraram para aparecer em sua vida e, em consequência, na prática da análise: “Eu o culpava pelo desastre familiar, à medida que, pouco a pouco, ia tendo consciência disso, e pelo meu desmoronamento pessoal no final da adolescência”⁵⁴⁴. Desse modo, para a filha, a primeira família do pai parecia, aos olhos deste, um acidente em sua vida: “Foi mamãe quem nos criou e que nos amou todos os dias de nossa vida. Meu pai vivia a sua vida, a sua obra, e nossa vida era como um acidente dentro de sua história, uma face de seu passado, que, no entanto, ele não podia ignorar”⁵⁴⁵.

Levei meu pai até a rue de Lille, em meu carro, um pequeno Austin, e, no momento de nos separarmos, ele me disse: “Tenha cuidado com você, minha querida, e me telefone quando chegar em casa.” Ele insistiu. Estranhei; tinha vida independente, sempre me deslocava e viajava sozinha até para o outro lado do mundo sem que ele manifestasse a menor preocupação. De repente, tinha diante de mim um pai quase maternal, que me pedia para tranquilizá-lo após um trajeto corriqueiro, dentro de Paris. Representei meu papel e prometi telefonar-lhe assim que chegasse. Chegando a casa, liguei imediatamente, temendo acordá-lo caso perdesse um minuto: “Quem está falando? O quê? O que aconteceu?” O homem caiu as nuvens. Precisei relembrar-lhe suas próprias recomendações. Enquanto desligava, confirmei que, de fato, eu tinha um pai esquisito, meio biruta,* segundo a expressão que lhe era cara.⁵⁴⁶

⁵⁴⁰ Ibid., p.37.

⁵⁴¹ Ibid., p.38.

⁵⁴² Ibid., p.65.

⁵⁴³ Ibid., p.58.

⁵⁴⁴ Ibid., p.58.

⁵⁴⁵ Ibid., p.58.

⁵⁴⁶ Ibid., p.69.

Conforme Sibylle, as duas únicas vezes em que viu Lacan chorar foi quando o pai anunciou a morte de Merleau-Ponty e no velório de Caroline, a irmã mais velha, vítima de um acidente de carro. Sibylle ainda comenta sobre os pensamentos e ideias de suicídio que a acometiam frequentemente, como única solução para tanto sofrimento. Um ano após ter negado um pedido de dinheiro da filha, já na véspera da morte do pai, Sibylle, por insistência da secretária, tinha agendado uma reunião com Lacan, mas o tempo não houve para esse encontro. A irmã acusa o irmão Thibaut de saber da doença e da internação do pai e não revelar a ela. Sibylle estava em Viena no dia da morte do pai e não teve tempo de se despedir. Chegou no outro dia. “Fiquei em estado de choque. A morte do próprio pai é algo inimaginável. Incapaz de ficar sozinha, pedi a uma colega que ‘jantasse’ comigo e, depois que ela foi embora, fiquei no restaurante até tarde da noite, bebendo um copo atrás do outro”⁵⁴⁷.

Com a morte de Lacan, acirrou-se ainda mais o confronto ente Sibylle e Judith e Jacques-Allain Miller, os detentores legais dos direitos de sua obra. Ao final do puzzle, a autora remonta a uma passagem da biografia de Elisabeth Roudinesco sobre Lacan, que revelava um gesto do pai antes de morrer. Diante desse fato, Sibylle, comenta: “Acredito ter sido esse o dia em que me senti mais próxima de meu pai. A partir desse momento, não chorei mais ao pensar nele”⁵⁴⁸. Sibylle morreu em novembro de 2013 em decorrência de uma overdose de medicamentos.

[aliás]

Você sabe, pai, quando a gente tem aquela sensação de se ver em um livro? De se enxergar na história? De se identificar com um personagem? E esse é o “livro da minha vida”? “Essa é a “minha história”?

Pois foi um pouco desse jeito que me senti ao ler Um pai: puzzle.

Talvez, esse sentimento próprio, esse sentimento de filha, essa dualidade de amar o pai, desejar o seu afeto, o seu carinho, a sua reciprocidade, a sua atenção e o seu reconhecimento de pai, e, por outro lado, odiar o pai, ter muita raiva desse pai, exatamente por esse sentimento de filha, quando falta tudo isso: afeto, carinho, reciprocidade atenção. Esse reconhecimento de pai. Quando falta o reconhecimento de pai para filha. Sobra a falta. Há falta como não há reconhecimento.

E quando há reconhecimento ainda falta.

A falta parece sempre

⁵⁴⁷ Ibid., p.92.

⁵⁴⁸ Ibid., p.106.

sempre
vai estar
estar
há
falta
ali
falta
e, você, pai,
você falta

Para esse diálogo com Sibylle Lacan e a ideia da busca pelo pai na própria palavra e pela expressão de sua palavra, quando esse pai não está presente na vida de filhas e filhos, encontrei em *Mar azul* (2012), de Paloma Vidal, uma possibilidade de estender diferentes conexões.

Em seguida, para finalizar esta parte da carta e a carta em si e tudo o mais que vem com ela, trago para a nossa conversa o romance *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa, como característica de um espaço entre você, pai. Um espaço entre relações de poder e relações de desejo e com a constituição de novas subjetividades. Outras famílias. Outros pais. Outras filhas. E filhos.

Em ambos os romances, as narradoras autodiegéticas, assim como José, o narrador de *Ribamar*, transcendem esse estado da busca pelo pai em uma busca interna, de autoconhecimento e do reconhecimento da palavra de filho(a), da posição de filho(a), sem que haja a necessidade de uma legitimação paterna externa.

A legitimação que acontece não vem do pai. O reconhecimento que acontece, para essas personagens e esses personagens, não vem do pai. Não poderia vir do pai. É impossível vir do pai. É impossível. Surge, acontece, irrompe, brota, germina e floresce do filho, da filha, para o filho e a filha que se pretende ser-estar.

Talvez seja essa impossibilidade possível que estamos falando desde o início das nossas cartas e do nosso diálogo, pai.

Não é pelo pai, não é do pai, não vem como ofertado pelo pai a uma demanda solícita e suplicante de filhas e filhos. O reconhecimento, a legitimação, o sentimento de pertencimento – esse pertencer não no sentido de posse, mas de um autopertencimento – um tomar conta de si – um aperceber-se – uma autodescoberta – aquele

entranhamento do desejo de ser-estar filha de alguém que pode ser pai. Pode também não ser pai. Pode não conseguir ser ou estar pai. E ser-pai ainda menos. Mas esse sentimento de poder se enxergar filha e poder se enxergar filho e pertencer a essa constelação, essa rede, essa multiplicidade de sensações e ideias que perpassam (ultrapassam e transcendem) nomenclaturas e funções e papéis e leis e normas, esse pertencer é uma das melhores sensações, ao se compreender esse pertencer é como quando se abre os olhos, lava-se o rosto, colocam-se os óculos, ajeita-se o foco, vê-se e se vê pertencendo.

Não sei explicar. Eu gosto de explicar pelas palavras. Talvez, o melhor jeito que eu entendo por fazer. As palavras, porém, nem sempre aceitam minhas solicitações e meus desejos. As palavras, porém, nem sempre compreendem e aceitam a minha demanda por elas.

Às vezes, pai, às vezes, as palavras, elas, as palavras, às vezes elas também faltam.

E faltam, inclusive, e muito, para mim.

Mas tentando explicar através delas, pai.

Através das palavras, pai.

Esse reconhecimento, pai, não vem do pai.

Vem *através* do pai. Como diria e disse e diz José.

Vem através do pai. E pela palavra.

O reconhecimento, o entendimento e a legitimação de ser-estar filha e filho vem através do pai e através da palavra.

Pela palavra se busca o pai, e através do pai se chega na palavra de filho. E filha.

Pela palavra.

Através do pai.

Se faz filho.

Eu me faço como filha.

(espero – como desejo – que pela palavra de filho e de filha se faça pai, pai. Um pai)

De alguma forma, de certo jeito, depois de algum tempo, sobretudo, pelo tempo, conforme o tempo, ele, o tempo, o tempo vai designando, vai preenchendo, vai possibilitando a nós, enquanto filhas e filhos com esse sentimento da falta, a gente munidos de tanto desejo e tanta dor, a gente que expressa esse sentimento da falta, essa falta dolorida e doída e sentida, o tempo ele nos faz a gente se perceber. Porque

passamos tempo suficiente ou mais tempo ainda na tentativa de compreender você, pai, de entender os seus motivos, as suas questões, as suas inseguranças, os seus medos, sobretudo, os seus medos, nós passamos tanto tempo empenhados, esforçados, dedicadas a esse entendimento do outro, o tempo todo, quase, ou mais, e aí, assim, o tempo nos faz olharmos para nós mesmas, e a gente se percebe e se enxerga e se compreende. E quando a gente entende que esperar por você e por seus sentimentos confusos, por suas atitudes ressabiadas, por suas palavras incrédulas, por seus gestos desconfiados, por seus olhares temerosos, por suas mãos receosas, por seus caminhares e passos inconstantes, porque se a gente for esperar tudo isso se resolver e resolver para você mesmo com você e em si, a gente vai ficar esperando. Apenas esperando. Esperar apenas.

E vamos continuar sofrendo pela espera.

E vamos continuar esperando você, pai, você nos colocar em nosso lugar de filha, em nosso lugar de filho. Esperando por você.

Às vezes demora uma vida.

Às vezes a demora da vida não é nem suficiente para essa espera

Às vezes a espera demanda uma demora tanta como nem a vida demanda e espera tanto da gente.

Mas a gente não sabe.

A gente sente.

E dói.

Nós, as filhas e os filhos que buscam o pai.

Aí, pai, aí, o tempo, pai. Não é aquele tempo da conformidade.

Bem pelo contrário.

Não é aquele tempo da espera prolongada como única maneira de se ir levando a vida levando.

Não, pai, não é esse tempo.

Não, pai, não é desse tempo que estou falando.

Também não sei dizer exatamente a que tempo me refiro.

Mas sinto que o tempo pela busca ao pai se transforma na busca pelo tempo ao entendimento de filha. E filha de pai.

O tempo da busca por você, pai, se tornou a busca pelo meu próprio tempo.

E isso é transformador e revelador.

É óbvio, não acontece assim com todas as filhas e os filhos de pai que buscam o pai.

Acho que com Sibylle aconteceu diferente.

Ou não aconteceu. Não sei.

É óbvio que para cada um vai ser diferente e vai ser um tempo diferente.

É essa experiência singular de sujeito.

Acredito que para José e para a narradora sem nome de *Mar azul*, e para Vanja, a narradora-personagem de *Azul-corvo*, esse tempo ao entendimento de filho e filha aconteceu pela palavra e pela palavra escrita, sobretudo. Pela escrita da palavra foi possível se entender nesse tempo de ser-estar filha de pai.

É isso, pai.

Pai, você ainda está me ouvindo?

Pai, estamos no final dessa conversa.

Da nossa conversa.

Você pode me dizer o que está pensando, pai?

Conversamos sobre tantos assuntos.

Eu falei bastante.

Gostaria de ouvi-lo.

Gostaria de saber como você está.

Gostaria de saber de você, como é ser-pai nessa contemporaneidade, pai?

Acho que é bem difícil. Tanto como ser filha. E mulher.

Talvez um pouco melhor do que antes. Esse antes bem antes e anterior a nós, pai.

Não muito mais fácil ou facilitado ou melhor. Mas melhor, eu acho, acredito.

Mas isso só quem vai poder me falar é você, pai.

Eu não posso saber. Apenas pelas suas palavras, pai, posso entender. Ou vou ficar supondo e continuar achando por você, no seu lugar. Mesmo que eu tente fazer o exercício de me colocar no seu lugar – e seria apenas e tão somente como exercício de alteridade mesmo – e mesmo assim eu não vou poder apreender essa experiência no meu corpo e em mim. Não vou poder.

Eu posso falar da minha experiência de filha.

Como venho fazendo e continuo em tantas e tantas páginas de cartas e com tantas e tantas palavras ditas e pensadas e às vezes só escritas e jogadas.

E venho trazendo, trazendo para você ouvir, pai, essas tantas vozes de filhas e filhos. Filhas da ficção, filhos da “realidade” (e não que a ficção não seja realidade ou mais), filhos que aparecem em notícias de jornais, filhas que tem blog na internet, filhos que escrevem livros, filhas que fazem filmes, filhos que escrevem peças de teatro, filhas que constroem prédios, ou fazem performances. Filhas e filhos que buscam o pai. De algum jeito, por algum caminho, com todo o sentimento e a dor de filho e por meios e vias que, às vezes, nem a gente mesmo, enquanto filhos e filhas, sabe.

Pai?

Pai? Pai?

Pai?

[aliás]

[aliás]

[aliás]

[aliás, pai,

esse entre é através de você:

em busca de uma subjetividade afetiva]

Em *Mar azul* (2012), segundo romance da escritora nascida em Buenos Aires e morando no Brasil desde os dois anos, Paloma Vidal, novamente, o ato da escrita, o processo da rememoração, o deslocamento e o não-pertencimento, os relacionamentos não-realizáveis e a autobusca na busca por relações familiares perdidas, são as águas que banham a narrativa – ora, transbordante, por vezes, maré calma, por vezes maré alta, ora, água quase-parada. Desde o primeiro romance, *Algum lugar* (7Letras, 2009), vários elementos são encontrados e que vão ressoar na segunda narrativa, porém, a partir de outra perspectiva.

Se, antigamente, a errância poderia ser considerada uma condição *a priori* masculina e a instabilidade uma condição *a priori* feminina, na contemporaneidade tais condicionamentos se modificam com a escrita de autoria de mulheres. A posição do *flâneur*, tipicamente masculino, é questionada e adquire outros contornos com as narrativas cujas protagonistas

estão em deslocamentos e viagens, as *flanêuses*⁵⁴⁹. Podem elas também serem nômades ou errantes? Já não há mais uma instabilidade restrita ao ambiente doméstico ou revelado somente no íntimo e na psicologia das personagens. Há, contudo, uma necessidade de deslocar-se, de buscar um espaço de pertencimento, uma localização geográfica e espacial. Assim vai acontecer com a narradora autodiegética não-identificada de Paloma Vidal e com a narradora autodiegética de *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa, a Vanja.

Conforme Regina Dalcastagnè, pesquisadora de literatura brasileira contemporânea⁵⁵⁰, apesar dos deslocamentos e das viagens, o espaço público permanece como um lugar de estranhamento para as personagens e narradoras criadas pelas autoras⁵⁵¹. Com isso, há uma certa necessidade de justificativa para o deslocamento, já que não parece ser possível o simples movimento de flamar por flamar, de estar “livremente” em trânsito. São personagens que carregam bagagens e malas, essas repletas de memórias de família e da angústia pelo não-pertencimento, pelas incertezas desse mundo exterior e pela insegurança de nele habitar ou estar. Como exemplos desse estranhamento e não-pertencimento, estão as protagonistas de *A chave de casa* (2007), de Tatiana Salem Levy, *Algum lugar* (2009), de Paloma Vidal, e *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa.

⁵⁴⁹ O *flâneur*, aquele que percorre a cidade por todos os lados sem outro objetivo a não ser apreendê-la, até pouco tempo dificilmente seria concebido sem ser na figura de um homem, e sua experiência pouco poderia dizer da vivência feminina do espaço urbano. A *flanância* à qual a mulher esteve até pouco tempo impedida (já que uma mulher à toa assume sentidos bastante diversos de um homem na mesma condição) se apresenta como uma opção real; é a *flanêuse* quem, segundo Azevedo (2007, p. 308), “rompe com o confinamento da mulher às esferas privadas da casa e da família”, embora não encontremos nela uma dispersão absoluta da individualidade a ponto de se deixar absorver pela cidade. DOVAL, Camila Canali. *Mulheres escritas por mulheres: personagens femininas no romance brasileiro contemporâneo (2000 – 2014)*. Tese de doutorado. Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016, p. 205.

⁵⁵⁰ Conforme os dados coletados na pesquisa quantitativa intitulada “A personagem do romance brasileiro contemporâneo”, realizada e coordenada pela professora Regina Dalcastagnè, do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea (GELBC), da UnB (Universidade de Brasília). Segundo a amostragem, de um corpus de 258 livros, no período de 1990 até 2004, de três editoras, Companhia das letras, Record e Rocco, escolhidas por critérios como relevância editorial, foi possível traçar o perfil do “escritor brasileiro” e das personagens dos romances. O “escritor” é homem (72,7%), branco (93,9%, entre autores e autoras), com diploma superior (78,8%), residente no eixo Rio-São Paulo (49,7%), e com mais de 50 anos (28,3%). Com relação às personagens dos romances, 62,1% das personagens são do sexo masculino (as personagens femininas importantes estão ausentes em 41 romances - 15,9%); a maioria são narradores (68,3%) e protagonistas homens (71,1%) e mesmo quando são coadjuvantes ainda são mais numerosos, 58,3%, contra 41,5% de mulheres; 90% são heterossexuais; 79,8% de cor branca; das personagens femininas que aparecem, a ocupação principal, dentro das relações profissionais, é a de dona de casa, com 25,1%. Dos livros escritos apenas por mulheres, 52% são do sexo feminino (64,1% protagonistas e 76,6% narradoras). CENTENARO, Natasha. *Morder para viver e escrever para lembrar: Mulheres que mordem, de Beatriz Leal, e a rememoração do tempo que não pode ser esquecido na América Latina*. Travessias, Cascavel. V. 12, n. 1., p. 160-176. Jan. / abr. 2018. Disponível em: <<http://www.unioste.br/travessias/article/view/19369>>. Acesso em setembro de 2018.

⁵⁵¹ DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro/Vinhedo: Editora da UERJ/Horizonte, 2012.

Mesmo deslocando-se, conhecendo e, de algum modo, relacionando-se com as pessoas durante esses trânsitos e jornadas exteriores, as personagens não parecem se sentirem à vontade para descrever hábitos e lugares cotidianos como frequentar cafés preferidos, o encontro casual com amigos, como o sol é visto em uma esquina tal, como é o estacionamento do supermercado ou a vitrine da loja de sapatos que avistam quando vão em direção ao trabalho ou à universidade. Para Dalcastagné, esse mundo do lado de fora não é enxergado por nós, leitoras e leitores, através de uma perspectiva feminina, ou seja: “O espaço público aparece, então, ainda como o lugar do estranhamento, por onde as mulheres circulam, mas carregando sua bagagem, sempre prontas a voltar para a casa”⁵⁵².

É possível verificar as ressonâncias do primeiro romance de Paloma Vidal neste segundo. Em ambos, há esse deslocamento das protagonistas – a viagem de fuga; as duas também não estão identificadas; as relações com a pátria natal, Argentina, e os elementos biográficos da escritora (“biografemas”⁵⁵³); a questão idiomática e as diferenças culturais entre os países; assim como a busca pela palavra e pela linguagem como acesso e descoberta de si mesma; as recordações familiares levadas na bagagem e os relacionamentos amorosos conturbados ou não-realizados. No primeiro romance, a protagonista se muda para Los Angeles, nos Estados Unidos, com o objetivo de fazer parte de sua tese de doutorado em literatura e namora um sujeito identificado apenas por M. Tal qual em *Mar azul*, cujo primeiro jovem com quem a narradora vai se envolver é descrito como R.

Se, em *Lugar algum*, a personagem é brasileira e filha de uma mãe argentina, no segundo romance da escritora, a personagem é argentina, e seu pai é filho de brasileiro. Na primeira narrativa, o avô ensina para a neta o espanhol; na segunda, o pai da narradora, de profissão tradutor, é que apresenta esse conflito idiomático com o português praticado pelo seu pai, avô da narradora: “Ele imaginava as palavras como ventosas que se grudariam às coisas para salvá-lo do que o esperava. (...) Então resolveu culpar a língua nova e se ressentiu

⁵⁵² Ibid., p. 125.

⁵⁵³ De acordo com Camila Canali Doval, em sua tese de doutorado, biografemas, tais como os encontrados no romance de Paloma Vidal, funcionam, conforme explica Luciano Bedin da Costa (2011, p. 28) “[...] como o ponto (*punctum*) que coloca o observador para fora da obra histórica propriamente dita. O princípio biografemático que envolve essa nova escrita da vida diz respeito à fragmentação e pulverização do sujeito; o autor da biografia não é a testemunha de uma vida a ser grafada por ele, mas o ator mesmo de uma escrita.” DOVAL, Camila Canali. *Mulheres escritas por mulheres: personagens femininas no romance brasileiro contemporâneo* (2000 – 2014). Tese de doutorado. Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016, p. 207. Nesse caso, Camila Doval cita as seguintes referências: Paloma Vidal ter nascido na Argentina e ter realizado parte de sua pesquisa de doutorado também em Los Angeles assim como a personagem, que, aliás, não tem nome, e, em particular, por uma cena, no romance, cujo sobrenome do médico que vai atender o namorado da protagonista ser o mesmo sobrenome da escritora: Dr. Vidal. Seriam, portanto, indícios e pistas biografemáticas encontradas em *Lugar algum*.

pelas suas próprias escolhas”⁵⁵⁴. A protagonista de *Lugar algum* precisa lidar com o espanhol e o inglês para se expressar, a de *Mar azul*, com o português da terra em que decidiu morar e o espanhol da pátria que deixou e, assim, ficou guardado na memória.

Segundo Camila Doval, a viagem, em *Algum lugar*, representa o desafio pois, para a personagem, esse deslocamento é uma resposta à relação complicada com a mãe. Ela quer provar como não é diferente da mãe, aventureira, e a viagem, então, seria uma espécie de aproximação entre as duas mulheres de personalidades opostas. Em *Mar azul*, por sua vez, essa aproximação vai acontecer entre filha e pai. Mas, se no primeiro romance, existem as dificuldades e o sofrimento por não pertencer ao lugar, não se identificar com o idioma, à cultura e com os e as moradores locais, um fracasso em provar-se apta ao trânsito entre mundos diferentes⁵⁵⁵; no segundo, há uma progressiva associação à cidade nova e suas novas configurações, é um exílio escolhido e onde acontece uma identificação, especialmente, pela ligação com a água.

O que me importa agora é que eu vim para ficar e não deixei nada para trás. (...) Depois fiquei aqui por algo que havia adquirido, quem sabe esta cidade em que me sinto até hoje tão anônima; mas por isso mesmo, por me sentir nela como qualquer outro, um cidadão qualquer, mesmo que no documento continue constando que não sou daqui, fiquei sem pensar, o que para mim era igual a uma ausência de dúvida⁵⁵⁶.

A narradora, neste romance, teve o tempo a seu favor para a adaptação ao novo: cidade, idioma, pessoas, costumes, vida. É uma mulher velha, em torno dos setenta anos, que conta seu dia-a-dia, as pequenas atividades rotineiras de caminhadas, fazer o mate, lavar a louça, enfrentar uma gripe, levantar-se da cama, comprar sandálias, ir ao médico, e como sua mente de velha (“minha mente também falha”⁵⁵⁷) é invadida por memórias e lembranças sem aviso, no meio de um devaneio qualquer ou de uma ida à piscina. “A ordem me faz recomeçar o dia, sem mate, sem caderno, a piscina a minha espera. (...) Todos os velhos do bairro,

⁵⁵⁴ VIDAL, Paloma. *Mar azul*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012, p. 94.

⁵⁵⁵ Associar-se à coleção de histórias que faz de um lugar o que ele é significa participar dessa construção ao mesmo tempo absorvendo e doando narrativas; não há viagem, não há deslocamento se não houver o transformar e o deixar-se transformar. A personagem de *Algum lugar* tem consciência de que ela só estará de fato em outro lugar se conseguir de alguma forma conectar-se a ele; sua angústia se origina da consciência de sua completa desconexão. O seu discurso, afinal, é mais um antirrelato de viagem à medida que todas as tentativas de envolvimento fracassam, e nem a cidade nem a personagem baixam a guarda uma para a outra: desse embate é construída a narrativa, da matéria não acabada do desencontro. DOVAL, Camila Canali. *Mulheres escritas por mulheres: personagens femininas no romance brasileiro contemporâneo (2000 – 2014)*. Tese de doutorado. Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016, p. 211.

⁵⁵⁶ VIDAL, Paloma. *Mar azul*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012, p. 146-147.

⁵⁵⁷ *Ibid.*, p. 135.

perdidos na sua solidão, se encontram ali para que a água opere algum milagre. Me sinto parte de uma confraria”⁵⁵⁸.

Essa narradora autodiegética, diferentemente da narradora anterior do primeiro romance de Paloma Vidal, consegue, de seu modo, exercitar o flunar pela cidade: “Ontem quando estava voltando da natação passei pela banca de jornal para ver se havia alguma novidade. Seu Arnaldo não estava”⁵⁵⁹. A identificação e esse pertencimento para com a cidade e o novo país, construídos ao longo dos anos, porém, não aconteceu ao seu pai e à cidade para a qual ele havia (fugido) partido e tentado recomeçar: “(a cidade) Ela também está ausente como se ele tivesse vivido seus últimos anos em outro lugar ou em lugar nenhum fora de sua mente”⁵⁶⁰.

A narrativa parece começar na página 41, e de fato, é este o primeiro capítulo. O que acontece antes são ondas agitadas e rápidas de conversas entre a narradora autodiegética e sua amiga-irmã Vicky, enquanto eram adolescentes. E, de forma circular, ou como num movimento de retorno (tautológico), como o repuxo de uma onda, a última cena também evidencia esse diálogo, em uma referência a qual fecha o “Prólogo” ou a primeira parte do romance. São 50 capítulos curtos, com frases enxutas, entre essas duas molduras em formato de conversação, no começo e no final, em discurso direto livre marcados graficamente por travessões. Em um tempo de diálogo dramático, ágil e coloquial.

- Meu pai não ia gostar.
- Acho que não.
- Bom, mas ele foi expulso.
- Você vai contar para ele?
- Pra que, se ele foi expulso.
- Você já contou que tem um namorado?
- Não sei se ele é meu namorado.
- (...)
- Então é melhor você contar pro seu pai.
- Meu pai não respondeu minha última carta.
- Às vezes ele demora.
- Acho que um dia ele não vai responder mais⁵⁶¹.

O mar dessa protagonista está habitado por histórias de ausências e lutos. “Quanto tempo dura um luto?”⁵⁶², pergunta-se, e diante da sua condição sente o próprio corpo navegando nas fragilidades físicas de ser uma velha e pela mente que às vezes falha. Uma velha, porém, que volta a nadar e volta a reencontrar-se com a sua natureza, quase esquecida,

⁵⁵⁸ Ibid., p. 115.

⁵⁵⁹ Ibid., p. 134

⁵⁶⁰ Ibid., p. 113-114.

⁵⁶¹ Ibid., p. 7.

⁵⁶² Ibid., p. 49.

de ser aquática: “Desde que recomecei a nadar a lembrança é mais palpável. Não se tornou exatamente uma matéria dócil, mas há um ganho de precisão e um prazer em lembrar; algo como a consistência da água que se desfaz a cada instante”⁵⁶³. É no mar, é, sobretudo, na água da piscina, é na água do chuveiro, é na água onde ela pode sentir-se quem ela é, em paz e em liberdade: “Mas naquela época, e antes também, o cabelo escorria. Antes, bem antes, ele escorria, talvez no tempo da primeira lembrança da sensação de estar inteiramente protegida pela água”⁵⁶⁴.

O primeiro grande luto é a perda da mãe, que ela nem chegou a conhecer. O pai não falava sobre o assunto e ao descobrir uma fotografia da mãe nua e séria diante da câmera, é que a narradora vai poder perceber-se, igualmente, como mulher e num corpo a desvendar: uma mãe com pelos pubianos loiros e uma filha com pelos pretos e grossos. O segundo luto, motor do enredo, é o abandono do pai, que a entrega para a mãe de Vicky cuidá-la, enquanto viaja. Como ela mesma descreve, estava acostumada as partidas do pai: “ele ia e vinha”, às vezes colocava datas nas cartas, às vezes indicava os lugares por onde estaria ou teria passado: “Meu pai estava sempre de partida. Então quando partiu de vez foi apenas mais uma. Porque antes de vir para cá, ele foi para “o sul” e depois para “o interior”. Ele dava nomes assim, vagos, aos lugares e às vezes indicava datas”⁵⁶⁵. Como mais uma onda de mar inquieto, daquela vez, entretanto, ele não voltaria. Não voltou mais. A narradora passa, então, a viver em definitivo com Vicky e sua mãe, e, com elas, integrar uma família: “Foi só ao perceber que daquela vez ele não havia precisado nada que comecei minha aprendizagem da solidão; e também passei a ler sinais, tarefa que me uniu de imediato a Vicky”⁵⁶⁶.

Pra mim meu pai era uma pergunta. Que eu tenha me acostumado com essa forma de suspensão talvez seja o dado mais singular da minha infância. Mas houve um momento em que soube e aceitei que a resposta não viria; que meu pai não viria, não retornara para me encontrar, que ele havia abandonado sua cidade para sempre, supondo que isso, a existência naquelas ruas, naquele bairro, entre casas baixas e desiguais, com meninas que à tarde se sentavam para esperar o tempo passar, entre um carro esporádico e outro, um velho indo ao armazém, uma bicicleta oscilante nas calçadas rotas, supondo que isso fosse para ele uma realidade que ele se reconhecia. Supondo isso sem saber⁵⁶⁷.

O terceiro é o luto de ser mulher e ter o corpo violado, de ser um sujeito-objeto, ter sido violentada e abusada. Ao contar para a amiga e reproduzir a conversa e o episódio em

⁵⁶³ Ibid., p. 82.

⁵⁶⁴ Ibid., p. 49.

⁵⁶⁵ Ibid., p. 104

⁵⁶⁶ Ibid., p. 104

⁵⁶⁷ Ibid., p. 61-62.

que é estuprada por R, o então namorado da adolescência, a narradora pergunta se é possível esquecer, mediante uma resposta de “a vida continua” e uma ideia esquisita de normalidade, vem a proposta da amiga de fazer uma peça sobre o ocorrido. O quarto luto vai ser a perda da amiga Vicky, militante desaparecida na ditadura da Argentina. “Vicky desapareceu no dia 26 de junho de 1976. O desenho dessas cifras é ainda hoje para mim um signo a ser decodificado. (...) Ela me ligou de manhã mais cedo do que de costume e disse que estava com medo”⁵⁶⁸.

O último luto acontece quando se dá a sua viagem de exílio, sair de seu país natal para começar uma nova vida em outro país. Neste novo país com sol e mar. Nesta nova cidade em que ela pode se sentir completamente anônima. Durante essa longa viagem de ônibus, a narradora conhece Luís, conforme sua memória e pela escrita, teria sido esse o encontro mais especial com um homem: uma paixão, tão intensa quanto efêmera. Já para o final da narrativa, há uma espécie de confissão, pois ela teria engravidado de Luís, e como havia recém chegado ao novo país, grávida de um praticamente desconhecido, de um encontro num ônibus, decidiu não ter o bebê. O luto dentro do luto. Assim como o seu pai fez o exílio dentro do exílio ao deixar a cidade em que morava com a filha para ir construir a nova capital de um país com o qual não se identificava. “Há tanto que não é possível entender. Será que meu pai não tinha consciência disso? Talvez ele não fosse um homem de dúvidas. (...) De que lado estava a viagem para ele? Da fuga ou da completude? Ele podia ter ficado?”⁵⁶⁹.

Claro que não era mais uma e eu deveria ter me dado conta, mesmo estando acostumada a seu ir e vir. Uma vez viajei com ele para conhecer o mar. Foram vários dias a poucas quadras de uma praia muito larga e ventosa. Era li, sob uma carpa, que eu passava a maior parte do dia, esperando-o. A aprendizagem era então de espera. Eu ficava enquanto ele ia e vinha. *Voy y velvo*, ele dizia. Me perguntava se eu queria água e ia buscar. Demorava duas horas. (...) Quando eu o via aparecer era como um milagre porque tudo era tão incerto. Quem sabe ele tivesse morrido. Quem sabe um acidente, a prisão, um sequestro. Havia e meu pai algo de clandestino. Ainda que ele tivesse um trabalho regular e saísse todas as manhãs para cumpri-lo⁵⁷⁰.

Apesar de não indicar os nomes das cidades com todas as letras e bandeiras, é possível distinguir Buenos Aires, a cidade em que a narradora-personagem morava com o pai e depois com Vicky e a mãe desta; Brasília, como a cidade-satélite que o pai foi ajudar a construir – a nova capital do país Brasil; e o Rio de Janeiro como a cidade escolhida para habitar, para morar depois de sua saída da Argentina: a cidade com o mar azul. Essa não-menção aos espaços definidos também colabora ao processo de escritura e reescritura como sendo o

⁵⁶⁸ Ibid., p. 77.

⁵⁶⁹ Ibid., p. 94.

⁵⁷⁰ Ibid., p. 104-105.

processo da memória e da narrativa, uma narrativa, sobretudo, temporal. E sobre os deslocamentos espaciais em tempo passado e presente. A narrativa que conta a narrativa. “Quantas são as lembranças que viram próprias porque delas se pode fazer história para si e envelhecer com essa companhia? (...) Da janela do ônibus então eu vi o mar e no país que eu começava a conhecer o azul não era uma ficção”⁵⁷¹.

Com a morte do pai, a narradora vai encontrar o que restou da existência desse homem – uma pergunta, uma indagação na sua vida de filha. Ela se desloca até a cidade onde o pai viveu seus últimos anos. “Tenho que escrever isso: quando vi meu pai morto, franzino como uma criança de barba e cabelos brancos, quase não o reconheci, mas me dei conta de que alguém havia cuidado dele por mim”⁵⁷². Ao levar a caixa com seus pertences, poucos, ela tem a chance de encontrar algum tipo de resposta, alguma pista para entender quem ele foi, por que ele foi embora, por que ele não voltou, do que ele fugiu, por que ele não foi buscá-la. Quando descobre os cadernos, todos iguais, da marca Rivadavia, de capa azul (um mar), ela tem a possibilidade de fazer esse retorno, regressar no tempo e, talvez, assim, entendê-lo e as suas motivações: “É uma forma de voltar. Depois de tantos anos o que ele escreveu me conduz a um lugar que já não existe. Mas ele não fala daquele passado e talvez seja isso o que mais me obstina. Como pode haver tal vazio? Por que foi que ele me apagou?”⁵⁷³.

À medida que lê os cadernos e decide, então, escrever atrás dos escritos de seu pai, ela percebe que não tem como buscar respostas, apenas assimilar o sentido das suas ações e compreender que não fazia parte da vida daquele homem: “Tudo isso para finalmente, agora, entender que não fiz parte da vida do meu pai?”⁵⁷⁴.

Quando meu pai começou a escrever seus cadernos estava relendo um livro sobre um homem que espera. No pequeno comentário, pergunta se foi assim com ele. O homem tem uma família e teve que deixá-la para se unir ao seu dever. Em que medida isso é uma fuga ou uma maneira de se autoimpor um aprisionamento não fica claro. A questão é que o homem se sente muito pouco à vontade no lugar em que está. *Es como un animal enjaulado*. Esta frase está sublinhada. O livro é como um espelho. Sua precisão é desconcertante. É quase como se tivesse sido escrito para ele e para sua história⁵⁷⁵.

É desse modo que a escritura das suas lembranças e o registro da sua rotina, pautada por flashes de pensamentos fugidios, de suas dúvidas e suas angústias em relação ao pai e a vida pregressa, acontece no verso da escritura dos cadernos de seu progenitor: “Escrevo no

⁵⁷¹ Ibid., p. 90.

⁵⁷² Ibid., p.138.

⁵⁷³ Ibid., p.79.

⁵⁷⁴ Ibid., p.81

⁵⁷⁵ Ibid., p. 79.

verso das suas folhas. Minha tinta se confunde com a dele”⁵⁷⁶ Quando ainda estava em Brasília, para recuperar os pertences do pai, a narradora expressa o sentimento de culpa por não ter estado presente na hora de sua morte: “Fechei imediatamente aquele tesouro às avessas e ia deixa-lo ali mesmo, mas depois de bater a porta uma culpa terrível me fez voltar, como se estivesse abandonando meu pai na hora da morte”⁵⁷⁷. Em um momento, logo na abertura dos cadernos, ela se depara com a letra do pai e percebe como pode ser igual a sua e pensa, confundindo-se, que seriam os seus próprios diários, até começar a reconhecer os fatos e as datas pelas quais o pai vivenciou.

Há um questionamento recorrente que perpassa à mente da protagonista: se a escrita nos cadernos seria um jeito de o pai provocar um reencontro tardio com a filha única, mesmo depois de sua morte. “Quando peguei o avião para me encontrar com ele depois de morto, achei que teria deixado para mim uma obra que o explicaria”⁵⁷⁸. Tradutor de profissão, o pai morreria sem memória e registrava naqueles cadernos os episódios e personagens da nova vida no novo país, listas de dia-a-dia, assim como a dificuldade com a língua portuguesa, sua inimiga, e os nomes que dela provinham: Valdinei e Nivaldo, por exemplo.

Se tivesse lido os cadernos durante minha visita, talvez perguntasse algumas dessas coisas à moça quando conversamos sentadas à mesa da cozinha na quitinete vizinha à do meu pai. (...) Ela me conta que essa também é uma cidade planejada e que meu pai trabalhou no projeto, por isso acabou indo morar lá, mas o que no início havia sido uma decisão o passar dos anos havia transformado numa espécie de exílio dentro do exílio. Ela usa a expressão “exílio dentro do exílio”. Não peço esclarecimentos. Deixo que ela fale pensando que talvez sua vontade de contar se encontre com minha vontade de saber. Ela fala como se eu não o conhecesse.⁵⁷⁹

Enquanto o pai tinha perdido a memória e necessitava dos registros nos cadernos azuis, a rememoração dos eventos por ela mesma vividos causa desconfiança e dúvida na narradora. Pois, como toda a memória é uma narrativa capciosa e labiríntica, em uma mente de velha, então, às vezes falha, às vezes se esquece de um detalhe, às vezes improvisa um acontecimento, às vezes inventa, edita, recria. Ela gostaria de que o pai tivesse contado suas memórias, tivesse falado sobre como foi participar da construção da capital, como foi viver sem a filha, contudo, não era essa a intenção dele: “Eu quero que ele me conte sobre como foi o dia em que chegou à futura capital, depois de uma viagem que imagino em companhia de

⁵⁷⁶ Ibid., p. 69.

⁵⁷⁷ Ibid., p. 69.

⁵⁷⁸ Ibid., p. 119.

⁵⁷⁹ Ibid., p. 152-153.

peessoas que ele havia acabado de conhecer. Imagino também seus inconvenientes com a língua”⁵⁸⁰.

As escrituras do pai nos cadernos azuis, ao invés de pistas sobre a sua personalidade e chaves-de-leitura aos acontecimentos e motivos, acabam provocando mais questionamentos: “Se ele tivesse me deixado um diário de viagem as coisas seriam diferentes. Se ele tivesse me deixado fotos. Se ele tivesse narrado a primeira impressão da cidade que começava a surgir, vista de cima. (...) Se tivesse falado das cores e dos ruídos. Ou de como fazia para conseguir uma escova de dentes”⁵⁸¹.

Até o momento em que a narradora resolve escrever em cima da escritura do pai, num ato de reescritura, de apropriação dos escritos do pai, de encenação, de assumir o lugar do pai e poder brincar com essa possibilidade impossível, mas passível na escrita. É o ato de criar e recriar pela encenação teatral, conforme a profissão da narradora, atriz. É o ato de criar e recriar pela escrita as vidas e as personagens, seus destinos, como desvelar a máscaras dos intérpretes e deixá-los em máscara neutra. A encenação da encenação. A escrita da escrita. O *mise-en-abyme* caleidoscópico e fragmentado de sujeitos em busca do inexplicável.

Me dedico aos cadernos mais do que nunca. Há dias não faço as tarefas de casa nem saio dela. Escrevo e às vezes leio o que ele escreveu. Às vezes ele escrever repetidamente uma mesma expressão. Por exemplo, *brilha por su ausência*. Ele a escreve em linhas separadas e com letras minúsculas, fora de qualquer contexto. Penso que é como se tivesse um estranhamento e anotar ali o ajudasse a trazer para um terreno mais conhecido o que a falta de uso afastou. Sigo o exercício dele e tento lembrar o que significava esse brilho ligado a algo que não está. Que por se ausentar brilha. Busco uma situação que pode incorporar esse uso linguístico. Imagino pessoas reunidas à espera de alguém que ainda não veio. Que não virá. Mas elas não sabem. Ou sabem mas fingem que não. Então reservam um lugar que será ocupado por esse ausente⁵⁸².

A narradora-personagem supõe, então, que o pai pudesse ter sofrido, como o pai pudesse ter vivido, o que o pai pudesse, inclusive, ter sentido. “Eu recordava meu pai como um homem forte. Não tinha lembrança de vê-lo sofrendo, mas em algumas ocasiões havia tido a sensação de que ele não sabia o que fazer. Delas havia ficado uma imagem de fragilidade inesperada, apesar de sua dureza”⁵⁸³. É nessa parte da narrativa em que também fica evidente a evocação da memória coletiva sobre os episódios da ditadura na Argentina, com o

⁵⁸⁰ Ibid., p. 130.

⁵⁸¹ Ibid., p. 130.

⁵⁸² Ibid., p. 160.

⁵⁸³ Ibid., p. 161.

desaparecimento da personagem Vicky⁵⁸⁴. E a suposta participação de R no sumiço da amiga, bem como, de seu envolvimento com os agentes da repressão, sendo ele um egresso do colégio militar, ainda no tempo de adolescente.

1956: nuestra historia es um conjunto de malentendidos. 1956: fusilamientos de José León Suárez. 1956 me siento incómodo dentro de mi propia piel.
Escrever isso é um modo de entender. Não possa saber se foi assim também para ele. Imagino que ele sofreu por mim, por Vicky, pela mãe dela. O sofrimento pode ter sido insuportável, pois ele ficou alguns minutos em silêncio quando contei, eu mesma com um fio de voz, sobre o desaparecimento da minha amiga. Quando falou, foi incapaz de me consolar. Foi tão duro comigo como era com ele. Disse que eu não devia ter fugido e desligou⁵⁸⁵.

É através da escritura e da rememoração que ela expressa os seus lutos, atualizando-os na tentativa de compreendê-los e de se entender enquanto sujeito de sua vida. Foi na busca por entender quem foi o seu pai que ela se voltou para si, para os seus sonhos, as suas memórias, a sua relação consigo mesma. Ela voltou a nadar e sentir o próprio corpo, limitado, sim, pela idade, entretanto, vívido e com desejos. Ela voltou a perceber também o exterior e as suas mudanças. E a perceber a sua necessidade em se auto-escrever, em escrever sobre si mesma enquanto uma velha mulher: “São pés de uma jovem de trinta numa velha de setenta. Não percebem que o tempo passou e que agora os males são outros, com outra dureza. Será essa dureza a velhice? Que engole toda a generosidade que eu poderia dedicar a ele e me impede de enxergar seu drama”⁵⁸⁶.

⁵⁸⁴ A ditadura militar iniciada em 24 de março de 1976 foi a última de uma série de seis intervenções militares que a Argentina sofreu no decorrer do século XX. (...) Esse período, denominado pelos militares como *Proceso de Reorganización Nacional* (Processo de Reorganização Nacional), também conhecido apenas como *Proceso*, estendeu-se até 1983. Ao longo desses sete anos, quatro juntas militares, com a reunião das três esferas das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica), sucederam-se no poder. Nas explicitações de autores como Marcos Novaro e Vicente Palermo (2007), Gonzalo Adrián Rojas (2014), bem como no relato de Horacio Verbitsky (2014), surgem alguns pontos de consenso sobre o *Proceso*, cuja participação da sociedade argentina se efetivou no sentido de apoiar, mesmo que indiretamente, como uma medida necessária, e manter certa tolerância positiva ao golpe. O objetivo do regime era a reorganização da sociedade, a estabilidade político-econômica e pelo fim da violência dos grupos armados, das guerrilhas civis e dos grupos mais radicais das alas populistas do peronismo. De acordo com Rojas (2014, p. 169), a maioria dos (as) desaparecidos (as) foram trabalhadores (as), conforme os dados da *Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas* (CONADEP), instituída pelo governo do presidente Raúl Alfonsín, que sucedeu a última junta militar: “Somando-se as porcentagens dos desaparecidos operários (30,2%), com os empregados (17,9%) e com os docentes (5,7%) tem-se um total de 53,8% sem considerar que, na categoria estudantes, alguns trabalhavam (CONADEP, 1987:296)”. (...) Os dados relativos ao número total de desaparecidos (as) e mortos (as) divergem. Mendes (2013, p. 10) aponta essa divergência ao relatar, primeiramente, os números oficiais, de acordo com a CONADEP, que seriam nove mil pessoas, porém, a partir das estatísticas das organizações de direitos humanos, o total chegaria a quase trinta mil. CENTENARO, Natasha. *Morder para viver e escrever para lembrar: Mulheres que mordem*, de Beatriz Leal, e a rememoração do tempo que não pode ser esquecido na América Latina. Travessias, Cascavel. V. 12, n. 1., p. 160-176. Jan. / abr. 2018. Disponível em: <<http://www.unioste.br/travessias/article/view/19369>>. Acesso em setembro de 2018.

⁵⁸⁵ VIDAL, Paloma. *Mar azul*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012, p. 128.

⁵⁸⁶ *Ibid.*, p. 161.

É pela escritura, portanto, que ela conseguiu tecer possibilidades de encontros e reencontros, inclusive, com a morte. A morte, muito mais próxima dela, agora, estando velha. Apesar disso, as angústias desse momento se suavizaram, porque ela, então, se deu conta de que tinha todo o tempo a seu favor. O tempo para lembrar. O tempo para esquecer. “Me sinto cansada. Não vou mais escrever sobre nada disso. Vou lavar a louça do jantar de ontem e tentar começar o dia. Posso nadar. Posso fazer algumas compras, Tenho o tempo a meu favor”⁵⁸⁷. E o tempo para o mar da normalidade de sua rotina voltar a ser o mar azul: “Adormeci olhando pela janelinha do avião. Quando acordei já estávamos quase aterrissando. Do lado de fora agora não havia dúvida: era o mar”⁵⁸⁸.

E foi preciso tempo para compreender o anseio de liberdade que seu pai nutria. Assim como o pai de seu pai. Ela menciona a viagem que o pai de seu pai fez, sem aparente regresso, e como o seu pai não o entendia e, por isso, não teria aprendido e exercitado o idioma do avô – o português. Em outra cena, escreve a relação de Luís com seu pai sindicalista e militante, igualmente, um homem de errâncias, que sempre estava indo, todavia voltando. E por que ele voltava é que Luís estava partindo para outro país tentar um recomeço. Nesse país de sol abundante e mar azul: “Seu pai era sindicalista e tinha duas famílias, duas mulheres e quatro filhos, dois meninos de um lado e duas meninas do outro. Tinha uma arma em casa. Naqueles anos entrava e saía da prisão. Luís não sabia muito bem quais eram as suas atividades. *De qué lado está*, foi o que ele me disse”⁵⁸⁹.

Para esses dois homens, Luís e o pai da narradora, o país da liberdade, do exílio voluntário e da escolha pelo novo se configurava como sendo o Brasil. O país também foi parte da escolha da protagonista, se como fuga ou para esquecer do que ficou, se como possibilidade de viver ou como recomeço, houve, da sua parte, uma auto-identificação e um pertencimento ao espaço. Já o pai de Vicky não aparece na narrativa, pois a amiga não tinha pai e sua família era ela e a mãe, apenas. São representações de homens errantes, inquietos, revoltos em sua condição de homens-pais, homens ausentes de sua função social e afetiva, homens que sequer poderiam compreender e apreender a paternidade, ou não a desejavam, ou não poderiam vivenciá-la. E tinham, sobretudo, medo e insegurança. A errância se fazia um caminho possível para driblar ou negligenciar esse medo. Não tão distante do próprio sentimento da narradora, que escolheu não ter filhos ou formar uma família. Porém,

⁵⁸⁷ Ibid., p. 172.

⁵⁸⁸ Ibid., p. 172.

⁵⁸⁹ Ibid., p. 97.

suficientemente longe da auto-compreensão e do auto-reconhecimento desenvolvidos por ela enquanto buscava compreender o próprio pai.

Era estranha a escrita de meu pai. Suas frases eram longas e incertas. Pareciam ir numa direção, mas se desdiziam de repente. Era uma combinação muito curiosa de precisão e ambivalência, de detalhe e dispersão. Agora que escrevo isso lembro que em algum momento pensei que meu pai quisesse ser escritor. Por isso quando e deparei com a caixa de papéis, imaginei outra coisa. Imaginei uma ficção. Imaginei O LIVRO. Quando peguei o avião para me encontrar com ele depois de morto, achei que teria deixado para mim uma obra que o explicaria. Era uma ideia tão vaga quanto ampla, que se desfez na paisagem antes mesmo que eu tocasse o solo. Só agora a recupero. Só agora exijo isso dele. Porque quando desci na cidade eu queria entender sozinha. Enquanto o táxi seguia a reta da imensa avenida, eu já havia me esquecido do meu pai⁵⁹⁰.

A narradora autodiegética sem nome de *Mar azul* integrava, com Vicky, a sua amiga-irmã, e a mãe desta, enquanto adolescentes, algum tipo de família. Depois, quando jovens adultas, elas foram morar juntas em um apartamento, até o sumiço de Vicky e a partida da narradora. Sem dúvida, faziam parte de uma família. A mãe de Vicky, porém, não era a sua mãe e ela não a compreendia desse modo: “A mãe de Vicky nunca foi minha mãe. Vicky fazia cenas de ciúmes quando ela me dava atenção ou razão, o que acontecia muito, porque eu era mais sensata, mais gentil, mais arrumada; em suma, mais dócil, a ponto até de comer sem reclamar o que nos preparava”⁵⁹¹.

Existia, assim, um distanciamento necessário entre ela e a mãe de sua amiga. Essa distância, porém, não acontecia entre mãe e filha, com brigas e reclamações constantes, dentro da rotina daquela casa, diferentemente, sobretudo, da época em que vivia apenas com seu pai: “Lembro que Vicky dizia coisas horríveis a sua mãe. (...) Eu nunca havia visto portas batendo entre pais e filhos. Na minha casa as portas quase sempre estavam fechadas. Também na minha casa não se falava aos gritos de um cômodo a outro, para reclamar, pedir ou apenas comentar, como faziam elas”⁵⁹². São composições estruturais e de vínculos sociais e afetivos distintos e plurais de família. Pois, cada família é uma família. Ainda que todas se pareçam pouco no muito em comum, ao mesmo tempo, diferenciam-se outro tanto no incomum.

Família(s) e pertencimento ao local. Viagem de autodescoberta e a compreensão de si mesma enquanto se busca compreender as relações entre pais (e mãe) e filhos. No caso, filhas. Enquanto se busca o pai. E compreendê-lo enquanto pai. A identificação com o diferente e com quem não é exatamente do laço consanguíneo. Relações de partida, morte e um

⁵⁹⁰ Ibid., p. 119-120.

⁵⁹¹ Ibid., p. 139.

⁵⁹² Ibid., p. 139.

autoexílio em outro país, procurado e conquistado. As relações entre culturas e idiomas distintos. Esses também são os motivos que conduzem, engendram e constroem a narrativa de Vanja, a narradora autodiegética de *Azul-corvo*, romance de Adriana Lisboa (2010)⁵⁹³, tal qual foi possível acompanhar anteriormente em outro azul, esse primeiro mar acima descrito. No caso de Evangelina, a partida do Rio de Janeiro se dá quando ela tinha treze anos e o destino é os Estados Unidos. Inversamente à narradora autodiegética anônima de Paloma Vidal, uma protagonista velha, Vanja narra suas vivências e experiências, bem como as de Fernando, a partir do olhar e da voz de uma jovem adulta de vinte e dois anos.

A narrativa é composta por quinze capítulos identificados com nomes científicos de animais e insetos ou localizações de paisagens e espaços, tais como: “*Periplaneta americana*”, “*Crotalus atrox*”, “*Dentro da barra tem uma baía*”, “*Camino Sin Nombre*”, “*Redondo Road*”, “*Sucuri*”, “*Jay Street*”. E desde esse “Índice” já é possível perceber as confluências dos três idiomas que se encontram ao longo do romance: português, espanhol e inglês. A mãe de Vanja, Suzana, era professora de inglês e espanhol e ensinou para a filha os dois idiomas: “Foi ela quem me ensinou inglês e espanhol. Era o que ela sabia fazer. Se fosse professora de ioga, teria passado doze anos me ensinando ioga, e se trabalhasse na lavoura eu teria uma enxada antes mesmo de aprender a falar”⁵⁹⁴.

A partir de uma perspectiva filtrada da narradora adulta, entre analepses e prolepses, os acontecimentos estão situados conforme a protagonista narra-os e também reflete sobre eles, apontando o que poderá se confirmar ou não diante de seus próprios olhos e do que a ela foi contado. Assim, o romance começa *in media res*, durante o voo de deslocamento de Vanja para os Estados Unidos, precisamente para Lakewood, Denver, no estado do Colorado. Como ela diz: “O ano começou em julho”⁵⁹⁵ – “Naquele mês de julho, o primeiro mês do meu Ano Novo, Fernando me levou a uma piscina pública”⁵⁹⁶.

Vanja nasceu nos Estados Unidos, em uma casinha em Albuquerque, perto da Rota 66, mas morava com a mãe desde os dois anos no Rio de Janeiro: “Nasci portanto aos dois anos de idade na praia de Copacabana”⁵⁹⁷. A mãe faleceu de câncer e a menina passou a morar com Elisa, a sua tia de criação, irmã adotiva de Suzana, “As mães nesta família morrem cedo. Aos nove anos de idade minha mãe já não tinha mais mãe, e foi para o Texas com o pai

⁵⁹³ A edição de *Azul-corvo* que será utilizada para as citações é a da editora Quetzal (Lisboa, Portugal, 2012).

⁵⁹⁴ LISBOA, Adriana. *Azul-Corvo*. Lisboa: Quetzal, 2012, p. 29.

⁵⁹⁵ *Ibid.*, p. 13.

⁵⁹⁶ *Ibid.*, p. 32.

⁵⁹⁷ *Ibid.*, p. 14.

geólogo”⁵⁹⁸. Até aquele momento, Vanja não sabia quem era o seu pai biológico e nem tinha conhecimento dos motivos que fizeram a mãe voltar ao Brasil. É a partir desse acontecimento, da morte da mãe, que a vida da protagonista muda e começa, então, e definitivamente, o seu “Ano Novo” em outro país. Vanja tinha um pai “legal”, aquele que a reconheceu, perante a lei, como seu pai, Fernando, o ex-marido da mãe que ficou nos Estados Unidos após a separação. Relações familiares e genealógicas confusas, porém, simples, “afinal, às vezes as pessoas somem”⁵⁹⁹: “Essa foi minha árvore genealógica até os treze anos de idade. Um homem e quatro mulheres em três gerações. (...) Uma árvore genealógica à qual faltavam raízes e que em lugar de certos galhos tinha apenas gestos meio vagos, indicações, sugestões, deixa-para-lás”⁶⁰⁰.

A genealogia da minha família é confusa e simples ao mesmo tempo. Minha avó criou Elisa como filha sua. Depois minha mãe nasceu e depois minha avó morreu, e quando minha mãe foi com o meu avô para o Texas, Elisa ficou no Rio. Era uma mulher feita, com dezesseis anos, e tinha um emprego e um noivo que nunca viraria marido mas ainda assim era um noivo e isso era melhor do que nada. Ao contrário da filha verdadeira, ela não rompeu relações com o pai de criação, mas também não voltou a vê-lo, porque havia um continente inteiro entre eles, e quando meu avô brasileiro geólogo aposentado morreu em solo texano picado por uma cobra texana aos 67 anos de idade, foi ela quem deu a notícia à minha mãe, lá do hemisfério sul. Elisa era a filha que tinha saído por acaso da barriga da empregada da mãe da minha mãe. Pai não havia na história. A mãe morreu no parto. Eu crio, disse minha avó, e assim Elisa entrou para a família⁶⁰¹.

A relação entre mãe e filha perpassa os momentos de aprendizagem dos dois idiomas, as férias na Barra do Jucu a bordo do “Fiat 147” ao som de Janis Joplin e a sensação de que nada faltava a criança Vanja. A mãe contava as histórias de sua avó, Maria Gorete, e de que esta gostava de brincar de boneca quando adulta. Vanja sabia que a mãe tinha rompido relações com o pai, seu avô, Abner, e teria se mudado do Texas, onde havia crescido, para o Novo México, apesar de não saber os motivos e de não ter perguntado a ela por que isso aconteceu. “Minha mãe sempre me respondia a todas as perguntas, de modo eu a censura ficava sob minha responsabilidade: se eu não quisesse saber alguma coisa, que não perguntasse”⁶⁰². A mãe, segundo a protagonista, era uma mulher que gostava de sumir da vida dos homens: “Minha mãe gostava de romper relações com os homens e desaparecer de suas vidas. A tendência foi inaugurada ali, com meu avô geólogo”⁶⁰³.

⁵⁹⁸ Ibid., p. 30.

⁵⁹⁹ Ibid., p. 39.

⁶⁰⁰ Ibid., p. 39.

⁶⁰¹ Ibid., p. 30.

⁶⁰² Ibid., p. 59-60.

⁶⁰³ Ibid., p. 39.

Foi assim que, um ano depois de ter ido morar com Elisa, e de ter vivenciado as etapas do luto e da depressão, “Elisa me deixou emagrecer o quanto eu quisesse, dormir o quanto eu quisesse e ter insônia o quanto eu quisesse”⁶⁰⁴, Vanja resolveu entrar em contato com Fernando: “Ninguém sabia do Fernando. Alguém achava que ele ainda morava nos Estados Unidos, onde era entregador de pizza ou trabalhava numa lanchonete vendendo, quem sabe, hambúrgueres amazônicos. Ou fosse lá o que fosse que os imigrantes brasileiros faziam nos Estados Unidos”⁶⁰⁵. Fernando era o único que poderia ajudá-la: “Mesmo quase duas décadas passadas desde que ele e minha mãe tinham se separado, e que ela havia desaparecido da vida dele, como gostava de fazer com todos os homens”⁶⁰⁶.

Assim, graças a uma rede de colaboradores e diferentes contatos, a menina descobriu que Fernando tinha cinquenta e tantos anos e morava em Lakewood, subúrbio da cidade de Denver. Mas o que Vanja estava buscando? Vai ser apenas na página 73 que, finalmente, ela revela o motivo de ter ido atrás do ex-marido da mãe e de ter enfrentado a longa viagem ao hemisfério norte: “Não era uma aventura. Não eram férias nem diversão nem passatempo nem mudança de ares, eu ia para os Estados Unidos me hospedar com Fernando com um objetivo bem específico em mente: procurar meu pai”⁶⁰⁷.

Oficialmente, Fernando era meu pai e meu guardião. Quando minha mãe engravidou de meu pai de verdade, um americano, sumiu da vida dele, e quando eu nasci ela telefonou do Novo México para o Fernando, seu ex-marido, que vivia num estado do norte e seis horas de carro dali, no Colorado. Naquela época ele não morava em Lakewood, mas em Aurora, outro subúrbio de Denver. Pegou a estrada e no dia seguinte me registrou como sua filha, em Albuquerque. Disse para a minha mãe se cuidar. Pegou a estrada de volta. Fazia então quatro anos que eles estavam separados e possivelmente ele a conhecia bem a ponto de ela não ter que explicar nada: Que não queria vínculos com o verdadeiro pai de sua filha. Que não queria sua filha crescendo sem o nome de um pai na certidão de nascimento. Que não tinha coragem de pedir aquilo a outra pessoa. Que a vida às vezes era um bocado complicada⁶⁰⁸.

Vanja vai para os Estados Unidos buscar o pai biológico, porém, é com Fernando que ela vai estender os laços afetivos e começar a entender os vínculos de uma relação paterno-filial, cada um a seu tempo, cada um com suas limitações, cada um com seus silêncios, cada um com suas faltas, cada um com seus traumas, cada um com suas vivências, cada um deles com suas perguntas não feitas e respostas não ouvidas. “Eu ainda não sabia que assuntos ele me permitia. Talvez permitisse todos. Eu tinha mil e duzentas páginas de perguntas sobre

⁶⁰⁴ Ibid., p. 61.

⁶⁰⁵ Ibid., p. 62.

⁶⁰⁶ Ibid., p. 62.

⁶⁰⁷ Ibid., p. 73.

⁶⁰⁸ Ibid., p. 75-76.

minha mãe, sobre ele e minha mãe, sobre meu pai e minha mãe, sobre o Novo México, sobre os esquetes encenados antes que eu nascesse”⁶⁰⁹. Vanja, apesar do silêncio tácito entre ela e Fernando, como uma espécie de adaptação e como o tempo necessário para uma remodelação, queria entender “Por que, nesses deslocamentos, antigos amores sumiam do mapa, antigos amores transubstanciados em amizades sumiam do mapa. E pais sumiam do mapa”⁶¹⁰.

Fernando trabalhava como segurança da biblioteca pública de Denver, era imigrante legal, e, nas horas vagas, fazia serviços de faxineiro, serviços gerais e de manutenção. Vanja começou a acompanhá-lo nesses serviços durante as férias, até, de fato, adquirir a rotina de uma menina da sua idade, matriculada na escola, frequentando aulas regulares e se compreendendo naquela nova roupagem de uma adolescente integrada ao sistema de um outro país. E com o tempo, Fernando conseguiu descobrir pistas de onde poderia estar Daniel, o pai biológico de Vanja e como eles poderiam chegar até ele por intermédio de uma amiga em Santa Fé.

Assim como os diálogos são incorporados na narrativa em prosa, sem qualquer marca gráfica de pontuação, travessão ou aspas, e sem indicadores de discurso direto livre, os assuntos também se mesclam nos capítulos em temporalidades e espacialidades distintas: se, em uma parte, estamos, leitoras e leitores, acompanhando Vanja e Fernando em Denver, logo na sequência, passamos a acompanhar o relato da narradora sobre as experiências de Fernando, enquanto jovem brasileiro estudante de geografia que se tornou guerrilheiro do Araguaia na época da ditadura militar no Brasil. Fernando era conhecido pelo codinome de Chico, já tinha passado por treinamento na Academia Militar de Pequim, e fazia parte do grupo que treinava guerrilheiros e guerrilheiras, abria picadas na mata amazônica, construía esconderijos, sobretudo, organizava a resistência armada contra os governos civis-militares. Dessa vivência toda, a qual conhecemos através da perspectiva de Vanja, Chico tinha se envolvido com a companheira Manuela, codinome da estudante carioca Joana. Os destinos dos dois, contudo, foi diferente:

Chico não ouviu os gritos do comandante do destacamento, naquela manhã. Não viu os soldados saírem do pasto em meio ao fogo e à fumaça. Não os viu sendo expulsos. Chico não viu Manuela procurando por ele, e o resto do destacamento, mas principalmente Manuela procurando por ele. Manuela, que foi sua companheira durante um tempo tão inoportuno, e que seria uma das desaparecidas da Guerrilha do Araguaia, uma suposta ossada entre as supostas ossadas enterradas em local desconhecido, um ponto de interrogação na História oficial do país durante as décadas por vir. (...) Era com um travo amargo que ele guardava a certeza da incerteza dela: Chico teria sido preso? Morto? Teria desaparecido? (Não, Chico não

⁶⁰⁹ Ibid., p. 85.

⁶¹⁰ Ibid., p. 85.

teria desertado. Chico não era desses. Ele havia passado pela Academia Militar de Pequim. Ele era bom com as armas. E com outras coisas). Chico esteve em Goiânia, de passagem. Despediu-se da mãe. E foi embora, e nunca mais colocou os pés no Brasil. Seis meses depois, estava servindo cervejas na pressão num pub londrino, e cantando em voz alta quando sentisse vontade de cantar em voz alta, e desafinando, se fosse o caso⁶¹¹.

O movimento de Vanja e Fernando acontece em duas direções, simultâneas, enquanto ambos empreendem a busca por Daniel, o pai biológico, e a espera que essa busca gera, acabam estabelecendo uma convivência, uma forma de amizade e afetividade, de compreensão mútua, de entendimento recíproco de funções para além da nomeação legal e do comprometimento pela ajuda: “tinha que ajudá-lo primeiro para que ele pudesse me ajudar em seguida”⁶¹², e não apenas com os deveres da escola. “Quando penso em Fernando hoje, nove anos passados desde aquelas minhas primeiras semanas em Lakewood, me lembro dos braços dele. Era ali que devia morar o Fernando de fato, sua alma, sua personalidade”⁶¹³.

É nesse momento em que ela descreve como a convivência com Fernando foi se estabelecendo nos pequenos gestos da rotina e nas descobertas em comum: “Os braços que apareceram em casa segurando um trenó de plástico vermelho quando os primeiros dias de neve no início de novembro profetizaram encostas deslizáveis”⁶¹⁴. E pelos braços daquele homem, que não era parente seu, uma segurança protetora, uma sensibilidade cuidadora, uma amabilidade instalava-se: “Os braços que me empurraram pelas encostas deslizáveis enquanto por dentro eu era pânico duro, em estado bruto. “Os braços que aprenderam a domar a própria inabilidade para abraçar a filha alheia num ritual de boa-noite que em tese nem precisava existir”⁶¹⁵.

Vanja, durante a espera por notícias do pai biológico, imagina como é esse progenitor, e desconfia que ele sequer pudesse saber sobre uma filha chamada Evangelina, fruto de uma relação breve com uma brasileira de nome Suzana, treze anos antes. Ela, uma adolescente que tinha dupla cidadania, num “caos linguístico”, entre o inglês na escola, o português em casa e o espanhol com os vizinhos de origem caribenha, só sabia o nome do pai: “Daniel, o nome do meu pai, era um nome válido em inúmeras línguas, para minha felicidade. Daniel era Daniel em inglês, português e espanhol, as três línguas com que eu convivia todos os dias ali”⁶¹⁶.

⁶¹¹ Ibid., p. 196-197.

⁶¹² Ibid., p. 84.

⁶¹³ Ibid., p. 107.

⁶¹⁴ Ibid., p. 108.

⁶¹⁵ Ibid., p. 108.

⁶¹⁶ Ibid., p. 105.

Meu pai podia estar: preso, morto, viajando, exilado, internado num hospital ou num hospício, vivendo nas ruas, numa ilha caribenha, numa base militar na Bulgária, numa base científica na Antártida, num mosteiro budista nas Filipinas, vendendo quadros e fumando cachimbo numa ponte em Paris. Meu pai podia ser um homem velho demais, jovem demais, esquisito, bonito demais, magro demais brilhante, arredio, careca, bem-humorado, gordo demais, extrovertido, religioso, cabeludo, feio, bastante culto, um tanto míope, atlético, meio brigão, barbudo, bem-sucedido, dono de grande talento musical. Meu pai podia ser pai de outras filhas e de outros filhos. Eu listava todas as possibilidades mentalmente, enquanto fazia o café, certa de que meu pai não se deixaria adivinhar em nenhuma delas. Isso dava certa angústia. A angústia é um sentimento inimigo que segura o seu estômago com dedos tortos e frios e possessivos⁶¹⁷.

Depois de uma longa espera, a amiga de Fernando, June, conseguiu notícias sobre a mãe de Daniel, avó de Vanja: “De acordo com essa pessoa, a mãe do Daniel mora perto de Santa Fé. Ela se chama Florence e é artista”⁶¹⁸. A partir dessa notícia e da ajuda que June ofereceu, Fernando, Vanja e Carlos, o vizinho salvadorenho que fala espanhol, é muito preocupado com os “papeles” da imigração, e revela-se, ao longo do romance, amigo, como uma espécie de irmão da protagonista, viajam para o sul a fim de encontrar Florence e descobrir onde está Daniel. Os três, a bordo do *Saab* 1985, em plena semana de Ação de Graças, partem para uma jornada de descobertas e mudanças. É nessa viagem que Vanja pergunta a Fernando o que ele era dela, pois na certidão ele era seu pai, mas não era o “pai de verdade”, então, o que seria? Diante da pergunta e de algum silêncio, o homem responde: “Não sei. O que você quiser que eu seja”⁶¹⁹.

Ao encontrar June, e ao vivenciarem cenas de convívio agradável e feliz, os quatro acabam tornando-se, apesar do pouco tempo e da efemeridade do gesto, uma família: “Um talento de June: nós quatro éramos, de repente essa grande família improvável, multinacional, cheia de línguas diferentes e sotaques diferentes para as mesmas línguas”⁶²⁰. A viagem, e os(as) viajantes então, chegam ao destino: a casa e o ateliê de Florence. Ao descobrir a avó, uma artista plástica, e Norbert, seu marido que colecionava aparelhos de aspirador de pó, Vanja descobre todo um mundo de possibilidades – parentes, novas ligações genealógicas, novos possíveis laços. Mas também descobre uma notícia que vai abalar as suas estruturas e expectativas, e deixá-la com muita raiva por ter empreendido toda essa busca, por ter saído do Brasil, por estar ali onde estava: o pai, assim como a tia, tinham nascido na Costa do Marfim, em Abidjan, e Daniel tinha retornado para lá, onde residia. Vanja sentiu raiva do mundo, do

⁶¹⁷ Ibid., p. 121-122.

⁶¹⁸ Ibid., p. 132.

⁶¹⁹ Ibid., p. 160.

⁶²⁰ Ibid., p. 170.

pai, da avó, de tudo e de todos ao redor, com vontade de gritar e explodir, foi quando Fernando segurou a sua mão:

Fernando segurava a minha mão enquanto andávamos pelo jardim seco de Florence e víamos as esculturas sem prestar atenção. Foi a única vez que eu e ele andamos de mãos dadas. Ele segurava minha mão pequena e fria com a sua mão grande e fria e para um olhar mais apressado, que deixasse a genética de lado, podíamos ser filha e pai⁶²¹.

Daquele momento em diante, Vanja se descobriria e se reconheceria neta de Florence, e filha biológica de Daniel, de quem ela tinha o mesmo sorriso, segundo a avó. O feriado de Ação de graças ainda guardava surpresas como a aparição de Isabel, uma ex-aluna porto-riquenha da mãe de Vanja, amiga de June, com quem Fernando vai vivenciar uma experiência amorosa-sexual e a união e junção de todas aquelas pessoas diferentes, multiculturais, em uma quase comunidade “hippie”⁶²²: o amigo salvadorenho, o ex-marido brasileiro da mãe, a antiga amiga “*made in IK*” e a ex-aluna porto-riquenha da mãe, junto aos dois cachorros de June. Vanja também pôde visitar a casa onde nasceu em Albuquerque. Terminada a viagem, o trio voltaria para o Colorado, Isabel pegaria um ônibus retornando à Albuquerque, June ficaria em Santa Fé, e “as coisas silenciosamente migrariam para fora de si mesmas e virariam outras coisas, como ninguém imaginava que virariam. As coisas se autorrevolucionariam, devagar e quietas”⁶²³.

Fernando não voltou a encontrar Isabel. Vanja cresceu, voltou ao Rio de Janeiro uma vez para visitar Elisa. Fernando faleceu um ano antes de Vanja contar essa narrativa toda: “Ele morreu sem guerrilhas, sem esposas nem amantes. Na sua memória deslizavam rios como o Araguaia e o Tâmis e os rios encachoeirados das montanhas do Colorado, e o Rio Grande, que atravessa Albuquerque”⁶²⁴. Mas, antes disso, ela e Carlos não esqueceram mais os aniversários de Fernando e “os invernos se tornaram os meus invernos e os verões, os meus verões”⁶²⁵: Vanja descobriu o seu lugar, desenvolveu o seu sentimento de pertença espacialmente, e como pessoa e mulher. Carlos foi morar com ela, pois tinha prometido não sair de perto da amiga, enquanto os pais mudaram-se para a Flórida em decorrência do casamento da irmã, Dolores, com um norte-americano. Vanja trabalha na biblioteca pública de Denver e vendeu o *Saab* 1985 de Fernando para comprar outro *Saab*, porém, quinze anos mais novo. Sobre Daniel, a protagonista revela:

⁶²¹ Ibid., p. 202.

⁶²² Ibid., p. 224.

⁶²³ Ibid., p. 225.

⁶²⁴ Ibid., p. 232.

⁶²⁵ Ibid., p. 232.

Estive algumas vezes com meu pai. Fui a Abidjan visita-lo e à sua família. Falámos um pouco da minha mãe. Não muito. Além de mim, os dois não chegaram a ter muitas coisas em comum. Nem mesmo memórias. Nem mesmo, eu acho, saudades. Fui visitá-lo duas vezes com passagens aéreas que Fernando pagou para mim, fiquei quinze dias nas duas ocasiões. Daniel esteve aqui no ano passado, numa viagem de trabalho aos Estados Unidos. Saímos para beber umas cervejas. Foi bom sair para beber umas cervejas com o meu pai. Eu paguei a conta. Ele não queria deixar mas eu insisti e disse que ele era meu convidado e acrescentei, com uma falta de originalidade possivelmente tocante, que dá próxima vez jantaríamos num restaurante francês e então. De tempo em tempos nos falamos por telefone. De tempos em tempos falo com Florence por telefone. Da última vez pude ouvir o aspirador de pó de Norbert do outro lado da linha⁶²⁶.

Para Vanja, o último encontro “fracassado” da mãe com Fernando, naquele natal do ano de seu nascimento, fazia parte do desejo dela, enquanto filha, de que os dois pudessem ter continuado juntos. O pai que constava em seu registro de nascimento e que, assim, nomeou-a sua filha legalmente, ela desejava como o pai que a educasse e cuidasse. De fato, anos mais tarde, foi esse pai “de criação”, esse pai não-biológico, porém oficial perante a lei, que ajudou aquela menina adolescente a se tornar uma mulher adulta. Foi esse homem, não denominado, nem chamado, nem identificado como pai, mas que agiu como um pai, mobilizou-se para recebê-la, para ajudá-la, para incentivá-la, cuidá-la e ampará-la, e, então, começar algo como uma “família”.

Fernando e Vanja sabiam de seus limites, bem como de suas possibilidades e os espaços limiáres e entre: ele não era o seu pai biológico, pois esse tinha lugar na vida dela. Os dois tinham: Fernando e Daniel. Vanja não era “filha” de Fernando. Fernando não era “pai” de Vanja. E era. E foram. E aconteceu. De alguma foram, em alguma medida, essa relação do desejo de Vanja se efetivou numa relação de filiação e paternagem. Talvez sem a nomenclatura, talvez sem a consanguinidade, talvez com outra responsabilidade social, talvez com outros tipos de vínculos afetivos e amorosos, talvez sob outra perspectiva, talvez diferente do que a sociedade considera “tradicionalmente” como uma família, uma filha e um pai. E, talvez, por isso: “Era para ser definitivo. E foi”⁶²⁷.

[aliás]

Um aliás diferente esse, pai, pois ao preparar o encerramento dessa nossa carta, vou voltar e recuperar alguns conceitos importantes e pensar novas ideias para ampliar e pluralizar o papel e a função da paternidade, bem como as noções de família

[aliás]

⁶²⁶ Ibid., p. 234-235.

⁶²⁷ Ibid., p. 236.

Esses dois exemplos de famílias não-tradicionais nos romances *Mar azul*, de Paloma Vidal, e *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa, repercutem a ideia de família em uma perspectiva, ao mesmo tempo, ampliada de comunidade e de sociabilidade, e reduzida a um pequeno grupo reunido pela afetividade, sem envolver, contudo, laços consanguíneos e de parentescos, sem precisar da justificativa de uma genealogia (a árvore genealógica), sem a fundamentação do nome e do patrimônio. São indicativos de possibilidades distintas de compreensão do que pode unir um grupo estar-em-comum, um conviver – escutar – pelas diferenças e desvelar as semelhanças nessas diferenças, desenvolver, com isso, novas subjetividades afetivas e os espaços fronteiros, limiares e de “entre”. São formas, pela ficção, pela matéria literária, de interrogar os princípios constitutivos de família, genealogia, transmissão, origem e filiação, por exemplo.

Em *Azul-corvo*, sobretudo, os papéis e as funções representativas de filiação e paternagem não condizem com os argumentos reacionários, reativos e restauradores da ânsia pelo pai e da busca pela autoridade paterna autoritária, repressora e disciplinadora no seio da família nuclear burguesa. A ideia de que os problemas sociais em micro e macro-espacos derivam da ausência paterna, desde um papel e uma função social, mas, principalmente, como representante dessa autoridade que já ruiu e de um modelo de família antes considerado sólido como “o pilar da sociedade”, continuam a espreitar desavisados e desavisadas. Ou bem-avisados(as).

O “romance familiar” segue sendo uma fantasia. Propagada e divulgada nos mais diversos produtos culturais e de consumo de massa. Uma fantasia que extrapolou a imaginação dos neuróticos, os quais temiam pelo abandono paterno ou desejariam uma situação social de abundância em outra família, como estabeleceu Freud. Essa é uma fantasia de uma sociedade ocidental inteira. Talvez, uma das fantasias mais bem-sucedidas: pois a grama do quintal da família vizinha sempre vai ser desejada e almejada.

Conforme Roland Barthes, sendo a fantasia como um engendramento de formas, de diferenças, como origem da cultura, uma dessas forças fantasmáticas do “Viver-junto” (“Comment vivre ensemble”) é justamente esse viver “bem”, coabitar o mesmo espaço “bem”, enxergado em casais, grupos e famílias bem-sucedidos. Ou seja, “É o mito (o logro?) em estado puro: a boa matéria romanesca. (Não haveria família se não houvesse algumas

bem-sucedidas!)”⁶²⁸. É desse modo que a fantasia permanece na busca pelo “bom” pai, pela “boa” família”, por uma “Família-Soberano-bem”.

Assim como Foucault, Barthes também pensa a família como cenário, local para uma situação de poder, estruturada em arquitetura de poder, nesse encontro da sexualidade com a lei, em que a família não escapa das formas repressivas e pela sutileza desse poder. Esse poder que passa pela “desrritmia”, pela “heterorritmia”, pois cada membro da família tem seu ritmo próprio e não há espaço para congregar a forma mediana, utópica da “idiorritmia”: “O Sistema-Família bloqueia toda a forma de anacorese, de idiorritmia”⁶²⁹.

As relações familiares e de paternagem e filiação estão, assim, imbricadas nas relações de poder e nas noções ideológicas da genealogia. Para François Noudelmann⁶³⁰, a genealogia não está apenas relacionada aos conhecimentos sobre genes, raças e famílias, contudo, ordena outros conhecimentos, saberes, simbolismos e imaginários. Ao se pensar, por exemplo, nas representações culturais e políticas que colocam em cena histórias de sucessão, de ligações e heranças como sistema de filiação e a busca por origens, é preciso ter em conta como a genealogia está presente nesses casos, imprimindo suas tipologias, suas estruturas e suas gramáticas.

Graças às expressões paternidade, fraternidade, pátria, nação, transmissão, reconhecimento, entre outras, é que a genealogia ganhou, sobretudo, ainda mais força e legitimou discursos em diferentes campos do saber. Dessa maneira, por estruturar relações intersubjetivas, garantir territórios, definir patrimônios genéticos ou culturais, essas expressões designam um lugar, assinalam uma ordem e fornecem discurso. É nesse sentido que a hereditariedade e a transmissão da herança estão, de fato, longe de identificar e autorizar um nome próprio – o sujeito – mas estabelecem uma rede de propriedade, legitimando, portanto, essa rede da paternidade, a rede do sistema da comunidade do pai. Tanto a etnologia como a psicanálise se debruçam a estudar, por via genealógica ou por via simbólica, essas figuras de filiação e de transmissão, mantendo, assim, a estrutura estável das normas – leis – e dos sistemas familiares, tal qual apontou Foucault em sua crítica a essas disciplinas⁶³¹.

⁶²⁸ BARTHES, Roland. *Como viver junto: Simulações romanescas de alguns espaços cotidianos*. Cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977. Texto estabelecido, anotado e apresentado por Claude Coste. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 10.

⁶²⁹ Ibid., p. 17.

⁶³⁰ NOUDELNANN, François. *Pour en finir avec la généalogie*. Paris: Léo Scheer, 2004.

⁶³¹ Ibid.

De modo semelhante acontece com a crítica ao modelo patriarcal, segundo Noudelmann⁶³², que busca na utopia de um matriarcado antigo ou na futura e idealizada comunidade de sororidade relativizar e deslegitimar a autoridade paterna, utilizando, para isso, a via simbólica. Essa crítica, porém, tal qual a etnologia e a psicanálise, não consegue escapar de reproduzir as estruturas familiares, as mesmas às quais se opõe e se luta contrariamente, combatendo-as. Do outro lado, a definição de paternidade como construção positiva, como uma ruptura cultural, quase epistemológica entre o direito natural e o direito positivo, marca essa separação que instaura a filiação e a civilização. Fundada em um discurso simbólico e ignorando a marca ideológica genética, a paternidade, igualmente pela via do simbolismo, colabora à legitimidade do “clichê misógino” da atribuição à mãe e a sua assimilação com a natureza⁶³³.

Utiliza-se do paradigma genealógico muito menos para descrever os sistemas de parentesco do que para incorporar e apreender as figuras constitutivas das representações e de suas aleatoriedades. Tendo em vista que a construção das transmissões e das identificações, em obras literárias, na ficção e em bens culturais, não pode se resumir aos recursos de alegorias e convenções, é necessária, assim, a instrumentalização da linguagem simbólica. Pois é através dessa instrumentalização que a ficção e o imaginário fornecem a matéria da representação genealógica.

Apesar de o esquema de parentesco se impor do exterior, através de sua força de estruturação, os indivíduos se apropriam, conscientemente ou não, dessa configuração familiar, podendo, inclusive, assumi-la como seu destino, ou, pelo contrário, gerar a margem de liberdade, a qual permite se deslocar de uma posição pré-determinada para outro caminho. Pensar a filiação é, então, buscar o funcionamento dessas imagens, de seus deslocamentos, dos lugares apreendidos, das ordens de sentido e como ela participa dessas representações imaginárias. Conforme esses esquemas estruturados, o sujeito pode construir seus pertencimentos, suas relações e redes no seio da suposta família; bem como, junto à comunidade e à humanidade como um todo.

A crise da genealogia, aponta Noudelmann, acontece em um sistema de oposição binária, entre um modelo de transmissão que se desmorona e um mundo que

⁶³² Ibid.

⁶³³ Il serait aisé de démontrer toute l’armature idéologique d’une telle construction, notamment l’assimilation de la femme à la nature, et la préemption des enfants par le père, mais l’intérêt de ces hypothèses vient aussi de la définition de la paternité comme construction positive. À partir d’un cliché misogyne selon lequel on n’est jamais sûr du vrai père d’un enfant, l’idée que la paternité se fonde sur un discours symbolique, plus que sur une marque génétique, trouve alors sa pleine légitimité. Ibid., p. 44.

progressivamente esquece de suas marcas geracionais⁶³⁴. A defesa da ordem genealógica se exprime de modo ideológico ao invés de um sistema de representações que se pretende objetivo. Essa transmissão está em crise, segundo o pesquisador, pois não assume mais o que Régis Debrey considera como “universal”⁶³⁵. É nesse ponto que irrompe a genealogia de denúncia de ruptura entre as filiações como modelos de garantia das legitimidades de lugares sociais pré-estabelecidos e pelo respeito às figuras de autoridade, as quais ordenam as posições simbólicas.

É nesse embate que a “antigenealogia”, aos moldes de Gilles Deleuze e Félix Guattari (“Mil platôs” – “*Mille-Plateaux*”), pretende questionar a verticalidade das transmissões e substituí-la por outros planos e outras direções – outros caminhos. A crítica do paradigma genealógico não apenas identifica a contestação à ordem patriarcal, por exemplo, mas tenta mostrar a complexidade conceitual e figurativa da palavra “genos”⁶³⁶. Para além de uma questão moral, a partir de uma definição de sentido, a crítica busca salientar como essas figuras de representação, essas imagens da família – da árvore genealógica – resultam de outras possibilidades, não exclusivamente familiares, podendo ser, inclusive, representações mentais arraigadas no imaginário.

Nessa interrogação à genealogia do direito à transmissão e do respeito às figuras de autoridade que Michel Foucault vai introduzir a descontinuidade e a pluralidade, sem a pretensão do “saber universal”. Reside aí a diferença principal entre Pierre Legendre e Foucault, de acordo com Noudelmann⁶³⁷. Enquanto o primeiro mantinha-se pelo argumento da autoridade, Foucault teria ignorado os saberes históricos e teria procurado efetivar um método e uma estratégia contrária aos discursos teóricos unitários e coercitivos. Questionando dessa forma o paradigma genealógico a fim de evitar reconduzir as representações aos antigos esquemas de geração e filiação é que Foucault vai se aproximar de Nietzsche.

Há uma perda da visão crítica se não proceder com a interrogação de suas próprias ferramentas, de seus próprios esquemas e de suas metáforas, por meio de uma leitura

⁶³⁴ Tout entier construit sur une opposition binaire entre un modèle de transmission qui s’écroule et un monde qui oublie ses repères générationnels, l’argument connote positivement et négativement tous les champs dans lesquels la crise se manifeste. La transmission fait place à la communication, la civilisation de l’écrit au monde de l’oral, l’éloge des morts au Plaisir de la consommation, le savoir à la pédagogie, les arts éternels aux installations éphémères, l’autorité familiale à la contestation de la filiation naturelle et spirituelle. Si la note dominante demeure politique avec une opposition entre la citoyenneté et la communauté, entre le modèle républicain français et le multiculturalisme américain, le schéma antithétique articule quantité de discours annexes, sociaux, moraux, esthétiques et culturels. Ibid., p. 24.

⁶³⁵ Ibid., p. 24.

⁶³⁶ La critique du paradigme généalogique ne vise pas à montrer comment tel ordre patriarcal se trouve contesté mais tente de saisir la complexité conceptuelle et figurative qui se tient dans le mot de genos. Ibid., p. 26.

⁶³⁷ Ibid., p. 20.

genealógica da genealogia: o “mise en abyme” do gesto genealógico⁶³⁸. Assim, busca-se a história das reformulações, das exclusões, das taxonomias que prescindem essas construções mentais e sociais. Concede-se poder ao aleatório como parte do jogo que rege as construções imaginárias das relações de parentesco como possibilidade frente à permanência e à universalidade.

No lugar de denunciar um sistema contrário ou de defender uma tal liberdade sem regras, ao cabo de sistemas antitéticos e de oposições retóricas entre tradição e modernidade, ordem ou transgressão, pensar a genealogia no sentido da “filature” – um sistema de filo, uma classificação – , antes mesmo de pensar a filiação. Para, então, pensar um caminho à condução de uma transmissão em termos de passagem e travessia. Antes de acontecer a reivindicação da questão central na origem e na herança, pode-se pensar nas suas possíveis reformulações e no sentido de passagem – travessia⁶³⁹.

Pois, o conteúdo da transmissão não é jamais indiferente ao modo como é transmitido, ou seja, aos meios de transmissão e de circulação. E, com isso, pode-se, também, reencontrar a descontinuidade e o acontecimento, como preconizava Foucault, a singularidade e os acasos, a aleatoriedade e a busca por um enfoque que seja o “eco” da diversidade e da pluralidade e não apenas como proposta de reduzi-la ao elemento comum e semelhante: “Plus qu’une nouvelle conception de la parenté, les déplacements du paradigme généalogique amènent à repenser toute une série de notions liées à la semblance, à la relation, à la frontière”⁶⁴⁰.

Assim como se pode buscar uma “*phusis*”, no sentido grego aristotélico, de uma natureza de todas as coisas, não biológica e não genealógica, ou que, pelo menos, possa estar desvinculada à transmissão da função estritamente biológico-reprodutiva e de procriação, é possível pensar a família de formas distintas. Conforme a psicanalista Maria Rita Kehl, a partir da difusão da terminologia coparental, com base no termo “parentalidade”, tem-se uma inversão da dominação masculina e uma nova conceitualização de família, cujos filhos já não são mais a finalidade dos encontros eróticos ou a consequência inevitável. Os encontros eróticos também não são mais a base dos laços conjugais e de sua instável sustentação, tendo em vista que tal erotismo não necessita mais ser abrigado ou escondido desse modo. “As separações e as novas uniões efetuadas ao longo da vida dos adultos foram formando, aos

⁶³⁸ Ibid., p. 21.

⁶³⁹ Filer la généalogie au sens d’une filature plus que d’une filiation, tel ser ale chemin qui conduira à penser la transmission em termes de passage, avant de revenir sur la question centrale de l’origine et ses possibles reformulations. Ibid., p. 26.

⁶⁴⁰ Mais do que uma concepção nova do parentesco, os deslocamentos do paradigma genealógico buscam repensar uma série inteira de noções ligadas à semelhança, à relação, às fronteiras. Ibid., p. 29.

poucos, um novo tipo de família que vou chamar de *família tentacular*, diferente da família extensa pré-moderna e da família nuclear que aos poucos vai perdendo a hegemonia”⁶⁴¹.

De certa forma, a família desprivatizou-se a partir da segunda metade do século XX, não porque o espaço público tenha voltado a ter a importância que teve na vida social até o século XVIII, mas porque o núcleo central da família contemporânea foi implodido, atravessado pelo contato íntimo com adultos, adolescentes e crianças vindas de outras famílias. Na confusa árvore genealógica da família tentacular, irmãos não consanguíneos convivem com “padrastos” ou “madrastas” (na falta de termos melhores), às vezes já de uma segunda ou terceira união de um de seus pais, acumulando vínculos profundos com pessoas que não fazem parte do núcleo original de suas vidas. Cada uma dessas árvores hiper-ramificadas guarda o traçado das moções de desejo dos adultos ao longo das várias fases de suas vidas – desejo errático, tornado ainda mais complexo no quadro de uma cultura que possibilita e exige dos sujeitos que lutem incansavelmente para satisfazer suas fantasias⁶⁴².

Para Maria Rita Kehl, é no bojo da família nuclear burguesa que foram germinadas as modalidades dos mal-estar modernos identificadas pela psicanálise freudiana. Foi assim que a monogamia como exigência social, as restrições sexuais e a claustrofobia doméstica produziram diferentes sintomas de histeria nas mulheres, além de “fixar os filhos no lugar de objetos do amor incestuoso de suas mães”. Conforme a psicanalista, os termos do complexo de Édipo foram propositalmente invertidos para situar essas mulheres insatisfeitas com a situação e que transformam os próprios filhos em objeto de investimento libidinal pesado. Além dessa fixação incestuosa entre filhos e mães, também se efetivou a neurose obsessiva como expressão da “impossibilidade de um homem afirmar sua virilidade diante de um pai que ele deve, ao mesmo tempo, idealizar e ultrapassar”⁶⁴³. E é dessa família super estruturada que as fantasias da sociedade ocidental estão associadas com a nostalgia e a ânsia de restauração.

Já os filhos dessa família nuclear vivem uma rivalidade constante, desde a disputa por esse amor materno identificado como um objeto fálico, até a disputa do lugar de identificação com o pai centralizador e sua autoridade a fim de levar adiante essa herança simbólica paterna. Essa rivalidade fraticida, para Freud, surge como condição universal da convivência entre irmãos, resulta das alianças familiares em torno do poder do “UM”: Representante laico do antigo lugar do Monarca, o pai de família moderno cultiva inconscientemente a rivalidade entre os filhos ao buscar fazer da transmissão do nome uma identidade”⁶⁴⁴. Nas famílias

⁶⁴¹ KEHL, Maria Rita. *Em defesa da família tentacular*. Fronteiras do Pensamento. Data: 1 de dezembro de 2013. Disponível em <<https://www.fronteiras.com/artigos/maria-rita-kehl-em-defesa-da-familia-tentacular> /> Acesso em dezembro de 2018, p.3.

⁶⁴² Ibid., p.3.

⁶⁴³ Ibid., p.3.

⁶⁴⁴ Ibid., p.3.

contemporâneas, porém, esse pátrio poder vem sendo distribuído entre vários membros e não está mais centralizado nesse UM – o pai.

Assim, é possível de se pensar numa nova forma de aliança entre esses irmãos, como uma *função fraterna*, paralela e em complementação à função paterna na constituição da subjetividade. “Com frequência, nas famílias que se desfazem e refazem várias vezes ao longo da vida das crianças, os irmãos constituem referências sólidas para as identificações horizontais; alianças de afeto e cumplicidade entre os irmãos são mais estáveis do que os laços com os adultos”⁶⁴⁵. Essa função fraterna acaba, com sua potência e força, questionando o poder patriarcal e condicionando tal poder ao nível cada vez mais abstrato, transformando a Lei em uma versão simbólica e não como exemplo da autoridade e do poder arbitrário do mais forte. Corroborando ao pensamento de Elisabeth Roudinesco, em *A família em desordem*, a psicanalista brasileira aponta para essa nostalgia desse tipo de família nuclear e como a contestação à família anteriormente evocada e ao modelo protestado e combatido acabou sendo revalorizado. Especialmente nessa sociedade de consumo que termina por satisfazer suas fantasias no consumo dessa nostalgia.

Apesar disso, creio que ainda cultivamos uma dívida para com a formação familiar tradicional; o passado idealizado representa um abrigo diante das modalidades de desamparo que enfrentamos no presente. No ocidente, a família que foi duramente criticada e questionada pelos movimentos de contestação dos anos 1960, em nome das liberdades sexuais, dos direitos dos homossexuais, das reivindicações feministas e dos movimentos de jovens, hoje tem sido revalorizada pelos próprios grupos marginais que a contestavam. Pares homossexuais reivindicam o casamento institucional; solteiros de ambos os sexos lutam pelo direito de adotar crianças e constituir uma família “normal”. A família mudou, mudaram os papéis familiares, mas não foi substituída por outra forma de organização molecular⁶⁴⁶.

Desse modo, a dissolução da família patriarcal na contemporaneidade e a dissolução dos costumes acontece de duas maneiras. Sendo a primeira delas: a partir do sentido do público ao privado, tendo em vista que já não existe uma correspondência e uma continuação dos valores e das exigências de papéis de um âmbito ao outro. Com isso, há uma dissolução do espaço público que acarretou na mudança de uma ética de produção para uma ética de consumo, ocasionando o desmorroneamento e a desmoralização da transmissão familiar desses valores. A segunda delas por sua vez: a partir do privado ao público, diz respeito às dificuldades de pais e mães contemporâneos em assumir e sustentar a posição geracional que os compete – diferenciando-se, então, dos filhos e filhas: “É como se o peso da dívida para

⁶⁴⁵ Ibid., p.4.

⁶⁴⁶ Ibid., p.4.

com a família patriarcal, a que me referi acima, impedisse os adultos de legitimar suas funções no âmbito das estruturas familiares que eles foram capazes de constituir”⁶⁴⁷:

A mesma cultura que nos incita a viver de maneira radicalmente diferente das escolhas de nossos pais – o que nos mantém ao desabrigo de toda possibilidade de transmissão das experiências – não é capaz de legitimar as novas configurações familiares que foram surgindo, e ainda nos oferece como ideal de felicidade justamente o modelo familiar da geração dos nossos avós. Os adultos ficam, assim, em um lugar de difícil sustentação. A sustentação simbólica da autoridade perdeu a consistência imaginária conferida pela tradição; assim, homens e mulheres se veem na contingência de impor limites e transmitir ideais a seus filhos por sua conta e risco. Por um lado, esta “relatividade” na interpretação da Lei permite uma grande liberdade de invenção, e uma maior adequação das intervenções dos adultos às necessidades das crianças. Mas por outro, aproxima perigosamente os limites da Lei das arbitrariedades e caprichos dos adultos. A nostalgia da família tradicional perdida talvez venha como busca de uma referência que compense tamanho desamparo⁶⁴⁸.

[aliás]

Tenho a impressão, pai, que esses conceitos e afirmações ficam ainda mais evidentes ao pensarmos nos romances de literatura brasileira contemporânea e nas mudanças acontecidas. Não são apenas relações de poder e relações de desejo imbricadas, são, igualmente, relações líquidas, fluidas, maleáveis, em deslocamento, nessa passagem e travessia de estruturas de famílias anteriormente cerradas em si mesma, quase endogâmicas, para as ramificações das famílias tentaculares, recompostas. Há deslocamentos na compreensão da paternagem e da filiação a partir de uma hierarquia vertical e simbólica do autoritarismo para uma distribuição dessa autoridade e dessa função paterna.

Há, ainda, muitas questões que poderiam ser mencionadas aqui nessas nossas cartas, pai, porém, penso que me alonguei em demasia e já não consigo mais estabelecer os pontos para outras conversas sem que haja, para isso, primeiramente, uma resposta.

Uma reação de sua parte, pai.

Um movimento seu.

Uma iniciativa sua.

Pai?

Eu sei que você está me ouvindo-lendo.

Apenas não sei ou não compreendo, ainda, por que você continua em silêncio.

Talvez o tempo ainda não tenha sido suficiente.

⁶⁴⁷ Ibid., p.5.

⁶⁴⁸ Ibid., p.5.

Talvez o tempo ainda não tenha sido suficiente para a sua resposta.

Talvez o tempo ainda não tenha sido suficiente para o nosso diálogo.

Talvez o diálogo tenha começado.

Porque eu me movimenteiei para isso, pai.

Eu preciso, pai, que você possa tomar coragem.

Na verdade, pai, quem precisa é você.

Tudo bem, eu sei que estou pensando por você e em como você poderia agir.

E eu não deveria fazer isso. Mas, pai, por favor, me entenda, foi muito difícil para mim estar aqui, nesse lugar de quem começa e propõe e inicia e recomeça e retorna e revolta e continua e permanece propondo o diálogo.

Essa mão que escreve é a minha.

Apesar do medo. Apesar da solidão. Apesar do silêncio. Apesar do pai devorador. Apesar do pai ensinaDOR. Apesar do pai que não se aproxima do filho – o filho do sexo masculino – por uma questão de masculinidade ainda em suspensão. Ainda em interrogação. Ainda como exigência social de virilidade. Apesar do pai que não pode se permitir ou não tem coragem ou tem receio ou tem vergonha ou tem constrangimento em beijar o filho – o filho do sexo masculino – por uma questão de masculinidade ainda preconizada como tabu social.

E por que as mães podem desenvolver relações afetivas e íntimas com filhos e filhas de modo mais tranquilamente aceito e incentivado socialmente?

Certas questões, pai, me perturbam, sobremaneira, por insônia, por imagens, por palavras e cenas. Por ações incompreendidas.

Não vamos ter espaço para falarmos sobre isso tudo aqui, pai, pois já está insustentável o papel sólido dessas cartas. Pois meus dedos já não acompanham a velocidade dos meus pensamentos. Pois minha coluna já não aguenta mais o peso incômodo de meu corpo sentado na mesma e sempre posição de escritora de palavras de filhas e filhos e de esboçar olhares para um pai.

Eu não tenho resposta alguma. Nem caminhos ou pistas. Eu tenho cada vez mais e muito mais perguntas.

Essa questão do pai ter receio de trocar a fralda de uma filha ou de ajudá-la na adolescência com a menstruação, por quê?, o que acontece?, qual o medo da intimidade corpórea e do limite aceitável entre pais-e-filhas?

É verdade: não se pode negligenciar, sob hipótese alguma, as centenas de milhares de casos de abusos sexuais, violência sexual, pedofilia, assédio, acontecidos dentro de casas. Nas famílias. Pais, padrastos, tios, irmãos mais velhos, vizinhos.

Importa como e por quê. Importa quem.

Mas isso pode ser um desvio longo aos nossos diálogos, pai. Sim, de fato, pode ser.

Porém, essas perguntas me incomodam. E vão seguir me incomodando e me provocando.

Como são os limites dos corpos e as fronteiras das intimidades e dos contatos entre pais e filhos do sexo masculino?

Como são os limites dos corpos e as fronteiras das intimidades e dos contatos entre pais e filhas do sexo feminino?

Quem vai ao jogo de futebol e quem desenvolve brincadeiras lúdicas com o pai?

Quem vai ao supermercado e ao bar da esquina com o pai?

Quem apenas se prontifica a cortar o cabelo e estar junto ao pai?

Quem consegue discutir os assuntos do jornal e o twitter do presidente do twitter com o pai? (uma verdade: essa é uma pergunta datada)

Quem pode colocar para dormir, contar histórias e limpar uma criança?

Quem pode conversar na escola, jogar videogame, assistir desenho animado e assar pão-de-queijo com filhas e filhos?

Quem pode passear na pracinha, andar de balanço, correr no parque ou simplesmente não fazer nada e ouvir um disco antigo num sábado à tarde, seja do Roberto Carlos, dos Beatles ou do Plácido Domingos junto ao pai? Junto ao filho? Junto à filha?

Quem pode

Quem vai

Quem está

Quem é

Que tempo somos

Que tempo nós

E para nós

Como é

pai

meu pai

[aliás

Pai,

meu pai se chama Silvio.

E a próxima carta dessa correspondência seria a carta para o meu pai, Silvio.

O meu pai biológico.

O meu pai mesmo.

Silvio.

Mas ela não vai acontecer como eu pensei que aconteceria.

Como minhas mãos a escreveriam.

Como eu desejava escrevê-la.

Como eu queria concluir esse gesto.

*E essa carta não vai acontecer porque simplesmente
agora*

*nesse agora, eu não tenho mais o que dizer
nem a você, Silvio, meu pai.*

Sim, ainda tenho perguntas.

*Mas a escrita e a literatura e a escrita da literatura me proporcionaram um entendimento
singular e legítimo que, nesse momento, mesmo depois de ter tentado, ter esperado alguns
meses, ter curtido o tempo e ter deixado ele me curtir e descansar em mim, nesse momento,
eu não preciso dizer mais nada.*

Não é a resposta do meu pai, Silvio, que vai mudar.

*Foram as minhas perguntas para mim mesma, Natasha, a filha do Silvio, que me ajudaram
a entender a Natasha que não se enxergava, não se entendia, não se percebia, não se
identificava, não se reconhecia, não se sentia, não podia, e não desejava ser a Natasha, a
filha do Silvio.*

Foram as minhas palavras dispostas nessas cartas.

*Foram as palavras das filhas e dos filhos. Da vida. Da arte. Da ficção literária. Da
psicanálise. Da genealogia. Da vida.*

Da minha vida

Foram muitas palavras.

*E foi o tratamento dessa matéria palavra.
Essa palavra me moldou durante 31 anos: filha
Agora sou a filha do Silvio
Natasha
Esse nome escolhido pelo meu pai, Silvio
E tudo bem
Antes de pensar o pai, me penso enquanto filha
Meu desejo de compreender você, meu pai, não vai ser assim atingido
Talvez, quem sabe, ainda tenhamos tempo para o café
para uma conversa
quem sabe o silêncio possa ser menos constrangedor para nós, pai, da próxima vez em que
eu for visitá-lo
Um grande amigo me perguntou se eu tinha perdoado meu pai
Naquela noite eu pensei que não se tratava de perdão ou não-perdão
Mas eu não sabia do que se tratava
Acho que ainda não sei
Se eu preciso perdoar você, pai?
De uma coisa eu sei, eu tratei de me perdoar
Eu tratei de me perdoar
e gostar de ser*

Obrigada, pai

Obrigada,

Natasha Centenaro

*Numa manhã cedo de março sem intervalo da noite para a madrugada e às
7h04minutos e sem pausa*

[e
n
t
r
e]

bilhete ao [meu] pai

Foram quatro anos para entender o que eu estava procurando como pesquisadora e autora de uma tese de doutorado sobre a representação do pai na literatura brasileira contemporânea. Que começou de uma forma completamente diferente desta que aqui acontece. No momento da escrita. No último ano, acredito, compreendi e assimilei os caminhos encontrados, todos, todos, todos os perdidos, as rotas que ficaram para trás e as possibilidades que seguem. Acontecidas. Foram 27 anos para entender como eu precisava expressar a minha busca na linguagem da busca: a palavra. Mas foram 30 anos para me entender como a filha de um pai. Um pai ausente. Mas uma filha. Um pai. Uma filha em passos de construção, em melodia dissonante, em cimento molhado, com tijolos esburacados. A construção da filiação que, para mim, soou, por muito longo-tempo, negada e recusada. Uma canção desafinada arranjada em notas de silêncio. Argamassa que falta, compasso que erra. A rejeição foi um sentimento incessante, e mais presente do que qualquer outro possível na minha formação de filha. Não foi só isso. Na minha transformação em mulher. Todas as tentativas de relacionamento com o exterior e com quem simbolizasse, representasse esse exterior, foram prejudicadas pelo meu sabotador vilão da minha narrativa-vida, ele tão profundo quanto inconsciente, ele, fruto da minha fantasia de filha rejeitada, recusada, negada e quem jamais – JAMAIS – vai ser capaz, merecedora de afeto e amor e carinho e reconhecimento. Quem vai me dar espaço na sua vida se eu não posso dar espaço para mim mesma na minha? Eu não sei. Mas alimentei com astúcia nutritiva e narrativa, nesses quase trinta anos dos meus trinta e um, essa dolorosa fantasia. E não apenas como não-merecedora do afeto externo, mas como agente causadora do afastamento, da distância, da discórdia, do “fui para não voltar mais”. Como aquela que provocou a partida da viagem sem volta. Mulher, tu já carregas em ti mesma a palavra negada. Mulher, tu já és o não do todo que é. Mulher, quem é? Não entendi. Não vou entender. Para mim, a minha transformação de crescimento esteve associada a essa negação de afeto e carinho. Primeiro, antes do nada, veio o tudo. E o tudo foi de afeto, de carinho, de brincadeiras na pracinha (e foram muitas praças e muitos brinquedos), de finais-de-semana movimentados e sempre à espera. Espera de quem chegaria. Espera por quem só vinha nos finais-de-semana. E os finais-de-semana custavam a chegar e depois eles simplesmente deixaram de existir no calendário. É difícil para uma criança compreender a noção do tempo. É difícil para uma criança entender as diferenças de tempo dos adultos sem-tempo. Uma vez a criança ouviu histórias enquanto estava sentada no vaso sanitário, histórias lidas por alguém que parecia ter tempo para ler histórias. Uma vez, algum tempo depois, já não existiam mais histórias lidas em voz alta. Outra vez e a repetição dessa vez que não existiu, e não existiram mais finais-de-semana e histórias lidas em voz alta.

Não como e por quem ela queria que lesse para ela. O tempo segue sem ser possível, para mim, de compreensão. Porém, obrigado-me a aceitá-lo. Se Nelson Rodrigues nos disse para envelhecer, acreditei com convicção. A terapia do tempo e o tempo em terapia de muitas sessões de psicanálise para o tempo elaborado fora e algum tempo para o tempo elaborado em mim. Nesse movimento, compreender que eu não causei ou fui motivo ou porque eu existo (nasci) ou como eu sou ou de que modo eu fiz o que eu não fiz, nada, nada, nada em mim ou de mim foram razões para o afastamento e a ausência. Eu não sou culpada, eu não tenho responsabilidade, eu não tenho CULPA – essa culpa – não vem de mim. Essa culpa não pode acontecer como sentimento. Nos meus sonhos, no meu inconsciente, no meu estado de ser, na minha personalidade, no meu eu. Ela persistiu tempo suficiente para me transformar em penitente de mim mesma. Assim também ela se esvai aos poucos. Lenta. Vagarosa. Mas ela se vai. Me liberto da culpa. Me absolvo da rejeição. Me concilio com o afeto que pode, sim, vir de fora. Muito aos poucos, me percebo e me movimento para, também desse modo, me olhar e me dizer como me desejo inteira de mim. Parece uma grande bobagem, e é. Parece egoísta ou fútil. Parece mesmo uma narrativa sem sentido de quem escreve para fazer algum sentido. Tudo isso também é. E é verdade. Me sinto assim. Já me senti pior. Já me senti insustentável ao mundo e o mundo sem chão, teto ou lados para mim. Todo mundo, sei, e a cada livro ou poema lido, a cada peça de teatro assistida, a cada filme comentado, sei, todo mundo sabe e todo mundo sentiu o mundo assim, sem tamanho ou com sobrecarga. E, às vezes, como a criança que espera o final-de-semana chegar, às vezes, o final-de-semana não vai chegar e a criança vai chorar. Ao menos, essa sensação não é nova. Essa reação não é inédita. Conheço em cada músculo, armazeno em cada camada de pele, analiso em cada órgão, vivencio em cada célula e reconheço a cada sinapse essa espera que não vai acontecer. A solidão volta. Chorar é só mais um pouco de choro. Tu não vem. Mas tu também não veio ontem. Não veio no ano passado. Não apareceu no natal. Não ligou no meu aniversário. Não fez isso ou faz há... o tempo não precisa ser contado. O tempo é sólido. Tu não veio mais. Tu não vai vir. E tudo bem. Tudo bem. Eu fui te buscar. Eu fui procurar por ti. Eu fui te encontrar. Aos poucos, foi possível compreender como a tua ausência, meu pai, não teve relação comigo, mas só contigo mesmo. E por ti. Agora, eu posso dizer com todas as palavras e signos arbitrários que se formam na ponta da minha língua, eu me conheço, me aprendo e me reconheço como filha, independente do desejo – ou não – do meu pai. Eu sou essa filha, não outra ou qualquer. Porque esta mão que escreve é a minha. E a história que eu conto é a minha.

27 de agosto de 2018

Referências gerais

ADORNO, Theodor W. “O ensaio como forma”. In. *Notas de literatura*. São Paulo: editora 34, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

ALKOLOMBRE, Patricia. *O pai ausente*. Reflexões sobre a paternidade e o desejo de filho no homem. SIG – revista de Psicanálise. Sigmund Freud Associação Psicanalítica. – Vol. 4, n. 6 (Jan-Jun, 2015) Porto Alegre: Sigmund Freud Associação Psicanalítica, 2015.

ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik. “A arqueologia do afeto em Ribamar, de José Castello”. In: BARBERENA, Ricardo; CARNEIRO, Vinícius (Orgs.). *Das luzes às soleiras: perspectivas críticas na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Luminara Editorial, 2014.

_____. Por uma teorização do afeto: uma leitura de *Ribamar*, de José Castello, e o *Filho de mil homens*, de Valter Hugo Mãe. *Nonada*, Porto Alegre, n.25, 2º semestre 2015.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

AZEVEDO, Ana Vicentini de. *Mito e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

_____. *Um é o outro; relação entre homes e mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BARICKMAN, Bart J. “E se a casa-grande não fosse tão grande? Uma freguesia açucareira do recôncavo baiano em 1835”. *Afro-Ásia*, 29/30, 2003, p. 119-122. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/download/21055/13652>> Acesso em abril de 2017.

BARROCA, Iara Christina Silva. *Figurações e Ambiguidades do Trágico: experiências constituintes do estilo na obra de Lya Luft*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

BARTHES, Roland. *Como viver junto: Simulações romanescas de alguns espaços cotidianos*. Cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977. Texto estabelecido, anotado e apresentado por Claude Coste. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BETTIOL, Zoravia. *Família pobre I – Série Mendigos e Tipos de Rua*. Linoliogravura, 1956.

_____. *Família pobre II – Série Mendigos e Tipos de Rua*. Linoliogravura, 1956.

BIRMAN, Joel. *Freud e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

_____. *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BRENNAN, Teresa. *Para além do falo: Uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher*. Rio de Janeiro: Record Rosa dos ventos, 1997.

BURGUIÈRE, André (*et al*). *História da Família: mundos longínquos, mundos antigos*. Rio de Janeiro: Terramar: 1998.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.

CALLE, Sophie. *En finir*. Arles: Actes Sud, 2005.

_____. *M'as-tu vue*. Paris: Centre Pompidou / Xavier Barral, 2003.

CAMARGO, Luís Francisco Espíndola. AGUIAR, Fernando. “Foucault e Lacan: o sujeito, o saber e a verdade”. In. *Rev. Filos.*, Aurora, Curitiba, v. 21, n. 29, p. 531-544, jul./dez. 2009.

_____. *Suite vénitienne*. Paris: Éditions de l'Étoile, 1983.

CANDIDO, Antonio. “The brazilian family”. In: LYM Smith (ed) Brazil. *Portrait of half a continent*. Nova York: The Drydem Press, p. 291-311, 1951.

_____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre aLzul, 2006.

CARDOSO, Fernando Henrique. “Apresentação: Um livro perene”. In. FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2003.

CARRERO, Raimundo. *Os segredos da ficção: Um guia da arte de escrever narrativas*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

CENTENARO, Natasha. *Morder para viver e escrever para lembrar: Mulheres que mordem, de Beatriz Leal, e a rememoração do tempo que não pode ser esquecido na América Latina*. Travessias, Cascavel. V. 12, n. 1., p. 160-176. Jan. / abr. 2018. Disponível em: <<http://www.unioste.br/travessias/article/view/19369>>. Acesso em setembro de 2018.

CHERER, Evandro de Quadros. *A noção do pai em Psicanálise: do declínio ao pai morto*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura). Universidade de Brasília. Brasília, agosto de 2018.

CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. *As duas árvores do jardim: Ensaio psicanalítico sobre o papel do pai e da mãe no psiquismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

CORNEAU, Guy. *Pai ausente, filho carente*. Barueri: Manole, 2015, s/p. E-book.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro/Vinhedo: Editora da UERJ/Horizonte, 2012.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

_____. “Apresentação para Sobrados e mucambos: O Brasil como morada”. In: FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: Dependência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global, 2013.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias da gente brasileira: Volume 1 – Colônia*. São Paulo: Leya, 2016.

_____. *As mulheres na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

_____. *Et al (Org.) História das mulheres na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Et al (Org.) História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume I. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

_____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DIAS, Maria Berenice. “Quem é o pai?” Disponível em: <<http://mariaberenice.com.br/pt/home-artigos-filiacao-e-paternidade-filiacao-e-parentalidade.dept>> Acesso em setembro de 2015.

DOR, Joël. *O pai e sua função em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

DOVAL, Camila Canali. *Mulheres escritas por mulheres: personagens femininas no romance brasileiro contemporâneo (2000 – 2014)*. Tese de doutorado. Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

DREYFUS, Hubert L. RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DUNKER, Christian. I. L. *Autoridade e Alteridade*. Interações. Universidade São Marcos, v.I, 1998.

DUPUIS, Jacques. *Em nome do Pai: Uma história da Paternidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

FARIA, Durval Luiz de. *O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea*. São Paulo: Fapesp, 2003.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. MINERBO, Marion. “Pesquisa em Psicanálise: algumas ideias e um exemplo”. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 39 (70), p. 257-278, jun. 2006.

FONSECA, Cláudia. “Ser mulher, mãe e pobre”. In. DEL PRIORE, Mary. *Et al* (Org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

FONTOURA, Natália. REZENDE, Marcela Torres. MOSTAFA, Joana. LOBATO, Na Laura. “Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça”. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) / IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) Disponível em:<<http://www.ipea.gov.br/retrato/>> Acesso em abril de 2017.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade do saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Nietzsche, Freud e Marx. Theatrum filosoficum*. Tradução Jorge Lima Barreto. São Paulo: Principio, 1997.

_____. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

_____. “Poder-corpo”. In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

_____. “Nietzsche, a genealogia do poder”. In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

_____. “Verdade e poder”. In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001

_____. “Soberania e disciplina.” In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

_____. “O olho do poder”. In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001, p. 116.

_____. “A política da saúde no século XVII.” In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001, p. 108.

_____. “Lacan, o Liberatore da Psicanálise”. In.: FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Ditos e escritos volume I. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. “O ‘não’ do Pai”. In.: FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Ditos e escritos volume I. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. “O que é um autor?” In.: FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Ditos e Escritos volume III. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. “Filosofia e Psicologia (Entrevista com A. Badiou)”. In.: FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Ditos e escritos volume I. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. “A tecnologia política dos indivíduos”. In.: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Ditos e escritos volume V. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. “A sociedade disciplinar em crise”. In. FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e escritos volume IV. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *O sujeito e o poder*. “Posfácio”. In. DREYFUS, Hubert L. RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FREITAS, Marcos Cezar de (Et al). *História social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*, volume 1. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2012.

_____. *A interpretação dos sonhos*, volume 2. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2012

_____. “Psicanálise (1926)”. In.: *Obras completas volume 17: Inibição, sintoma e angústia; O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2014

_____. “Resumo da Psicanálise (1924)”. In.: *Obras completas volume 16: O eu e o Id; “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

_____. “A dissolução do complexo de Édipo”. In. *Obras completas, volume 16: O eu e o id; “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. “Psicologia das massas e análise do eu”. In.: *Obras completas volume 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

_____. *O Eu e o Id; “Autobiografia” e outros textos. (1923-1925)*. Tradução Paulo César de Souza. Obras completas Volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. “Totem e tabu: Algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos” (1912-1913). In.: *Obras completas volume 11: Totem e tabu; Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Coordenação e tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2012.

_____. “Conferências introdutórias à Psicanálise”. *Obras completas Volume 13*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In. *Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. “A organização genital infantil – Um acréscimo à Teoria da sexualidade”. In. *Obras completas, volume 16: O eu e o id; “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. “Moisés e o monoteísmo”. In.: *Obras completas volume 19: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos (1937-1939)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2018.

_____. *Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O Homem dos ratos”] e outros textos*. Obras completas Volume 9. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos*. Obras completas Volume 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. In.: MASSON, Jeffrey Moussaief. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2004.

_____. *Sobrados e mucambos: Dependência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global, 2013.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva e o Contratador dos Diamantes – O outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GARDNER, John. *A arte da ficção*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, 1976.

_____. *Introdução ao architexto*. Lisboa: Vega, 1990.

HIDALGO, Luciana. “Autoficção brasileira: influências francesas, indefinições teóricas”. In: *ALEA*. Rio de Janeiro, v. 15, nº1, p.218-231, jan/jun 2013. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/alea/v15n1/a14v15n1.pdf>>. Acesso em outubro de 2018.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HOMEM, Maria Lucia. “Um dos pontos de Central do Brasil: a busca do pai e daquilo que ele constitui.” Disponível em: <<http://www.pailegal.net/index.php/veja-mais/ser-pai/574-um-dos-centros-de-central-do-brasil-a-busca-do-pai-e-daquilo-que-ele-constitui>> Acesso em maio de 2017.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. FERREIRA, Nadiá Paulo. *Lacan, o grande freudiano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Volume 1: As bases conceituais. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

JULIEN, Philippe. *O retorno a Freud de Jacques Lacan: A aplicação ao espelho*. Tradução: Ângela Jesuino e Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2008.

JURITSCH, Martin. *Sociologia da paternidade: O pai na família e no mundo – Uma análise antropológica*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KLINGER, Diana. *Escrita de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012

LACAN, Jacques. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. *O Seminário Livro 6: O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

_____. *O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. *O seminário, livro 4: a relação de objeto (1956-1957)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 20: mais, ainda (1972-1973)*. Tradução M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da psicanálise / Laplanche e Pontalis; Sob a direção de Daniel Lagache*. São Paulos, Martins Fontes, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. GOUCH, Kathleen. SPIRO, Melford. *A Família: Origem e evolução*. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980.

MADARASZ, Norman. “Arqueologia como método, genealogia como tática”. In. MADARASZ, Norman R.; JAQUET, Gabriela M.; FÁVERO, Daniela N.; CENTENARO, Natasha (Orgs.). *Foucault: Leituras acontecimentais*. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

MADARASZ, Norman R.; JAQUET, Gabriela M.; FÁVERO, Daniela N.; CENTENARO, Natasha (Orgs.). *Foucault: Leituras acontecimentais*. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

MATTOSO, Kátia de Queirós. “O filho da escrava”, In. DEL PRIORE, Mary, et al (Org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.

MENEGHINI, L. C. *Freud e a literatura e outros temas de psicanálise aplicada*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1972.

MEZAN, Renato. *Freud, pensador da cultura*. Brasília: Brasiliense, 1985.

NASIO, Juan-David. *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. (Et al). *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

- _____. *Introdução à topologia de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- NOUDELDMANN, François. *Pour en finir avec la généalogie*. Paris: Léo Scheer, 2004.
- _____. *Les Airs de famille. Une philosophie des affinités*. Paris: Gallimard, 2012.
- PARSEVAL, Geneviève Delaisi de. *A parte do pai*. Tradução de Theresa Cristina Stummer. Porto Alegre, L&PM, 1986.
- QUINET, Antonio. *Édipo ao pé da letra: Fragmentos de tragédia e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- REIS, Carlos. LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina, 1994.
- RESTREPO, Luis Carlos. *O Direito à Ternura*. Tradução Lúcia M. Endlich Orth. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.
- RIVERA, Tania. *Arte e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- ROBERT, Marthe. *A revolução psicanalítica*. Tradução de José M. Lebre de Freitas. Lisboa, Portugal: Moraes Editores, 1968.
- ROBERTA, Tainá. MAGALHÃES, Victória. “A cultura do abandono paterno”. *A Verdade*. 8 de junho de 2017. Disponível em: < <http://averdade.org.br/2017/06/cultura-abandono-paterno/>> Acesso em junho de 2017.
- ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- _____. *Em defesa da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. *Jaques Lacan: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia de bolso, 2008.
- SANSEVERINO, Antônio Marcos V. “Uma estética do extremo”. In.: *Nau literária*. PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre – Vol. 01 N. 01 – jul/dez 2005.

SANTOS, Maurício Reimberg dos. *A exasperação da forma: Estudo sobre Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. *Et al* (Org.). *História da Família no Brasil Meridional: temas e perspectivas*. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2014.

_____. “Descobrimo’ as Famílias no passado brasileiro”. In. SCOTT, Ana Silvia Volpi, *Et al* (Org.). *História da Família no Brasil Meridional: temas e perspectivas*. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2014.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.

SOLER, Colette. *Lacan, o inconsciente reinventado*. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012

TEIXEIRA, Glauciane Reis. *Poéticas do silêncio: reflexões sobre romances brasileiros do século XXI*. Tese de doutorado. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

TONG, Fifi. *Origem, retratos de família no Brasil*. São Paulo: Auana editora, 2009.

VAN HAUTE, Philippe. GEYSKENS, Tomas. *Psicanálise sem Édipo? – Uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2016.

WILLEMART, Ph. *Os processos de criação*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

WOOD, James. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ZENONI, Alfredo. “Versões do Pai na psicanálise lacaniana: o percurso do ensinamento de Lacan sobre a questão do pai”. *Psicologia em Revista*. Tradução Nina de Melo Franco. Belo Horizonte, v.13, n.1, p.15-26, jun.2007.

ŽIŽEK, Slavoj. *Tout ce que vous avez toujours voulu savoir sur Lacan sans jamais oser le demander a Hitchcock*. Paris: Navarian, 1988.

_____. *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Referências literárias e de literatura brasileira contemporânea

CARRASCOZA, João Anzanello. *Caderno de um ausente*. São Paulo: Alfaguara, 2017.

_____. *Menina escrevendo com pai*. São Paulo: Alfaguara, 2017.

- _____. *A pele da Terra*. São Paulo: Alfaguara, 2017.
- CASTELLO, José. *Ribamar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CONY, Carlos Heitor. *Quase memória: quase romance*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- FERRAZ, Débora. *Enquanto Deus não está olhando*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *Diários*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- _____. *A metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *Um médico rural – Pequenas narrativas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Lettre au père*. Traduction Marthe Robert. Paris: Gallimard, 2016.
- LISBOA, Adriana. *Azul-corvo*. Lisboa: Quetzal, 2012.
- _____. *Azul-corvo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- LACAN, Sibylle. *Um pai: Puzzle*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- LUFT, Lya. *Reunião de família*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- MÃE, Valter Hugo. *O filho de mil homens*. Lisboa: Alfaguara, 2011.
- NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1975.
- _____. “Lavoura arcaica”. In.: *Obra completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ROSA, João Guimarães. “A terceira margem do rio”. In.: *Ficção completa: volume II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- _____. *Manuelzão e Miguilim – Corpo de baile*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SABINO, Mario. *O dia em que matei meu pai*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- TELLES, Lygia Fagundes. *Ciranda de pedra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- VIDAL, Paloma. *Mar azul*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

Outras referências

“*Cadê você? As pessoas por trás do abandono paterno*”. Página do Facebook: Cadê você? @ProjetoCadeVoce. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/ProjetoCadeVoce/about/?ref=page_internal> Acesso em dezembro de 2016.

Hel Mother – Maternidade sem caô. Canal no YouTube de Helen Ramos. Disponível em: <<http://www.youtube.com/c/HelMother>> Acesso em junho de 2017.

PaiLegal: Aqui a paternidade é assunto sério. Site. “Quem somos”. Disponível em: <<http://www.pailegal.net>> Acesso em junho de 2017.

Palestra de Marcos Piangers no TED. Disponível em: <<http://piangers.com/papaipop/>> Acesso em junho de 2017.

Plataforma Cientista que virou mãe. Disponível em: <<http://cientistaqueviroumae.com.br>> Acesso em junho de 2017.

Blog Diário de um analisando em Paris. “Revanche de Sibylle”. Data: 16 de março de 2015. Disponível em: <<http://claudiopfeil.blogspot.com/2015/03/revanche-de-sibylle.html>>. Acesso em novembro de 2018.

Lacan em pdf. Disponível em: <<http://lacanempdf.blogspot.com>>. Acesso em maio de 2018.

Christian Dunker – Canal no YouTube. Disponível em: <<http://www.youtube.com/channel/UCF6VjYfikYP2vfUx3c6GvVw>>. Acesso em março de 2018.

[achadas, perdidas, reencontradas, queimadas]

Crônica da autoficção

Três mulheres.

Aos 19 anos, a primeira mulher se casa no altar da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Cruz Alta. O noivo, o homem do chapéu.

Aos 19 anos, a terceira mulher leva sua mudança, algumas malas de roupas, outras caixas de livros e uma pequena panela com a tampa danificada, do apartamento de estudantes para a casa aos pés do morro, no Beco do Carvalho, entre a Cefer e o Ipê, em Porto Alegre.

Aos 19 anos, a segunda mulher, pela imprecisão das datas e a incerteza dos acontecimentos, deveria estar terminando o curso técnico em contabilidade, no colégio Conceição de Passo Fundo. Sobre a segunda mulher, as informações ainda requerem apuração. Por covardia, talvez. É preciso assumir o pavor diante do conhecimento do calendário, que escapa à memória e altera essas mesmas datas.

O homem do chapéu foi, para a primeira mulher, o marido que não deixou faltar nada em casa, a fartura, sinônimo para classe média, estava garantida. Os seis filhos nasceram e cresceram entre os deslocamentos de cidade em cidade, dois anos aqui, na capital, três anos na fronteira, outros quatro no planalto, de lá até Seberi, quando ainda não era município no mapa do Rio Grande do Sul e sequer havia um hospital. O parto do quarto filho, seberiense, foi realizado pela parteira da região, a única. O homem do chapéu costumava existir mais fora do que dentro de casa. Mas, ele era o melhor marido. A primeira mulher nunca se queixou das suas ausências. Mesmo as que não se justificavam pelo trabalho no Departamento Autônomo de Estradas e Rodagens do estado. O DAER.

A segunda mulher, dizem, conheceu o homem que não usava acessório algum, no período entre o final do curso de contabilidade e o ingresso na faculdade de direito. Talvez. Esse é o homem que transforma a narrativa das três mulheres. Sem ele, de forma óbvio-biológica, não haveria a última das três, e a primeira não teria embranquecido os

cabelos tão rapidamente. Para essa crônica, o homem será chamado de o advogado. Porque, na mente infantil da terceira mulher, a imagem, em contra-plongée, é a do homem vestido com uma toga preta que lhe cobria os pés (a altura herdada), transmutado no advogado eloquente e gestual do tribunal. Quase o dos filmes. Porém, mais baixo.

Eis as lacunas. É provável, certo, que a primeira mulher casou-se grávida. O escândalo. E é ainda mais provável, tão ou mais certo, que quando a segunda mulher se envolveu com o advogado, ele ainda era casado. Pelas bandas do Paraná. O escândalo de número II.

A segunda mulher não se lembra.

Não quer.

Entre o homem do chapéu e a primeira mulher há uma diferença de dez anos. Entre a terceira mulher e o homem do cachecol o intervalo é mais ou menos esse. Dez, talvez, onze anos. Mas, nesse parágrafo, isso não importa. O homem do cachecol entra na história, apenas, para deflagrar um fato. O fato. Que será contado adiante. Paciência. A crônica é súdita da memória.

Os dezenove anos não é o começo. É a curva.

Para a terceira mulher, a mudança de CEP foi fundamental. Até então, Passo Fundo estava atrelado ao que se pode chamar, e Freud vem para outorgar o conceito, de o lugar dos traumas. Mas, a psicanálise foi levar seu chow chow para fazer xixi. Embora, seja difícil não mencionar os psiquiatras, psicólogos, terapeutas e analistas que, com ou sem divã, estiveram na frente, ou ao lado, dessa terceira mulher. É verdade, os traumas familiares são motivos para preencher páginas e páginas da crônica médico-psiquiátrica. E da literatura. Se não, os principais. Se você não se dá bem em relacionamentos amorosos a culpa é da ausência paterna. E é, na maioria dos casos. Ninguém nasce sem pai. Mas existe sem. Cresce sem. E vive. Tenta. Consegue. Talvez.

Aos seis anos, a terceira mulher, segunda da fila na turma da primeira série, (ainda tinha uma pequena mais pequena do que ela) escutou uma conversa sobre bebês de proveta. Pronto, aí estava a verdade. Por que ela não tinha pai? Porque ela era de proveta. E a mãe insistia em dizer que ela tinha pai, só não morava na mesma casa, só não vivia junto com elas. Ela preferia ser de proveta. E todas as festas do dia dos pais deixavam de ser um pesadelo, mesmo tendo que fazer gravatas de papel sem ter pra quem entregar, mesmo ensaiando as musiquinhas religiosas de família, mesmo não

tendo quem a levasse para soltar a pipa, a bendita pipa que acabou com seus dedos de cola e tesoura durante a aula de recreação na escola Menino Jesus, na vila Rodrigues. Ela era de proveta.

Seria mais fácil.

De proveta, e sem nome e sobrenome.

Sim, pois seu único sobrenome é o do pai.

E seu nome, de personagem de Tolstói, tinha que ser soletrado, aos cinco, aos dez, aos quinze e aos dezenove. Quem escolheu? É mesmo, foi o pai. Se fosse menino, seria Felipe. Teria dado mais certo. Talvez. Às vezes, ela queria se chamar Maria. Porque Maria representa a normalidade. Tudo o que é simples poderia ser Maria. O desejo de normalidade acompanha a terceira mulher. Ainda. Sempre.

Uma pesquisa recente da Siemens Festival Nights, com dois mil participantes, revelou que as pessoas se apaixonam duas vezes na vida⁶⁴⁹. Bobagem. Quando acontece uma vez é para se comemorar. Apaixonar-se de verdade. Outra bobagem. Mas, seguindo essa pesquisa, e seus resultados ridículos, a primeira mulher se apaixonou uma única vez, também pudera, viveu toda a sua vida ao lado do mesmo homem, o do chapéu. Diz ela, que foi a mulher mais feliz com o melhor dos maridos. Ela não teve a oportunidade de conhecer outros. Nem melhores, nem piores. Casamento era para sempre, o que os separou foi a morte do homem de chapéu.

Sobre a segunda mulher, não se tem certeza. De quase nada. Mas, sabe-se, por fontes próximas a ela, que o grande amor de sua vida foi o advogado. O relacionamento mais conturbado que se pode ler nos romances de banca de jornal. A distância era o mínimo problema entre eles. Dois continentes, no meio uma imensa placa tectônica. Terremotos. Ondas gigantes. Mudança nas marés. Não era para os dois ficarem juntos. O segundo amor aconteceu numa fase madura, e poderia, enfim, dar certo. Não. Também não era para os dois ficarem juntos. Ela se apaixonou as duas vezes da pesquisa. Especula-se, com tristeza, que essa mulher possa não ter ouvido as três palavrinhas ditas nos filmes. Talvez. Quem diz “eu te amo”? Não se escuta do outro lado da tela.

⁶⁴⁹ Disponível em: <http://www.midiams.com.br/noticia/entretenimento/pesquisa-revela-que-o-ser-humano-so-se-apaixona-duas-vezes-na-vida/70352>

O fato. Chega-se ao fato. E o homem do cachecol. A terceira mulher, em definitivo, não corresponde ao perfil da pesquisa da Siemens Festival Nights. É verdade que ela se apaixonou. Sim, também é verdade que foram duas vezes. Mentira. Foi uma vez, a do fato. A segunda está sendo uma ligação de telemarketing, sem duração, sem definição, sem. Mas está. O homem do cachecol foi o culpado. Pelo menos, ele conseguiu. E ele sabe disso. Foi o pior acontecimento. Até o próximo. Quase a fez desistir de ter o próximo, ou próximos, talvez (para mostrar que a pesquisa falha). Quando dizem que dor de cálculo renal é pior do que dor de parto, o equivalente poderia ser: a decepção de caráter é pior do que a decepção de amor. Assim como entrou de pontapé na história, o homem do cachecol sai. Escorregando. A competição recebe outro atleta, o homem dos braços cor-de-café. Para esse, não se tem o que dizer. Bartleby (não) responde.

Dos 19 aos 24 anos ela se mudou de uma casa de estudantes para a casa aos pés do morro, a do início desta história. Foi nessa casa que ela se encontrou com a primeira amiga em solo porto-alegrense, a chilena mais brasileira da América do Sul. O ano em que as duas moraram no Beco do Carvalho. Depois, o endereço para correspondência (contas) foi em uma das avenidas mais barulhentas da cidade, a Protásio Alves. Mas, dessa vez, o apartamento era só dela. A independência e a liberdade. Aos 20 anos. Ou quase. Na primeira noite em que o homem do cachecol foi jantar com a terceira mulher, nesse apartamento, ele levou sua escova de dentes. Tudo bem, ele poderia estar preocupado com a higiene e a aparência. Quando o homem tirou de seus bolsos uma máscara noturna para os olhos, aquelas que evitam a luminosidade do ambiente, e, pior ainda, protetores auriculares contra barulho, aí, então, pode-se dizer: o indício de que a primeira noite mostraria como seriam as demais. E como seria essa relação. Foi quando essa terceira mulher, a protagonista da crônica, deixou de ver os amigos do jornalismo, foi quando deixou de fazer os programas habituais, foi quando a única companhia passou a ser a do homem do cachecol. Ela não precisava usar máscara noturna para dormir. A paixão tinha cerrado seus olhos por significativo tempo. E espaço. Foi a primeira vez. A vez do encantamento. A vez da ignorância.

O homem do cachecol não estava apaixonado por ela. Ele preferiu usar sua máscara noturna e seus protetores auriculares em outra cama. Assim como deixou sua escova de dentes no armário do banheiro de outra mulher. No mês de setembro, o mês em que ele beijou as duas mulheres. Em outubro, ele deixou a cama e o apartamento da terceira mulher. Além do cachecol. Mas o cachecol, esquecido de propósito ("Fica de

lembrança”) foi devidamente devolvido. Junto com a escova de dentes. Esse foi o seu primeiro amor. Aos 24 anos. Esse foi o primeiro gosto de vômito que permaneceu na boca depois do conteúdo ser despejado no vaso sanitário. Mas não a primeira rejeição. Rejeição e luto ela sente desde a ausência do pai. O advogado. Rejeição ela vai continuar sentindo. Com o homem dos braços-cor-de-café. E quem mais possa tentar surgir na frente dos seus olhos azuis. O azul: a cor da tristeza.

O homem dos braços-cor-de-café também não se apaixonou por ela. Assim como todos ou nenhum outro. A relação com o homem dos braços-cor-de-café existe apenas para ela. A voz de telemarketing só fala para ela. A pergunta é a mesma aos 19 anos, aos 24 e aos 27, essa coisa de amor é boa e vai acontecer à terceira mulher? Os fatos desmentem os romances românticos e os filmes *happy end*, o amor não é bom. O amor dói. Somente. O amor que não é sentido desde o abandono, desde a rejeição, desde o luto por quem não morreu. O amor não é possível de ser vivido. Experimentado. Porque a ausência do amor paterno impede até mesmo uma pequena dose de amor romântico.

Ao olhar a relação entre essas três mulheres, é inevitável não olhar para os homens. Essa é uma narrativa de homens, sobretudo.

Com a mudança de CEP da terceira mulher, a primeira e a segunda se aproximaram ao ponto de uma se tornar a extensão da outra. O que já acontecia antes, com a segunda e a terceira. Para quem assiste de longe, não é difícil perceber, o erro grave dessa mulher foi ter imposto o regime de compensação, uma forma de burlar a ausência, sobrepondo-se, superprotegendo. Na falta do pai, multiplicam-se as atenções, o excesso de tudo, e a mãe encerra sua filha numa caixa de música que repete a melodia com a bailarina rodopiando até os 19 anos. Não deve ser ato consciente, ou planejado, é ato consequente. Mas irreversível. A dependência entre mãe e filha se transfere para mãe e mãe. E a segunda mulher se isola outra vez.

A terceira mulher jogou a caixa de música na lixeira. Aos 19 anos. A bailarina, com o imã na ponta da sapatilha, ela guardou.

Porto Alegre se transformou em descoberta. No início. Com os meses, a tendência foi a de reverberar os passos fundos. Não dá para disfarçar, as olheiras denunciam. O toque não se esconde. De toque ao TOC. Antes desse texto foram quatro dedos. Mentira.

Dois dedos do pé direito, o polegar e seu vizinho. Um dedo do esquerdo, o anelar. Sobrou um da mão direita. Repare nos seus dedos. Ela não usa esmalte. Ela não consegue fazer as unhas. Ainda restam os hematomas da pele arrancada, o sangue não escorre até o fim. Foi-se o tempo em que a mãe proibia o alicate de unhas, todo de metal. Remédio? Sim, ela tomou muitos, vários, de todas as cores de tarjas das caixas, de todas as contraindicações nas bulas. Bartleby responde de novo.

O exercício do autocontrole, talvez, possa ter se aperfeiçoado com a escrita. Ao menos, desvia a atenção das pelezinhas ao redor das unhas e da tentação de arrancá-las com os dentes. Chupar o sangue é sempre bom. Deve-se evitar, todavia. Dizem que é hereditário. O avô, é verdade, sempre com alguma ferida no couro cabeludo. O tio, verdade, jamais usou a tesoura ou o cortador, puxava as unhas, quando suas pontas apareciam, até saírem por completo. A tia, verdade, tinha como passatempo preferido ariar as panelas até os calos nas mãos explodissem. E sangrassem. É verdade que a terceira mulher não tem uma cárie nos dentes. De tanto escová-los, a retenção de gengiva se agravou, e o dentista, como jamais na história da odontologia, aconselhou-a em diminuir a escovação. Ou poderia ter uma espécie de osteoporose no osso do maxilar, o termo correto da explicação não vem ao caso. Os exemplos são variados, estão todos listados no seu prontuário médico.

Como se faz impossível pensar essa crônica sem pensar, ida e volta, volta e dia, nesse homem, o advogado. Uma lembrança faz bem. Talvez, a única. Mentira. Aconteceram outras. Assim como esse foi o único presente que o homem trouxe, de espontânea e surpresa vontade. O Baby Sauro. O Baby, personagem da Família Dinossauros. O boneco, de braços e pernas abertas, com o rabão cheio de pintas rochas, falava. Puxava-se uma cordinha que ficava em sua cabeça e ele gritava: “Não é mamãe, não é mamãe, não é mamãe”! O brinquedo do Paraguai era o seu brinquedo favorito, andava para cima e para baixo com o Baby. No colégio, a sensação, o bicho falava. E só ela tinha. Porque seu pai trouxe. Nessa vez, ela não era mais de proveta. O pai e suas viagens nos ônibus Hélios. A Hélios que foi vendida para a Real-Reunidas. O que isso importa? Foi num banco do ônibus que ele encontrou uma tiara rosa, com detalhes dourados. A tiara fora esquecida, talvez, na viagem anterior. Ele podia ter inventado uma história que tivesse comprado a tiara só para a filha, mas, não, ele preferiu contar a verdade, e dizer que, simplesmente, encontrou-a. “Você a achou bonita? Toma, é sua”.

O Baby Sauro parou de falar. Culpa de seu primo. Homem. Ele puxou com tanta força que arrebentou a corda. Ela chorou por tantos dias.

O boneco chegou por ônibus, do Paraguai ao Paraná, do Paraná até Passo Fundo. E de Passo Fundo até Porto Alegre. Esta última viagem, ele fez na mala da segunda mulher. Sua mãe carregou o Baby, embalado em plástico e tecido para não machucá-lo, quando veio visitá-la. A presença do Baby era como a chupeta, paravam-se os choros, cessavam-se as manhas, curavam-se, inclusive, as febres e as dores. Ela traz o Baby para ficar junto de sua dona. Ele está ali, em cima do guarda-roupa, ao lado da mala vermelha.

As fotos transformam as lembranças. Para descrevê-las, é necessário esforço. Esforço, ela faz para se recordar do rosto daquele homem. Talvez, os cabelos estejam em sua totalidade grisalhos. Talvez, as bochechas (ralas) tenham desaparecido de vez. Talvez, o azul de seus olhos (o mesmo dos dela) tenha desbotado. O certo é que suas mãos devem estar bastante enrugadas, e sua pele ainda mais branca. Se era baixo, ficou menor ainda. Será que ela passou sua altura? Queria tanto ser mais alta do que o pai. Da última vez em que a memória registrou a imagem e o toque das suas mãos apreenderam a textura do rosto do advogado até a escrita dessa crônica o calendário mudou 14 páginas. Cada página com seus 365 dias.

Ela não chora mais.

Engole a saliva.

Seca.

O coração acelera.

Não chora mais.

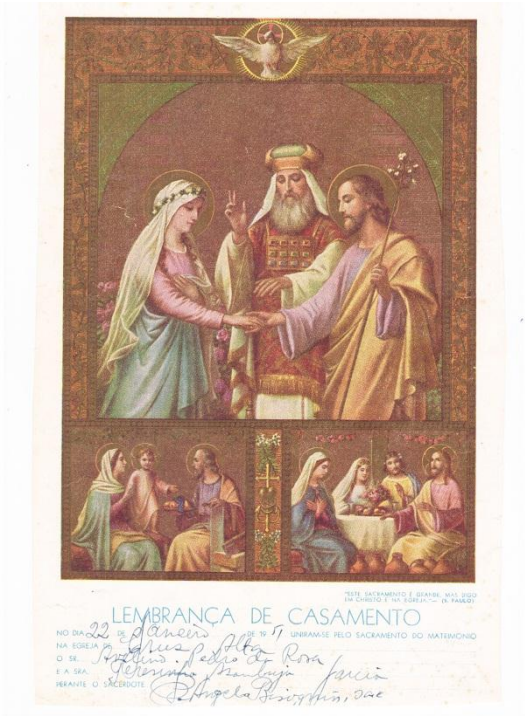
Se você encontrá-la, ela vai te responder que está tudo bem. E vai te convidar para o seu aniversário, em algum domingo desses.

Está tudo bem.

De verdade.

De verdade.

Setembro de 2013



Desejo, falta e representação da paternidade

Doutoranda em Teoria da Literatura trata do paterno nos dias de hoje à luz de alguns teóricos

NATASHA CENTENARO*

Querido pai, é a minha vez de contar uma história para você.

Era uma vez uma criança. Essa criança pode ser uma menina ou um menino ou como ela pretende se identificar. A criança teria uma mãe e teria um pai. Porque toda a criança tem sua mãe e seu pai. Assim ela foi ensinada na escola (phallogocentricamente – Jacques Derrida). A criança cresce. A criança se torna adolescente. E o pai da criança não é o pai da criança. Não é exatamente um pai. Porque o pai sumiu da história dessa criança. Um dia o pai existiu na história dessa criança? Quem é o pai dessa criança? Ou a pergunta seria quem é o pai? Então, a criança cresce mais um pouco. E mais. Torna-se adulta. Onde está o seu pai? (Où est ton papa? / Dis-moi où est ton papa? / Où t'es, papa, où t'es? – Onde está o teu pai? / Diga-me onde está o teu pai? / Onde está você, papai?) – letra da música "Papaoutai", do cantor belga Stromae

A criança-adulta começa a buscar o pai. E ela percebe que para essa busca não existe apenas um caminho, existem perguntas. E ela vai fazer da escrita o meio para transformar essa busca em expressão do seu desejo de filha ou filho. Quem busca o pai é o filho. Sibile Lacan foi uma filha em busca de pai. Franz Kafka foi um filho em busca de pai. Sibile, a filha do psicanalista francês Jacques Lacan, expõe em seu puzzle de memórias (Um pai: puzzle) uma busca cujo objeto de partida não é definível.

O objetivo de Sibile é esmiuçar, pelo viés da memória, a sua relação com o pai e a perspectiva da leitura que propõe em seus textos-fragmentos: não é sua intenção debater ou fazer críticas à psicanálise de Lacan, seu método, seu trabalho: a voz é, portanto, a da autora e também filha. Lugar esse conquistado com sofrimento, dor, dificuldade e muito silenciamento por atitudes de negligência, abandono, ausência e esquecimento do "um pai" – aquele artigo indefinido que questiona e incomoda pela imprecisão e impessoalidade – qualquer – quem – de que pai se fala?



Vídeo-clipe do cantor belga Stromae, da música "Papaoutai" trata do tema da busca pelo paterno

Qual?

Se a relação de Sibile e seu pai, Jacques Lacan, foi pautada pelo silenciamento, segundo a filha, a relação de Franz Kafka e seu pai, Hermann Kafka, pode ter acontecido pelo excesso, pela imposição de uma figura centralizadora e ameaçadora, pela recusa. Franz escreveu "Carta ao Pai" em 1919, texto paradigmático para tentar esboçar o filho e o pai, para desvelar a sua face na face do pai, essa tarefa inapreensível de encontrar o eu no outro, esse outro tão-perto-eu e, ao mesmo tempo, tão-longo-outro-eu, senão (ou permanentemente) inacessível. Kafka se tornou Kafka (e sua literatura) porque Hermann foi Hermann. Para Franz, tirano, autoritário, cruel. Pai. O seu pai. Ambos utilizaram-se da escrita como caminho para expressar essa busca. E na busca pelo pai, a busca por si mesmo (Eu?). Como ferramenta desse desejo: a linguagem. Uma linguagem metamorfoseada (a propósito) em matéria de ficção, em produto literário.

Ao compreendermos a ideia da paternidade como uma descoberta, segundo Jacques Dupuis ("Em nome do pai: Uma história da paternidade") é possível inseri-la numa cronologia e num quadro histórico, tendo surgido a partir do Neolítico: "Foi no quinto milênio, segundo minha própria datação, que os egípcios e os indo-europeus tomaram consciência do papel do pai na procriação". A paternidade, como descoberta histórico-científica, indica que o pai começou (data) a existir (existe?). E sua ausência é a prova da sua existência na instituição "família" (a triangulação ideal do núcleo

burguês: pai- mãe-filho(a)). O que não está ali e, portanto, sente-se a sua falta é porque ali sempre esteve e continua a estar – faltando (desejado). A história, a antropologia, a psicanálise e a literatura podem explicar, mimetizar, simbolizar essa descoberta, mas a busca pelo pai é uma busca atemporal e sem resposta ou nomeação ou encontro. É a busca pelo inominável da paternidade (transcedente?).

Se a maternidade é posta, imanente, empírica, "certíssima", Freud ("Romance Familiar do Neurótico"), ao referir-se à atividade imaginativa, aos "devaneios" fantasiados pelos filhos, nos jogos infantis e na pré-adolescência, sobre o desejo de livrar-se dos pais e substituí-los por outros pares (de melhor status), evoca a seguinte frase "pater semper incertus est": pois as crianças já estão cientes das funções sexuais dos seus genitores e assim não é possível duvidar da sua origem materna (a ser insubstituível). Ao pensarmos nas questões de origem e busca é impossível não retornar à tragédia de Édipo (a tragédia escrita por Sófocles, como apontou Antonio Quinet, e não o mito em si, como motivo de Freud) e como a psicanálise a transformou em uma das suas bases teórico-conceitual e de aplicabilidade clínica (a organização das estruturas psíquicas do sujeito, o complexo de castração, etc.).

Desde "A Interpretação dos Sonhos", de 1900, Freud trata acerca dessa universalidade edípica, considerando o pai o responsável (elemento simbolizante) pela instauração da ordem (civilizatória) e da lei

(normativa) a partir da proibição do incesto – o complexo de Édipo como a expressão (desejo natural da infância no inconsciente) dos dois desejos originariamente recalçados, ou seja, os dois principais interditos: o desejo pelo incesto e o desejo em matar o pai (parricídio). Conforme Freud, determinadas sociedades primitivas, que manifestavam o desejo pelo incesto (poder paterno sobre as mulheres do clã), transformaram-no em repulsa e horror diante da representação totemica (o pai da horda assassinado por seus filhos): lei da exogamia ("Totem e tabu").

Lacan, a partir do estruturalismo cultural de (Claude) Lévi-Strauss e da teoria da linguística de (Ferdinand) Saussure, estabelece, desde a teoria do estádio do espelho, outra forma de se compreender o complexo de Édipo. Baseado no conceito de "matema" (em alusão ao "mitema" de Lévi-Strauss) explicita-se o funcionamento da metáfora paterna (Nomes do pai): na primeira fase acontece a relação incestuosa, o narcisismo e o estádio do espelho (imaginário) e é justamente nessa fase a percepção do eu consciente, expresso no desejo da mãe (ser o Falo). Em etapa posterior (simbólico), acontece a castração (simbólica), e surge o sujeito do inconsciente, assim, o desejo da mãe vai ser substituído e impedido pelo Nome-do-pai (significante: o Pai simbólico). Para Lacan, o Édipo está relacionado com o declínio social da imagem paterna, o que causaria a origem das neuroses, pois a função do pai precisa ser introduzida como essencial (instância mediadora)

na relação (pelo discurso da mãe), pois se não existisse o Édipo, não existiria o papel do pai.

É na literatura brasileira contemporânea (1975-2014) que encontro as ressonâncias dessa busca do desejo de filho pelo desejo de pai, como corpus de pesquisa de doutorado. Pelo olhar dessas personagens – narradores(as) auto e heterodiegéticos (Gérard Genette), filhos e filhas: André, de "Lavoura Arcaica" (Raduan Nassar); Alice, de "Reunião de Família" (Lya Luft); o narrador-autor de "Ribamar" (José Castello); a narradora não-nomeada de "Mar Azul" (Paloma Vidal); Vanja, de "Azul-corvo" (Adriana Lisboa); Erica, de "Enquanto Deus não Está Olhando" (Débora Ferraz), aliando suas vozes-perspectivas com as vozes de filhos da realidade (mais de 5 milhões de registros de nascimento sem paternidade no Brasil). De que ausências falam?

Em "Reunião de Família", de Lya Luft, o pai é nomeado como "Professor", assim é possível perceber a presença desse pai na vida das filhas e do filho: pelo afastamento afetivo e emocional, pela rigidez, pela disciplina, pela imposição de medo e terror, pela violência, pela noção de obrigatoriedade e dever de obediência. O Professor não mantém convivência com os próprios parentes ou com os da falecida esposa, com isso, o sentimento que a protagonista revela é o de abandono, de solidão. Sentimentos semelhantes perpassam às narrações de André, de "Lavoura Arcaica" (Raduan Nassar), um pai "ensina-dor", e de "Ribamar" (José Castello), "cala a boca, José".

Qual é o lugar do filho no desejo do pai? O pai (sujeito) deseja ser pai (objeto)? Há reconhecimento e identificação do desejo do outro-pai no desejo do outro-filho? Pois na fantasia desse outro-filho esse outro-pai só pode se efetivar enquanto imaginário, enquanto imagem – projeção – representação do seu desejo de filho, já que o pai (real) não existe. A paternidade como uma descoberta percepção do eu consciente, expresso no desejo da mãe (ser o Falo). Em etapa posterior (simbólico), acontece a castração (simbólica), e surge o sujeito do inconsciente, assim, o desejo da mãe vai ser substituído e impedido pelo Nome-do-pai (significante: o Pai simbólico). Para Lacan, o Édipo está relacionado com o declínio social da imagem paterna, o que causaria a origem das neuroses, pois a função do pai precisa ser introduzida como essencial (instância mediadora)

*Doutoranda em Teoria da Literatura (PUCRS / CNPq), jornalista e escritora. Sua tese de doutorado está intitulada *Por uma carta ao (meu) pai: a representação paterna na literatura brasileira contemporânea*.

Caderno de Sábado – Jornal Correio do Povo

Data 25 de agosto de 2018

Caderno de sonhos

Sonhei com o começo de tese. Usaria a primeira frase e ideia num caderno. Estava para marcar a data de qualificação e falar com a MT por WhatsApp. Preocupado que não tinha escrito e faltava pouco tempo para marcar a data. Queria marcar para a primeira semana de julho. Nos mensagens de WhatsApp, MT perguntou se eu ia querer uma banca mista → MT: Banca mista com orientadora ou desembragada?
E eu misto com uso de retyping ou parcialmente. E eu dissei com os dois.
O começo de tese - escreve:

Re-volto. Volto ao espermatozóide.
Revolto.

Pensar na ideia de que era Revolto como "começo e reconeço" de Gaudete de Campos em "Galéries". E a ideia era voltar de novo - o eterno retorno - ao espermatozóide paterno como voltar ao útero materno. E revolto como voltar e revolto (Revolto de mar também). ↳ De ficar revoltoada.

De reconeço a volta.
Sonhei - Ficava animada com esse ideia e associações feitas no

Ponto Fundo, 27 de dezembro de 2026.

revo.

Sonhei com o meu pai. Ele estava bem debilitado fisicamente, quase desfigurado no corpo, embora o rosto parecesse o mesmo. Mas os feios, uma diferente de outra, uma mais curta do que a outra, e igéllas em alturas diferentes também, uma feia mais curvada do que a outra. Mas estava bem vestido. O não aparecia com a coluna encurvada, as costas estavam mais alinhadas. Ele segurava na mão um objeto de ferro, que parecia um espelho com uma espécie de armadura - uma armadura de ferro tipo os blaines com vários braços e hostes. O objeto não era grande. De tamanho

de um espelho de mão, porém de ferro e com esos "braços" que se estendiam em volta da parte oval - parte em que era pra estar o espelho. Só que não tinha o espelho - não tinha a parte espelhada - não tinha como se enxerga, como ver o reflexo - era vazio - vazio - só uma armadura de ferro.

Pareciam os braços como os cabelos de Medusa - enroscados.

Mas o espelho em si não existia. Mas tinha o cabo pra pegar - exatamente como um espelho de mão antigo.

Meu pai me entregava esse objeto como presente. Mas nós não conversávamos. Não lembro de diálogo.

- Sonhei de manhã - Como sempre.

04 de janeiro de 2017
Um pouco fundo

Sabei que estava com meu pai e minha mãe. Primeiro estava com minha mãe e íamos buscar meu pai, depois estávamos no carro eu, minha mãe e meu pai. Chegávamos em algum lugar. A estrada era bonita, uma reta e uma subida e descida, com muito verde em volta, mas parece um pouco a paisagem de desenho animado - o tipo de verde que não parece real. Depois a gente tinha que buscar meu irmão. Meu pai falava isso: "Vamos buscar o teu irmão e tinhamos que fazer a mes-

ma viagem que recém tinhamos feito. Só que agora estavam a Amélia, meu primo Pedro e uma criança pequena que não sei quem é - não identifico - deveria ter uns três anos. Ele segurava a mão de Amélie. Meu pai dizia à criança que nós íamos buscar o pai dele: "Vamos buscar o teu pai". Em alguns momentos não sei se era a Amélie ou minha mãe que estava. Também não sei a qual dos meus irmãos seria. Sei que

eu não queria fazer de novo a mesma viagem e sugeri que fosse com meu pai e minha mãe. Tu ficava. Depois já estamos em algum lugar e tem males vermelhos no chão. Parece uma loja, e as males estão deitadas no chão. Só vejo os males. O meu pai diz que parecem ser boas males e queria comprá-las. É uma mala maior, com vários bolsos e divisões e outra menor. Tu disse que não achas elas boas. É que tem que obter a parte

de três para salvar se é du-
ra e resistente. Só na parte
de três que vê o material de
madeira.

Depois já tem um caso de
novo e aquela paisagem verde
e a mesma estrada laranja.
Mas não sei quem está dentro
deste caso.

Acabei.

- Senho de manhã -

21 de janeiro 2017

Porto Alegre

Muitos sonhos. Dos que me lem-
bro desse medrugado - manhã -
Ainda de medrugado, sonhei outra
vez com meu pai. No sonho
eu sabia que era um sonho e
estava dormindo. Me via dormin-
do, me minha cama, e tinha
ciência de que era um sonho.

A imagem que aparece ~~para~~ pro
mim, enquanto dormia, era a
de algo - com altura e jeito
de pessoa, mas não dava pra
distinguir, parecia um fantasma -
uma imagem fantasmagórica, dem

de imaginário de filme - mistu-
re de ET - estatereste, de
fantasme, de monstro - tinha
uma caça, escamas, um capuz
cobrindo a cabeça, era tudo
cinza, parecia segurar um
cabo, e o rosto parecia o
do meu pai, mas não era
tão risível. O que mais eu
sabia é que sonhava e a
imagem era a do meu pai.
Eu dizia no sonho que era
ele. E sabia que ele sonha
e estava dormindo. O que mais
me lembro - de imagem -

é que, de costas, essa figura
tinha um rabo enorme igual
ao dos dinossauros - e eu
me lembrava, no sonho, que
parecia o rabo do Baby Sans
- o "urso de ~~1974~~ brinquedo" que
meu pai me deu de presente.
Tinha o rabo do Baby.
Não tinha medo da figura pois
sabia que estava sonhando,
embora a imagem que lembro
me pareceu bem estranha e
assustadora. A sensação era
de estranhamento, mas não
de medo.

27 de janeiro de 2017
Porto Alegre

Sonhei com meu avô. Com minha
mãe e minha avó. Mas, antes,
estava num evento em que todas
as atividades e atrações eram varia-
ções de FORA TEMER. Tinha pro-
jeções, muitas bandas e tudo se-
guia o grito de FORA TEMER. E
só acontecia isso. Tinha um mi-
nuto de cabelo comprido e barba
com colete de couro, bem rockeiro,
e ele pedia desculpas por não estar
tão bom e todo mundo respondia
gitando FORA TEMER.
Depois eu já estava num lugar
que parecia uma reunião de igreja
evangelica e eu estava com medo,
mas queria gritar FORA TEMER, mesmo
sabendo que as pessoas dali iam
apertar.

Ali, quando estava saindo do local
gritei, tentei com toda a força
mas parecia fraco. Várias vezes
de longe dizendo que quem grita
não tinha coragem de fazer na
frente do palco, só atrás, nos
fundos: "Quero ver gritar ali
no palco. Medrosos". Depois me
rejei perseguido por essas pessoas
e sou e pulo uma grade de
ferro.

Depois estou já no carro com
minha mãe e avó. Estamos no
que parece ser a Brasília do meu
avô. Minha mãe dirige, minha avó no
passageiro e eu no banco de trás. Me
lembro de estar com um sinto de
segurança bem

maior do que eu. Parecia-me ~~em~~
envolver toda - aquela faixa
preta de tecido colando calças
e botaço e parte do meu corpo.
Me sentia bem pequena. Nós está-
vamos a sarnilho de praia..
Conversávamos no carro. A gente
chegou num lugar que tem muitas
pessoas e eu vejo meu avô. Pra
mim, ele parecia muito alto e
grande, aí parecia que ele está
com pernas-de-pau nos pés e aí
fica maior - penso nisso no sono.
Me lembro de perguntar, ainda no
carro, se a Brasília aguentaria a
viagem e se era forte, porque
estava com medo de acidente

Não me lembro de conversar com
meu avô, só olá-lo nos pernas-
de-pau.
04 de março de 2017, P. Alegre

Primeiro, sonhei com minha mãe. Ele
queria muito ver um concerto de Orphe
que teria minha terça às 21h30. Tinha
um cartaz que lembrava os nomes - uma
mulher solista e que tinha violão e outros
nomes - lembro que pensei em tocar um dos
músicos no cartaz. Ele disse que daria tem-
po, pois chegaríamos em Porto Alegre na
quele dia e queria muito assistir. Tive
estranhas muitas ideias, achei muito
foda, não era o padrão de Orphe e não
queria ver. Não queria fazer esforço
para levá-lo. Disse que não tinha como
comprar pelo internet e que eram cená-
tos muito cheros, lotavam, e a gente po-
dia apenas reservar os ingressos, mas sem
garantia que tuassem na hora. No final,
 fomos ao concerto e enquanto esperávamos
nao chegar, demorava muito, estava tudo a
fundo, a noite inteira de cartaz surgiu sem
fundo, um violão todo embatido com

violões e umas blues - parecendo con-
ter cartazes, e começava a animar a
plateia.

Acabei - já era de manhã e acalibris na
camante. Então, sonhei com meu pai.
Que atualmente, eu estava adulto -
mas eu me sinto como aquele e meu
pai estava bem fracionado - com a dis-
posição de quando eu era criança. Ele
estava lá em casa, em Porto Fudo,
embora não se parecesse com a casa,
pensava, no sonho, que era exatamente
como nos dias de infância de infância
em que ele estava presente. Lembro de
existir um filme - era uma que
mostrava com licho, minha florista e tinha
uma família - pai, um filho, tipo um
safari e muitos licho passando e o
pai protege o filho, logo aparecem
rinocerontes e é o parto de um filhote

que nasce e pula para cima e o pai
fica contente. Lembro de dizer ao
meu pai que não assiste TV, dificilmente
te, e ele comenta que quer ver a pará-
ula novela das 18h sobre violência e
abusos infantis. Depois já aparece a gente
nem jipe - como se fosse, mais ou menos,
o cenário da animação. Assisto a voz de
Rose, minha amiga de EC, ele diz algo
sobre o pucuro. Lembro de muito
aque em volta e comento que o caso
não é adequado, mas depois me deu com
tudo que estamos nem jipe, aparece na
estrada, do outro lado, outro jipe com
uma família dentro, e de longe vejo
a mulher passando a mão na barriga,
grávida, mas quando vejo mais próxima,
ela não está mais grávida. Depois já
vejo minha mãe comendo, de volta a
casa em Porto Fudo, que meu pai tinha
saído antes e feito tempo.

Também que ele tinha dado um bom dinheiro para ajudar no aluguel. Vejo ele arrumando o carro e fazendo muito barulho, penso que ele estava se preparando para viajar - voltar - e que sempre era assim - penso que era como sempre foi durante a infância, chegou 18h e ele se emboracou. Ele continuava arrumando o carro e minha mãe diz para fazer menos barulho porque o Neco - meu tio - estava dormindo.

Não me lembro muito mais. Ficou a sensação de eu, já adulta, revivendo como se fossem aqueles momentos antigos de infância. Embora não tenha assistido filme, desenho com meu pai.

15 de maio de 2017 - Porto Alegre

Esta carta deveria ter um começo nesta página, algo como o começo da carta de Franz Kafka para o seu pai, Hermann, algo como "Querido pai" ou "Prezado pai", ou uma data de abertura ou, ao menos, o destinatário – e o seu nome. Porém, este começo vai ser diferente. Vai ser através de um Prólogo, escrito em 2013. Da primeira tentativa de expressar uma lacuna de mais ou menos treze ou catorze anos, ou uma Crônica de autoficção como exercício literário, lá em 2013. Esse é definitivamente o começo, porque foi a primeira vez que escrevi sobre essa lacuna de modo reflexivo. Outras vezes, claro, muitas, aconteceram, de modo esparso, abstrato, instintivo, emocional, como a situação requeria. Como começo, no entanto, peço nas informações e não permite uma base sustentável para entendimento. Mas é sobre essa ausência de que falo. Um tanto mgoada, um tanto rançosa, um tanto decepcionada, um tanto e muito a partir desse signo da rejeição. Uma ausência entendida como rejeição. Esse é o começo necessário.

De 2013 para 2017 essa história de ausência se transformou num episódio de reencontro sutil e amenizado. Depois de um término de mestrado e de um 2014 confuso até para a Astrologia, foi no início de 2015 que viajei até Barracão, na fronteira oeste do estado do Paraná, divisa com Santa Catarina e a cidade de Bernardo de Irigoyen, na Argentina, para (re)encontrar meu pai. E tinham se passado, mais ou menos, treze ou catorze anos. Em setembro anterior (como em setembro de 2013 nessa Crônica da autoficção abaixo) aconteceu o meu encontro – o meu achamento –, o encontro do meu irmão para e por mim. E foi no dia do meu aniversário. Um irmão 13 anos mais novo e de quem eu nem imaginava a sua existência e corporeidade, junto a uma altura estranha e uns óculos de armação quadrada.

Todavia, não é para explicar, ainda, ou tentar mapear a cartografia sentimental da minha busca por meu pai. Esse mapa precisa de tempo para a delimitação. Como precisei de mais de vinte anos para essa primeira tentativa de expressão, escrever sobre esse reencontro demanda um tempo nada lógico, linear ou perceptível. Em 2016 eu voltei para Barracão (as fotografias). Na mesma época do ano de 2015, férias de fevereiro. Em 2017, não. Porque em 2017 não consegui fazer essa (re)volta ou esse retorno. Uma viagem de mais de seis horas, a contar a distância de Passo Fundo (RS). Uma viagem de modo mais tranquilo, embora esteja munida de melhor entendimento da situação, de alguns pormenores, da descrição da paisagem de um velho peste e do conhecimento dos personagens de carne, textura e pouco brilho, e, até mesmo, de sentimentos. Os meus e os desses outros e dessas outras (pessoas – todos e todas pessoas). Mas, o sentimento para comigo mesma ainda persiste como meu guia nessa jornada. E ele não me levou de volta ao encontro do que foi – ou quem foi – meu pai. Para mim. Apesar de conseguir compreendê-lo, meu pai (pessoas: sentimentos-corpos-devires-fluxos-attitudes-imparmanências-distâncias-despedidas), meu sentimento não me levou a Barracão de novo. Estes primeiros parágrafos são ilustrativos do que vai se tornar uma Carta ao meu pai. Para o meu pai, vou escrevê-la. Mas é bem provável que eu não comece com "Querido pai".

Bilhete de 2017

Natasha Centenaro
2 min · Público

Sonhei com elas.
Uma vida construída - e foi e segue - pela presença de mulheres. Dizer mulheres fortes é redundância. Dizer mulheres intensas é ainda figura de linguagem. E por isso mesmo há conflito. Há dúvida. E há dificuldade. Admiração, amor, afeto e gratidão não vêm isoladas e apartados dessas dúvidas e dos medos.
Não tem mais o que dizer a elas quando se precisa dizer tudo e se sabe que o tudo jamais pode - poderá vir a ser - dito, porque o tudo também não é suficiente. Digo pouco (mentira) para tentar entender. E mesmo buscando entender a presença dessas mulheres e tentando me entender como mulher (há - dentro da impossibilidade), percebo um tempo cronológico e tão físico e de tanta materialidade de carne-cor-texturas (o pensamento das roupas para lavar, do artigo para ler) de quase três décadas e quando me dou conta do tempo interno - esse parece a confusão do muito e do nada. Esse tempo interno me revela a gratidão e o medo, enquanto o cronológico (e as fotos e as homenagens no facebook) dão conta apenas da gratidão - e é bem legal Isso também.
Sigo minha busca por quem não está nas fotos. Ou pouco está (o pai de uma tese) E me deparo com o muito da presença delas. Mas, não tudo. E quando esse tempo interno me diz com doce riso acanhado: continue a buscar o que não está, porque o que não está te dá a certeza da ausência e é muito mais fácil viver com essa certeza do que conviver com o todo-dia da presença - aquela que te provoca.
Por isso, admiro elas - minha mãe e minha avó - muito mais do que o todo, presentes.

Grupos de compra e venda perto de você

- VENDE TUDO AQUI
9 amigos · 89.479 membros
- ALUGUEL Porto Alegre e região metropolitana.
1 amigo · 1.590 membros

Páginas sugeridas

- Gradiva Editorial
Editor de publicações · 307 curtidas
Patrícia e outros 29 amigos curtiram isso.
- Manoela Wolff

Facebook

Natasha Centenaro

15 de maio

Sonhei com elas.

Uma vida construída - e foi e segue - pela presença de mulheres. Dizer mulheres fortes é redundância. Dizer mulheres intensas é ainda figura de linguagem. E por isso mesmo há conflito. Há dúvida. E há dificuldade. Admiração, amor, afeto e gratidão não vêm isoladas e apartados dessas dúvidas e dos medos.

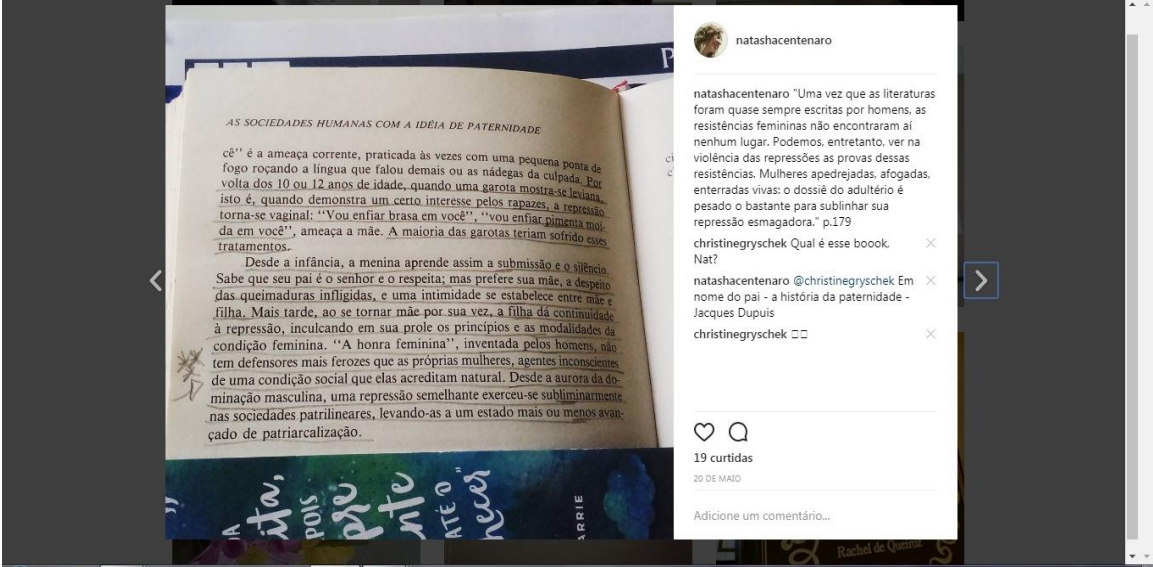
Não tem mais o que dizer a elas quando se precisa dizer tudo e se sabe que o tudo jamais pode - poderá ser - dito, porque o tudo também não é suficiente. Digo pouco (mentira) para tentar entender. E mesmo buscando entender a presença dessas mulheres e tentando me entender como mulher (há - dentro da impossibilidade), percebo um tempo cronológico e tão físico e de tanta materialidade de carne-cor-texturas (o pensamento das roupas para lavar, do artigo para ler) de quase três décadas é e quando me dou conta do tempo interno - esse parece a confusão do muito e do nada. Esse tempo interno me revela a gratidão e o medo, enquanto o cronológico (e as fotos e as homenagens no facebook) dão conta apenas da gratidão - e é bem legal isso também.

Sigo minha busca por quem não está nas fotos. Ou pouco está (o pai de uma tese) E me deparo com o muito da presença delas. Mas, não tudo. É quando esse tempo interno me diz com doce riso acanhado: continue a buscar o que não está, porque o que não está te dá a certeza da ausência e é mais fácil viver com essa certeza do que conviver com o todo-dia da presença - aquela que te provoca.

Por isso, admiro elas - minha mãe e minha avó - muito mais do que o tudo, presentes.

Seguro | https://www.instagram.com/p/BUU34jAhgRpQ_XBjXTJTfYfbM-fpbxtoWnWc7_00/?taken-by=natashacentenaro&hl=pt-br

Apps ★ Bookmarks ↻ Conversor do YouTube 📧 HotMail gratuito 🌐 Personalizar links 🖨 Windows Media 📄 Página inicial20+ 🖥 Windows 🔄 Ativar ou desativar co... 0 Mensagens 📁 Outros favoritos



natashacentenaro

natashacentenaro "Uma vez que as literaturas foram quase sempre escritas por homens, as resistências femininas não encontraram aí nenhum lugar. Podemos, entretanto, ver na violência das repressões as provas dessas resistências. Mulheres apedrejadas, afogadas, enterradas vivas; o dossiê do adultério é pesado o bastante para sublinhar sua repressão esmagadora." p.179

christinegryschek Qual é esse book. Nat?

natashacentenaro @christinegryschek Em nome do pai - a história da paternidade - Jacques Dupuis

christinegryschek 🗨


19 curtidas

20 DE MAIO

Adicione um comentário...

Seguro | https://www.instagram.com/p/BUc4uHEBet7N5uFW9RJUQHpbRGzJ5x_Gr80/?taken-by=natashacentenaro&hl=pt-br

Apps ★ Bookmarks ↻ Conversor do YouTube 📧 HotMail gratuito 🌐 Personalizar links 🖨 Windows Media 📄 Página inicial20+ 🖥 Windows 🔄 Ativar ou desativar co... 0 Mensagens 📁 Outros favoritos



natashacentenaro

natashacentenaro (Da vazão de um rio que se chama carta ao pai à vazão de outro rio transbordante que se chama mulher - contigo está a minha margem ou é nela que vou estar e me quedar)

Saber das dificuldades não implica em conviver com elas. Me debate página a página com essa tese. Da busca que me grita o outro lado da mesma pergunta. Sem resposta. Óbvio. Resposta não penso em querer. E as perguntas invadem o texto como esse sentimento que me deixa vulnerável. Estar vulnerável é estar aberta. Permitir que se chegue ainda que não se saiba o quê. Quer dizer, aos poucos se delinea. Quando questiono a paternidade me volto diretamente (d'umbigo-coração): mulher. Quem é mulher que me obriga a olhar pra ti - mulher? A mesma que requer uma atitude paterna e se

22 curtidas

23 DE MAIO

Adicione um comentário...

Instagram

natashacentenaro (Da vazão de um rio que se chama carta ao pai à vazão de outro rio transbordante que se chama mulher - contigo está a minha margem ou é nela que vou estar e me quedar)

Saber das dificuldades não implica em conviver com elas. Me debato página a página com essa tese. Da busca que me grita o outro lado da mesma pergunta. Sem resposta. Óbvio. Resposta não penso em querer. E as perguntas invadem o texto como esse sentimento que me deixa vulnerável. Estar vulnerável é estar aberta. Permitir que se chegue ainda que não se saiba o quê. Quer dizer, aos poucos se delinea. Quando questiono a paternidade me volto diretamente ao cerne (d'umbigo-coração): mulher. Quem é mulher que me obriga a olhar pra ti - mulher? A mesma que requer uma atitude paterna e se revolta ao abandono. Quem está ao lado, senão uma mulher? E o pai? O pai foge pelas páginas, porque dele não se pode cobrar o incobrável - afeto. O pai é o da lei. Mas quem eu busco?

Busco a ti, mulher. E só tu. A que é cobrada dia a dia.

Que que eu tô fazendo? Só sei que tenho...esse fazer-desfeito

priscilapaskoLindo, triste e verdadeiro. Pra mim, "pai", sempre foi substantivo feminino.

Seguro | <https://www.instagram.com/p/BVNix548-Vw-TVvbW0uEPj3AFwprU0TWEUQMjQ0/?taken-by=natashacentenaro&hl=pt-br>

Apps | Bookmarks | Conversor do YouTube | HotMail gratuito | Personalizar links | Windows Media | Página inicial20+ | Windows | Ativar ou desativar cc | 0 Mensagens | Outros favoritos

**Sim, é choro.
Sim, é
exposição. Sim,
é tese.
Sim, é
necessário. Se
escrevo para
tentar entender
a minha história
e a de tantas
filhas(os): pai?**

natashacentenaro

Sei que tá esquizofrênico e monotemático, e às vezes umas flores aparecem para me lembrar de manter a sanidade mental e tentar uma harmonia. Venho registrando aqui os caminhos muito curvos desse processo de tese que a cada dia se expande e me expande a esse mundinho virtual-público. Mas é isso que me fez pensar uma tese: de uma história, uma busca privada e individual tão tão universal e atemporal. A busca pelo pai. Tento sobreviver à busca escrevendo essa procura sem resposta solução ou presença. Porque é inominável. É inencontrável. Mas é sentida. Como a escrita. E se sente tudo tudo.

alexandradaacunha ♥
gustavo_czekster Vai dar certo. Estamos todos torcendo. ♥

50 curtidas
11 DE JUNHO

Adicione um comentário...

<https://www.instagram.com/p/BVNix548-Vw-TVvbW0uEPj3AFwprU0TWEUQMjQ0/?taken-by=natashacentenaro>

Instagram

natashacentenaro: Sei que tá esquizofrênico e monotemático, e às vezes umas flores aparecem para me lembrar de manter a sanidade mental e tentar uma harmonia. Venho registrando aqui os caminhos muito curvos desse processo de tese que a cada dia se expande e me expande a esse mundinho virtual-público. Mas é isso que me fez pensar uma tese: de uma história, uma busca privada e individual tão tão universal e atemporal. A busca pelo pai.

Tento sobreviver à busca escrevendo essa procura sem resposta solução ou presença. Porque é inominável. É inencontrável. Mas é sentida. Como a escrita. E se sente tudo tudo tudo.

alexandradacunha 

gustavo_czekster Vai dar certo. Estamos todos torcendo. 

josiane_de_moraes Mesmo longe, sigo torcendo por ti! Coragem 

andreiapiress Meu coração tá aí contigo. :*

mariarezende Que forte, querida! Mandando amor e axé.

mustajuli Oxe, queria poder te dar um abraço bem apertado

ecborba Força, Natasha! Grande abraço e ótimas vibrações!

yocarolsoares Força, guria! 

femorenno Força minha sorveta. Não derreta.

11 de junho



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria Acadêmica
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: proacad@pucrs.br
Site: www.pucrs.br/proacad